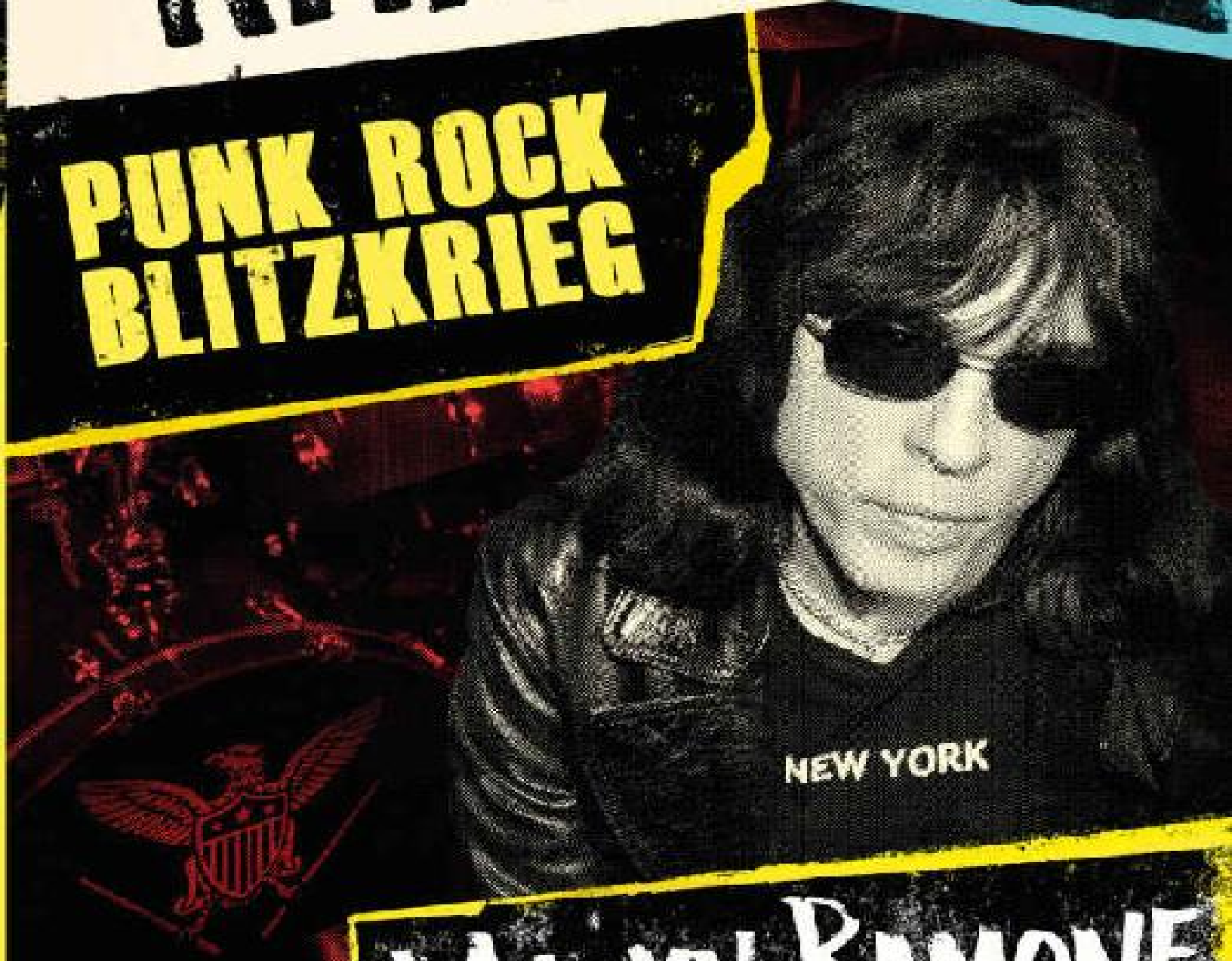
MINHA VIDA COMO UM RAMONE

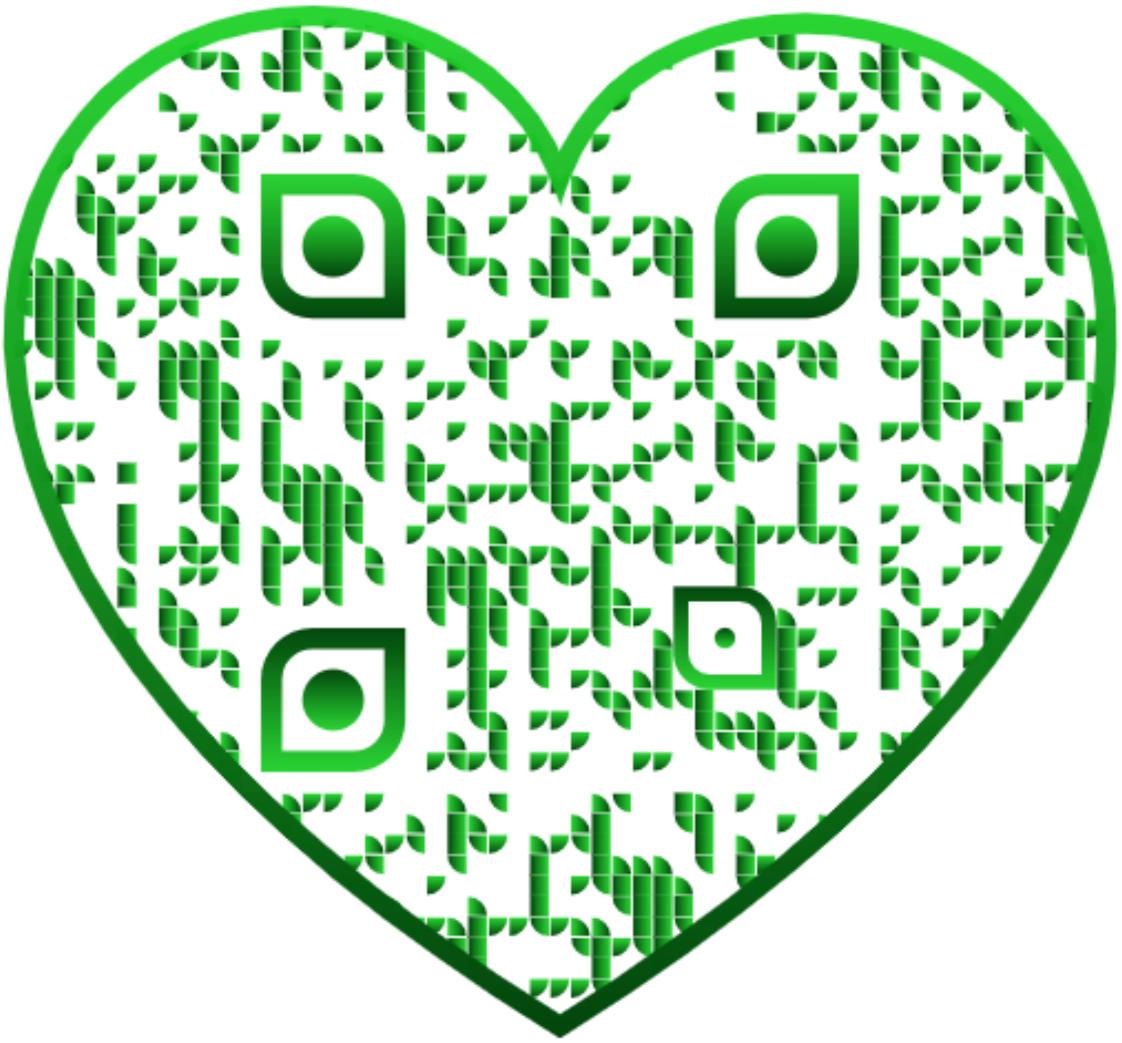
PUNK ROCK BLITZKRIEG



MARKY RAMONE

com RICH HERSCHLAG

Planeta



MINHA VIDA COMO UM RAMONE

PUNK ROCK BLITZKRIEG

MINHA VIDA COMO UM RAMONE

PUNK ROCK BLITZKRIEG

MARKY RAMONE

com RICH HERSCHLAG

Tradução
Alyne Azuma

Planeta

Copyright © Marc Steven Bell, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015
Publicado em acordo com a editora original, Touchstone, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados.

Título original: *Punk Rock Blitzkrieg: My Life as a Ramone*

Preparação de texto: Bete Abreu
Revisão: Ceci Meira e Fernanda Iema
Diagramação: 2 estúdio gráfico
Capa: Projeto original
Imagens de capa: Xurde Margaride e Alan Weinstock
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R14m

Ramone, Marky
Minha vida como um Ramone : punk rock blitzkrieg / Marky Ramone ; tradução Alyne Azuma. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2015.

Tradução de: Punk rock blitzkrieg: my life as a Ramone

ISBN 978-85-422-0530-5

1. Ramone, Marky, 1956-. 2. Músicos - Estados Unidos - Biografia. 3. Ramones (Conjunto musical). 4. Punk (Música) - História e crítica. 5. Punks. I. Título.

15-22042

CDD: 927.824166
CDU: 929:78.067.26

2015

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo - SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

para meu Dipplo

PRÓLOGO

UMA OUTRA BATIDA

DO PÓ...

...AO PÓ

A POEIRA ASSENTA

PUNK, DOR E WAYNE

HELL'S KITCHEN

LONDON CALLING

HEY HO, LET'S GO!

UM LONGO CAMINHO DE VOLTA PARA A ALEMANHA

NÃO SOMOS ESTUDANTES – SOMOS OS RAMONES

PAREDE DE SOM

TRICKLE-DOWN ECONOMICS

ME COLOQUE EM UMA CADEIRA DE RODAS, ME COLOQUE EM UM AVIÃO

OS GAROTOS M&M

EM CHAMAS

DIAS DE CÃO

A ESTRADA DE VOLTA DA RUÍNA

REI POR UM DIA

O PUNK SE TORNA POP

OLÁ, PRECISAMOS IR

UM MUNDO MARAVILHOSO

AGRADECIMENTOS

ÍNDICE

Havia muitas razões para vir para a Flórida. O clima, a aposentadoria, ou apenas as férias. Meu amigo Mike veio em busca de um rim. Como eu, ele é do Brooklyn, mas tem um problema genético raro e precisou de um transplante. O médico especialista disse que todos os acidentes de automóvel que aconteciam no "Sunshine State" o tornavam a capital de doação de órgãos dos Estados Unidos.

Dee Dee e eu não estávamos na Flórida por nenhuma dessas razões, ainda que um fígado, pâncreas ou baço novos provavelmente teriam feito bem a ele. Os Ramones tinham acabado de fazer um show para milhares de garotos gritando e fazendo *mosh* em St. Pete e estavam prestes a seguir viagem pelo estado para tocar em Miami Beach no dia seguinte. Mas Mike, Dee Dee e eu decidimos ficar na área de Tampa – St. Pete por mais um dia e encontrar o resto da banda no dia do show.

Monte disse que tudo bem. Ele confiava que Mike me faria não perder o show, e confiava que eu faria Dee Dee não perder o show. Isso significava muito vindo de Monte. Dizer que ele era apenas nosso empresário de turnê seria dizer que Da Vinci era apenas um pintor. Monte resolvia tudo, de A a Z. Da última vez que pedi para ficar em algum lugar, anos antes, as coisas não deram muito certo. Não cheguei de Columbus, Ohio, a Virginia Beach, Virginia, e os Ramones tiveram que cancelar um show.

Mas aquela vez ficou no passado, e isso era agora. Fazia quatro anos que eu estava sóbrio, e me dedicando ao trabalho: baterista profissional

da primeira e principal banda de punk rock do mundo, em que, se havia algum momento de tédio, era porque você estava dormindo. Já Dee Dee era uma obra em andamento. Maconha, cocaína, PCP e anfetamina tinham sido substituídas em grande parte por lítio, Clorpromazina, Stelazine e Buspar.

Ele ainda não tinha encontrado a combinação exata, mas ainda era o lendário baixista e gênio das letras dessa mesma banda de punk rock. Então, quando Monte confiou a mim a tarefa de fazer Dee Dee chegar ao show, foi como seus pais deixarem você responsável pela casa *e* pelo seu irmão mais novo. Prometemos nos comportar. Talvez fôssemos visitar o Busch Gardens ou o zoológico de Tampa.

Na manhã seguinte, pegamos o Chevy Impala de Mike e seguimos rumo ao sul na Interstate 75. Era uma viagem de uns 420 quilômetros para o sul, que dava a volta em Naples e desviava para o leste pelos Everglades. Tínhamos o rádio para matar o tempo, e havia sempre muita coisa para conversar – carros, garotas, música. Tínhamos elegido um novo presidente fazia umas duas semanas, George H. W. Bush, e estávamos entrando em 1989 com um novo álbum: *Brain Drain*. Dee Dee tinha composto uma música para ele, "Pet Sematary", em menos de uma hora no porão do escritor Stephen King, que também era a faixa-título do filme que estava para ser lançado.

E com todos esses assuntos para jogar conversa fora, Dee Dee decidiu cantar rap durante o caminho todo enquanto atravessávamos o estado. Com o cabelo espetado bem duro, ele gritou para a região central da Flórida que era o novo James Brown e o rapper mais barra-pesada de Whitestone, Queens.

E o mais barra-pesada dos Everglades também. Dee Dee tinha praticamente inventado o punk rock. Eu não estava muito certo de que o mundo precisava de outro rapper. Mas do que tinha bastante certeza era que precisávamos de um mecânico. Eu já tinha tido mais do que minha cota de carros superaquecidos por uma vida e sabia que aquele cheiro não era bom.

Pedi para Mike parar no acostamento coberto de grama. Não havia nada nessa viagem além de grama, com exceção de talvez um pântano mais adiante. Além de um ou outro viaduto, não havia muito para distinguir um quilômetro da estrada do outro. Não dava para dizer que eu fazia alguma ideia de qual cidade estávamos atravessando. Não havia

cidades. Apenas os pântanos ligando um lado da Flórida ao outro, além da grama que estava seca. Mike me disse que não chovia fazia semanas.

Mike e eu saímos do carro, enquanto Dee Dee, que tinha parado com o rap, estava sentado no banco de trás. Quando deitei no chão e olhei embaixo do Impala, vi que o catalisador estava muito quente por causa da fumaça que saía dele.

– Dee Dee – eu chamei. – Você precisa sair do carro.

– Não vou sair – ele respondeu. – Acabei de ver um jacaré.

Eu sabia do que ele estava falando. O apelido daquela parte da estrada era "Alligator Alley". Havia um monte de pernilongos, mas nenhum jacaré. Era a Clorpromazina falando. Ou a Stelazine. Ou simplesmente o Dee Dee. Senti o cheiro de outra coisa queimando. Era a grama embaixo do carro. Comecei a gritar:

– Dee Dee, saia do carro! A grama está pegando fogo!

Dee Dee saltou do carro como um paraquedista, os jacarés que se danassem. Coloquei o câmbio no ponto morto, e Mike e eu começamos a empurrar o Impala enquanto Dee Dee se juntava a nós. Tínhamos uma chance. Ouvimos um estrondo. O vento estava vindo de frente para trás, então, se fôssemos rápidos o bastante, podíamos impedir que o carro fosse tomado. Avançamos uns seis metros e sentimos as chamas tocando nossa calça jeans por trás.

– Esqueçam o carro! – Mike gritou.

Ele estava certo. Era uma causa perdida. Mike não queria nos ver machucados por sua causa, e nós não queríamos que ele virasse um doador de órgãos. Deixamos o carro e saímos correndo pela estrada para fugir das chamas. O anel de fogo se estendeu por cerca de 20 metros e escureceu as duas pontas do carro. Adeus, Impala.

Eu já tinha passado por isso quando meu Cadillac Coupe de Ville 1960 pegou fogo na Ocean Avenue, no Brooklyn. Também não tinha sido minha culpa, mas me fez perder um ensaio, foi o começo da derrocada e, pouco depois, foi adeus Ramones. Na minha cabeça, eu já podia ver a decepção de Monte. Pior, eu podia ver a raiva de John.

Corremos pela rodovia para manter uma distância segura. O incêndio estava cobrindo uma área equivalente a dois quarteirões. Mike entendeu a situação. E concordou em ficar para trás enquanto Dee Dee e eu pedíamos carona. Íamos resolver o resto depois do show, com sorte.

Não importava onde estivéssemos, parecíamos os Ramones. Tínhamos as camisetas, os tênis, as jaquetas de couro e os cabelos. E tínhamos o comportamento. Levantar o polegar na Bowery teria feito tantos carros parar que complicaria o trânsito do centro. Mas ali nos Everglades, Charles Manson tinha mais chance. E o inferno atrás de nós não estava ajudando.

Pelo menos doze carros, caminhões e minivans passaram por nós. Eu não tinha as pernas de Claudette Colbert, e aquele não era o filme *Aconteceu Naquela Noite*. Mas eu conhecia a linguagem universal, que era mais verde que a grama pegando fogo. Peguei um pequeno bolo de dinheiro e comecei a balançá-lo. Em menos de um minuto, uma picape Ford F-150 parou. O motorista saiu e deu a volta pela frente do veículo.

– Aonde vocês estão indo, meninos?

Parecia um sujeito simpático, trabalhador e empreendedor de uns cinquenta anos. Ele usava um boné John Deere e tinha uns dois dentes faltando.

– Miami Beach – respondi. – Somos músicos.

– Certo – disse ele. – Estou indo naquela direção, e tem lugar no carro.

– Ótimo. Obrigado – disse eu.

Antes que eu pudesse abrir a porta do passageiro, alguma coisa saiu da boca de Dee Dee. A coisa se espalhou mais rápido que o incêndio no mato e era mais difícil de conter.

– Marc, você acha que o pau desse sujeito é grande?

Todo mundo ouviu em alto e bom som. Não importava quanto rap Dee Dee tivesse cantado pela Alligator Alley, não existia rima para isso. Nem motivo. Dee Dee era hétero, casado e, como eu, tinha muito a perder se não chegássemos a Miami Beach a tempo. Vi os olhos do motorista irem de Dee Dee para as notas na minha mão, voltarem para Dee Dee e mais uma vez para o dinheiro. E ficou resolvido.

– É o seguinte – disse ele. – Vocês vão ter que se acomodar na carroceria.

Assenti. Ofereci o dinheiro, e ele aceitou.

No fim de novembro pode fazer frio nos Everglades, especialmente quando se está a céu aberto na parte de trás de uma caminhonete a 120 quilômetros por hora. Não me dei ao trabalho de perguntar a Dee Dee em que ele estava pensando. Eu não queria saber. Só mantive os olhos fixos nos dois rifles apoiados na janela traseira.

Quando chegamos à porta do teatro, Dee Dee e eu fomos levados para dentro como dois imigrantes atravessando a fronteira clandestinamente. Os fãs dos Ramones de Miami Beach já estavam na entrada e, quando nos viram em pé na carroceria da caminhonete, uma pequena comemoração começou. Sempre fico feliz ao dar autógrafos, mas eu estava com tanto frio que não sabia se ia conseguir segurar uma caneta.

A passagem de som ia começar em dez minutos. Eu ia precisar segurar baquetas, e Dee Dee teria de segurar uma palheta. E tocar. Então corremos para o camarim para nos aquecer rápido. John apareceu. Ele parecia um pouco irritado, mas, principalmente, aliviado.

– Marc, eu estava ficando preocupado. Precisamos passar o som.

Eu não tinha dúvidas de que John estava preocupado conosco e com a possível perda de um cachê. Joey foi o próximo. Ele era o membro da banda com um transtorno obsessivo-compulsivo às vezes tão pesado que fazê-lo sair do apartamento era tarefa para uma manhã inteira. Mas Joey tinha chegado quase um dia inteiro antes de nós a Miami Beach.

– Teve um incêndio enorme na estrada – disse Joey. – Alligator Alley. Apareceu no noticiário. Você viram?

– Vimos, sim.

Ainda estávamos tremendo e não muito falantes. Mas quando Monte entrou, quis saber tudo. Quem podia culpá-lo? Como diabos eu tinha chegado ali é uma pergunta que eu me faço quase todo dia.

O pai do meu pai, Peter Bell, veio da Holanda para os Estados Unidos em 1920 junto com a minha avó. Meu pai nasceu em Hoboken, Nova Jersey, em 11 de agosto de 1931 e foi batizado Peter, em homenagem ao seu pai. Meu avô foi cozinheiro do Copacabana por dez anos antes de se tornar chef do "21 Club". O Copa, como era conhecido, ficava na East Sixtieth Street em Manhattan, e o dono era um chefão da máfia chamado Frank Costello. Jerry Lewis e Dean Martin fizeram sua estreia lá. Se você fosse cantor, líder de banda ou comediante nos anos 1940 e 1950 e conseguisse tocar no Copa, tinha "chegado lá", ponto final.

Meu avô trabalhou no "21" por dezoito anos, bem durante seu auge. Aberto durante os anos da Lei Seca e localizado na West Fifty-Second Street, em Manhattan, era sempre possível ver o lugar graças a todas as estátuas de jóqueis pintadas acima da entrada principal. Todo mundo que era alguém comia no "21". Meu avô conheceu e conviveu com astros como Humphrey Bogart, Jackie Gleason e Judy Garland. Não eram só histórias de pescador – meu avô tinha fotos para provar! Sempre que visitávamos a casa dos meus avós, eu ficava olhando essas fotografias impressionado que meu avô de fato conhecesse as mesmas pessoas que eu via na TV e nos filmes.

Em 1944, meu pai e os pais dele se mudaram de Hoboken para o Brooklyn. Meu pai estudou na escola de ensino fundamental PS 217 na Coney Island Avenue, e foi lá que ele conheceu minha mãe. O nome de solteira dela é Gertrude Joest. A maioria das pessoas a chamava de Trudy.

A mãe dela, Johanna, era francesa, e o pai, Julius, era alemão. Eles imigraram para os Estados Unidos em 1923 e se instalaram em Willoughby, Ohio. Minha mãe nasceu em 10 de setembro de 1931 na casa dos pais. Julius era um engenheiro elétrico, e era uma família de classe média, mas a maior parte dos bebês da época ainda nascia com parteira, em vez de no hospital.

Quando minha mãe tinha apenas dois anos, a mãe dela morreu. Alguns anos depois, Fredrick, irmão mais velho da minha mãe, morreu de pneumonia aos dez anos. A pequena Trudy e seu pai se mudaram para Cleveland por alguns anos antes de irem para o Brooklyn, Nova York. Eles moraram na Ocean Parkway por uns dois anos e depois se mudaram para um prédio de quatro andares no número 640 da Ditmas Avenue, alguns quarteirões ao sul do Prospect Park. Era um bairro predominantemente proletário composto na maior parte por residências.

Minha mãe e meu pai foram amigos por alguns anos antes de começarem a namorar aos dezoito anos mais ou menos. Cerca de um ano depois, em 15 de dezembro de 1950, eles se casaram no cartório em Lower Manhattan. No dia 15 de julho de 1952, meu irmão gêmeo, Fred, e eu nascemos no New York Infirmary Hospital.

Nossa família morou com meu avô Julius em um prédio de tijolos aparentes de três andares, sem elevador, perto da esquina da President Street com a Rogers Avenue na parte de Crown Heights do Brooklyn. Todos os prédios ficavam um ao lado do outro, em geral com um pequeno comércio no térreo e uma escada separada para os apartamentos nos andares de cima. Fred e eu dividíamos um quarto com beliche, o que não era um problema porque nos dávamos muito bem.

Meu pai era um estivador sindicalizado, e minha mãe trabalhava como secretária. Eles mandaram meu irmão e a mim para um jardim de infância com integração racial em Bedford-Stuyvesant, bairro próximo ao norte. Em meados dos anos 1950, a maior parte dos bairros era segregada, mas Fred e eu ficávamos felizes de conviver com crianças de culturas diferentes e fizemos amigos imediatamente.

Uma coisa estranha sobre nossa escola era o ônibus. Não tínhamos um ônibus escolar. O que tínhamos era um Cadillac funerário convertido em uma espécie de microônibus. Era grande e preto e ia até a escola como se estivesse indo a um funeral. Quando as crianças o viam chegando ao quarteirão, todo mundo saía correndo para tentar entrar no

banco de trás primeiro. Era espaçoso e acolchoado, e era legal pensar que aquele mesmo compartimento tinha sido usado para cadáveres. Eu amava andar nele com a janela aberta. Nós adorávamos olhar pelo vidro traseiro e fazer caretas para os carros atrás de nós.

A única coisa de que eu não gostava sobre o jardim de infância era quando eles nos colocavam para tirar cochilos no meio do dia. Eu achava estranho nos colocarem nos tapetes no chão e apagarem a luz. A luz do dia entrava pelas janelas. Eu sabia que precisava ficar quieto como todo mundo, mas era difícil. E sabia que não ia dormir de jeito nenhum, então o melhor que conseguia fazer era ficar deitado ali com os olhos fechados.

Eu ficava divagando sobre fazer qualquer coisa que não fosse tirar um cochilo. Havia brinquedos nas prateleiras da sala – blocos de madeira, uma mola de brinquedo, massa de modelar, o sr. Batata, um ferrorama Lionel – implorando para brincarmos com eles. Depois da soneca, as professoras nos deixavam fazer brincadeiras mais intensas, especialmente lá fora, onde podíamos ficar correndo pelo jardim e inventar nossos próprios jogos. Para mim, ficar deitado no tapete fingindo dormir era só um grande desperdício.

Em 1957, Fred e eu fizemos cinco anos e voltamos com meu avô Julius para o prédio de quatro andares no número 640 da Ditmas Avenue, onde minha mãe tinha morado quando pequena. O beliche veio conosco, então eu ainda dividia o quarto com Fred. Tudo bem, porque ainda nos dávamos bem.

Meu pai e meu avô Julius colocaram suas habilidades mecânicas para funcionar quando ajudaram a mim e a meu irmão a construir um enorme ferrorama elétrico, com o qual brincamos por horas. Meu pai nos fez construir modelos de plástico de carros, aviões e navios de guerra. Fred amava criar bonecos dos monstros da Universal Studios – a Múmia, Drácula, o Lobisomem e o Monstro da Lagoa Negra. A pintura que ele fazia era muito realista.

Todos os bonecos precisavam de cola Testors, que tinha um cheiro muito forte que atingia as narinas rapidamente. O cheiro era tão ruim que era bom, e ficávamos um pouco loucos com ela. Era o bônus de construir as réplicas.

As sonecas acabaram quando começamos o ensino fundamental. A escola PS 217 era o mesmo lugar onde meus pais se conheceram. Minha mãe preparava nossas lancheiras. Podíamos brincar no jardim da escola

na hora do almoço. Em geral eu me dava bem com as outras crianças, mas arrumava uma briga aqui e ali. Certa vez um garoto me acusou de roubar seu suco de uva no banheiro. Por que diabos eu ia querer o suco de uva de um garoto qualquer? Então nós nos atracamos bem ali no mictório até um dos professores entrar e apartar a briga. Era só coisa de criança.

Quando Fred e eu voltávamos para casa, nosso avô Julius cuidava de nós até minha mãe e meu pai voltarem do trabalho. Tínhamos um acordo: fazer a lição de casa antes de brincar. Se o tempo estivesse ruim, assistíamos a reprises de *Os Três Patetas, Abbott and Costello* ou *As Aventuras do Super-Homem*. *Os Três Patetas* provavelmente era o favorito porque eles não paravam de se bater e socar mas, ao mesmo tempo, eram um grupo – um time. Era como o máximo da comédia vezes três condensada em meia hora.

Na maioria dos dias, eu esperava meu pai voltar do trabalho do lado de fora do prédio. Quando o via, eu corria em sua direção para abraçá-lo com força. Eu realmente admirava meu pai. Ele era muito tranquilo em relação à maior parte das coisas, mas era firme quando precisava ser. Meu pai tinha quase um metro e noventa, 104 quilos e usava óculos de armação preta e grossa que eram populares na época. Ele me lembrava Clark Kent. Minha mãe parecia uma atriz. Ela era sincera e durona quando precisava ser.

Mas meus pais pareciam ter uma ótima relação. Acho que nunca os vi discutir, nenhuma vez. Se acontecia, nunca era na nossa frente.

Quando o tempo estava bom, Fred e eu costumávamos brincar de *punchball* ou de *stickball* com nossos amigos do bairro. *Stickball* era basicamente beisebol de rua com um cabo de vassoura. Quando ficávamos entediados, partíamos para coisas mais animadas como subir escadas de incêndio ou entrar na sala das caldeiras. Comprávamos brigas com garotos de outros quarteirões do bairro, em geral porque alguém estava no território do outro. Éramos apenas garotos típicos do Brooklyn.

Num dia especialmente chato, um amigo teve a ótima ideia de pegar um monte de travesseiros e cobertores, amarrar tudo e fazer um boneco humano. Fizemos um belo trabalho, considerando que não éramos profissionais. Levamos o boneco até a laje do prédio e esperamos alguém passar.

O *timing* era tudo. Quando alguém estivesse passando pela calçada a uns quinze metros do nosso alvo, íamos jogar o boneco do parapeito e gritar o mais alto possível como se alguém estivesse pulado. Funcionava. Quando se tinha menos de um segundo para olhar para cima e entender o que estava acontecendo, de fato parecia um corpo caindo. As pessoas entravam em choque.

Uma vez enganamos um casal jovem carregando sacolas de compras. Quando o boneco mergulhou para a "morte", tanto o homem quanto a mulher soltaram as sacolas, e as compras saíram rolando pela calçada e pela rua. Lá do alto estávamos rindo tanto que ficamos com os olhos cheios de lágrimas e a barriga doendo. Foi um daqueles ataques de riso em que você não sabe se vai conseguir respirar de novo. Se não fosse pelo parapeito, acho que teríamos rolado e caído lá de cima como o boneco.

O boneco sempre vivia para ver o dia seguinte, e fomos melhorando o arremesso. Uma vez jogamos o boneco no meio da Ditmas, na frente de um Plymouth 1955. O motorista pisou no freio com tanta força e desviou segundos antes de atingir a cabeça. O problema foi que tanto o motorista quanto o passageiro bateram a cabeça no painel. O outro problema foi o tamanho do motorista. Ele era enorme. E estava furioso. O homem saiu do carro, olhou para cima e nos viu na laje. Não ajudou que estivéssemos rindo, mas paramos quando ele gritou que ia subir para nos arremessar na outra rua.

Fugimos rápido pela saída de emergência, descendo a escada de incêndio e correndo para qualquer lugar onde estivéssemos em segurança, como um bando de baratas se espalhando quando saem para a luz. Havia lugares onde se esconder no porão. Saí dali quando achei que estava seguro. Sempre que penso nas coisas que fizemos, digo a mim mesmo que, se você fosse uma criança morando no Brooklyn, arrumar confusão *era* o seu trabalho. No fim das contas, o boneco ficou meio surrado, e a brincadeira perdeu a graça, então partimos para outras coisas.

Eu tinha um amigo chamado Joel que morava no prédio. Era um garoto gorducho. Passávamos muito tempo juntos, e Joel fazia o que quer que o resto de nós estivesse fazendo. Havia um terreno baldio perto do nosso prédio onde íamos fazer batalhas de pedras. Uma vez acertei Joel com uma pedra, e o sangue começou a jorrar da cabeça dele como

um hidrante. Foi como uma cena de um filme de terror. Um dos garotos foi esperto o bastante para aplicar pressão ao ferimento e parar o jato. Surpreendentemente, Joel não precisou de pontos.

Outra vez, ele e eu estávamos no jardim do vizinho tentando passar entre duas garagens de um carro para chegar a outro jardim, mas o barrigão de Joel ficou entalado, e ele começou a chorar. Eu queria ajudá-lo, mas estava rindo tanto que fiquei praticamente imprestável. Quando parei de rir, disse que precisávamos de um guincho para tirá-lo dali. Ou talvez tivéssemos de demolir uma das garagens. Ou talvez ele precisasse perder um pouco de peso. Finalmente, consegui fazê-lo parar de chorar e relaxar um pouco, e consegui tirá-lo dali. No dia seguinte, Joel me disse que sua mãe não ia mais deixá-lo brincar comigo.

Pouco tempo depois, eu estava brincando no meu quarto com um garoto chamado Robert, de quem eu não gostava muito. Estávamos pulando pelo quarto e jogando o que quer que caía em nossas mãos. Em um dado momento, eu estava na parte de cima do beliche, peguei um velho caixote de garrafas de leite da prateleira e joguei para Robert, que tentou pegá-lo e não conseguiu. Um dos cantos de metal da caixa o atingiu na cabeça.

Havia sangue por toda parte. Foi como a continuação do filme de terror de Joel – dessa vez num espaço fechado com sangue espirrando nas cobertas e nas paredes. Alguns dias depois, encontrei Robert com um Band-Aid na testa, e ele me disse que não podia brincar mais comigo. Isso se tornou um padrão no meu bairro. Dez anos, e eu já tinha uma reputação. Até onde eu sabia, não era merecida. Eu não queria machucar ninguém. Só queria me divertir.

A PS 217 era rigorosa. De manhã precisávamos fazer fila no pátio da escola e marchar para dentro do prédio, série por série, como um exército. Para os meninos, o uniforme era uma gravata, camisa de botão e um paletó. Para as meninas, era saia com sapatos sociais. As meninas acabavam parecendo miniaturas da mãe. Tênis eram proibidos para os garotos e para as garotas, com exceção da Educação Física.

Na sala de aula, os assentos eram distribuídos de acordo com a altura, com as crianças mais baixas na frente e as mais altas nos fundos. As carteiras eram feitas de uma madeira antiga e escura que parecia estar lá desde que a escola foi construída, ou talvez antes. Para sentar, era preciso levantar a mesa. Havia uma cavidade na parte superior para canetas e

lápis, e um tinteiro com uma tampa de latão. Havia tantos nomes na carteira que havia nomes entalhados sobre nomes mais antigos. Talvez, se eu olhasse com bastante atenção, conseguisse encontrar o da minha mãe e o do meu pai.

O dia começava com todo mundo em pé, a mão direita sobre o coração, fazendo o "Juramento à Bandeira". Quando nos sentávamos, e a aula começava, era esperado que ficássemos em silêncio, a menos que fôssemos chamados. Se alguém fizesse barulho ou atrapalhasse, seria punido. Isso significava ficar parado no canto olhando para a parede. Em geral o professor também chamava nossos pais para avisar que tínhamos nos comportado mal.

Uma vez a cada uma ou duas semanas, um sino alto tocava, e fazíamos um exercício de emergência para o caso de uma bomba atômica ser jogada. Alguns anos antes, a União Soviética tinha desenvolvido suas próprias armas atômicas, então era esperado que vivêssemos em alerta. O exercício era chamado *duck and cover*, ou abaixar e se proteger. Havia um filme bobo de defesa civil com o mesmo nome. Os professores nos levavam para o auditório e nos faziam ver a tartaruga Bert demonstrar como sobreviver a um holocausto nuclear. Havia alguns garotos no filme mais ou menos da nossa idade, bem-vestidos como nós, que viam um clarão no céu. Em vez de ter um ataque, eles calmamente se escondiam embaixo da carteira, ajoelhavam e cobriam a parte de trás da cabeça e a nuca com as mãos e o colarinho da camisa.

Era difícil não rir. Como se agachar embaixo da mesa fosse resolver qualquer coisa em uma enorme explosão nuclear. Mas fazíamos o que eles pediam, porque o que dava medo não era ser torrado pela onda radioativa, e sim ficar no canto olhando a parede. Se víssemos um clarão no céu e soubéssemos o que estava por vir, duvido que ficaríamos quietos embaixo das carteiras. Quero dizer, estávamos no Brooklyn.

Do fim dos anos 1950 até o começo dos 1960, as coisas ficaram bastante estáveis de um ano para o outro. Isso incluía nossa escola, que continuou praticamente a mesma. A única coisa que estava mudando era meu comportamento, que estava se tornando mais negativo a cada semestre. Sempre fui uma criança agitada, então era muito difícil ficar quieto. Eu batia na carteira, derretia giz de cera no radiador e atrapalhava a aula o tempo todo. Era inquieto. Tinha dificuldade de prestar atenção, e minha mente divagava. Os professores chamavam meus pais com tanta

frequência que era como um exercício – tão idiota quanto o "abaixar e se proteger".

Meu pai sentava comigo para tentar falar sobre meu comportamento. Ele explicava como a educação era importante e algo de que eu me beneficiaria mais adiante na vida. "Pode não parecer importante agora, mas, quando você crescer, vai entender." As intenções dele eram boas, mas não surtiram muito efeito quando eu voltava para a sala de aula, entediado e caindo de sono.

Mas eu tinha alguns bons professores, mesmo que a maioria só gritasse para se fazer entender. E gostava de verdade de algumas matérias. Eu gostava de ler, então sempre tirava A em Inglês. Ciências também era legal. Assim como o ferrorama em casa, eu gostava de tentar descobrir como as coisas funcionavam. Eu conseguia ir bem se me interessasse de fato por alguma coisa e pudesse seguir meu próprio ritmo.

Essa foi a razão por que entrei na feira de ciências da quinta série. Construí um foguete de três estágios de madeira e aço galvanizado. O modelo não funcionava, era apenas minha ideia de como era o interior de uma espaçonave baseado em todos os filmes de ficção científica e as matérias que vi. Meu foguete estava aberto na metade, como um corte transversal, para que todos pudessem ver todos os controles, os assentos e os alojamentos lá dentro. Meu pai ajudou, mas fui o capitão, e meu projeto levou o primeiro lugar. Para a feira da sexta série, construí um sistema telegráfico que funcionava com fios, uma máquina de gravação e duas pilhas Eveready grandes. O telégrafo era combinado com um ferrorama para impressionar mais. Esse projeto também levou o primeiro lugar.

Tudo isso deixou meus pais muito felizes e compensou por alguns dos outros problemas que eu estava tendo. Eles sabiam que eu tinha potencial. Mas a coisa nem sempre funcionava da maneira como gostariam. Eu não ligava muito para História, porque, até onde eu sabia, isso era para pessoas que viviam no passado. Eu estava mais preocupado com o presente. Matemática era uma das disciplinas de que eu menos gostava. Eu sabia o básico, e aquilo me bastava. Eu conseguia calcular o troco quando comprava doces e não achava que chegaria o dia em que precisaria usar um polinômio.

Às vezes eu não precisava me preocupar com quanto uma barra de Hershey custava porque eu roubava o chocolate. Vivíamos a mais ou menos dez quadras da PS 217. De manhã, quando eu caminhava até a escola, costumava parar na loja de doces de Maudie e Eddy, colocava alguma coisa pequena que estivesse na prateleira no bolso e saía. Até que um dia, a cerca de três passos da porta, bem perto dos jornais, Maudie me segurou pelo pulso. A mão dele era como um torno, provavelmente por causa dos muitos anos movendo caixas e abastecendo as prateleiras. Eu sabia que Maudie não ia me soltar de jeito nenhum, então dei um soco no estômago dele e saí correndo da loja. Decidi nunca voltar, mas só para evitar Maudie. Meu erro foi ser pego. Eu via as outras crianças roubando doces o tempo todo, então não achava nada de mais.

Um dia, na aula, meu amigo Sandy Stock e eu esperamos o professor virar as costas e acertamos algumas bolas de cuspe nele, que eram pequenas bolas de papel cheias de saliva. O professor virava rápido, mas éramos mais rápidos. Fizemos isso algumas vezes até que finalmente ele nos pegou no ato. Eu era o líder da confusão, então ele começou a gritar comigo na frente da sala. Achei que o professor fosse se acalmar depois de mais ou menos um minuto, mas, na verdade, ele começou a falar mais alto, foi até minha carteira e chegou perto do meu rosto. Eu me senti acuado, então dei um soco no estômago dele como tinha feito com Maudie.

Não havia como fugir dessa vez. O professor me agarrou pelo braço e me arrastou para fora da sala de aula e pelo corredor. Ele abriu o depósito de ciências, me jogou lá dentro e trancou a porta. A sala era uma pequena cela de cadeia feita de concreto e aço com tubos de ensaio, que comecei a derrubar das prateleiras e estilhaçar, um pouco como Frankenstein. Quando acabei com os tubos de ensaio, comecei a jogar os livros, bicos de Bunsen e tudo o que não estivesse preso.

A porta do depósito se abriu, e o professou parou na entrada. Eu sabia que tinha passado do limite e achei que pudesse ser meu fim na PS 217 ou em qualquer outro lugar. Em vez disso, ele me pediu para sair para o corredor. O professor me acalmou, conversou comigo e explicou que não precisávamos dar mais nenhum passo naquela direção. Disse que não havia por que o diretor ou meus pais ficarem sabendo. Podia ficar no

passado e nunca mais acontecer. Para mim ele foi o professor mais incrível que já existiu.

Discos eram caros demais para um garoto, mas de vez em quando eu conseguia dinheiro suficiente para comprar um compacto, que era um disco pequeno de 45 rotações por minuto. O primeiro que comprei foi "The Purple People Eater", de Sheb Wooley. A música era sobre um marciano que vinha para a Terra e entrava para uma banda de rock. Ele era roxo, com um longo chifre na testa, que era usado para tocar rock. Achei uma história bem interessante.

Como eu era muito fã de ficção científica, a letra e a história contada eram tão importantes quanto a música. Eu também gostava de todos os filmes de monstro que via no cinema e na TV. Na televisão, *Chiller Theatre* e *Além da Imaginação* eram meus favoritos. Em *Além da Imaginação*, era sempre mais do que uma boa história de ficção científica. Em geral havia uma questão real. Em um episódio, um caixa de banco rato de biblioteca se tranca no cofre do banco para poder ler sem ser incomodado. Enquanto está lá, uma bomba atômica é lançada. Ao sair do cofre, o caixa fica verdadeiramente feliz que tudo e todos tenham sumido para que tudo o que tenha sobrado sejam o tempo e os livros. Então, quando ele começa a ler, seus óculos caem e quebram.

Para o Natal de 1961, meus pais compraram meu primeiro radiotransistor. Deve ter sido o dia mais feliz da minha vida. Eu amava aquele rádio. Era um transistor RCA 3RH10. Tinha apenas AM, porque a FM estava apenas começando. Era muito básico – pequeno o bastante para caber na mão com um botão grande na frente para sintonizar. Na lateral ficava o controle de volume junto com uma pequena entrada para fones de ouvido.

Todo um mundo novo se abriu para mim. Murray "The K" Kaufman era o grande DJ na 1010 WINS. Ele era uma figura, sempre fazendo piadas, usando efeitos sonoros, fazendo brincadeiras. Em 1966, Murray "The K" trabalhava na WOR-FM, uma das primeiras estações de rádio progressivo que surgiu, e ainda se referia a si mesmo como o quinto beatle de vez em quando. Não era verdade em 1964, muito menos em 1966. Havia dezenas de pessoas que poderiam reivindicar aquele título – o produtor George Martin e, mais tarde, o tecladista Billy Preston e até a polêmica cara-metade de John Lennon, Yoko Ono. Murray "The K" não estava nem perto do topo da lista.

Bruce Morrow ("Cousin Brucie") e Dan Ingram ficavam do lado esquerdo do dial na 770 WABC, uma estação muito poderosa em termos de voltagem e influência. Os sujeitos na WABC falavam rápido e eram espertos, conduzindo você para e pela música como se fizessem parte dela, mas sem atropelar a letra. Esses DJs eram sedutores. Eles apresentavam grupos novos e interessantes como Four Seasons e Jay and the Americans. As ondas sonoras eram como uma grande festa.

No verão de 1962, a canção "Monster Mash", de Bobby "Boris" Pickett, foi lançada. Pickett cantava como o monstro de *Frankenstein* cantaria, se pudesse. Era engraçado e cativante, com uma boa batida. E não era só isso: *Frankenstein* era meu filme de monstro favorito de todos os tempos. Eu amava a maneira como o monstro era formado por partes do corpo. Ouvi meu rádio todos os segundos que pude naquele verão e outono adentro, esperando ouvir "Monster Mash". Também construí um pequeno suporte para o rádio no guidão da minha bicicleta. Eu estava viciado.

À noite, eu ouvia o rádio na cama, embaixo das cobertas. Se estivesse alto demais, e Fred estivesse tentando dormir, eu usava um pequeno fone de plástico que tinha vindo com o rádio. As ondas de AM viajavam milhares de quilômetros à noite. Às vezes eu conectava uma estação da Califórnia, do Texas ou até do México. Eu tinha o planeta na ponta dos dedos, então era muito difícil desligar o rádio. Em geral, eu pegava no sono com os fones ainda nos ouvidos.

Em 20 de fevereiro de 1962, nossa sala da quarta série, junto com todas as outras classes, lotou o auditório para ver o astronauta John Glenn decolar de Cabo Canaveral e tentar dar a volta na Terra a bordo da *Friendship 7*. Todos os olhos estavam em um aparelho de TV Zenith em preto e branco com não mais de 25 polegadas. Era a ficção científica ganhando vida. Quando a contagem regressiva acabou, e o foguete decolou, dava para ver e sentir a força, mesmo naquela tela pequena. Quando a espaçonave passou pela parte mais densa da atmosfera, o âncora Walter, sempre calmo, gritou: "*Go, baby!*". Esse foi o grau de empolgação.

Nenhum americano tinha ido para o espaço por mais de quinze minutos, e pelas cinco horas seguintes John Glenn deu a volta na Terra três vezes. Voltar para a atmosfera não era uma coisa garantida. Havia uma chance real de que o escudo contra o calor da nave falhasse, e a *Friendship 7* pegasse fogo. Por um ou dois minutos – que pareceram mais

uma hora – houve um blecaute. Não havia sinal da cápsula, e todo mundo sabia que talvez nunca mais tivesse notícias de John Glenn. Quando o foguete entrou em foco de novo e deu para ouvir a voz do astronauta, todos nós levantamos e comemoramos. Era mais do que um suspiro de alívio. Era um momento emocionante em que todos estavam no mesmo time. Não dá para esquecer aquela sensação.

O verão de 1963 foi especial. Meu pai adaptou uma Kombi da Volkswagen para parecer a cozinha de casa. Saímos em nossa "cozinha" país afora. O motor era refrigerado e tinha apenas quarenta cavalos de potência, então dava para forçar a Kombi a mais de noventa quilômetros por hora durante muito tempo. Incluindo as paradas que fizemos no Meio-Oeste, levamos duas semanas para atravessar os Estados Unidos. Ficamos em campings, fizemos caminhadas, pegamos peixes pequenos em riachos, aprendemos os nomes das árvores e mergulhamos na natureza. Eu tinha meu rádio comigo, então, não importava onde dormisse, continuava em casa ouvindo os últimos lançamentos.

Quando parávamos nas cidades, às vezes, havia placas na vitrine das lojas que diziam "Apenas Brancos". Mas, em geral, as pessoas eram muito simpáticas e ficavam felizes de falar com a gente. Tive a noção de quão grandes os Estados Unidos de fato são e quanta coisa havia para ver fora do Brooklyn. Não tinha fim. Eu gostava da estrada que terminou em San Francisco. A Kombi mal chegou à Califórnia e ia precisar de muita manutenção, se é que tínhamos esperança de voltar para a Costa Leste. Não tínhamos dinheiro para pagar uma revisão, mas tínhamos os estivadores. O sindicato era muito forte – uma comunidade nacional. Conseguimos ficar com amigos de lá por umas duas semanas enquanto meu pai arrumou um emprego temporário nas docas. No final, a Kombi foi consertada, cuidamos da conta e seguimos rumo ao leste de novo. Para mim, a mudança de planos e como lidamos com ela não tinham sido um problema. Foi uma aventura.

Em 22 de novembro de 1963 eu estava na minha classe da sexta série quando um dos professores entrou na sala e disse que o presidente John F. Kennedy tinha sido assassinado em Dallas, no Texas. Nossa professora começou a chorar e, quando a viram, algumas meninas também caíram no choro. Eu tinha certeza de que minha mãe estaria fazendo a mesma coisa. O presidente Kennedy era um astro – um homem jovem e brilhante com quem tantas pessoas se identificavam. Kennedy não era um

presidente típico. Ele sempre falava sobre a necessidade de mudança. Fiquei triste, especialmente vendo as garotas à minha volta chorando. Mas foi um daqueles dias, como a maior parte dos dias, em que eu não queria estar na escola. Um pensamento surgiu na minha cabeça. *Espero que todo mundo seja dispensado mais cedo*. E foi.

Quando meus pais chegaram em casa no fim daquela tarde, foi como se o presidente tivesse sido assassinado uma segunda vez. Minha mãe e meu pai eram grandes defensores de Kennedy. Eles acreditavam em igualdade de direitos, oportunidades iguais e na ideia de que os melhores dias dos Estados Unidos estavam por vir. Meus pais ficaram arrasados. Dava para ver a cada passo deles, e isso os acompanhou por muito tempo.

Numa noite de domingo, 9 de fevereiro de 1964, minha mãe chamou meu irmão Fred e a mim na sala para ver os Beatles no *The Ed Sullivan Show*. A ansiedade aumentava a semana toda com a chegada dos Fab Four a Nova York e sua participação em entrevistas coletivas, a imitação de Elvis e as piadas sobre o cabelo comprido – que nem era tão comprido. Quando eles apareceram na tela em preto e branco da TV da nossa sala, foi como se as coisas estivessem mudando bem diante dos nossos olhos. Havia uma eletricidade no ar que não dava exatamente para descrever, mas era impossível ficar triste. Levou cerca de dois minutos para a primeira música, "All My Loving", acabar, e as meninas no auditório estavam vidradas. O país estava vidrado. Eu estava vidrado.

Na manhã seguinte, comecei a pentear o cabelo para a frente como os Beatles. Meu cabelo castanho não era comprido o suficiente para fazer uma franja de verdade, mas imaginei que em algumas semanas ia crescer. John, Paul e George eram ótimos, mas eu queria ser Ringo. Sentar atrás da bateria, tocar e dar à música toda aquela força e aquele ritmo era o que eu queria fazer. Era o que eu sabia que *podia* fazer.

Não havia uma bateria em casa, mas não importava. A qualquer momento, eu batucava com as mãos na mesa da cozinha, nos travesseiros, tocava com o garfo e a faca como se fossem baquetas. Minha mãe sempre me pedia para parar de batucar. Funcionava por cerca de cinco minutos. Enquanto andava de metrô, eu ouvia o ritmo das rodas de aço nos trilhos e acompanhava tamborilando nas pernas.

Meu aniversário de doze anos se aproximava e meus pais me deram meu primeiro instrumento, uma caixa. Era um modelo japonês barato,

mas melhor que a mesa e os talheres. Convenci meus pais a me levar para fazer aula num lugar do bairro chamado Bromley's Music. Bromley's não era exatamente uma escola de música. Era basicamente uma bateria no porão da casa de alguém. O professor me ensinou a segurar as baquetas em estilo militar e algumas técnicas rudimentares como *flams* e *paradiddles*. Depois de uns três meses, não achei que estivesse aproveitando muito as aulas e parei de ir. O que eu precisava era da minha própria bateria.

Algumas semanas depois, meus pais me levaram para a loja de música de Milton Arfin na Church Avenue, onde compraram uma bateria bem básica para mim. O trato era que não me dariam nada caro até ficarem convencidos de que eu ia levar a bateria a sério. O kit consistia em um bumbo com um único tom, chimbal e prato de condução. Claro, eu já tinha uma caixa.

A bateria nova era da marca Zim-Gar com o logo impresso na parte de cima do bumbo. Não ia dar certo, porque Ringo usava baterias Ludwig. Então escrevi para a Ludwig e pedi para me mandarem um adesivo grande. Quando o adesivo da Ludwig chegou pelo correio, para minha surpresa, eu imediatamente o colei sobre o logo da Zim-Gar. Logo abaixo escrevi *The Beatles* com fita isolante preta.

Eu passava quase todos os momentos livres tocando a bateria, que ficava no quarto pequeno que eu dividia com Fred. Eu tinha um fonógrafo pequeno com apenas uma caixa e ouvia com atenção a bateria das minhas músicas preferidas. Se eu me concentrasse, conseguia identificar as sequências do bumbo, do tambor e da caixa, as batidas em contratempo e os acentos. Quando o filme dos Beatles, *Os Reis do Iê Iê Iê*, entrou em cartaz no verão de 1964, eu não só tinha aprendido a tocar na bateria uma dúzia de canções da banda, mas também acompanhava outras bandas da British Invasion como os Rolling Stones e o Dave Clark Five.

A reação de Fred aos Beatles e à British Invasion foi pegar uma guitarra. Então meus pais fizeram outra viagem até a loja de Milton Arfin e compraram uma guitarra Harmony e um pequeno amplificador Fender Princeton Reverb para Fred. A primeira banda favorita dele foi o Dave Clark Five. Mas Fred logo foi atraído para o *blues*, o que o levou direto aos Rolling Stones. Antes de começar a compor a maior parte de suas próprias músicas, os Stones faziam *covers* de todos os tipos de

composições de *blues*. Fred também gostava dos pioneiros da *surf music* Jan and Dean.

A essa altura, em nosso quarto mal cabiam o beliche, a bateria e o amplificador Fender Princeton Reverb, quanto mais o barulho que fazíamos – especialmente quando Fred e eu tocávamos juntos. Então todo mundo da família ficou muito feliz quando conseguimos nos mudar para um apartamento de três quartos. Melhor ainda, o apartamento ficava no primeiro andar do mesmo prédio onde moramos por anos no 640 da Ditmas. Estávamos com doze anos, no ensino fundamental 2, e precisávamos do nosso próprio espaço pessoal, e agora musicalmente também.

Meu quarto novo era virado para um beco na lateral do prédio onde o zelador deixava as latas de lixo. Era difícil ignorar o cheiro das cascas de banana e da gordura entrando pela janela, especialmente durante os meses quentes do verão. Mas era um pequeno preço a pagar para ter meu próprio quarto – meu próprio *estúdio*. Quanto mais eu tocava bateria, menos notava o fedor.

Fred tinha um amigo no prédio que logo o levou ao Blues Project, com Danny Kalb na guitarra, e à Paul Butterfield Blues Band, com Mike Bloomfield na guitarra. Eu estava indo em uma direção um pouco diferente. Na primavera de 1966, The Who lançou o álbum *My Generation*. Um *single* anterior da banda, "I Can't Explain", era uma canção precisa e melódica de quatro acordes. Mas foi a faixa-título do álbum, "My Generation", que me conquistou de fato. Os acordes vinham com rapidez, intensidade e força. E o baterista Keith Moon fazia coisas que eu nunca tinha visto antes. Nada nem parecido.

O estilo de bateria era frenético e espalhafatoso, a ponto de ser quase confuso. Ele acrescentava preenchimentos malucos desde o início da música e acentos como parte dos versos e do refrão em que nenhum outro baterista teria pensado. A parte estranha era que tudo funcionava. A bateria de Moon tornava as músicas mais intensas, mas nunca tomava conta delas. Voltei direto para a bateria e comecei a experimentar algumas dessas técnicas, o máximo de tempo possível.

Como um garoto de treze anos baterista autodidata, eu me sentia bom o bastante para montar uma banda. Kenny Aaronson era um baixista da minha idade com um baixo Fender e um amplificador Ampeg B-15. Ele tinha as mesmas influências que eu e estava se transformando

em um bom instrumentista. O problema era que ele morava a doze quarteirões do meu prédio. Mas Kenny fazia o que tinha de fazer, levando o baixo em uma mão e arrastando o amplificador com a outra pelas ruas e pelos meios-fios por oitocentos metros para chegar ao meu prédio. Ele se tornou a outra metade da seção rítmica.

O guitarrista morava a um ou dois blocos de distância. O vocalista era meu amigo Steven Bakur. Todo mundo se espremia no meu quarto depois da aula. Entre a bateria, o amplificador da guitarra, e outro amplificador para o vocal, ficávamos ali apertados, e o quarto ficava ainda menor quando todo mundo começava a tocar. Como estávamos no primeiro andar, não havia ninguém para reclamar no porão abaixo porque não havia nenhum apartamento lá. As pessoas acima de nós não tinham a mesma sorte. Recebemos algumas reclamações, mas nada comparado ao que imaginamos que aconteceria. Era um prédio bem bacana. Meus pais nos davam apoio, garantindo que tivéssemos comida suficiente e avisando quando tocávamos alto demais até para eles.

Nosso nome era The Uncles, um tributo à série de TV *O Retorno do Espião da U.N.C.L.E.*, que era livremente baseado nos filmes de James Bond. Como estávamos nos preparando para um show – nosso primeiro – para o grêmio estudantil da Ditmas Junior High, nos deixaram ensaiar algumas vezes no auditório da escola depois da aula. Ia ser minha primeira vez no palco, e eu estava ansioso. Sem gente na plateia para absorver o som, ele reverberava nas paredes e tornava tudo mais alto. Não estávamos mais no meu quarto, perto das latas de lixo.

No nosso primeiro show, eu estava um pouco nervoso e acho que os outros também estavam. Quando dez, vinte, cinquenta alunos chegaram, eu sabia que o ensaio tinha acabado. Se tocássemos mal, não haveria esconderijo no dia seguinte. Ao mesmo tempo, estávamos empolgados, e, conforme a hora do show se aproximava, eu queria mostrar às pessoas do que éramos capazes.

Nosso set incluía "My Generation", do Who, e "(I Can't Get No) Satisfaction", dos Rolling Stones. O restante eram basicamente os dez primeiros lugares das paradas de bandas como The Animals, The Beach Boys, The Searchers e Jan and Dean. Depois de alguns minutos, notei que tínhamos uma tendência a acelerar um pouco. Era uma reação natural à empolgação de tocar ao vivo. Podia começar a qualquer momento, com o guitarrista acelerando primeiro, depois o baixista e assim por diante.

Até onde eu sabia, cabia ao baterista – *a mim* – manter a música nos trilhos e liderar, em vez de seguir. Fiz o melhor que pude naquele dia, dadas as circunstâncias.

Os garotos da Ditmas gostaram de nós. Não era uma experiência típica para mim. Eu podia ver imediatamente que os meninos e as meninas – e, sim, até alguns professores – tinham um novo respeito por nós. Isso incluía alguns dos professores mais durões, que tinham lutado na Segunda Guerra Mundial e não eram fãs óbvios de rock'n'roll. Mas tocar bateria – fosse jazz, big band ou até rock'n'roll – era algo muito físico que claramente exigia força e coordenação de verdade. Começaram a olhar para mim de um jeito diferente daquele dia em diante.

A banda The Uncles tocou em alguns bailes da Ditmas e em algumas festas particulares no bairro. Nossa base era o Centro Judaico na Ocean Parkway entre a Ditmas Avenue e a Eighteenth Avenue. Era o mesmo lugar onde ocorriam meus encontros de escotismo com o Pack 27 quando tinha oito ou nove anos, com os mesmo garotos que agora vinham ver o show. Eles diziam: "Uau, vejam Marc ali no palco. Ele sabe tocar". Eu ficava muito à vontade lá.

Havia uma história muito rica de entretenimento na cultura judaica. Se você não fosse músico, ator ou comediante, tinha um tio que era. Não tocávamos só no Centro Judaico. A banda tocava onde quer e o que quer que estivesse disponível para nós – igrejas, festas, porões. Eu ficava feliz em ser apreciado pelo que queria fazer e estava sempre tentando me desenvolver. Eu era muito fã do baterista Hal Blaine, que era membro do famoso Wrecking Crew, um grupo da Califórnia de músicos de estúdio que sempre trabalhava com Phil Spector e tocava mais sucessos do Top Ten do que era possível contar. Se você estivesse ouvindo Nancy Sinatra, Elvis Presley, The Beach Boys, The Ronettes ou Simon and Garfunkel, provavelmente estava ouvindo Hal Blaine.

Cheguei ao ponto de ser capaz de dizer em menos de um minuto se Blaine estava tocando em uma determinada gravação. Ele tinha um estilo muito próprio, com preenchimentos de contratempo únicos, e esse estilo se destacava ainda mais ao final de uma música. Eu sempre memorizava esses elementos musicais e usava quando fazia sentido.

Parte de estar em banda para mim era me vestir de acordo. Deixei meu cabelo crescer como os Beatles. Em 1965, isso significava ter o cabelo um pouco comprido com uma franja. Em 1966, significava uns três

ou cinco centímetros mais longo. Eu usava as botas dos Beatles e ternos que tinham um quê de Beatles. Era um visual elegante para um garoto no ginásio, o que definitivamente atraía as garotas.

Mas meu visual também tinha seu lado ruim. Alguns dos professores da Ditmas implicavam comigo por causa disso. Meu professor de Educação Física, o sr. Gross, era um ex-fuzileiro naval de quase quarenta. Ele implicava com muitos garotos na aula por uma série de razões, incluindo não ser capaz de fazer quarenta flexões. Era como se nunca tivesse saído da Marinha. Na cabeça dele, ainda era um instrutor de recrutas preparando um bando de moleques de catorze anos para a Guerra da Coreia. De todos, ele sem dúvida tinha me escolhido. Eu fazia todas as flexões, todos os abdominais e exercício na barra que ele mandava. Mas nunca era o suficiente.

Um dia, eu estava andando pelo corredor usando uma gravata solta em volta do pescoço quando, do nada, veio o sr. Gross, que era totalmente careca. Ele parecia o homem das embalagens do Mr. Clean sem o brinco. Ele me agarrou pelo braço e me levou até sua sala. Pensei rápido sobre o que tinha feito, mas, para ser sincero, nada me ocorreu. Gross bateu a porta, virou para mim a uns trinta centímetros de distância e começou a gritar com toda a força:

– Cansei de você! Você não presta atenção na aula. Você atrapalha. Você acha que, só porque não quer estar aqui, tem o direito de estragar tudo para os outros alunos?

– Não estou estragando nada para ninguém. Você está estragando as coisas para *mim*.

Eu estava pronto para discutir mais quando Gross começou a cutucar meu peito. Fiquei surpreso e, quando afastei sua mão, ele recuou e me deu uns dois tapas no rosto. Usei toda a minha força para me controlar, mas quando a mão aberta de Gross entrou em contato com meu rosto, avancei sobre ele de cabeça. De repente, eu estava vendo estrelas. Ele me acertou com força na parte de trás da cabeça. Tudo o que eu podia fazer era ficar de pé e fingir que ouvia o resto da bronca.

Quando cheguei em casa, contei tudo para meu pai. Ele ficou sentado ouvindo tudo calmamente, fazendo algumas perguntas aqui e ali. Não fui chamado na diretoria no dia seguinte, o que foi um alívio. Meu pai não foi para as docas naquela tarde. Ele tirou meio dia de folga para fazer uma visita a Gross. Na mesma sala onde o sr. Gross quase me deixou

inconsciente, meu pai o chamou de cretino sádico e disse que, se encostasse em mim de novo, seria a última coisa que faria.

O sr. Gross nunca mais me causou problemas, mas alguns outros professores continuavam me constrangendo na aula. Era o cabelo. Eram minhas roupas. Era meu comportamento. Outros alunos também me provocavam. Havia tensão entre os garotos que se vestiam como se ainda estivéssemos nos anos 1950 e nós, que estávamos mudando com o tempo. Eu não era a única vítima. Mas era o alvo número um.

Eu estava feliz que o ginásio estivesse quase acabando. A única coisa que tornou meus últimos meses suportáveis foi minha primeira namorada de verdade. Alyson e eu começamos a sair em abril de 1967. Eu a acompanhava até sua casa todo dia depois da aula, e passávamos todo o tempo que podíamos juntos. Ela ia a alguns ensaios. Só faltavam mais algumas semanas, e não só eu estaria fora da Ditmas Junior High, íamos passar o verão juntos.

Então ela deu a notícia. Por um instante, achei que fôssemos terminar. Em vez disso, Alyson explicou que seus pais tinham uma casa em Connecticut e iam fazê-la passar o verão inteiro lá. Era melhor, mas não muito.

Nossa banda The Uncles fez seu último show em um clube em St. Marks Place, no Greenwich Village, chamado Electric Circus. A casa ficava em um antigo centro cívico e salão de baile feito a partir de três casas geminadas de tijolos de quatro andares muito velhas. Apenas alguns meses antes do show, o lugar foi assumido por uma nova administração, renomeado e reformado com uma grande pista de dança moderna, sofás, estrobos e telas de projeção por toda parte. Nós quatro tocamos bem nossos *covers* de sempre, mas definitivamente não éramos a atração principal. Nas telas, havia imagens psicodélicas mudando o tempo todo. A casa tinha atrações de circo como malabaristas, engolidores de fogo e trapezistas. Era difícil competir com aquilo, a menos que eu jogasse querosene nas baquetas e ateasse fogo nelas.

O verão de 1967 estava sendo chamado de o Verão do Amor. Mas minha namorada estava longe, e minha banda estava separada. Nenhuma dessas coisas mudava o que eu amava: a bateria. Eu tinha muito tempo livre para me concentrar em aprender mais e melhorar. Havia uma quantidade enorme de rock novo e interessante surgindo literalmente todo dia. E a música estava mudando tão rápido quanto as telas do Electric Circus.

The Jimi Hendrix Experience com Jimi Hendrix na guitarra era diferente de tudo o que qualquer pessoa já tivesse ouvido. Jimi empolgava as pessoas com seu visual selvagem e tocando guitarra nas costas e com os dentes. No Monterey Pop Festival, na Califórnia, ele ateou fogo à guitarra como se estivesse fazendo um sacrifício. Mas se você fechasse os olhos e apenas ouvisse, a força real da música surgia. Era blues, rock e soul reinventados, levados aos limites absolutos e além até serem transformados quase em um novo tipo de música. A guitarra era uma arma ou uma varinha mágica tanto quanto um instrumento. Esse sujeito era tão bom que os Beatles e os Rolling Stones eram seus maiores fãs.

Mas eu estava ouvindo a bateria tanto quanto a guitarra. Talvez até mais. Mitch Mitchell, um inglês branco, tocava com a mão delicada de um baterista de jazz negro americano, mas oferecia uma base sólida para a força da guitarra gritante de Jimi. Mitchell aplicava seu toque suave e preenchimentos de contratempo para destacar a guitarra sexual de Jimi

em vez de competir com ela. Ouvir isso com cuidado durante o verão e descobrir novos elementos e detalhes foi uma ótima experiência para mim.

O Cream era outra banda de três instrumentos – um *power trio* – agraciando as ondas do rádio. Eric Clapton tinha fortes origens no blues com os Yardbirds e os John Mayall's Bluesbreakers. Mas, com o Cream, era blues, jazz e heavy rock criando canções memoráveis com um fraseado ótimo e sempre algumas surpresas sutis quando se ouvia uma segunda, terceira e quarta vezes. Meus ouvidos estavam no baterista, Ginger Baker, que era uma perna de fato naquele tripé. Baker tocava bateria como um instrumento completo, com todas as peças envolvidas. Nunca dava a ideia de estar apenas mantendo o tempo, ainda que com certeza ele também estivesse fazendo isso.

Enquanto isso, os Beatles se reinventavam de novo, daquela vez com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, um disco que não era uma coleção de canções, e sim um álbum conceitual que contava várias histórias sobre lidar com a vida cotidiana. Com tanta orquestração e tantos arranjos complexos, estava claro que a banda tinha ido além do rock'n'roll. Os Beatles pararam de se apresentar ao vivo, e você se perguntava se um álbum como *Sgt. Pepper* podia ser tocado ao vivo. A bateria de Ringo estava ali, mas mais como parte de um arranjo de percussão. Até os Beach Boys, famosos pelas canções impecáveis sobre amor e surfe, tinham lançado um álbum conceitual experimental mas muito bem-sucedido chamado *Pet Sounds*.

Na Costa Oeste dos Estados Unidos, em San Francisco, outra cena estava emergindo. Bandas como The Grateful Dead, Jefferson Airplane e Quicksilver Messenger Service estavam fazendo shows gratuitos na rua, onde LSD era distribuído, e jovens, usando togas e flores, dançavam como se fossem sonâmbulos em um balé. Qualquer canção podia durar meia hora, e a música revelava guitarras base esquisitas e solos de bateria amorfos. A questão para pelo menos algumas daquelas músicas parecia ser aumentar o efeito das drogas, e não criar uma canção memorável por conta própria.

Toda essa cena musical de San Francisco não era a minha praia. Havia músicas boas aqui e ali, mas, na minha opinião, as bandas inglesas eram muito superiores em termos musicais. Eu não entendia como alguém podia colocar LSD ou qualquer outra porcaria alucinógena no corpo e

correr o risco de um colapso nervoso, dano cerebral ou suicídio. Experimentei LSD uma vez e quis parar a menos da metade da "viagem". Uma cerveja, uma dose de uísque ou até um baseado cumpriam seu propósito: soltar um pouco a pessoa e fazê-la ir além de simplesmente pensar no que quer que a estivesse incomodando naquele dia. Alucinógenos transformavam você em outra pessoa.

Do que eu gostava na cena de San Francisco eram as convicções políticas. Às vezes era difícil diferenciar os hippies que iam a shows dos hippies protestando contra a Guerra do Vietnã. Com as roupas e o cabelo naquele estilo maluco antimilitar, eles protestavam contra a guerra apenas vivendo a vida, mesmo que não estivessem de fato participando de uma manifestação ou de um *sit-in*.

Eu realmente acreditava que os Estados Unidos estavam no caminho errado por se envolver com uma horrível guerra civil do outro lado do mundo enquanto milhões de pessoas em casa viviam na pobreza. Como meu pai dizia, a Guerra do Vietnã estava sendo lutada pelos americanos mais pobres, que não podiam se livrar do recrutamento militar indo para a faculdade ou contratando advogado. No fim das contas, perdendo ou ganhando, os soldados americanos que tivessem sorte o bastante para voltar para casa ainda enfrentavam a mesma pobreza, falta de educação e discriminação. Muitos milhares, claro, não voltaram.

Os hippies de San Francisco – e de toda parte – acreditavam fortemente no movimento de direitos humanos. Mas esse movimento era liderado, em grande parte, pelo dr. Martin Luther King Jr., um ministro batista que organizava marchas de protesto e falava por todos os Estados Unidos. A luta por direitos iguais para os negros americanos datava dos anos 1800 e, de certa forma, tinha pouco a ver com os hippies. O fato era que havia tanta inquietação fervilhando ao mesmo tempo, que qualquer um que se posicionasse contra o *establishment* parecia estar do mesmo lado. O amor pela liberdade dos hippies era basicamente sobre sua própria liberdade.

No Brooklyn, dava para ver as mudanças de estilo, mas isso dependia de para quem você estava olhando. Minissaias, calças boca de sino e símbolos da paz estavam por toda parte, ainda que definitivamente não em todo mundo. Os *greasers* estavam morrendo aos poucos, mas lutando até o último suspiro. No Brooklyn, eram conhecidos como *hitters*. Eram garotos durões, alguns deles membros de gangues, que usavam

camisetas e penteados "rabo de pato", ou *duck's ass*. Às vezes eles usavam jaqueta de couro e em geral copiavam o estilo de Elvis ou James Dean. No verão de 1967, muitos deles se apegavam àquela moda enquanto outros gradualmente se metamorfoseavam, deixando o cabelo crescer um pouco mais, com costeletas e acrescentando um pouco de cor ao guarda-roupa. Em termos musicais, talvez continuassem ouvindo Elvis, mas também estavam migrando na direção de bandas mais modernas e interessantes, como Beach Boys, The Four Seasons, Jay and the Americans ou The Righteous Brothers. Às vezes, deixavam uma gíria hippie escapar: "joia", "transa", "curtir".

Eu não era um *greaser*. E definitivamente não era hippie. Atualizei meu estilo de um jeito que pareceu confortável. Os ternos dos Beatles desapareceram. Comecei a usar jaqueta de couro e calça jeans. Deixei o cabelo crescer um pouco mais.

Em setembro de 1967, comecei a estudar na Erasmus Hall High School em Flatbush. Originalmente, a Erasmus era um colégio particular, e uma das escolas de ensino médio mais antigas do estado de Nova York. Aliás, o prédio parecia pertencer a outra era, com sua arquitetura georgiana velho mundo e um pátio cercado pelos quatro lados. A Erasmus tinha mais do que sua parcela de ex-alunos famosos: Barbra Streisand, Mae West, o ator Eli Wallach, o cantor e compositor Neil Diamond e o campeão mundial de xadrez Bobby Fischer, que abandonou a escola em 1960.

Eu não queria sair de lá depois de ter acabado de chegar, mas havia muito chão entre a Erasmus e a área da Ditmas. Nós morávamos no que era conhecido como zona das duas tarifas, o que significava que era preciso pegar um ônibus, descer e então pegar outro ônibus para chegar à escola. Depois tinha de voltar para casa no fim do dia, todo santo dia. Algumas manhãs eu encontrava meu amigo e antigo baixista do Uncles Kenny Aaronson, e fazíamos a viagem juntos. Sempre tínhamos assunto, e um dos principais era música. Os ônibus em geral estavam cheios, e uma manhã um deles estava tão lotado que fizemos o trajeto pela Flatbush Avenue no para-choque traseiro. Usamos os quinze centavos que cada um economizou da tarifa para comprar uma fatia de pizza e decidimos que valia a pena fazer de novo.

Kenny parecia odiar a escola ainda mais do que eu, nossa aversão nos dava mais uma grande coisa em comum. Ele comentou que talvez fosse

acabar sendo educado em casa. Pareceu ótimo, mas de jeito nenhum meus pais aceitariam aquilo.

Meus problemas eram quase tão antigos quanto a Erasmus. Minha visão nunca foi muito boa, e as velhas luzes incandescentes das salas de aula só pioraram as coisas. As letras escritas com giz no quadro-negro nunca pareciam claras e nítidas de fato, e não ajudava o fato de eu em geral sentar no fundo. Eu não queria ser reprovado. Eu tentava prestar atenção à aula, em especial em uma disciplina como espanhol, que podia ser bem útil em uma cidade multilíngue como Nova York. Mas a professora me expôs quando revelou os resultados de um teste para a classe toda:

– Marc Bell. *Muy estúpido*. A nota mais baixa da sala. A nota mais baixa da Erasmus. *Nada!* Zero. Parabéns.

Em pouco tempo, eu estava ficando depois da aula para recuperar o trabalho das disciplinas em que eu ia mal. Em geral, eu não saía do campus até escurecer. A escola era como um círculo vicioso. Durante o dia, eu ficava entediado, e tudo em que conseguia pensar era estar em outro lugar – ou tocando bateria ou com Alyson. Quanto mais eu pensava em estar em outro lugar, mais tempo tinha que ficar lá depois da aula, e quanto mais tempo eu passava lá depois da aula, menos tempo tinha para estar em qualquer outro lugar.

No fim das contas, comecei a cabular as aulas. Eu costumava sair na hora do almoço e não voltar. Meu destino favorito era um estúdio de ensaio da região. Os músicos que tocavam lá estavam uns dois níveis acima de mim. Era muito melhor que passar a tarde entediado sob as luzes antigas, mas não durou muito. Meus pais descobriram. Mesmo que não tivessem descoberto, teriam percebido que alguma coisa não estava certa quando meu boletim revelasse que eu estava indo mal em todas as matérias.

Em 4 de abril de 1968, Martin Luther King Jr. foi assassinado por um atirador em Memphis. Como o dr. King era amado por tantas pessoas, e seu estilo de protesto era sempre não violento, no momento em que ele morreu, muita raiva emergiu. Para os negros dos Estados Unidos, parecia que as tentativas pacíficas de obter igualdade e liberdade tinham fracassado e estavam fadadas a fracassar de novo. Naquela mesma noite, tumultos começaram em Washington, Baltimore, Chicago, Kansas City e em outras grandes cidades. Em Nova York, o prefeito John Lindsay fez um

discurso no Harlem e prometeu manter seu compromisso de lutar contra a pobreza e a discriminação. Essa pode ter sido a razão para não ter havido nenhum grande tumulto em Nova York.

Na manhã seguinte, na escola, alguém jogou uma bomba de fumaça no sistema de ventilação, o que disparou o alarme de incêndio. Quando todo mundo foi evacuado, os estudantes negros ficaram do lado da escola da Flatbush Avenue, enquanto os brancos e outros grupos se reuniram do outro lado da avenida. Todo mundo prendeu a respiração para ver se alguma briga ia começar. Depois de um tempo, pareceu que o perigo tinha passado. Os alunos negros precisavam demonstrar sua solidariedade, e foi o que fizeram. Eu pensei: *Mais poder para eles*.

Apesar de não ficar à vontade na aula, eu ficava à vontade com os estudantes negros. O pária em mim se identificava com eles, mesmo que eu estivesse me enganando ao achar que entendia como era a vida desses garotos. Mas em 5 de abril de 1968, essa circunstância da minha vida era uma vantagem. Eu estava preocupado com a situação na Erasmus, mas independente do que poderia acontecer, eu não estava com medo.

Eu tinha um amigo chamado Bruce que tocava teclado. Eu não estava matando aula tanto quanto antes, mas ia para Manhattan sempre que podia. Tínhamos um amigo mais velho que tinha um Oldsmobile Cutlass 1967 e nos dava carona às vezes. Quando não tínhamos carona, pegávamos o trem D, que atravessava Greenwich Village. Tínhamos um amigo chamado Charlie que era porteiro no Fillmore East. O Fillmore East era a versão do promotor de rock Bill Graham para o Fillmore Auditorium de San Francisco. Graham levava tanto os maiores artistas quanto os emergentes para se apresentar em um e depois atravessar o país para tocar no outro. Os dois costumavam lotar.

Tínhamos uma relação incrível com Charlie. Depois que as bandas terminavam a passagem de som no fim da tarde, ele nos colocava para dentro pela porta dos fundos. Conseguir ver Iron Butterfly, Led Zeppelin, Buddy Guy e Jethro Tull de graça – em vez de pagar de três a cinco dólares – teria sido mais do que suficiente para nós. Mas algumas vezes Charlie nos deixava ir um nível além.

– Tem certeza? – perguntamos.

– Tenho. Dane-se, vão em frente.

Então subimos ao palco, assumimos nossos lugares e tocamos com o equipamento da banda de abertura. Sem ninguém no Fillmore para nos ouvir, éramos como árvores caindo na floresta. Mas nós conseguíamos ouvir. E era alto. Não alto demais, porque não queríamos pagar por um cone de alto-falante estourado nem que um *roadie* com uma tatuagem dos Hells Angels viesse atrás de nós. Mas tocamos alto o bastante para sentir o poder de estar no palco de uma casa de shows grande. Pensei: *Em umas duas horas, John Bonham do Led Zeppelin vai estar sentado neste mesmo lugar, castigando o bumbo, fazendo viradas monstro e criando uma enorme parede de som*. Eu não devia estar sentado ali, mas estava, e estava adorando; aquilo era rock'n'roll.

Normalmente havia um show às oito e um segundo show às onze. Ambos tinham dois sets de duração. As apresentações costumavam ser incríveis. Primeiro, quer ele estivesse lá ou não, em uma noite qualquer você estava tocando para Bill Graham, um executivo influente que podia marcar shows muito além de suas próprias casas. Segundo, o público de Nova York conhecia música. Em geral eles não usavam colares de conta nem tomavam ácido como as plateias em San Francisco, mas tinham crescido indo a shows que datavam dos cafés dos *beatniks* e dos clubes de jazz. Ou eram garotos que ouviam rádio dia e noite e compravam discos com qualquer dinheiro que arranjassem. Se você conseguisse arrebatar essas pessoas, podia sentir orgulho da sua banda.

Num dia de semana em que eu de fato estava na escola, estava entediado como sempre e olhando pela janela. Ali, andando pela Flatbush Avenue, vi Bruce com Alyson. Meu primeiro pensamento não foi bom, mas deixei passar.

Alguns dias depois, quando estava saindo do prédio, vi os dois juntos de novo, dessa vez de braço dado. Perguntei sem rodeio o que estava acontecendo, e Bruce respondeu:

– Ela é minha namorada agora.

Fiquei chocado – não só por aquilo estar acontecendo, mas pela maneira direta como Bruce desferiu o golpe. Por um instante fiquei enojado. Mas um segundo depois eu estava só furioso, então dei um soco na boca dele.

Ele revidou com um gancho de direita, e começamos a brigar bem na frente da Erasmus. Havia uma delegacia de polícia virando a esquina, e

dois policiais que patrulhavam a escola separaram a briga, mas não antes de eu acertar uns dois bons golpes.

Por alguma razão qualquer, os policiais deixaram Bruce ir, mas me arrastaram para a sala do diretor Gallo. Um dos professores durões de Educação Física estava lá. Achei que fosse ouvir um sermão sobre brigas e sobre as normas da escola, como se as regras da escola pudessem fazer alguma diferença no momento em que seu melhor amigo rouba sua namorada. O que quer que fosse, imaginei que, se ficasse ali sentado e deixasse passar, acabaria em alguns minutos, e eu poderia ir embora.

Eu estava errado. O policial mais alto me disse para levantar. Levantei. Ele me disse para abaixar a calça até o tornozelo. Hesitei, mas fiz isso também. Em seguida abaixei a cueca. Depois tirei a camisa. Foi como ficar pelado diante de um auditório lotado. Mas era pior. Aqueles dois eram um ex-marinheiro e um ex-fuzileiro naval. Tinham quase quarenta e se sentiam ameaçados pela minha geração: nossa aparência, nosso comportamento e como não aceitávamos suas regras. A verdade era que eu tinha experimentado maconha algumas vezes, e só. E não só não gostava de LSD, como não tinha dinheiro para isso. Mas achavam que, quanto mais comprido fosse seu cabelo, mais drogas você usava; quanto mais drogas usasse, mais motivos teria para acabar com eles, com sua cultura e sua identidade. Senti aquele olhar intenso na pele.

O policial mais baixo revirou minha mochila e depois revistou meus bolsos. Nada. Ele veio até mim, passou a mão no meu cabelo e o balançou. Nada. Depois me disse para abrir a boca e olhou dentro como se fosse um dentista de esquadrão antinarcóticos. Ajoelhou e revirou os bolsos da minha calça. A mão dele passou pela parte interna da batata da minha perna. Pensei em dar um soco nele. Mas não era Maudie na loja de doces, e essa seria a última coisa que eu faria por um bom tempo como um homem livre.

Imaginei que não houvesse mais onde revistar, mas eu estava errado sobre isso também. O policial mais baixo me mandou virar e abrir as bochechas. Sim, essas bochechas. Coloquei uma mão em cada e abri. Eu não sabia quando aquilo ia acabar nem a que ponto ia chegar. Mas nada caiu da minha bunda, e ouvi um dos policiais me mandar levantar a calça.

Quando contei ao meu pai naquela noite que tinha sido revistado, ele teve um ataque. Omiti alguns detalhes porque não queria que ele fosse condenado por homicídio culposo. No dia seguinte, não fui de ônibus

para a escola. Fui de carro com meu pai e os dois irmãos dele. Meu tio Ronnie era oito anos mais novo que meu pai. O tio Johnny era o filho temporão e tinha só cinco anos a mais que eu. Os dois eram proletários durões, especialmente o tio Johnny. Uma época, ele fez parte de uma gangue e ainda era um *greaser* de verdade. A única coisa que teria lhe dado mais prazer do que arrebentar um professor seria arrebentar um policial.

Meu pai foi o único que falou. O diretor e o professor de Educação Física estavam na mesma sala onde, no dia anterior, tinham me tratado pior que um rato de laboratório, e agora parecia que queriam se esconder em algum lugar. Seus ombros estavam caídos. Os dois mal conseguiam fazer contato visual com meu pai, que não era um sujeito agressivo nem violento, mas guardava a raiva para as poucas vezes em que era necessário. Meu pai disse que teria dificuldade em perdoá-los por sujeitar seu filho àquele tipo de humilhação. Que aquilo era doentio, imoral e totalmente ilegal. E que, se aquilo acontecesse de novo, ele e os irmãos levariam os dois para a entrada da escola e os fariam servir de exemplo.

Dava para ver meu tio Johnny torcendo por um movimento em falso ou uma palavra errada, mas o diretor pediu desculpas. Ele explicou que a escola estava sendo infestada por incidentes com drogas e estavam tentando zelar pelo bem-estar da escola inteira. O professor de Educação Física acrescentou que estavam muito errados sobre Marc e que aquilo nunca mais ia acontecer.

– Espero que nem com ele – disse meu pai. – *Nem com ninguém*.

Fiquei grato pelo que ele fez, mas ver meu pai e meus tios comprando as minhas brigas não fez maravilhas pelo meu ago. Nem perder minha namorada, especialmente daquele jeito. Fiquei arrasado. Parte de mim de fato pensava que Alyson e eu ficaríamos juntos para sempre, então pareceu o que resto da minha vida estava arruinado. Mas outra parte dizia que eu teria mais tempo para a música. Pelo menos, era o que eu esperava.

***

No décimo ano, eu estava frequentando a escola noturna para não repetir. Se não fosse bem no noturno, teria de fazer recuperação durante o verão para chegar ao décimo primeiro ano. Eu tinha menos tempo livre do que antes, e ir ao Fillmore East estava fora de cogitação. Foi quando comecei a frequentar muito a Parkside.

A Parkside era uma pequena praça na entrada sudeste do Prospect Park no Brooklyn, no cruzamento da Ocean Avenue com a Parkside Avenue. A entrada da estação de metrô Parkside ficava do outro lado da rua. Na entrada do parque havia uma grande área para sentar com dois grandes toldos e colunas de alvenaria. Com o tempo, o lugar se tornou um ponto de encontro para músicos e amantes de música. Eu tinha ido até lá algumas vezes no nono ano.

Nas noites quentes de fim de semana, não era incomum ver setenta, oitenta ou até mais pessoas ali. Algumas traziam violões e faziam *jam sessions* espontâneas. Outras apenas falavam sobre música. Versões acústicas de canções de Jimi Hendrix, Cream, The Who e Led Zeppelin enchiam o ar. Era uma cantoria improvisada. A maior parte dos garotos usava camisa com estampa de *tie-dye* e calça jeans boca de sino.

Maconha, cerveja, vinho tinto e LSD também transitavam como se tivessem vontade própria. Se você estivesse chapado num nível além do casual, era uma boa ideia se aventurar pelo parque para evitar os policiais patrulhando. Havia um lago a uns noventa metros da entrada. Alguns garotos muito chapados apenas desapareciam noite adentro.

No décimo ano eu estava tocando com regularidade com dois garotos que conheci na Parkside. Scott Fine tinha mais ou menos a minha idade e era um ótimo baixista. Scott se vestia de um jeito simples: jeans e camiseta. O outro, guitarrista e vocalista, era Velvert Turner. Velvert tinha um estilo exagerado: calça de veludo, camisas com estampa *paisley*, colete e um chapéu enorme com um lenço colorido ao redor dele. Havia um burburinho ao redor de Velvert, mas não por causa de suas habilidades musicais nem de seu guarda-roupa. Ele era amigo e protegido de Jimi Hendrix.

De acordo com a lenda, Hendrix estava ensinando a Velvert tudo o que sabia sobre guitarra e sobre música em geral. Supostamente, Velvert até frequentava o apartamento de Jimi na West Twelfth Street no Village. Negro alto e magro, com um grande penteado afro, Velvert fazia jus ao papel. Por ser o "irmãozinho" do guitarrista que todo mundo venerava,

ele era um deus. Ninguém diria que Velvert tinha só uns anos a menos que eu.

Nessa época, ele não era um grande guitarrista; Scott era melhor. Nós três nos juntávamos de tempos em tempos num estúdio de ensaio chamado Baggie's perto da Canal Street em Chinatown. Velvert chegava todo paramentado à moda de Hendrix, incluindo a Fender Stratocaster branca. Mas a Strat não soava como a de Hendrix. Era provável que nenhuma outra Strat soasse, e Velvert parecia preocupado com a aparência acima de tudo, como se precisasse de um espelho de corpo inteiro na sala de ensaio. Eu acompanhava o baixo de Scott, deixando Velvert livre para fazer o que quer que ele fizesse por cima da seção rítmica. Não éramos uma banda de verdade. Não tínhamos nome. O objetivo era beber um pouco de cerveja, fumar um pouco de maconha e se divertir.

Uma noite nós três fomos para uma casa noturna chamada Salvation na Sheridan Square no West Village. Hendrix tinha tocado ali quase como um desconhecido uns dois anos antes. Agora uma celebridade, ele frequentava o lugar e tinha convidado Velvert para encontrá-lo lá. A Salvation tinha reputação de ponto de encontro gay e dizia-se que era administrada pela máfia. Então basicamente não havia nada que você não pudesse encontrar lá.

O interior era todo vermelho, como os olhos da maioria dos clientes. A pista era circular, com assentos cercando-a completamente. Velvert nos levou até uma grande mesa redonda onde três sujeitos estavam bebendo e fumando: Jimi Hendrix, Buddy Miles e Jim Morrison. Eu nunca tinha sentado à mesa com uma celebridade antes, e lá estava eu com os três.

Jimi estava no seu ambiente. A banda The Jimi Hendrix Experience tinha se separado, e Buddy Miles era o novo baterista. Miles, com apenas vinte e três anos, havia sido um menino prodígio; sua tia o tinha apelidado em homenagem a seu ídolo, Buddy Rich, talvez o melhor baterista de jazz que caminhou sobre a Terra. Miles tinha conhecido Hendrix entre o começo e meados dos anos 1960, quando ambos eram músicos acompanhantes de diversas lendas do blues e do R&B. Hendrix ainda devia um álbum à gravadora e, com Miles e o baixista Billy Cox, estava trabalhando num projeto ao vivo chamado *Band of Gypsys*.

Jim Morrison não era só o vocalista e o poeta da banda de Los Angeles The Doors. Ele era um ícone cultural e um encrenqueiro que

gostava de provocar o público. O Doors produzia discos que misturavam rock, blues, jazz e o surreal em canções que de fato tocavam muito no rádio. Mas nunca dava para saber o que Jim ia fazer no palco. Num minuto ele estava se contorcendo no chão e no outro estava interrompendo o show no meio de uma música para ver quanto tempo a plateia demoraria a se rebelar. Na Salvation, sua bebida era Jack Daniel's, e Jim bebia uma dose seguida de outra. Ele estava inchado e parecendo meio gordo.

Senti e observei o entorno. Eu não tinha muito a dizer. Fiquei prestando atenção e ouvindo a conversa deles sobre tal música, tal garota e algum tipo de maconha. Achei estranho que um por um eles ficassem levantando e indo para o banheiro. Depois de umas duas cervejas, também levantei e fui – porque precisava ir. Ali no banheiro masculino estava Buddy Miles perto da pia me oferecendo um tiro de cocaína. Recusei e o vi cheirar duas carreiras antes de voltarmos para a mesa. Fui embora por volta de uma da madrugada, e parecia que Jimi e os amigos estavam apenas começando.

No dia seguinte, na aula, contei aos meus amigos aonde tinha ido e com quem tinha estado. Eles meio que acreditaram no onde. Já sobre o quem, acharam que eu estava mentindo, viajando, ou as duas coisas.

O verão de 1969 ficou famoso pela chegada dos astronautas da *Apollo 11* à Lua e pela chegada de meio milhão de jovens à fazenda de Max Yasgur no norte do estado de Nova York para fazer parte do fenômeno conhecido como festival de Woodstock.

Passei a maior parte dessa temporada num curso de verão. Mas eu ia para a Parkside sempre que podia. Os ensaios com Velvert e Scott tinham diminuído, mas eu estava me envolvendo com coisas novas. A conversa da Parkside naquele verão era sobre uma banda chamada Dust. As bandas costumavam tocar *covers*, mas o Dust compunha e tocava canções originais. Eram uma banda de heavy-rock ao estilo do Cream mas com um toque mais obscuro. As músicas do Dust em geral eram mais rápidas, e as letras, mais sombrias.

O Dust era Gary Woods nos vocais, Richie Wise na guitarra e nos vocais, Anthony LaTorre na bateria e meu velho amigo e companheiro de banda do Uncles, Kenny Aaronson, no baixo. Anthony também era amigo meu. Nós matávamos aula para ir ao apartamento dele tocar bateria. Ele tinha uma bateria com dois bumbos como a de Ginger Baker. O Dust

também tinha uma coisa que nenhuma outra banda local tinha: um empresário. Kenny Kerner não era só um sujeito que frequentava Parkside. Ele trabalhava na revista da indústria fonográfica *Cashbox*. E ele, junto com Richie Wise, escrevia as letras. Todo mundo achava que o Dust ia chegar a algum lugar.

A Parkside era como um clube sem regras. Éramos todos amigos e, às vezes, percorríamos a cidade como um grupo de músicos famintos. Por quinze centavos, eu, os membros do Dust e alguns outros adorávamos pegar o metrô até a Forty-Eighth Street em Manhattan. Entre a Sixth Avenue e a Seventh Avenue havia cerca de uma dúzia de lojas de música, uma depois da outra: Manny's, Sam Ash, Alex Musical Instruments, We Buy Guitars. Era como se tivéssemos morrido e ido para o paraíso do rock. Ficávamos olhando para o equipamento novo nas vitrines tentando não babar. Eram baterias da Ludwig, Slingerland, Rogers; amplificadores da Vox, Ampeg; guitarras da Fender, Gibson, Hagstrom. Havia instrumentos suficientes naquelas duas quadras para equipar todas as bandas da América do Norte.

Quando você entrava em qualquer uma daquelas lojas, em geral ouvia meia dúzia de sujeitos sentados experimentando uma guitarra ou um baixo e tocando sem parar o *riff* que curtiam. Os melhores músicos tocavam vários *riffs* e faziam um minishow. Os gerentes das lojas eram legais. Eles deixavam o barulho todo acontecer ao mesmo tempo, mesmo que ninguém fosse comprar nada de fato. Era parte do que tornava a Forty-Eighth Street especial.

De lá, costumávamos ir comer um cachorro-quente completo de um dos carrinhos de rua e depois subíamos para ver um show no RKO 58th Street Theatre. Esses shows eram apresentados por Murray "The K".

Mas os shows que ele organizava no RKO eram fantásticos. Em geral começavam às dez ou onze da manhã e duravam o dia todo. Até doze bandas estavam na programação, com concursos de dança entre os sets. Algumas estavam ali porque tinham um sucesso no rádio. Outras eram mais estabelecidas. Uma vez, na Páscoa de 1967, o Cream e o Who tocaram na mesma data, um seguido do outro. Eu não tinha nem quinze anos na época, e fiquei na plateia em choque. As duas bandas estavam fazendo sua estreia nos Estados Unidos. Cada uma só tocou três músicas e saiu do palco.

Mas foi o suficiente para mudar minha vida. Ginger Baker, do Cream, e Keith Moon, do Who, me ensinaram em alguns poucos minutos os limites de aonde a bateria podia chegar. Sempre que voltava para o RKO, assim como meus amigos, eu ficava até o último show. Você nunca sabia quando ia encontrar o próximo Ginger Baker ou Keith Moon.

Um dia eu estava tocando bateria em nosso apartamento na Ditmas Avenue quando minha mãe entrou no quarto para dizer que havia uma ligação para mim. Se você alguma vez tentou avisar um baterista que está tocando bateria para atender ao telefone, boa sorte. Mas essa ligação foi uma sorte para mim. Era Kenny Kerner, explicando que Richie Wise achava que a bateria de Anthony LaTorre não estava dando certo. Kenny perguntou se eu estava interessado em fazer um teste, e eu disse sim.

Ainda que Anthony fosse um amigo, eu não me senti péssimo sobre talvez ocupar o lugar dele. Se você estivesse em uma banda esperando chegar a algum lugar, precisava do melhor músico disponível em cada instrumento. Havia exceções, mas raramente na bateria. Quando você ouvia uma banda, e a bateria não estava à altura, mesmo que não entendesse de música, dava para ver que alguma coisa estava faltando: animação, profissionalismo – alguma coisa. Não dava para esconder.

O outro elemento que me empolgava no teste era a oportunidade de tocar música original. Por mais que gostasse de tocar canções de Hendrix, Cream e The Who, eu precisava crescer, e uma ótima maneira de crescer era ter de inventar suas próprias partes enquanto tentava me encaixar no som de modo geral. Não era automático para todo mundo.

O teste foi um desafio. As músicas do Dust tinham muitas partes e transições. Uma das que eu teria de tocar, "Chasin' Ladies", era um bom exemplo. Havia muitas mudanças de tempo, tempos triplos, quádruplos e batidas duplas, tudo em cerca de quatro minutos. A bateria precisava ser perfeita e poderosa o suficiente para se destacar em meio a todo o peso do resto da música e sem se sobrepor a ela. Havia partes em que a bateria era como um instrumento principal, e outras em que ela servia de apoio para o baixo, a guitarra e os vocais. O baterista precisava passear por todas essas fases de modo fluido. Mas eu tinha a vantagem de conhecer as músicas por causa dos shows e de ter ensaiado muito de modo geral. Achei que fui bem.

Kenny Kerner ligou no dia seguinte e me pediu para entrar na banda. Eu precisava aprender o resto das músicas rápido porque teríamos um show no fim de semana seguinte. Achei que, de modo geral, o som estava bom, mas, uns dois dias depois, Kenny Kerner me contou que Gary Woods foi convidado a sair da banda. Fazia sentido para mim. Richie Wise tinha uma voz ótima, podia fazer qualquer coisa enquanto tocava guitarra, e era coautor das músicas. Então o Dust se tornou um *power trio* ao estilo do Cream, do Grand Funk Railroad e do Blue Cheer.

Fizemos alguns shows no Flatbush Terrace, um salão particular que alugávamos, virando a esquina do Brooklyn College, onde minha mãe trabalhava. Nós tocávamos tão alto que provavelmente ela conseguia ouvir de sua sala. Talvez a coisa mais empolgante sobre esses primeiros shows como um trio tenha sido que estivéssemos muito mais afiados musicalmente. Dava para ouvir uma diferença definitiva de uma apresentação para a outra. Os ensaios eram obrigatórios, mas quando se sabe, individualmente e como parte da banda, que não se tem a opção de parar e voltar para uma determinada parte, é preciso estar à altura.

Scott Muni era um locutor popular com uma voz distinta e profunda que podia ser ouvido todo dia na WNEW-FM, outra estação de rádio de Nova York que dava o tom do rock progressivo para o resto do país. Quando Scott perguntou a Kenny Kerner se o Dust faria um show de graça para a WNEW na Prospect Park Bandshell, foi como ser indicado a um Grammy e ter uma festa de volta às aulas ao mesmo tempo. A concha acústica ficava no parque a uma caminhada curta da nossa base, Parkside.

A Prospect Park Bandshell foi construída em 1939 e tinha um design pós-moderno de ficção científica: uma concha de concreto branco dentro de uma concha, dentro de outra concha. No centro de tudo estávamos nós três, prontos para tocar para uns dois mil moradores do Brooklyn. Até onde sabíamos, aquilo era o pico da montanha. Meu irmão tinha um grande amigo com uma câmera Super 8. Ficou a algumas fileiras de distância aumentando e diminuindo o zoom enquanto fazíamos a passagem do som. O filme era colorido, mas a câmera, silenciosa. Tudo bem. Nós sabíamos como eram as músicas, e ia ser emocionante ter um registro visual desse grande evento e ver como ficávamos tocando.

Minha bateria era básica: bumbo, surdo, caixa, prato de ataque, chimbal. Eu não precisava de mais nada. Todas as partes estavam

pintadas de vermelho. Eu estava com um colete sem mangas, sem camisa. Meu cabelo estava bem comprido, voando por toda parte quando eu fazia um rufo longo. Kenny Aaronson e Richie Wise também tinham cabelo comprido. Era incrível como "comprido" tinha se tornado "não comprido o suficiente" no espaço de apenas dois ou três anos.

Tocamos por cerca de meia hora, e foi ótimo. Não tive nenhum problema de tocar para tanta gente. Eu estava totalmente envolvido com a bateria e com o que estava fazendo. Não tive muita chance de parar e olhar em volta. A música foi desafiadora a esse ponto. Mas quando consegui reparar no entorno, o que ouvi foi a banda rapidamente ganhando corpo.

Eu conhecia Kenny Aaronson fazia anos e sempre respeitei sua habilidade de acompanhar o ritmo no baixo. Mas, em algum momento do caminho – talvez só nas semanas mais recentes –, ele começou a fazer solos no baixo. Às vezes eu achava que estava ouvindo John Entwistle, do Who. Era preciso ter talento para preencher todos aqueles espaços vazios em uma banda de três instrumentos com bom gosto, sem sufocar a música. Era preciso ter outra coisa também: confiança. Essa confiança estava se desenvolvendo bem diante dos nossos olhos e ouvidos.

Quanto a Richie Wise, ele tinha dezoito anos, mas podia ter vinte e oito. Dava para ver que o que eu estava tentando fazer na bateria – beber da fonte dos melhores que estavam por aí e me apropriar disso – Richie estava conseguindo com sucesso fazer na guitarra. Quando você fechava os olhos, dava para ouvir um lamento de Jimi Hendrix, um compasso de Jimmy Page, um arpejo com toque de blues de Eric Clapton, um acorde poderoso de Pete Townshend. E ele fazia tudo isso enquanto cantava um tom levemente acima de Mark Farner, do Grand Funk Railroad. Fazer qualquer um dos dois era um triunfo. Fazer os dois era um milagre.

Depois da Prospect Park Bandshell, Kenny Kerner marcou vários outros shows em diferentes lugares no Village, em casas que incluíam o Cafe Au Go-Go e o Cafe Wha? Eram shows obviamente menores em termos de tamanho da plateia, mas, de alguma forma, ainda mais importantes. Esses lugares eram onde tudo estava acontecendo. O Cafe Wha? era um cantinho surrado que já tinha uma história rica que datava de quando Manny Roth fundou e administrava a casa. Allen Ginsberg estava lendo suas poesias *beatniks* ali em 1959, quando a ideia de um gay falando abertamente sobre sua sexualidade teria feito um americano

médio fugir correndo. No começo dos anos 1960, Bob Dylan tocou sets longos e elaborados no Cafe Wha?, às vezes cantando letras que tinha escrito em um bloco de anotações uma hora antes.

Quanto ao Dust, queríamos escancarar as portas do lugar, que parecia os anos 1960, com luzes pretas e pôsteres psicodélicos que brilhavam no escuro. E tinha o aroma dos anos 1960, com cheiro de maconha saindo de cada fresta do lugar. Mas, musicalmente, estávamos forçando nossa entrada na próxima década.

Ninguém estava forçando a entrada para o show. O lugar estava com mais ou menos metade da lotação. Tudo bem. Fizemos nossa parte com "Stone Woman", "Goin' Easy", "Love Me Hard" e algumas outras canções originais. Na última música, todo mundo estava de pé. Eles amaram "Loose Goose", e fizemos um bis.

Enquanto desmontávamos o equipamento, pessoas da plateia vieram até nós, bateram nas nossas costas, disseram que fomos incríveis e nos ofereceram cerveja, maconha ou o que quiséssemos. Uma delas era John Cummings, que me contou que era um guitarrista de Forest Hills, no Queens. Ele tinha acabado de entrar na casa dos vinte e achou que nós da banda tínhamos mais ou menos a mesma idade. Quando contamos que na verdade tínhamos alguns anos a menos, ele não acreditou. Achou que tocávamos incrivelmente bem. Para completar a noite, recebemos trinta dólares cada um, o que era bastante para um show num clube.

***

Meu avô paterno se aposentou em 1969, e ele e minha avó decidiram que estavam cansados dos invernos frios de Nova York. Quando se mudaram para a Flórida, em vez de vender a casa do Brooklyn, deixaram meus pais se mudarem para lá. O *timing* não poderia ser melhor para mim. O Dust tinha acabado de se formar, e precisávamos de um lugar para ensaiar. Meus pais, como sempre, deram apoio e me disseram que podíamos tocar no porão durante o dia, enquanto estivessem no trabalho.

Nós literalmente nos mudamos para o porão. Ao contrário de um estúdio de ensaio, onde em geral você paga por hora e precisa usar qualquer amplificador e bateria surrados que já estiverem lá, o Dust pôde customizar nossa nova casa. Kenny trouxe dois amplificadores de baixo Acoustic. E ficou mais do que feliz de deixá-los lá, mas às vezes ele preferia levá-los de volta para seu apartamento, que ficava a doze quilômetros dali. Richie levou dois amplificadores Marshall de cem watts. Pete Townshend, do Who, foi o primeiro guitarrista a começar a empilhar Marshalls para criar uma espécie de massa de som. Quase todo mundo fez o mesmo, e empilhar Marshalls se tornou a peça principal do novo som hard rock e motivo de orgulho para bandas em toda parte. Quanto mais, melhor – e mais alto.

No porão, montei tudo o que tinha, disposto à perfeição, para querer passar todas as oportunidades que tivesse lá embaixo, quer o resto da banda estivesse lá ou não. Não era um porão grande, e parte do espaço era ocupado pelo boiler e pelo aquecedor a água. Estávamos espremidos em uma área de seis metros por sete e meio, com equipamento suficiente para tocar em um auditório pequeno. Quando terminávamos de ensaiar, meus ouvidos estavam sempre zumbindo. Uma vez, quando estávamos levando o equipamento de Kenny para cima, notamos uma camada branca sobre o capô do carro dos meus pais, que estava parado na entrada. E nos demos conta de que era o estuque do exterior da casa. Tínhamos tocado tão alto que fizemos a casa cair, literalmente.

Nem sempre tocávamos no volume máximo. Quando compúnhamos material novo, era fundamental conseguir ouvir cada parte com clareza e parar para voltar a algum trecho. Em geral, Richie dedilhava a progressão básica dos acordes em volume baixo e cantava por cima. Se não tivesse escrito a letra, ele inventava qualquer coisa de que precisasse para desenvolver a ideia. Eu apenas tocava a caixa para manter o tempo. Quando havia uma estrutura para a música, Kenny logo acompanhava as mudanças de acorde e entrava com o baixo.

Cada vez que passávamos uma música, havia um pouco mais de detalhe, um pouco mais de sofisticação. Experimentávamos tempos diferentes. Sabíamos que era o certo quando não precisávamos mais pensar nisso. Conforme nossa familiaridade com a composição aumentava, eu acrescentava acentos, e Richie expandia os solos de

guitarra onde fosse necessário. Às vezes levava menos de uma hora para fazer o acabamento completo de uma música. Tínhamos a química.

No fim da primavera de 1970, Kenny Kerner nos disse que a banda estava pronta para ser levada para as gravadoras. Isso significava uma boa fita demo. Não tínhamos muito dinheiro para ir a um estúdio de gravação profissional, então montamos um estúdio no porão. Um amigo nosso, Daffy, nos emprestou sua mesa de mixagem e um gravador de rolo. Tudo foi feito em casa. Kenny Kerner e Richie fizeram as vezes de produtor e engenheiro de som.

Eles colocaram um único microfone no porão para obter um som preliminar. Tocamos nossos instrumentos individualmente e, em seguida, juntos. Kenny e Richie conferiam o som nos fones de ouvido e, a cada vez, moviam o microfone: mais perto do Marshall ou bem longe. Mais perto do bumbo ou de costas para ele. Levou umas duas horas. Quando alguma coisa estava mais perto do microfone, o som ficava mais poderoso, mas também ganhava mais distorção. Kenny e Richie tinham um determinado som em mente e trabalharam bem diante das limitações óbvias.

Kanny apertou o botão "Rec", e tocamos a música. Se parecesse bom, íamos ouvir. Se não, fazíamos outro *take* direto. Se um *take* obviamente não ficasse bom, rebobinávamos a fita. Não havia por que desperdiçar. Quando fazíamos um *take* bom, todo mundo sabia. Mas, às vezes, Kenny Kerner nos fazia gravar mais um, só para o caso de não termos alcançado o "máximo" ainda.

A fita ficou surpreendentemente poderosa considerando que foi feita no porão dos meus avós. Eu esperava receber uma combinação de rejeições junto com talvez alguns comentários do que as gravadoras estavam procurando. Mas Kenny colocou a fita nas mãos de Neil Bogart, da Kama Sutra/Buddah Records, que gostou de verdade do que ouviu. Recebemos uma proposta de contrato para dois álbuns. Eu estava às vésperas de completar dezoito anos.

O selo Kama Sutra tinha iniciado seus trabalhos no começo dos anos 1960 e era conhecido por um som mais leve e por rock chiclete. A Ohio Express, com "Yummy Yummy Yummy", e a 1910 Fruitgum Company, com "Indian Giver", eram típicas da categoria. Mas o selo também tinha bandas ótimas como Lovin' Spoonful. O que o Kama Sutra não tinha era uma única banda de hard rock nem, até aí, nada que tivesse alguma semelhança remota com o Dust. Mas não pensamos muito no assunto. Éramos três garotos do Brooklyn que tinham feito uma fita no porão e conseguido assinar contrato com uma gravadora importante.

Nosso adiantamento foi pequeno para os padrões da indústria fonográfica, mas grande para os padrões de três meninos que queriam comprar, na Forty-Eighth Street, equipamentos pelos quais babavam fazia anos. O dinheiro devia pagar os custos de gravação, mas a banda podia ficar com o dinheiro que sobrasse. Gastamos nosso troco logo de cara.

Richie comprou mais Marshalls, pedais de efeito e guitarras melhores. Kenny comprou mais alguns amplificadores de baixo Acoustic. Quando cheguei à Forty-Eighth Street, eu parecia uma criança numa loja de doces. Comprei uma bateria completa Ludwig nova com um bumbo gigante. John Bonham, do Led Zeppelin, estava usando um bumbo de 66 centímetros de diâmetro, o que ajudava a criar aquela base maciça que parecia uma combinação de tambor de guerra e terremoto. No espírito de estar um passo à frente dos melhores dessa indústria – pelo menos em

termos de equipamento –, eu tinha um bumbo de 71 centímetros de diâmetro feito por encomenda. Para acompanhá-lo, comprei dois surdos de 46 cm por 51 cm, um tom-tom suspenso de 38 por 38 centímetros e um pequeno arsenal de pratos de ataque e chimbal Paiste. Eu estava pronto para tocar com os melhores deles. Mas a casa dos meus avós provavelmente seria declarada zona de desastre.

Também contratamos nossos próprios *roadies* e técnicos de som. Havia amigos do bairro que nos ajudavam a transportar o equipamento de graça, montar tudo para os shows e desmontar. Era um trabalho ingrato, e agora podíamos agradecer. J. R. Smalling era o técnico de guitarra tanto para Richie quanto para Kenny. Ele sabia cuidar do braço e das cordas com perfeição, como se tivesse nascido para isso. Meu técnico de bateria era Max Blatt. A maior parte das pessoas não se dá conta de que uma bateria precisa ser afinada como qualquer outro instrumento, mas é muito mais difícil. Todas as peças precisam soar bem juntas.

Começamos a gravar nosso primeiro álbum em setembro de 1970 no Bell Sound Studios, no 237 da West Fifty-Fourth Street, em Manhattan. Ainda que parecesse que o nome fosse uma homenagem a mim, eu ficava mais à vontade no porão. O prédio era uma antiga estrutura de *loft* industrial. O interior do estúdio era velho e surrado, com piso de madeira arranhado e a pintura descascando no teto.

Uma das primeiras coisas que notei foi a bateria dele, uma Rogers velha, branca e destruída. Com o dedo, batuquei nos tom-tons, que estavam cobertos com algumas tiras de *silver tape*. Pareciam mortos. Por um momento, pensei em levar minha própria bateria feita sob medida – a que eu tinha acabado de comprar com o adiantamento da gravadora. Mas então pensei que as pessoas que administravam o lugar deviam saber o que estavam fazendo, e quem era eu para começar a bagunçar as coisas? Lendas como Ray Charles, Buddy Holly e Del Shannon tinham gravado ali no Bell, e pelo jeito tinha sido bom o bastante para elas.

Com nosso orçamento limitado, usamos Kenny Kerner e Richie Wise como produtores. Harry Yarmark era o engenheiro de som. Ajustei a altura do suporte da bateria e dos pratos, mas foi basicamente isso.

Tínhamos dezesseis pistas que iam para um gravador de rolo Ampex com fita de cinco centímetros de largura. Cinco ou seis microfones ficavam na bateria, dois na guitarra e dois no baixo. Com uma guitarra ou um baixo, um cabo ia direto do instrumento para a mesa, enquanto outro

canal era alimentado pelos microfones. Assim, o engenheiro podia trabalhar com um sinal claro, mais um sinal com muita "sujeira" e sensação de som ao vivo. O equilíbrio entre os dois era ajustado durante a mixagem. Havia também um microfone montado longe dos instrumentos para captar a atmosfera geral da sala.

Logo de início, Harry teve problemas com os volumes de Richie e de Kenny. Ray Charles e Buddy Holly nunca tinham feito nada assim. Claro, eu estava acostumado a ficar parcialmente surdo por uma hora aqui e por um dia ali, mas Harry parecia chocado. Ele disse que precisávamos diminuir o volume. Não estávamos habituados a isso – nem em um clube, nem no porão, nem mesmo no antigo apartamento da Ditmas Avenue.

– Precisamos tocar alto – Richie explicou. – Somos uma banda de hard rock.

Harry disse que podia aumentar o volume depois, quando mixasse as faixas, mas que não podíamos ter tanta distorção no sinal original. Os microfones simplesmente não iam aguentar, e não íamos conseguir trabalhar nisso depois. Houve um pouco de discussão de ambos os lados, e finalmente chegamos a um acordo quanto ao volume que era baixo demais para nós e alto demais para Harry.

As coisas correram melhor quando de fato começamos a gravar. Todo aquele ensaio pagou seus dividendos. Considerando as dezesseis faixas, tínhamos margem para cometer erros, mas não cometemos muitos. Quando fizemos a gravação inicial, como baterista da banda, a maior parte do peso estava nos meus ombros. O foco era obter uma performance de bateria muito precisa do começo ao fim. Na guitarra, no baixo e nos vocais era possível fazer *overdub*, ou sobreposição de som, depois, mas em geral não era o caso para a bateria, que fluía continuamente ao longo da música e era gravada por diversos microfones. Claro, queríamos uma sensação de música tocada ao vivo e não exagerar no uso dos truques de estúdio, então havia um grau de pressão sobre Richie e Kenny também.

Eu também estava muito atento para não acelerar nem desacelerar enquanto tocava uma canção. A tendência a acelerar durante uma apresentação ao vivo era meio que aceitável naquela situação, conforme a banda e a plateia se empolgavam mais. Mas não para um álbum, que é algo durável e deve ser profissional. Mas havia um complicador a mais

para mim: algumas das nossas músicas na verdade deviam aumentar e diminuir o tempo.

Um bom exemplo era "From a Dry Camel", um épico de dez minutos que dava o tom do disco e podia acabar se tornando a faixa-título. "Camel" começava de um jeito sombrio com um gongo enorme e longo soando, seguido de uma introdução de bateria. A composição começava com um tempo clássico de 6/8, depois partia para um ataque supersônico superpesado de 4/4 de três minutos. Não havia metrônomo no mundo para essa música. O metrônomo era *eu*. *Nós* éramos o metrônomo. Eu adorava tocar "Camel" só pelo desafio.

Outra das minhas favoritas era "Love Me Hard". Essa era um rock mais padrão com um fraseado melódico relativamente mais simples. Mas havia muito espaço dentro desse fraseado para percussão e tudo mais que quiséssemos inserir. As transições eram mais uma questão de variação nas frases do que mudanças de tempo, mas essa música ainda assim era um exercício para mim. Eu fazia rufos longos nos dois tom-tons e criava um fio condutor percussivo forte – que estava mais para uma *corda* condutora – ao longo dos mais de quatro minutos da música. Não havia folga.

Não importava onde você gravasse, havia elementos universais. Assim como a demo feita no porão que nos rendeu o contrato com a gravadora, no Bell Sound ouvíamos os três ou quatro *takes* iniciais de uma música e escolhíamos o que parecesse ser o melhor. Havia termos técnicos para descrever o que se estava procurando, mas, no fim das contas, a versão escolhida era a que fazia você querer levantar e gritar. Em um *take* muito bom, você não ouvia os instrumentos individualmente tanto quanto uma única força motriz musical incontrolável. Quando conseguia isso, tinha a base sobre a qual construir o resto da gravação.

Eu conhecia os membros da minha banda como conhecia minha própria bateria, mas Kenny Aaronson ainda conseguia me impressionar. Além de tocar baixo, ele fazia *overdub* de trechos de violão de aço, dobro e slide. Essas contribuições deram às gravações um toque mais variado e sofisticado. As maiores bandas do mundo – dos Beatles aos Stones – tinham o hábito de chamar músicos de estúdio. Nós não precisávamos fazer isso. Nosso músico de estúdio já tocava na banda.

Trabalhamos rápido. No começo da terceira semana estávamos mixando. A mixagem pode às vezes levar mais tempo que a gravação.

Cada instrumento e a voz precisam ser equilibrados em relação a todo o resto. Nós escutávamos uma determinada faixa sem parar para saber que alguma coisa estava um pouco "fora", sem saber exatamente o quê. Kenny Kerner e Richie tinham um bom instinto para saber quando fazer um *backing vocal* mais delicado ou usar mais pratos. O problema era que, quando você escutava uma música oito ou dez vezes, ficava anestesiado e podia não ouvir mais a composição como um todo. Nesse sentido, era como tudo mais – você precisa saber quando fazer uma pausa e se afastar por meia hora.

O último passo do processo era masterizar. A masterização envolve uma série de tratamentos sonoros que destacam mais os agudos e os graves. Ela dá à gravação um brilho, como levar um carro ao lava-rápido. Sendo mais específico, a masterização deixa a canção pronta para o rádio. Com um pouco de sorte, era para lá que nossa música iria.

Os Beatles eram tão grandes que podiam lançar um álbum com uma capa branca e vê-lo vender milhões. Uma banda iniciante do Brooklyn não tinha essa opção. Precisávamos de uma capa que chamasse a atenção das pessoas e nos tornamos uma das primeiras bandas a usar caveiras com essa finalidade. Usamos uma foto amarronzada e intensa de três caveiras genuínas, tirada de catacumbas mexicanas. Os corpos presos às caveiras estavam totalmente vestidos, como se tivessem sido deixados no deserto para definhar. Era instigante e um pouco cômico. A contracapa trazia uma foto da banda tirada por nosso amigo Daffy. Eu estava de couro e calça jeans. Havia também uma foto de um camelo atravessando as areias do deserto, uma referência ao nosso hino, "From a Dry Camel".

Agora tínhamos um álbum "a caminho". Mas não havia muito tempo para comemorar, porque eu ainda não tinha meu diploma. A formatura para o resto da classe seria em junho. No fim das contas, não consegui o crédito extra por assinar contrato com uma gravadora, então não fui à formatura. Entre as sessões de gravação, eu frequentava um curso de verão e, depois que fizemos a mixagem e a masterização, eu precisava continuar, aprender as coisas que eu deveria ter lido muito tempo antes.

Não fiquei exatamente empolgado quando descobri que teria de continuar frequentando as aulas direto setembro afora. Finalmente recebi meu diploma em outubro de 1970, na sala do diretor. Não teve nenhuma cerimônia. Devolvi todos os livros que eu tinha, e me entregaram o

canudo. Não senti cinismo ao sair da sala do diretor. Fui para casa, emoldurei o diploma e o pendurei na parede do meu quarto. Não era um Grammy, mas eu estava orgulhoso dele.

O álbum autointitulado *Dust* foi lançado em janeiro de 1971. Vê-lo na vitrine de uma loja de discos independente do outro lado da rua da Erasmus foi um momento surreal. Ainda mais surreal foi a primeira vez que o ouvi no rádio. A Kama Sutra decidiu lançar "Love Me Hard" como primeiro *single*. Era curta e poderosa, então fazia sentido. Então, quando a ouvi tocando na WNEW-FM do meu quarto, comecei a me dar conta de tudo. Não soava como meus amigos e eu em um quarto tentando criar alguma coisa para ver o que podia acontecer. Soava como uma banda de rock monstruosa ecoando pelo ar. Pensei em quantas pessoas podiam estar ouvindo, naquele exato momento, na área metropolitana de Nova York, e tive mais um pensamento: *A vida não podia ficar melhor*.

Mas ficou. Para promover o álbum, Neil Bogart conseguiu que fizéssemos alguns shows de abertura para Alice Cooper. O terceiro álbum de Alice, *Love It to Death*, tinha sido lançado logo depois do nosso e estava subindo nas paradas da *Billboard*. A música "I'm Eighteen" tocava o tempo todo no rádio e foi o primeiro grande sucesso dele. O *riff* principal era uma escala deliberadamente lenta e crescente em mi maior. A letra era direta e simples: "I'm in the middle without any plans / I'm a boy and I'm a man / I'm eighteen".[1] Eu tinha dezoito anos. E gostava daquilo.

A turnê de Alice Cooper passou basicamente por arenas de tamanho médio: quatro, cinco, seis mil pessoas. Para nós, podia ter sido Woodstock. As casas estavam quase lotadas, e tocávamos um set de cerca de trinta minutos enquanto algumas pessoas ainda estavam chegando ou estavam lá fora pegando uma cerveja. Tocávamos perto da frente do palco, porque atrás de nós, no escuro, ficavam todo o equipamento e os efeitos especiais dos shows absurdos de Alice Cooper. Mas muita gente na plateia parava o que estava fazendo e assistia. Os aplausos e os gritos se tornavam mais altos a cada música. Não éramos um comercial de TV que dava a chance de você ir até a geladeira preparar um sanduíche. Valia a pena ouvir nosso som, e estávamos ganhando fãs gradualmente.

Teria valido a pena fazer aqueles shows só pela oportunidade de ver Alice Cooper. O rock estava mudando e, com Alice, estava acontecendo bem diante dos nossos olhos. Alice Cooper era teatral. Com aquele cabelo selvagem, a maquiagem preta escorrendo e sobrecasaca, ele

parecia ter saído de um filme de terror. Ele aparecia no meio do show com uma jiboia em volta do pescoço. Um passo em falso, e o fluxo de sangue enviado para seu cérebro seria cortado, mas, pelo jeito, parecia que a cobra podia estar com medo dele.

A imprensa estava louca. Se existiu alguma coisa de teatro no rock antes de Alice, estava ligado principalmente às bandas inglesas. Os ingleses tinham uma longa tradição de teatro, e isso ficava claro em álbuns seminais como o *Sgt. Pepper*, dos Beatles, e a ópera rock do Who, *Tommy*. A faixa "Fire", gravada no Reino Unido por The Crazy World of Arthur Brown, costumava ser tocada pelo *frontman* da banda usando roupa de diabo com chifres literalmente em chamas. Mas o rock teatral não era uma coisa americana, até aquele momento, e Alice Cooper o levava a um nível que tinha a intenção de chocar. Definitivamente deu certo.

Quando saímos da estrada para uma breve pausa e voltamos para o Brooklyn, o álbum *Dust* tinha chegado ao Top 100 da *Cashbox*. Os garotos com que eu estudava ou ainda estavam na escola ou vivendo no bairro. E agora todos queriam ser meus amigos. Sujeitos que costumavam comprar briga comigo para provar alguma coisa idiota para si mesmos – ou para os pais – agora queriam meu autógrafo na capa do disco. Ou queriam ingressos para um show. Ou descobrir como era a vida de abrir shows para Alice Cooper. Achei o máximo. Eu conversava com todo mundo, incluindo os antigos *greasers*. Mas estabeleci um limite.

Um dia, na Flatbush Avenue, encontrei um dos meus antigos professores. Não era o pior professor que eu já tinha tido. Mais para mediano. Infelizmente, mediano significava pegar no meu pé de tempos em tempos por causa das coisas de sempre: meu cabelo comprido, minhas calças jeans e minha incapacidade de me concentrar na aula. Ele adorava me fazer escalar a corda para me ver queimar as mãos ao descer. Meu cabelo estava mais comprido do que nunca, mas, pelo jeito, não era difícil me reconhecer.

O professor apertou minha mão e me deu os parabéns. Agradeci. Ele estava radiante e sabia tudo sobre o álbum chegar às paradas e a banda abrir os shows de Alice Cooper. E efetivamente citou as cidades onde tocamos. Era como se o homem tivesse parado de ler *Popular Mechanics* e feito uma assinatura da *Rolling Stone*. Foi lisonjeiro e um tanto divertido, então me abri e contei que íamos voltar para a estrada logo e que eu

tinha conseguido meu diploma no fim do verão anterior. Sem hesitar, ele me perguntou se o Dust consideraria fazer um show beneficente para angariar fundos para a escola. E eu considerei. Levou cerca de dois segundos.

– Por que eu faria alguma coisa por essa escola depois do jeito que todos vocês me trataram por anos?

Ele apenas deu meia-volta e saiu andando. Não senti nem um pingo de arrependimento. Não se passou nem um dia na escola sem que pelo menos um professor me expusesse por ser diferente, um esquisito, ou mau aluno. Podiam ter pensado – *ele* podia ter pensado – que as humilhações eram parte do trabalho, mas nunca consideraram o efeito que aquilo teve em mim. Aquilo me deixou desconfortável, bravo e ainda menos propenso a dar duro na escola.

Talvez, o que era ainda mais importante, nenhum professor acreditava em mim ou me encorajava a desenvolver o verdadeiro talento que eu tinha. Toda vez que eu contava que meu objetivo era ser músico profissional, tudo o que faziam era revirar os olhos e me dizer que nunca ia acontecer. Então voltar para fazer um show beneficente seria deixar claro que estava tudo bem, e *não* estava.

Quando pensava no assunto depois, eu me perguntava como a vida teria sido se eles tivessem me estimulado em vez de me desencorajar. Talvez eu tivesse sido um aluno melhor e um músico ainda melhor. Eu definitivamente teria feito o show beneficente.

Compartilhar qualquer sucesso que tivéssemos era bom, e era o que tentamos fazer. Nossos *roadies* começaram como nossos amigos. Ao voltar de Filadélfia ou de Wilmington, Delaware, no ônibus até o Brooklyn, nós farreávamos o caminho todo pela estrada I-95 enquanto o sol nascia. Esses eram os caras que nos ajudavam sem nada em troca quando havia vinte ou trinta pessoas na plateia. Agora eles eram pagos com duas ou três mil pessoas na plateia.

A Kama Sutra também contratou um jovem fotógrafo chamado Bob Gruen para documentar a banda antes, durante e depois de alguns dos nossos shows. Gruen tinha acompanhado o Grateful Dead e algumas outras bandas bem famosas no ano anterior e estava começando a se tornar conhecido. A especialidade dele pareciam ser fotos em preto e branco que registravam a banda em seu elemento natural. Definitivamente estávamos no nosso.

A grande perna seguinte da nossa turnê de 1971 foi o Meio-Oeste americano. Não era um *lineup* definido de bandas toda noite. Diferentes artistas de gravadora estavam percorrendo o país num dado momento, e empresários de turnê junto com gravadoras estavam sempre dando telefonemas para conseguir uma boa oportunidade para suas bandas aqui ou ali. Às vezes você conseguia uma data no último minuto porque outra banda tinha cancelado.

O comum era tocar com outras bandas emergentes de hard rock como Wishbone Ash ou Uriah Heep. De vez em quando, tocávamos com artistas mais velhos e estabelecidos como John Mayall, que, com sua banda Bluesbreakers, catapultou nos anos 1960 alguns dos maiores guitarristas britânicos para o *mainstream*. Um deles, Eric Clapton, tinha acabado de gravar uma espécie de álbum de reencontro com Mayall, *Back to the Roots*.

Ficamos chocados quando descobrimos que o Dust seria a atração principal em Cobo Hall, Detroit. Nada de ônibus – a gravadora nos mandou para lá de avião. A lotação do Cobo era de doze mil pessoas, provavelmente mais com disposição de assentos de festival. Era um prédio grande, de concreto circular, na margem do rio Detroit. Com Windsor, no Canadá, bem do outro lado do rio estreito, era o mais perto que tínhamos de tocar em outro país. E, o mais importante, era como uma estreia oficial para o Dust. O lugar estava lotado, e dava para sentir tanto barulho vindo dos fãs quanto estávamos fazendo ao tocar.

Quando você é a atração principal, tem o benefício completo da luz melhor e do melhor som que o lugar tem para oferecer, então, se você não fizer um bom trabalho como banda, não tem desculpa. Felizmente, fizemos dois bis. As luzes se apagaram, e muitos fãs acenderam isqueiros e mantiveram a chama. A arena parecia um mar de luzes, e a multidão gritava "Dust! Dust! Dust!". Depois do segundo bis, a administração da arena acendeu as luzes, o que significava que não haveria terceiro bis. Ficamos um pouco aliviados. Estávamos começando a compor músicas para um segundo álbum, mas a maior parte ainda não estava pronta. Estávamos ficando sem material.

Éramos como celebridades tanto em Detroit quanto em St. Louis. Depois dos shows, o hotel era a central de festas. Hotéis que recebiam um grande artista de rock sabiam o que ia acontecer. A banda tinha diversos quartos juntos no mesmo andar. Quartos vizinhos em geral tinham

portas que ligavam um quarto ao outro. Membros de outras bandas, fãs, *groupies* e gente da imprensa transitavam livremente de um quarto para outro, assim como a cerveja, a maconha e as drogas mais pesadas. O Dust passava longe de *dust*. E de cocaína e heroína. A banda evitava coisas mais pesadas, mas não podia controlar o que os outros faziam. Aconteciam guerras de comida, e alguns aparelhos de TV magicamente foram parar na calçada lá fora. O hotel apenas mandava a conta para o empresário da turnê e dava o assunto por encerrado.

De manhã – ou, era mais provável, no começo da tarde – dávamos entrevistas para a imprensa ou fazíamos visitas aos locutores das principais estações de FM, que elogiavam a banda, se divertiam conosco no estúdio e promoviam concursos para dar ingressos para quem ligasse para a rádio. Éramos tratados como a realeza. Havia um alvoroço. O Meio-Oeste americano sem dúvida era território do Dust. Era impossível saber exatamente por quê, mas essa parte do país parecia gostar de rock pesado, alto e musicalmente desafiador.

Foi em Detroit que o famoso crítico de rock Lester Bangs encontrou o Dust para uma entrevista. A banda estava começando a se tornar conhecida, mas a reputação de Lester falava mais alto que ele. Bangs talvez fosse a única pessoa a escrever sobre rock mais importante que alguns dos artistas que ele cobria. Não só ele não tinha medo de destruir uma banda numa crítica, mas parecia gostar daquilo. Ele chamou o Black Sabbath de imitação patética do Cream. Chamou Paul McCartney de esnobe. Chamou o Jefferson Airplane de bando de capitalistas radicais. Até o MC5, um filho pródigo de Lincoln Park, Michigan, e conhecido por estar na vanguarda tanto política quanto do som cru e pesado, foi destruído por Lester Bangs. Qual era a chance de três garotos do Brooklyn?

Eis que Lester Bangs adorou o Dust. Mais do que isso, era um fã. Foi o que ele disse. Ele sabia cantar "Stone Woman" e "From a Dry Camel". E nos comparou a umas duas figuras da literatura sobre as quais fui reprovado na escola. Pelo que entendi, Lester Bangs detestava qualquer coisa pretensiosa, especialmente no rock'n'roll, o que deveria ser a resposta – a resposta dos jovens – para toda e qualquer coisa no mundo que fosse falsa. O Dust, para ele, era de verdade. Era honesto. Eram três garotos vestidos como eles mesmos, sendo eles mesmos, fazendo um som

enorme e furioso e dizendo que, se você não gostou, não era problema nosso porque nós gostávamos. Ele nos chamou de *três jovens punks*.

Lester Bangs na verdade era um sujeito legal, com os pés no chão. Mas não tinha estilo, estava acima do peso e precisava muito de um banho. Ele devia ver um pouco de si mesmo em nós, porque ganhamos três páginas da revista *Creem* dizendo que éramos o próximo grande sucesso. Rod Stewart estava na capa.

As turnês não eram só sobre ser a atração principal, fazer bis e matérias elogiosas de críticos conhecidos no mundo todo. Uma noite, entre shows, Kenny Aaronson e eu decidimos voltar para o hotel um pouco mais cedo e de fato dormir um pouco. Quando abrimos a porta, um cheiro pútrido nos atingiu em cheio. Era como se alguém tivesse morrido ali, mas, até onde lembrávamos, todo mundo tinha ido embora com vida na noite anterior.

Tínhamos tomado algumas cervejas e estávamos bem chapados. Chapados demais para nos dar ao trabalho de vasculhar o quarto para encontrar a origem do cheiro, mas não o bastante para ignorá-lo por muito tempo. Então começamos a procurar: o banheiro, o closet, o lixo. Então Kenny achou o prêmio. Alguém tinha cagado em uma das gavetas da cômoda. Demos risada. Às vezes você tem de enfrentar um pouco de merda.

No fim do verão, tivemos um pouco de tempo livre, e eu tinha o telefone de uma garota legal chamada Jill, que eu tinha conhecido quando tocamos em St. Louis. Ela me disse para ir visitá-la quando tivesse a chance e que a casa da mãe dela era grande e tinha espaço suficiente. Então comprei uma passagem de avião saindo do JFK Airport e fui para St. Louis. Ela me levou para casa, e nos acomodamos. Eu não tinha comido muito naquele dia, então achamos que seria boa ideia ir até o supermercado local para comprar comida e cerveja.

Estávamos na metade do caminho do corredor de pães quando uma voz surgiu entrecortada no alto-falante. Não era uma promoção especial de Twinkies. Era o gerente informando os clientes de que tinha sido anunciado que um tornado estava vindo em nossa direção. Ele nos instruiu a deitar de bruços no chão. Todo mundo que estava na loja, incluindo Jill, obedeceu imediatamente sem reclamar nem criar confusão. Pareciam acostumados. Era seu exercício de emergência. No Brooklyn,

tínhamos blecautes, brigas de gangue e greves dos lixeiros, mas não tornados.

Eu estava no chão olhando para a serragem, sem nada para me apegar além de Jill. Quando o vento ganhou força, olhei para cima e notei que as duas portas e as janelas estavam escancaradas. Cogitei levantar para fechar tudo, mas pensei duas vezes. De repente, o vento ganhou força, e não foi pouca. Dez vezes mais força. Latas, garrafas e caixas saíram voando das prateleiras como num filme de terror. Vidros estilhaçados no chão, e cobrimos os olhos enquanto éramos bombardeados por Ding Dongs, Rice Krispies e Crisco. As lajotas do teto voavam como pratos de papel, e um ventilador desabou. Cobrimos a cabeça com os braços. Torci para não sermos alguns dos itens que seriam varridos das planícies do Meio-Oeste.

O vento diminuiu e desapareceu quase tão rápido quanto começou. A coisa toda pareceu ter durado uma hora, mas quando olhei para o relógio da Coca-Cola que, milagrosamente, ainda estava na parede, estava mais para três minutos. Eu estava chocado, enquanto Jill e os outros clientes levantaram e se limparam de um jeito bastante prático. Os corredores tinham se tornado pilhas de lixo e Cheez Doodles. Ninguém pareceu ter se machucado, e Jill sugeriu que procurássemos uma loja que não tivesse sido atingida diretamente para comprar cerveja. Quando saímos, perguntei por que o dono do supermercado deixava as portas e as janelas abertas. Ela explicou que era para deixar o vento passar pelo prédio, em vez de fazer com que a pressão se acumulasse lá dentro. Se ficassem fechadas, o prédio podia ser arrancado de sua base. Todo mundo que morava ali sabia como a coisa funcionava.

Quando fomos embora, vimos o tornado seguindo em direção ao horizonte, se afastando de nós como uma coluna de fogo no filme *Os Dez Mandamentos*. O céu era uma combinação de roxo-escuro e preto. De todas as paisagens estranhas que eu tinha visto durante a turnê, aquela era a mais estranha.

***

De volta ao Brooklyn, o Dust estava se tornando grande demais para o porão dos meus pais. Não parecia que estávamos tocando mais alto do que antes da turnê, mas talvez o Cobo Hall tivesse nos deixado surdos. O médico que morava na casa ao lado reclamou com minha mãe, que nos pediu para abaixar o volume. Foi o que fizemos, mas aos poucos o volume aumentava de novo, e o médico estava ficando cansado. Enquanto isso, minha mãe encontrou um pé de maconha crescendo nos fundos da casa. Como não fui eu que plantei, meu palpite era que alguém tinha feito aquilo de brincadeira. A planta estava perto da cerca, e alguém devia ter jogado as sementes pelos elos da corrente. Quem quer que tivesse feito isso, meus pais chegaram ao limite, e tivemos que encontrar outro lugar para ensaiar.

Neil Bogart queria que começássemos a trabalhar no segundo álbum do Dust, então no fim de 1971 desembarcamos no A&R Studios em Radio City. As qualidades sonoras menos que satisfatórias do primeiro disco estavam grudadas mesmo enquanto percorríamos o país para tocar para plateias maiores. Não é que reclamássemos e resmungássemos sobre o som o tempo todo. Era só um comentário solto aqui e um pensamento ali sobre uma guitarra em determinada música, ou uma caixa naquela outra. Tínhamos uma lista, e queríamos outra chance.

Ir para o A&R Studios foi um belo começo. Localizado em Manhattan, na esquina da Fifty-Second Street com a Seventh Avenue, o A&R tinha sido fundado em 1958 por Jack Arnold e pelo lendário produtor e filho do Brooklyn Phil Ramone. O estúdio original ficava a alguns quarteirões, na West Forty-Eighth Street. Boa parte do equipamento de gravação ali tinha ganhado rodas para poder ser transportado rapidamente de uma sala para a outra. Foi no prédio antigo que Ramone produziu Frank Sinatra, a lenda do jazz Stan Getz e astros do folk como Peter, Paul and Mary. Também foi no prédio antigo que, em 1963, Bob Dylan cantou "The Times They Are A-Changin'".

O novo lar do A&R era um grande prédio quadrado de quatro andares. Nos poucos anos desde a mudança, tinha servido de estúdio para Paul Simon, Aretha Franklin, Rod Stewart, Stevie Wonder, James Taylor e outros incontáveis astros do mundo da música. The Allman Brothers tinham acabado de gravar ali no verão. Comparado com o Bell, o A&R era muito melhor, mais bem equipado, e tinha uma aparência mais profissional. A sala de gravação era muito maior, e quando nos instalamos

e começamos a tocar, descobrimos que tinha muito mais vida em termos sonoros, com um som muito mais claro e poderoso.

Não havia desculpas para fazer qualquer coisa menor que um trabalho estelar nesse álbum. Tínhamos um orçamento maior. Tínhamos mais tempo para ensaiar antes e tínhamos desenvolvido muito mais habilidades não só pela prática, mas também graças a toda a experiência inestimável da turnê. Kenny Kerner e Richie Wise estavam produzindo de novo e tinham passado semanas nos acompanhando no ônibus da turnê e ignorando a cerveja, as brincadeiras e distrações em favor de discutir como abordar o segundo álbum. Tínhamos até o fotógrafo Bob Gruen documentando todo o processo de gravação do disco.

Assim como os tempos estavam mudando em 1963, estavam mudando de novo conforme entramos em 1972. Em termos políticos, o clamor pelo fim da Guerra do Vietnã tinha chegado ao auge. Os direitos das mulheres, dos gays e todos os tipos de direitos humanos estavam na vanguarda. Em termos musicais, as coisas estavam mudando rápido também. O rock estava se tornando extremamente diversificado, se ramificando em subgêneros, cada um com uma, duas ou três gravadoras tentando lucrar com isso. Lester Bangs tinha nos alertado que as pessoas do mundo corporativo tinham planejado assumir totalmente o controle.

Quanto ao Dust, tínhamos sido como uma esponja, viajando, tocando, ouvindo, conhecendo pessoas e absorvendo basicamente tudo o que estava acontecendo em termos musicais – para depois devolver tudo através dos nossos dedos, pés e gargantas. Isso se tornou ainda mais claro quando começamos a ouvir as primeiras gravações.

"Learning to Die" trazia *riffs* rápidos e solos de guitarra ainda mais rápidos, com momentos que soavam um pouco como Alvin Lee do Ten Years After. "All in All" tinha sido influenciada pelo álbum mais recente do Who, *Who's Next*, com acordes poderosos, quebras sincopadas e Kenny Aaronson fazendo um bom John Entwistle, com o baixo assumindo a liderança às vezes e arrebentando as portas. "Suicide" tinha influência de Black Sabbath e era baseada num *riff* pesado. "Ivory" era uma faixa instrumental de 5/4, com uma introdução retumbante de bateria que lançava uma exploração sonora que fez alguns presentes se lembrarem do Edgar Winter Group. A proeza de Kenny no baixo permitiu que ele alcançasse a guitarra de Richie em alguns momentos.

Mas era nas faixas “I Been Thinkin” e “How Many Horses” que de fato dava para ouvir as mudanças e a diversidade. Se não composições country escancaradas, as duas tinham uma forte influência country. Nós não sentamos um dia e dissemos que queríamos escrever músicas country. Estava no ar. A banda The Byrds tinha seguido essa direção, e os ex-membros Gram Parsons e Chris Hillman deram um ou dois passos além com a banda The Flying Burrito Brothers. Crosby, Stills, Nash and Young provavelmente eram meio country. O lado B de *Led Zeppelin III* era um experimento de vinte e dois minutos, em grande parte acústico, que tinha deixado muitos críticos furiosos por não terem ouvido a próxima “Whole Lotta Love”.

Ficamos felizes com o que ouvimos saindo dos monitores do Altec Voice of the Theatre. Fiz questão de usar minha própria bateria sem nenhum pedaço de *silver tape*. Como produtores, Richie e Kenny tinham passado de tatear o processo de gravação para usar técnicas que de fato funcionavam. Havia uma bela mistura de clareza e força nas faixas individuais. A música tinha definição em vez de soar abafada. Kenny e Richie conseguiram ir do hard rock para o country mixes e voltar com relativa facilidade, fazendo montes de anotações o tempo todo sobre o nível do som.

O projeto era um *tour de force* para Kenny Aaronson, que não só estava em seu auge como baixista, mas também, aos dezenove anos, tocava as partes de violão de aço como um profissional experiente. De alguma forma, ele continuava melhorando.

A gravação levou quatro semanas e meia, um pouco mais do que o primeiro, mas ainda assim relativamente rápido em uma era em que orçamentos estavam aumentando, e os calendários, se arrastando. O álbum foi intitulado *Hard Attack*, o que de certa forma o descrevia, mas não toda a música que ele continha. A arte da capa era uma pintura chamada “Snow Giants” do artista Frank Frazetta de três vikings brandindo armas enormes uns aos outros no topo de uma montanha gelada.

O trio naquela montanha coberta de gelo não era Richie, Kenny e eu. Nós nos dávamos bem. Mas *Hard Attack* não emergiu com força quando foi lançado em setembro de 1972. Neil Bogart estava em busca de um sucesso imediato, mas não havia nenhum. Fizemos alguns shows para

divulgar o disco, mas houve pouco do impulso e do alvoroço do primeiro LP, e dava para sentir o vento se esvaindo das velas.

Havia tensão na relação entre a gravadora e a banda, mas isso não era rotineiro. Mudanças estavam ocorrendo na Kama Sutra, e elas de fato envolviam membros da equipe do Dust. Neil Bogart planejava começar um novo selo e estava conversando tanto com Richie quanto com Kenny Kerner sobre produzir algumas das bandas com que ele estava trabalhando. Um grupo era o já estabelecido Gladys Knight and the Pips. Outro eram quatro sujeitos de áreas mais afastadas da cidade que usavam maquiagem e se chamavam KISS. Eles tinham feito shows na região de Nova York, mas ainda não tinham gravadora. Enquanto isso, Kenny Aaronson estava começando a trabalhar com outras bandas e a participar de sessões de gravação.

O Dust nunca se separou de fato. Não houve uma conversa nem um encontro oficial. Apenas acabou. Fazia sentido. Não havia pressão para divulgar um disco que não tinha produzido um hit. Kenny Aaronson tinha emergido como um prodígio. Dava para ver que Richie Wise e Kenny Kerner tinham talentos que iam além da habilidade de fazer um ou dois álbuns com uma única banda. Enquanto isso, eu tinha, junto com todos os demais, aprendido muito desde o verão de 1969. Mas tinha que descobrir o que ia fazer a seguir.

Fazia alguns anos que meu amigo Bruce e eu tínhamos trocado alguns socos por causa da Alyson na frente da Erasmus High School, e eu tinha sido revistado em decorrência da briga. Parecia fazer ainda mais tempo que isso. Na época, pareceu uma facada nas costas. Em 1972, com gravações, turnês e o rompimento de uma banda no currículo, eu via o episódio todo como de fato era: uma breve interrupção na minha vida sexual, e o tipo de coisa que acontece todo dia com amigos de escola. Bruce ainda estava traficando haxixe e diversas outras substâncias, mas tinha um trabalho legítimo como *bike boy*.

Bruce e eu conversamos sobre o passado e decidimos deixá-lo para trás. Depois de passarmos algum tempo juntos, foi como se a coisa toda nunca tivesse acontecido. Os dois queriam sair da casa dos pais, e decidimos dividir um pequeno apartamento no porão de um prédio na Avenue O com a East Nineteenth Street no Brooklyn. O apartamento tinha uma entrada separada na lateral do prédio, descendo uma rampa e bem ao lado de duas grandes lixeiras verdes. Era como estar em casa.

O aluguel era cem dólares por mês. Não só eu não tinha certeza do que ia fazer com o resto da minha vida, mas também não sabia de onde ia tirar meus cinquenta dólares mensais. Não havia royalties vindo da Kama Sutra. Aparentemente, as vendas dos dois discos não eram suficientes para cobrir o adiantamento. Então Bruce conseguiu um emprego para mim como *bike boy* em Manhattan. Para valer a pena, nós pegávamos vários pacotes na sede e tentávamos fazer entregas para o

máximo de lugares que conseguíssemos em uma viagem. As ruas de Nova York eram caóticas. Se você pedalasse no meio da rua, podia ser atropelado por um carro em movimento. Se ficasse perto da guia, podia ser atingido quando alguém abrisse a porta de um carro *estacionado*. Era preciso passar por faróis vermelhos para evitar ônibus, pedestres, carrinhos de cachorro-quente e taxistas malucos.

Mas de modo geral eu gostava. Era um bom exercício, sem supervisão, e pagava bem num dia bom. As condições eram horríveis quando chovia, mas eu aguentava. O inverno chegou, e o trabalho se tornou insuportável. Andar de bicicleta no vento a quase 50 quilômetros por hora numa temperatura de -1º C significava uma sensação térmica de -17º C. E quando nevava, o trabalho ia de insuportável para impossível. Então, depois de alguns meses, pendurei a bicicleta.

Meu emprego seguinte foi de estoquista no supermercado Waldbaum's na Ocean Avenue com a Avenue Z, que ficava perto do meu prédio. O pagamento ficava próximo do salário mínimo, então, apesar de conseguir pagar o aluguel com dificuldade, eu raramente tinha dinheiro para comer. Alguns dias eu fazia apenas uma refeição. Outros dias eu não comia nada. Fiquei com 63,5 kg e ganhei uma aparência abatida.

Eu estava procurando uma banda com um quê pesado, com sorte uma que estivesse fazendo alguma coisa diferente do *mainstream*. Eu conhecia o New York Dolls de frequentar o Nobody's, o lugar mais *cool* da Bleecker Street no começo dos anos 1970. Era basicamente um grande salão com um bar e mesas grandes no fundo. Não havia área VIP. Todo mundo era bem-vindo, mas, a qualquer momento, deuses do rock podiam aparecer: Jimmy Page, Robert Plant, Pete Townshend ou qualquer um em que você pudesse pensar. No verão, o movimento do Nobody's se espalhava pela Bleecker Street a noite toda. O clube era uma espécie de base para o New York Dolls.

Os Dolls usavam maquiagem, salto alto e roupas femininas, como o nome sugeria, e eram considerados uma banda pioneira do *glam*. Se você fechasse os olhos e prestasse atenção ao som, era um pouco como uma versão nova-iorquina dos Stones. As influências do blues e do R&B, de músicos como Muddy Waters e Sonny Boy Williamson eram a base e o centro. O vocalista principal, David Johansen, fazia questão disso. Misture com um grupo feminino dos anos 1960, e você tem o Dolls. O primeiro grande show deles foi no Natal de 1971 no Endicott Hotel, um abrigo

para sem-teto. A grande estreia veio em 1972 quando Rod Stewart os levou para abrir um show dele em Londres. Mas, enquanto estava no exterior, o baterista do Dolls Billy Murcia desmaiou e se afogou em uma banheira depois de misturar drogas e álcool.

Quando a banda voltou para Nova York, Marty Thau se tornou o empresário, e o Dolls assinou contrato com a Mercury Records. Estavam se preparando para gravar seu primeiro disco, e tudo de que precisavam era um baterista. Minha namorada, Fran, também era amiga da banda. Ela me disse que David Johansen e o guitarrista Johnny Thunders queriam que eu fizesse um teste. Ele gostavam do meu estilo no Dust e achavam que eu podia me encaixar. Eu também achava.

Houve apenas dois testados naquele dia. Jerry Nolan foi o outro. Fui chamado primeiro. A primeira música era "Personality Crisis", que abria com um piano meio Jerry Lee Lewis e uma batida bem direta. Lembrava uma canção dos Stones como "Live with Me". A canção "Pills" era um *cover* de Bo Diddley com uma linha de baixo errante, andamento 4/4 e um quê de rockabilly. A última música era "Trash", que não era de Bo Diddley, mas tinha um pouco da batida de Bo Diddley, como um *shuffle* rápido. Havia também um backing vocal sugestivo dos tempos do *doo-wop*, e David Johansen fazendo um lamento na gaita quando não estava cantando.

As músicas – todas as músicas – tinham uma sensação crua e uma atitude durona. A vida não era um sonho lindo, e sim uma dura realidade, e era melhor você descobrir isso rápido. Havia pouco ou nenhum verniz nos acordes, nos solos ou nas letras. As canções também eram curtas. A banda enfiava o dedo na sua cara por dois minutos e meio ou três e ia embora.

Achei que tinha ido bem no teste. Fiquei para ver Jerry Nolan experimentar as três mesmas músicas. Ele tocou de um jeito bem direto: poucos preenchimentos, nada de viradas de bateria e poucos efeitos. Eu meio que quis me dar um chute por não me dar conta de que era isso que as músicas pediam. No dia seguinte, Fran me contou que Jerry ficou com a vaga.

Uma noite Bruce e eu fomos a uma festa na casa de um amigo. Passamos a noite de bobeira, bebendo e fumando maconha. Eu estava feliz de ter algo para comer, mas aqueles salgadinhos de palitinho não eram uma refeição. Por volta de cinco da manhã, Bruce e eu decidimos

voltar para o apartamento. A avenida O estava morta, com exceção de um ou outro carro. Bruce estava com tanta fome quanto eu. Passamos por uma mercearia. Obviamente estava fechada, com um portão de metal pesado abaixado na frente e um cadeado. Encostados no portão havia cerca de uma dúzia de sacos de papel grandes cheios de pães frescos. A poucos metros de distância alguns caixotes estavam cheios de garrafas de leite prontos para a correria da manhã.

Olhamos para as duas direções da avenida e para cima, para as janelas escuras do apartamento acima da loja. Então cada um pegou alguns pães e uma garrafa de leite. Era difícil não começar a encher a barriga antes de chegar ao apartamento. Estávamos a uns dois quarteirões da mercearia quando Bruce deu a primeira mordida. Daquele dia em diante, começamos a acordar com o amanhecer para procurar o leite e os pães que eram entregues às mercearias da área, quer tivesse havido uma festa na noite anterior quer não.

Também precisávamos improvisar os telefonemas. Bruce e eu tínhamos um amigo que trabalhava para a companhia telefônica. Ele nos emprestou um aparelho especial usado para testar as linhas, mas que qualquer um podia usar para conectar uma linha. O aparelho era composto basicamente por um fone e um pequeno discador com dois clipes jacaré. Havia apenas um módulo de interface cinza no corredor do porão ligado a todos os telefones do prédio. Esse amigo nos mostrou exatamente o que fazer. Pegar uma linha telefônica e conectá-la com o clipe vermelho ao fio vermelho e o verde no verde. Quando você ouvisse o tom, era só discar. Para conseguir uma boa conexão, era importante limpar os parafusos da linha.

Para receber ligações, tínhamos nosso amigo Joel no quarto andar. Joel era alguns anos mais velho que Bruce e eu, e era um veterano do Vietnã. Ele tinha presenciado batalhas pesadas como fuzileiro naval e era alguém com quem você nunca ia querer mexer. Dava para ver o sofrimento nos olhos dele. Mas era um sujeito amistoso e ótimo de se ter por perto. Ele tinha cabelo comprido e tinha migrado para o lado da paz.

Uma noite, Bruce e eu íamos sair e convidamos Joel. Gostávamos de começar a noite com um *rickey* com limão, uma bebida gaseificada caseira, na loja de doces da esquina. O marido e a mulher que eram donos da loja eram sobreviventes do Holocausto na casa dos cinquenta. Vimos os números de série gravados no antebraço deles a primeira vez

que entramos na loja, mas sabíamos o bastante para não tocar no assunto. O casal gostou de Joel, de Bruce e de mim. Eles nunca nos julgavam por nossa aparência.

Naquela noite, Joel disse para Bruce e eu irmos na frente, que ele nos encontraria na loja de doces um pouco mais tarde. Bruce estava bebendo seu *rickey* com limão, e eu estava bebericando uma bebida chamada *cherry phosphate*, outra especialidade da máquina de refrigerantes, quando ouvimos um carro sem silenciador estacionar na guia. O barulho fez a vitrine da loja vibrar. Dois sujeitos de trinta e poucos anos com longos sobretudos entraram. Eles me fizeram lembrar dos *greasers* da Erasmus, mas um pouco mais estragados e sofridos.

Os dois olharam em volta, e um deles deliberadamente fechou a porta da frente. Eu sabia que iam roubar o lugar. Só esperei que não estivessem com armas embaixo dos casacos. O sujeito mais longe da porta disse para a esposa:

– Não chegue perto do maldito telefone. E não se mexa.

Tanto o marido quanto a esposa estavam atrás do balcão. Não sei dizer se estavam com medo. Eles provavelmente tinham vivido coisas tão horríveis que fariam aquilo parecer uma festa.

Um dos homens foi até a caixa registradora. Bruce estava aprendendo caratê, e eu podia ver que ele tinha cogitado fazer justiça com as próprias mãos. Eu também podia ver que ele tinha pensado melhor. Não importa que você aprenda rápido, alguns meses de treinamento não iam parar uma bala. Enquanto isso, eu não conseguia entender por que esses sujeitos não só iam roubar uma loja num carro sem silenciador, mas também por que o motorista manteria o carro ligado. A única resposta que me ocorreu foi que eram amadores completos.

Ou pior: que fossem completos idiotas. Exatamente quando achei que um dos ladrões ia abrir o caixa, ele olhou para Bruce e para mim e disse:

– Então pelo jeito vocês são dois hippies de verdade.

– Acho que sim – Bruce respondeu.

– Por que vocês têm esse cabelo de menina? – o outro perguntou.

– Que diferença faz? – perguntei.

– Pois é – o que estava perto do caixa disse. – Por que você não conta para nós, bicha?

Isso durou mais ou menos um minuto. De repente, Joel entrou na loja. Ele devia ter notado que alguma coisa estava errada pelo barulho do carro lá embaixo. O sujeito perto do caixa olhou para Joel, em seguida olhou de volta para Bruce e para mim e disse:

– Veja só, outro hippie maluco. Ele deve estar com vocês.

– Devo estar – disse Joel.

– Você tem nome? – perguntou o outro. – Como é o seu nome de merda, *flower power*?

– Meu nome é Joel. – Ele foi até o centro da loja, olhou para os donos e depois para Bruce e para mim. – O que está acontecendo?

– Parece que querem roubar a loja – respondi.

Joel virou levemente para o balcão e perguntou para os donos:

– Essas pessoas estão causando problemas?

Nem o marido nem a esposa disseram nada. Quando Joel levantou a mão direita, pode ter sido para enfatizar alguma coisa, mas nunca vamos saber. O sujeito que estava mais longe avançou sobre ele. Joel agarrou o braço dele e o torceu para trás. Quando ele se dobrou como um acordeão, o sujeito mais perto tentou pegar Joel pelo pescoço por trás e foi atingido na boca com um cotovelo. Enquanto ele caía, o que já estava no chão tentou levantar, e Joel o acertou na cabeça com a bota.

A coisa toda durou cerca de dez segundos. Como um militar, Joel era treinado para matar. Na loja de doces, não havia nenhum desejo de matar. Ele era mais um titereiro, e o show de marionetes tinha acabado. Podia ter sido um show de horror. Enquanto os dois se contorciam no chão com os casacos abertos, todos vimos que cada um tinha um .45. Joel desarmou os sujeitos em poucos segundos. Naquele momento, ouvimos o carro sem silenciador ir embora. Os dois tinham ficado sem arma *e* sem carona.

Esperamos a polícia chegar e, quando chegaram, nós três fomos embora. Daquele dia em diante, todo *rickey* com limão e todo refrigerante foi de graça. Até para mim e para Bruce, ainda que tudo o que tivéssemos feito fosse escolher bem nossos amigos.

Um dia, no nosso apartamento embaixo do nível da rua, ouvimos a senhora que vivia no terceiro andar bater na porta. Ainda bem que Bruce atendeu, porque o amigo dele na companhia telefônica o tinha preparado para um momento como aquele. Dava para ouvir que ela estava incomodada, e começou a interrogar Bruce. E pior, ela queria falar

comigo. Tinha sido a minha voz que ela tinha reconhecido naquela noite quando pegou o telefone e provavelmente me ouviu falando com meu gerente do Waldbaum's. Fazia sentido. Eu provavelmente tinha falado com ela umas duas vezes em frente ao prédio e, enquanto interrogava Bruce, também reconheci sua voz.

Bruce explicou que a companhia telefônica tinha nos dito que a linha era aberta e que, de fato, tentávamos usá-la só para emergência – que não fazíamos ideia de que era dela nem de ninguém, para falar a verdade. Ela logo se acalmou e deixou passar. Depois disso, fizemos questão de usar outras linhas e deixar a dela em paz.

Algum tempo depois Joel veio bater na nossa porta para dizer que a banda Estus estava tentando falar comigo. Eu nunca tinha ouvido falar no Estus. Ninguém tinha ouvido falar, pelo menos em Nova York. Fiquei sabendo que era uma banda country-rock do Missouri que tinha acabado de assinar contrato com a Columbia Records e precisava de um baterista. Haveria um adiantamento de cinco mil dólares para a gravação do álbum, mais trezentos dólares por semana. Falei sim imediatamente, e na manhã seguinte não acordei ao amanhecer para procurar pão e leite. O Estus era composto pelos irmãos Tom e John Nicholas – John no baixo, Tom na guitarra e nos vocais – e Harry Rumpf na guitarra solo e nos teclados. Eram muito bons músicos. Os três cantavam, e as harmonias vocais eram de primeira linha. Mas, ao ouvir a demo no escritório do produtor Andrew Oldham, tive certeza de que não era meu tipo de música. Eu gostava de um toque mais pesado. As gravadoras estavam vasculhando os Estados Unidos em busca do próximo grande cantor e compositor ou banda de rock melódico. Milhões de dólares em vendas de álbuns estavam entrando graças a Carly Simon, Joni Mitchell, Carole King, James Taylor, The Eagles e America. As composições do Estus não chegavam nem aos pés do que esses artistas originais estavam produzindo, mas muitos grupos menores também estavam ganhando dinheiro.

O que me convenceu sobre o Estus, além do dinheiro, foi o próprio Andrew Oldham. Oldham descobriu os Rolling Stones, produziu e foi empresário deles entre 1963 e 1967. Ele de fato era muito mais um empresário do que um produtor. Como um garoto esperto de dezenove anos trabalhando para um designer *mod* na Carnaby Street em Londres sem nenhuma experiência musical de verdade, Oldham conseguiu um

contrato para os Rolling Stones com a Decca, a mesma gravadora que, lamentavelmente, junto com outras, recusou os Beatles.

Depois do contrato assinado, Oldham cultivou uma imagem anti-Beatles para seu novo grupo, gerando slogans de relações públicas provocadores como "Você deixaria sua filha se casar com um rolling stone?". Ele incentivou Mick Jagger e Keith Richards a comporem as próprias canções e manteve os direitos das fitas máster dos Stones. Mas tarde, depois de um desentendimento com a banda, Andrew Oldham começou uma das primeiras gravadoras independentes da Inglaterra, a Immediate Records, e trabalhou com artistas de primeiro time, como Eric Clapton, Jimmy Page, Jeff Beck, Small Faces, John Mayall e Rod Stewart.

Andrew Oldham era excêntrico, mas era inovador e uma lenda. Acrescente o fato de que o engenheiro do Estus era Don Puluse, que trabalhou com Chicago, Janis Joplin e Al Kooper, e de jeito nenhum eu deixaria de participar.

Pedi para um amigo do meu pai, que era advogado, ler o contrato. Meu pai também leu. O objetivo dele era estudar direito e, um dia, sair das docas, e ele já sabia muito mais do que a maioria das pessoas sobre contratos. Mas não havia nada que não fosse padrão naquele caso. Eu também pedi para meus pais guardarem para mim metade dos cinco mil que recebi na assinatura. Depois do Dust, eu não acreditava em minas de ouro e precisava ir ao dentista de vez em quando. Meus dentes sempre deram problema.

Os ensaios foram bem. John era meio taciturno e introvertido, mas nos demos bem de imediato no baixo e na bateria. Tom era um pouco menos quieto que seu irmão mais velho, mas, mesmo assim, era bem sério e maduro. Com apenas vinte e um anos, ele já tinha mulher e um filho. Harry era o extrovertido dos três. Ele andava de um lado para o outro o dia inteiro, guitarra na mão, tentando chamar a atenção de qualquer um que se dispusesse a ouvir um novo acorde.

A gravação começou em dezembro de 1972 no Columbia Records Studio B, no número 49 da East Fifty-Second Street em Manhattan. O adiantamento do álbum foi de impressionantes cem mil dólares, e boa parte disso, ao que parecia, ficaria com Andrew e pagaria quaisquer custos extras. Oldham era conhecido por produções grandiosas e em um dado momento tinha formado a Andrew Oldham Orchestra. A orquestra trazia grandes músicos de estúdio de Londres e gravava diversas versões

instrumentais de canções pop já bastante conhecidas. Oldham idolatrava o lendário produtor americano Phil Spector, então dava para imaginar a direção que o Estus estava tomando.

O estúdio era o maior espaço de gravação onde eu já tinha estado. Quando entrei na sala, a primeira coisa que vi, ao lado do console de mixagem, foi um galão de vinho Almaden Rhine. Enquanto eu aprendia a bateria de uma composição hippie-country chamada "In the Morning", notei Andrew, de óculos escuros, bebendo vinho de uma taça sem parar. Depois de umas duas horas, percebi que metade do galão estava vazio, apesar de não ter visto mais ninguém ali dar um gole. Mas Oldham não parecia nada bêbado.

Via de regra, eu não bebia antes nem enquanto tocava. Mas ao fim da terceira sessão, eu estava bebendo um pouco de vinho com Andrew.

Andrew era um produtor muito tranquilo. Ele estava interessado basicamente em se a gravação ao vivo soava forte e boa. Se ele pedia para fazermos de novo, nunca era autoritário nem arrogante, e raramente íamos além de um terceiro *take*. Com base em suas conquistas pessoais, que incluíam ajudar a liderar a British Invasion, Oldham podia ser muito convencido, mas estava longe de ser o caso.

Ao final da primeira semana de gravação, Andrew e eu tínhamos nos habituado a ir para o centro da cidade, para o Village, para tomar alguns drinques em alguns clubes. Eu mais ouvia do que falava. Andrew era uma figura que podia falar sem parar. Ele tinha vivido como podia em Londres antes dos Stones e depois produziu uma música incrível depois da outra: "(I Can't Get No) Satisfaction", "Get Off of My Cloud", "Mother's Little Helper", "Time Is on My Side" e "As Tears Go By". Quer ele desse forma às composições diretamente, quer o que era mais provável, apenas ficasse na sala bebendo e criando uma atmosfera, era impressionante para mim ser seu novo parceiro de copo.

Logo eu tinha passado do vinho para o Bacardi 151, que bebia puro. Como diz o nome, o teor alcoólico é 151, o que significa um pouco acima de setenta e cinco por cento. Quando peguei a "tocha" de Andrew emprestada, ele pode ter achado que eu ia acender um cigarro, mas eu não fumava. Despejei um pouco de 151 em um cinzeiro e ateei fogo. As chamas subiram até o nível dos olhos, e apaguei rápido o fogo com um copo de Coca-Cola.

– Lá se vai minha bebida mais fraca – comentei.

Nós dois demos risada e bebemos mais um pouco.

Durante a terceira semana de gravação, Andrew me levou a uma festa no apartamento de alguém na área das East Fifties. Eram apenas homens e exatamente uma garota, que era bem bonita. Andrew fez questão de me apresentar a ela. Nós dois conversamos um pouco bebendo alguns drinques e depois fomos para o quarto. Tiramos uns seis casacos de inverno da cama e começamos a nos pegar. Tirei a blusa dela e minha calça, e a garota estava deitada de costas. Parei por um instante e tive a estranha sensação de que alguém tinha entrado no quarto. Enquanto eu pensava em como pedir educadamente a quem quer que fosse para nos deixar a sós, olhei para cima e vi Andrew em pé ao lado da cama.

Antes que eu pudesse pensar em qualquer coisa para dizer, ele se aproximou. E acabou para mim. Dei um salto e fui parar no chão como se a cama estivesse pegando fogo. Enquanto tentava vestir minha calça jeans, eu disse:

– Bom, sabe, não é minha praia, mas continuem sem mim.

Nunca descobri se os dois continuaram, porque saí do quarto e do apartamento em questão de segundos.

Eu mal tinha saído da adolescência e levei um susto com o que aconteceu. Eu tinha sido a atração principal de uma grande arena e estado nos bastidores onde as coisas saíam do controle, mas não imaginei que aquilo fosse acontecer. Enquanto caminhava pela Broadway, tentei entender a coisa toda. Só homens. Uma garota. Amigos de Andrew. Parecia que Andrew Oldham, que tinha orquestrado tantas canções, tinha tentado orquestrar um *ménage à trois*. Mas eu tinha me recusado a seguir a partitura. Eu realmente não me importava com as preferências dele – ou, até aí, de qualquer um. O sexo para mim era puro, como meus drinques, e a única exceção era o vodca martíni.

No dia seguinte, eu me senti absurdamente desconfortável quando entrei no Studio B e vi Andrew sentado ali com seu galão de vinho. Não falei nada, evitei fazer contato visual e sentei na bateria para trabalhar em uma música melosa chamada "B.M.D.".

Nenhum de nós tocou no assunto. Pelo jeito, ninguém mais sabia nada sobre aquilo. No fim do dia, a situação pareceu voltar ao normal. Não saímos para beber naquela noite, e foi como se nada tivesse acontecido. Bem, quase. Eu sabia que em algumas semanas as sessões iam acabar, e eu ia sentir muita falta de Andrew. Na semana seguinte, eu

já não estava aparecendo na maior parte dos dias porque não precisava. Com a maioria das faixas gravada, Andrew estava acrescentando a orquestração pela qual era famoso. Violinistas, violoncelistas e clarinetistas estavam enchendo o estúdio todo dia, mas esse era o trabalho do produtor, e eu tinha outros lugares aonde ir.

Um desses lugares era o Shaggy Dog Studio em Stockbridge, Massachusetts. Eu tinha recebido uma ligação do dono da Biograph Records me pedindo para tocar no novo álbum de Johnny Shines, artista de Delta blues. Shines era a realeza do blues americano. Quando ele era jovem, nos anos 1920, em Memphis, a mãe o ensinou a tocar guitarra. Em meados dos anos 1930, ele se apresentava com a lenda do blues Robert Johnson. Eles se separaram em 1937, e um ano depois Johnson estava morto.

Enquanto a lenda de Robert Johnson não parava de crescer, a carreira de Johnny Shines ficou estagnada por décadas. Ele ganhava a vida trabalhando com construção enquanto continuava tocando em bares. E gravou diversas faixas para a Columbia em 1946, mas nunca foram lançadas. Seis anos depois, um selo independente lançou um álbum novo, mas as vendas foram modestas. Foi só em 1966, quando a Vanguard Records chamou Shines para tocar no terceiro volume da série Chicago/The Blues/Today!, que a carreira dele decolou. Dali em diante, ele passou a gravar discos com regularidade e participou de turnês com artistas como Willie Dixon e Big Walter Horton. Esses dois mestres serviram de grande inspiração para muitos, entre eles John Mayall, Eric Clapton, Jeff Beck e Led Zeppelin.

O dono da Biograph era Arnold Caplin, que montou uma banda ótima para o álbum, intitulado *Johnny Shines & Co*. O "e companhia" incluía os notáveis Jay Ungar no violino, Peter Ecklund no trompete e no cornetim, e David Bromberg na guitarra. Bromberg, que também estava produzindo o álbum, era ex-aluno da Columbia University e um requisitado músico de blues, bluegrass, jazz e quase todo tipo de música em que você conseguisse pensar. Nos anos anteriores, ele tinha tocado em álbuns com Bob Dylan, Richie Havens, Carly Simon e Willie Nelson, para citar alguns. Eu estava empolgado de estar na companhia dessas pessoas.

A bateria do estúdio era uma Fibes Vistalite de tamanho padrão, inconfundível, porque era feita de acrílico transparente. Shines, Bromberg

e a banda toda eram simpáticos. Garrafas de Jack Daniel's e Old Grand-Dad eram passadas pelo estúdio, mas eu esperava até o fim da sessão para farrear com esses profissionais das antigas. Gravei todas as treze incursões da bateria em menos de dois dias. Caplin, Bromberg e o próprio Shines ouviram e ficaram felizes com as faixas básicas. A essa altura, a bebida realmente começou a fluir.

Um dia, quando fui ao Columbia Records Studio para ver como as coisas estavam com o Estus, vi uma versão da capa do álbum. Em dezembro, o diretor de arte pediu para nós quatro irmos até um endereço na Park Avenue às cinco da manhã. Ainda não tinha amanhecido naqueles dias do começo do inverno em Nova York em que a chuva gelada toca o chão e se transforma em poças de neve semiderretida, mas não antes de fazer você congelar até os ossos. A ideia era fazer a sessão de fotos quando ninguém mais estivesse ali, e as ruas estivessem desertas. Estavam desertas por uma razão: ninguém queria estar ali.

Ali, olhando para a capa do álbum, senti quase tanto frio quanto naquela horrível manhã de dezembro. Nós quatro estávamos no meio da Park Avenue, parecendo encharcados, grogues e abatidos. Rostos franzidos e mãos nos bolsos. Eu estava do lado direito, olhando para baixo, para o pavimento. Éramos quatro sujeitos encharcados que pareciam ter acabado de ser dispensados por uma grande gravadora. Se essa era a melhor foto de meia dúzia de rolos de filmes, eu gostaria de ter visto quanto o resto era ruim. Tomara que os fãs de rock não julgassem um disco pela capa.

Uma versão seca do Estus entrou em turnê antes do lançamento do álbum. Não havia orquestração nas apresentações ao vivo além do som criado por nós quatro. Tocamos em casas de tamanho pequeno e médio e abrimos para Aerosmith, Quicksilver Messenger Service e B. B. King. Eu estava sendo pago, então estava feliz. Mas então me disseram que a banda queria se concentrar nas novas composições e ia se mudar de Nova York para Rosendale.

Rosendale era uma cidade rural pacata de cerca de cinco mil habitantes localizada cerca de 145 mil quilômetros a norte da cidade, perto da New York State Thruway. Ficava um pouco ao sul de Kingston e um pouco ao norte de New Paltz, uma cidade universitária. O chamado à fama de Rosendale era uma fábrica de cimento. Sentado no dinheiro da

gravadora, o Estus alugou uma mansão de vinte cômodos com uma piscina no fundo. Quando cheguei lá, achei que talvez estivesse no endereço errado. Pude escolher entre os diversos quartos e fiquei com um onde meu apartamento inteiro com Bruce caberia. Mas não havia latas de lixo à vista nem cheiro.

Tom, o vocalista, tinha comprado um Jaguar XKE, que estava estacionado do lado de fora. O irmão dele, John, para não ficar para trás, comprara um modelo esporte Austin Healey, que ele gostava de estacionar ao lado do Jaguar. Em geral éramos levados para os shows de avião, mas, caso não houvesse voos bons, tínhamos uma van Ford Econoline para doze passageiros na garagem. Junto dela, havia uma caminhonete para os *roadies* e o equipamento. Nós quatro, da banda, ainda ganhávamos salário e recebemos um aumento de cem dólares por semana. Todo esse exagero não era nada incomum. As gravadoras estavam jogando dinheiro nas bandas com alguma chance de ser o próximo Three Dog Night. Se você não escalasse as paradas, era dispensado e usado como dedução nos impostos. Eram só negócios.

Eu estava totalmente entediado. Havia um tanto de voltas que você podia dar na piscina, passeios de carro pelo quarteirão, e conversas que você podia ter sobre onde ia colocar seu Grammy de melhor álbum. O único lugar onde eu me sentia em casa era um bar da cidade, a uns cinco quilômetros da mansão. Os barmen do Well nos davam drinques de graça porque éramos celebridades locais e praticamente a banda residente. Fazíamos todos os nossos sets de aquecimento no Well antes de cair na estrada.

Para um lugar modesto, o bar tinha uma presença de fato no circuito. Enquanto estávamos lá, Muddy Waters, Buddy Guy, Junior Wells e diversos outros músicos importantes do blues apareceram e tocaram em troca de comida e dinheiro para o combustível a caminho de Nova York. Mas mesmo numa noite boa, o lugar fechava por volta de duas da manhã, e a festa em geral era transferida para o palácio Estus. Eu normalmente acordava à tarde e encontrava dúzias de moradores locais – que tinham farreado com a gente na noite anterior – dormindo nos sofás, nas espreguiçadeiras e nos quartos vazios.

Mas o poço estava começando a secar. O álbum do Estus foi um natimorto. As vendas foram fracas, ele não chegou aos duzentos da *Billboard*, e você podia vasculhar o dial da FM o dia todo que não ia ouvir

as faixas. Era o verão de 1973, e outros tipos de música estavam decolando, incluindo o *glam* rock e o disco. Meus amigos do Dust faziam parte disso.

Kenny Aaronson tocava baixo em uma banda chamada Stories, que fazia um *cover* de uma música chamada "Brother Louie" sobre um sujeito branco namorando uma garota negra. Chegou ao número 1 nos Estados Unidos e ficou nas paradas por dezoito semanas. Kenny provavelmente tocava mais notas em alguns trechos de qualquer composição do Dust do que em "Brother Louie" inteira, mas o baixo dele trazia um quê de funk-soul que tinha ajudado a colocá-la no topo.

O epônimo *KISS* estava marcado para ser lançado pelo novo selo, Casablanca, de Neil Bogart, no começo de 1974. Kenny Kerner e Richie Wise eram os produtores. A maquiagem de palco da banda estava mais pronunciada. E o mais importante: estavam começando a receber um pouco de atenção da mídia e angariar fãs.

Eu estava inquieto no fim do verão de 1973, mas feliz de fazer um show com o Estus no meu território no Academy of Music, na East Fourteenth Street, em Manhattan. O New York Dolls, que no ano anterior tinha se tornado o centro das atenções da cena nova-iorquina, veio ver o show. Seu álbum autointitulado – aquele de que eu quase fiz parte – chegou ao 116º lugar na parada da *Billboard*. Ele foi produzido por Todd Rundgren, ex-guitarrista do Nazz, uma banda de garage-rock psicodélico dos anos 1960. Rundgren quase enlouqueceu com o desleixo generalizado do Dolls e acabou adotando uma política de não intervenção com o som e a mixagem.

A atitude temerária do Dolls, tanto no palco quanto fora dele, gerava reações extremadas. Em uma pesquisa de 1973 da revista *Creem*, a banda foi eleita tanto o melhor grupo novo e o pior grupo novo. Robert Christgau, da *Rolling Stone*, teceu elogios ao Dolls, enquanto Ben Edmonds, da *Creem*, os chamou de "a banda com mais ex-membros da história do *show business*". Todo mundo, mais ou menos, tinha razão.

O segundo álbum do Dolls, *Too Much Too Soon*, tinha saído fazia uns dois meses. Shadow Morton, famoso por causa dos Shangri-Las, foi o produtor, e as evidências estavam por toda parte no disco. Morton tinha produzido sucessos adolescentes de meados da década de 1960 como "Leader of the Pack". A produção do segundo álbum do Dolls não foi tão obscena quanto a do primeiro. Havia alguns efeitos sonoros bonitinhos

aqui e ali e muitos backing vocals femininos. Enquanto o debate sobre os méritos da banda continuavam, *Too Much Too Soon* foi muito pouco tarde demais. O álbum mal chegou ao top 200 da *Billboard*. Johnny Thunders estava viciado em heroína, e Jerry Nolan não estava muito atrás.

Johnny era uma pessoa muito nervosa quando não estava chapado. Quando ficava louco, parecia calmo, sereno, focado. Quase um sujeito normal e uma companhia divertida. Era um dilema impossível.

Eu gostava de pensar que as drogas explicavam parte do comportamento de Jerry ou ele todo perto de mim. Depois que o Dolls me rejeitou, continuei amigo da banda, mas Jerry e eu tínhamos uma relação de amor e ódio que pendia mais para o ódio. Uma noite fui ao apartamento deles para tocar com Johnny Thunders e o baixista, Arthur "Killer" Kane. A bateria, claro, pertencia a Jerry, e notei que as peles estavam muito gastas. Depois de umas quatro músicas, a pele da caixa estourou. Quando encontrei Jerry, ele perguntou:

– Cadê meu dinheiro?

– Calma, você me emprestou dinheiro?

Fazia um tempo, e eu não tinha ideia do que ele estava falando.

– Você estourou minha pele e vai pagar. Quero meu dinheiro ou, da próxima vez, vamos ser só eu e você.

Jerry tinha reputação de durão, mas era um sujeito médio para quase todas as áreas do Brooklyn. A questão era, se ele não tivesse me ameaçado, eu talvez pagasse pela pele. Eram só alguns dólares.

– Aquela pele estava prestes a romper da próxima vez que alguém encostasse. Então adivinhe, Jerry: não vou pagar merda nenhuma.

Não achei que a coisa fosse engrossar, mas, ao mesmo tempo, havia sempre uma pequena chance. Sempre que nos encontrávamos, os dois ficavam um pouco tensos.

Agora, no Academy, enquanto eu dava duro no set do Estus, olhei para Johnny Thunders, que estava assistindo da lateral do palco. Johnny me olhou de volta e balançou a cabeça como se soubesse no que eu estava pensando: *Estou perdendo meu tempo*. O Dolls tinha praticamente todos os problemas existentes. A banda era um desastre. Mas, quando subiam ao palco, era caos e energia, como o rock'n'roll deve ser.

Quando a Columbia Records dispensou o Estus algumas semanas depois, foi um pouco como um tiro de misericórdia. Os membros da banda decidiram voltar para o Missouri para fazer shows e trabalhar em

seu próximo álbum de modo independente. Eles ainda precisavam de um baterista e ainda me queriam, o suficiente para me oferecer quatrocentos dólares por semana, mais qualquer carro americano que eu quisesse. Agradeci, mas disse a eles que não queria ir para o Meio-Oeste. Eu não conseguia me imaginar morando no Missouri.

Eu mal podia aguentar Rosendale. E estava louco para pegar o primeiro ônibus de volta para Nova York.

Acordei cedo na manhã seguinte. Joguei todos os meus pertences dentro de uma fronha e comecei a andar pelos arredores da faculdade de New Paltz em busca do ponto de ônibus mais próximo. Por causa da faculdade, havia ônibus indo e voltando da cidade o tempo todo. Quando atravessei o gramado em direção à rua, um dos *roadies* do Estus começou a me acompanhar de carro e abaixou o vidro. Ele não estava surpreso que eu tivesse pedido as contas, porque todo mundo naquela casa sabia que eu estava infeliz. Mas fez uma última tentativa, dizendo que os fãs do Meio-Oeste eram ótimos. Ele estava certo sobre isso. Mas eu sabia que precisava voltar para Nova York.

Enquanto estava morando em Rosendale, Bruce começou a namorar uma garota que tinha uma pequena casa no Brooklyn, entre a Twenty-Eighth Street e a Avenue D. Não havia por que ficar em um apartamento surrado abaixo no nível da rua quando tinha uma linda mulher e uma bela casa em outro lugar. Então ele pegou seu arsenal e uma muda de roupas e foi morar com a namorada.

Quando voltei de Rosendale, passei uma noite sozinho no apartamento e me dei conta de que eu não conseguiria arcar com os cem dólares de aluguel por mês, mas também não queria mesmo que pudesse. Ninguém mais queria também. Não consegui encontrar alguém para dividir o apartamento e, depois de passar o verão em uma mansão, eu não estava animado para dormir num colchão em um muquifo frio e vazio. Quando contei sobre a minha situação, Joel me deixou ir morar com ele. Ele tinha um segundo quarto, e eu podia pagar os mesmos cinquenta dólares que pagava com Bruce.

Ir morar com Joel era o paraíso comparado ao porão. Era o fim das latas de lixo. Eu tinha uma chave normal para uma fechadura normal, em vez de um cadeado. Havia calefação, e não só o excesso de aquecimento de uma caldeira no fim do corredor. E, ainda que não tivéssemos uma vista decente do mar, tínhamos uma vista da Ocean Avenue. Joel não se

importava de meus amigos frequentarem o apartamento, mesmo que jogássemos fogos de artifício e cinzeiros do teto.

Joel fumava um pouco de maconha para relaxar, mas não gostava de nada pesado. O vício em heroína corria solto entre as forças americanas no Vietnã. Dezenas de milhares de veteranos estavam voltando sem condições de funcionar sem injetar todos os dias. Fiquei feliz que Joel tivesse evitado aquele destino. Mas não era como se ele tivesse saído ileso.

Algumas noites eu acordava ao som de grunhidos, que em geral se transformavam em gritos de fazer o sangue gelar. Era Joel no quarto ao lado tendo *flashbacks* de lutas na selva. Eu sempre levantava, ia até a porta do quarto ao lado, perguntava se ele precisava de alguma coisa, e ele sempre respondia “não, obrigado”.

O Max's Kansas City era *o* lugar em Nova York do começo a meados dos anos 1970. O clube ficava no térreo de um prédio comercial estreito de cinco andares da virada do século XX na Park Avenue South, a uns dois quarteirões ao norte do Union Square Park. Na verdade, o clube tinha duas encarnações. Quando Mickey Ruskin o abriu em 1965, ele logo se tornou o ponto de encontro de artistas e escritores, incluindo Allen Ginsberg e William S. Burroughs, da chamada geração *beatnik*.

Andy Warhol e seu séquito vieram logo em seguida, o que transformou o clube em uma importante casa de shows e *point* do rock. Lou Reed, Iggy Pop, Alice Cooper, David Bowie e o Aerosmith tocaram lá para plateias pequenas, mas selvagens. Se você estivesse lá no Ano-Novo de 1974, teria visto Bob Marley and the Wailers darem início a uma turnê mundial como banda de abertura de um artista emergente da Columbia Records chamado Bruce Springsteen.

Em 1974, quando comecei a frequentar muito o lugar, era possível dizer que havia começado uma terceira encarnação do Max's. Grupos novos com um som diferente – diferentes do que veio antes e até diferentes uns dos outros – estavam dentro e ao redor da casa, no palco, nos fundos, do lado de fora, por toda parte. O Dolls era a primeira e mais óbvia banda da lista, depois de estar presente desde 1971 e de lançar dois álbuns por uma grande gravadora. Mas até mesmo a lista mais curta tinha que incluir Patti Smith Group, Television, The Heartbreakers e Blondie. Deborah Harry, a impressionante loira platinada vocalista do

Blondie, era garçonete do Max's. E nenhuma lista de bandas novas poderia estar completa sem os Ramones.

Conheci John Cummings quando ele apareceu no Cafe Wha? para ver um dos primeiros shows do Dust. Agora ele era conhecido como Johnny Ramone, por causa da banda que tinha ajudado a formar. Os quatro membros adotaram o mesmo sobrenome artístico em homenagem ao pseudônimo de Paul McCartney, Paul Ramon, de quando os Beatles eram os Silver Beetles. Todos eles vinham de uma área boa, de classe média, predominantemente judia, do Queens conhecida como Forest Hills.

Com todas as casas e os prédios de apartamento de alto nível surgindo desde a Segunda Guerra Mundial, não havia sobrado muito da floresta, mas ainda havia algumas colinas. No Brooklyn, nós considerávamos Forest Hills como a zona residencial suburbana. Era lá que acontecia o US Open de tênis e onde ficavam os prédios de luxo em estilo europeu construídos nos anos 1920 ao longo da Long Island Railroad para atender os figurões que estavam fazendo fortuna em Wall Street antes da quebra de 1929. Musicalmente, havia alguma coisa na água de Forest Hills, mas, até aquele momento, não era possível dizer que era algo pesado. Burt Bacharach, Paul Simon e Art Garfunkel tinham crescido ali, mas não tinham nem a aparência nem o som dos Ramones. Ninguém tinha.

Em 1974, os Ramones começaram a tocar em casas da região de Nova York, como o Max's e, em especial, o CBGB. O CBGB era uma sigla para country, bluegrass e blues, mas havia menos desse tipo de música no CB em 1974 do que havia heavy metal no catálogo de Burt Bacharach. O músico Hilly Kristal tinha aberto a casa no ano anterior e tivera a presença de espírito de apenas deixá-lo virar o que queria virar.

Quando os Ramones subiam ao palco, não havia frescura. Eram quatro garotos que pareciam ter saído da rua de jeans e camiseta. Eles tinham cabelo comprido, mas não como o dos hippies. As músicas duravam dois minutos – talvez dois minutos e meio. Não havia blablablá entre as músicas. Apenas algumas poucas palavras, depois "Um, dois, três, quatro!" e a próxima. As composições eram chutes no peito, com bateria pesada e direta, acordes rápidos e furiosos de guitarra e um baixo vigoroso. Os vocais eram como rock dos anos 1950 sob o efeito de *speed*, às vezes com sotaque inglês. Havia harmonias, mas nada de gritos estridentes nem falsetes. As letras contavam histórias simples sobre

surrar um garoto problema do bairro, cheirar cola, ter medo de descer para o porão. Um show inteiro tinha quinze, talvez vinte minutos, e daí se fosse muito curto? Foda-se você.

Mas a banda precisava de aparos. Eles não estavam exatamente em busca de um verniz, mas às vezes eram simplesmente desorganizados. As músicas podiam ser mais bem-feitas. Às vezes eles cometiam um erro perto do começo de uma faixa e começavam a contagem de novo. Às vezes começavam a discutir uns com os outros no palco. Você tinha a sensação de que não estava vendo um show, mas um ensaio.

O baixista, Doug Colvin, era conhecido como Dee Dee Ramone. Dee Dee era muito simpático e extrovertido sempre que eu o encontrava. Ele havia começado como vocalista e baixista, mas tinha dificuldade de fazer as coisas ao mesmo tempo. O baterista original, um garoto alto de aparência desajeitada chamado Jeffrey Hyman, era conhecido como Joey Ramone. Joey era mais introspectivo. Como Dee Dee, ele também tinha dificuldade para tocar e cantar, então se tornou o vocalista. Enquanto fazia testes com bateristas para ajudar a banda, um amigo deles, Thomas Erdelyi, se deu conta de que era a pessoa certa para o trabalho e se tornou Tommy Ramone.

A terceira encarnação do Max's Kansas City não tinha data exata nem um nome formal, mas algumas pessoas começaram a chamá-la de punk rock. Ou simplesmente punk.

Uma noite em 1974, eu estava bebendo no Max's, e Wayne County parou na minha mesa. Eu na verdade nunca tinha sido apresentado a ele, mas todo mundo conhecia Wayne como o DJ residente do Max's. E tinha uma história pregressa e tanto.

Ele tinha nascido Wayne Rogers na Geórgia e se mudado para Nova York em 1968 quando jovem para conhecer garotos. Era um cliente regular do Stonewall Inn e tinha feito parte do famoso protesto de 1969, quando a polícia invadiu o lugar sem um motivo válido, e a era dos direitos dos gays começou. Ele mergulhou no teatro e foi escalado por Andy Warhol para *Pork*, que teve uma temporada de sucesso em Nova York e depois em Londres. Seu nome artístico era Wayne County, um tributo a Detroit.

De volta a Nova York, Wayne formou e liderou uma banda de rock extravagante chamada Queen Elizabeth. Com um vocalista travesti, a Queen Elizabeth pode ter sido a primeira. Meu velho amigo e arqui-

inimigo Jerry Nolan era o baterista. David Bowie era fã de Wayne e conseguiu um contrato para ele no escritório de seu empresário, a MainMan Artistes. Eles montaram um show elaborado, mas não havia um disco para apresentar.

E lá estava Wayne County sentado na minha frente enquanto eu tomava um vodca martíni e me perguntava qual seria a ocasião. Ele estava com uma roupa escandalosa, mas masculina: jeans dos pés à cabeça e um enorme chapéu de aba larga. Ele me contou que estava montando uma banda chamada Wayne County and the Backstreet Boys e que estava procurando um baterista. Quando meu drinque terminou, eu já era um Backstreet Boy.

Os outros Backstreet Boys da formação original eram Jeff Salem na guitarra solo, Michael Geary na guitarra base e o irmão dele, Eugene Geary, no baixo. Wayne ainda era artista da MainMan, que era administrada por Tony Defries, junto com seu amigo próximo e colega de apartamento, o fotógrafo Leee Black Childers. As pessoas da banda, inclusive eu, ficamos felizes de ter um empresário para ter o que comer. Nenhum de nós tinha dinheiro, e a MainMan tinha uma conta aberta no Max's. Aquela era uma conta bem aberta.

A MainMan também pagava pelo apartamento dúplex de Wayne e Leee na Fifty-Eighth Street, logo depois da Second Avenue. Era uma localização de primeira por si só. Mas, por causa da garota com que eu estava saindo, era ainda melhor. Conheci Marion uns oito anos antes, quando eu tinha catorze anos. Fred e eu costumávamos ir para a casa do nosso amigo Paul Baxter perto da Church Avenue e da Beverly Road no Brooklyn para tocar com Paul e o irmão dele, Michael. Os irmãos Baxter tocavam guitarra e órgão, então eram uma combinação para os irmãos Bell, na guitarra e na bateria.

Os Baxter tinham uma irmã mais nova no quarto ano chamada Jodie. A melhor amiga dela era uma ruiva bonitinha chamada Marion. Jodie e Marion eram nosso fã-clube. Toda chance que tinham, as duas assistiam ao quarteto Baxter-Bell tocar *covers* dos Beatles, dos Stones e do Who. Quando ficaram grandes o bastante para andar de metrô, ela iam ver o Dust tocar no Flatbush Terrace.

Os pais de Jodie eram liberais. A família de Marion era irlandesa católica tradicional, e ela estudava em um colégio católico. Naquela época, quando as pessoas se conheciam, perguntavam umas às outras:

“O que você é?”. E não estavam falando de democrata ou republicano, virgem ou capricórnio, torcedor do Mets ou do Yankees. Estavam perguntando sobre a sua religião ou etnia. Quando Marion conheceu Jodie e perguntou o que ela era, Jodie não sabia do que ela estava falando. Elas ficaram amigas e assim continuaram.

Os pais de Marion tinham uma certa imagem dos artistas do mundo do entretenimento. Eram amigos de Sammy Spear, líder da orquestra de Jackie Gleason. A lenda que ouviram era que músicos eram pessoas muito nervosas que bebiam e usavam drogas. Então não queriam sua filha namorando um sujeito que não só era músico, mas também era mais velho. Além do mais, achavam que eu era judeu.

Marion e eu continuamos amigos por muitos anos. Nós gostávamos do mesmo tipo de música e de roupas. Sempre nos demos bem. Em 1974, com Marion se formando no ensino médio, começamos a namorar.

Jodie se tornou a governanta de uma família rica que vivia a apenas alguns quarteirões do dúplex de Wayne e Leee. A família passava os fins de semana, as férias e os verões no campo. Eles sabiam que, enquanto estavam viajando, Jodie chamava Marion e a mim para ajudar a cuidar da casa. Só não sabiam tudo o que fazíamos. Tínhamos a casa para nós. Wayne, usando suas roupas hétero do dia a dia, chegava uns dez minutos depois de a família ir embora. Alguns dos Backstreet Boys chegavam na sequência. Nós esvaziávamos o armário de bebidas e depois partíamos para a adega.

Marion e eu nos escondíamos na suíte máster. Felizmente, ela tinha mais ou menos o mesmo tamanho que a dona da casa, então quando nós dois íamos para um bar ou restaurante, ela tinha um closet enorme cheio de roupas de designer à sua escolha. Uma noite Marion experimentou um casaco de pele de zibelina, e quando entramos no CBGB Hilly me puxou de lado e disse que não gostava de ver garotas ricas como ela se “rebaixando” no clube dele. Estava bem sério. Mas o maior problema de cuidar da casa era o transporte. Era difícil escolher que carro experimentar: o Bentley ou o Rolls-Royce.

O quintal era uma área comum de paisagismo fechada do tamanho de um quarteirão em uma cidade onde empresas no ranking da *Fortune 500* tinham que dividir quarteirões.

Quando levávamos a festa para os fundos, os vizinhos ricos nunca pareciam se importar. Eles foram com a cara de Wayne e do resto de nós,

em especial de Marion e Jodie. As duas eram uma dupla de meninas bonitas e atrevidas do Brooklyn, e a realeza do bairro parecia não enjoar delas.

Para um casal rico, os donos eram muito legais, especialmente como pais. Quando estavam em casa, Wayne aparecia para brincar com os três filhos, que tinham oito, dez e doze anos. Wayne levava jeito para a coisa. Ele contava histórias, participava dos jogos e brincava. As crianças amavam o tio Wayne.

Os ensaios da banda eram quase sempre divertidos. Era difícil ficar sério quando Wayne chegava e lia as letras que tinha escrito. Uma das minhas favoritas era a da canção de amor de Wayne "Man Enough to Be a Woman", que tinha um quê de garage-rock psicodélico anos 1960.

A MainMan estava pagando o estúdio para podermos gravar uma demo de seis músicas, que consistia em "Man Enough", "Wonder Woman", "Queen Age Baby", "Midnight Pal", um *cover* de "Tell Me", dos Stones, e "Max's Kansas City". "Max's Kansas City" soava como uma versão alternativa de "Sweet Jane", do Velvet Underground, mas os versos apresentavam muitos dos clientes regulares pelo nome: The New York Dolls, Patti Smith, Iggy Pop, Lou Reed, Blondie e Dee Dee Ramone. Era um "quem é quem" do Max's.

Os shows eram ainda mais divertidos que os ensaios. Wayne usava uma peruca loira enorme que parecia ter sido roubada de Dusty Springfield. Ele pegava umas duas dúzias de camisinhas, inflava e pendurava no cabelo e na roupa. Quando tocávamos "Toilet Love", ele parecia ameaçador, se movendo como um desentupidor. A MainMan pareceu ter ficado feliz com a demo e se envolveu ativamente. A equipe de relações artísticas vinha aos shows, saía com a banda depois e dizia que amava o que estávamos fazendo. Achamos que faltava pouco para um contrato de gravação. Mas não havia nenhuma proposta de gravadora.

O motivo aparente era o *cross-dressing* escandaloso de Wayne combinado com a temática obscena das canções. Meu pai foi a um dos shows. Mesmo sendo um sujeito liberal, ele achou que eu era louco de me envolver com Wayne. E disse que não havia futuro no *mainstream* para um cantor travesti. Mas David Bowie já era sexualmente ambíguo, e o passo lógico parecia ser Wayne County.

Então parti para o plano B. Entreguei uma cópia da demo com uma foto da banda para meus velhos amigos Richie Wise e Kenny Kerner, que a essa altura tinham ganhado disco de platina com Gladys Knight and the Pips e tinham acabado de terminar o segundo álbum do KISS. Achei que teria dois pares de ouvidos solidários, sem contar olhos solidários. A maquiagem do KISS já tinha se tornado um fato estabelecido e exagerado. Não era exatamente feminino, mas era extravagante para qualquer padrão. Os ouvidos de Kenny gostaram de Wayne County. Ele gostou da música. Já os olhos, nem tanto. Para ele, as massas estavam prontas para Gene, Paul, Peter e Ace, mas não para Wayne. Isso podia demorar anos.

A MainMan tinha seu próprio plano B. Eles fizeram duas versões das fotos de divulgação da banda – uma com Wayne vestido de homem, a outra, como mulher. Os lugares mais liberais receberiam a foto de Wayne travestido. Isso funcionava para Mother's, na Twenty-Third Street, e para o antigo território do KISS, Coventry, no Queens Boulevard. Os clubes proletários receberiam a foto de Wayne vestido de homem. Quando a banda de fato aparecia, os dois tipos de casa recebiam o Wayne *cross-dresser*, e isso acabou se tornando um problema.

Tínhamos um show marcado em uma casa em Newark, Nova Jersey, que tinha recebido a foto hétero de Wayne. Na noite do show, Wayne estava incrível com um *corselet* e meias arrastão pretas. Quando olhei em volta de trás da bateria, me senti muito longe da moderna cena nova-iorquina com a qual estava acostumado.

Os sujeitos que administravam a casa eram do Velho Mundo. Estavam no fim da casa dos trinta ou mais, com um charuto aqui, um dente de ouro ali e um tapa-olho acolá. Pareciam combinar mais com o sindicato dos estivadores do meu pai do que com uma casa de rock. Na verdade, eles pareciam as pessoas que administravam o sindicato. Eles olhavam como gaviões a porta da frente, dos fundos, o salão, e todos que entravam e saíam. A cada poucos minutos um deles saía dos bastidores, e em seguida outra pessoa aparecia. Ficou claro que era uma casa administrada pela máfia.

Mas os garotos que encheram o lugar naquela noite faziam parte da cena *glam* de Nova Jersey. Eles usavam *glitter*, blush, calça justa e maquiagem nos olhos. Não eram exatamente imitações de Bowie. Eram imitações das imitações de Bowie. E não estavam prontos para Wayne

County, mas ficaram muito felizes de vê-lo subir ao palco. Wayne era de verdade. Quando começamos "Toilet Love", a plateia chegou mais perto para ver aquela figura coberta de camisinhas. Os garotos dançaram, levantaram os braços, balançaram a cabeça e praticamente não tiraram os olhos de Wayne.

Os poderosos não estavam felizes. Dava para imaginar como aquilo tinha acontecido. Eles tinham um negócio para tocar. Em geral contratavam bandas de rock, que funcionavam bem e não eram tão diferentes do *doo-wop* dos dias deles, especialmente quando consideravam o dinheiro que entrava pela porta do bar. Mas acharam que podiam se dar ainda melhor se aventurando e chamando uma atração mais moderna – até um artista *glam* se fosse necessário – do outro lado do rio Hudson. A foto de divulgação parecia razoável. Mas o que receberam foi um show de horrores. Uma desgraça.

A quarta música que tocamos foi "Man Enough", e a velha guarda chegou ao limite. Um segurança enorme que parecia trabalhar durante o dia como coletor de dívidas de um apostador foi até nosso empresário, Peter Crowley, e disse alguma coisa que o fez arregalar os olhos e abrir as narinas. Quando "Man Enough" terminou, Peter virou e subiu no palco.

– Acabou. Querem que a gente vá embora. Vamos desmontar tudo e sair daqui.

Achei que fosse isso. O que podíamos fazer além de cooperar? Os *roadies* começaram a desmontar minha bateria. Wayne disse alguma coisa horrível, mas o microfone foi cortado, e fiquei aliviado. Então vi Peter ir até o segurança, que estava com uns dois gerentes da casa. Tive o vislumbre de uma discussão e, quase com a mesma rapidez, derrubaram Peter no chão e começaram a bater nele e a chutá-lo.

Apressamos tudo para sair logo dali, com os *roadies* fazendo tudo duas vezes mais rápido e figuras pretensiosas nos cercando para garantir que não deixássemos nada para trás. No estacionamento nos fundos, Wayne tirou a peruca e começou a xingar, e vi Peter sair cobrindo o olho com a mão.

A história de Wayne County e nosso empresário quase serem espancados em Jersey chegou até Nova York e criou um alvoroço. Pouco depois, fechamos um show no 82 Club na East Fourth Street, perto da Second Avenue no Village. A casa existia há quarenta anos e, durante boa parte do tempo, fora um lendário cabaré de drag queens. Mas fazia

pouco tempo que o 82 tinha se reinventado como um bar disco gay com bandas ao vivo. O lugar era administrado por duas lésbicas masculinizadas e um segurança chamado Jimmy, que parecia Chuck Berry vestido de rainha da disco. Wayne County and the Backstreet Boys se encaixaram perfeitamente. Junte a isso os sanduíches de rosbife e peru servidos aos domingos, gratuitos para a banda... e aquele era nosso lar depois do Max's.

O bairro não era ótimo. Na esquina ficava uma bodega em que o caixa ficava dentro de uma cabine de vidro blindado. O vidro tinha mais de dois centímetros de espessura e à prova de bala a menos que o agressor tivesse uma AK-47. Os clientes que compravam Slim Jims, banana-da-terra e cerveja Miller passavam o dinheiro e recebiam o troco por uma bandeja móvel que não permitia nenhum contato humano. Para chegar ao 82 Club era preciso abrir uma porta surrada de aço e descer uma escadaria bamba até o porão. A chapelaria e a cozinha ficavam à direita, a pista e as mesas, atrás de uma cortina à esquerda.

Uma noite, quando Marion e eu nos preparávamos para ir embora, fui até a chapelaria para pegar minha jaqueta e encontrei meu amigo, o fotógrafo Bob Gruen, que estava chegando. Bob estava documentando a vida noturna no CBGB, no Max's e a cena musical emergente em Lower Manhattan. Ele também estava trabalhando com John Lennon, fotografando-o com Yoko Ono pela cidade. Pensei em perguntar a Bob se ele tinha visto Lennon recentemente, mas, assim que o pensamento me ocorreu, lá estava ele.

John Lennon saiu cambaleando da chapelaria. Ele estava de óculos escuros, um longo casaco azul e uma boina parecida com a que tinha usado em *Os Reis do Iê Iê Iê*. Por algum motivo, parecia mais alto pessoalmente. Mas não por muito tempo. Lennon tropeçou, e Bob o segurou pelo ombro. Lennon tinha tropeçado sozinho. E disse alguma coisa parecida com "obrigado" para Bob, mas o que quer que tenha saído na sequência estava muito arrastado.

John Lennon, que nos conclamava a dar uma chance à paz e nos pedia para imaginar um mundo melhor, estava bêbado demais para ficar de pé. Fiquei um pouco decepcionado ao ver um ídolo da minha infância cambaleando para tentar se apoiar, mas, ao mesmo tempo, tentei entender a pressão constante de ser quem ele era. Bob segurou Lennon com as duas mãos e o levou até uma cadeira.

Algumas semanas depois, Marion e eu estávamos no 82 Club numa noite de folga da banda, sentados no salão bebendo. Estava tocando "Rock the Boat", do Hues Corporation, quando alguns clientes vieram correndo do outro lado da cortina em várias direções. Era difícil ouvir qualquer coisa por causa da música, mas em poucos minutos a história chegou até nós. Um sujeito armado estava perseguindo outro pela Fourth Street, e o homem sendo perseguido tinha entrado por acaso no 82 Club e descido as escadas. Ele foi baleado no fim da escada. Não ouvimos os tiros. Um ou dois minutos depois a música foi cortada e a polícia e os paramédicos surgiram pela cortina. Um dos policiais anunciou que as portas seriam trancadas até todos os presentes darem seu depoimento. Demorou três horas até chegar a minha vez e a de Marion, e nossa declaração foi a verdade pura e simples: não vimos nem ouvimos nada. Eles anotaram nosso nome e nosso endereço e nos deixaram ir. Na plataforma do trem F ao nascer do sol, os trabalhadores estavam começando a chegar a Manhattan.

Uma noite, algumas semanas depois, Marion entrou no apartamento da família no Brooklyn e encontrou o pai esperando por ela com uma carta dos detetives da 9ª delegacia de Manhattan. A carta era um procedimento padrão da polícia depois do interrogatório perguntando se havia mais alguma informação nova sobre o assassinato. A carta mencionava o 82 Club.

Não foi fácil para Marion dizer o que incomodou mais o pai dela – que a filha fosse considerada uma testemunha de um assassinato ou que ela tivesse estado em um bar vulgar de drag queens. Marion explicou que o 82, como tantas outras casas no centro e em toda parte, tinha se reinventado, e, apesar de não ser exatamente o Harvard Club, muitos garotos brancos de classe média do Brooklyn e do Queens frequentavam o lugar para ver os ex-Beatles.

Havia um terceiro item que Marion não conseguiu explicar com tanta facilidade: o fato de estar saindo com um sujeito mais velho que tocava em uma banda cujo vocalista era um travesti e que a levava para bares imundos. Além de explicar ao pai que Marc era um bom rapaz, não havia muito mais a dizer.

Quando nosso baixista Eugene Geary saiu dos Backstreet Boys, chamei meu velho amigo Kenny Aaronson para ocupar a vaga por alguns poucos shows, incluindo um no 82 Club. Kenny gostava do que Wayne

estava fazendo e amou aquela cena. Mas estava entendido que ele estava apenas quebrando um galho. Kenny era requisitado tanto para apresentações ao vivo quanto para trabalho de estúdio por artistas conhecidos e basicamente estava só de passagem.

A essa altura Wayne County não estava em situação muito estável. Havia rumores de que a MainMan só mantinha Wayne na casa para que Bowie pudesse pegar ideias e estilos dele. Pessoalmente, eu achava que era mentira. Depois de Ziggy Stardust, Bowie tinha um belo esquema próprio acontecendo. Ainda que, por algum motivo, David Bowie precisasse de ideias, não tinha necessidade de contratar alguém para mantê-lo a uma distância segura e roubar as coisas dessa pessoa. Havia novas ideias, tendências e modas à disposição toda noite nos clubes por toda Manhattan. Mas o fato permanecia que não estávamos atraindo nenhum movimento das gravadoras, e a MainMan estava cada vez menos interessada na banda.

Quando tocamos no CBGB em março de 1976, foi quase um ato de rebeldia. Ainda sem contrato de gravadora, negligenciados pela MainMan, mas lotamos a casa mesmo assim. Dee Dee e Joey dos Ramones estavam lá. A banda estava cada vez melhor. David Johansen e Johnny Thunders estavam lá, ainda que os Dolls tivessem praticamente se separado. Bob Gruen estava lá com sua câmera. A atmosfera estava carregada.

Dava para ver o CBGB, com seu enorme toldo branco com letras vermelhas, por toda a Bowery. O salão era estreito e muito comprido, com o palco no fundo. Quando entramos para tocar, ficamos cercados pelos três lados. Wayne estava usando uma coisa um pouco diferente de sua persona de palco de sempre. Nada de *corselet* nem de meia arrastão. A peruca era preta em vez de loira. A camisa era branca como sempre, mas a gravata e a calça também eram. Era o Wayne mais masculino, mas igualmente escandaloso. Era também uma versão mais empolgada. Todo mundo na banda sabia que ele tinha tomado um pouco de *speed* antes de subir ao palco.

Umas duas músicas depois de começarmos, Richard Manitoba abriu caminho até a frente do palco. Richard era o vocalista da banda The Dictators. Ele começou a gritar com Wayne e provocá-lo. Wayne estava acostumado com o assédio. A persona dele tinha a intenção de provocar. Mas isso durou algumas músicas e pareceu começar a afetá-lo. Com o

volume da música e a multidão, era difícil saber o que Richard estava dizendo, mas ouvi algumas coisas horríveis aqui e ali. E de tempos em tempos eu tinha um vislumbre do rosto de Wayne. Ele estava agitado e furioso. Chamou Richard de "filho da puta idiota" algumas vezes, mas isso pareceu só deixar Richard e a plateia ainda mais agitados.

Richard finalmente subiu no palco, que tinha apenas uns trinta centímetros de altura. Wayne estava no meio de "Toilet Love" e perdeu a paciência. Acertou o pesado microfone de aço no ombros dele. Em seguida, Wayne atacou Richard, que estava se contorcendo de dor e segurando o ombro. Eles saíram rolando pelo palco, com Wayne socando e chutando furiosamente o corpo do vocalista obeso. Os dois caíram do palco no chão ensopado de cerveja do CB enquanto a multidão se abriu como o mar Vermelho.

As coisas estavam saindo do controle. Levantei, peguei o suporte do prato e me preparei para o que pudesse acontecer. A peruca de Wayne tinha caído, assim como as luvas. Havia sangue espirrando por toda parte enquanto Wayne e Richard brigavam. Demorou apenas uns quinze segundos para Hilly e seu amigo Merv abrirem caminho até o palco e agarrarem Richard. A essa altura, o sangue escorria pela lateral da cabeça dele.

Quando Wayne voltou ao palco, sua camisa branca estava coberta com o sangue de Richard. Ele olhou para a plateia e perguntou se queriam parar ou se ainda queriam mais rock'n'roll.

– Rock'n'roll! – gritaram. – Rock'n'roll! Wayne!

Adequadamente, começamos "Wash Me in the Blood of Rock and Roll" e terminamos o set. Depois, alguém me contou que uns dois companheiros de banda levaram Richard para o St. Vincent's Hospital.

Richard quebrou a clavícula. Ele afirmou que o único motivo para ter subido no palco era para chegar até o corredor, que dava para o banheiro. Ele registrou uma queixa de agressão contra Wayne, e houve um mandato para a prisão dele. Em geral uma das pessoas mais fáceis de identificar, Wayne se tornou mais discreto, mas foi preso alguns dias depois usando um bigode falso. Ainda que não estivesse vestido de *drag queen*, a polícia o colocou em uma cela especial com um *cross-dresser* para protegê-lo dos homofóbicos que estavam presos aquela noite.

As pessoas da cena ficaram do lado de Wayne ou de Richard. Mas mais pessoas pareciam defender Wayne. Danny Fields, empresário dos

Ramones, falou com a imprensa em defesa de Wayne. Debbie Harry e Dee Dee Ramone ajudaram a organizar um evento beneficente no CBGB para angariar fundos para a defesa legal de Wayne. No fim das contas, o caso foi anulado. Por um tempo os Dictators foram banidos do CBGB, do Max's e de algumas outras casas.

Wayne County and the Backstreet Boys ainda eram bem-vindos, mas Wayne foi para Londres, fazendo da confusão do CBGB meu último show com a banda. Por melhor que o grupo fosse, nenhum de nós acreditava que seríamos aceitos fora da cena moderna de Nova York, pelo menos não nos Estados Unidos. Em Londres, Leee era empresário de Johnny Thunders and the Heartbreakers. Wayne e Leee montaram uma nova banda chamada Wayne County and the Electric Chairs. Tanto Greg Van Cook quanto Elliot Michaels tocavam guitarra na banda e eram amigos meus do Brooklyn.

O mundo era pequeno, e o mundo do rock era menor ainda. Ao mesmo tempo, a parte mais ampla do planeta estava começando a ouvir o som e a sensibilidade punk de Nova York e de Londres. E eu estava tentando me dar bem em algum lugar.

Em abril de 1976, comecei a me aproximar de Cynthia Whitney, que era conhecida como "Roxy". Roxy tinha uma vida luxuosa e vulgar. Ela era a herdeira esperta de uma família de Chicago e tinha ido para Nova York para estar na cena do rock – que parecia evoluir o tempo todo. O cheque do espólio chegava pelo correio todo mês sem falta, e era o mais perto que ela chegava de ser normal. Como não precisava de um emprego de verdade, ela tinha liberdade para sair em busca de diversão, e geralmente encontrava. Roxy trabalhava de vez em quando como dançarina em clubes sórdidos na Times Square. Só o fato de andar pela rua se exibindo com um vestido justo de decote exagerado já era uma performance para ela. Roxy era uma exibicionista.

O dinheiro que ela recebia mantinha um belo apartamento no SoHo, na Thompson Street, bem ao sul da Houston Street. Era um *miniloft* no primeiro andar de um prédio de cinco andares renovado e sem elevador. O apartamento tinha apenas uns três metros e meio de largura, mas ocupava o lado direito do prédio e tinha tudo de que precisávamos.

O dinheiro das gorjetas pagava a bebida. Roxy e eu gostávamos de beber. Até ela aparecer, eu não tinha nenhum amigo que gostasse de beber como eu. Eu me enfiava no apartamento dela por dias a fio bebendo tudo o que Roxy tivesse. Não era só eu. O apartamento era uma central de festas. Numa noite qualquer, membros do Dolls, dos Ramones e da Blondie apareciam por lá. Havia sempre muita maconha e muitas pílulas para acompanhar o álcool.

Minha contribuição para o apartamento era um aparelho de som de última linha. A qualquer hora da noite, o som tocava uma mistura de Bowie, Roxy Music e Sparks. Na playlist também estava o álbum autointitulado dos Ramones, que tinha acabado de ser lançado. Era "Blitzkrieg Bop" até quatro ou cinco da manhã. Quando os vizinhos do andar de cima batiam na porta e reclamavam por volta da meia-noite, nossa concessão era diminuir o volume por volta das duas ou três. Nossos amigos sem motivo para acordar cedo acabavam levantando à tarde, conseguiam mais maconha, pílulas e álcool, e tudo parecia rotina. Então uma noite Roxy me apresentou a Richard Hell.

Richard era um sujeito magro com cabelo pesado, ondulado e escuro. Ele tinha sido grande parte da cena nova-iorquina por uns dois anos. De uma família de alto nível cultural do Kentucky, ele conheceu Tom Verlaine em um internato em Delaware em 1969. Os dois abandonaram a escola e foram para Nova York, onde formaram os Neon Boys. Richard tocava baixo e cantava. Tom tocava guitarra. Quando começaram a procurar um segundo guitarrista, Chris Stein (mais tarde da Blondie) apareceu. Assim como Doug Colvin, que depois viria a se tornar Dee Dee Ramone. Mas Richard Lloyd ficou com a vaga.

Os Neon Boys mudaram seu nome para Television em 1973. A banda tinha um som muito original. A guitarra era melódica, mas os acordes e as progressões eram um pouco distorcidos. Os vocais eram estranhos, poéticos e um pouco estridentes, mas, de algum jeito, combinavam perfeitamente com a música. Foram Richard Hell e Tom que convenceram Hilly Kristal a construir um palco para as bandas no CBGB. Foi nesse palco que as pessoas começaram a conhecer o Television, Talking Heads, Blondie, Patti Smith e os Ramones.

O Television tinha contrato com uma gravadora, mas Richard e Tom não estavam se entendendo. Tom, Richard me contou, assumiu o controle total e não colocava nenhuma composição dele nos sets nem no próximo álbum da banda. De todo jeito, o disco de estreia do Television, *Marquee Moon*, estava sendo gravado sem Richard Hell. Por um curto período, Richard juntou forças com os ex-membros do Dolls Johnny Thunders e Jerry Nolan para formar The Heartbreakers.

A música mais conhecida dos Heartbreakers era "Chinese Rocks", composta basicamente por Dee Dee Ramone. Reza a lenda que Johnny Ramone se recusou a gravar uma faixa que era obviamente sobre injetar

heroína. Então Dee Dee a mostrou para Richard, que acrescentou alguns versos. Mas havia uma espécie de competição dentro da banda entre Johnny Thunders e Richard Hell, e Richard durou pouco mais que uma boa dose nos Heartbreakers.

Quando Roxy me apresentou a Richard uma noite no seu apartamento durante uma festa absurda, ele estava em vias de montar uma nova banda e estava procurando um baterista. E me convidou para ir ao estúdio de ensaio Daily Planet na West Thirtieth Street, em Manhattan. Decidi pagar para ver. No mínimo, Richard era um sujeito de aparência interessante. O cabelo dele era um pouco espetado. Não sei se era de propósito ou só o resultado de não ser lavado o suficiente. As calças jeans e as camisetas dele eram velhas, estavam caindo aos pedaços e só se mantinham graças a um monte de alfinetes. Ou era o fim de um guarda-roupa ou o começo de um novo estilo.

Quando cheguei ao Daily Planet no dia seguinte, conheci o guitarrista, Bob Quine. Bob tinha a fama de ser um músico muito original e criativo e correu para me mostrar o que Richard e ele estavam preparando.

Bob tocava como se tivesse vindo de outro planeta. Os acordes e as escalas eram bizarros. Ouvi algo parecido com rock, mas filtrado por um arco futurístico. Ouvi um acorde de blues, mas com uma nota em um lugar estranho. Ouvi uma progressão de blues, mas com um desvio estranho. Os solos continham notas que estavam quase certas, mas, quando você começava a pensar de fato no assunto, ele estava fazendo uma experiência esquisita. O jeito de tocar de Bob era surreal, era como uma versão sonora de uma pintura de Salvador Dalí.

Ninguém me pediu para ouvir uma demo e copiar alguma coisa que outro baterista tivesse criado. Em vez disso, sentei ali na bateria do Daily Planet, no planeta Terra, e comecei a tocar acompanhando a guitarra de Bob, ajudando a preencher a tela parcialmente em branco. Aliás, a faixa se chamava "Blank Generation".

Eu nunca tinha ouvido aquela música antes. Considerando os lugares que eu frequentava e com quem tocava, talvez devesse ter ouvido. Richard Hell tinha escrito a música com os Heartbreakers. Não estava em nenhum disco que eu pudesse comprar, e eu não me lembrava de tê-la ouvido no CBGB nem no Max's e, mesmo que tivesse ouvido, provavelmente tinha se perdido entre o palco e um vodca martíni. Então

eu a acompanhei. Era uma progressão descendente e simples de acordes maiores: dó, si, sol sustenido, sol – com uma sensação confusa e solta.

Por mais que eu estivesse concentrado em acertar o tempo, a atitude e os acentos que fizessem uma diferença entre uma música razoável e uma música boa, fiquei chocado com a letra. Aquilo não acontecia comigo todo dia. Em muitas situações, eu ficava lá no fundo fazendo minha parte, torcendo para estar fazendo direito, e mal prestando atenção ao que estava sendo dito. Mas aquela letra tinha alguma coisa. Ela chamou minha atenção. Eu tinha passado a infância tentando fugir do estilo rigoroso da geração da Segunda Guerra Mundial. Mas na verdade eu também não fazia parte da geração de Woodstock. Eu estava em algum lugar entre as duas. Eu não podia afirmar que tinha um plano na vida. E podia imaginar muitos amigos meus sentindo a mesma coisa.

A voz de Richard não era o que um professor de canto ou um crítico musical consideraria treinada. Às vezes ele meio cantava, meio falava, e as duas metades eram tão irregulares e altas quanto seu cabelo. Cantar não era nem o que ele tentava fazer. Soava mais como um lamento. Mas não era apenas um sujeito reclamando que não conseguia pagar o aluguel ou que havia muitos assaltantes nas ruas de Nova York. Era um lamento poético. Era intelectual. O que ele tinha era um *intelecto punk*. Ele era um Bob Dylan punk.

Depois de alguns minutos, Bob, Richard e eu atacamos outra progressão de acordes em que Bob estava trabalhando. Essa não tinha história. Podíamos transformá-la em qualquer coisa que quiséssemos. O que me impressionou nesse momento – mais que o domínio de Bob sobre sua Fender Stratocaster e a alavanca que ele usava como um escultor usa uma faca – era que aquilo não era um teste. Mesmo que tivesse sido, tinha acabado. Éramos uma banda trabalhando em composições. Havia faíscas por toda parte.

O que também me impressionou foi a maturidade de Bob. Ele tinha perdido muito cabelo e, se eu tinha vinte e três, ele podia ter trinta e três. Mas não foi isso que chamou minha atenção. Bob parecia ter cinquenta. Ele era tranquilo e concentrado. Sem precisar afirmar nada, ele era o adulto na sala. Nos círculos que eu frequentava, havia muitas salas, mas muito poucos adultos.

Os acordes de Bob iam até a ponta do braço da Strat. Tudo o que eu tinha absorvido sobre o rock me dizia que, depois do terceiro ou quarto

acorde ascendente, era hora de descer e acertar o compasso. As progressões de Bob continuavam subindo, produzindo uma sensação maníaca e descontrolada, e eu conduzia a batida naquele espírito. Enquanto isso, Richard começou a cantar uma letra que ele já tinha escrito para a canção quando estava com os Heartbreakers. Eu não conseguia entender todas as palavras, mas o título era inesquecível: "Love Comes in Spurts".

Depois do primeiro ensaio, Richard inventou o nome Voidoids. Gostei imediatamente. Era diferente e funcionava bem com o som bizarro. Sem contar o tema de uma música como "Blank Generation". Nós três continuamos ensaiando no Daily Planet, e as faíscas continuaram surgindo. Mas depois de alguns ensaios Richard achou que seria bom para a banda ter um segundo guitarrista. Não tinha nada a ver com Bob não dar conta. Bob estava dando mais do que conta.

Ele só achou que uma segunda guitarra podia tornar as coisas ainda mais interessantes. Também era possível que um segundo guitarrista também tirasse um pouco do fardo das costas não só de Bob, mas do próprio Richard. O baixo de Richard era denso e minimalista. Ele nunca tocava uma nota a mais do que a música pedia. Ainda assim, ele precisava fazer isso e cantar ao mesmo tempo, basicamente o mesmo fardo que afastou Dee Dee do seu primeiro papel de vocalista dos Ramones.

Colocamos um anúncio no *Village Voice*. O *Voice* foi o primeiro semanário alternativo bem-sucedido do país. Ele cobria a revolução cultural dos anos 1960 das trincheiras e atendia a comunidade gay antes que alguém ouvisse falar de Stonewall. Nosso amigo dos tempos do Dust, Lester Bangs, era uma das dezenas de escritores conhecidos dos escalões do *New Journalism* que escrevia para o *Voice*. O jornal cobria a cena punk emergente de Nova York com destaque. Enquanto isso, a parte de trás do *Voice* era famosa pelas centenas e mais centenas de anúncios sexuais e musicais, e o nosso naquela semana foi visto pelo músico certo.

Ivan Julian foi a primeira pessoa a responder e o primeiro a fazer o teste. Ele era um sujeito jovem de cabelo encaracolado. Quando Ivan entrou na nossa sala no Daily Planet, Richard estava cochilando em um canto. Eu estava bebendo vodca direto da garrafa, a havia duas garotas perto da bateria. Não sei o nome de nenhuma delas. Bob era o único que

parecia normal ali, provavelmente porque *era* o único sujeito normal na sala.

Bob imediatamente assumiu o comando da audição. Ver Ivan foi um pouco como ver a mim mesmo algumas semanas antes. Bob passou alguns minutos com ele mostrando trechos de guitarra. Bob foi calmo, paciente e metódico. O barulho das duas guitarras acordou Richard, que logo foi se juntar a eles.

A guitarra de Ivan tinha uma abordagem mais direta para o rock do que o violão de Bob. Ivan tocava o mesmo acorde, mas de um jeito mais padrão, muitas vezes mais baixo no braço da guitarra. Quase não havia notas estranhas e não havia alavanca. Podia ter havido um conflito sonoro, mas não houve. No fim das contas, os dois estilos se complementaram. Por um acidente feliz, havia uma espécie de harmonia típica. A guitarra de Ivan ficava ancorada na minha bateria, no baixo cru de Richard, deixando Bob livre para voar em círculos ao redor da embarcação. Com Ivan a bordo, a banda Richard Hell and the Voidoids estava completa.

Depois de testar algumas canções, fizemos uma pausa curta e falamos sobre música. Richard tinha se encantado com o som cru do MC5 e dos Stooges. Em termos líricos, ele era influenciado por Jack Kerouac e a geração *beatnik* que tinha começado a surgir com a publicação de *On the Road* em 1957. Ele também amava arte surrealista e os poemas do movimento decadentista de Arthur Rimbaud e outros do fim do século XIX. Ele nasceu Richard Meyers, mas, quando se junta tudo aquilo e mistura com uma atitude de Bob Dylan, o resultado é Richard Hell.

Bob ouvia jazz e blues. A maneira como aquilo tudo exalava da Strat era invenção dele mesmo. Ivan era da região de Washington e preferia rock pesado. Os olhos dele brilharam quando contei que fiz parte de uma banda chamada Dust. Ele tinha nos visto tocar alguns anos antes perto de sua cidade. Estranhamente, Ivan se lembrava do comercial de rádio que promoveu o show desafiando o público a ir ver e ouvir o maior bumbo do rock. E esse tempo todo eu tinha achado que tinham ido ver a banda.

Ao longo das semanas, encontramos um ritmo de ensaiar, compor, dormir e começar tudo de novo. Em geral eu começava o dia com algumas doses no apartamento de Roxy e depois ia até o apartamento de Bob na St. Marks Place depois da Second Avenue. A maturidade de Bob

se manifestava de diversas formas. A primeira de todas era que ele tinha um apartamento de verdade. Outros músicos ou não tinham residência oficial, ou moravam em uma pocilga cheia de caixas de garrafa de leite, baratas e maconha. Bob tinha móveis de verdade onde sentávamos para ouvir Dave Brubeck e Miles Davis.

A droga de Bob era o Valium. Fazia sentido para mim. Ele tinha um intelecto real, uma mente analítica. Dava para ver que havia muita experiência, decepção e receio represados ali dentro. Ele libertava isso tocando guitarra, mas não podia tocar guitarra o tempo todo. Então dois comprimidos de Valium com acompanhamento de Stan Getz o ajudavam a lidar com o que quer que a Stratocaster não desse conta.

Em uma noite ambiciosa, Bob e eu íamos caminhando para o ensaio na West Thirtieth Street. Nas outras noites pegávamos o trem R. Depois do ensaio em geral voltávamos para o apartamento de Richard na Tenth Street, entre a First Avenue e a Avenue A no East Village. Richard tinha um apartamento de músico. O lugar ficava no limite de Alphabet City, por muitos anos o bairro proletário mais pobre do Lower East Side, mas agora era, em grande parte, uma área para os rebeldes e os viciados procurarem abrigo com aluguel barato.

O aluguel de Richard era de 55 dólares por mês, ou 45 dólares a menos do que Bruce e eu pagávamos para morar em um depósito num porão do Brooklyn e fazer gato no telefone. Valia cada um dos cinquenta e cinco. Gangues zanzavam lá fora. Depois de subir quatro lances de escada até o último andar, você entrava pela porta de metal surrada do apartamento de fundos. O cômodo da frente era uma cozinha estreita, e a primeira coisa que você notava era uma banheira antiga. Quase dava para ver e ouvir um bando de crianças sujas dos anos 1880 sentadas sem roupa na banheira enquanto a mãe despejava a água de uma chaleira aquecida num fogão a carvão.

O piso era de madeira crua, não envernizada, e rangia quando você pisava. Havia rachaduras e buracos suficientes nas paredes de gesso para fazer você pensar que alguém tinha começado a demolir e, por algum motivo, parado. Atrás da cozinha ficava uma sala estreita com caixas de papelão que abrigavam os muitos livros e discos de Richard. Na lateral ficava um closet com uma privada. No apartamento original, era um penico, mas nos anos 1920 alguém decidiu moderninzar. O quarto de Richard consistia em um chão nu com um colchão, sobre o qual

geralmente ficava um baixo. Para dar uma ideia do local, o poeta *beatnik* Allen Ginsberg morava no andar de baixo, talvez perto o suficiente para ouvir o barulho do baixo quando Richard tocava.

Havia um segundo quarto minúsculo com um beliche. Era onde Ivan e eu ficávamos quando não conseguíamos voltar para onde quer que fosse. Era um pouco como dividir o beliche com meu irmão Fred, olhando para o teto e pegando no sono ao som da música na minha cabeça. Ali na Tenth Street, o apartamento ficava de frente para o interior do terreno, bem acima dos fundos. Estranhamente, era quieto e tranquilo, com uma brisa agradável, em meio ao caos.

Uma noite, no CBGB, Richard nos apresentou a Terry Ork. Terry era um sujeito divertido de barba e bigode. Todo mundo sabia quem ele era e qual era sua participação no nascimento da cena musical do centro da cidade. Terry começou fazendo serigrafias para Andy Warhol e torcendo para seguir seus passos ao formar o próximo Velvet Underground. Terry tinha ajudado Tom Verlaine e Richard Lloyd quando formaram o Television e acabou se tornando empresário da banda, que, por um tempo, contou com Richard Hell. Enquanto a banda se organizava, Richard aprendeu a tocar baixo. Terry prometeu ao dono do CBGB, Hilly Kristal, que ele ganharia um bom dinheiro no bar se deixasse o Television tocar; e cumpriu sua promessa. Depois disso, Terry efetivamente se tornou a pessoa que agendava as bandas do CBGB.

Explorando sua presença no mundo punk nova-iorquino, Terry passou a administrar um pequeno selo independente chamado Ork Records. Claro, ele e Richard tinham uma história juntos, e Terry perguntou a Richard se tínhamos interesse em gravar um *single* – duas músicas, com um lado A e um lado B. Richard rapidamente barganhou um disco "extended play", ou EP, de três faixas. Sem muito tempo juntos como banda e sem ter feito nosso primeiro show, tínhamos um contrato de gravação pequeno, mas muito real.

Ivan mais ou menos foi morar no apartamento de Richard. Não era como se ele não soubesse no que estava se metendo, mas havia sempre surpresas novas. Às vezes Ivan entrava na cozinha e encontrava Richard dormindo na banheira. Pelo menos uma vez Richard passou a noite inteira lá até a manhã encurvado com a boca aberta e um braço pendurado de qualquer jeito. Ele parecia em coma. Havia sacos vazios de heroína no chão, então a morte não estava fora de questão. Ivan

chacoalhou Richard, que quase não acordou a tempo de Ivan não ligar para a emergência.

Quando Richard não estava quase se afogando nela, a banheira da cozinha servia de mesa. Com alguns pedaços de madeira sobre ela, era perfeita para sentar e cortar carne, batata ou heroína. As pessoas cortando eram Johnny Thunders, Jerry Nolan, o guitarrista dos Heartbreakers Walter Lure e Dee Dee Ramone. O verdadeiro Hell's Kitchen era um bairro de prédios baratos e mafiosos na área das West Thirties e Forties em Manhattan. Mas esse "Hell's Kitchen" não ficava devendo em nada.

Gravamos o EP no Plaza Sound, no oitavo andar do Radio City Music Hall. Eu estava empolgado, não só com a oportunidade, mas com nosso produtor, Craig Leon, que tinha acabado de produzir o primeiro álbum dos Ramones meses antes. Fazia tempo que eu não gravava nada e estava um pouco ansioso. Roxy estava comigo e me deu um Valium. Era uma pílula branca de 2,5 miligramas. Eu nunca bebia antes de tocar e não tinha certeza se era o momento certo de tomar meu primeiro Valium. Era como girar uma roleta. Mas ele de fato me fez relaxar, acalmou as coisas e, mais importante, não arruinou meu foco. Eu me senti ótimo. Foi como tirar uma página de um livro de Bob Quine.

Trabalhamos em "Blank Generation", "Another World" e "Gotta Lose". A bateria do estúdio era uma Ludwig azul brilhante de 1967 com pratos Paiste, e eu me senti em casa. Craig deixou a banda fazer o que quis. Ele simplesmente seguiu o que soou bom para todos nós. Os ensaios constantes compensaram. Finalizamos todas as faixas básicas em um dia.

Às vezes, nossa festa acontecia no apartamento de Terry, um *loft* enorme na East Broadway, Chinatown. Richard Lloyd já tinha morado no pequeno quarto da frente. Uma noite a banda toda estava ali, e Ivan ficou muito bêbado. Ele cambaleou até a privada, não sem antes abaixar a calça até o meio da perna para urinar, para depois perceber que ele precisava vomitar. Ele se ajoelhou diante do deus de porcelana, como dizem, e deixou a bebida sair por onde tinha entrado. Se tem uma coisa que todos têm em comum nessa situação, é esperar um pouco para ver se a coisa toda acabou e recuperar o fôlego.

Antes que pudesse fazer alguma dessas coisas, Ivan sentiu duas mãos em seu cinto abaixando sua calça até o fim. Era Terry, o dono da casa, tentando entrar no Voidoid. Por pior que estivesse, Ivan levantou de um

salto gritando. Quando o vi pulando pela sala, tentando limpar a boca e levantar a calça ao mesmo tempo, percebi que precisava ir embora com ele e tentar acalmá-lo. Ele já estava com a calça no lugar quando chegamos à calçada na East Broadway.

– Ele tentou me comer, porra! Que merda é essa?

– Sabe, você não pode culpar o sujeito – respondi com um sorriso. – Ele tentou aproveitar a chance.

Era uma longa caminhada de volta para o apartamento de Richard na East Tenth Street, o que foi bom. Ivan era um sujeito liberal, nem um pouco homofóbico, mas estava em choque. Era uma combinação de já estar atordoado, o elemento surpresa e tentar organizar em sua cabeça exatamente o que pensar de Terry dali em diante. Mas, quando chegamos à East Tenth Street, Ivan começou a ver como a coisa toda era engraçada.

Terry Ork também levava os negócios a sério, e seu negócio era exatamente aquele. A Cinemabilia era uma loja dedicada a livros, pôsteres e revistas sobre filmes antigos. Era um lugar onde o rei da nostalgia da TV e do rádio de Nova York, Joe Franklin, teria se sentido em casa. A Cinemabilia também funcionava como escritório da Ork Records. Terry podia facilmente ter comprado um som estéreo Marantz caro para o escritório. Em vez disso, ele tinha uma vitrola barata comprada em uma loja de descontos na Fourteenth Street. Ele queria ouvir seu produto no mesmo tipo de aparelho de som que a maioria dos seus clientes.

O telefone na mesa de Terry não parava de tocar ultimamente. As cinco mil cópias que ele tinha feito do EP de Richard Hell and the Voidoids venderam quase de imediato. Terry também tinha um acordo de distribuição com a Stiff Records na Inglaterra. O Stiff era um selo dedicado ao punk que distribuía artistas ingleses como Nick Lowe e The Damned. Um dos slogans da Stiff era "If it ain't Stiff, it ain't worth a fuck".[1]

Nosso EP estava vendendo bem no Reino Unido também. Era bom saber que valíamos alguma coisa.

Enquanto isso, Terry fez muito mais por nós do que marcar shows na casa onde ele sempre marcava shows. Na primavera de 1977, ele fez Hilly nos pagar quatro mil dólares por dois shows no CBGB. Não tivemos que fazer muita divulgação. Havia um forte boca a boca sobre a banda. Entre a fase de Richard no Television e nos Heartbreakers e minha temporada com Wayne County, havia um efeito residual. O CBGB fez seus *flyers* de

sempre e divulgou os shows no *Village Voice*, mas isso era habitual para todas as atrações. Felizmente, os dois shows lotaram, e o público amou a banda. Então Terry marcou mais shows, um por mês. Quatro mil dólares era um bom dinheiro. Podia deixar o aluguel de Richard pago até pelo menos os anos 1980.

Quando não tinha ensaio nem show normalmente eu acordava por volta do meio-dia no apartamento de Roxy. Por volta de duas ou três, nós dividíamos meio litro de vodca. Às vezes, Johnny Ramone aparecia no meio da tarde. Alguém batia na porta, e em geral era eu que atendia. Eu dizia: "E aí, John?", e ele dizia: "E aí, Marc?". E era basicamente isso. éramos como dois navios passando.

Mais ou menos meia hora depois, eles saíam pela porta, John de calça jeans, camiseta e jaqueta de couro, Roxy de minissaia de couro vermelha e uma peça de látex preto. Nos últimos tempos ela estava descolorindo totalmente o cabelo e se enchendo de delineador preto e batom vermelho vivo. Num nível superficial, dava para ver por que os dois se deram bem. Os Ramones eram peixes grandes, pelo menos ao sul da Fourteenth Street. Roxy não tinha ido a Nova York por causa dos peixes pequenos. Ela era uma garota rica e selvagem que se vestia para matar. Parecia uma garota com uma fantasia sadomasoquista. Para mim, ela era mais sádica do que masoquista.

Acho que John era o masoquista ali. Ele era casado com Rosana, sua namorada do colegial. Ela era muito elegante e parecia Sophia Loren, a mulher perfeita para John. Quem iria querer mais? John. Ele e Rosana tinham um apartamento em Forest Hills, que ficava em outro *borough*, não em outro continente. Parecia que John ia levar um tombo feio. Mas não era da minha conta. Eu namorava Marion e tinha minha própria vida para me preocupar.

Quando chegava a hora de sair à noite, eu tomava uma ou duas cervejas para me soltar e fazer a ronda – 82 Club, CBGB, Max's. Todo mundo me dava bebida de graça porque eu tocava ali. Era o meu circuito.

Nas noites de sexta, meu circuito incluía o Roosevelt Hotel na East Forty-Fifth Street em Manhattan. Marion trabalhava na recepção nos dias de semana de três às onze, o que era ótimo para sair e ficar até tarde. Mas ela costumava se oferecer para o primeiro turno de sábado, o que era das sete e meia da manhã até três da tarde. Quando você ia de um turno da

noite para um da manhã, o hotel dava um quarto para passar a noite, para você não precisar de deslocar.

Eu aparecia na recepção sexta à tarde, e Marion me entregava a chave como se eu fosse um hóspede anônimo. Eu subia a escada até o número do quarto marcado na chave, entrava, dormia e assistia à TV o dia todo. Logo depois das onze da noite, Marion chegava para uma saideira. Era mobília de mogno, televisão em cores, tapete felpudo e serviço de quarto. Para uma boa moça do Brooklyn que ainda morava com os pais e um músico tentando ganhar a vida, era um vidão.

Numa noite de folga, eu estava no Max's com amigos bebendo. Por volta de três da madrugada, eu decidi que tinha bebido o suficiente, ou alguém decidiu. Meu irmão Fred, meu amigo Elwood e eu saímos juntos e começamos a andar em direção ao centro. Elwood contou que estava trabalhando como *roadie* para o KISS, mas eu não acreditei totalmente nele.

Um amigo e *roadie* do Dust, J. R. Smalling, que tinha se tornado empresário de turnê do KISS, nunca tinha mencionado Elwood. Em todo caso, a banda tinha acabado de gravar seu álbum novo. Elwood estava carregando um grande *case* preto com cantos de metal.

Começamos a caminhar pelo Union Square Park no lado da Park Avenue. Lá dentro, no centro desse pequeno parque, ficava uma estátua enorme de George Washington em um cavalo. Para a sorte dele, nenhum dos dois podia sentir o leve cheiro de urina no ar. Perto da entrada norte do parque, encontramos dois sujeitos brancos brigando. Eles estavam se xingando. Não era uma dessas brigas ridículas dos filmes em que cada um que dá um soco recebe a atenção da câmera. Era uma tempestade de golpes rápidos.

O costume era deixar dois homens que estavam brigando continuarem brigando. A coisa educada a fazer seria ir embora em vez de ficar ali assistindo. Mas havia alguma coisa de errado com aquela briga. Um deles era muito maior que o outro – uns trinta centímetros maior. Então fui até lá e me enfiei entre os dois. Eles ficaram paralisados. Gritei para o mais alto:

– Ei, não compre uma briga com esse cara menor! Olhe o tamanho dele.

Do nada, o menor avançou sobre mim. Quando recuei, vi que havia uma faca na mão dele. Senti que ela passou pela parte interna do meu

braço esquerdo, pela jaqueta de couro. Assim que segurei meu braço, tanto o sujeito menor quanto o maior saíram correndo, seguindo rumo ao sul pela calçada. Fred e Elwood estavam logo atrás dele. O maior fugiu, mas Fred segurou o menor, e Elwood o acertou na cabeça com o *case*.

Quando dei alguns passos na direção deles, comecei a ficar enjoado e zonzo. Olhei para baixo e vi uma poça de sangue no pavimento. Se eu estava bêbado o bastante para separar uma briga entre dois idiotas, pelo jeito também estava bêbado o bastante para não perceber que a facada tinha sido feia. Alguns segundos depois, uma viatura parou na guia, e dois policiais apareceram. Havia sempre alguma coisa suspeita acontecendo no parque, então a polícia sempre patrulhava. Outra viatura parou um momento depois perto de Fred e Elwood, que pararam de bater no sujeito por tempo suficiente para explicar o que tinha acontecido.

Não dava tempo de chamar uma ambulância, então a viatura cumpriu essa função. Fui colocado no banco de trás com um dos policiais. Algemaram o sujeito menor e o colocaram na frente. O policial que estava dirigindo nos disse que a primeira parada era o Bellevue Hospital na First Avenue. A segunda era a delegacia. Havia sangue na minha jaqueta, na camisa e na calça. *Meu sangue*. O policial ao meu lado disse:

– Ei, não vá sujar o banco. Que tal enfiar o dedo no corte para segurar o sangue?

Ele estava brincando, mais ou menos. Eu precisava de um paramédico, mas não era um, então apertei o braço esquerdo com a mão direita.

Fiquei zonzo de novo quando a viatura passou pelo portões de ferro do Bellevue. Quando fui levado de cadeira de rodas para o pronto-socorro, uma enfermeira perguntou se eu tinha bebido, e a resposta estava no meu hálito. Por causa do álcool, não puderam me dar uma anestesia geral. Eu estava apagando e voltando quando me deitaram na mesa de operação. Não consegui ver direito o que estavam fazendo e não senti nada. Talvez tenha sido porque me deram uma anestesia local. Talvez tenha sido por causa das doses que tomei no Max's. Senti o cheiro de pele queimada e deduzi que só podia ser a minha. Devem ter cauterizado a ferida.

Roxy ficou sabendo que fui esfaqueado e foi ao hospital. Meu pai apareceu logo depois. Na sala de recuperação, eu não sabia o que tinha

irritado mais meu pai – o que algum maluco tinha feito com seu filho, ou como seu filho praticamente tinha se convidado para ser esfaqueado.

– É isso que dá ser um bom samaritano, Marc.

– Ei, eu só um vi um cara grande implicando com um menor…

– Você não pode presumir nada. Você não sabe quem eram os dois ou o que estava acontecendo um minuto antes de você chegar. Estou feliz que ele não tinha uma arma.

Meu pai também não estava feliz que tivéssemos que ir ao tribunal, mas com certeza ele cuidou para que estivéssemos preparados.

Descobri pela manhã que uma das minhas artérias principais tinha sido cortada. O médico que me atendeu queria que eu passasse uma semana inteira no hospital. Eu estava me sentindo péssimo, então não discuti. Mas, depois de dois dias, eu estava muito melhor. Na segunda manhã eu estava mais forte e cansado de comer gelatina e assistir a novelas. Pedi para ser liberado, mas o médico se recusou a me dar alta. Então fiz as coisas por conta própria. Saí da cama, levantei e tirei a camisola de hospital. Meu braço esquerdo estava latejando de dor, então eu estava usando quase só o direito. Minhas roupas estavam em uma sacola no canto. Vesti as peças devagar, com o sangue seco e tudo. Mas não consegui encontrar meus tênis. Olhei para o chão e vi os chinelos idiotas com carinhas sorridentes que o hospital tinha me dado e pensei, quer saber? Quem sabia se eu ia conseguir amarrar os cadarços dos tênis? Então saí escondido e peguei a First Avenue com os chinelos de carinha sorridente.

Liguei para Elwood de um orelhão e falei que estava a caminho do seu apartamento. Ele me chamou de filho da puta maluco, mas me disse para ir mesmo assim, que ele ia estar lá. Era uma caminhada de uns dez quarteirões. Elwood me recebeu com uma garrafa de vodca e uma cópia promocional do novo álbum do KISS, *Destroyer*. Coloquei a garrafa na boca, e Elwood colocou o disco.

Naqueles tempos as ondas do rádio andavam cheias de bandas de estádio medíocres criando sucessos comerciais para a indústria fonográfica. Mas não importava quantas vezes fosse disco de platina, o *Destroyer* não fazia parte daquele mundo. Era incrível. Para um sujeito que quase não tinha escapado de ser esfaqueado até a morte e que estava solto, era como a trilha sonora da liberdade. A faixa "Flaming Youth" parecia estar falando direto comigo.

A ferida no meu braço esquerdo dificultou a bateria por um tempo, mas eu fiz o que precisava. Se você tem um ensaio ou um show para fazer, encontra um jeito. A dor na verdade não se comparava com alguns tratamentos de canal que eu tinha enfrentado, e sempre havia bebida por perto para tirar a dor. Em menos de duas semanas, eu estava basicamente curado.

No fim da primavera de 1977, assim como todo mundo na cena musical do centro, eu estava ouvindo Sex Pistols. Comprei o *single* de "Anarchy in the U.K.", com Johnny Rotten proclamando ser o anticristo, e ouvi por conta própria a raiva da juventude inglesa em alto e bom som de um jeito que a música *mainstream* era incapaz de expressar. Mas quando peguei uma cópia do jornal de música britânico *Melody Maker* e vi uma foto da banda, tive uma experiência totalmente diferente. Os Sex Pistols eram como Richard Hell. Usavam jaquetas esporte escuras que não serviam direito, camisetas rasgadas com alfinetes e tinham cabelo espetado.

Era irônico. Anos atrás, Richard tinha começado esse estilo por acaso, antes de eu conhecê-lo. Esse estilo tinha viajado até o outro lado do Atlântico e agora estava voltando como algo importado, como se fosse original. Na realidade, era uma derivação. O empresário dos Pistols, Malcolm McLaren, também era estilista e dono de uma butique de sexo em Londres, a Sex. Ele fez pelos Sex Pistols o que Brian Epstein tinha feito pelos Beatles, só que ao contrário. McLaren fez seus garotos parecerem mais sujos e criou uma imagem completa para acompanhar as caras feias. Olhando para *Melody Maker*, senti como se estivesse vendo algum tipo de piada interna. Torci para Richard ver da mesma forma.

Não dava para ter certeza de que ele acharia uma piada. Havia um lado narcisista em Richard Hell, e a atenção que ele recebia das mulheres tendia a reforçar isso. O elemento surpresa de tudo era a heroína. Nunca tínhamos certeza de qual Richard íamos encontrar. Às vezes ele estava acelerado. Outras, estava tranquilo, até sedado. A droga podia provocar ou aplacar sua ansiedade. Nunca dava para ter certeza, e estávamos sempre pisando em ovos com ele.

Às vezes, nos bastidores depois de um show, quando todo mundo estava comemorando uma boa performance, ele ficava sentado em algum lugar e mal notava as outras pessoas. Agora que Richard tinha se

tornado o elo perdido de um fenômeno transatlântico, havia muita chance de isso subir para a cabeça dele – ou para uma veia.

Algumas semanas depois, Fred, Elwood e eu tivemos de aparecer em uma corte criminal na Centre Street a poucos quarteirões da prefeitura em Manhattan. O promotor público tinha registrado queixa de agressão e conduta imprudente contra o sujeito mais baixo, que apareceu todo arrumado em um pequeno terno cinza. Fui colocado no banco das testemunhas e me pediram para apontar o agressor e responder algumas perguntas simples. O juiz o sentenciou a um ano de liberdade condicional.

Meu pai não ficou feliz, e ele tinha muito mais discernimento do que a maioria das pessoas. Depois de estudar à noite, ele tinha acabado de se formar pela Brooklyn Law School, o tempo todo trabalhando como estivador.

– É isso que tentativa de assassinato recebe em Nova York hoje em dia? – ele comentou. – Um tapa na mão.

Quando as portas da corte criminal se fecharam, eu tinha coisas muito melhores em que pensar. Tínhamos acabado de assinar contrato com a Sire Records.

Com o EP da Ork vendendo bem dos dois lados do Atlântico, Richard Hell and the Voidoids atraíram a atenção de Richard Gottehrer, junto com Seymour Stein, o cofundador da Sire Records. Gottehrer começou naquela indústria como compositor e produtor da famosa The Brill Building, com sucessos como "My Boyfriend's Back", "Hang On Sloopy" e "I Want Candy". E, o mais importante, a Sire era a gravadora dos Ramones, do Talking Heads e dos Pretenders, então era o lugar certo para nós também. Recentemente, ela tinha começado a usar o termo *new wave* em vez de "punk" para descrever a nova cena musical. Tudo o que importava para nós era tocar direito e lançar nossa música.

Meu adiantamento foi bem usado, para refeições de verdade em vez de pão, manteiga de amendoim e a generosidade de amigos e donos de bar. Comprei roupas boas, incluindo uma jaqueta de couro, além de alguns pares de tênis Keds para substituir o par que estava gasto de tanto atravessar o Lower Manhattan. Comprei um bom aparelho de som portátil na Forty-Eighth Street.

Aproveitei até para arrumar meus dentes. Os dentistas que nos atenderam quando crianças fizeram o melhor que puderam, mas tinham mais ou menos remendado as coisas. Como resultado, nos últimos anos uma restauração tinha caído aqui e uma coroa ali. Eu sabia que precisava de um tratamento de canal, e estava me virando na vida praticamente tendo uma overdose de Anbesol, que aos poucos formou um pequeno buraco no interior da minha bochecha. Meu plano dentário era basicamente cuidar das coisas toda vez que assinava contrato com uma gravadora.

Começamos a gravar o álbum dos Voidoids no fim da primavera de 1977 nos Electric Lady Studios da West Eighth Street, no Village, com produção de Richard Gottehrer. Jimi Hendrix e seu empresário, Michael Jeffery, tinham comprado o prédio originalmente com a ideia de reabrir o Generation Club, mas os planos se transformaram em um estúdio de nível musical. Ironicamente, Hendrix gravou no Electric Lady apenas no que viriam a ser seus dias finais de vida. Mas o estúdio continuou fazendo parte de seu legado. As janelas redondas, as luzes ambiente

multicoloridas e o enorme mural do espaço que dava a volta no corredor entre o estúdio A e o estúdio B ainda estavam ali. A mesa de mixagem de vinte e quatro canais, os gravadores de rolo e os efeitos eram de primeira linha.

As sessões do Voidoids eram bastante cansativas. A banda começava no fim da tarde e terminava com o nascer no sol. O nível esperado da performance era alto – o padrão estava mais alto. Não era como a sessão de gravação do EP, em que fizemos um bom trabalho e era entrar e sair. Havia fantasmas imponentes na sala. Bom não era mais bom o bastante, e isso estava afetando Richard Hell. Quando Gottehrer ou Bob ouviam o material e sugeriam que fizéssemos outro *take*, Richard em geral ficava incomodado ou irritado.

Era um problema para a banda toda, mas especialmente para mim. Richard não era só nosso vocalista ou líder. Ele era o baixista, e baixo e bateria precisavam trabalhar juntos como as engrenagens de um relógio. Para mim, não adiantava ele fazer outro *take* no baixo de mau humor. Se ele não estivesse ali de coração, seus dedos também não estariam. Precisávamos que Richard guardasse os berros e as reclamações para os vocais. Mas eu não queria confrontá-lo quando passava do limite. Então eu ficava repetindo que éramos um grupo e que ele precisava se lembrar disso. *Relaxe, Richard. Relaxe*.

Por mais estranho que parecesse, ele relaxou, e não teve muito a ver com nada do que eu disse. As drogas provavelmente fizeram efeito. De repente, era Richard Hell querendo gravar mais um *take* ou tendo um surto de genialidade. Ao final do hino funky-psicodélico "Another World", Richard começou a tossir. Era compreensível, porque os mais de oito minutos de gemidos e gritos eram muita coisa para qualquer um, punk ou não. Mas Richard quis deixar, e percebemos que era o final perfeito para aquela fantasia apaixonada.

Eu estava feliz com minha performance e com o som de bateria ordinário que Gottehrer me deu. Enquanto isso, o som de Bob era absurdo. Ele fez jus ao papel do que já era um nível alto. A canção "Betrayal Takes Two" era uma balada punk, o que parece um oximoro. "Betrayal" tinha um quê de blues, e quando a parada chegou, Bob arrebentou. Chegamos a pensar que ele tinha incorporado Jimi Hendrix de verdade. A versão punk.

Quando o álbum foi mixado e masterizado, Richard se transformou em um pesadelo. Depois de pensar bem – não sabemos bem qual era seu estado mental –, ele decidiu que mais ou menos três quartos do disco precisavam ser refeitos. Essa é a última coisa no mundo que uma gravadora com um álbum a caminho quer ouvir. Mas Richard deve ter tido seu melhor chilique, porque a Sire cedeu.

Em 13 de julho de 1977, por volta de nove a meia da noite, Richard Hell and the Voidoids estavam no Plaza Sound na West Fiftieth Street, em Manhattan. Estávamos ouvindo nossa última gravação de "Blank Generation". Contando o EP e as sessões no Electric Lady, era a terceira versão. Ou talvez a décima. Era pegar ou largar toda vez. Mas, naquela ocasião, a velocidade da fita diminuiu, fazendo os gemidos agudos de Richard soarem quase normais. E então a máquina parou totalmente, e as luzes se apagarem. Como em qualquer estúdio, sempre havia muitos fumantes, então os isqueiros surgiram como se fosse o fim de um show. Fomos até a janela que dava para a West Fiftieth Street, e estava totalmente escuro lá fora também. Janelas, vitrines, postes – tudo escuro. A única iluminação eram os faróis dos carros indo para o leste pela West Fiftieth. Pareciam zumbis de dois olhos, e estavam se movendo na velocidade dos zumbis.

Havia muitas coisas para fazer no escuro em muitos lugares, mas não muito num estúdio de gravação. Ivan e eu fomos os primeiros a sair. Pegamos alguns fósforos, chegamos até a escada, descemos e fomos para a rua. Éramos como crianças num parque de diversões. Estava muito calor, e nós queríamos uma aventura. Decidimos que o destino era o Max's. Seria uma longa caminhada da Fiftieth Street para a Eighteenth Street, e o metrô não era uma possibilidade.

Enquanto a Midtown estava cheia de frequentadores de cinema, de teatro e turistas confusos e educados, as coisas foram se tornando um pouco mais perigosas a cada quarteirão em direção ao sul. Na Forty-Eighth Street, vimos uns dois ladrões fugindo de uma loja de eletrônicos carregando peças para um estéreo e rindo. Na Forty-Second Street, uma multidão estava saqueando uma loja de roupas masculinas. Não eram criminosos profissionais. Eram nova-iorquinos furiosos comuns que viram uma oportunidade.

Havia vidro por toda parte. Os rostos estavam encobertos exceto quando um carro passava e expunha todo mundo em seu estado natural.

De vez em quando, um raio de luz atravessava o céu e, por um ou dois segundos, as pessoas estavam roubando em plena luz do dia. Vozes ameaçadoras surgiam nas esquinas, e outras vozes ameaçadoras eram ouvidas em resposta querendo saber onde estava bom para caçar. As vítimas eram objetos inanimados, não pessoas. Era como um filme de ficção científica sobre o fim do mundo. Eu me senti livre e vivo.

Julho de 1977 em Nova York também foi o verão do "filho de Sam". Um assassino maluco estava zanzando por aí matando casais que estavam se agarrando dentro de carros. O desemprego estava alto. A inflação, ainda mais alta. A coleta de lixo era opcional, e os vagões do metrô eram telas para o grafite. O futuro era sombrio. Vazio. Assustador. As pessoas no meu meio escreviam canções sobre isso. Mas o estranho era que, ali no escuro e no caos, havia um quê de camaradagem que em geral não existia.

Tiveram que deixar Ivan e eu entrarmos no Max's. Claro, não estavam deixando qualquer um entrar. O Max's estava em modo de sobrevivência. Então o que normalmente era um clube no sentido do entretenimento tinha se tornado um clube de verdade – ou você fazia parte, ou não fazia. O nome do segurança era Moose, e claro que ele nos conhecia. Moose tinha aproximadamente um metro e noventa e cento e dez quilos. Ele era a defesa ideal contra os ladrões, e não existia nenhuma regra sobre saquear um clube da moda. Mas Moose contava com ajuda. Dentro do Max's estava o público de sempre, sentado à luz de velas, tomando cerveja que aos poucos esquentava. Se você fosse um ladrão e tivesse conseguido passar por Moose, teria de passar pelos punks também.

Tomamos umas duas cervejas no bar. Alguém com um rádio portátil me contou que a tempestade de raios de antes tinha derrubado umas duas estações de eletricidade e, a partir dali, tinha sido como um efeito dominó. A cidade toda estava no escuro, com exceção do sul do Queens, que recebia sua eletricidade da Long Island Lighting Company em vez da Con Edison. Os furtos no South Bronx e nos bairros mais pobres do Brooklyn, como Brownsville e East New York, supostamente colocaram a confusão em Lower Manhattan no chinelo. Nas áreas mais perigosas, helicópteros estavam sobrevoando e vendo o que parecia ser diversos quarteirões consumidos pelo fogo.

Mas no Max's, de certa forma, as coisas continuavam como sempre. A casa costumava ficar aberta até o amanhecer, quando o caos do blecaute

provavelmente desapareceria. Então tudo o que o Max's precisava fazer era adiar um pouco o fechamento, e tudo ficaria bem. Um brinde a isso.

Ivan e eu saímos do Max's para a casa de Richard por volta de três da madrugada. Na frente do Union Square Park, perto de onde eu tinha sido esfaqueado, ficava uma agência do banco Chase Manhattan. As festividades continuavam a pleno vapor, e eu queria fazer parte daquilo assim como uma criança em Coney Island quer entrar no parque de diversões. Eu não sabia como abrir um cofre, mas eu sabia que o primeiro passo era entrar no banco. Então peguei uma pedra e atirei na janela de vidro laminado. Ela bateu e caiu sem provocar um arranhão.

Peguei outra pedra, maior, joguei e obtive o mesmo resultado. Em seguida, peguei um pedaço de compensado que encontrei no lixo, corri até o prédio e comecei a bater. Nada. Era como bater em um colchão com um travesseiro. O segurança do banco do outro lado do vidro levantou de sua cadeira e me mandou embora com um gesto. Era o máximo que ele podia fazer. Não haveria perseguições em Manhattan naquela noite.

Quando Ivan e eu fomos embora, pensei que, nas circunstâncias certas, qualquer um podia fazer praticamente qualquer coisa. Meus pais não tinham me criado para ser um vândalo. Mas o filho deles estava sentindo muita pressão e agradeceu a válvula de escape, mesmo que fosse um tumulto. Pensei em como eu provavelmente não poderia viver assim para sempre. Já era o dia 14 de julho. No dia seguinte, eu faria vinte e cinco anos.

Se a indústria fonográfica vivesse num mundo punk de verdade, o álbum *Blank Generation* teria sido lançado rápido. Mas a Sire Records viu o punk explodindo no Reino Unido e estava negociando um grande acordo de distribuição com a Warner Bros. Records. E acordos levavam tempo. Enquanto isso, a Sire ia nos mandar para a Grã-Bretanha para fazer uma turnê com o Clash, que eram a nova febre por lá. Ficamos animados de fazer parte disso. Mas achamos que era loucura e derrotismo fazer a viagem sem um álbum para divulgar. Era como chegar ao Natal de mãos vazias.

O voo da British Airways foi um inferno para Richard. Ele não estava acostumado a ficar sete, oito horas ou mais sem injetar. Deveria ter sido uma viagem gloriosa. Em vez disso, ficamos vendo Richard em crise de abstinência correr para o banheiro e nos perguntando quando ele ia sair.

Nosso empresário de turnês foi nos buscar no Heathrow Airport, perto de Londres. Richard estava inquieto no carro, e não porque estávamos andando do lado esquerdo da via. Quando chegamos ao coração de Londres e paramos num farol vermelho, Richard pulou do carro e chamou um táxi. Ele disse que ia encontrar Johnny Thunders e Jerry Nolan e nos encontraria mais tarde. Todo mundo sabia que ele ia comprar heroína.

The Clash, os Sex Pistols e o Damned estavam cantando sobre a Inglaterra oprimida, e não estavam mentindo. Cidades e países não entram em decadência de um dia para o outro, mas deu para ver que era isso que ia acontecer. Muitos milhares de trabalhadores desempregados estavam vivendo de seguro-desemprego. Havia pedintes nas ruas. Assaltos e até ataques aleatórios estavam acontecendo todo dia. Havia um desamparo generalizado. Dava para ver na maneira como as pessoas se vestiam e como as estradas e pontes aos poucos estavam caindo aos pedaços.

Não passamos muito tempo em Londres. A turnê ia durar umas três semanas e ia seguir uma rota que parecia uma lua crescente no mapa do Reino Unido. A primeira perna seria a mais longa – até o norte da Escócia para tocar em Dunfermline, Glasgow e Edimburgo. De lá, íamos seguir para o sul por cidades industriais como Leeds, Newcastle e Manchester, no centro da Inglaterra, e depois pelas cidades do sul, incluindo Bristol e Southampton, antes de encerrar a turnê com duas noites em Londres.

Atitude punk e tudo, não estávamos empolgados no primeiro dia, quando nosso motorista foi nos buscar em uma espécie de van da Volvo alugada. O motorista, Richard, Bob, Ivan e eu somamos cinco – seis com o vício de Richard. O equipamento todo estava conosco. O que quer que não tivesse cabido no porta-malas foi parar no nosso colo. O Clash estava em algum lugar em uma van de verdade. Afinal, eles eram a atração principal.

Tivemos nosso primeiro conflito com o Clash em Dunfermline. Como banda de abertura, fizemos nossa passagem de som primeiro. Os *roadies* montaram minha bateria no tablado, e nós resolvemos o nível do som. Mas em algum ponto entre a passagem de som do Clash e nossa primeira música, o empresário deles, Bernie Rhodes, disse que não íamos mais poder usar o tablado deles. Entendi isso do ponto de vista técnico. Quando você e seus *roadies* montam uma bateria perfeitamente durante

a passagem de som, não querem mais tirar e colocar de novo. Claro, você pode dizer para si mesmo que está colocando tudo exatamente como estava na passagem de som, mas nunca fica a mesma coisa naquela correria.

Mas, do ponto de vista pessoal, fiquei puto. Não era o espírito do que estávamos tentando fazer. Era uma coisa mais na linha das bandas de rock egomaníacas contra as quais estávamos nos rebelando. Em todo caso, fui relegado a um canto na frente e abaixo da bateria de Nicky "Topper" Headon, mas toquei o melhor que pude mesmo assim.

Assim que nos resignamos a uma turnê longa, dura e ingrata, acabamos nos divertindo horrores. Os garotos da plateia amaram nossa música e quem nós éramos. Eles pareciam empolgados de ter uma banda punk americana de verdade em sua cidade e deixavam isso claro gritando, se mexendo sem parar e fazendo *mosh* na frente do palco. Não tínhamos a sensação de ser a banda de abertura, como quando uma banda com uma música no rádio toca antes do Led Zeppelin no Madison Square Garden, e todo mundo compra uma Coca-Cola e vai ao banheiro. Esses garotos estavam com a banda no começo, no meio e no fim de cada música.

Eles ficaram loucos com "Blank Generation". O fato de que não podiam ir comprar o disco no dia seguinte parecia um chute no nosso saco coletivo.

No fim das contas, o Clash também adorou a gente. Eles não ficavam nos bastidores cheirando fileiras de cocaína com as *groupies*. Ficavam vendo o show, ouvindo, aprendendo. Tentamos fazer o mesmo. Quando mostramos ao Reino Unido o que podíamos fazer – quem éramos de verdade –, a turnê se tornou uma caravana. O Clash e quase todo mundo na cena deles gostava mais de música americana do que a maioria dos americanos.

Os fãs usavam buttons de águia e dos EUA na jaqueta de couro como os Ramones. Eles amavam James Dean, Jimmy Cagney, Humphrey Bogart e todo o catálogo de filmes da Warner Brothers de personagens durões. Usavam *buttons* do Clint Eastwood dizendo "Do you feel lucky? Well, do you, punk?".[1] Eles tinham seus próprios personagens durões, claro, como os famosos irmãos Kray de Londres. Mas, até onde sabiam, ninguém encostava nos Gambino, Lucchese, Columbo e Genovese de Nova York.

Tudo isso de alguma forma tornou Richard Hell and the Voidoids muito mais autêntico, e quem éramos nós para discordar?

O Clash estava praticamente satirizando sua própria obsessão com os Estados Unidos com a música "I'm So Bored with the U.S.A.". Era como qualquer vício – não se podia viver com ele, não se podia viver sem ele. Mas as profundezas desse vício não foram registradas por completo por mim até ouvir a abertura de "White Riot", do Clash. Quando fechei os olhos e ouvi o *downstroke* rápido e pesado, achei que estava no CBGB ouvindo os Ramones. Especialmente o "one, two, three, four" antes de cada música.

Não era acidental. Quando os Ramones tocaram no Dingwalls em Londres em 5 de julho de 1976, membros do Clash, do Sex Pistols e de outras bandas iniciantes de punk inglesas apareceram para fazer anotações. A maioria deles saiu se sentindo desestimulada. Os Ramones deixaram todo mundo chocado com sua concisão, sua atitude e sua agressividade de modo geral. Essa era a mesma banda, ironicamente, que eu tinha visto uns dois anos antes mais ou menos fazendo um ensaio em público. Agora estavam ensinando aspirantes a punk britânicos em solo inglês. Era a British Invasion ao contrário. Os ingleses saíram do Dingwalls naquela noite jurando se esforçar mais, e foi o que fizeram. Ouvir essas histórias me deixou orgulhoso.

Havia uma energia incrível quando subimos ao palco em Manchester no dia 29 de outubro. Manchester era uma cidade futeboleira e barulhenta, e naquela noite o volume foi afunilado no Apollo. O *mosh* e os mergulhos do palco estavam quase fora de controle. A atitude parecia dividida. Muitos garotos pareciam estar ali para se divertir. Mas muitos deles estavam quase bélicos. Não dava para culpá-los. Todos aqueles anos na escola e nada de emprego. Então você tenta encontrar uma identidade de alguma forma, se tornar quem você é. Então você coloca coturnos, jaqueta de couro e tachas só para descobrir que o *establishment* foi de não se importar com você para menosprezá-lo. Então você vai mais fundo. Você faz um *mosh* mais intenso. Você grita mais alto.

No meio de "Love Comes in Spurts", foi o que aconteceu. Os garotos de Manchester começaram a cuspir em nós. Não eram só uma ou duas cusparadas. Era um festival de saliva, e aqueles moleques tinham muito alcance. Já tínhamos visto outras plateias fazendo isso com o Clash e sabíamos que era em sinal de apreciação. Mas nós não gostamos. Em

Nova York, cuspir em alguém pode resultar em morte. No Brooklyn, pode fazer uma família inteira ser morta.

Quando um grande disparo de saliva inglesa foi parar na careca de Bob, a Revolução Americana começou. Bob deu um grito e saltou do palco para o meio da plateia, balançando sua longa e pesada guitarra Fender Stratocaster. Nenhuma quantidade de Valium podia fazê-lo parar. Era como Davy Crockett cortando madeira. Nós três continuamos tocando, torcendo para que a turnê e a nossa carreira continuassem. O estranho foi que, enquanto alguns dos punks da frente saíram correndo, a multidão de modo geral adorou. Eles comemoraram como se o Manchester tivesse feito um gol. Bob voltou para o palco, e como um tributo aos seus culhões, as cusparadas pararam.

Depois de Manchester, demos à luz a um verdadeiro folclore punk juntos, e todo mundo na turnê se uniu ainda mais. Bernie Rhodes e os *roadies* ficavam bêbados com a banda no lobby do hotel em Newcastle Brown. Servíamos doses de *boilermaker*[2] e fazíamos campeonatos. Uma tarde em Birmingham, subimos a escada de incêndio de uma fileira de casas geminadas e saímos pulando de um telhado para o outro. Via de regra, eu parava de beber antes de subir ao palco, mas, depois do show, retomava de onde tinha parado.

Eu sempre me diverti com Joe Strummer, vocalista e guitarrista do Clash. Ficávamos no quarto de hotel dele ouvindo *Rocket to Russia*, terceiro álbum dos Ramones, e qualquer coisa de Bob Marley ou Peter Tosh. Joe gostou dos meus tênis Converse All Star, então tirei dos pés e dei para ele. Eu já tinha alguns pares de tênis ingleses na mala. Tanto Joe quanto eu terminamos a turnê achando que éramos mais punks do que quando começamos.

O baixista, Paul Simonon, sempre levava dois revólveres .45 Colt falsos. Gostávamos de fazer duelos nos lobbies de hotel, nos bastidores, em qualquer lugar. Ficávamos a uns dez passos de distância um do outro, fazíamos a contagem e atirávamos. Eu ganhava dois terços das vezes, mas, como um garoto americano que cresceu nos anos 1950 e 1960, tinha a vantagem de ter visto todos aqueles filmes de faroeste.

Conforme a turnê se aproximava do fim, eu me importava menos com a posição da minha bateria e apreciava Bernie Rhodes mais. Ele era um bom homem de negócios e da velha guarda, do tipo "faça você mesmo". Ele estava com a banda desde o começo e dava a sensação de que ia

estar até o fim. Não era um garoto com pai rico e bem-relacionado. De certa forma,

Bernie me lembrava um pouco Peter Grant, do Led Zeppelin, alguém que podia ser seu melhor amigo e seu pior pesadelo. Se você ficasse no caminho do Clash, ia pagar por isso. Ele não era apenas um fã.

O crítico de rock Lester Bangs estava viajando com o Clash. Era o lugar certo para ele. Depois de reclamar das bandas de rock de estádio vendidas – com suas insuportáveis firulas e os condescendentes solos de bateria de dez minutos – para as grandes gravadoras interesseiras, movidas por fórmulas e loucas por dinheiro, Lester assumiu a causa do punk. Em um artigo intitulado "Free Jazz/Punk Rock", ele escreveu: "Não dou a mínima se alguém mal sabe tocar seu instrumento ou não, contanto que tenha algo para dizer e o faça de modo contundente".

Bangs achava que era uma sorte, até um privilégio, poder ver os músicos evoluindo musicalmente do hard rock e heavy metal para essa nova música e de fato fazer alguma coisa com isso de que ele gostava – de que nós dois gostávamos.

A verdade era que todos nós nos sentíamos privilegiados. Isso incluía Richard, especialmente depois de uma dose. Não importava quem tinha colocado qual alfinete primeiro ou descoberto que uma voz estridente naquela época podia ser interessante. Nós gostávamos de boa música, e gostávamos de fazer declarações, fossem elas simples, engraçadas, sarcásticas ou chocantes. Por menos moderno que soasse, estávamos felizes de verdade de ganhar a vida naquele momento com aquelas bandas esquisitas que tínhamos criado em porões e pulgueiros. E ficávamos animados ao ver as pessoas gostando.

Em Londres, de volta a onde tínhamos começado a turnê, a situação estava melhor. Fazíamos parte de uma fraternidade. Não uma fraternidade que se esforçava para excluir pessoas – e sim uma que aceitava todo mundo, especialmente quem tinha um problema com como as coisas funcionavam, ou não funcionavam. E foi exatamente com essa sensação percorrendo nossas veias que Joe Strummer e eu entramos no quarto de hotel de Bob Quine. Bob era mais velho e gostava de ir para a cama mais cedo que o resto de nós, então ele ficava sozinho. De qualquer lado do Atlântico, não havia regras no manual de turnês do rock'n'roll contra abrir uma porta que não estivesse trancada. Mas devia haver.

Bob estava na beira da cama com a calça nos tornozelos, recebendo um boquete de uma *groupie*. Ela não devia ter mais que dezoito anos. Sob aquela luz e naquele momento, Bob parecia um homem de meia-idade. Joe e eu tivemos uma reação honesta, o que não quer dizer que seja uma reação ideal. Nós morremos de rir. "Bob Quine" e "boquete" não eram palavras que nós usaríamos na mesma frase. A coisa toda parecia mais uma experiência do que um ato sexual.

Quanto mais a gente ria, mais a garota gritava, encerrando o boquete não só pela noite, mas pelo resto da turnê e da vida. A reação de Bob foi jogar o que quer que ele conseguisse encontrar – sapatos, meias, chaves, moedas – em nós. Tivemos sorte que ele não estivesse tocando sua Strat enquanto recebia sexo oral.

Na última noite da turnê, em 15 de novembro, tocamos no Music Machine de Londres. A casa, uma construção de três andares em estilo vitoriano da virada do século, já tinha se chamado Hippodrome. Ela tinha uma longa história no entretenimento inglês, e passamos a fazer parte disso. Johnny Rotten, do Sex Pistols, estava na plateia e foi em busca de aplausos locais ao subir ao palco com a banda para fazer um *cover* de "Ventilator Blues", dos Stones. A música, um R&B lento e rosnado, era bem o estilo dele. Mas Johnny era como os membros do Clash: muito versado na arte de parecer enfurecido em público, mas muito bem-educado em particular.

O público londrino amou. Fizemos um bis, e as cusparadas começaram. Até Bob recebeu sua cota. O que íamos fazer? A noite estava indo bem. Só precisávamos ir para casa, dormir um pouco e tocar no rádio.

Blank Generation foi lançado no fim de novembro de 1977. A primeira vez que ouvi a faixa-título na WNEW-FM 102.7, foi entre "Cold as Ice", do Foreigner, e "More Than a Feeling", do Boston. Parecia que um bando de punks tinha invadido a estação de rádio, tomado conta e sido pego. Ou talvez o sobrinho de cabelo espetado de Scott Muni estivesse no estúdio e tivesse aprontado.

Ou talvez os diretores do programa estivessem lendo as críticas. A *Record World* chamou a faixa de "o futuro do rock americano", acrescentando, "'Blank Generation' funciona como hino da *new wave* dos dois lados do Atlântico". Um pôster divulgando um show no Village Gate

chamou a canção de "…uma tábua de salvação unificadora para uma cena que foi dividida e prejudicada vezes demais".

A capa do disco era uma foto de Richard com olhar perdido abrindo sua jaqueta preta, expondo o peito nu e relativamente musculoso. Em seus peitorais estava escrito com tinta preta: "YOU MAKE ME_____" [VOCÊ ME FAZ _____]. Como baterista dedicado, eu o tornei responsável. Definitivamente não sozinho, mas ajudei. Com seu vício em heroína, Richard me deixava aflito. Ele me deixava em dúvida. Ele me deixava curioso.

Quando voltei para os Estados Unidos, fui morar com Fred, que tinha um quarto vago em seu apartamento na Ocean Avenue, no Brooklyn. Ficava a apenas uns dois quarteirões daquele apartamento no subsolo que eu tinha dividido com Bruce. Depois de algumas semanas, Fred fez a mesma coisa que Bruce – foi morar com a namorada. Talvez eu tivesse esse efeito nas pessoas. De repente eu tinha coisas muito importantes em que pensar, que nunca tinha esperado que fossem acontecer ao mesmo tempo: o que viria a seguir para nossa banda contratada e de onde viria minha próxima refeição.

Não tinha sobrado nenhum dinheiro, e não havia dinheiro entrando. O álbum era adorado, mas não estava saindo muito. éramos lendas jovens em Nova York e em Londres, mas praticamente desconhecidos em outros lugares. O punk em si não tinha pegado fora dessas duas cidades modernas e talvez mais meia dúzia de outras. Mesmo assim, podíamos ter organizado uma turnê. Eu estava pronto para voltar para a estrada e precisava do dinheiro. Richard, por outro lado, não ia a lugar nenhum. O foco dele era compor músicas para outro álbum. Eu não era o único na vida dele que tentava explicar a realidade – sem uma turnê de fato para promover o primeiro disco, podia não haver um segundo.

Richard racionalizava tudo como um personagem incoerente de um romance de Jack Kerouac, mas todo mundo sabia qual era a verdade não dita. A estrada o deixava em crise de abstinência. Comprar drogas na Westminster Abbey era um inferno, mas comprar drogas em Nova York era como tomar um drinque em uma máquina de refrigerante. Então ficamos ensaiando em um *loft* destruído na Canal Street que pertencia a um amigo de Richard. Que também era viciado. Estávamos regredindo, e nem era em linha reta.

A comida que Fred tinha deixado para trás nas prateleiras estava quase acabando, mas eu tinha meus recursos. Não voltei a roubar pão e leite das bodegas ao amanhecer. Sempre que amigos apareciam no apartamento, eu pedia para trazerem alguma coisa. E uma garrafa de vinho. Eu passava na casa da família de Marion, onde ela ainda morava. Fazia uma refeição aqui, outra ali. A loja de doces a dois quarteirões de distância ainda estava aberta e pertencia aos sobreviventes do Holocausto, que ainda me davam *cherry phosphate* de graça em sinal de agradecimento por uma coisa feita por outra pessoa.

Eu tinha um amigo no bairro chamado Richie. O pai dele tinha acabado de morrer, e sua mãe estava solitária. O irmão mais velho de Richie tinha saído de casa. Então havia uma ou duas cadeiras vazias, e eu cabia em uma delas. A mãe de Richie, que cozinhava para nós pelo menos uma vez por semana, era uma senhora judia maravilhosa que preparava uma canja e *latkes* incríveis. Ela fumava Pall Malls como um alarme de incêndio em uma fábrica de cigarros. Eu tinha ótimas histórias da estrada e a fazia rir. Eu não podia parar de agradecer a ela. E não podia parar de comer.

Outro amigo, Steven, vocalista do Uncles, vivia no andar de cima. Nós dois nos conhecíamos fazia muito tempo, desde a Ditmas Junior High. Como todo mundo, ao que parecia, ele estava de mudança, mas o proprietário não queria deixá-lo trazer o cachorro. Então ele estava procurando um novo lar para o bicho e deixando a ração. Eu disse a Steven que aceitava, e ele perguntou por quê – eu não tinha cachorro. Respondi que ia comer a ração, e Steven achou com certeza que era piada.

Era uma marca chamada Iams – ração saudável para cães, gatos e donos de animais que gostavam de mentir para si mesmos. Mas quando joguei uma pequena porção em um frigideira queimada, tive que admitir que tinha uma aparência melhor do que muita porcaria por aí. Não tinha sobrado nenhum óleo para cozinhar, então usei manteiga. Eu não tinha comida na casa, mas tinha muitos condimentos – sal, pimenta, orégano, picles. Misturei tudo e pensei em apenas uma coisa: eu não iria para a cama com fome. Não foi tão ruim. Mas também não foi bom. Não importava com o que eu disfarçasse, aquilo definitivamente não era para seres humanos. Mas era um jantar, algo que milhões de pessoas não tinham, mesmo com a proximidade do Natal.

Alguns dias depois do Ano-Novo, eu tinha uma resolução e todas as contas não pagas na mão quando atravessei a porta do apartamento de Richard para uma reunião da banda. Havia prendedores de papel e saquinhos vazios de heroína na tábua sobre a banheira vazia, mas o que me enfureceu um pouco foi o baixo e o amplificador novos que vi. Com Bob e Ivan sentados na cozinha, virei para Richard, coloquei a pilha de contas sobre o balcão da banheira e perguntei:

– Você vai pagar estas contas, ou o quê?

– Não – ele respondeu. – Isso é problema seu.

– Richard, você precisa segurar a onda por mim.

– Escute, eu adoraria. Mas primeiro a Sire precisa segurar a onda por mim – ele disse.

– Como exatamente isso vai acontecer? – Bob perguntou. – Você está processando a gravadora. Lembra?

– Bom, a questão é essa, porra! – Richard devolveu.

– Richard – Bob continuou. – Por que você não para de se drogar por um dia e ajuda o Marc? Ele é a espinha dorsal desta merda de banda.

Eu podia ver o tormento nos olhos de Bob. O Valium não ia ajudar muito. Se você tiver sorte como músico, vai ter sempre algum outro membro da banda que aprecia totalmente o que você toca, até os compassos que você não toca. Para mim, essa pessoa era o Bob. E não havia nada que ele pudesse fazer.

– Desculpe – disse Richard. – Desculpe. – Ele olhou na minha direção de um jeito não específico.

– Bom – respondi. – Foda-se.

Saí batendo a porta. Enquanto eu andava rumo ao leste, na escura e sombria East Tenth Street, as diferentes versões de por que eu estava fazendo o que tinha acabado de fazer se revezavam na minha cabeça. Cada uma vinha com uma justificativa, e cada justificativa vinha com sua própria raiva. Mas só uma versão, uma justificativa, e um tipo de raiva ficaram. Eu sabia que, por mais arrogante que às vezes fosse, Richard não se dava conta do talento que tinha ou como estávamos perto do topo. A verdade era que ele mal conseguia dar conta da própria vida. As drogas deviam esconder a verdade, mas só pioravam tudo.

No inverno de 1978, toda vez que eu encontrava Dee Dee no CBGB, ele dizia que eu devia entrar para os Ramones. Como se alguém pudesse simplesmente fazer isso, como entrar para a Associação Cristã de Moços ou a União Americana pelas Liberdades Civis. Ele disse que a banda estava tendo problemas com Tommy, o baterista, e na verdade fiquei um pouco chateado de ouvir isso. Eu não queria que a formação original dos Ramones fosse desfeita. *Eu era um fã*. Mas não coloquei muita fé no que Dee Dee disse. Ele era maluco e famoso por exagerar.

É preciso ser louco para se envolver com duas mulheres psicóticas ao mesmo tempo. Mais ou menos um ano antes, ele estava morando num apartamento com Connie, uma mulher violenta que o perseguia, prostituta e viciada em drogas. Dee Dee também estava tendo um caso com Nancy Spungen, a namorada esquizofrênica do baixista do Sex Pistols, Sid Vicious. Quando Connie chegou em casa e encontrou Dee Dee na cama com Nancy, quebrou uma garrafa de cerveja vazia e cravou o vidro quebrado na bunda de Dee Dee.

Mas quando Johnny Ramone pediu para falar comigo sobre entrar para a banda, a proposta se tornou real. Cheguei ao Max's com Marion, e sentamos diante de John e Roxy em uma mesa na parte da frente. Eu estava impressionado com John. Ele parecia ter controle sobre as questões burocráticas dos Ramones e uma visão de como conduzir a banda durante essa transição difícil. Joey não parecia exatamente disposto a fazer isso, e Dee Dee teria jogado a coisa toda pela privada.

John apresentou algumas regras. Talvez fossem mais orientações. O que quer que fossem, os Ramones não ficavam loucos antes de tocar. *Eu também não*. O figurino dentro e fora do palco era jaqueta de couro, calça jeans e tênis. *Eu já estava usando aquilo, e fazia tempo*. Dee Dee sempre fazia a contagem das músicas. *Com certeza. Eu sabia*. Não ficamos mais de um mês em turnê. *Parecia bom*. Viajamos juntos, e namoradas são bem-vindas. Marion pode vir. *Obrigado*.

A única coisa confusa foi o teste. Ele ia acontecer no estúdio de ensaio dos Ramones. Mas John discutiu as regras e obrigações como se eu me tornar um Ramone já fosse uma decisão tomada. Então pensei: *O que quer que seja, vou arrebentar*.

Saindo do Max's, Marion e eu começamos a pensar. Tínhamos ouvido falar que os Ramones já tinham testado diversos bateristas, talvez mais. A opinião de Marion era que os Ramones sabiam desde o começo que eu tinha a experiência de que precisavam, mas, no fundo, preferiam algum desconhecido em que pudessem mandar. Era difícil encontrar tudo isso no mesmo pacote, então com o tempo eles se deram conta de que eu era a pessoa certa.

Pelo que eu sabia, Dee Dee não era o único torcendo por mim. Tommy também estava. Na verdade, Tommy foi o primeiro a sugerir meu nome. Independentemente do que quer que tivesse acontecido entre ele e os Ramones, Tommy ainda amava a banda e queria que ela continuasse. Que jeito melhor de fazer isso do que com um baterista experiente que entendia do assunto?

Quando entrei no Performance Studios na East Twentieth Street, em Manhattan, e sentei, Tommy estava sentado em uma bateria atrás da bateria que eu ia usar. Era um jeito estranho de fazer um teste, um show ou qualquer coisa relacionada à música, a menos que você estivesse no Grateful Dead. Perguntei o que era aquilo.

– Não se preocupe – disse Tommy. – Só para o caso de você precisar de um pouco de ajuda.

– Obrigado – respondi. – Eu dou conta.

Abri um sorriso discreto para Tommy. Eu podia dar conta mesmo. As músicas "I Don't Care", "Sheena Is a Punk Rocker" e "Blitzkrieg Bop" tocavam na jukebox do CBGB, no meu som e no meu mundo. Eu as tinha escutado de novo antes de ir ao estúdio, e era o suficiente. Não era como aprender "From a Dry Camel". Mas eram músicas incríveis, e eu era como

Sheena e seus amigos – todo empolgado e pronto. Mesmo assim, fiquei agradecido com a preocupação de Tommy. Ele literalmente estava cuidando de mim.

Dee Dee fez a contagem, "*One, two, three, four!*", e começamos "I Don't Care". Foi um dos rocks mais puros escritos depois do ano de 1962. Com um compasso poderoso e deliberado que acompanhava a sequência mi, fá, sol, lá, era uma música que um novato podia aprender, mas nunca cansar de tocar: não se importar com o mundo nem com a garota era a mensagem apresentada em duas estrofes, repetida diversas vezes como um mantra punk. A faixa acabava em um minuto e quarenta segundos. A coisa funcionou como uma banda antes dos primeiros dez segundos. Trinta segundos depois, o teste – se é que se pode chamar disso – tinha acabado. Estávamos tranquilos e sorrindo. O ensaio tinha começado.

Meu trabalho tinha sido feito por mim. A gravação para o álbum novo, *Road to Ruin*, estava marcada para começar em menos de três semanas. Os shows iam começar imediatamente depois. A banda estava agendada para gravar catorze faixas para o disco, e o set dos Ramones tinha vinte e quatro músicas. Então eu tinha quase quarenta músicas para aprender, menos as três do teste, mais ou menos a duração de uma lua de mel. Os Ramones me entregaram duas demos em fita cassete com todas as músicas. Parei na Sam Ash, na Forty-Eighth Street, e comprei um *drum pad*. Quando voltei para o apartamento da Ocean Avenue, coloquei um par de fones de ouvido no som portátil que eu tinha comprado com o adiantamento dos Voidoids. Bem ao lado, coloquei o *drum pad*. E foi lá que passei a maior parte dos dezoito dias seguintes.

Minha faixa favorita na demo de *Road to Ruin* era "I Wanna Be Sedated". Era cativante e poderosa, mesmo naquele formato reduzido em uma fita cassete barata. Era pop, mas sem sacrificar a dureza. Em termos da letra, estar sedado podia significar uma série de coisas, mas no sentido mais simples era sobre precisar de uma bebida. A música capturava o espírito de estar na estrada praticamente à perfeição. Claro, eu nunca tinha caído na estrada com os Ramones, mas estava prestes a descobrir como era a experiência.

Também gostei muito de "I Just Want to Have Something to Do" e "Go Mental". "Mental" era mais rápida que a maior parte das músicas dos Ramones – e mais rápida que a maioria das músicas, ponto. Ela transmitia a sensação do que dizia: estar sentado em uma cama de hospital e perder

a cabeça. O único *cover* do disco, "Needles and Pins", tinha sido composto por Jack Nitzsche e Sonny Bono em 1963. O *single* era de Jackie DeShannon, mas os Searchers tinham feito mais sucesso com ela no ano seguinte, dando à música um toque do começo dos Beatles. As mudanças de acorde e o tema – ter o coração partido e segurar as lágrimas – eram bem o estilo dos Ramones.

Gravamos no Media Sound em Manhattan. Eu estava preparado, mas todo mundo esperava isso de mim. Entendi meu papel desde o começo. Eu não era um dublê, mercenário, assassino de aluguel nem músico de estúdio. Eu era um membro da banda que, mesmo assim, podia fazer a performance que um dublê, mercenário, assassino de aluguel ou músico de estúdio podiam fazer. Mas eu queria dar um passo além. Queria ajudar a levar o som da banda um passo além.

A concorrência era pesada. Não tanto de bandas punk. Eu considerava os Ramones os originadores do punk, então, naquele sentido, não havia com quem competir. Mas eram uma banda de punk rock com ênfase no rock. No rock, havia muitos pesos-pesados com baterias pesadas: AC/DC, Black Sabbath, Aerosmith e Van Halen.

O Van Halen eram os recém-chegados, e alguém que os Ramones nem teriam levado em consideração. Mesmo assim, seu álbum autointitulado tinha acabado de sair e era digno de consideração.

O Van Halen se destacava dos clones do rock corporativo que eram produzidos todo mês pela indústria musical. Eddie Van Halen amava Page, Beck e Clapton, mas colocava suas influências em sua Charvel vermelha com listras pretas e brancas com um estilo novo, selvagem e pesado de tocar que era melódico, agradável e estridente ao mesmo tempo. A bateria de Alex Van Halen era enorme, soava enorme e se harmonizava perfeitamente com seu irmão e com o baixo de Michael Anthony. A banda não se levava muito a sério. Eles eram extravagantes, graças em especial ao vocalista David Lee Roth, que levava seu melhor estilo Las Vegas para o show. O álbum era bom de ouvir e me fez pensar.

A ideia de *Road to Ruin*, pensei, não era ser nem Van Halen nem ninguém. A ideia era ser os Ramones mais pesados. Tínhamos nossos fãs e íamos continuar querendo agradá-los. E tínhamos nossa concorrência punk/new wave – The Clash, The Police, The Cars. Mas não havia mal em deixar claro para os metaleiros e para todos os seus primos que os Ramones podiam agitar um estádio se precisassem.

Para começo de conversa, deixei minha caixa muito mais apertada que a de Tommy e usei címbalos maiores. Eu queria mais projeção e impacto para o som. Havia mais um monte de fatores envolvendo posicionamento do microfone, nível e até a maneira como eu tocava a bateria que daria às músicas uma sensação mais ousada, mais forte. A beleza da situação era que eu tinha um produtor incrível que trabalhou muito perto de mim para chegar àquele som: Tommy.

Ele não tinha só me passado o bastão dourado. Estava limpando a área para mim. Tommy esteve lá comigo o tempo todo.

A primeira faixa que gravamos foi "Sedated". Acelerei um pouco o tempo do que estava na demo. Não parecia certo a música em si soar sedada. Ela tinha que ser maníaca e precisando de sedação. Acrescentei alguns preenchimentos aqui e ali que ajudaram a distinguir as partes, além de um preenchimento no *break*. Pareceu bom quando tocamos. Então, a coisa saltou dos monitores e fez todo mundo sorrir.

Durante a gravação, notei que Joey tinha um costume engraçado. Ele tocava um ponto em algum lugar – a mesa de mixagem, uma cadeira, um tripé de microfone – e tocava de novo. E de novo. E de novo. Não importava. O vocal era ótimo, e ele não precisava gravar de novo, de novo e de novo. Era só um pouco estranho.

Conheci e conversei com todo o séquito dos Ramones, incluindo Seymour Stein, da Sire Records. Seymour já era meu chefe nos Voidoids, mas adorava os Ramones em especial. Ele apreciava a maneira como faziam as mudanças de acorde e os vocais da era do *doo-wop* e se apropriavam deles – mais pesados, mais rápidos e um pouco distorcidos. Seymour era inteligente, tranquilo e quieto.

A mulher dele compensava a parte do quieto. Linda Stein era uma perfeita nova-iorquina baixa, que falava alto, tinha muita opinião e era extrovertida. Ela tinha começado como professora de escola – provavelmente uma daquelas em que você nunca teria coragem de jogar uma bola de cuspe. E aprendeu sobre o negócio da música com o marido, e os Ramones tinham sorte de tê-la administrando *seus* negócios.

Danny Fields era a outra metade do time que administrava a carreira dos Ramones. Danny tinha começado cuidando da publicidade para o Doors e mais tarde foi fundamental para que os Stooges e o MC5 assinassem com a Elektra. Em 1975, ele atraiu a atenção da Sire para os Ramones. Danny era um empresário que colocava a mão na massa pelo

grupo, usando contatos nas revistas de rock, marcando shows, conseguindo entrevistas no rádio para a banda. Juntos, os Stein e Danny Fields lideravam uma organização por trás do que pareciam ser quatro punks com roupas de rua.

Foi esse time profissional que me pediu para mudar de nome. Eu tinha começado bem, mas não íamos ser Marc Bell e os Ramones. Meu sobrenome estava decidido, mas eu precisava de um primeiro nome que terminasse com um som longo de "i". Rocky Ramone ou era sugestivo demais do filme de Sylvester Stallone ou me fazia parecer um gângster. Timmy, Jimmy, Willie Ramone e uma dúzia de outros me faziam querer vomitar. E simplesmente acrescentar um "y" a Marc virava Marcy, que não só era nome de mulher, mas por acaso também era o nome da loja de descontos Marcy's, que ficava em frente à Erasmus High School. Quanto menos lembretes do colegial, melhor. Então falei:

– Vamos usar Marky, com "k".

Minha avó me chamava de Marky quando eu era criança, e o nome se tornou famoso graças a Marky Maypo. Nos anos 1950 e 1960, Maypo era uma das três maiores marcas de aveia, junto com Farina e Wheatena. Mickey Mantle era o garoto propaganda do Maypo, que literalmente chorava se não ganhava uma tigela. Marky Maypo era o mascote animado, atrapalhado e chorão, que usava chapéu de caubói. Em nome da nostalgia, eu podia viver com isso. Então Marky, como a aveia, ficou.

Não havia por que mudar meu nome legalmente. Minhas contas ainda chegavam para Marc Bell. Assim como meus contracheques. A equipe dos Ramones me avisou que eu ia começar a receber um belo cheque toda semana, em dia, do nosso contador, Ira Herzog. O cheque viria quer estivéssemos na estrada quer não. Quando estivéssemos em turnê, haveria um pagamento extra por dia baseado nos shows que fizéssemos. Era um peso que saía das minhas costas e das de Marion. Mudar para Manhattan estava no horizonte.

Os ensaios para os shows eram basicamente Johnny, Dee Dee e eu. Joey apareceu umas duas vezes. Ele tinha problemas de saúde, e a banda achava que era melhor ele guardar sua energia para os shows. De todo jeito, havia uma vantagem oculta nisso. Apesar de Dee Dee cantar quando era necessário, não estávamos usando os vocais como muleta para saber onde estávamos numa música. Quando uma banda usa essa muleta, às vezes existe um pouco de incerteza e uma leve hesitação

quando ocorre uma mudança. Assim, sem ninguém em quem nos apoiar além de nós mesmos, não havia outra escolha senão nos tornar uma máquina bem azeitada.

Um dia, depois do ensaio, descobri um pouco por que Tommy apertou o botão de ejetar. No começo, ele era o empresário e, nesse sentido, a figura de autoridade. Quando uma verdadeira equipe de empresário foi trazida, Tommy foi reduzido apenas a membro da banda, e os outros Ramones pareceram ter esfregado sal na ferida. Tommy não era uma figura impositiva, e eles o provocavam – talvez sem maldade, mas não era o que parecia para ele. Além disso, havia uma boa quantidade de discussão entre os outros membros da banda, e o que parecia engraçado no começo fica chato quando você está na estrada por semanas a fio.

A última gota foi mais como o último cigarro. John era o *bully* do grupo. Ele latia mais do que mordia, mas, mesmo assim, era John que ditava as regras da estrada. Uma delas era que ninguém fumava cigarros na van, o que era um problema para Tommy, que fumava. Mas em uma viagem para Chicago, John pegou um voo antes para encontrar Roxy, que estava visitando sua cidade natal. Tommy ficou aliviado de poder fumar na longa viagem de van para a Costa Oeste, mas ele não contava com Dee Dee e Joey usando cogumelos assim que saíram de Nova York. Os dois estavam tendo alucinações pesadas por algumas centenas de quilômetros na Route 80. Enquanto Dee Dee contava elefantes rosa, e Joey contava nuvens na forma do Super-Homem, Tommy estava contando os dias até poder cair fora.

Tommy me impressionava. Ele mal tinha segurado um par de baquetas antes de entrar para os Ramones, mas deu o que a banda precisava. Ele ajudou a desenhar a planta de três álbuns de sucesso, centenas de apresentações e, o mais importante, um som novo. Ele criou a base, e eu estava grato pela oportunidade de continuar a obra.

Em 29 de junho, a van Ford Econoline para quinze passageiros dos Ramones foi nos buscar por volta do meio-dia na frente do *loft* do artista Arturo Vega na East Second Street em Manhattan, onde Joey estava morando. Estávamos a caminho de Poughkeepsie, Nova York, para o meu primeiro show com a banda. John insistiu muito que Marion e eu sentássemos na segunda fileira. John e Roxy foram na primeira, atrás de Monte Melnick, motorista e empresário da turnê. Dee Dee estava atrás de nós, e Joey foi sentado bem no fundo.

Foi um bom jeito de começar, porque a viagem pela Taconic State Parkway até Poughkeepsie tinha apenas uma hora e quarenta minutos, mais ou menos, sem contar o trânsito. Ainda assim, entre tragos num baseado, Dee Dee ficou perguntando se já tínhamos chegado. John estava palestrando sobre como Nixon nunca deveria ter tido que renunciar quatro anos antes. Joey estava no fundo quieto e enrolando seu cabelo comprido no dedo.

The Chance era um teatro no centro de Poughkeepsie construído no começo do século. Estava vazio e cheio de fantasmas quando fizemos nossa passagem de som de quatro músicas. A casa comportava aproximadamente mil pessoas e tinha uma forte sensação histórica. Não havia concreto em lugar nenhum. As tábuas do piso eram de carvalho. Os assentos também eram de madeira e provavelmente entalhados à mão. O mezanino era todo ornamentado. O lugar parecia caber mais no antigo sul dos Estados Unidos do que em Nova York.

Antes do show, Danny Fields veio tirar uma foto para a contracapa de *Road to Ruin*. Nós quatro ficamos sentados nos degraus da saída dos fundos. Dee Dee e Johnny estavam no degrau de baixo de lados opostos. Joey e eu ficamos no meio do degrau de cima. As pernas longas e magras de Joey chegavam até o pavimento com folga.

Foi "Hey Ho, Let's Go!" desde a primeira música. A casa estava lotada a ponto de eu procurar as saídas de emergência só por precaução. Os garotos estavam pulando e gritando. Nosso som estava acelerado, alto e pesado, e o set começou a pegar fogo. Não houve nenhum erro na primeira metade do show, e eu sabia que não haveria nenhum pelo resto do show. Quando havia algum sinal mínimo de que a batida ia enfraquecer ou de que alguma coisa ia se perder, eu olhava para John, ou ele olhava para mim. Pelo contato visual, eu sabia o que ele estava fazendo, e ele sabia o que eu estava fazendo. Não havia espaço para erros. Ninguém estava no piloto automático, mas era o que parecia.

A partir daquele ponto, a história se tornou pessoal. Foi minha iniciação. Eu não estava nervoso, porque aprendi cedo que era só uma questão de fazer o que você precisava fazer. Ao mesmo tempo, eu me dei conta da pressão só porque ela estava desaparecendo aos poucos. Foi uma série de primeiras vezes para mim: o famigerado teste, o primeiro ensaio, a primeira gravação. Mas a primeira apresentação ao vivo foi a maior. Se aquilo não funcionasse, de que adiantavam as outras primeiras

vezes? Nos bastidores, depois do show, Joey, Dee Dee, John, Marion, Roxy, Monte, Danny Fields, Linda Stein e todo mundo que fez da transição uma realidade estava vendo as coisas do mesmo jeito que eu. Havia uma sensação de segurança em saber que a máquina conhecida como os Ramones podia continuar. Dee Dee foi o primeiro a vir me dar uns tapinhas nas costas.

– Foi ótimo tocar com você – ele disse. – Você é meu parceiro agora.

– Valeu. Muito obrigado. – Fiquei feliz de verdade.

O set não era a coisa mais complexa que eu já tinha tocado na vida, mas talvez fossem as músicas mais exigentes em termos de energia pura. Não era uma maratona. Era mais um *sprint* muito longo. Fiquei encharcado de suor. O resto da banda também. Quando entrei no camarim, Joey já tinha começado a se trocar e estava sem camisa. Ele tinha uma cicatriz grande e feia nas costas que parecia um V de ponta-cabeça.

– Ei, o que aconteceu aí? – perguntei.

– Mordida de tubarão.

Os tubarões estavam na cabeça das pessoas quando o filme *Tubarão* lotou os cinemas três anos antes e de novo com a continuação que tinha acabado de ser lançada. Mas Joey era a última pessoa na Terra que eu imaginava que seria vítima de uma mordida de tubarão. Em primeiro lugar, era preciso ir nadar bem fundo no mar. Joey tinha sido internado no hospital em mais de uma ocasião por causa de uma série de distúrbios de ansiedade. Foi num quarto de hospital que ele escreveu a letra do que viria a se tornar "Go Mental" em *Road to Ruin*.

Então eu não conseguia imaginá-lo, com quase dois metros, oitenta e seis quilos, de sunga, nadando para além das boias de demarcação em Rockaway Beach enquanto os salva-vidas apitavam e tentavam alcançá-lo. Na eventualidade de ele ter conseguido fazer isso, as chances de Joey nadar de volta em segurança para a praia com sangue saindo pelas costas pareciam praticamente nulas.

Mais tarde John me explicou que Joey nasceu com um gêmeo parasita. Era um siamês malformado que estava crescendo em suas costas. O gêmeo estava incompleto, era uma ameaça ao recém-nascido e foi removido cirurgicamente. Dava para entender por que ele contava a história do tubarão.

Quando nos amontoamos na Econoline para a viagem de volta a Nova York, Marion e eu estávamos prestes a sentar na primeira fila quando John nos fez parar e explicou que todo mundo tinha lugar determinado e precisava sentar no mesmo lugar. Perguntei por quê, e ele disse que era como os Ramones faziam as coisas havia anos. Então sentei na segunda fileira.

John continuou seu discurso pró-Nixon no caminho de volta.

– A questão é: os liberais estavam atrás dele desde a merda do começo. O Watergate foi uma palhaçada. A coisa toda não devia ter acontecido.

Não me importava nem um pouco de me sentar com Marion nos lugares determinados, mas eu tinha limite.

– Sabe de uma coisa? – respondi. – A coisa toda aconteceu porque Nixon mandou e depois tentou encobrir. Ele não tem ninguém para culpar além de si mesmo. Ele era o presidente e fez merda. E renunciou porque sabia que estava errado.

– Nem fodendo! – disse John. – Você acha que uma quebra de segurança tão banal e insignificante teria significado alguma coisa sem a imprensa liberal tentando acabar com ele?

– Se era tão insignificante, por que ele se deu ao trabalho de encobrir?

– Porque sabia que estava na mira.

– Por que ele fez aquilo, para começo de conversa?

Era surpreendente ver um músico de rock, ou, até aí, qualquer músico, defender Richard Nixon, mas isso parecia fazer parte de John tanto quanto a cicatriz nas costas fazia de Joey.

Aquele verão foi como um borrão. Fizemos duas dúzias de shows pela Costa Leste e pelo Meio-Oeste. Em geral as bandas gostam de assentar, especialmente quando estão fazendo muitos shows em uma cidade ou emendando uma apresentação na outra em cidades próximas. Mas isso não acontecia com os Ramones. Não se eles pudessem evitar. Eles eram criaturas caseiras. Gostavam do próprio travesseiro, do próprio colchão e dos próprios restos de comida na geladeira. Se fosse possível voltar a Nova York até o amanhecer, era o que acontecia.

Locais como New Brunswick, em Nova Jersey, Greenwood Lake, em Nova York, e, claro, Poughkeepsie, não estavam nem abertos a debate. Eram de fato perto. Mas parecia uma neurose tocar em Boston três noites

seguidas com uma viagem de ida e volta de mais de 750 quilômetros na I-95 entre dois dos três shows. Havia muitos hotéis da rede Holiday Inn com camas vazias pelo caminho. Não era como voltar cambaleando do Max's pelo Union Square Park.

Mas também havia um lado prático de pegar a van da madrugada e voltar para Nova York. Os Ramones estavam administrando um negócio. As armadilhas da estrada eram muitas. Incontáveis bandas se convenciam de que estavam se divertindo e divulgando o disco, mas quando o álbum não gerava royalties e os shows não davam lucro a diversão desaparecia rapidamente. A solução dos Ramones era economizar. Por que viajar com um ônibus enorme luxuoso bebedor de combustível quando uma van resolve? Por que pagar uma fortuna por quartos de hotel que não são necessários? Todo o dinheiro que você economiza em uma semana é dinheiro no bolso da banda na semana seguinte.

Além disso, ninguém dormia muito em quartos de hotel. Quando você sai do palco à meia-noite, digamos, está cheio de adrenalina. Não ia dar para dormir por umas três ou quatro horas de qualquer jeito. Ficar dentro de uma van a noite toda me dava a chance de conhecer John muito melhor do que quando ele aparecia no apartamento do SoHo para pegar a Roxy. O pai dele era um trabalhador comum. Os pais de John o mandaram para o colégio militar por alguns anos, o que explicava a rotina dele no camarim. Um roqueiro comum deixa as roupas em qualquer lugar. Ainda mais um músico do punk. John dobrava a calça e a camisa com cuidado, à perfeição. Ele alinhava as costuras da calça simetricamente. As camisas eram dobradas como se fossem ser guardadas de novo. Ele poderia ter trabalhado na Gap.

John tinha uns quatro anos a mais do que eu. Depois de se formar na Forest Hills High School, o pai arranjou um emprego para ele de encanador. Um de seus trabalhos era no World Trade Center, que no fim dos anos 1960 estava lentamente formando uma sombra sobre a Lower Manhattan. A peça central eram as Torres Gêmeas, os dois prédios comerciais destinados a levantar 110 andares com canos tão grandes que normalmente seriam usados para fornecer água para cidades de meio milhão de habitantes. Mas mesmo com as centenas de quilômetros de canos para montar, de vez em quando aparecia uma distração.

Uma tarde, enquanto a Guerra do Vietnã seguia com força total, um grande grupo de manifestantes jovens apareceu no local. Um monte de

sujeitos do sindicato confrontou o grupo e em pouco tempo aquilo se tornou uma clássica batalha de capacetes de trabalho *versus* hippies com xingamentos, empurrões e puxões de cabelo. No décimo primeiro andar da Torre 1, o jovem John Cummings, que estava soldando os encaixes de encanamentos de esgoto de vinte e cinco centímetros de diâmetro feitos de ferro, olhou pela janela. A maior parte dos hippies malucos estava reunida. John tinha uma visão clara. Ele pegou sacos pequenos de areia e começou a jogá-los pela janela. Não eram letais, mas deixavam a pessoa atordoada quando caíam e criavam pequenas nuvens quando explodiam. Os hippies se espalharam. Não era napalm, mas a mensagem foi clara.

– Que porra que você quer dizer com "como eu pude fazer isso"? Esses malditos hippies têm uma vida tão boa nos Estados Unidos e nem demonstram gratidão.

– Demonstrar que gratidão?

– O que as tropas lutando no Vietnã fizeram por eles.

– O que elas fizeram?

– Protegeram sua liberdade.

– A liberdade de serem atacados com sacos de areia?

– Ah, eles que se fodam.

John provavelmente não se deu conta de que aqueles mesmos hippies estavam lutando pelo direito dele de ter cabelo comprido um dia. E alguém em algum lugar tinha lutado por seu direito de tocar em uma banda de rock.

Todas essas viagens de ida e volta para a Nova Inglaterra e outros lugares, todo dia, pareciam eficientes, por um lado. Por outro, elas eram uma brecha para atrasos. Esperar Joey surgir do prédio de Arturo era um show em si mesmo. Não podíamos deixar o motor da Econoline ligado a menos que quiséssemos encher o tanque uma segunda vez antes de deixar os cinco *boroughs* de Nova York para trás. Todo mundo tentava chamar Joey pelo interfone, mas, depois de uns cinco minutos, Monte subia a escada para ajudá-lo a se vestir. Enquanto isso, Dee Dee continuava fumando maconha na van. Estávamos enfrentando uma crise de petróleo, mas não havia nenhuma crise de *marijuana* além dos herbicidas.

Quando terminava de vedar a porta do banheiro, Joey entrava e saía pela porta do *loft* trinta, às vezes quarenta vezes. Quando terminava, ele

descia um lance de escadas. Em seguida voltava. Descia de novo. E subia. Isso durava dez ou vinte vezes até Joey finalmente sair do prédio. Tínhamos sorte de ele não morar no décimo nono andar do World Trade Center.

Quando chegamos a Youngstown, Ohio, estávamos fora até da definição mais extrema de terreno conhecido para os Ramones. Atravessar a Pensilvânia por si só significava uns quatrocentos e oitenta quilômetros, e tínhamos Lansing e Flint, no Michigan, em seguida. Era uma longa viagem até Ohio, e John se certificou de que todo mundo estivesse nos mesmos assentos da viagem para Poughkeepsie. Ele também garantiu que todo mundo soubesse que a única razão para John F. Kennedy ter sido eleito presidente era sua beleza. Monte reservou quartos com antecedência e, pouco depois de chegarmos a Youngstown, descobri por quê. Dee Dee, John, Monte e eu ficamos no mesmo andar, enquanto Joey ficou em um andar diferente. Quando fui ver o quarto dele no quarto andar, Joey estava abrindo e fechando a porta sem parar. Exatamente como fazia em casa. A banda preferiu dormir a ouvir seu vocalista entrar e sair de lugar nenhum a noite toda. Com sorte, os vizinhos de quarto de Joey deviam ser insones.

As manhãs eram relativamente normais. Todo mundo acordava a tempo do *check-out*, descia para tomar o café da manhã e se encontrava na recepção. Se Joey não aparecesse a tempo, a gente mandava Monte ir buscá-lo no quarto. Joey não tinha só dificuldade de sair do quarto, ele tinha dificuldade de sair do banho. Para começo de conversa, não era fácil para ele entrar no banho. Com seus quase dois metros de altura, os chuveiros eram baixos demais para Joey, então era preciso se encolher para lavar o cabelo e tomar cuidado para não bater a cabeça no encanamento. Sair também não era muito mais fácil. E depois vinha a torturante repetição de novo: entrar e sair mais uma dúzia de vezes. Às vezes, Monte fazia Joey não tomar banho só para evitar provocar a compulsão e repetir o processo de tomar banho mais umas tantas vezes.

Dee Dee não tinha nenhum problema para entrar ou sair do chuveiro ou da banheira. Ele tomava quatro ou cinco banhos por dia. Não era fácil encaixar todas aquelas atividades higiênicas, mas ele dava um jeito. Um banho quando fazíamos o check-in no hotel. Ir passar o som, voltar e tomar outro. Mais um banho antes do show e um depois. Depois, vinha o banho de banheira com espuma antes de dormir. Durante toda a viagem

pelo estado apelidado de Keystone State, Dee Dee falou sobre o luxuoso banho de espuma que ia preparar naquela noite. Passando pelas siderúrgicas, pelas fábricas de cimento e minas de carvão, ele nunca perdeu de vista seu encontro com as bolhas de sabão.

Dee Dee não era só superlimpo, mas também era superbarbeado. Ele gostava de raspar com cuidado os pelos do peito e dos braços e, quando terminava, tirava os pelos que sobravam com uma pinça. Não dava para saber se ele estava se aprontando para fazer um show de rock ou para desfilar na passarela.

Dee Dee ficava revoltado com o cheiro de Joey. Ele às vezes tinha ataques quando seu nariz era invadido. Ele reclamava com Monte que precisavam lavar as roupas de Joey e fazê-lo usar perfume. Se ao menos Dee Dee pudesse tomar banho por Joey, isso teria resolvido todo o problema de higiene dos Ramones.

Joey era *cool* no palco. Eu achava isso quando via os Ramones no CBGB no começo e continuei achando atrás da minha bateria. Ele ficava no mesmo lugar o show inteiro, segurando o tripé do microfone. John, enquanto isso, se mexia como um peão, dobrando um pouco os joelhos e tocando sua guitarra rápido como se estivesse disparando uma AK-47. Dee Dee pulava sem parar. Mas a pose de Joey parecia a de alguém demarcando uma posição. Como James Dean. Ele tinha algo a dizer e não ia ceder. la proteger seu território.

A verdade era que ele tinha medo de deixar seu território. Quando encontrava seu lugar no palco, Joey tinha medo de sair dele, como de um chuveiro ou de um apartamento. A banda só ficava feliz que ele não precisasse ligar e desligar o microfone setenta vezes.

Nossa viagem pelo coração dos Estados Unidos estava cheia de racismo, mas não da população local. Era por causa do John. Nós víamos negros, porto-riquenhos e asiáticos. Johnny via "macacos", "cucarachos" e "chineses de merda". Em algum lugar entre Columbus e Cincinnati, aprendemos que os "macacos" eram preguiçosos demais até para apagar um incêndio em seu próprio quarto. Em algum lugar entre Madison e DeKalb, descobrimos que os "cucarachos" eram loucos demais por baratas para matá-las. Entre Kansas City e Springfield, ouvimos que todo acidente entre Kansas City e Springfield era causado por um chinês usando uma licença para aprender a dirigir falsa. John era o Archie Bunker do rock.

Ninguém sabia se John era uma racista escancarado ou se estava fazendo aquilo para nos irritar. Provavelmente uma combinação dos dois. O antissemitismo também não era demais para ele. Mesmo atravessando o país em uma van com o vocalista e um empresário de turnê judeus. John chamava Joey e Monte de rabinos. As coisas que John fazia para economizar dinheiro eram espertas. As coisas que os rabinos faziam para economizar dinheiro eram "muquiranas". Johnny era tão escancarado e óbvio sobre essa conversa que Joey e Monte não tinham muita escolha além de deixar passar. E se não era simplesmente antissemitismo, era mascarar outras emoções que também não eram lá muito boas.

Podíamos atravessar meio estado – ou um fuso horário – sem John olhar para Joey. Em geral não havia conversa nem contato visual. Era possível explicar dizendo que os dois eram só como água e óleo. Que John eram o valentão, e Joey era o poeta tímido e sensível da banda. Mas eu tinha a impressão de que era mais do que isso.

Com todos os hotéis em que mal conseguíamos fazer o *check-out* por causa do abrir e fechar e dos toques de Joey, uma rotina de entrar e sair interminável, todo mundo obviamente sabia que ele tinha problemas. John, no entanto, parecia enojado com esses problemas e com o próprio Joey. Chegando ao ponto de isso transparecer nos comentários de John durante a viagem. Quando todo mundo é muito amigo, ofensas étnicas não são a mesma coisa, mesmo quando é a sua etnia. Mas chamar Joey de rabino quando se trata de um rabino para o qual você não olha e com quem não fala não é mais um sinal de afeição – especialmente quando essa pessoa está sozinha no fundo do ônibus. Essa história me incomodava. Eu queria que todo mundo se desse bem.

Então, enquanto John ficava na frente da van dizendo para Monte que os Yankees iam se recuperar de catorze partidas atrás do Red Sox, eu virava para conversar com Joey, não só para fazê-lo se sentir melhor, mas porque eu gostava. Nós falávamos sobre quais músicas tinham soado boas ou não tão boas na noite anterior, e sobre talvez mudar a ordem. Sobre Blondie, The Cramps, Sex Pistols e Cheap Trick – uma das favoritas dele. Sobre uma garota bonita na plateia. Mantinha as coisas funcionando e era melhor do que deixar Joey contando a quantidade de pontos no assento da van.

Ao mesmo tempo, eu precisava dar crédito a John, que lidava com as coisas de modo profissional na maioria das vezes. Ele tinha parado de se

injetar anos antes. Sem clínica de reabilitação até onde eu sabia. Ele simplesmente entendeu que estava a caminho da destruição, o que funciona como nome de disco, mas não é onde você quer estar quando completa trinta anos e tem a chance de transformar seus sonhos em realidade.

Para a maior parte das pessoas na indústria do entretenimento, aparecer num filme era um desses sonhos, mesmo que fosse um filme B com um orçamento minúsculo. Estávamos de volta a Nova York, de 11 a 13 de agosto, para apresentar a banda para o diretor de um filme chamado *Rock'n'Roll High School*. Linda Stein e Danny Fields estavam conversando com um sujeito jovem chamado Allan Arkush, que dirigia comédias independentes para o público adolescente para o produtor Roger Corman.

Tinha havido uma conversa sobre dar ao filme o título de *Disco High*, mas, mesmo com os incontáveis milhões arrecadados no ano anterior com *Os Embalos de Sábado à Noite* com John Travolta, muita gente tanto dentro do *show business* quanto fora dele não aguentava mais. Alguém no departamento de relações artísticas da Warner, que distribuía os discos dos Ramones para a Sire, disse a Arkush para ver a banda. E foi o que ele fez.

Arkush foi de avião da Califórnia, e Danny e Linda nos colocaram para tocar no Hurrah. Localizado na West Sixty-Second Street, mais ou menos perto de Columbus Circle, o Hurrah não era uma casa de shows típica para os Ramones. Além de ficar na Midtown, ele era mais um lugar de *new wave* e tinha monitores de televisão pela casa toda passando videoclipes. Estávamos na programação com o cantor europeu de vanguarda Klaus Nomi e Lance Loud. Loud tinha começado a falar alto em 1973, quando saiu do armário para os pais no reality show pioneiro *An American Family*.

Arkush era um sujeito legal. Ele ficou surpreso de nos ver ensaiar algumas músicas em estilo acústico antes do show, mas era o que funcionava para nós. Tina Weymouth, baixista do Talking Heads, estava lá, assim como Lester Bangs. Bangs estava batendo papo com Tina, sem restrições como sempre, e Arkush parecia impressionado, fazendo anotações como se fosse um estudante no *campus* de Nova York de um colégio do rock.

Acho que Bangs ainda não tinha ouvido *Road to Ruin*, mas eu esperava que ele gostasse do disco a metade do que gostava da minha última banda. Bangs tinha escrito: "A primeira mistura de punk e jazz de verdade que ouvi por aqui veio da recém-debandada Richard Hell and the Voidoids, e em especial do guitarrista solo Robert Quine".

O ensaio acústico deve ter funcionado, porque Arkush amou o show. Fomos todos para o CBGB e, depois, para o *loft* de Arturo Vega virando a esquina. Arturo cuidava da iluminação e de vender camisetas e outras coisas dos Ramones antes e depois de todos os shows.

Houve muito barulho antes do lançamento do filme *Clube dos Cafajestes*, sobre uma fraternidade universitária de bad boys enfrentando a fraternidade dos bons moços do *campus*. O filme era estrelado por John Belushi, do programa *Saturday Night Live*, e ia fazer a limpa na bilheteria. Allan Arkush estava tentando captar um pouco daquela luz em um vidro pequeno. Ele nos contou que precisava de uma banda que tivesse um estilo próprio e um som com o qual os alunos dessa escola fictícia pudessem se identificar. O roteiro envolvia o amor de uma garota por uma banda e seus esforços para fazer essa banda ouvir uma música que ela tinha composto para eles. Quando a banda finalmente toma conta da escola, o conflito com a diretora puritana aumenta até o ponto de a polícia aparecer e o prédio explodir. John ouviu isso e disse:

– E então, vamos fazer esse filme ou não?

Em setembro, *Clube dos Cafajestes* estreou nos cinemas do país todo, e as pessoas formaram filas de dobrar a esquina. *Road to Ruin* também foi lançado, estreando no número 103 da parada dos 200 da *Billboard*. Não saiu com tanta força quanto o álbum anterior, *Rocket to Russia*, mas as resenhas eram promissoras. Escrevendo para a *Rolling Stone*, Robert Christgau disse: "Como qualquer grupo incrível, esse está sempre se superando. [...] 'I Wanted Everything', 'I'm Against It' e 'She's the One' são tão boas quanto qualquer coisa que eles tenham feito".

Eu achava bom o cartum de John Holmstrom na capa, mostrando os quatro de jaqueta de couro e jeans bem azul contra um fundo de amplificadores, bateria e a linha do horizonte de uma cidade de areia. Mas Joey e Dee Dee não gostaram. Eles fizeram objeções sobre serem retratados como personagens de história em quadrinhos porque isso sugeria que a banda em si era uma história em quadrinhos. Reclamaram que o desenho era amador. Mas não havia motivo para discutir. A capa,

como o álbum, estava feita. O disco estava indo muito bem na Europa, e marcamos uma turnê para percorrer vinte e duas cidades no Velho Continente.

Joey contava os quadrados no avião para Helsinki, Finlândia. O tecido do assento diante dele tinha uma estampa de quadrados, e, enquanto a maioria de nós lia uma revista ou tentava dormir um pouco, Joey precisava saber o número de quadrados. E confirmar. E confirmar de novo.

A viagem a partir do JFK Airport era, de certa forma, como o começo de qualquer turnê dos Ramones, fosse um show ou uma dúzia. Monte ligou para Joey por volta de onze da manhã e disse que já era uma da tarde e que era melhor ele se mexer ou íamos nos atrasar. Era um procedimento padrão. Se Joey conseguisse tocar em tudo no *loft* com o máximo de urgência, talvez nosso atraso fosse de apenas quarenta e cinco minutos, em vez de uma hora e meia.

O tempo que Monte passava lá em cima ajudando Joey a se aprontar era uma chatice para quase todo mundo, mas era uma oportunidade para Dee Dee. Quando a van estacionava, Dee Dee tinha tempo de caminhar alguns quarteirões até a Ninth Street com a Third Avenue para comprar drogas. Os traficantes ficavam na calçada bem à vista.

O ônibus da turnê nos encontrou em Helsinki. Era o dia 5 de setembro. Por volta de duas da madrugada, havia um brilho do lado leste do céu também conhecido como nascer do sol. Joey quase precisava dos óculos escuros que sempre usava. A latitude era cerca de 60º N, e mesmo que fizesse mais de um mês desde o solstício de verão não havia muita escuridão em nenhum horário. O ar estava um pouco fresco, e era muito

revigorante. Estávamos tão longe de Nova York quanto se podia estar. Eu estava cheio de energia, mas era hora de dormir.

No começo da tarde, passeamos de carro por Helsinki, que é uma cidade plana e cintilante tanto de prédios de concreto modernistas quanto de casas de madeira de quatrocentos anos. Escolhemos um restaurante, e fui o único Ramone que não reclamou da comida. Eu adorava comida exótica, especialmente se era bem preparada. E amava cozinhar sempre que tinha a chance. Então pedi alguns pratos clássicos do cardápio finlandês – charuto de repolho, peixe defumado e sopa de cogumelo – e caí de boca. Dee Dee pelo menos tinha alguma noção, porque passou a maior parte da infância na Alemanha. John chamou a culinária de porcaria nórdica esquisita.

– Tem McDonald's nesta cidade, ou o quê?

Se os garotos finlandeses serviam de indicação, íamos ter uma turnê incrível. Os punks de Helsinki falavam inglês melhor do que alguns punks de Nova York que estavam no hotel. Do lado de fora, dois sujeitos de cabelo espetado no fim da adolescência tiraram a jaqueta de couro e pediram para Dee Dee e eu autografarmos o braço deles. Os dois queriam os autógrafos grandes e visíveis e explicaram que no fim do dia as assinaturas iam virar tatuagens. Enquanto dávamos os autógrafos, mais garotos apareceram, incluindo algumas garotas com traços bonitos demais para o *mosh pit*. Autografamos discos, camisetas, mais braços, alguns seios, e teríamos continuado até o sol se pôr, o que só ia acontecer por volta das dez.

O local comportava cerca de duas mil pessoas e estava lotado. Senti o mesmo impulso de energia durante a visita dos Voidoids ao Reino Unido um ano antes, só que em dobro. Era ridícula a quantidade de músicas dos Ramones que esses garotos sabiam cantar. Não eram só dos três primeiros álbuns. Eles conheciam "Sedated", "Something to Do" e "I'm Against It". Essas músicas tinham sido lançadas fazia poucos dias. Como os garotos do lado de fora do hotel comentaram comigo e com Dee Dee, estavam loucos por um novo disco dos Ramones, e agora tinham esse disco. Eles estavam felizes que a banda ainda estivesse fazendo o que fazia e não diluindo as coisas ou se transformando em uma banda de disco como muitas outras. Havia algumas mudanças pequenas. *Road to Ruin* tinha uns dois solos de guitarra pequenos. Mas não estávamos pegando carona no som de ninguém além do nosso.

Fizemos um bis com "Sheena" e mais um com "Rockaway Beach", e foi isso. Mas Joey tinha tanta dificuldade de sair do palco quanto tinha de sair de um quarto. Na maior parte dos lugares, uma cortina separava o palco dos bastidores. Todo mundo tinha saído, mas Joey estava voltando, quase. Ele colocou o cabeção cheio de cabelo e de óculos escuros pela abertura da cortina, depois uma perna comprida e magra de calça jeans. Fazia parte de um ritual interminável de Joey, mas os finlandeses queriam outro *gran finale*. Não ia haver terceiro bis. Dois dos *roadies*, Big Matt e Little Matt, seguraram Joey e começaram a desmontar o palco. Próxima parada: Estocolmo.

Fomos de avião para a Suécia para fazer três shows e depois para a Alemanha para mais dois, mas, quando chegamos a Hamburgo, embarcamos num ônibus para as cidades no continente. Era o que o contrato com o promotor dizia. O motorista era simpático, e o ônibus era como uma festa punk com rodas. Ao mesmo tempo, o motorista nos alertou sobre os diferentes controles de fronteira entre os países, e alguns deles não eram tão amigáveis.

Passamos por vários deles a caminho de Berlim Ocidental. Um era controlado pelos Estados Unidos. Outro pela União Soviética. Um terceiro pela Alemanha Oriental. Estávamos viajando por uma terra de ninguém conhecida como *autobahn* Helmstedt-Berlim. Eram centenas de quilômetros de comprimento cercados dos dois lados por cercas, muros, colinas e basicamente tudo o que faria você pensar duas vezes antes de fazer alguma graça. Não havia guia turístico, mas cada um de nós era um *baby boomer* que tinha assistido a intermináveis aulas de História sobre as consequências da Segunda Guerra Mundial. E lá estávamos nós viajando pelas consequências.

Quando a guerra terminou, e os Aliados e os soviéticos dividiram a Europa, a grande cidade de Berlim se transformou em uma ilha. A Alemanha foi dividida ente Oriente e Ocidente, mas Berlim continuou livre, apesar de ficar bem a leste da parte ocidental, bem no coração do que tinha se tornado a Alemanha Oriental controlada pelos comunistas. Entre a Alemanha Ocidental e esse último posto de liberdade ficava a estrada em que estávamos, que se estendia como um cordão umbilical do rock'n'roll. Na outra extremidade, pelo que nos disseram, e por mais maluco que parecesse, havia milhares de fãs dos Ramones.

Não era mentira. Era uma multidão. Berlim – a parte ocidental, pelo menos – era animada. Era como um vestígio da República de Weimar, com cafés e pequenas casas de ópera ainda cercados aqui e ali pelas ruínas da guerra. Os jovens fãs dos Ramones berlinenses tinham invadido o hotel. Havia cerveja, maconha, ruas encardidas e punk de jaqueta de couro. Para nós, era como estar em casa. Para Dee Dee era estar em casa de verdade.

Dee Dee nasceu em Fort Lee, Virginia, mas morou na Alemanha até os quinze anos. Seu pai era um soldado americano que foi enviado para a Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial. A mãe de Dee Dee era alemã e deve ter conhecido seu marido militar em um bar ou em uma pista de dança. O casal se mudou algumas vezes, mas Dee Dee passou a maior parte da infância em Berlim. Infelizmente, o alcoolismo do pai levou ao divórcio do casal, e Dee Dee, a irmã e a mãe imigraram para a meca musical de Forest Hills, Estados Unidos, em 1966.

Nós não sabíamos muita coisa sobre a infância de Dee Dee na Alemanha. Evidências dela surgiam em algumas ocasiões, como quando ele fazia a contagem de uma música. Na maior parte das vezes era "*One-two-three-four!*", mas, de vez em quando, saía "*Eins-Zwei-Drei-Vier!*" Isso saía da boca dele por acaso, e não era como se a curiosidade fosse nos fazer parar de tocar "We're a Happy Family" para perguntar: "Por que agora?".

A infância de Dee Dee era um enigma. Às vezes a resposta era outro enigma. Ninguém conseguia entender completamente "Blitzkrieg Bop", mas a imagem criada pelas letras "shoot 'em in the back now"[1] era tão sombria e SS quanto o título sugeria. A canção, com seu grito de "Hey Ho, Let's Go!", àquela altura tinha sido aclamada como um hino punk mundial. Era um pouco ininteligível e seguia como as frases e os pensamentos cotidianos de Dee Dee. Enquanto isso, "It's a Long Way Back", de *Road to Ruin*, fazia mais perguntas do que respondia. O narrador estava sentado esperando, talvez na Alemanha, por um telefonema que nunca vinha. Era um único verso perturbador sendo repetido. Falava muita coisa. Falava pouco.

Dee Dee odiava os nazistas. Isso não o tornava único entre os cidadãos americanos, mas os neonazis, como qualquer grupo radical insano, acreditam no que querem acreditar. Em uma tarde antes do nosso show em Berlim, um repórter de um canal de televisão local estava

entrevistando Dee Dee no *lobby* do hotel. Dee Dee ia do inglês para o alemão fluente e voltava para o inglês como se fosse estrofe-refrão-estrofe. Era aflitivo. O repórter ficava perguntando sobre seu período no Vietnã até Dee Dee dar um fim àquilo como o cessar-fogo do Tet.

– Não posso falar sobre isso. É doloroso demais. Mas, sabe, a gente gostaria de vender uns discos por lá e fazer uma turnê.

Dee Dee nunca tinha estado no Vietnã. Mas o repórter era incauto e implacável. Em vez de partir para o próximo assunto, ele fez uma *blitzkrieg*.

– Essa é, claro, uma guerra totalmente imoral promovida pelos Estados Unidos. Isso não está mais aberto para debate. É um fato estabelecido. Enquanto usa broches do exército americano, como, em sua mente, você justifica o envolvimento dos Estados Unidos na atrocidade conhecida como Vietnã?

Os olhos de Marion quase reviraram para fora da cabeça, e todo mundo lançou um olhar para o jornalista como se ele fosse um idiota jogando um morteiro em uma casa de vidro. Eu precisava dizer alguma coisa.

– Então, como você justifica o envolvimento da Alemanha na Segunda Guerra Mundial?

– Pois é, vocês foram, sabe… satânicos – Dee Dee emendou. – Vocês são praticamente o anticristo.

O show foi muito mais fácil que a entrevista. A juventude alemã, nascida nos anos 1950 e 1960, estava ali para se divertir, e se divertiu. Havia cerca de cinquenta mil soldados americanos ainda estacionados na Alemanha Ocidental, e devia haver quinhentos no show. Acrescente mil e quinhentos garotos alemães gritando, dançando, batendo o pé e bebendo cerveja, o que você tem é o verdadeiro "Blitzkrieg Bop". Havia suor escorrendo do teto. Dee Dee fez a contagem em alemão e lançou algumas frases de efeito na língua nativa. A banda não sabia o que ele estava dizendo, mas a plateia entendeu e ficou louca. Dee Dee podia ter explorado muito mais isso, mas não era isso que os Ramones faziam, em nenhuma língua.

As cusparadas estavam saindo do controle. Era como a Normandia sem o banho de sangue. Os punks alemães eram precisos a ponto de eu não poder mais me esconder atrás de um prato Paiste. Estavam lançando foguetes V-2 molhados. O *promoter* em Ronneby, Suécia, tinha nos dado

camisetas que diziam "No Spitting – we're Americans" ["Não cuspa – Somos americanos"], mas não era o que estávamos vestindo e, se fosse, elas estariam encharcadas de saliva. Então Joey disse para a plateia:

– Qual é? Parem com essa merda!

A maioria ouviu. Ganhamos essa. O resto deles parou quando Dee Dee falou alguma coisa em alemão. Era um bom momento para dar ordens.

E para segui-las. *Mehr*! *Mehr*! *Mehr*! Dava para entender o conceito de "mais" tanto quanto Dee Dee. As cusparadas tinham sido perdoadas como a Batalha do Bulge. Nosso terceiro e último bis foi "It's a Long Way Back", que levou a casa abaixo como os Aliados derrubaram o Eixo. Como banda, não tinha sobrado nada. Era um longo caminho de volta ao hotel.

Tínhamos o dia seguinte livre antes de voltar para o ônibus e seguir para a Bélgica. Dee Dee e eu estávamos no *lobby* do hotel nos preparando para fazer um pouco de turismo enquanto John dava trabalho para o *promoter* de um jeito que só John sabia fazer. Ele era um grande colecionador de miniaturas de soldados nazistas e um grande colecionador de autógrafos, e nenhum autógrafo além de Moisés ou de Jesus seria uma conquista maior do que um de Adolph Hitler. No dia em que fizemos o *check-in*, John pediu ao *promoter* para ajudá-lo a conseguir uma assinatura do *Führer*. A resposta foi "*Nein*". O *promoter* olhou para ele como se quisesse colocar John diante de um pelotão de fuzilamento. Os alemães não lidavam bem com a memorabilia de lembranças ruins. Armas eram uma coisa, mas algumas coisas eram proibidas. Então naquela manhã, usando uma arma americana que John havia dominado, ele infernizou o sujeito.

– Você consegue ou não? Falei para um amigo nos Estados Unidos que ia conseguir, e ele vai ter um ataque!

Dee Dee e eu caminhamos pela Tiergartenstrasse. Ele tinha exatamente quatro coisas em mente – comprar drogas, beber, prostitutas alemãs e armas nazistas. E falava sobre elas de um jeito quase intercambiável. Quando falava sobre ser criança e pegar artefatos de terrenos cheios de entulho naquela mesma cidade, eu sabia que ele não estava falando de prostitutas. Dee Dee revirou alguns tijolos e cacos de vidro e encontrou cartuchos de bala, facas, medalhões. Tudo isso tinha lugar em sua coleção.

Enquanto andávamos, notei a postura de Dee Dee. Era muito ereta, com a cabeça levantada, e os ombros para trás. Não combinava com um músico de rock. Não combinava muito com nada do que Dee Dee fazia ou dizia. Quando conheci o pai dele em um show em Nova York, vi a mesma postura, e lá estava eu vendo a mesma coisa nos soldados americanos que passavam por nós na Lennéstrasse. Como os cartuchos, as facas e os medalhões, era parte da herança de Dee Dee – uma mistura de coisas que se juntam em uma verdadeira figura americana.

Parte do legado dos Ramones era pessoas do mundo todo pensarem que tínhamos lutado no Vietnã. Não era só o repórter no hotel. Dava para ver de onde isso vinha. Tínhamos uma aparência durona, usávamos objetos militares e optávamos por uma postura rígida em algumas músicas. E, o mais importante, todos tínhamos idade para ser convocados na época. Essa era a situação de todos os nossos amigos nascidos no fim dos anos 1940 e começo dos 1950. Só tivemos sorte.

Eu não era o mais sortudo nem o menos. Meu número na loteria da convocação era setenta e sete – não baixo o bastante para ser um dos primeiros a ser chamados, mas não alto o bastante para dormir tranquilo. Meu pai e eu conversamos sobre isso. Ele era contra a guerra, o que não era uma posição típica para um estivador, mas meu pai tinha muito pouca coisa de típico. O raciocínio dele era claro – a melhor maneira de combater o comunismo era oferecer bons empregos e boas oportunidades em casa, não invadir um país pequeno do outro lado do mundo. Além do mais, ele tinha dois filhos que podiam morrer.

Não fui chamado até 1973. Um ônibus do centro de orientação militar parou na frente do meu prédio na Ocean Avenue às cinco da manhã, e um sargento veio bater na minha porta no andar abaixo da rua. Eu tinha ido dormir fazia umas duas horas, e não era nem um sono bom. Como aquilo podia estar acontecendo? A última pessoa com que eu tinha falado antes de ir dormir naquela noite tinha sido meu amigo Joel, do andar de cima, que ia me orientar sobre como não ir para o Vietnã. Ele tinha amigos no Canadá.

Quer Joel pudesse ajudar, quer não, ninguém podia me proteger daquele ônibus. Quando embarquei, vi meia dúzia de sujeitos que tinham estudado comigo na Erasmus High School. Nenhum dos garotos com que falei tinha viajado para além do Brooklyn nos três anos desde a formatura, enquanto eu tinha tido a oportunidade de conhecer o país

com o Dust. Viajar em turnê era bom contanto que não fosse em serviço militar. Um dos sujeitos estava falando sobre como ainda podíamos vencer os vietcongues e como ele queria chegar lá e ter uma morte confirmada.

– Ótimo! – respondi. – Pode ficar com o meu lugar.

Fomos levados para o depósito de armas em Fort Hamilton, um prédio de cento e cinquenta anos perto da Belt Parkway. Eu estava em boa forma e passei no exame físico sem problemas. Isso era, em grande parte, graças à bateria. Tocar bateria era a minha vida, e agora tocar bateria podia me matar. Mas os meses seguintes se passaram sem o aviso de convocação. Cada vez menos homens estavam sendo chamados. O envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã estava diminuindo. Começamos a nos retirar naquele ano, e em 1975 a retirada tinha sido completa. Acho que tive bastante sorte.

Não conheço todos os detalhes sobre os outros Ramones. A situação de Joey, no entanto, era óbvia. Ele era um 4-F clássico. Dee Dee podia ter argumentado sua dispensa, quer estivesse tentando fazer isso quer não. Quanto a John, o número dele era alto, então é provável que ele não tivesse sido chamado. Todo mundo sabia que, mesmo que tivesse sido, ele teria encontrado uma maneira de não ir, sem dúvida. Mesmo com todo o seu blablablá jingoísta idiota, ele teria começado a mancar, inventado uma fobia, uma cutícula, um atestado médico ou qualquer coisa que o fizesse ficar fora da selva. John gostava de falar, e era até onde a coisa ia.

A herança da Segunda Guerra em Berlim ainda estava à vista: terrenos aqui e ali que continuavam sendo pilhas de entulho mesmo depois de todo esse tempo. A guerra era um presente que nunca acabava. Os prédios, como as pessoas, eram criados um por vez, minuciosamente, e depois destruídos de uma vez em algumas horas de negligência. Kurt Vonnegut escreveu sobre Dresden sendo bombardeada de modo tão intenso que o calor derreteu torres de relógio feitas de pedra, marcando o momento que a temperatura causou seus danos. O ar superaquecido subiu formando uma coluna, engolindo carros, pessoas e árvores, alimentando ainda mais o fogo. Com uma história como essa, ninguém podia esperar que Berlim ou Dee Dee evitassem danos residuais.

A Igreja Memorial Kaiser Wilhelm talvez fosse o melhor exemplo de monumento arruinado. Demos a volta nela, que foi muito prejudicada

em um bombardeio aliado de 1943, e a deixaram ficar assim. Havia buracos de bala, alvenaria queimada, pedras faltando. O campanário tinha sido substituído por uma versão de aparência mais moderna, mas os muitos pináculos estavam faltando. Parecia um pouco macabro, como um peito nu com pernas e braços cortados, definhando.

Quando Dee Dee e eu nos aproximamos do Portão de Brandemburgo, percebemos que era o mais longe que íamos chegar. Não dava para chegar até a famosa estrutura em si porque ficava do outro lado do Muro de Berlim. Mas havia muita coisa para fazer do nosso lado. Havia ambulantes vendendo uma variedade de adagas nazistas, e Dee Dee fez a festa. Ele ficou empolgado de escolher um punhal feito especialmente para membros do Terceiro Reich. O logo do Partido Nazista estava bem ali no cabo marrom. Mas o grande motivo de empolgação era a gravação na lâmina de vinte e quatro centímetros de comprimento feita de aço carbono: *Alles für Deutschland*. Tudo pela Alemanha. A adaga, porém, custava apenas cem marcos alemães.

Alguns passos para a nossa esquerda, Dee Dee viu um punhal da Juventude Hitlerista com uma gravação: *Blut und Ehre*! Sangue e Honra! A lâmina era curta e compacta – algo pensado para aquele jovem nazista em fase de crescimento da família.

– Pois é, por que não? – ele comentou. – Um para viagem.

Depois que escureceu, encontramos um trecho do Muro de Berlim com escadas. Subimos as escadas até o topo do muro. Daquele ponto, dava para ver pelo arame farpado o outro lado, Berlim Oriental. A diferença era gritante. Berlim Oriental era sombria. Era um mundo de preto, branco e cinza do outro lado da estrada lá embaixo, a apenas cento e cinquenta metros de onde estávamos. Os prédios eram largos, repetitivos, estruturas de caixa, sem cor, que pareciam ter saído do mesmo molde. As coisas mais próximas desses prédios que tínhamos nos Estados Unidos eram as prisões. Até a brisa que vinha do lado oriental do muro parecia estéril e nefasta.

O muro nesse ponto era tão largo que era possível caminhar sobre ele. Mas assim que fizemos isso, um monte de lanternas do outro lado se acendeu, praticamente nos cegando. Apertamos um pouco o passo, e as lanternas nos seguiram. Foi horripilante. Quem quer que fossem, podiam nos ver muito melhor do que nós podíamos vê-los. Para nós, eram

comunistas sem rosto que existiam em um tipo de inferno bem aqui na Terra. Para eles, nós éramos alvos. Estava na hora de descer do muro.

Continuamos andando até encontrar um bar a alguns quarteirões dali. Não era um lugar turístico. Estava cheio, em grande parte com homens de meia-idade que pareciam trabalhar duro para viver, provavelmente no comércio. Dee Dee e eu pegamos uma mesa pequena e pedimos duas cervejas. Ele estava animado porque em uns dois dias estaríamos em Amsterdã. A maioria das drogas era legal lá, e o que faltava aos holandeses em punhais era facilmente compensado em haxixe.

Enquanto conversávamos sobre como ele queria ficar chapado lá e ir assistir a alguns filmes estranhos, notei que a expressão fácil de Dee Dee começou a indicar algum incômodo. Ele parecia distraído, parou de falar por alguns segundos e olhou para trás por sobre o ombro.

– Esses caras estão falando merda de nós – disse Dee Dee.

Ele estava se referindo a um grupo de seis homens na mesa ao lado. Eram operários na casa dos quarenta com umas duas jarras de cerveja na mesa. Parecíamos americanos e estávamos falando inglês, então não faziam ideia de que Dee Dee entendia cada palavra que eles falavam em alemão – provavelmente melhor que eles mesmos.

– Que tipo de merda? – perguntei.

– Chamaram a gente de duas bichas americanas – disse Dee Dee. – Disseram que você gosta de ficar por cima, e eu, embaixo.

– Ah, é? Mais alguma coisa?

– Bom, que a gente devia pegar esses *buttons* dos Estados Unidos que estamos usando e enfiar na bunda um do outro.

– Por que a gente ia querer fazer isso? – eu quis saber.

Eu estava um pouco puto, mas não exatamente tremendo de raiva. Às vezes, você só precisa dar risada e deixar passar. Mas Dee Dee levantou e virou para encará-los. E começou a falar em alemão. Era como se ele tivesse catorze anos de novo, e nenhum segundo tivesse se passado entre o pátio do seu colégio em Berlim e aquele momento. Eu não entendia o que ele estava dizendo, mas a dureza da língua alemã funcionava bem em uma discussão de bar. Só entendi uma palavra que Dee Dee usou – *arschloch*! Na nossa terra natal, significava *cuzão*!

A expressão no rosto dos alemães era uma mistura. Havia raiva por causa do esporro coberto de obscenidades em alemão que Dee Dee

estava enfiando coletivamente no traseiro deles. Mas também havia uma expressão estranha que se parecia com uma sensação de traição. A questão era que eles deveriam poder dizer o que quisessem como se estivessem rindo de personagens na TV. Mas Dee Dee saiu da tela. E eu saí com ele.

– Fodam-se vocês! – eu disse. – Vão se foder!

Não era exatamente alemão, mas era universal. Ainda que o sujeito magro de colete jeans tenha levantado primeiro por uma fração de segundo, todos eles levantaram em um ou dois instantes, e ouvimos o barulho também universal de uma mesa de bar sendo empurrada enquanto copos de cerveja caíam no chão. Um alemão robusto de blusa de lã nos xingou com uma voz retumbante umas duas oitavas mais grave que a de Dee Dee. A voz de Dee Dee não combinava com sua aparência. Ele parecia um garoto durão de qualquer lado do Atlântico, mas soava como uma versão de Liberace de Long Island. Isso apenas fez os alemães levantarem da cadeira, e me tirou da minha.

O alemão magro empurrou o peito no rosto de Dee Dee, que o empurrou de volta, xingando sem parar. *Arschfotze*! *Arschgeige*! *Blonde Fotze*! Fui na direção do alemão de gorro de lã que me empurrou com as mãos. Todas as outras atividades no bar ficaram paralisadas. Isso também era universal – um silêncio sedento por sangue antes do massacre. Todo mundo sabia exatamente a mesma coisa. Empurre e xingue o quanto quiser. Quando um único soco é dado, o caos vai se instalar.

De repente, o barman apareceu à minha direita. Ele era tão grande quanto o grandalhão da mesa, e, pela aparência de seu nariz, que tinha sido quebrado pelo menos duas vezes, ele não separava brigas apenas. Ele entrava nelas. O barman bateu um porrete preto na mão aberta, e todo mundo entendeu que ele não teria problemas em trocar a própria mão por um crânio aberto.

Os alemães recuaram, e Dee Dee e eu demos meia-volta e saímos pela porta. Os clientes do bar pareciam desapontados. Esse show não ia ter bis. Enquanto andávamos pela Altonaer Strasse, Dee Dee traduziu tudo o que tinha dito e o que eles tinham dito. Eu realmente não precisava saber que Dee Dee tinha dito ao magrelo que íamos fazer sexo com a mãe e a irmã dele enquanto ele assistia, mas foi engraçado.

Fiquei aliviado que tivéssemos saído de lá. Nós podíamos ter machucado alguém. Eles também. A banda não precisava de uma

manchete no *Berliner Zeitung* dizendo "*Blitzkrieg Bop dos Ramones*!". Tínhamos shows para fazer e dúzias de pessoas que ganhavam seu sustento neles. Então voltamos para o hotel para beber Jägermeisters pelo resto da noite. Quando levantei meu primeiro copo, lembrei de uma coisa e tive um momento de clareza – que sorte a nossa que as adagas tivessem ficado no quarto.

Próxima parada: Amsterdã. Dee Dee estava no paraíso. As drogas eram legalizadas. O governo holandês tinha decidido que gastar uma fatia gorda do produto interno bruto para jogar as pessoas na cadeia por fumar maconha ou injetar heroína era um desperdício completo. Em vez disso, as substâncias eram controladas e vendidas por estabelecimentos autorizados, como a bebida nos Estados Unidos. Os garotos vinham do outro lado da estrada e do mundo todo para Amsterdã por causa das drogas. Quando caminhamos pelos canais – que estavam dispostos em círculos –, vimos montes desses jovens amontoados em bancos, degraus e estátuas, parecendo entorpecidos e confusos. Se não tivéssemos que ir embora no dia seguinte, Dee Dee teria sido um deles.

Nosso show era no Paradiso, uma conhecida casa de rock no limite da Leidseplein, uma praça movida pela vida noturna. O Paradiso era um prédio de tijolo de três andares construído originalmente como uma igreja, mas ocupado em 1967 por hippies em busca de um lugar para farrear. Apesar de os hippies em si terem sido expulsos pela polícia, seus planos para o prédio acabaram se tornando realidade, o que diz muito sobre Amsterdã.

A festa no Paradiso começava no mezanino superior. Havia Coca-Cola, cerveja, pipoca, pretzels e as coisas de sempre bem acima do palco. Além do vendedor de maconha. Só mais um sujeito ganhando a vida, só que ele tinha uma fila quase até a saída. Marion e a esposa de Dee Dee, Vera, estavam perto do fim daquela fila. Quando chegou a vez delas, perguntaram ao vendedor o que ele tinha, e o homem respondeu maconha e haxixe. Marion disse que iam levar tudo, e o vendedor pareceu confuso. Ele vendia em pequenos sacos de cinco ou dez dólares e latas de vinte.

– O que vocês querem dizer com "tudo"?

– Queremos dizer tudo o que você tiver. Tudo.

O vendedor explicou que ia custar dois mil florins, que era mais ou menos oitocentos dólares. Tudo bem. Sem problemas. Marion pagou

metade, e Vera, a outra metade. Os garotos na fila atrás delas, pelo menos os que estavam perto o bastante para testemunhar a transação, ficaram furiosos. Mas tínhamos muitas bocas para alimentar e cérebros para fritar. As viagens de ônibus eram longas, e baseados grandes e gordos ajudavam a encurtá-las.

O vendedor deve ter ligado para o fornecedor para pedir mais. Ou isso ou mais garotos devem ter chegado com suas próprias drogas, porque quando as luzes se acenderam, e começamos o show, o lugar cheirava como um antro de drogas. Combinado com um bar. A casa estava lotada, com umas mil e quinhentas pessoas, cada uma delas chapada e acelerada. A fumaça era tão densa que parecia estar sendo gerada por uma máquina, mas a única máquina eram os pulmões coletivos da juventude holandesa. Notamos que, por qualquer razão, os garotos da Holanda eram fisicamente grandes – maiores que os suecos, os alemães ou os belgas. De onde estávamos, parecia uma plateia de gigantes e não só tivemos uma suposta transferência do efeito das drogas. Talvez fosse alguma coisa na água do *bong* de maconha. Ou os brownies de haxixe vendidos na porta ao lado, na Melkweg. Quando os punks em tamanho gigante faziam *mosh* ou mergulhavam do palco, tinham mais vigor e força do que no resto do continente. Aqueles garotos fizeram os velhos fantasmas da igreja saírem pelas paredes.

As cusparadas no Paradiso também eram maiores. Os punks de Amsterdã começaram a cuspir goles inteiros de cerveja no palco e na banda. Depois começaram os jatos. Eles agitavam uma lata ou uma garrafa de cerveja e abriam na nossa direção. O alcance era incrível, como um monte de mangueiras de incêndio disparando Amstel e Heineken. Era difícil saber quem chegava mais longe – as bochechas ou os recipientes. Se eu estava me molhando atrás da bateria, Joey, John e Dee Dee estavam sendo encharcados. Ia demorar mil banhos de banheira para Dee Dee deixar de cheirar como uma cervejaria. Joey tentou apelar para a razão.

– Parem com essa merda, gente. Sério. Vocês vão eletrocutar a gente. Não é piada, porra.

Só seria necessário cerveja suficiente para criar uma conexão entre um fio quente e um Ramone, e não haveria um quinto álbum. O último cheiro que sentiríamos seria de cevada e de lúpulo queimado. Joey

colocava a vida em risco toda vez que sua boca chegava perto do microfone. E ele achava que tomar banho era perigoso!

A tempestade diminuiu, talvez porque a plateia tivesse ouvido a banda, talvez porque Amsterdã estivesse sofrendo uma escassez de cerveja, talvez as duas coisas. Mas a festa continuou. Era um hospício em uma cervejaria.

Depois de tocar em Arnhem, na Holanda, seguimos para Paris de ônibus, pela Bélgica. Isso era um grande problema para Dee Dee, porque *cannabis* e todas as outras drogas de rua eram ilegais tanto na Bélgica quanto na França, e Dee Dee estava levando o suficiente para deixar a embaixada inteira chapada. Mas quando se tratava de substâncias ilegais e intriga internacional, Dee Dee era tão engenhoso quanto James Bond.

Dee Dee ficou amigo do motorista do ônibus, o que não era difícil porque o motorista era uma boa e velha alma europeia. Quando paramos logo antes da fronteira da Holanda com a Bélgica para trocar florins por francos, Dee Dee deu a volta pela parte de trás do prédio térreo da alfândega, e fui junto. Ele olhou um pouco para um vaso de concreto e uns arbustos e cavou um pouco a terra com a mão.

– O que você acha? – ele perguntou.

– Acho que você é louco.

Era bom o bastante. Dee Dee escolheu um canto entre o segundo e o terceiro arbusto da esquerda e começou a cavar com as duas patas como um beagle enterrando um osso. Quando cavou uns trinta centímetros, ele tirou dois sacos grandes de plástico transparente da jaqueta e os colocou no buraco. Depois cobriu de terra e nivelou tudo. Não era a primeira vez para ele. Dee Dee enterrava maconha, heroína e anfetaminas por toda parte em Nova York. Alguns dos sacos ainda estavam lá. Ele também escondia coisas na parte de trás de alto-falantes, sob tábuas de piso e na parte oca de violões. Se você conhecesse Dee Dee, talvez estivesse guardando alguma droga dele sem nem saber.

– Isso. Tudo certo. Perfeito.

Ele deu uma última olhada antes de voltar para o ônibus. Nunca era tão simples quanto parecia. Para uma missão cumprida, três coisas precisavam acontecer. Primeira, ele precisava convencer o motorista a voltar pelo mesmo caminho e passar pelo mesmo escritório da alfândega. Segunda, nenhum outro viciado podia vê-lo. Terceira, Dee Dee

ia precisar lembrar exatamente onde tinha enterrado suas drogas. A última talvez fosse a mais difícil. Talvez fosse por isso que eu estivesse ali.

O Palais des Congrès, em Paris, era como um teatro burlesco. A escada para o palco era uma subida enorme, então estávamos olhando para a maior parte do salão de cima, basicamente o oposto do CBGB. Os garotos parisienses eram muito diferentes dos garotos do norte. Tocamos "Sedated", e eles já estavam sedados. Não que eles não gostassem da música e não se mexessem. Mas eram mais *cool*, como figuras sofisticadas em uma galeria de arte. Eles estavam lá absorvendo tudo. Não reclamamos. O lugar estava lotado, e não estávamos cobertos de cerveja.

Quando passamos pela Holanda a caminho do Reino Unido, o motorista parou no prédio de tijolos da alfândega de Dee Dee, ainda que não houvesse dinheiro para trocar no meio da noite. Fui com ele até a parte de trás, até o local entre o segundo e o terceiro arbusto à esquerda. Ele estava "ligado" em Paris e estava ligado naquele pequeno estacionamento.

Dee Dee cavou com eficiência e, quando pegou o primeiro saco, inspecionou tudo com cuidado. E fez a mesma coisa com o outro saco. Então ele sorriu e relaxou um pouco, segurando os dois pacotes. Se eu não soubesse o quanto Dee Dee ia ficar chapado quando voltássemos para o ônibus, teria ficado quase emocionado. Era como uma família reunida depois da guerra.

Chegamos ao aeroporto JFK no Queens no dia 9 de outubro. Eu estava com *jetlag*. Considerando o voo de volta da Escócia, meu corpo achava que era meia-noite, mesmo que fossem seis da manhã. Mas eu estava feliz de voltar para casa, e minha casa ia melhorar com o *loft* na John Street para o qual Marion e eu íamos nos mudar.

Monte tirou nossa van do estacionamento e foi nos buscar no terminal 4. Demos a volta pela ponta sul do Brooklyn, passando pela Belt Parkway, para tentar evitar os vestígios do horário de pico. Mesmo assim, demorou mais ou menos uma hora e meia para finalmente chegar à entrada do prédio na East Second Street em Manhattan. Enquanto Monte olhava por sobre o ombro para fazer a baliza no que provavelmente era a última vaga no East Village, Joey pronunciou suas primeiras palavras desde que saímos do aeroporto.

– Monte, precisamos voltar.

– O que aconteceu? – Monte perguntou.

– Deixei uma coisa no JFK – Joey respondeu.

– O que você esqueceu, Jeffrey? – John perguntou. – A merda do seu cérebro?

John estava puto. Ele achou que Joey estava fazendo isso para nos irritar, mas todo mundo sabia a verdade. Joey não conseguia se controlar. A questão era que isso era levar as coisas a um outro nível, pelo menos aos meus olhos. Tínhamos acabado de voltar de um voo transatlântico em que nosso vocalista contou cada assento, cada luz de cabine, e cada botão de máscara de emergência. Ele de fato usou o banheiro duas vezes, mas voltou duas vezes para tocar o sabonete, o assento da privada e para dar a descarga. Agora ia atravessar o rio para voltar para o JFK sem a banda.

Tiramos a bagagem da van e desaparecemos. Marion e eu pegamos um táxi para voltar para o Brooklyn. Monte ia ter de voltar sozinho com Joey. O que mais ele podia fazer? Ele era o motorista. Joey também não devia ter gostado. O único consolo era que ele podia ir para o banco de John se quisesse.

Na tarde seguinte, Dee Dee deu notícias por telefone. Ele tinha falado com Monte. Monte e Joey tinham ido até a British Airways no terminal 4. Joey desembarcou, deu alguns passos e bateu no meio-fio com o pé. Depois eles voltaram para Manhattan. Pelo menos os dois não precisaram voltar para Glasgow.

Quando Marion e eu conseguimos nosso próprio apartamento em Manhattan, ficou mais fácil ir visitar o Joey, e eu fazia questão de fazê-lo. A banda tinha um pouco de tempo antes da próxima turnê, que ia se concentrar no nordeste dos Estados Unidos, fazer mais uma pausa, e seguir para o sul. Ao sair do táxi na East Second Street, perto da Bowery, por volta das quatro da tarde, eu tinha tomado umas duas cervejas, mas meu estômago estava roncando.

Esse era o centro do universo dos Ramones. O CBGB ficava virando a esquina, e a uns trezentos metros na East Second Street ficava o *loft* de Arturo Vega. Abri a porta de metal e apertei a campainha. Alguns segundos depois a trava se abriu, e eu empurrei o portão de segurança feito de ferro forjado e comecei a subir a escada estreita até o segundo andar.

O *loft* já estava aberto quando entrei. A porta costumava ficar aberta para a fumaça sair quando Arturo estava pintando. Aliás, dava para sentir o cheiro de uma combinação de óleo e acrílico, mas parecia que Arturo tinha saído. Joey estava sentado em um sofá de couro rabiscando alguma coisa em um bloco de anotações.

– Oi, *Merk*.

– E aí, Joey?

Era uma fábrica construída na era industrial de Manhattan, e as paredes de tijolos e o pé-direito alto praticamente não tinham mudado, com exceção das pinturas neopsicodélicas de Arturo penduradas por

toda parte. Além de uma mesa comprida onde Arturo fazia a serigrafia das camisetas dos Ramones, o lugar era muito limpo e arrumado;

Fui até o Joey e perguntei se tinha alguma coisa para comer. Ele disse que sim, mas, em vez de me levar até a geladeira, ele me levou até seu quarto, e eu achei que devia ir. O "quarto" de Joey era uma pequena área atrás de uma estante de livros solta perto dos fundos do *loft*. Atrás da estante, no chão, havia um colchão cheio de discos e fitas que se espalhavam pelas tábuas do piso. Havia camisetas, calças jeans, tênis, livros e revistas que pareciam ter sido enviados das Birchwood Towers em Forest Hills e despejados de uma mala. Mas Joey morava ali fazia pelo menos três anos.

Ele apontou para uma caixa de leite perto de uma caixa de pizza vazia. Sobre a caixa, havia um hambúrguer com batatas fritas de acompanhamento e um grande picles. Com a fome que eu sentia, eu estava prestes a dar a volta no colchão, pegar aquilo e dar uma mordida, mas fiquei paralisado por um instante. Tinha alguma coisa errada com aquela cena, mas eu não sabia dizer o que era.

Na verdade, eu *sabia* dizer, sim. Cheguei perto com cuidado e encostei no pão de hambúrguer com o dedo indicador. Estava duro como uma pedra. Assim como o hambúrguer, os picles e as batatas. Tudo estava ressecado como café instantâneo, mas aquela comida nunca mais seria trazida de volta à vida. Parecia uma daquelas réplicas de plástico de uma refeição que às vezes se vê na vitrine dos restaurantes chineses. Só que estava mais dura.

Olhei de volta para Joey e não quis perguntar. Toda aquela mistura de neuroses dele era um assunto sensível para todos nós. Se eu fosse perguntar alguma coisa, não saberia nem por onde começar. Por que você não quis comer depois de pedir isso? Alguma coisa estava errada? Por que não jogou fora? Por que não embrulhou e colocou na geladeira ou no *freezer*? Exatamente que tipo de plano de longo prazo você tinha para essa refeição? Você encostou nela ultimamente? Tocou nela? Tentou bater nela com um martelo? Por que ofereceu isso para mim? Faz exatamente quanto tempo que isso está aí? Uma semana? Duas desde antes da turnê europeia?

– Sabe de uma coisa? – comentei. – Estou com muita vontade de comer comida indiana.

Descemos as escadas estreitas até a East Second. Na verdade, eu desci e fiquei vendo Joey entrar e sair alguma vezes antes de se juntar a mim na calçada. A East Sixth Street era onde todos os melhores restaurantes indianos ficavam. Estávamos a apenas alguns quarteirões e começamos a andar rumo ao leste. Na esquina seguinte, virei à esquerda para seguir para o norte na Second Avenue, e Joey disse:

– Não, vamos por aqui.

Ele queria continuar seguindo para o leste na Second Street. Não fazia nenhum sentido. Virar à esquerda na First Avenue seria o caminho mais comprido. Virar à esquerda um quarteirão depois, na Avenue A, seria ainda mais comprido.

– Este é o caminho mais rápido – expliquei. – Estou com fome. Por que você quer continuar na Second?

– Bom, você sabe – ele respondeu. – Deus fica neste quarteirão. Preciso parar para ver Deus.

E sorriu de leve. Joey sabia que estava agindo como louco. O que era bom sinal. Então fui com ele pela Second. O frango *vindaloo* era ainda mais gostoso quando você precisava esperar por ele.

Quando a turnê seguiu para o sul por Richmond, Virgínia, e Raleigh, na Carolina do Norte, estávamos fora do alcance local – quer dizer, do alcance local dos Ramones – e começamos a nos hospedar em hotéis de novo pela primeira vez desde a Europa. Eu não me importava com os hotéis nem com sentar no mesmo lugar de sempre para as longas viagens de van pela I-95. Não me importava nem de ouvir John falar uma hora por vez sobre como os Yankees tinham vencido a World Series de novo contra os Dodgers depois de uma desvantagem de catorze partidas em relação ao Red Sox em um dado momento. O que me importava era que alguns dos problemas da banda estavam piorando.

O fato de Dee Dee usar todas as drogas do mundo estava se transformando em uma arma carregada e apontada para ele mesmo e para qualquer um que se importasse. Sempre que abria a porta do quarto deles em Whitestone, Vera torcia para o marido estar lá respirando. Se estivesse, o próximo passo era torcer para ele não estar azul. Ela ligou para a emergência tantas vezes que os atendentes reconheciam sua voz.

Enquanto isso, Roxy estava sempre pisando em ovos com John. Eu já tinha dividido muitas garrafas com ela antes dos Ramones, e eu não era nenhum santo. Eu gostava de tomar um drinque, ou dois ou três, quando

isso *não* interferia na música. Mas parecia que Roxy estava numa bebedeira desde Amsterdã.

O *modus operandi* dela era abrir e esvaziar uma lata de refrigerante Tab e encher de vodca. Isso permitia que ela bebesse em qualquer lugar – na van, nas paradas para descanso, nos supermercados, simplesmente caminhando – sem precisar se explicar. Roxy não conseguia mais se controlar. A fala dela estava arrastada, e as pernas, moles. Ela comprava discussões bobas com John. E ele precisava mantê-la longe da banda, mas em uma turnê isso é quase impossível. Então John partiu para o plano B.

Dava para ouvir com frequência John empurrando e batendo em Roxy no quarto deles. Nós a ouvíamos cambalear, se chocar contra as paredes finas, cair da cama e gritar. Não durava para sempre. Em geral, era um minuto ou dois. Não havia desculpa para isso. Como todo garoto da minha geração, e das gerações anteriores, aprendi a nunca bater em uma menina, e essa rotina deixava todo mundo meio enjoado. *Mas se transformou em uma rotina*. Ele fazia isso, pelo menos em parte, para acalmar Roxy. E funcionava. Todo mundo se perguntava por que ela continuava com John. De algum jeito horrível, funcionava para ela também.

Em Atlanta, as coisas se tornaram tão ruins que John a trancava no camarim antes de os Ramones subirem ao palco. A maioria dos cachorros era mais bem-tratada. Pelo menos ela ficava lá sozinha.

Tivemos outro problema em Atlanta. No dia 13 de novembro, estávamos no Omni abrindo para o Van Halen e o Black Sabbath. Para ser mais exato, estávamos abrindo para o Van Halen, que estava abrindo para o Black Sabbath. Eu gostava das duas bandas, especialmente dos discos mais antigos do Black Sabbath, que formaram a base para todo o futuro do heavy metal, tanto o bom quanto o ruim. Mas estávamos todos preocupados com a maneira como a plateia ia reagir aos Ramones. Os *promoters* tinham divulgado o show como "Punk *versus* Metal". O metal existia fazia mais tempo, então a banda sabia que estava sendo jogada para os leões.

O Black Sabbath tinha seus próprios problemas. A banda toda tinha um vício pesado em drogas e álcool, a ponto de estar só deixando o barco correr. Ozzy Osbourne era um alcoólico feroz e já tinha saído da banda no fim de 1977. Ele voltou para gravar o álbum *Never Say Die*, mas,

quando viram as vendas ruins do disco, algumas pessoas estavam pelo menos *pensando* em morte. O Van Halen abriu para o Sabbath durante o outono de 1978 e, em todas as categorias, estavam colocando a velha guarda no chinelo. David Lee Roth estava dando chutes de caratê pelo palco todo enquanto Ozzy parecia ter acabado de levar um chute no estômago.

Quando os Ramones abriram com "Blitzkrieg Bop", parecia que tínhamos invadido a festa de alguém. O Omni tinha uma lotação de mais ou menos mil e seiscentas pessoas, mas metade estava comprando comida, enquanto a outra metade nos olhava como se fôssemos um bando de garotos que entrou na aula errada. "Blitzkrieg" era o nosso hino, então, se a plateia não tinha nem se mexido, dava para ver que a coisa só ia piorar.

E piorou. Quando tocamos "Sheena", um monte de gente estava gritando "Black Sabbath!". Quando tocamos "Something to Do", os mísseis estavam voando: latas de refrigerante, garrafas de cerveja, cachorros-quentes, cascas de amendoim e tudo o mais que aqueles garotos conseguissem pegar. Joey estava sendo bombardeado por todos os lados. Normalmente, o vocalista é mais atacado porque está na frente, mas Joey era ainda mais visado por causa da maneira como ele ficava parado no mesmo lugar. Eu também era um alvo, ainda que estivesse sentado nos fundos. Os pratos me protegeram de um picolé, mas alguns cubos de gelo molhados me acertaram no ombro. Foi horrível. As cusparadas da Europa eram totalmente preferíveis à falta de hospitalidade do Sul.

A sétima música do show era "I Don't Care", e a banda não se importava mesmo. John foi o primeiro a soltar a alça da guitarra, e o restante da banda fez o mesmo. Ninguém ia ser humilhado. Mostramos o dedo do meio para a plateia coletivamente e saímos do palco. Vi grupos aqui e ali batendo palmas e acenando, como se não quisessem acompanhar a multidão, mas nós e eles fomos esmagados.

Nos bastidores, ninguém reclamou da nossa decisão. Monte e a equipe disseram que devíamos ter parado antes. A equipe do *promoter* sabia da nossa situação. Se algum dos Ramones tivesse se machucado na casa deles, eles teriam sido processados e perderiam.

Tentamos ver o lado positivo. A banda de fato tinha tocado bem e podia ter feito alguns fãs entre os metaleiros, mesmo que alguns deles

tivessem medo de admitir isso em público. Nem todo show podia ter um fim hollywoodiano. Mas o nosso ano podia.

Fizemos o *check-in* no Tropicana Motel do Santa Monica Boulevard no dia 6 de dezembro. O Tropicana era um Hyatt House barato, apelidado de Riot House. Havia muita confusão no Trop também. Só que era mais barato de limpar.

O prédio era uma estrutura de dois andares em forma de ferradura com acesso aos quartos por uma escadaria externa e uma passarela. Era um hotel de beira de estrada clássico construído no fim dos anos 1940, quando os Estados Unidos estavam deixando a Segunda Guerra para trás e pegando a estrada para tomar sol e se divertir na Costa Oeste. Tanto as celebridades quanto os desajustados frequentavam o Trop, com um fluxo constante de cafetões, prostitutas e viciados entrando e saindo. O local tinha fama na época de atender até as solicitações mais absurdas dos hóspedes.

Nos anos 1960, Jim Morrison ficava bêbado no bar do outro lado da rua e cambaleava até o Trop para dormir um pouco. De acordo com as lendas do rock, ele compôs muitas das músicas mais famosas do Doors em vários daquele quartos interligados. Assim como o rock'n'roll em si é contagiante, a reputação do Trop como um hotel do rock também era. Com o passar dos anos, quartos tinham sido destruídos por Johnny Cash, Led Zeppelin, The Clash, The Runaways, Stooges, Beach Boys e por uma longa lista de garotos e garotas de menos prestígio que gostavam de sair deixando o lugar pior do que quando tinham chegado.

O quarto em que fiquei com Marion no primeiro andar era quase um pequeno apartamento – uma espécie de quitinete com glamour. Havia uma área de estar com TV na parte da frente e uma minicozinha nos fundos. No fim do corredor, à direita, ficava um banheiro e, à esquerda, um quarto com duas camas duplas. Como sempre, eu pedia para ficar entre os quartos dos *roadies*. Desse jeito, minha festa não ia incomodar os outros Ramones. Era uma espécie de zona de proteção. E era uma proteção para os demais hóspedes também. Éramos um grupo de aparência estranha e recebíamos alguns olhares estranhos de alguns hóspedes comuns. Mas quando se estava fazendo um filme chamado *Rock'n'Roll High School*, qualquer coisa que não seja um "Rock'n'Roll Hotel" não ia funcionar.

As farras, claro, eram reservadas para o fim do dia. Fazer um filme significa trabalhar e esperar, com uma parte de trabalho para quatro partes de espera. O dia começava por volta de sete da manhã, então Monte ia nos buscar de van para nos levar para o set de filmagem. Quer estejam em uma banda de rock ou não, não são muitas as pessoas que gostam de ouvir gritos e berros de perto em um veículo lotado e em movimento antes das nove. Mas a nova namorada de Joey, Cindy, estava fazendo exatamente isso.

Ela era uma morena que parecia simpática até abrir a boca. Então o resto de nós estava sujeito às reclamações dela sobre a rotina matinal de Joey, que era bem parecida com as rotinas vespertina e noturna de Joey. Só que, em um hotel de estrada, existem muitas portas para tocar e degraus para contar. Eu me sentia mal por Monte, que tinha que ouvir isso tudo duas vezes.

– Joey, por que eu deveria acordar cedo por sua causa? Por que você não procura ajuda profissional?

– Por que você não cala a boca? – John disparou.

Ele já tinha seus próprios problemas com Roxy, que já estava bêbada às quinze para as nove. O Trop era o marco zero para alcoólicos, e Roxy não estava perdendo tempo. Mas pelo menos estava quieta no caminho.

A principal locação para o filme era a Mount Carmel High School em Los Angeles. Duas semanas antes do Natal, as escolas de Los Angeles ainda estão em aula, mas não essa. Ela era toda nossa. Mount Carmel era uma escola católica com uma aparência clássica hispano-americana, mas tinha sido fechada em 1976 por causa de uma mudança na população e por falta de matrículas. Na verdade, ela estava listada para demolição. Roger Corman, Allan Arkush, os Ramones e a companhia estavam ali para que a escola fizesse uma saída em grande estilo.

Para a surpresa de ninguém, os Ramones não queriam muita maquiagem. Só passamos pó suficiente para não ficar brilhando demais sob as luzes *klieg*. Não havia camarins em um colégio católico condenado, mas havia muitas salas de aula vazias. Os Ramones receberam uma na ala oeste do primeiro andar.

Nesse dia específico, íamos filmar uma cena culminante em que os quatro membros da banda empurram os dois monitores que parecem guardas da SS em um carrinho de lavanderia pelo corredor e os jogam de uma janela no segundo andar. Estavamos ansiosos para filmar, uma vez

que nenhum de nós gostava muito dos nazistas ou de monitores de escola. Mas isso era à tarde. De manhã, basicamente íamos esperar. Seria a ocasião perfeita para cantar junto "I Just Want to Have Something to Do", mas até isso precisava esperar. Para a maioria de nós, sentar e esperar em uma sala de aula parecia sombrio como uma detenção.

Assim como nos nossos tempos de escola, tiramos o melhor da situação. Conversamos com outros membros do elenco que não estavam filmando naquele momento. Lemos o roteiro para ter uma ideia melhor da história e onde nos encaixávamos. A Vince Lombardi High School, de acordo com o script, tem uma nova diretora durona, excêntrica e antiquada com aparência de professora das antigas tentando fazer sua carreira e pronta para esmagar qualquer um que entre em seu caminho.

Riff Randell, uma garota bonita que era a fã número um dos Ramones, entra no caminho da diretora Togar desde o começo. O objetivo de Randell é falar com Joey em um show dos Ramones e entregar a ele uma música que compôs para a banda. Os bilhetes falsos justificando as ausências de Randell falam de uma mãe morta, um pai morto e um peixe dourado morto. A diretora Togar suspeita de alguma coisa e declara guerra. A guerra acaba com os Ramones e os alunos dominando a escola e mandando-a pelos ares. A banda sempre gostou de finais felizes.

A diretora Togar era interpretada por Mary Woronov. Pessoalmente, ela não se parecia em nada com a tirana maluca do roteiro. Woronov tinha sido uma das atrizes mais conhecidas de Andy Warhol e feito sua estreia no filme experimental de relativo sucesso *Chelsea Girls*. Mary era muito legal e simpática, mas quando Allan gritava "Ação" ela se transformava em uma tirana maluca.

P. J. Soles já tinha saído da adolescência fazia tempo, mas estava fazendo uma bela carreira interpretando meninas em filmes. Ela tinha feito o thriller de Stephen King *Carrie*, o filme de terror *Halloween* e o filme nerd para TV *O Menino da Bolha de Plástico*, com John Travolta. Ela tinha se machucado no set de *Carrie* durante a cena da formatura. Enquanto todos os garotos mimados que tinham torturado Carrie ardiam no inferno do ginásio, P. J. teve um tímpano perfurado por uma mangueira de incêndio. As boas notícias eram que ela tinha acabado de terminar a filmagem de *Our Winning Season* e se casado com o astro, Dennis Quaid.

Estávamos animados no começo da tarde para finalmente empurrar o carrinho de lavanderia pelo corredor. Montamos a cena, que na verdade era dividida em vários *takes*, e cada um precisava ser feito direito. A câmera e o cameraman estavam em uma plataforma móvel sendo puxada por dois cabos. Repassamos a cena para garantir que os Ramones estivessem enquadrados direito e se movessem todos ao mesmo tempo.

Quando todos os detalhes foram resolvidos, filmamos a sequência umas duas vezes. Allan fez questão de que parecesse que estávamos fazendo aquilo pela primeira vez, e não pela quinta ou sexta, o que é fundamental não só na atuação, mas também na música. Mesmo que fosse uma comédia adolescente com orçamento de uns trezentos mil dólares, era importante parecer que estávamos furiosos de verdade e mandando os monitores para o inferno em vez de simplesmente passando o tempo. A lembrança de ter sido revistado nu na Erasmus funcionou para mim.

Antes de fazermos um monte de closes, tivemos um intervalo curto, então fizemos o que qualquer aluno de escola que passou da idade faria – fomos para o pátio. Era como qualquer pátio, concreto, com uma cerca de correntes. A diferença era que estava cercado de fãs dos Ramones. Los Angeles era uma cidade com o paradeiro de celebridades correndo nas veias. O boca a boca era como o sangue. Se eles se importassem de verdade, sabiam onde você estava e quando estava. A única coisa desconhecida era quando o diretor ia gritar "Cinco minutos de intervalo", mas esses garotos pareciam ter o dia todo. E outras coisas também.

Chegamos perto da cerca prontos para dar autógrafos, mas outra coisa ia acontecer em meio aos discos e às canetas em movimento. Alguns dos fãs, típicos garotos e garotas punks da Califórnia, ratos de shopping center, estavam jogando pílulas e pacotes pela cerca. Como tinham se dado ao trabalho de ir até lá, deviam ser fãs o suficiente dos Ramones para saber que só um membro da banda tinha interesse em drogas gratuitas. É claro que Dee Dee estava no chão recolhendo pacotes pequenos, cápsulas, tablets e qualquer coisa que tocasse o concreto e parecesse alterar os humores. Era como ver um jogador amador no chão de um cassino depois de aparecerem três imagens iguais no caça-níqueis.

– Dee Dee! Dee Dee! *Acapulco Gold*! Aqui!

– Dee Dee! Valium. Cinco mg, *baby*! Venha aqui!

Nosso baixista enfiou um pouco disso no bolso do jeans e um pouco daquilo no bolso do casaco. E um pouco de outras coisas na boca. Não sei ao certo quais comprimidos ele tomou nem quantos. *Eins-zwei-drei-vier* – estava além da contagem em qualquer língua. E além da compreensão. Vera viu. Eu vi. Foi como aquela briga que vi na Union Square Park – você acaba deixando acontecer.

– Meninas, vocês têm mais da vermelha? – Dee Dee sorriu ao levantar e ir até a cerca na direção de uma garota de uns dezesseis anos que tinha um estilo meio Farrah Fawcett. – Ah, mais da vermelha. Fui convidado para uma festa hoje à noite e odeio chegar de mãos vazias.

Eu bebia depois da filmagem para relaxar. Meus dois principais companheiros de copo eram Dee Dee e Phil Spector. Mas eu conseguia beber com um por vez. Phil não gostava de Dee Dee. Ele era muito espaçoso e deixava Phil nervoso. Phil já era suficientemente nervoso. E gostava de conversar comigo e com Joey sobre música e tudo o que se relacionasse a isso.

Eu mesmo tinha acabado de conhecê-lo, mas nos demos bem. Tínhamos uma espécie de respeito mútuo urbano Bronx-Brooklyn. Nós dois odiávamos mentiras – contar e ouvir. E eu amava bandas femininas, as coisas dos Beatles e praticamente tudo o que tinha a mão de Phil Spector. Phil estava remixando duas músicas para a trilha sonora do filme *Rock'n' Roll High School*. Os Ramones estavam recebendo o piso pelo filme, mas havia grandes vantagens – quartos gratuitos, tudo o que conseguíssemos comer e beber e royalties pela trilha sonora. Para mim, o maior benefício de todos era trabalhar e conviver com uma lenda.

A caminho do meu quarto, passei pela piscina do Trop. Dee Dee estava lá conversando com o vocalista do Dead Boys, Stiv Bators, e vários luminares locais do punk. O inverno era curto no sul da Califórnia, e estávamos nele. Estava nublado e marcando uns dezoito graus, ou o que os nova-iorquinos chamam de primavera e outono. Mas não havia como alguém da nossa equipe pular na piscina do Trop em qualquer estação.

A água estava sempre suja. Mal serviria de água para um *bong*. Se você fosse corajoso ou louco o bastante para entrar, podia encontrar uma seringa. A piscina tinha a forma de um rim e era uma das principais causas de falência renal. A grama artificial do deque que ficava em volta dela não era verde como a grama artificial típica. Era preta. Ninguém

sabia que tipo de mofo, sangue ou substância fecal podia estar escondido em qualquer pedaço, e ninguém queria saber.

Dee Dee e seu séquito punk estavam indo para o quarto de Stiv, e eu disse que ia para lá depois. Ou não. Phil Spector ia aparecer no meu quarto em meia hora. Eu realmente não sabia como Dee Dee estava se virando depois de engolir todas aquelas pílulas em Los Angeles County, mas era provável que ele tivesse adquirido a mesma tolerância às drogas que tínhamos adquirido a ele.

A batida na minha porta veio às nove em ponto. Era Spector, usando as roupas extravagantes de sempre. Ele estava com uma camisa cheia de babados, uma capa e botas em estilo Beatle. Vi seu Cadillac Seville 1979 novo em folha no estacionamento e eu sabia que seu guarda-costas, George Brand, estava esperando no banco do motorista. Geroge tinha licença para portar armas. Assim como Phil Spector. Ele estava armado naquele momento. Dava para ver o volume sob o casaco.

Phil também trazia uma garrafa de vinho de uva kosher Manischewitz. Isso não precisava de licença, mas devia. Eu associava Manischewitz a todos os meus amigos judeus celebrando o Pessach. Era doce demais para mim – um sabor que se aprende a apreciar e que eu nunca tinha me dado ao trabalho de aprender. Parecia pior do que vagar quarenta anos pelo deserto. Mas Phil amava, e quem era eu ou qualquer um para questionar o gosto de Phil Spector?

Servi uma taça de vinho para ele e uma dose de vodca para mim. Conversamos por um minuto ou dois sobre a trilha sonora e em seguida ele começou um longo discurso.

– O que fizeram com ele foi um crime! Um crime capital! E esse era o nosso governo. O *meu* governo. O *seu* governo. O *nosso* governo.

Ele estava bravo por causa de seu grande amigo Lenny Bruce. Bruce tinha morrido em decorrência de uma overdose de morfina em 1966. Estávamos a poucos dias de 1979, mas Phil Spector soava como se tivesse acabado de comprar a foto da polícia do comediante Lenny Bruce naquela manhã, caído e morto com uma seringa no chão do banheiro, para mantê-la longe dos jornais. Phil era capaz de ser o melhor amigo que você já teve, mesmo depois da sua morte.

– Você está certo – eu disse. – Quando você questiona o Vietnã ou qualquer agenda política que o *establishment* estivesse forçando, se transforma no inimigo público número um.

– Não só isso – disse Phil –, mas ele não recuou. Ele acreditava no que estava fazendo. A polícia aparecia em todas as apresentações que ele fazia esperando para prendê-lo por dizer a coisa errada. E ele encontrava uma maneira de dizer, na maioria das vezes, sem dizer de fato! Sabe do que estou falando?

Eu assentia.

– Ele era genial nisso. Um gênio! Mas no final isso o matou. *Eles* o mataram.

Phil Spector provavelmente era o melhor produtor que já existiu. Com um disco de sucesso depois do outro, ele criou uma parede de som que saltava dos alto-falantes. Só por isso eu acreditava em tudo o que ele estava dizendo, pelo menos naquele momento. De alguma forma, eu acreditava até que tudo o que Phil Spector precisava fazer era falar sobre a polícia, e você ouvia a polícia. Mas conforme as sirenes se aproximaram, eu me dei conta de que eram reais.

Abrimos a porta do meu quarto e olhamos para a esquerda, pelo deque de concreto do primeiro andar. Duas viaturas da polícia de Los Angeles estavam paradas em nenhuma vaga específica lá embaixo. Um policial estava esperando no carro, e outro estava no deque bem na frente do quarto de Stiv. Alguns punks tinham se espalhado pelo deque, e havia muita gente gritando e fazendo barulho. Um instante depois, dois policiais saíram com Dee Dee. As mãos dele estavam algemadas nas costas, e ele estava sendo levado pelos dois braços pelo corrimão. Vera estava atrás deles gritando:

– Pronto? Você conseguiu o que queria!

Phil viu isso, virou para mim e disse:

– Posso perguntar uma coisa? Qual é o problema desse cara?

Mais tarde naquela noite, quando voltei de um clube com Phil Spector, Marion me disse que, depois de levarem Dee Dee, ele começou a ficar azul e apagou. A viatura não foi para a delegacia, e sim para o Cedars-Sinai Medical Center, onde esvaziaram o estômago dele. A polícia ligou para Monte, e Monte ligou para Vera, que foi para o hospital. Esperava-se uma recuperação completa. Todo mundo dizia que Dee Dee era como um gato com sete vidas. Mas, na verdade, ele estava em seu terceiro ou quarto gato.

No dia seguinte, Allan e a equipe deram prosseguimento às filmagens, com o baixista faltando. Dee Dee tinha ficado sob observação

– o que, se era para ser feito direito, ia levar um ano ou dois. Mas na manhã seguinte Dee Dee estava na van desperto e aparentemente bem, até a próxima leva de *groupies* cheias de pílulas aparecer no pátio da escola. O único vestígio de seu mais recente flerte com a morte era a pulseira de plástico ainda no pulso.

O problema naquela manhã não era Dee Dee. Era a namorada de Joey, Cindy. Estávamos nos aprontando para embarcar na van, e ela estava provocando Joey.

– Não vamos passar o dia naquela sala de aula. De jeito nenhum. Não vou fazer isso. Não vou ficar trancafiada o dia todo como uma prisioneira. Você precisa falar alguma coisa.

– Qual é, pare com isso – Joey respondeu. – Eu não controlo o set.

– Você não controla nada! – disse Cindy, ficando histérica. – Por que você não tenta controlar sua própria vida? Você pode gostar!

Com isso, John deu um tapa no rosto de Cindy. Foi um tapa de mão direita, aberta, no lado esquerdo, que acertou em cheio. O barulho do tapa foi quase bom o bastante para um filme de Hollywood. O editor de som talvez nem precisasse dublar o efeito.

– Que merda…

– Você não vai entrar na van! – John anunciou. – Você está fora! Está me ouvindo?

Cindy recuou e desceu imediatamente. Ela ficou sem ação, pois não esperava por aquilo. Tinha encontrado o alter ego de Joey. Onde, atrás dos óculos escuros, havia delicadeza e compaixão nos olhos de Joey, havia gelo azul nos de John. Cindy tinha feito tudo o que podia para provocar Joey, mas a reação tinha vindo de outro lugar e de outra pessoa. Cindy virou e se afastou chocada. O resto de nós subiu na van. Monte fechou a porta e fomos embora.

A viagem até a Mount Carmel High School foi silenciosa. O silêncio de Joey dizia muita coisa. Se a relação dele com Cindy não tivesse terminado quando ele se levantou ao nascer do sol, com certeza tinha terminado ali. Joey podia não saber como lidar com a situação sozinho, mas o problema era que ele nunca teria a oportunidade de descobrir. John tirou isso dele. Joey ficou matutando e olhando feio para John do banco do fundo, enquanto John olhava para a frente e dizia a Monte que saída pegar na 110.

Nada podia impedir John de conduzir a van, nem de direcionar a banda. Era a embarcação dele, e John não tinha nenhum problema em se livrar do excesso de bagagem. O problema era que ele tinha seu próprio excesso de bagagem também. Para Roxy, a Califórnia era um grande *open bar*. Vendiam bebida em lojas de conveniência e bodegas. Ela estava bêbada no Trop e bêbada no set de filmagem, e isso estava irritando John. Quando estávamos gravando uma cena, era a chance que Roxy tinha de fugir e pedir para Marion e Vera saírem com ela da escola e irem até uma loja de conveniência virando a esquina. Às vezes, ela mal conseguia voltar.

Marion me contou na Europa sobre as explorações de Roxy nos quartos de hotel. Quando chegamos a Paris, foi a primeira vez de Marion lá, e ela queria ver tudo, do Louvre ao Arco do Triunfo. E queria que Roxy fosse junto, mas o único objetivo de Roxy era ficar no quarto e limpar o minibar. Como se não fosse suficientemente ruim, ela não queria pagar. E tinha transformado seu *modus operandi* de saquear o minibar em uma arte.

Roxy pegava uma garrafa pequena de uísque, vinho ou rum e tirava a tampa de alumínio com um cuidado cirúrgico. Em seguida, ela abria a tampa como um fabricante de relógios. A parte fácil era beber o que estava lá dentro. Ela fazia isso como uma profissional. Depois, enchia a garrafa com água da torneira e recolocava a tampa e o alumínio como um agente funerário de bebidas alcoólicas. Tudo isso vindo de uma herdeira que podia ter pagado uma rodada para o bar todo sem piscar. Os hábitos de Roxy no Tropicana não eram muito diferentes. E mesmo que tudo fosse por conta da casa, a empolgação de encher a cara competia com a ideia de conseguir algo de graça.

Não tínhamos tempo para beber, brigas de namorados ou tomar pílulas aleatoriamente naquele dia. Para nós, aquele devia ser o dia mais cheio da filmagem.

No roteiro, Riff Randell e os Ramones tinham acabado de assumir o controle da escola, e o caos toma conta. Mas o caos parece muito diferente quando você está filmando uma cena curta por vez.

Na mais ambiciosa, os estudantes e os Ramones desfilam alegremente pelo corredor enquanto cantam “Do You Wanna Dance?”. A dublagem precisava ser exata, e a imagem precisava ser relaxada como uma festa. Meu papel tinha talvez o maior desafio. Eu estava tocando

bateria em um suporte de bateria com rodas empurrado por jogadores do time de futebol americano. Allan Arkush estava dando os sinais, e estávamos nos preparando para o primeiro *take*.

Esse foi o momento que Roxy escolheu para perder o equilíbrio e cambalear um pouco. Foi bem na frente do elenco. Conforme o dia avançava, ela ficava cada vez mais descuidada e, enquanto a banda ainda não estava nem no intervalo, Roxy claramente já estava no quarto trimestre.

John lançou um de seus olhares de *laser vintage* para Roxy. Aquilo não era mais uma comédia adolescente. Jonh parecia ter saído direto de *A Cidade dos Amaldiçoados*. O olhar dele podia matar, mas ele precisava guardar isso para os filmes.

Então ele agarrou Roxy e a arrastou até a sala de aula vazia mais próxima. Roxy estava usando um par de sapatos de salto abertos atrás chamados *mules* que fizeram barulho até a porta da sala, que John bateu com força.

A atividade no set parou. Naquele momento, a realidade falou mais alto que a tela, e John estava dando a Roxy uma bela dose de realidade atrás daquela porta. O barulho dos saltos de Roxy continuou, mas pareciam os passos de alguém se esforçando para ficar de pé. Havia grunhidos, tapas e o barulho de mesas e cadeiras sendo arrastadas pelo piso de linóleo, às vezes sendo derrubadas.

Não deu para ouvir muitos gritos e berros nem de John nem de Roxy, o que tornou o quase silêncio das pessoas ali naquele corredor ainda mais ensurdecedor. John, Roxy e os Ramones sabiam como as coisas funcionavam, mas para o resto da equipe e do elenco foi como um filme de terror do cinema mudo. Havia regras não escritas no mundo, e aquela cena estava quebrando pelo menos algumas delas. Mas, quando todo mundo ali tinha descoberto quais eram elas, John apareceu na porta parecendo pronto para filmar.

Depois de um dia como aquele, eu precisava de mais do que uns dois drinques, e nada acalmava mais a fera selvagem do que comer no Duke's. O Duke's era um café construído do lado direito do Trop, embaixo do primeiro andar, no nível da rua. E tinha o melhor bacon, as melhores linguiças, panquecas e suco de laranja recém-espremido da Califórnia. As porções eram enormes, mas nunca eram o suficiente. O paraíso era tomar o café da manhã perfeito à noite. O humor de todo mundo de repente se

transformou num raio de sol. As mesas eram para famílias. Havia conflitos na nossa família, mas eles pareciam derreter como grandes pedaços de manteiga na torrada.

Mais tarde, naquela noite, fui até a loja de bebida no fim do quarteirão com Phil para comprar mais Manischewitz. Peguei uma garrafa de vinho tinto Bolla. Tomamos nossas respectivas garrafas no meu quarto e saímos depois. Phil podia ter ido sentado na frente com George, mas ele preferia sentar no banco de trás e ter um *chauffeur*. Ele me pediu para ir na frente com George. O plano era ir para alguns clubes – Whisky, Rainbow, Troubadour etc. Paramos primeiro no Troubadour.

Eu já tinha entrado em muitas casas com um monte de gente conhecida, mas aquilo era uma experiência nova. Com talvez um metro e sessenta e cinco de salto, Phil Spector e sua aura pareciam ter um e oitenta. Eu não sabia ao certo por que estávamos indo para essas casas até ver a coroação. Não serviam Manischewitz no Troubadour, mas o mar Vermelho ainda se abriu quando entramos. Na multidão que fazia fila no corredor, dois tipos de rosto se acenderam imediatamente – daqueles que faziam parte da indústria fonográfica e dos que queriam fazer. Em Los Angeles, isso significava todo mundo. Eles também me notaram. Eu era um Ramone. Eu era uma Lua orbitando ao redor de Júpiter.

Sentamos na parte de trás. Não havia muitas coisas que eu preferia estar fazendo do que conversar com Phil Spector sobre câmeras de eco, como desenvolver um som gravado sem enchê-lo demais, e como era trabalhar com os Beatles. Na verdade, *havia* uma coisa – gravar com Phil Spector. Em uma vida com mais sucesso do que eu poderia imaginar batucando minha caixa barata, parecia cada vez mais que eu ia realizar meu desejo. Phil estava conversando com seu velho amigo Seymour Stein sobre produzir o próximo álbum dos Ramones, *End of the Century*.

Quando George parou na entrada do clube com o Cadillac Seville, Phil, por algum motivo, estava falando do movimento dos direitos humanos.

– Todos os verdadeiros sacrifícios foram feitos no fim dos anos 1950 e 1960 – ele comentou, movendo um dedo. – Esta é uma época preguiçosa. Outras pessoas tinham aberto o caminho. Eu estava lá.

Enquanto falava, Phil ficava virando muito rápido, como se alguém estivesse batendo em seu ombro. Mas não havia ninguém ali. Era tão convincente que ele me fez virar para trás umas duas vezes.

– Phil – falei. – Qual é o problema? O que você está fazendo?

– Ah, sabe – ele respondeu. – A primeira vez que você não olha é quando começam a seguir você de verdade.

Ia ser interessante colocar Phil e Joey na mesma sala.

Tínhamos cenas externas para gravar no dia seguinte, o que incluía a maior parte das falas que os membros dos Ramones iam ter no filme. Que não eram muitas. Estávamos lá para fazer um show, tomar a escola e oferecer alívio cômico, mas definitivamente não éramos alunos de Stella Adler. Para um sujeito que não conseguia calar a boca, não teve nenhuma fala que Dee Dee não errou. Joey era tímido fora das câmeras. Sob as lentes, ele interpretava uma versão mais tímida de si mesmo. John sabia repetir as falas direito, mas ficava duro. Ele ficava muito mais à vontade tocando guitarra ou falando sobre beisebol.

Do lado de fora da entrada da escola, estavam fazendo uma fogueira com os discos dos Ramones. Estavam todos ali – *Ramones, Leave Home, Rocket to Russia* e *Road to Ruin*. Havia exemplares suficientes de cada um para abastecer todas as lojas da Tower Records em LA. Para as autoridades atearem fogo ao seu livro ou seu disco, em geral você precisava ser muito bom. Também apareceram alguns álbuns lendários na pilha para dar o tom. Vi o rosto pensativo de Bob Dylan em *Highway 61 Revisited* e a calça jeans justa dos Rolling Stones na capa de *Sticky Fingers*. Pelo menos em um sentido estávamos colocando fogo nas paradas.

Os quatro Ramones chegaram à escola em um Cadillac rosa com a capota baixa e nosso grito de guerra na placa – *Gabba Gabba Hey*. A placa orgulhosamente indicava Nova York. Tínhamos um longo caminho para percorrer. Tínhamos mais uns dois dias no set, e depois três shows para filmar em um dia no Roxy para o filme. Naquele ponto, qualquer um que não fizesse parte da banda podia achar que íamos voltar de avião para Nova York, mas não era o caso. Tínhamos uma turnê para fazer pela Califórnia por uma ou duas semanas, passando o Ano-Novo em San Jose, para depois seguir para o leste na formação correta da van, passando por todas as casas possíveis entre os dois oceanos. Era uma receita para a exaustão, mas o dinheiro estava começando a ficar muito bom.

Joey não ia receber um convite para frequentar o Actors Studio, mas quando andamos em direção à fogueira com a câmera rodando ele cumpriu seu papel, impecavelmente, com uma daquelas falas raras que entra tanto para a história da comédia quanto do rock'n'roll:

– As coisas realmente mudaram desde que fomos expulsos da escola.[1]

O papel de John na história do cinema foi garantido momentos depois quando a diretora Togar nos confundiu com alunos.

– Não somos estudantes. Somos os Ramones.[2]

A fala saiu sem emoção, e achei que teria sido ainda melhor sem o artigo, mas com os Ramones você aceitava o que recebia.

O que recebi foi uma chance de colar um pedaço de folha de fichário nas costas de Togar que dizia "Me chute". Mas, quando entramos na escola, Mary Woronov superou todos nós quando a diretora Togar gritou:

– Os pais de vocês sabem que vocês são os Ramones?

Parte do trabalho do diretor era garantir que os atores entendessem a motivação por trás de cada cena. Isso era ainda mais importante quando as cenas eram gravadas fora de ordem, o que é basicamente sempre. Especialmente quando você está fazendo um filme independente de baixo orçamento, os produtores precisam organizar as cenas por locação para manter os custos baixos. Então lá estávamos nós na secretaria de uma escola, mas supostamente nos bastidores depois de um grande show no teatro local que ainda não tínhamos feito na verdade. O grande momento de Dee Dee tinha chegado.

– Ei, pizza!

Essa era a fala dele ao entrar na sala com meia dúzia de embalagens de pizza ensopadas. Pelo menos ele acertou. Já estavam gravando o nome de Dee Dee em um Oscar de melhor ator coadjuvante. Em seguida, concluindo uma grande subtrama, Riff Randell entra e entrega a Joey a partitura de "Rock'n'Roll High School", uma canção que, na verdade, foi escrita por Joey e Dee Dee. No mundo real, ela podia ter dado aulas de interpretação para Joey em troca de aulas de composição, mas aquilo era Hollywood.

A pizza devia ter recebido cachê, porque ela salvou a cena. Havia uma cena em close de Dee Dee olhando para uma fatia gordurosa e melada e se perguntando se devia colocar aquilo na boca ou não. Isso depois de engolir dúzias de comprimidos que estavam no chão do parquinho. John jogou uma fatia do outro lado da sala. Joey começou a comer a sua fatia, mas nosso empresário inescrupuloso, interpretado por Herbie Braha, tinha outros planos.

– Quantas vezes preciso repetir, nada de pizza para você, Joey! Mais germe de trigo e vitamina B2! Alfafa orgânica!

Herbie começou a enfiar brotos de alfafa na boca de Joey. Joey, o ator, fez Joey, o personagem, cooperar e mastigar. Para Joey, a pessoa de verdade, era um tratamento de choque e teria de ser resolvido nas semanas seguintes com milhares de batidas de pé na calçada e toques na maçaneta. Pelo menos os brotos eram frescos, e não aqueles que são deixados na mesa da cozinha por semanas.

O único Ramone que comeu a pizza sem problemas fui eu. Então, pelo menos por um momento, a arte imitou a vida. A única coisa que faltava era Joey dizer a Riff e a seu professor de música que ia dar uma olhada na música. Era mais fácil falar do que fazer. O professor, o sr. McGree, era interpretado por Paul Bartel, que era do Brooklyn e tinha começado a atuar muitos anos antes e se mudado para o oeste. Então, parecendo um cavalo com um resto de aveia na boca, Joey falou:

– Se a gente gostar, vamos fazer uma visita para você e para o sr. McGloop.

Allan mandou cortar.

– Quem é o sr. McGloop, porra?

– Não sei – Joey respondeu. – Acho que eu estava pensando no Mister Magoo.

– Que ótimo, Joey. Agora tente pensar no sr. McGree.

Tentamos mais duas vezes e conseguimos mais dois sr. McGloops. Então Allan decidiu deixar. Que diabos. Um dia, nós pensamos, "Mc-Gloop" vai ser a resposta de um teste de conhecimento sobre o punk rock. Enquanto isso, ninguém ia ficar esperando os cartões do Screen Actors Guild chegarem pelo correio. Era bom que a banda não tivesse muitas falas, ou o filme teria sido concluído no fim do século.

De volta ao Trop, Dee Dee estava com duas meninas de LA na piscina. Havia muita gente no hotel e no mundo que teria identificado as duas como *groupies*. Tentei nunca fazer isso. Para mim eram fãs. Eram pessoas que traziam nossos álbuns, iam aos nossos shows e permitiam que a banda pudesse viver fazendo o que amava fazer, em vez de passar o tempo diante de uma mesa de escritório ou em uma doca. Eu me apresentei como Marky e apertei a mão das duas.

Mas essas fãs estavam entregando pílulas cor de laranja para Dee Dee, que identifiquei como *speed*. Eu conhecia Dee Dee fazia anos e não sabia

que ele gostava da coisa. Até aí, ele não era o usuário de drogas mais implicante. Fui para o meu quarto. Eu não sabia onde Marion estava – talvez ela tivesse saído com Vera para comer alguma coisa em Los Tacos, no fim da estrada. Phil Spector não ia aparecer naquela noite, então achei que seria bom ir ver como Dee Dee estava mais tarde.

Quando fiz isso, tive outra surpresa. Uma das garotas estava na sala de estar fumando um baseado. Ela me contou que Dee Dee estava no banheiro. Dadas as atividades recentes, achei que não seria má ideia conferir de vez em quando se nosso baixista estava vivo. A porta do banheiro estava aberta, e coloquei a cabeça para dentro.

– Tudo bem, Dougie?

– Tudo ótimo. Entre.

Dee Dee e a outra garota estavam na banheira. Ela estava nua. Dee Dee também estava, com exceção da roupa de baixo. Que não era dele. Ele estava usando o que imaginei ser a calcinha da garota – uma peça de cetim rosa e babados da Frederick's of Hollywood com um coração vermelho.

– Você sabe se Marion está com a Vera? – perguntei.

– Não sei – Dee Dee respondeu.

– Dee Dee, que merda você está fazendo exatamente?

– Essa jovem precisa de um banho – ele disse. – Só um banho. Olhe, ainda estou vestido!

A loucura, como tudo, tinha diferentes níveis. Algumas pessoas achavam que forçar os limites com sua esposa amorosa e dedicada era loucura. Outras achavam que tomar anfetaminas ou usar a lingerie sexy de uma menina em uma banheira de motel era loucura. Mas fazer tudo isso ao mesmo tempo quando sua esposa podia entrar pela porta a qualquer instante era Dee Dee.

A cena do Rockatorium fictício era uma das últimas externas. Riff estava acampada esperando para comprar ingressos diante do que na verdade era um cinema abandonado no centro de Los Angeles. No mundo real, as pessoas estavam indo para o trabalho em uma típica manhã num dia de semana. Os trabalhadores estavam buzinando nos faróis e pequenos cafés e *diners* estavam preparando o café da manhã. Você literalmente podia sentir o cheiro do presunto e dos ovos. No nosso mundo de faz de conta, cercado por fios e cordões de isolamento, os

Ramones estavam sendo levados de carro para o local do dia do grande show. Nosso motorista era Rodney Bingenheimer.

Rodney Bingenheimer era um DJ conhecido tanto em Los Angeles quanto em outros lugares. Ele não tinha feito o caminho normal: mexer com rádios, se formar em comunicação e pegar o turno da madrugada em uma estação de jazz de 100-watt. Nos anos 1960, ele era um camaleão com cabelo de tigela. E parecia tanto com Sonny Bono que quase causou engano a Cher, que se tornou uma grande amiga. Bingenheimer também se tornou o substituto de Davy Jones no programa de TV *The Monkees*. No fim das contas, Bingenheimer parecia e soava tanto como um locutor de rádio que se tornou um. Na KROQ, ele foi um dos primeiros do país a tocar Ramones, Blondie e Sex Pistols. Ele nos adorava e nos deu as ondas de rádio. O papel de motorista era como um pequeno agradecimento da nossa parte. Na verdade, nós devíamos ser os motoristas *dele*.

Depois de desembarcar no meio-fio, os quatro Ramones caminharam dublando "I Just Want to Have Something to Do" para a câmera. Eu não tive o luxo de desfilar com uma guitarra ou um baixo como John ou Dee Dee. A bateria ficou no Cadillac conversível. A única coisa que eu tinha era um par de baquetas milagrosamente criando esse rock monstruoso. Eu me senti ridículo.

– Corta!

Allan queria que eu parecesse um pouco mais animado. Eu precisava entrar no jogo, dançar, interpretar a música. Usar as baquetas acompanhando a batida. Perguntei como duas baquetas sem uma bateria podiam soar daquele jeito. Alguma coisa sobre "incredulidade suspensa". Quando fizemos o próximo *take*, bati as baquetas, balancei a cabeça e inventei. Apontei para os fãs gritando. Foi engraçado. Mais engraçado até que o sr. McGloop. E acabou. O único problema era que um dia eu teria de ver aquilo de novo em uma tela grande.

Em 14 de dezembro, fizemos o primeiro de três shows consecutivos no Roxy na Sunset Boulevard, em West Hollywood. O filme ia contar com cinco músicas ao vivo com o público aos gritos. Para manter a gritaria viva, íamos tocar para três plateias separadas e usar o melhor material. Os membros do elenco iam ficar na frente dos três shows para manter a continuidade. Eles incluíam Clint Howard e Vince Van Patten. Clint era o irmão mais novo de Ron Howard, o Richie do programa de TV *Happy*

Days. Vince era filho de Dick Van Patten, do programa *Eight Is Enough*. Em Hollywood, uma boa linhagem não fazia mal a ninguém.

A linhagem do Roxy era tudo o que alguém podia esperar. Originalmente uma casa de *striptease*, ele se tornou uma casa de rock no começo dos anos 1970. Mais do que uma casa de show para grandes artistas, a acústica do Roxy era ideal para gravações ao vivo. Artistas como Bruce Springsteen e a E Street Band, George Benson, Frank Zappa and the Mothers e Bob Marley e os Wailers tinham gravado partes ou álbuns inteiros ao vivo ali. Até o nome tinha linhagem. Durante o longo "fim de semana perdido" de John Lennon em 1974-75, Lennon, Harry Nilsson, Keith Moon e Alice Cooper farreavam com regularidade no bar acima da casa. Os Ramones tinham trazido sua própria Roxy, a namorada de Johnny, para dar continuidade à tradição, e ela bebia o suficiente para deixar Lennon e os amigos no chinelo.

Os Ramones eram uma banda jovem, mas já tinham arrebanhado incontáveis discípulos. Alguns estavam no Roxy naquela noite. O Black Flag tinha um som cru de guitarra claramente influenciado pelos Ramones, mas com uma abordagem muito mais gutural nos vocais. A banda tinha acabado de lançar um EP de quatro faixas que totalizavam cinco minutos e vinte e três segundos. Esqueça os solos, mal havia tempo para um refrão.

The Germs trazia o muito talentoso destruidor de acordes Pat Smear na guitarra e o vocalista maníaco e autodestrutivo Darby Crash, que costumava fazer jus ao sobrenome. A banda X provavelmente era a mais talentosa do grupo. Músicas como "White Girl" tinham uma temática não convencional e uma melodia criativa, junto com harmonias vocais incríveis. Quando o tecladista do Doors Ray Manzarek aceitou produzir o X, dava para ter uma ideia do que ele tinha ouvido – um legado distante dos contos estranhos de Los Angeles que sua própria banda costumava inventar.

Mas a verdade era que essas bandas punks de LA mal conseguiam encontrar um lugar para tocar em uma Califórnia imersa em *soft rock, mainstream*, rock comercial e rock vendido. Por mais que os Ramones fossem estourar de um jeito ainda maior do já tínhamos feito, estávamos, simplesmente por estar naquele palco famoso com câmeras viradas para nós, aproveitando o sucesso com que os discípulos de Los Angeles só podiam sonhar. O caminho a percorrer era infernal. Eu só podia torcer

para que estar sob os holofotes no momento pudesse encorajar essas bandas a continuar correndo atrás de seu projeto artístico não importava quantas vezes cuspissem neles – ou pior, não cuspissem.

Tocamos "Blitzkrieg", "Teenage Lobotomy", "California Sun" e "Pinhead" antes de fechar com "She's the One". Era bom não estar dublando. Tocar para valer e ver a energia da plateia inundar o palco. Eu ainda estava sentindo o calor da pirotécnica da última cena da escola que tínhamos filmado no dia anterior, quando Riff e os amigos usaram o desentupidor e explodiram o prédio. Estourou as janelas e criou colunas enormes de fumaça.

Mas quando Riff gritou: "Mande ver, Marky!", eu tive que sentar ali de jaqueta de couro, acompanhar a faixa-título e não olhar para trás como Ló e a esposa no Velho Testamento. Não era uma questão de se transformar em um monte de sal. As apostas eram mais altas – só podíamos explodir a escola uma vez. Então tentei ignorar o calor na minha nuca, fiz careta, toquei mesmo estando um pouco ansioso e fiz meu melhor pelo filme.

Em pouco tempo, íamos voltar para gravar um álbum com Phil Spector. No rock'n'roll, dificilmente poderia haver um legado melhor. Eu esperava que a pirotecnia tivesse ficado para trás.

Estávamos no Los Angeles International Airport esperando a bagagem aparecer na esteira. Eu sabia mais ou menos como eram as coisas de todo mundo, e a bagagem dos Ramones não estava no primeiro carrinho. Uma situação como essa exigia paciência, e Dee Dee não tinha nenhuma. Ele se aproximou da esteira e viu que uma mala vermelha específica da American Tourister já tinha dado uma volta, e ninguém a pegara.

A mala parecia ter levado uma surra: a alça tinha arrebentado e o zíper estava quebrado. As roupas estavam aparecendo. Quando a mala deu a segunda volta, Dee Dee se posicionou para interceptá-la. Ele a puxou da esteira usando a alça quebrada e começou a revirar o conteúdo. Uma blusa branca de seda chamou sua atenção. Assim como um suéter cinza de *cashmere*. Dee Dee tinha ótimo gosto para roupas femininas roubadas em aeroporto. Ele colocou as peças embaixo da jaqueta e continuou a caça ao tesouro.

Sorri e olhei para Marion sem acreditar naquilo. Ela sorriu de volta e revirou os olhos. Havia cento e cinquenta testemunhas e regras básicas de civilidade, e nada daquilo parecia significar nada para o nosso baixista. Mas a senhora branca de meia-idade gritando diante de Dee Dee chamou sua atenção.

– Com licença! O que você está fazendo com as minhas roupas?

– Oh, são suas? Sinto muito.

Ele não parecia sentir muito para além do fato de ter sido pego. Dee Dee tirou a blusa e o suéter de baixo da jaqueta e os devolveu encabulado para a mulher.

– Qual é o seu problema?

Ainda estávamos tentando entender aquilo tudo e não esperávamos uma revelação ali na retirada de bagagem do LAX. A senhora enrolou as peças de roupa e tentou fechar sua versão do Humpty Dumpty de novo enquanto Dee Dee olhou de novo para a esteira em busca da próxima vítima. Torci para nossa bagagem chegar logo.

Havia torres dos dois lados da mansão de Phil Spector em Beverly Hills. Enquanto estávamos parados do lado de fora dos portões de ferro forjado esperando para entrar, eu me perguntei se o próprio Phil Spector estava em uma daquelas torres olhando para mim, para Dee Dee, Joey, John e para Monte. Foi mais ou menos a mesma sensação assustadora de quando Dee Dee e eu estávamos caminhando pelo Muro de Berlim iluminados por lanternas, só que os alemães orientais não estavam se preparando para entregar um disco de platina para os Ramones.

Era menos uma casa e mais um complexo. Havia muitos avisos. Não entre. Não encoste no portão. Cuidado com os cães de guarda. As placas pareciam bem amadoras, o que as tornava mais imponentes.

George Brand abriu o portão e nos conduziu pela fonte e por grandes portas de madeira. A mobília era basicamente de veludo vermelho de meados dos anos 1970, o que não fazia há muito tempo, estava ficando para trás. George nos levou para a sala, onde Phil Spector estava sentado atrás de um piano de cauda.

– Ramones! Prontos para fazer o melhor álbum da vida de vocês?

– Claro, claro, prontos.

Sentado em um sofá de dois lugares estava o "Vovô" Al Lewis. Lewis seria para sempre associado ao papel que o tornou famoso na série de TV dos anos 1960 *The Munsters*. Mas eu o adorava desde antes disso, como Officer Schnauser em *Car 54, Where Are You?* Foi surreal vê-lo na sala de Phil Spector – ou, até aí, na sala de qualquer pessoa. E a surpresa seguinte aconteceu quando o Vovô se levantou. Ele tinha muito mais de um metro e oitenta. De botas e chapéu de cowboy, ele parecia perto de dois metros e quinze.

Phil nos levou até sua sala de bilhar. No caminho olhei para uma cozinha gigantesca e vi um são-bernardo enorme acorrentado em um

canto. Ele parecia grande o bastante para arrastar os gabinetes de mogno e os balcões de mármore se quisesse. Se um visitante por algum motivo tentasse fazer alguma coisa idiota e, de alguma forma, passasse por George, pelas armas e pelo caratê de Phil, o cachorro atacaria e faria a pessoa desejar que Phil ou George tivessem terminado o serviço.

Phil Spector tinha muito de que se orgulhar, mas seu maior orgulho era a mesa de bilhar. Bem ali o lendário jogador de sinuca Willie Mosconi tinha ensinado Phil como acertar bolas como se fosse um campeão. Certa vez, Mosconi encaçapou 526 em sequência. Ele podia fazer uma bola de bilhar pular sobre outra para depois acertar e encaçapar uma terceira bola. Mosconi tinha treinado Paul Newman durante a fil *magem de Desafio à Corrupção*, de 1961. Phil Spector não era nenhum Paul Newman, mas quando se tratava de produzir um álbum ele era Marlon Brando.

E tinha grandes planos para *End of the Century*. O quinto disco de estúdio dos Ramones ia ser grande tanto em termos de som quanto de vendas. Seymour Stein estava pagando a Phil Spector duzentos e cinquenta mil dólares para produzir e levar a banda ao topo.

Phil nos levou de volta para a sala e explicou como sua "Parede de Som" ia encontrar a "parede de som" dos Ramones e criar uma cobertura completa de som. Para que isso acontecesse, precisávamos ouvi-lo e depositar nossa confiança nele. Phil nos disse que tinha gostado muito das músicas novas, incluindo "Do You Remember Rock 'n' Roll Radio?", que, de acordo com ele, tinha um quê de anos 1950 e ia se tornar um grande sucesso. Ele tinha grandes expectativas para "Danny Says", que era uma balada leve e algo muito diferente para a banda.

O *cover* que ele queria fazer era "Baby, I Love You", que Phil tinha ajudado a compor em 1963 para as Ronettes. Phil enfatizou como era importante Joey encontrar o tom certo para o vocal de "Baby" e que, se conseguisse, não haveria limite para nós. A canção tinha sido um sucesso antes e podia ser de novo.

Apesar de amar a música, eu não tinha certeza se era a coisa certa para os Ramones. Mas eu não ia questionar as decisões de quem provavelmente era o maior produtor que já existiu. Em todo caso, Phil Spector ficava confortável com velhos amigos, quer fossem canções ou pessoas. Era fácil ver por que o "Vovô" Al Lewis se encaixava naquela categoria. As visões políticas de Lewis eram, assim como as de Phil, radicais e de esquerda. Ali na sala, com seu charuto e seu clássico sotaque

de Nova York, Lewis estava debatendo sobre abolir as duras leis antidrogas de Rockefeller em Nova York e criar um sistema de saúde universal. John não estava achando graça.

– Você dá a esses imigrantes preguiçosos alguma coisa gratuita como essa e nunca vai se livrar deles.

– Quem quer se livrar deles além de você? – Lewis perguntou. – Eles construíram o país.

– Pessoas como o meu pai construíram o país – disse John.

– Você sabe quantos imigrantes chineses morreram martelando a Union Pacific Railroad, meu amigo? Centenas!

Eu tinha que rir ouvindo John nos alertando sobre imigrantes pegando coisas de graça. Todas as camisetas dele vinham dos artigos promocionais da banda. Ganhávamos montes de camisetas simples para que Arturo Vega pudesse serigrafar o logo dos Ramones nelas e vender depois dos shows. Antes de o logo entrar, John passava a mão em uma dúzia de camisetas pretas, uma dúzia de azuis e meia dúzia de outra cor. Era o que ele usava em todas as ocasiões, incluindo entrevistas, *bar mitzvahs* e funerais. Ele nunca, em nenhuma circunstância, comprava cuecas nem meias. Sua mãe sempre comprava uma tonelada para ele de Natal, e era tudo de que John precisava. O orçamento para roupas anual dele era zero dólares e zero centavos.

O "Vovô" Al era mais do que de esquerda. Ele era excêntrico com um engano aqui e ali. Ele contou que tinha atuado na equipe de defesa dos anarquistas dos anos 1920 Sacco e Vanzetti. Não havia dúvidas de que o Vovô teria feito isso se pudesse, mas ele tinha uns onze anos na época – ou era uma criança pequena, dependendo da data de nascimento em que você acreditasse. Ele também nos disse que nos anos 1960 conheceu Charles Manson, que tinha cuidado de seus filhos.

– Ele era um cavalheiro! – disse o Vovô.

Ao ouvir isso, Dee Dee começou a falar sobre os próprios filhos, que nem existiam, e sobre seus dias fictícios lutando contra os vietcongues. Alguém devia ter pegado um gravador, porque *aquilo* era um álbum.

Quando entramos no Gold Star Recording Studio em 1º de maio, Phil, meu novo amigo, me parou.

– Tire! Tire! Não vou passar o dia olhando para uma foto da minha ex-mulher!

Eu era fã das Ronettes. Era simples assim. Era por isso que estava usando uma camiseta de Ronnie Spector e das outras duas Ronettes. Não era para incomodar Phil. Quando muito, era uma homenagem. Por um segundo, fiquei sem saber o que fazer. Por um lado, eu não fazia o que mandavam, incluindo os membros da minha própria banda. Por outro, queria que tudo corresse bem, especialmente naquele momento. Não precisávamos começar o álbum da nossa vida com um confronto. Mas, voltando para o primeiro lado, eu não tinha trazido outra.

Então tirei a camiseta, virei do avesso e coloquei de novo. Agora os lindos olhos de Ronnie estavam virados para mim, não para ele. Achei ter visto Phil sorrir por um instante. Não era muita coisa – só um canto da boca se curvar para cima e pronto. Tínhamos tomado vinho juntos muitas vezes e eu me sentia preparado para lidar com ele. Se todo mundo ali usasse a mesma abordagem, não haveria por que as coisas não correrem bem.

Não ia ficar muita gente na sala de controle. Eram as regras de Phil. Seriam ele, seu engenheiro de longa data, Larry Levine, os três outros Ramones e eu. Esposas e namoradas não eram permitidas, e ninguém da equipe. Monte tinha nos levado do Tropicana para o Gold Star e ia nos levar de volta, mas ficou feliz de ficar sentado em uma cadeira do lado de fora da sala de controle. Ele tinha outras coisas com que se preocupar e tinha aguentado nossas merdas o suficiente na estrada para durar uma dúzia de vidas no rock.

As mulheres a essa altura eram Marion, Vera, Roxy e Linda. Linda era a namorada de Joey. Descobrimos esse fato quando as filmagens de *Rock'n'Roll High School* terminaram e Linda subiu na van para continuar a turnê dos Ramones. Joey ainda não tinha chegado, e ela sentou na primeira fileira. John virou e deu um escândalo de um segundo.

– Não, não, não, querida. Você senta no fundo.

– Como assim? – Linda perguntou.

– Temos regras – ele explicou. – Você está com Joey. Você senta no fundo.

– Não por muito tempo – ela respondeu.

Mesmo enquanto se mudava para o fundo da van, Linda era insolente. John ficou sem palavras. Ele abriu a boca até a metade, como se uma torrente de palavras junto com raiva e surpresa estivesse pronta

para sair, mas o resultado foi o silêncio. Ele balançou a cabeça e olhou em volta como se quisesse indicar que éramos todos testemunhas.

Ela era baixa, branca e muito magra. Mas era onde as semelhanças acabavam. Linda tinha uma boca grande. Tinha resposta para tudo. Joey parecia amar isso nela. Tímido e incapaz de confronto como ele era, Linda tinha audácia suficiente pelos dois. E quando entrava em conflito com John, era como se Joey estivesse no céu. Mesmo assim, ela ficou do lado de fora da sala de estar do estúdio com as outras. Bater cabeça com Phil Spector estava fora de questão.

Apenas estar ali na sala do Gold Star era uma honra. Era onde tudo acontecia – se não literalmente tudo, pelo menos a maior parte. Phil Spector e o Gold Star faziam mágica juntos. As Ronettes gravaram uma série de sucessos do Top Forty dentro daquelas paredes. Phil Spector deu a luz a "You've Lost That Lovin' Feelin'", dos Righteous Brothers, ali. John Lennon, George Harrison, Leonard Cohen, Ike e Tina Turner – a lista era longa, e o espaço nas paredes, pequeno demais para acomodar os discos de ouro produzidos ali. O currículo do Gold Star era basicamente o currículo de Phil Spector.

E também era o currículo de Larry Levine, que era o engenheiro de Phil. Ele esteve lá durante o tempo todo. Quando você ouve as cordas e os metais se fundirem com perfeição no começo de "Then He Kissed Me", de The Crystals, era o dedo de Larry Levine no *fader*. Quando você ouve o contrabaixo na versão apimentada de Ike e Tina de "Proud Mary", era Larry fazendo a mixagem dos microfones com sinal direto.

Alguém não só precisava saber exatamente o que Phil Spector queria dizer quando gritava "Me dê mais grave!", mas de fato fazer isso. E rápido. Quando Phil Spector criava uma parede de som juntando quarenta músicos em uma sala pequena, alguém precisava garantir que cada tijolo nessa parede estivesse onde devia estar. Como qualquer bom soldado, Larry Levine merecia um pacote de recompensas de vez em quando, quer ele o recebesse de fato, quer não. Como apenas alguns bons soldados, Larry era muito elegante e profissional. Era uma sorte tê-lo ali para aquela empreitada dos Ramones.

A porta que dava para a câmara de eco do Gold Star na lateral era estreita. As paredes da sala principal eram feitas de reboco espesso com isolamentos pesados. Enquanto montávamos a bateria, eu sabia quais eram as preferências de Phil. Ele não gostava muito de chimbal nem de

prato. E preferia extrair os sons percussivos agudos de pandeiros, maracas ou quaisquer instrumentos de percussão que ele pudesse controlar melhor no estúdio. Em especial com um prato, quando havia um grande estrondo nas faixas da bateria, o "wash", ou *fade*, se sobrepunha a tudo e podia facilmente atrapalhar os outros sons. O prato era quase impossível de limpar quando você voltava para trabalhar nas faixas.

Por essa razão, Phil Spector removia fisicamente os pratos do baterista do Wrecking Crew, Hal Blaine. No fundo da minha cabeça, pensei nos problemas que isso ia causar aos Ramones. A banda tinha um estilo. Eu tinha um estilo. Esse estilo podia ser alterado, mas não sabotado. Recorrer ao prato de ataque era automático para mim. Era automático para a banda. Quando parecia certo, eu ia na direção dele como um corredor respirando fundo. Felizmente, a questão nunca surgiu. A principal sugestão de Phil foi colocar uma toalha sobre a minha caixa para obter um som seco, e eu concordei.

Toquei com metrônomo, como sempre fazia com os Ramones. Eu não fazia isso com Richard Hell and the Voidoids, porque a música era em grande parte sobre a sensação rítmica e incluía diversas mudanças na marcação do tempo em uma determinada canção. Seria necessário uma programação sofisticada para acompanhar o metrônomo, e todo esse esforço teria prejudicado as músicas mesmo assim. Mas as canções dos Ramones eram perfeitas para ele: 4/4 e 2/4. Eu sabia que, se acompanhasse o pêndulo perfeitamente, o som da banda ficaria muito mais sólido e coeso. Phil Spector concordou. E John gostou da economia nos custos de estúdio.

Toquei uma música depois da outra. Pelo vidro vi Phil bater na mesa umas duas vezes, mas não era um grande problema. Eu não conseguia ouvir nada daquilo nos fones assim como não conseguia ouvir o que parecia ser Phil gritando de vez em quando com Larry. Além da minha própria bateria e da faixa guia, tudo o que eu ouvia na maior parte do tempo com os fones era Phil apertando o botão "Talk" para dizer "Tente de novo". Em geral no terceiro ou quarto *take*, ele gritava: "Isso! É esse!".

Em geral eu sabia do que ele estava falando. A diferença entre um *take* passável de um definitivo muitas vezes era uma questão de energia. Era uma diferença sutil em algumas músicas. Em "Chinese Rock", a saga da heroína que Dee Dee tinha escrito com Richard Hell, não foi muito

sutil. Phil Spector deu um soco no ar no fim do segundo *take*, e tudo o que eu precisava fazer era deixar os microfones gravarem o *fade-out* rápido e natural da caixa.

Phil ouviu com atenção e concordou quando sugeri usar um kit de rototom em "I'm Affected" e "This Ain't Havana". Os rototoms podiam ser afinados – girando a cabeça –, o que achei que pudesse funcionar bem com o som forte que Phil estava buscando. Havia certas alturas que soavam mais dependendo do grau de eco. Não era como *Road to Ruin*, em que a pele inferior tinha sido retirada, e tudo o que eu queria era um grande baque.

O quinto dia não foi nada como o primeiro, o segundo, o terceiro ou o quarto. Phil tinha um conceito em mente para o acorde de abertura de "Rock'n'Roll High School". A abertura de "A Hard Day's Night", dos Beatles, era um fá com um sol por cima, tocado em uma guitarra de doze cordas. O produtor George Martin fez George Harrison dar o acorde com força e deixar soar por alguns segundos. Havia um controle incrível naquelas notas, e aquele acorde provavelmente se tornou um dos mais famosos e identificáveis a abrir uma faixa de rock. A primeira vez que o mundo ouviu aquilo, todos souberam que o que quer que viesse depois ia ser incrível. Naquela linha, Phil queria que John deixasse o acorde de abertura soar. John queria torcer o pescoço de Phil.

Perdemos a conta de quantas vezes Phil o fez tocar. Perdemos totalmente a noção do tempo. Devia fazer mais de uma hora. Mas, como a tortura da água chinesa, uma hora podia parecer uma vida. O pinga, pinga, pinga dessa tortura era consistente o bastante para enlouquecer. John tocava o sol e zombava enquanto o acorde soava. Ele olhava para os tênis Keds e depois revirava os olhos para o teto.

Enquanto isso, Phil balançava a cabeça, socava a mesa e gesticulava com o dedo para fazermos de novo. Ele tomava uma dose de vinho Manischewitz e jogava o copo descartável na lata do lixo. Phil murmurava algumas coisas, mas não estava gritando. John também não. Era bem ruim. O silêncio era ensurdecedor. Era a Guerra Fria, e todo mundo queria que alguém disparasse um tiro inofensivo para quebrar a tensão. Melhor ainda, queríamos que Phil gritasse: "Isso! É esse!". Mas não aconteceu. Era difícil ter certeza, mas parecia que Joey estava gostando.

Phil tocou sua arma. Dee Dee endireitou o corpo. Joey parou de sorrir e soltou a Coca-Cola. A banda sabia o que sabia, ou pelo menos achava

que sabia. Phil tinha sacado a arma para Leonard Cohen naquela mesma sala. E tinha dado um tiro no estúdio durante a gravação do álbum de *covers* clássicos de John Lennon, *Rock'n'Roll*. E estava prestes a fazer Johnny Ramone entrar para a história, vivo ou morto.

Não acreditei naquilo nem por um segundo. Phil deu alguns passos para a direita e deixou sua .38 na mesa lateral de madeira ao lado do console. A .45 apareceu em seguida. As armas tinham ainda menos probabilidade de mandar alguém para o céu do rock'n'roll naquela mesa de apoio do que no coldre, mas os outros Ramones pareciam não concordar. Dee Dee olhou para mim como se dissesse "Precisamos correr?". Balancei a cabeça como quem diz "Até parece". John estava paralisado do outro lado do vidro. Mas foi até Larry e sinalizou para John tocar. A torneira estava pingando de novo.

A tortura da água em si tinha a consistência que faltava a John. Era preciso fazer alguma coisa para acabar com aquela insanidade, mas o quê? Um blecaute como aquele da sessão de gravação dos Voidoids no verão de 1977 teria sido bom, mas apagões raramente aconteciam quando você mais precisava deles. Talvez Larry Levine pensasse em uma solução técnica. Talvez John quebrasse uma corda, e fôssemos fazer outra coisa. *Qualquer* coisa.

A redenção veio como em geral acontece: na forma de duas prostitutas de Los Angeles. Elas entraram uma na frente da outra, seguindo George Brand. Uma delas era uma loira oxigenada com roupa de lycra vermelha e blusa de seda decotada. A outra tinha cabelo escuro e pele morena e estava vestindo uma peça de denim tão justa que, se você abrisse um botão, ela podia explodir. As duas estavam de casaco de pele. A temperatura era de vinte e sete graus naquela tarde de maio no sul da Califórnia.

Nosso produtor saiu com George e as duas cidadãs-modelo de LA da sala de controle. O exercício de Phil foi desaparecer para um escritório lateral e voltar dez ou quinze minutos depois como se tivesse ido ao banheiro masculino. Ninguém sabia como chamar esse tipo de intervalo, então chamamos de almoço. A porta da sala de controle foi escancarada. Pelo John.

– Todo mundo viu isso. Ele ia atirar em mim.

– Claro – respondi. – Nos seus sonhos.

– Bom, deixe ele atirar. É melhor do que continuar aguentando essa merda – disse John.

– Você viu ele sacar duas armas, Marc, não viu? – Dee Dee perguntou.

– Vocês estão exagerando – Joey entrou na conversa. – Ele não apontou para ninguém.

– Ele estava se preparando para usar as pistolas – Dee Dee insistiu.

– Pensem, são armas pesadas – disse eu. – Vocês esperam que ele carregue as duas pelo estúdio o dia todo?

Naquele momento, Dee Dee contou a mesma história que tinha contado várias vezes nos últimos dias. Enquanto estávamos na mansão de Beverly Hills, Phil tivera uma conversa com Joey em um quarto no andar superior. Dee Dee e John acharam que Phil queria tirar Joey dos Ramones e produzi-lo como artista solo. Não fazia sentido, especialmente com Seymour Stein pagando uma fortuna para Phil Spector produzir a banda. O mais provável era que Phil estivesse interessado em obter os maiores e melhores vocais possíveis para o álbum e quisesse ter uma conversa motivacional com Joey.

Em todo caso, Dee Dee, que como o resto de nós tinha passado a tarde bebendo, subiu as escadas para encontrar Spector. De acordo com nosso baixista, naquele momento, Phil, provavelmente achando que Dee Dee era um intruso, saiu do quarto com a .38 apontada. Dee Dee disse que eles discutiram um pouco e que Phil apontou a arma para o coração de Dee Dee e disse a ele para voltar para a sala.

Não era impossível que tivesse acontecido desse jeito, mas eu não achava que fosse o caso, e era improvável. E eu precisava considerar a fonte: Dee Dee, que fantasiava a maneira como as outras pessoas respiravam. Isso não fazia dele uma testemunha confiável, mas o tornava um ótimo compositor.

Na sala de controle, depois de ouvir isso, falei para os outros não ficarem obcecados com as armas, os gritos, os socos ou as repetições. Íamos sair dali com um álbum incrível. Também falei para eles lembrarem como Phil era e não levarem para o lado pessoal. Quando estava no ensino médio, um bando de *bullies* agarraram Phil e deram uma surra feia nele, e depois disso ele jurou nunca mais ser uma vítima.

– Ele provavelmente mereceu – John respondeu.

Phil estava de bom humor quando voltou para a sala de controle. As prostitutas de LA valiam seu peso em ouro. Talvez platina. Phil foi muito

cordial com John e fez Larry reajustar o posicionamento do amplificador da guitarra na câmara de eco para gravar "Rock'n'Roll High School". Phil, John e Larry conseguiram fazer muita coisa nos trinta minutos seguintes até a porta da sala de controle se abrir e Monte entrar. Vi o humor de Phil azedar um pouco naquele instante. Monte não deveria entrar ali a não ser no fim da sessão, quando estivesse na hora de nos levar de volta para o Tropicana.

– Preciso conversar com John por um minuto – Monte anunciou.

– Estamos no meio de uma coisa – disse Phil, disparando um olhar feio para Monte.

Monte foi até a sala de gravação principal e arrancou John dali. Os dois saíram juntos. Phil ficou visivelmente bravo. Qualquer que fosse o triunfo pessoal dele em trabalhar em harmonia com John por um curto tempo tinha se transformado em desgosto, e Larry estava bem ali, na linha de fogo.

– Não encoste no *fader*! Não encoste no *fader* a menos que eu mande!

– O. k., Phil. Entendi.

– O. k., não! Que parte de "não encoste no *fader*" você não entendeu?

A porta da sala de controle se abriu de novo e Monte entrou. Eu estava preparado para Phil atacar Monte por colocá-lo naquela situação.

– Tenho más notícias – disse Monte. – O pai de John morreu.

Encerramos o dia.

O pai de John morreu de um ataque cardíaco. Foi um choque completo. Ele tinha só sessenta e dois anos. Obviamente era muito triste. O homem tinha acabado de se aposentar e se mudar para a Flórida com a mãe de John. O Sonho Americano de fato existia, mas também havia o Pesadelo Americano. E era passar sua vida adulta inteira fazendo trabalho pesado em troca de alguns anos dourados e receber o troco faltando. Eu já tinha visto isso muitas vezes, e não ia acontecer comigo se eu pudesse evitar.

Quando vimos John na sala de estar um minuto depois, ele estava pálido, anestesiado e em choque. Uma das bases de sua vida era John Wayne, e a outra era o pai. Ele idolatrava o pai. Estava sempre tentando agradá-lo, provar seu valor. Até nos Ramones. E agora estava por conta própria.

John viajou por alguns dias. Ele teve de pegar um avião de Los Angeles para Nova York para encontrar a família, e depois de Nova York

para a Flórida para o funeral. Phil usou esse tempo de estúdio para tabalhar no baixo e nos vocais. Trabalhar com Dee Dee parecia estressar Phil até quando o baixo ficava ótimo. O incômodo aumentou alguns graus quando trabalhamos em "Chinese Rock". Achei que a faixa estava ficando boa. Joey estava gostando. Dee Dee, claro, amou. E Phil tomou muito Manischewitz em copos descartáveis.

Quando voltou, John parecia esgotado, e não só por causa do *jet lag*. A viagem tinha sido um triângulo pelo país para ele colocar as coisas em ordem, confortar a mãe e ser forte para todo mundo que foi ao funeral. Ele não tinha tido tempo nem para processar o que a morte do pai significava. Mas embaixo das olheiras havia um pequeno sorriso, que ele explicou para nós. Linda tinha ido com Monte alguns dias antes levar John para o aeroporto. E naquele dia também tinha ido buscá-lo com Monte.

Tudo isso era totalmente inesperado. Linda não só era namorada de Joey, como ela e John pareciam estar em conflito o tempo todo. Qualquer que fosse a dinâmica, John estava tocado de que alguém se importasse o suficiente para ir junto, especialmente sem ter nenhuma obrigação de fazê-lo. Ele parecia acreditar que tinha alienado o resto da banda, e claro que havia um pouco de verdade nisso. Então o gesto de Linda teve ainda mais significado.

Não sabíamos se tinha algo a ver com a volta de John quando, no dia seguinte, Phil Spector pediu para todo mundo entrar na sala de controle e ouvir o *playback* de "Rock'n'Roll High School". O aspecto mais incomum do pedido era incluir todo mundo – esposas, namoradas e a equipe. Talvez Phil estivesse propondo uma trégua. Talvez só quisesse provar para nós como o álbum estava ficando sob sua direção. O que quer que fosse, ficamos felizes pela chance de ouvir o progresso.

Os sofás da sala de controle estavam cheios de corpos. Monte sentou ao lado de John Markovich, nosso técnico de som. Em geral a sala de controle estava interditada para os dois. A última vez que John Markovich tinha pisado ali, Phil gritou:

– Quem diabos é esse? Tirem ele daqui!

Phil Spector não pareceu impressionado quando repetimos várias vezes a vocação de Markovich. Quando muito, isso deixou Phil mais irritado. Quanto a Monte, ele tinha permissão para entrar apenas para informar membros da banda de mortes na família. E mesmo assim…

Phil apertou o "play" no toca-fitas principal. Ouvimos a introdução de um acorde de John, que podia não ser exatamente "A Hard Day's Night", mas, mesmo assim, tinha ficado muito bom. Depois, ouvimos a bateria, a guitarra, um pouco dos vocais de Joey, e então Phil parou a fita e rebobinou. Achamos que era um problema técnico. Ele apertou o "play" de novo e deixou a fita correr até parar mais ou menos no mesmo ponto e rebobinar de novo.

Phil não disse nada, e não perguntamos nada. Passamos por um terceiro ciclo, um quarto e depois um quinto. Olhei rapidamente para Marion, que, com Phil de costas, balançou um pouco a cabeça. Eu conhecia aquele olhar tão bem quanto qualquer coisa. Significava: *Que diabos está acontecendo aqui?*

Eu não sabia mesmo. Parecia um pouco hostil, talvez em relação a John. Talvez Phil estivesse tentando mostrar como o acorde precisava de mais consistência. Ou talvez estivesse nos mostrando que todo aquele trabalho tinha valido a pena. Eu não tinha certeza. A única coisa de que eu tinha certeza era que queria ouvir a música toda, assim como todo mundo.

– Bem, vocês não precisam de mim aqui.

Foi só um sussurro de Monte para John Markovich. Não era para ninguém mais ouvir, especialmente Phil. Mas Phil Spector tinha os melhores ouvidos do Ocidente, então, se nós ouvimos, ele ouviu. Monte podia ter falado na câmara de eco. Mesmo assim, ele se levantou do sofá e tentou sair discretamente da sala de controle.

– Aonde você acha que vai? – Phil Spector estava furioso.

– Estou saindo – Monte respondeu. – Vocês não precisam de mim aqui.

– Você tem toda razão, não precisamos de você aqui – disse Phil. – Só precisamos das chaves.

– Das chaves?

– Você é surdo? As chaves. Da van. Entregue.

– Qual é, Phil? – disse Monte. – Por que você está fazendo isso?

– O que você acha? Que vai voltar para o Tropicana para tirar uma soneca? Tudo bem. Pegue um táxi!

– Eu sou responsável pela van – disse Monte. – O seguro está no meu nome. Não posso deixar a van aqui com você nem com ninguém. Se alguma coisa acontecer, é o meu traseiro na reta.

– Tenho uma notícia para você – disse Phil. – Seu traseiro já está na reta. Com ou sem van.

Naquele momento eu me senti mal por Monte. Ele parecia estar se controlando para não chorar. Não importava quantos discos de ouro Phil Spector tivesse pendurados na parede, os Ramones não iam despedir Monte de jeito nenhum. Não por causa disso. De alguma forma, Monte devia saber disso. De outra forma, Phil nos deixou tão agitados que qualquer coisa parecia possível. Alguém da banda devia ter se metido na conversa para defender Monte. Mas ninguém fez isso. Ficamos paralisados.

Eu me senti ainda pior quando pensei como não parávamos de azucriná-lo. No começo daquele ano, na viagem de Chicago para Detroit, todo mundo precisava ir ao banheiro e a próxima parada ficava pelo menos a meia hora de distância. Então paramos a van em um acesso da Route 90 e nos revezamos. Cada um ia urinar de frente para a van, usando o veículo para se esconder do trânsito. Eu fui, depois John e Dee Dee. Joey estava segurando. Quando chegou a vez de Monte, John sentou no volante, e esperamos o zíper dele estar aberto. Nesse momento, John engatou a van e andou uns cinquenta metros, deixando Monte exposto para o mundo. A reação dele foi normal. Ele entrou em pânico e saiu correndo para alcançar a van com o pênis ainda de fora. Avisei John que Monte estava vindo e, quando ele chegou perto, John pisou no acelerador e avançou mais uns cinquenta metros.

E lá estávamos nós no Gold Star, deixando Monte exposto de novo. Dessa vez não era piada. Monte saiu da sala de controle e foi para a sala de estar, o tempo todo torcendo para Phil não ir atrás, mas ele foi. John, John Markovich e eu também fomos. Phil não ia deixar quieto. Onde estavam as prostitutas de LA quando você precisa delas?

– Volto mais tarde para pegar todo mundo – disse Monte. – Tudo bem?

– Não. Não está tudo bem. Não volte.

– Eu vou voltar – Monte respondeu. – É o meu trabalho.

Monte foi até a saída. Ninguém foi demitido. Nenhum tiro foi disparado. Phil balançou a cabeça e voltou para a sala de controle resmungando.

– Imbecil.

Olhei para John, que também estava balançando a cabeça, e disse a única coisa que me ocorreu.

– Bem-vindo.

John tinha outra preocupação. Phil tinha dito a ele mais cedo que íamos nos mudar para outro estúdio no dia seguinte, mas não disse onde. Eu disse a John que era porque não íamos a lugar nenhum. Não íamos nos mudar de jeito nenhum. Aquele era o lugar onde a magia tinha acontecido quando ainda éramos crianças ouvindo Darlene Love. Talvez Phil estivesse só brincando com John. Ou atormentando John. De todo jeito, senti a necessidade de me afastar daquilo tudo. Pensei em alugar um carro e seguir para as colinas.

Eu estava feliz com uma coisa – mesmo quase tendo rompido uma artéria, no fim das contas, Monte não se rendeu ao grande Phil Spector. De certa forma, Monte tinha ganhado sua própria estrela dourada.

Mas esse não era um jeito de gravar um disco. Todo mundo sabia disso. Então nós quatro ligamos para Seymour Stein. Seymour era um figurão e tinha colocado uma fortuna nos Ramones, mais porque acreditava do que por uma questão financeira. Então não íamos dizer a Seymour Stein o que falar, fazer ou pensar. Só precisávamos melhorar as coisas. Estávamos no ponto de ebulição. Não sabíamos o que esperar ao entrar no estúdio. Havia um Phil feliz e um Phil irritado. Havia um Phil compreensivo e um Phil maníaco. Precisávamos do Phil produtor.

Naquela noite, quando Phil Spector bateu na minha porta no Tropicana, ele parecia bem, e com certeza eu não ia trazer os eventos do dia à tona nem contar para ele que tínhamos reclamado para o sujeito que estava pagando todas as contas. Phil gostava da minha companhia e obviamente tinha se acalmado. Ele devia ter tomado alguns drinques entre aquele momento e esse, e se a garrafa de vinho Manischewitz no saco de papel pardo servia de indício, estava prestes a beber mais.

Felizmente, havia sempre outras coisas de que falar, em especial com Phil. A usina nuclear de Three Mile Island na Pensilvânia tinha quase entrado em colapso na primavera, deixando o leste dos Estados Unidos em estado de pânico e alerta. A crise foi administrada, mas Phil estava convencido de que na verdade aquilo tinha chegado muito mais perto de uma catástrofe do que o governo admitia, e mais radiação tinha sido liberada do que estavam dizendo. Concordei. Uma fusão nuclear era terrível em qualquer costa.

Na manhã seguinte, na van a caminho do estúdio, John contou que tinha tido notícias de Linda Stein na noite anterior. Seymour tinha ligado para Phil e pedido para ele aliviar. Tudo bem fazer o que ele precisasse do ponto de vista da produção, mas os confrontos precisavam parar. Isso incluía conflitos com a equipe dos Ramones, que, assim como Phil Spector, só estavam fazendo seu trabalho. Não houve discussão. Seymour estava pagando, e era assim que devia ser.

Phil estava calmo quando chegamos ao estúdio. Ele nunca tinha sido agressivo diretamente com nenhum membro da banda, mas estava muito menos irritadiço e mais profissional. Dee Dee parecia pronto para quicar nas paredes quando Larry montava os microfones, e Phil observava. Estávamos trabalhando no baixo de "I'm Affected". O contrabaixo introduzia a música e precisava ser grandioso.

Phil fez Dee Dee repassar a faixa algumas vezes antes de gravar. Larry tinha três ou quatro microfones nas caixas do baixo em diferentes distâncias e ângulos. Phil disse a Larry repetidas vezes para deixar os *faders*, mas ele continuava abaixando.

– O quanto você quer foder essa música? – Phil perguntou. – Esse era o som que eu estava procurando, e você fodeu tudo

– Phil, tinha distorção demais no baixo. Não dava para gravar.

– Quer dizer que você tem os culhões de ficar aí sentado e me dizer que... algo que *nós* já fizemos mil vezes de repente não pode ser feito?

– Nunca gravamos com esse tanto de distorção – Larry respondeu.

– O que está distorcido é o que você está me dizendo! O que está distorcido é a merda do seu cérebro.

Percebi que não importava o quanto o disco ficasse bom ou quantas cópias ele vendesse, a experiência de gravá-lo não seria muito melhor do que isso. Phil não estava aliviando. A merda só estava descendo a ladeira.

No dia seguinte, Monte avisou que tínhamos o dia de folga. Recebemos uma ligação do Gold Star Recording Studios dizendo que Phil não ia aparecer. Em parte era um alívio, mas John e eu não queríamos desperdiçar o dia. Então pedimos para Monte nos levar para SIR, um estúdio de ensaio no Sunset Boulevard em Hollywood.

"Nos" consistia em John, Dee Dee e eu. Apesar de todas as minhas faixas já estarem resolvidas, queríamos fazer demos de umas duas músicas que ainda precisavam de baixo e guitarra, começando com "I Can't Make It on Time" e "All the Way". Pegamos uma sala de ensaio média

nos fundos, em vez da grande sala de produção da frente. Depois de mais ou menos meia hora, precisei ir ao banheiro, então pedi licença e fui até o banheiro masculino no fim do corredor. Depois de terminar e lavar as mãos, pensei em pegar um par de baquetas novas na minha mochila. Quando abri o zíper, vi que minha carteira estava aberta e que meu dinheiro tinha sumido.

Eram cento e cinquenta dólares. Que eu sabia que tinha trazido. Eu me lembrava de ter pegado o dinheiro antes de sair pela porta. Forcei minha memória. Talvez eu tivesse pensado em colocar o dinheiro ali, mas não tivesse colocado. Não, sem dúvida, eu tinha pegado. Eu me lembrava de ter guardado as notas e até quais eram – seis de vinte, duas de dez e duas de cinco. Virei a cabeça e vi Dee Dee sentado num banco mexendo no baixo. Quando olhei para cima, do chão, ele olhou para baixo, para mim. Se foi um momento desconfortável, foi desconfortável só para mim. Quando John voltou para a sala um instante depois, a coisa começou.

– O que vamos fazer, John? – perguntei. – Meu dinheiro sumiu.

– Tem certeza? – disse John.

– Claro que tenho – respondi.

– Certo. Vamos lá, Dougie – ele disse. – Comece pelos bolsos. Vamos lá.

– Sério? – Dee Dee perguntou.

– Vamos, Dee Dee – eu pedi. – Preciso revistar você.

Ele não comprou briga. Só deu de ombros e esvaziou os bolsos do jeans. Saíram as chaves do quarto, alguns dólares, clipes e um arco-íris de pílulas. Não era suficiente. Fiz Dee Dee me entregar a jaqueta de couro e a revirei. Depois John pediu para ele tirar a calça. John sabia que eu não queria apalpar Dee Dee. Eu não queria reviver a revista da Erasmus nem que fosse eu fazendo a revista. Já era bem ruim ver Dee Dee quase nu. Se a gerência ou outra banda entrasse, teriam achado que os Ramones estavam ensaiando um filme pornô em vez de um álbum.

Era incrível quantas drogas um homem podia guardar e esconder nas roupas com o devido empenho. O diretor Gallo teria ficado vermelho como uma árvore de Natal acesa. Mas meu dinheiro ainda estava faltando. De uma coisa eu sabia: se Dee Dee tinha enfiado no cu, ele podia ficar com o dinheiro.

Olhei para pelo menos uma última área suspeita e depois para John. John assentiu.

– Vamos lá, Dee Dee – eu disse. – Tire as meias.

Dee Dee estava sentado no chão. Ele colocou um pé no joelho, tirou uma meia branca esporte Champion e a virou do avesso. Assenti, o que, na linguagem universal das revistas, significa "qual é, a outra também". Dee Dee tirou a outra meia, e o dinheiro caiu na hora. Peguei as notas e contei: seis de vinte, duas de dez e duas de cinco.

– Não olhe para mim – Dee Dee disse. – Não sei como foi parar ali.

– É um mistério completo – John comentou.

– Você é um cleptomaníaco maluco – eu disse.

Não houve gritos. Nem mais investigações. Não houve pedido de desculpas. A expressão de Dee Dee nem se alterou. Isso era pior para mim do que perder dinheiro ou até a ideia de que meu companheiro de banda tinha me roubado. Para Dee Dee, aquilo podia ter sido a esteira de bagagem do LAX. Contei o dinheiro uma segunda vez, guardei na carteira e continuamos o ensaio.

Ensaiamos no SIR um segundo e um terceiro dia. Levei minha mochila para o banheiro todas as vezes. Quanto retomamos a gravação no Gold Star, dei uma boa olhada em Larry Levine. Ele parecia bem. Corria um boato de que Larry tinha tido um pequeno ataque cardíaco. Para mim "pequeno ataque cardíaco" era um oximoro. Se fosse verdade – e com certeza ninguém ia perguntar para Larry nem para Phil –, tinha alguma coisa a ver com o estresse. Especificamente, o estresse de servir de capacho nas últimas semanas ou nas últimas décadas. Quanto mais você guardava tudo, mais tudo vinha à tona. Mas eu não queria brincar de médico nem de psicólogo. Só estava feliz que Larry estivesse vivo e bem. No estúdio, as coisas continuaram como sempre.

Continuar como sempre para os Ramones incluía usar jaquetas de couro na capa do álbum, mas havia uma conversa sobre abrir mão delas. O fotógrafo Mick Rock tinha feito duas versões: uma com as jaquetas e uma sem. As fotos sem jaqueta eram acima da cintura e traziam cada um dos quatro com uma camiseta lisa de cor diferente: preto, amarelo, vermelho e azul. Depois que ouvimos de Danny Fields que a Sire estava considerando usar a foto das camisetas na capa, estava na hora de a banda votar.

Achei que devíamos ficar de jaqueta na capa. Em primeiro lugar, era punk. Em segundo, ficávamos melhor de jaqueta. Em terceiro, e não necessariamente último, com Phil Spector na direção, era bem provável

que *End of the Century* tivesse um som mais pop que aquele a que o nosso público estava acostumado, então eu achava que manter as jaquetas seria reconfortante para os fãs. O lugar para a foto das camisetas, eu achava, era dentro da capa. *Nada de jaquetas dentro da jacket* [capa], *certo?* Era um bom material extra, mas não uma capa de disco.

John concordou. Ele usava a mesma jaqueta desde que eu o conhecia e, para ele, aquilo era um membro da família. Mas Joey e Dee Dee gostaram da foto das camisetas, então os votos ficaram dois a dois. A gravadora seria o desempate. Não importava muito naquele momento. O álbum não ia sair por um tempo. O projeto estava perdendo a força, e não havia muito que John, Dee Dee e eu pudéssemos fazer. Eu queria voltar para casa e relaxar um pouco antes de retomar a turnê em junho, e parecia que John e Dee Dee também pareciam loucos para sair de Los Angeles.

Ainda que fosse prematuro, conversamos que música ou músicas podiam se tornar *singles*. "Rock'n'Roll High School" parecia ser a opção óbvia, mas a letra era excessivamente antiescola. "Do You Remember Rock'n'Roll Radio?" parecia outra opção óbvia, mas essa quebrava outra regra ainda mais sagrada: não cuspa no prato que comeu. Ou no rádio em que você toca. A canção claramente mirava o rádio comercial da época, implicando com estações pelas *playlists* genéricas e prevendo a morte iminente do rock.

Não íamos saber com certeza por um tempo, mas parecia que "Baby, I Love You" ia ser o primeiro *single* do álbum, dado o histórico. Eu não me importava que Phil tivesse colocado Jim Keltner para tocar bateria em "Baby, I Love You". Jim era um dos melhores bateristas de estúdio que existia. Seu enorme currículo incluía trabalhar muito com John Lennon, George Harrison e Ringo Starr em diversos projetos solo. George e Ringo tinham até escrito na capa dos álbuns pedindo para as pessoas se juntarem ao Jim Keltner Fan Club. Para mim, ter a realeza me substituindo de vez em quando era uma honra.

A guitarra de "Baby, I Love You" era de David Kessel. Ele e o irmão Dan eram filhos de Barney Kessel, superguitarrista de estúdio e membro do Wrecking Crew. Se você tirasse pessoas como Barney Kessel e Hal Blaine de cena, as paradas da *Billboard* dos anos 1950, 1960 e 1970 seriam como uma parede cheia de buracos.

Os backing vocals da versão original de “Baby, I Love You” tinham sua própria história esquisita. Mesmo que as Ronettes estivessem agendadas para entrar em turnê na época, Phil Spector segurou sua futura esposa Ronnie Bennett para trabalhar nos vocais. Enquanto a prima de Ronnie, Elaine, a substituía na turnê com as demais Ronettes, as backing vocals no estúdio eram Darlene Love e Cher aos dezessete anos. Eram as melhores substitutas disponíveis no planeta.

Quem quer que Phil Spector tivesse em mente para fazer os backing vocals dessa vez, não ia ser Dee Dee nem, até aí, Johnny Ramone. Os dois estavam sobrevoando as montanhas Rochosas àquela altura. Eu não estava muito atrás.

Antes de ir embora, John refletiu por um momento sobre a Three Mile Island. Ele não sabia o que fazer com todos os roqueiros hippies e com o show No Nukes que já estavam pensando em organizar. Aliás, disse John, precisávamos de mais usinas nucleares – muito mais, e rápido – para colocar fim às longas filas nas bombas de combustível e para destruir aqueles árabes putos com toalhas na cabeça e seus campos de petróleo. Não me dei ao trabalho de discutir. Quando muito, era bom ver John voltar ao seu normal.

O prédio no número 29 da John Street onde Marion e eu vivíamos existia há uns setenta anos, mas não era páreo para meu estéreo de 500 watts. Era um prédio de *lofts* convertido no distrito financeiro, alguns quarteirões ao norte de Wall Street. Originalmente era um prédio comercial, mas agora era "misto"; nesse caso, metade comercial e metade residencial. E eu conseguia incomodar as duas metades.

Quando tínhamos alguns dias de folga da turnê, eu vivia como um rei – ou pelo menos como um príncipe punk. Eu acordava no fim da manhã e pedia comida. No meu caso, pedir comida significava ligar para a loja de bebidas do outro lado da rua. O dono costumava fazer a viagem de elevador até o nono andar ele mesmo. Ele me adorava. E por que não adoraria? Eu gastava centenas de dólares em vinho, champanhe, vodca e tudo mais que parecesse apetitoso junto com o *brunch*, ou no lugar dele.

Depois de tomar alguns drinques para acordar, o concerto vespertino começava. Eu tocava uma grande variedade de boa música: The Kinks, The Who, Miles Davis, Charlie Parker, Beatles, Blondie, Little Richard, Ronettes e outra grande banda chamada Ramones. Havia reclamações a torto e a direito. Dos andares de cima e dos andares de baixo. Havia reclamações dos atacadistas de joias, dos escritórios de advocacia e dos moradores dos *lofts* que estavam tendo dificuldade de morar ali. Aparentemente, o encanamento conduzia o som para cima e para baixo pelo prédio a ponto de meus vizinhos saberem se eu estava tocando a versão de estúdio ou ao vivo de *Tommy*.

Eu não dava a mínima para as reclamações. Era o horário comercial, e aquele é o meu negócio. Mas eles tinham razão. Estava ficando alto demais. Uma tarde, o lado B de *Electric Ladyland*, do Jimi Hendrix, trincou o vidro em um dos armários.

Pela primeira vez na vida, eu estava ganhando um bom dinheiro com constância, e não havia nada de errado com isso. Quando entrei para os Ramones, o acordo tinha sido fechado com um aperto de mão, e era ótimo receber aquele contracheque regular de Ira Herzog. Mas pedi um acordo mais formal, e John resistiu.

Liguei para o meu pai um dia enquanto estávamos em turnê e contei como estava decepcionado. Ele me disse para não me deixar enganar. Meu pai conseguiu um advogado para mim, e pedimos uma parte dos royalties dos discos e dos produtos promocionais. Nossa oferta me parecia razoável: mais ou menos metade do que John, Dee Dee e Joey ganhavam começando com meu primeiro álbum com os Ramones, *Road to Ruin*, e dali em diante um pequeno aumento na porcentagem a cada álbum que se seguisse. Os Ramones resistiram por muito tempo, mas meu pai me disse para aguentar firme porque eles iam acabar cedendo. E foi exatamente o que aconteceu.

Enquanto isso, John estava empolgado com que seu candidato, Ronald Reagan, estivesse se preparando para a campanha presidencial de 1980. Reagan prometeu reduzir os impostos dos ricos como forma de beneficiar a classe média e os pobres. Meu pai dizia que a direita fazia tudo ao contrário. Eu concordava, apesar de não ser economista. Eu era um músico tomando uns vodcas martínis.

Mas eu era capaz de fazer minha própria pesquisa. Eu guardava pilhas de dinheiro para pagar a conta da loja de bebida, dar gorjeta para o entregador de pizza ou agradecer ao zelador. Uma pilha em geral era uma combinação equilibrada de algumas dúzias de notas de um, cinco, dez e vinte. Na hora do almoço, eu em geral tinha tomado algumas e estava pronto para uma aventura. A John Street era bem estreita e ficava cheia de ternos por volta do meio-dia. Eu não tinha certeza do que ia acontecer da primeira vez que fiz, mas é para isso que servem as experiências. Peguei uma pilha de dinheiro, abri a janela e joguei para fora.

Era hora de alimentar os animais. Por um ou dois segundos, quando as primeiras notas caíram na rua, as reações foram simples e reflexivas.

Podia ser lixo. Ou podia ser papel picado. Estávamos a um quarteirão da Broadway e do Canyon of Heroes, então um desfile com papel picado para os astronautas, os veteranos de guerra voltando para casa ou os amados New York Yankees de John sempre estavam na cabeça das pessoas. Mas quando os dólares caíram do céu amontoados, os executivos viram o verde e ficaram cheios de espuma na boca.

Era a sobrevivência dos mais gordos. Homens de meia-idade com excesso de peso usando suspensórios se agigantaram sobre mulheres elegantes vestindo roupas profissionais feitas de lã cinza. Executivos jovens e viris se jogaram sobre o capô de carros estacionados para recuperar uma nota de dez presa no limpador de para-brisa. Ex-alunos de faculdades de direito tentando se tornar sócios de escritórios de advocacia jogaram idosos na calçada para pegar uma nota de vinte num bueiro. Fiz anotações. Aquilo era uma selva. Um tumulto. Mas finalmente entendi o conceito de *trickle-down economics*.

Quando a empolgação diminuiu no começo da tarde, estava na hora de um banho. O único problema era que não tínhamos chuveiro. Até onde sabíamos, nenhum dos *lofts* residenciais tinha. Tínhamos uma banheira feita de ferro fundido, mas, depois de uma longa manhã bebendo e jogando dinheiro pela janela, não havia nada como uma boa chuveirada. Então um monte de inquilinos se uniu e fez uma sala de banho no décimo quarto andar. Eu não me arrumava para tomar banho. Eu atravessava o corredor de chinelo e roupão, sem calça nem cueca por baixo. Às vezes, quando estava tingindo o cabelo de preto, ficava com a cabeça coberta de papelotes de alumínio. Eu pegava o elevador com vice-presidentes e contadores que se perguntavam de que andar o alienígena seminu estava saindo e por quê. Às vezes, eu encontrava punks no elevador. Alguns tinham cabelo espetado, outros eram clones dos Ramones, mas tinham uma coisa em comum, e não era que estavam avaliando o *loft* no décimo primeiro andar. Estavam ali para me ver. Então eu dava alguns autógrafos e tomava meu banho. A uns seiscentos metros ao norte, Joey e Linda estavam indo morar juntos. Um estúdio tinha ficado vazio no prédio onde a mãe de Joey morava na East Ninth Street, e o casal ficou com ele. A relação de Joey e Linda estava ficando séria. Eles estavam noivos e procurando um anel de noivado de diamante. Além de desejar a felicidade deles, todo mundo esperava que Linda fizesse

maravilhas pela higiene e pela pontualidade de Joey. Quando muito, ela podia tirar um pouco da pressão de Monte.

Um quarteirão ao norte da East Tenth Street, John e Roxy ainda estavam brincando de casinha; Roxy tomando algumas doses, e John dando alguns tapas. As mulheres dos Ramones tiravam uma folga da confusão de vez em quando. Nem toda casa de show ou clube era um destino favorito como Londres ou Berlim. Lugares como West Orange, Nova Jersey e Allentown, na Pensilvânia, só precisavam ser vistos uma vez.

Quando elas ficavam para trás, Marion às vezes encontrava Roxy, que gostava de um pouco de *new wave* com sua vodca. Adam Ant e Bow Wow Wow, duas bandas iniciantes, estavam entre suas favoritas. Quando os Ramones voltaram de Staten Island uma noite no fim de junho, Marion me contou que sua noite com Roxy tinha sido curta. Elas foram ao Mudd Club ver as bandas, mas em menos de uma hora Roxy estava caindo sozinha e depois se jogando em cima de algum homem bonito. Ela usava uma das melhores cantadas da história da cena musical do centro de Nova York: "Quer conhecer o apartamento de Johnny Ramone?". A resposta era sim noventa e nove por cento das vezes, mesmo que Roxy estivesse sóbria ou tivesse duas cabeças. Como ela estava bêbada e usando roupas provocantes, era, sim, cem por cento das vezes.

De jeito nenhum eu ia contar para John ou Marion ia entregar Roxy. Nós não sabíamos o que acontecia quando Roxy e o sr. Qualquer entravam no táxi, e não era da nossa conta. Além disso, tínhamos uma banda para manter.

Era o começo do verão e, antes de ir para Toronto tocar no Canadian World Music Festival, fizemos uma coisa só por diversão. *The Uncle Floyd Show* era cria de Floyd Vivino, um comediante local mais ou menos da nossa idade cujo trabalho e figurino vinha da era do burlesco. O *Uncle Floyd* era um retorno ao *The Pinky Lee Show* dos anos 1950 e as *The Soupy Sales Show* dos anos 1960: programas infantis à primeira vista, com um senso de humor adulto e subversivo abaixo da superfície. Se prestasse atenção, dava para ouvir coisas que ninguém podia dizer na TV aberta. O comediante Andy Kaufman estava fazendo carreira usando a mesma abordagem. Havia uma linha tênue entre bobo e repugnante, e quanto mais ela pudesse ser usada como uma corda bamba, melhor.

Floyd era fã dos Ramones, e nós éramos fãs do *Uncle Floyd*. E não éramos os únicos. *Uncle Floyd* tinha seguidores importantes. John Lennon assistia ao programa. David Bowie também. Nada mau para um programa transmitido pelo canal 68, no fim do UHF. Se você morasse em Manhattan, pelo menos podia ver o canal 68 com boa definição na TV a cabo. Se morasse no Brooklyn ou no Queens, precisava segurar a antena, ficar num pé só e usar a outra mão para mexer em um cabide de metal. Para muitos espectadores, valia a pena.

O estúdio WBTB-TV em Newark era minúsculo. Dublamos "Sedated" em um espaço do tamanho da sala de alguém. Havia um fundo azul básico que dava ao lugar uma aparência amadora, e não era por acidente. Havia uma atmosfera. Era difícil manter o tempo com a gravação porque não havia monitores. A canção ecoava pela sala e às vezes ficávamos fora do compasso, ou o Joey ao vivo parava de dublar a letra um momento antes de o Joey da gravação parar de cantar. Mas ninguém se importou. Era o *Uncle Floyd*.

Uma ou duas vezes por minuto, fomos interrompidos pelos esquisitos personagens regulares de Floyd. Havia Scott Gordon, o malandro que usava meia-calça na cabeça e tentava roubar a calça de Joey. Havia um sujeito de meia-calça que se chamava Captain Amazing e mal parecia ser capaz de levantar o baixo Fender Precision de Dee Dee se sua vida dependesse disso. O elenco de desajustados estava fazendo John sorrir, o que já era grande coisa.

Quando chegou a hora do intervalo, Floyd Vivino pediu para cada um de nós uma forma mais interessante de dizer "Voltamos já, depois destas palavras importantes". Minha sugestão foi "Até depois".

– Eu sabia que a sua ia levar os pratos em consideração – Floyd comentou, acrescentando: – Essa é a pior piada de baterista. É muito batida. *Ba-dum-bum*. *Ching*. Era isso que tornava o *Uncle Floyd* engraçado e viciante. Receber uma salva de palmas de duas dúzias de pessoas em uma caixa de sapatos em Nova Jersey nunca foi tão bom.

Alguns dias depois, em 2 de julho, estávamos sendo vaiados por cinquenta mil. O Canadian World Music Festival estava acontecendo no Exhibition Stadium de Toronto. O estádio era uma espécie de retângulo de formato estranho com um campo de grama artificial. Construído como um parque de diversões, depois adaptado para o futebol canadense, ele tinha acabado de ser reconfigurado para atender os Blue

Jays, o time de beisebol em ascensão da Liga Principal de Toronto. John me disse que era horrível para o beisebol. Os ângulos de visão eram péssimos. A arquibancada do lado esquerdo tinha vista para lugar nenhum. O lugar tinha um problema de identidade.

O festival também. Estávamos abrindo para Ted Nugent, o Aerosmith viria em seguida. John citou Yogi Berra, que uma vez disse que era um *déjà vu* de novo. Era mesmo – como abrir para o Black Sabbath em Atlanta. Havia grupos de garotos gostando do show, mas então vieram as vaias e, por volta da sexta ou sétima música, a artilharia. Foram moedas, latas e qualquer coisa sólida o bastante para arrancar daqueles assentos de beisebol ruins. A essa altura, estávamos usando o dedo do meio tanto quanto as paletas, as baquetas, os microfones.

Antes que pudéssemos levantar acampamento e voltar para Nova York, Steven Tyler, vocalista do Aerosmith, apareceu no nosso camarim. Os álbuns da banda de Boston, incluindo *Toys in the Attic* e *Rocks*, eram clássicos das estações de FM e tinham sido disco de platina várias vezes. Diziam os rumores que o Aerosmith estava tendo problemas pesados com drogas nessa época, mas Tyler pareceu sóbrio e sincero. Ele disse que era fã dos Ramones e que sentia muito pelo que tinha acontecido lá fora. Disse também que estávamos à frente do nosso tempo e que um dia muitos jovens iam comprar discos dos Ramones e se gabar de terem visto a banda arrebentar em Toronto anos atrás.

Essas palavras ajudaram muito a acalmar John, Joey, Dee Dee e a mim. Não era muita gente que entendia quanto trabalho dava simplesmente subir ao palco quando chegava a nossa vez. Eram centenas de quilômetros de viagem e milhares de metros de fios antes de tocar uma nota, uma batida. Estávamos cheios dos maus-tratos. Ter alguém como Steven Tyler se aproximando assim – quando não precisava e talvez nunca mais fosse cruzar nosso caminho de novo – significava que podíamos atravessar a fronteira para os Estados Unidos sem sentir que precisávamos começar um incidente internacional.

Fomos embora antes de ter a chance de ver o Ted Nugent. O disco do Motor City Madman não tinha vendido tão bem quanto o *Cat Scratch Fever* uns dois anos antes, mas ele continuava arrasando em estilo Nugent. Todo mundo dos Ramones amava "Journey to the Center of the Mind", de seu primeiro grupo do fim dos anos 1960, Amboy Dukes. Mas John era o único que gostava das crenças pessoais e políticas do Nugent,

que eram basicamente matar e comer qualquer coisa que se mexesse. Teria quase valido a pena ir a Toronto ser vaiado para ver Ted e John concordando em como Ronald Reagan ia chegar valsando à Casa Branca e mandar os malandros do Estado do Bem-Estar Social para campos de trabalhos forçados, mas isso ia ter de esperar outra turnê ou nunca.

Nossa maior dificuldade para sair de Toronto não era Joey precisar atravessar a fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá diversas vezes. Era Monte e sua maleta. Dee Dee e eu a escondemos dele. Fazíamos muito isso só para ver Monte ter um ataque. Dessa vez foi numa cabine de banheiro. Foi só o décimo ou décimo quinto lugar nos bastidores que ele procurou. Nós facilitamos daquela vez.

Era um longo caminho de Toronto para casa, e John já estava nos enlouquecendo depois de uma ou duas horas a leste da US Route 90. Quando ele abriu a segunda lata de sardinhas num intervalo de quinze minutos, Joey balançou a cabeça. Quase dava para vê-lo revirando os olhos por trás dos óculos escuros. O resto de nós não gostava muito mais dessa culinária. John e suas sardinhas deixaram a van fedendo. Mas Joey achava que John fazia isso para irritá-lo em especial, e provavelmente tinha razão.

– Você pode parar com a merda das sardinhas? – Dee Dee perguntou. – Você vai matar a gente.

– Ei – John respondeu. – Me deixe em paz. É melhor para você.

Era bom para a carteira dele. Como o resto de nós, John recebia um vale diário que incluía custos com alimentação. Mas quanto menos ele gastasse, mais sobrava em sua conta bancária cada vez maior. John se gabava de nunca fazer retiradas. Nenhuma. Nunca. Ele também guardava pilhas de dinheiro na gaveta da cômoda. Não era para dar gorjetas para entregadores, muito menos para jogar pela janela para multidões de executivos.

As preferências culinárias de John eram qualquer loja de conveniência da 7-Eleven na beira de qualquer estrada. Lá, ele se abastecia de leite e biscoitos Pepperidge Farm. Ele bebia leite muito rápido, a ponto de engasgar muito para conseguir engolir tudo, e a banda ficar com medo de sair pelo nariz dele a qualquer minuto. Marion disse a John que ele comia muito laticínio, mas era como dizer que ele guardava muito dinheiro.

Durante os meses de calor, como naquele momento, John gostava de ouvir partidas de beisebol no rádio, mas a banda avisou que não queria escutar três horas de *play-by-play* e comerciais de Midas Muffler. Então John usava fones de ouvido e um rádio transistor. Fazíamos uma votação do que ouvir no rádio, mas descobrimos com o tempo que ninguém tinha objeções aos clássicos do rock. Então sintonizávamos na estação de clássicos mais forte da FM e, num raio de oitenta quilômetros de Nova York, era sempre a WCBS-FM.

Os shows maiores que estávamos fazendo nos últimos tempos possibilitaram o *leasing* de uma nova van da Dodge. Era vinho e prata e comportava quinze passageiros. A van vinha com um novo acessório que não só proporcionava mais conveniência, mas também mais uma maneira de infernizar Monte. Atrás, do lado direito do assento do motorista, havia um segundo controle digital do rádio. Permitia que alguém na primeira fileira de passageiros mudasse de estação e ajustasse o volume.

Monte não sabia disso. Então, com John no banco da frente, eu sentei atrás e comecei a mexer no dial. Logo encontrei uma estação que tocava disco.

– Ei, Monte – Dee Dee chamou. – Desliga essa merda!

– Eu não fiz nada – Monte respondeu. – Não sei o que aconteceu.

– Ah, Monte – eu falei. – Pare de zoar com a gente.

Mexi no dial para uma estação de ópera e aumentei o volume.

– Precisamos ouvir essa merda no caminho até Nova York? – John perguntou. – E eu não posso nem ouvir um jogo dos Yankees? – John sorriu para mim. Ele sabia o que estava acontecendo.

– Você viu! – Monte respondeu. – Você viu as minhas mãos! Não encostei em nada.

– Você está puto porque a gente escondeu sua maleta? – perguntei. – Desculpe, Monte. Não vai acontecer de novo.

Continuamos a piada até chegar à Route 81 South. Monte finalmente descobriu a verdade e perguntou por que a banda precisava fazê-lo enlouquecer o tempo todo. Respondemos: tédio.

A sul de Syracuse, encontramos um Cracker Barrel e saímos da estrada. Depois de ir ao banheiro e pedir metade da comida no cardápio, a primeira coisa a fazer foi esconder a maleta de Monte de novo. Ele tinha trazido junto, o que era bom, e deixado embaixo da mesa, o que também

era bom. O que não era bom é que ele tinha algemado a maleta à perna da mesa. Eu não sabia se ele estava carregando as algemas só para isso, mas esperei que sim. Em todo caso, pedi um pedaço da melecada berinjela com parmesão que Dee Dee estava comendo e espalhei pela alça da maleta.

Quando saímos, Dee Dee me perguntou se eu tinha comido sobremesa. Quando disse que não, ele apontou para a frente da van. Era uma noite quente e abafada de verão no norte do estado de Nova York, e isso em geral significava um monte de insetos esmagados no para-brisa.

– Quanto? – perguntei.

– Vinte e cinco dólares – Dee Dee respondeu.

– Vinte e cinco cada – respondi.

– Ah, não – John entrou na conversa. – Não vou entrar nessa.

– Eu entro com vinte e cinco – disse Joey.

– Não vou assistir a essa merda – disse Linda.

– Ninguém está forçando você – respondi.

Então peguei uma mosca de cavalo esmagada do vidro do lado do motorista, coloquei na boca e engoli.

– Viu o que eu faço por você? – falei para Monte.

– Meu Deus! – Vera exclamou.

– Certo, Marc – disse Marion. – Chega por hoje.

– Preciso da minha dose de proteína – respondi, colocando a segunda mosca na boca.

– Você vai passar mal – disse Linda.

– Não, *você* vai passar mal – devolvi. – Eu acabei de ganhar setenta e cinco dólares.

Com isso, coloquei na boca a mosca de cavalo morta número três, engoli e entrei na van.

***

Fomos ver uma pré-estreia de *Rock'n'Roll High School* juntos no Texas, mas o filme fez sua estreia limitada nos cinemas em 24 de agosto.

Naquela noite, com um amigo, fui assistir ao filme disfarçado. O Playhouse da 8th Street em West Village era o tipo de cinema que fazia de Nova York o que a cidade era. Eles exibiam filmes independentes, de arte, clássicos de terror e qualquer coisa que quisessem. Foi o Playhouse da 8th Street que colocou *The Rocky Horror Picture Show* no mapa e o transformou em uma instituição da meia-noite.

Eu estava de short, regata e tênis sem meia. Estava usando óculos comuns e chapéu de pescador. E queria me divertir como todo mundo. Queria ter a experiência de ver o filme como alguém que não tinha visto Dee Dee Ramone engolir dúzias de anfetaminas num pátio de Los Angeles. Pareceu ter funcionado. Sentamos no fundo, e ninguém falou nada.

Foi surreal. Como uma banda, a gente parecia um monte de alienígenas enfiados em um filme de verdade. A única coisa que faltava era o papel-alumínio na minha cabeça. Ali estava – a Califórnia ensolarada mais quatro sujeitos de jaqueta de couro representando a Costa Leste. Não uma coisa em que eu tinha pensado enquanto filmava, mas agora estava totalmente claro e era hilário. Você podia ter nos colocado em outro filme novo, como *Os Selvagens da Noite*, quase sem problemas, mas meio que teríamos nos encaixado ali, então quem teria se importado? *Rock'n'Roll High School*, no entanto, funcionou do próprio jeito. Era absurdo. A plateia gargalhou e aplaudiu. Não estavam agradando o Ramone solitário e disfarçado na plateia. Tinham gostado de verdade.

Durante uma hora e meia, fomos gigantes. Não no sentido cinematográfico, como Elia Kazan ou John Huston. Estávamos em uma tela grande, em que uma cabeça com cabelo comprido era um floresta negra e uma espinha era o monte Vesúvio. Joey podia ser um monstro em um filme japonês esmagando pequenos carros de brinquedo. Quando nós quatro aparecemos desfilando pela rua até o Rockatorium ao som de "I Just Want to Have Something to Do", a plateia do 8th Street Playhouse bateu palmas para acompanhar. Eu parecia mais bobo do que achei que fosse ficar andando e batendo minhas baquetas, mas tinha funcionado. Ouvi os pés batendo no chão do cinema. Éramos *os caras*, e por um tempo todos nós tínhamos alguma coisa para fazer – alguma coisa bem ridícula – juntos.

Quando subiram os créditos de encerramento, meu amigo e eu saímos pelos fundos. Eu não sabia se *Rock'n'Roll High School* era o próximo *Rocky Horror Picture Show*, mas podia imaginar o rosto de Dee Dee aparecendo na tela e a plateia da meia-noite jogando mãos cheias de comprimidos. Ou cuspindo leite em John. O filme prometia ser um clássico cult.

***

No dia 17 de outubro, no Marietta College, em Ohio, encontramos o Police. Era a banda, com "P" maiúsculo, o que era bom porque a outra polícia poderia querer saber o que havia dentro dos bolsos e das meias de Dee Dee.

Estávamos abrindo para eles. "Roxanne" e "Can't Stand Losing You" estavam nas paradas, e seu segundo álbum, *Reggatta de Blanc*, que estava prestes a ser lançado, estava fazendo muito barulho. Sempre nos sentíamos em casa no Reino Unido e queríamos fazer a mesma gentileza para as bandas britânicas na nossa casa. Então John e eu fomos até o camarim deles para cumprimentar o Police e desejar sorte.

Sting estava se olhando no espelho e arrumando o cabelo. Fomos até ele, e John fez as apresentações.

– Tudo bem? Johnny dos Ramones, e este é o nosso baterista, Marc.

– Prazer.

Sting estendeu a mão para apertar a de John. "Apertar" é exagero.

Ele segurou a mão sem fazer força e soltou. E não chegou até a minha mão estendida. Sting olhou para o *bottom* do selo presidencial dos Ramones na jaqueta de John.

– Onde você conseguiu esse *bottom*? – ele perguntou. – Woolworth's?

Ficamos chocados. Não parecia que ele estava brincando. Não havia nenhum sinal de sorriso no rosto do Sting. Talvez fosse um teste, mas nós éramos os Ramones e não nos submetíamos a testes. Já tínhamos nos formado no colégio do rock'n'roll.

– Quer saber? – eu disse. – Vá se foder.

– É, vá se foder – John emendou.

Demos meia-volta e saímos sem esperar para ver a reação. Era melhor sair e acabar com eles no palco. Enquanto atravessávamos o corredor, começamos a colocar um pouco da raiva para fora.

– Que cuzão! – John comentou.

– Não é nada de mais – respondi. – Só reggae oxigenado.

Pensei no logo dos Ramones que Gordon Sumner tinha inventado. Trazia uma águia-careca com um taco de beisebol. O taco estava ali para bater em moleques. Moleques como Sting. *Com um moleque como aquele, o que você pode fazer?*

Foi um longo caminho de Marietta até Detroit naquela noite. Ainda não tínhamos a vantagem de o álbum de Phil Spector ter sido lançado, mas o lançamento de *Rock'n'Roll High School* estava definitivamente ajudando em termos dos lugares onde podíamos tocar e o que podíamos pedir. O público do Meio-Oeste americano tinha se tornado maior, então o filme devia continuar rendendo.

Eram por volta de duas da madrugada, e chegamos a Ohio, rumo a oeste na US Route 90. Monte estava apagando. Dava para ver. Ele não tinha dormido de fato, mas estava lutando. A van saía um pouco da linha, e ele piscava rápido, grunhia e mexia os ombros.

– Certo, chega dessa merda – disse John. – Você vai matar todo mundo. Vamos assumir.

Nesse momento, paramos e mudamos de lugar. John sentou no banco do motorista, sentei no lugar de John na frente, e Monte assumiu meu lugar no banco de trás. Não fazia cinco minutos que tínhamos voltado para a US Route 90, e Monte já tinha apagado. Ele roncava como um cortador de grama.

John gostou de dirigir a van. Ele gostava de dirigir qualquer coisa. Não tinham sido o verão nem o outono mais felizes do mundo para ele. John estava tendo os problemas de sempre com Roxy e a bebida. O receptor dos Yankees e um dos jogadores favoritos de John, Thurman Munson, tinha morrido num acidente de avião no começo de agosto. Aconteceu em Canton, Ohio, o mesmo estado que estávamos atravessando. Eu não teria sabido o significado do lugar, mas John mencionou quatro vezes. E também reclamou que pela primeira vez em quatro anos os Yankees não tinham chegado às *playoffs*.

Claro, John era mobilizado por uma série de coisas que eu não entendia. Eu não entendia mesmo a obsessão com o beisebol nem a fixação pelo dinheiro. Quando você juntava as duas coisas, eu ficava totalmente perdido. John colecionava cartões de beisebol do começo dos anos 1930 do mesmo jeito que fazia quando era criança. Parecia legal até você entender o que ele fazia na verdade. Um garoto normal abriria a embalagem, enfiaria o chiclete na boca e depois olharia para os cartões. Depois disso, os cartões seriam virados, trocados, guardados em cadernos e pregados em murais. Para John, isso era um sacrilégio.

John abria a embalagem de um lado com cuidado, talvez até usando vapor se a situação exigisse. Depois, ele pegava uma pinça e retirava o chiclete cirurgicamente. Isso me fazia lembrar aquele jogo "Operando" da infância. John fazia com os cartões de beisebol o que Roxy fazia com as garrafas do frigobar. Depois, John fechava a embalagem de novo para proteger os cartões de beisebol para a posteridade. Porque, mesmo que não soubesse o que ia acabar fazendo quando crescesse, ele sabia que um dia poderia revender as embalagens impecáveis com um lucro enorme.

Naqueles dias um sujeito que John chamava de seu "traficante" de beisebol ia até o apartamento dele na East Tenth Street para comprar as embalagens novas, cartões individuais e cartões autografados. Depois disso, John podia reinvestir comprando pôsteres de filmes muito procurados – ficção científica ou filmes de terror dos anos 1950 – ou simplesmente aumentar sua impressionante coleção. Comprar ou esperar – era uma decisão difícil, mas como Vivien Leigh disse em …*E o Vento Levou*, amanhã é outro dia.

Outra pessoa disse certa vez que é preciso gastar dinheiro para ganhar dinheiro, mas John não precisava de muito. Quando não estávamos na estrada, parecia que ele morava no correio. Seu modelo de negócio era simples – comprar uma foto de divulgação barata de 20 x 25 cm, mandar para uma celebridade com uma bela carta, e esperar voltar pelo correio com um autógrafo em um envelope já endereçado e selado. John tinha o equivalente de listas telefônicas de retratos autografados.

Se fosse Sophia Loren, ele escrevia um pouco sobre como tinha gostado de *Começou em Nápoles*. Se fosse Whitey Ford, ele escrevia sobre como tinha gostado de uma jogada específica do quarto jogo da World Series de 1950 contra o Phillies. Mesmo que John tivesse dois anos na

época. Não importava. O principal era que John sabia mais sobre conhecimentos gerais do que os convidados de um game show de dia de semana da TV aberta e que essas fotos voltavam autografadas.

Se ele sabia um pouco demais sobre celebridades e o que os retratos autografados valiam no mercado dos colecionadores, John sabia demais sobre a vida pessoal dos funcionários do correio que o atendiam. Ele sabia que Joe do atendimento e a esposa tinham acabado de ter gêmeos, mas que o irmão um pouco menor tinha cólicas. E sabia que Marsha da separação de pacotes tinha um filho de dezenove anos se matriculando na NYU.

– Como ela vai conseguir pagar? – ele nos perguntou. – Marsha ganha só uns doze mil e meio por ano. Dá só nove mil depois dos impostos. Mas acho que o marido dela tem um cargo no Conselho de Educação.

Eu me perguntava se o povo dos correios sabia quantos insetos eu tinha tirado do para-brisa e comido em troca de dinheiro ou que pôsteres do Godzilla estavam sendo leiloados naqueles dias. No fim das contas, nada disso importava. O que importava era que os roncos de Monte soavam como um caminhão cegonha com um eixo solto. Estávamos chegando perto de Toledo, e eu disse a John que achava que tinha chegado a hora. Ele concordou.

– Puta merda!!! Cuidado!!! – gritei com todas as forças, e Monte acordou como um zumbi.

– O que… o que aconteceu?

– Nada, Monte – John respondeu. – Volte a dormir. Parece que você estava tendo um sonho erótico.

– Boa, Sloth – disse eu. Era o nosso apelido para John.

– Você é doente – disse Monte. – Vocês todos são loucos. Achei de verdade que íamos morrer.

– Quase – respondi. – Vamos para Detroit.

O State Theatre em Detroit era um prédio clássico e antigo de tijolos que comportava duas mil e trezentas pessoas. Já tínhamos feito a passagem de som e tínhamos uma ou duas horas para matar antes de escurecer. John e eu fomos andar pela Woodward Avenue. A área estava meio deteriorada. Tinha sido uma década difícil para o país, e Detroit em especial levou um chute no saco. Mas a cidade estava tentando se recuperar.

A cerca de meio quarteirão do State Theatre paramos em uma obra. Havia uma abertura na cerca sem corrente. Havia umas duas escavadoras ali, mas parecia que a escavação ainda não tinha começado. O terreno estava quase todo coberto de cascalho e pedras soltas. Detroit de fato era a cidade das pedras.

– Ei, veja isso – disse John.

Ele pegou uma pedra mais ou menos do tamanho de uma bola de beisebol e, dando dois passos de impulso, a jogou no terreno. Não tinha sido um arremesso ruim – provavelmente quase noventa metros.

– O que você quer que eu faça?

– Veja se consegue passar disso.

– Certo.

Eu não era conhecido por minhas habilidade atléticas na adolescência. Eu jogava beisebol e basquete tanto quanto os outros garotos, em especial quando era necessário na aula de Educação Física. Mas tinha um pouco de talento quando se tratava de jogar pedras. Uma vez, joguei uma sobre a PS 217, que tinha cinco andares, mas na verdade eram seis pelos padrões normais. Quando cheguei à Erasmus, eu já estava totalmente envolvido com a bateria, o que sem dúvida me deu mais força nos braços.

Peguei uma pedra perto de onde John achou a dele e mais ou menos do mesmo tamanho. Dei um passo firme e a joguei pelos ares. Ela caiu uns dez metros depois da pedra de John e quicou algumas vezes.

– Quase – ele disse.

– Quase o quê? – perguntei. – Eu ganhei.

– Não ganhou, não.

– Dá um tempo, Sloth. A sua caiu perto daquele cone. A minha foi muito mais longe. Vá fazer um exame de vista.

Fizemos mais três rodadas. Os resultados foram mais ou menos os mesmos. Dava para ver que incomodava muito o John. Ele costumava contar que era um astro da Liga Infantil. Que quase tinha ganhado um título de rebatedor e podia ter se tornado profissional se não tivesse se envolvido com a música. Ele não conseguia deixar o assunto para lá.

– Sabe de uma coisa? – disse John. – Você pegou pedras lisas. Faz muita diferença. É a aerodinâmica.

– Claro, com certeza é isso. E seu braço é péssimo.

Começamos a nos afastar, mas então John correu uns cinquenta metros para dentro do terreno, pegou outra pedra e a arremessou como se fosse a última jogada do sétimo jogo da World Series. Deixei-o fazer o último arremesso. Tínhamos um show para fazer. Dei uma olhada em onde a pedra caiu. Tinha sido um pouco melhor dessa vez. Tinha caído diante de uma grande pilha de areia. Achei apropriado. Éramos como um bando de crianças em um tanque de areia.

***

Em 6 de janeiro de 1980, Monte foi me buscar na frente do nosso prédio na 29 John Street. Tínhamos tocado na véspera do Ano-Novo no Palladium em Nova York e só. Íamos começar a nova década indo tocar em Port Chester, Nova York. Estava frio lá fora e não era exatamente uma grande turnê, então as mulheres dos Ramones não iam nos acompanhar.

Como sempre, Monte estacionou perto do hidrante na esquina da Ninth Street com a Third Avenue e subiu as escadas para pegar Joey enquanto esperávamos dentro da van. As pessoas que acompanhavam nossa banda de perto sabiam que se tivessem alguma coisa ou alguma música para discutir, era lá que íamos estar no fim da manhã antes de um show. Lester Bangs tinha se juntado a nós algumas vezes, assim como outros críticos de música, vendedores de material promocional e *promoters*. Era o mais perto que os Ramones tinham de horário comercial. Mas dessa vez estávamos fazendo uma reunião fechada e íamos até procurar outra vaga se fosse preciso.

Monte desceu até que rápido com Joey. Talvez Monte estivesse se aprimorando naquela rotina. Talvez Linda estivesse ajudando Joey. Na verdade, ela o estava impedindo de beber cerveja demais de tempos em tempos. Ou talvez pela primeira vez Joey tivesse usado o elevador sem as subidas e descidas de sempre para ouvir o que todo mundo estava lá para ouvir – a versão final masterizada de *End of the Century*. John colcou a fita. Era o álbum inteiro na forma final.

Um DJ apresentou a faixa "Do You Remember Rock'n'Roll Radio?". Quando a banda entrou, junto com um teclado alto que ninguém nunca tinha ouvido antes, foi uma espécie de choque. Não era o som dos Ramones que nós conhecíamos ou que qualquer um conhecia. Àquela altura, ia ser uma experiência de doze faixas bem longa ficar sentado dentro de uma van numa esquina com flocos de neve caindo e uma banda em um estado de confusão.

Só que a música assentou rápido, assim como o resto do álbum. O som era maior do que estávamos acostumados. O cerne do som dos Ramones não estava tão direto quanto, mas sem dúvida estava ali. Quanto mais meus ouvidos se ajustavam, mais eu gostava. "Rock'n'Roll Radio" era poderosa. Assim como "I Can't Make It on Time" e "I'm Affected". "Danny Says" na verdade era uma experiência emocionante. Pensei nos Beach Boys nos tempos de *Pet Sounds*. A música estava muito bem disposta em camadas. Nem todas as faixas eram incríveis. "The Return of Jackie and Judy" devia ser minha menos favorita, mas tinha pelo menos tanto a ver com a canção em si quanto com a produção.

Eu me senti bem. Fiquei aliviado. Se aquilo era uma experiência – uma grande experiência de Phil Spector –, tinha sido bem-sucedida, mesmo com todo o drama do estúdio. Achei que, assim que fosse lançado para o público, com certeza íamos ganhar novos fãs, e os velhos fãs dos Ramones – ou pelo menos a grande maioria – ia aprender a gostar do álbum.

John e Dee Dee não estavam entre esses fãs dos Ramones. Dava para ver na linguagem corporal deles. Joey e eu estávamos balançando a cabeça acompanhando a batida. John e Dee Dee estavam olhando para o nada, quase sem expressão. John disse a Monte que precisávamos pegar a estrada, e Monte saiu da localização do nosso escritório. A viagem até Port Chester foi quase silenciosa. Ouvimos a WCBS-FM, 101.1, de clássicos.

No camarim de Port Chester, John finalmente rompeu o silêncio, mas bem rápido.

– Não ficou bom – ele disse, balançando a cabeça. – Não ficou bom.

No álbum em que ele mesmo tinha tocado, havia ótimas guitarras dignas de uma análise mais meticulosa, mas fazia tanto sentido discutir isso com ele quanto discutir as pedras arremessadas em Detroit. O punk não era uma religião. A música não era uma religião. Você experimentava

umas coisas novas, elas funcionavam ou não, e você seguia em frente. Abrimos algumas portas novas, e estava na hora de olhar para o outro lado. Nunca submetemos nosso som de verdade, mas eu não nos via voltando exatamente ao formato e à produção que os Ramones tinham usado no passado. Enquanto Joey cantava "Rock'n'Roll Radio", definitivamente era o fim dos anos 1970.

Joey não queria sair do avião no Heathrow Airport. Tínhamos vinte shows para fazer em vinte cidades ao longo de vinte e quatro dias na Inglaterra, mais pelo menos duas participações importantes na BBC – *The Old Grey Whistle Test* e *Top of the Pops*. A lista de cidades parecia a lista de chamada na Câmara dos Comuns: Brighton, Leicester, Cambridge, Norwich, Exeter, Aylesbury e assim por diante. O Reino Unido amava os Ramones, e, se tínhamos uma chance real de um álbum que entrasse para a parada dos Top Ten, era aqui. Tínhamos chegado para conquistar, mas não ia acontecer merda nenhuma se Joey não pusesse os pés em solo britânico.

Monte subiu as escadas da aeronave e reembarcou no Boeing 747. Joey parecia meio triste e patético na pequena janela do assento 23H, com as pernas compridas dobradas e encostando no joelho. Como sempre, John era o mais irritado. Se alguém entregasse a ele uma caixa grande de ovos, ele teria jogado todos em Joey. No começo, achamos que se todo mundo saísse do avião Joey viria junto, mas já fazia mais de meia hora de espera. Parecia fazer dez horas, e não era blefe. Nosso vocalista estava totalmente sério sobre querer voltar para o JFK. Sobre *precisar* voltar para o JFK.

Monte estava munido de todas as táticas sutis e não tão sutis. Aquilo não era uma porta ou um elevador. Não era nem uma viagem pela cidade para voltar ao aeroporto. Era uma viagem para o outro lado do Atlântico. Os Ramones já tinham aterrissado e fincado uma bandeira. Não tinha

volta. Não importava o que Joey precisasse tocar no Queens. A Rainha estava esperando. Assim como todos os seus súditos. E a British Airways.

No fim das contas, o que o Monte e os Ramones tinham a nosso favor era tempo. Em algum momento na marca dos quarenta e cinco minutos, Joey colocou a cabeça no lugar. Ninguém fazia ideia do que estava acontecendo dentro daquela cabeça. Mas sabíamos pela nossa experiência que podíamos esperar um pouco mais se fosse necessário. E era necessário.

A banda encerrou a turnê em Londres em fevereiro. Tivemos um dia livre antes da filmagem nos estúdios da BBC. Apesar de a Inglaterra não ser famosa pela ótima culinária como a França e alguns outros países europeus, Marion e eu adorávamos. Naquela noite, fomos ao restaurante do hotel e fizemos a festa. Pedimos filete de bacalhau e, como esperado, o chef veio até a mesa para tirar a espinha do peixe. Era uma grande produção, como um programa de culinária de TV sem as câmeras. Foi feito de um jeito limpo, rápido e com precisão.

No dia seguinte, nos BBC Studios, contamos a John sobre nosso jantar na noite passada. Ele ficou perplexo e horrorizado. Era difícil dizer o que o estava deixando mais confuso – por que nos sujeitar ao ritual de limpeza do peixe ou por que gastar todo aquele dinheiro. Ouvindo-o falar, daria para pensar que levamos todo o nosso dinheiro e mais um pouco e compramos as joias da coroa. Nós explicamos que estávamos na Inglaterra – não no Queens, no Brooklyn ou no Bronx – e aquilo tudo era parte de uma experiência incrível. John resumiu para nós o que achava em duas palavras – "nigger rich".[1]

Mas tínhamos uma coisa em comum com John – peixe. Enquanto estávamos comendo o bacalhau, ele estava jantando atum e sardinha enlatados comprados em um mercado de descontos em Londres. John viajava em grande estilo. Ele sempre levava seu abridor de latas em voos transcontinentais. Até onde sabíamos, ele nunca na vida tinha pedido serviço de quarto. Se estivesse com vontade de esbanjar, ele talvez comesse na cafeteria do hotel.

O *Top of the Pops* fez sua estreia em janeiro de 1964. A primeira apresentação, na véspera do Ano-Novo, trouxe os Rolling Stones tocando "I Wanna Be Your Man", The Dave Clark Five com "Glad All Over", os Beatles com o sucesso número um da época, "I Want to Hold Your Hand", e diversos outros artistas de peso. Considerando que os Ramones iam

tocar "Baby, I Love You", de Phil Spector, estávamos na companhia da realeza. O *Top of the Pops* podia ser comparado ao *Ed Sullivan Show* nos Estados Unidos, mas havia diferenças importantes, a começar pelo fato de que no *TOTP* você tocava ao vivo.

Não só a banda tocava ao vivo. Todo instrumento de apoio do estúdio também precisava ser tocado ao vivo. As regras do sindicato eram rígidas na Inglaterra quando o assunto era o rádio e a televisão. Enquanto nos Estados Unidos você podia se apresentar ao vivo acompanhado de uma trilha sonora com um arranjo de cordas ou simplesmente dublar a coisa toda, no *TOTP* eles traziam meia dúzia de violinistas profissionais e contratavam outros músicos para representar a gravação numa escala de um para um. Não era o *Uncle Floyd Show*.

Nossa pausa para o almoço no refeitório do estúdio foi um evento em si e não só porque John podia comer de graça. Havia dúzias de atores usando figurinos de época – shakespearianos, vitorianos, cavaleiros da Távola Redonda. Era como uma cena de *A Hard Day's Night: Os Reis do Iê Iê Iê* e representativo do entretenimento inglês se comparado ao americano. O entretenimento inglês era o teatro. Até a música inglesa era teatral.

O ator de vinte e poucos anos de *collant* verde na mesa ao lado comendo pudim inglês podia não parecer muito imponente enquanto limpava o queixo, mas em uma hora ele seria totalmente convincente como Robin Hood, roubando dos ricos para dar aos pobres. Duas mesas à esquerda, o homem de meia-idade colocando ketchup no antebraço podia estar aumentando seu ferimento falso enquanto interpretava Jack, o Estripador. Pelo menos esperávamos que ele estivesse se preparando para uma cena.

Tocamos "Baby, I Love You" ao vivo diante de uma plateia. O palco estava limpo e era estreito e iluminado por luzes fluorescentes ovais enormes acima de nós. Garotos ingleses muito bem vestidos se balançavam diante do palco. Mais ao fundo, mais alguns garotos ingleses bem vestidos dançavam lentamente sob um teto com sistema de iluminação de tabuleiro de damas. Não havia roda punk. Nosso som saiu grandioso, redondo e produzido, exatamente como o álbum de Phil Spector. Joey cantou com sentimento, contradizendo qualquer problema pessoal que ele estivesse enfrentando. O backing vocal de Dee Dee foi preciso. Eu toquei para valer, fazendo o que Jim Keltner tinha feito no

disco. Minha bateria ficou um pouco sufocada pela orquestração, mas isso, claro, era uma parede de som.

Aqueles garotos bem vestidos compraram discos. O *single* de "Baby, I Love You" era o número oito nas paradas britânicas. Do outro lado do mar da Irlanda, era o número cinco. O álbum era o número catorze na Inglaterra. Nos Estados Unidos, o disco tinha chegado ao auge no número quarenta e quatro da parada da *Billboard*, ainda que o *single* não tivesse chegado à parada de jeito nenhum. O copo estava meio cheio e, claro, meio vazio. Do ponto de vista das vendas, era o mais alto a que já tínhamos chegado dos dois lados do Atlântico. Em poucos anos, os Ramones tinham ido de um incômodo do centro de Nova York para uma sensação internacional, de inventar o punk a ajudar a torná-lo uma força viável na música comercial. Tocamos para públicos maiores por mais dinheiro e com mais cobertura da mídia.

Do lado meio vazio, não havia nenhum hit meteórico, nenhum disco de platina triplo em vista e nenhuma turnê como atração principal em estádios de beisebol ou futebol americano. Ouvi John e Dee Dee fazerem alguns comentários sobre nem mesmo o grande Phil Spector conseguir fazer alguma coisa pelos Ramones. Comentei que ele tinha feito mais do que os dois provavelmente tinham se dado conta, e a música que tínhamos acabado de tocar na BBC provava isso. Não que eu tivesse todas as respostas do mundo, mas tinha estado em muitas bandas e sabia que o sucesso era perigoso porque estimulava o apetite para mais sucesso, mesmo que você não soubesse exatamente o que isso significava. Ter orgulho do que você tinha conquistado não era um substituto ruim para o sucesso. Era o que tornava qualquer tipo de sucesso válido.

Vi o resto da banda entender o conceito até certo ponto, mesmo que não tivesse sido dito. Enquanto andávamos de van, ônibus e avião, conversamos sobre voltar para o estúdio logo e gravar outro álbum. Fizemos planos de continuar em turnê nos Estados Unidos e no mundo. Tínhamos até um novo empresário, na figura de Gary Kurfirst.

Gary Kurfirst cresceu em Forest Hills e conhecia John do bairro. Ele era um agitador do rock desde o ensino médio e marcava grandes shows no West Side Tennis Club e no Singer Bowl, no Queens, e tinha atravessado o East River para inovar em Manhattan. Ele começou o Village Theater, que se tornou o Fillmore East de Bill Graham. Aquela casa tinha um profundo significado pessoal para mim. Quando mais nova, Marion tinha ido ver

Janis Joplin, The Doors e Jimi Hendrix no festival a céu aberto de Kurfirst no Flushing Meadows Park, um evento que alguns afirmavam ter aberto o caminho para Woodstock. Ouvimos rumores de que Gary costumava imprimir trezentos ou quatrocentos ingressos extras para esses primeiros shows no Queens e embolsar uma pequena fortuna, mas aquilo era o *show business*.

Mais recentemente, Gary Kurfirst tinha se tornado empresário do Talking Heads e do B-52's. Ele tinha um escritório de oito ou nove pessoas na esquina da Fifty-Seventh Street com a Broadway, um prédio cujo térreo sediava a famosa Coliseum Books e no andar de cima abrigava outro tipo de livro – os livros mantidos pelos contadores mais famosos no mercado de música. Gary não era nosso amigo, mas era cuidadoso, profissional e fazia o trabalho. Eu respeitava isso. Acrescentando nosso agente de turnês, Frank Barsalona da Premier Talent, que cuidava de praticamente todos os grandes artistas que um competidor de game show conseguisse citar em sessenta segundos, os Ramones estavam prontos para continuar fazendo o que fazíamos, que era divulgar a música dos Ramones.

***

Em 6 de junho de 1980, tocamos no Six Flags Great Adventure em Jackson, Nova Jersey. Tocar em um parque de diversões não era lá essas coisas na estratosfera do rock comparado a, digamos, tocar em um estádio de futebol na Itália. Mas, em defesa do Great Adventure, ele não era um parque de diversões típico. Localizado no interior da costa a que Bruce Springsteen talvez estivesse se referindo quando cantou sobre *the swamps of Jersey*, o parque foi construído em cerca de dois mil metros quadrados e incluía um safári com animais que deixava no chinelo qualquer coisa que a Disney já fez. Eu amava animais, ainda mais se fossem fãs dos Ramones. E se avultando sobre a cidade nos pântanos ficava a Giant Wheel, a roda-gigante mais alta do mundo. Provavelmente

era a estrutura mais alta já feita pelo homem no Garden State, e quando ela se tornava visível da Route 195, Monte podia jogar o itinerário fora.

Nosso camarim era um trailer cercado por árvores e grama. Achamos que era o camarim do safári. Os nativos estavam inquietos. Dee Dee tinha usado alguma coisa, talvez cheirado cocaína. Os *roadies* também tinham tomado alguma coisa. Joey estava tomando uma cerveja depois da outra. Normalmente ele não fazia isso com Linda por perto, mas Linda não estava por perto. Não muito, pelo menos. Ela e John tinham saído do trailer e não tinham voltado.

Com a ajuda de Monte, reunimos as tropas e fomos até a área externa do show para fazer a passagem de som, mas as portas estavam trancadas. Na verdade estávamos adiantados, o que era incomum para uma banda de rock, mas, até aí, nós sem dúvidas não éramos uma banda de rock comum. Matar o tempo em um parque de diversões não era exatamente algo difícil, ainda mais quando você tinha passe livre para usar todos os brinquedos.

Fomos até a Rolling Thunder, que era a mãe de todas as montanhas-russas. Enquanto estávamos na fila, os fãs começaram a se aproximar e pedir autógrafos. Joey não era tão alto quanto a Giant Wheel, mas era maior que todas as outras pessoas ali. Dee Dee e eu também estávamos bem óbvios. Mesmo sem as jaquetas de couro no sol quente, tínhamos o cabelo comprido e o comportamento. De repente, nos tornamos uma das atrações do Great Adventure.

Joey desistiu da Rolling Thunder. Fazia sentido, porque, quando ela entrava em movimento, eram cinco minutos de terror, e não dava para voltar para tocar alguma coisa. Dee Dee disse a ele que havia muitos brinquedos para crianças em um lugar como aquele. Ele estava brincando, mas Joey não achou graça. Ele não parecia estar achando graça de nada. Depois da Rolling Thunder, Dee Dee e eu fomos para a outra montanha-russa, a Lightnin' Loops, e pronto. Nós nos destacávamos demais. Foi como a versão de *Rock'n'Roll High School*, mas só que em um parque de diversões.

O lugar estava lotado para o show, e a multidão gostou do passeio. Demos voltas por um set de vinte e sete músicas, das alturas de "Blitzkrieg Bop" até o refrão sutil de "Here Today, Gone Tomorrow" e de volta ao alto com "Pinhead", até finalmente encerrar com "We're a Happy Family".

À noite, enquanto estávamos nos aprontando para entrar na van, peguei um pequeno suvenir do safári, um sapo. Eu provavelmente poderia ter ganhado uns bons cem dólares por comê-lo, mas tinha planos maiores para meu amigo verde. Fui até Dee Dee e coloquei minhas mãos fechadas perto da barriga dele. Depois soltei o novo mascote dos Ramones. O sapo deu um salto de mais ou menos meio metro no peito dele. Dee Dee teve um ataque. O sapo também. Dee Dee pulou para trás e bateu no bicho algumas vezes com um pânico igual ao de um paciente de uma clínica de reabilitação sofrendo de *delirium tremens*.

– Mas que porra? Que porra é essa?

– Desculpe – respondi. – Não achei que você fosse enlouquecer. É só um sapo.

– Está falando sério? Você quase me fez ter um ataque cardíaco.

– Qual é, Goon? – falei, como eu o chamava às vezes. – Não coloque a culpa no sapo. A culpa é do que quer que você esteja usando.

– É mesmo? O que estou usando?

Dee Dee pegou seu canivete e abriu a lâmina. Era um canivete Springer de quinze centímetros que ele tinha começado a levar para todo lado, até a parques de diversão. Ele apontou para mim. Segurei o pulso dele com a mão direita e dobrei o polegar para trás em um movimento rápido. O canivete caiu no chão. Minha mão foi como um freio pneumático em um caminhão de lixo. Soltei e empurrei Dee Dee com força. Ele cambaleou para trás parecendo atordoado.

– Se fizer isso de novo, essa lâmina vai parar em você – avisei.

A volta para a cidade foi quieta, com exceção dos clássicos da WCBS-FM. Eu sabia que ele não ia me esfaquear, mas eu precisava ensinar uma lição a Dee Dee. Era para o bem dele. O mundo não é misericordioso, não desse jeito. O próximo sujeito que ele tentasse ameaçar podia matá-lo. Pensei em toda a merda que vi durante a infância e a adolescência e como isso se infiltrou em quem eu sou. Aqueles eram meus companheiros de banda. Eles podiam contar comigo, e eu esperava poder contar com eles. Nunca mencionei a rivalidade Brooklyn *versus* Queens, mas ela sempre esteve ali. Dee Dee, John e Joey eram muitas coisas, mas não eram durões.

Durante minha experiência com a banda, nunca houve uma ocasião em que John e Joey tivessem conversado muito na van ou, até aí, em

qualquer lugar. Mas agora a comunicação era zero. Joey ficou carrancudo, mesmo quando estava sentado ao lado de Linda. Durante o almoço, Marion e eu tínhamos visto John passar a mão na perna de Linda. Havia chances de que outras pessoas do nosso grupo também tivessem visto e, se não tivessem, uma série de incidentes como aquele estava acontecendo nos últimos tempos.

Eu era realista. Pessoas ficavam juntas, e pessoas terminavam. Isso, infelizmente, fazia parte da vida. No entanto, fazer desse jeito era estupidez. Fazer isso em uma situação em que todo mundo vivia junto na estrada e precisava poder contar um com o outro era pior ainda. Mas não havia o que fazer. Nada a dizer. Então ouvimos os clássicos. Não éramos uma família feliz.

Em 28 de junho, estávamos no meio de três shows em Tóquio que davam início a uma turnê ambiciosa pelo Círculo de Fogo do Pacífico, o que teria sido impensável anos antes. Estar no Japão era estar fora de fato. No Reino Unido, eu falava a língua. Na Europa, muita gente falava inglês, e eu conseguia entender muitas palavras estrangeiras. Na Alemanha, tínhamos Dee Dee. No Japão, apesar de haver exceções, estávamos lidando com uma barreira linguística muito mais completa, e outra cultural para acompanhar. Mas a banda sabia que eles adoravam o material novo dos Ramones. O pôster de divulgação era a capa de *End of the Century* com os ideogramas japoneses por cima.

A casa de show era impressionante, mas definitivamente uma mudança de ritmo. O teatro Seibu era um auditório para muitos milhares de pessoas situado no último andar de um prédio comercial grande e moderno. De onde tínhamos vindo, os auditórios ou ocupavam um prédio inteiro ou, como uma piscina, ficavam na base dele. Mas os japoneses eram inovadores.

O público de Tóquio lotou o teatro Seibu e ficou louco com os Ramones. Quando estávamos no palco tocando vinte e oito músicas com toda a força, estávamos todos falando basicamente a mesma língua. Os fãs japoneses se vestiam como nós, sabiam as letras e aplaudiam muito quando chegava o momento. Mas no caminho para o camarim, sabíamos que alguma coisa estranha estava acontecendo na Terra do Sol Nascente. Havia rachaduras nas paredes de concreto. Não eram grande o bastante para caber um dedo – tinham mais a espessura de um fio de cabelo. E mais ainda ao longo da escada. Eu sabia que a banda tinha tocado algo,

mas aquilo era ridículo. Foram as palavras de Little Matt que primeiro entraram no meu cérebro:

– Acabamos de ter um terremoto.

Não notamos nada durante o show. A vibração e o barulho dos Ramones encobriram a vibração e o barulho das placas tectônicas se movendo. Não era como os filmes de desastre japoneses a que passamos a infância assistindo. Era um pequeno terremoto. Alguém disse que não chegou a 5.0 na escala Richter.

Explicaram que os japoneses construíam suas estruturas modernas para suportar um terremoto muito maior. Eles aprenderam do jeito mais difícil. Mas, pelo que nos contaram, precisávamos evacuar o local imediatamente por precaução. Às vezes, o efeito secundário era pior do que o terremoto inicial. Pensei em uma das músicas que tínhamos acabado de tocar – "Gimme Gimme Shock Treatment". Aquele tinha sido um tipo diferente de choque, mas, se você não estava acostumado, era assustador mesmo assim.

Não houve mortes do lado de fora, até onde sabíamos. A reação em toda parte foi muito organizada. Eu e Dee Dee tínhamos planejado sair para fazer turismo, mas aquela definitivamente não era a noite. Tomei um ou dois drinques, ou três, e Marion e eu decidimos dormir um pouco no hotel.

Acordei assustado por volta das quatro da madrugada achando que talvez estivesse tendo um pesadelo. Marion ainda não tinha acordado. Quando a cama saiu do chão, pensei que alguém – talvez um lutador de sumô gigante – estivesse embaixo dela. Arrastei meu corpo até a beira do colchão e coloquei a cabeça embaixo da cama. Não havia ninguém ali.

– Foi um efeito secundário – disse Marion.

– Puta merda!

Os tremores eram muito mais aflitivos quando não se estava no meio de um show de rock. Eu não estava ansioso para ver o efeito terciário. Tomei uma taça de vinho e tentei voltar a dormir.

De manhã, Marion fez questão de colocar mais dois quimonos em nossa bagagem. O hotel fornecia robes de aparência psicodélica toda vez que limpavam o quarto da mesma forma que o Holiday Inn fornecia sabonetes novos e pequenos frascos de xampu. Não éramos como John, que, todo mundo desconfiava, tinha um armário cheio de lenços umedecidos de hotel em casa, mas para os quimonos psicodélicos

abrimos uma exceção. Eles seriam perfeitos para correr para o banheiro no número 29 da John Street. O resto da banda e da equipe também estava furtando quimonos.

Tivemos um dia livre em 30 de junho antes de viajar para fazer outro show em Nagoya. Demos uma entrevista para a televisão à tarde. Quando Dee Dee e eu voltamos para o hotel, íamos levar Vera e Marion para jantar e fazer turismo, mas elas tinham saído para fazer compras mais cedo e não tinham voltado. Então começamos nossa própria pequena turnê no *lobby* do hotel e pedimos saquê. O saquê é feito de arroz e muitas vezes servido quente. É um líquido claro que não é exatamente vinho porque é fermentado. Mas saquê também não é uma cerveja, porque uma cerveja tem aproximadamente cinco por cento de teor alcoólico, e o saquê pode chegar a vinte por cento.

Dee Dee e eu tínhamos gostos diferentes em se tratando de bebida, mas tínhamos pelo menos uma preferência em comum – mais. Tomamos cinco ou seis doses de saquê cada um e estávamos altos. Estava na hora de ir para as ruas de Tóquio.

Nenhum dos dois conhecia as ruas ao redor do InterContinental Hotel, e não eram como Chicago, Detroit ou Houston, em que você basicamente está em uma versão diferente de uma cidade grande americana. Sabíamos que estávamos perto de alguma rodovia, e era isso. Ficamos andando e rindo, olhando para um rosto japonês depois do outro. Foi como um sonho. Claro, havia muitos asiáticos em Nova York, mas havia muito de tudo em Nova York. Ali eram só asiáticos e nós, e parecia que os Ramones tinham ido parar em outro filme, um filme de monstro dessa vez. Também nos demos conta de que tínhamos subestimado o saquê. Ele subia muito e rápido. Aquela sensação gostosa tinha sido esmagada por um dinossauro de doze metros. Estávamos totalmente bêbados. Dee Dee se aproximou de um executivo de terno na casa dos quarenta.

– Ei! Ei! Está vendo aquilo? Godzilla está chegando! Cuidado, é o Godzilla, porra!

O pobre sujeito saiu correndo. Nós tínhamos, de fato, visto um monstro. Vi uma mulher bem-vestida e continuei:

– Onde está Hirohito? Onde está Hirohito? Por favor, me leve até seu imperador! Me leve ao seu líder!

Ela também se afastou, mas não tão rápido quanto o sujeito de antes. E pareceu um pouco ofendida.

Eu não sabia exatamente onde estávamos quando a polícia nos cercou nem se estávamos no segundo filme da sessão dupla. Mas eu tinha uma mensagem para os policiais de Tóquio.

– Somos os Ramones! Somos os Ramones! Viemos em paz!

– Nós tocamos *rocky-rolly* – Dee Dee gritou. – Tomamos saquê, vamos fazer xixi. A gente ama muito vocês. Amamos Nippon! Vida longa a Hirohito! Não jogamos bomba!

Uma barreira linguística do tamanho do monte Fuji foi criada. Talvez isso fosse bom. Quando ouvi as coisas que estávamos dizendo, tive certeza de que, quanto menos eles entendessem, melhor. Não sei ao certo se eles sabiam que éramos os Ramones, mas com certeza sabiam que éramos americanos e bem chatos. Um dos policiais disse alguma coisa e fez sinal para Dee Dee e eu entrarmos no carro. Não tenho certeza se era assim que as prisões eram feitas – com educação – no Japão, e não queria descobrir. Eu precisava pensar rápido, o que era difícil porque, àquela altura, eu não conseguia nem pensar devagar.

Tirei as chaves do hotel do bolso e entreguei a um dos policiais. Ele olhou para o chaveiro com o logo do InterContinental e teve um momento de reconhecimento. Dee Dee também viu.

– Isso! Isso! Viu chave? Isso! Vocês levam para *hotel-u*?

O policial mostrou as chaves para o parceiro, que assentiu e falou alguma coisa. Dessa vez, quando gesticularam na direção do carro, nós entramos.

Em vez de simplesmente nos deixar na frente do hotel, os policiais nos acompanharam até o *lobby*. Foi a coisa certa a fazer, pois estávamos cambaleando.

– Não deixem de escrever! – disse Dee Dee enquanto os dois voltavam para a entrada.

Pegamos o elevador até nosso andar e fomos para nossos respectivos quartos. Conferi se as chaves ainda estavam no meu bolso. Abri a porta, dei mais alguns passos bêbados e caí na cama.

De manhã Marion me contou que ela e Vera tinham demorado metade do dia para comprar presentes para todo mundo. Quando as duas voltaram para o quarto de Vera e abriram a porta, Dee Dee estava andando pelo quarto de quatro como se fosse um cachorro. E estava

latindo um pouco também, mas em japonês. Vera preparou uma de suas coisas favoritas – um banho de espuma. Quando entrou na banheira, ele exigiu mais bolhas e logo apagou. Vera esvaziou a banheira, e Dee Dee passou a noite lá.

A turnê de verão dos Ramones pelo Pacífico saltou para o sul da Austrália e depois para o leste da Nova Zelândia. Completei vinte e oito anos em Sydney. O último show da turnê aconteceu na cidade de Christchurch, Nova Zelândia, em 24 de julho. A Nova Zelândia é formada por duas ilhas principais. A Grã-Bretanha a adotou como colônia no século XIX, fazendo do inglês a língua oficial. Como na Austrália, a polícia entendeu cada palavra que Dee Dee e eu dissemos, com exceção das que saíram arrastadas.

Christchurch, como o resto da Nova Zelândia, tinha o tipo de beleza que existia em muitos lugares da Escandinávia. Dava para pensar que você tinha morrido e ido para o céu – se John e Joey não estivessem em plena Guerra Fria transcontinental. Como o nome dizia, havia igrejas, e fossem elas antiquadas ou modernas, eram clássicas. Olhando para o leste, dava para ver o azul perfeito do oceano Pacífico. Ao olhar para o oeste, você via as planícies de Canterbury que se estendiam até uma cadeia de montanhas cobertas por neve. Mas, como qualquer outra cidade do planeta, eles queriam ouvir "Go Mental", "Pinhead" e "Beat on the Brat".

O Christchurch Town Hall comportava cerca de duas mil e quinhentas pessoas. Era uma estrutura moderna e artística de aço e concreto em forma de arena com uma plataforma alta no centro. Para evitar o tédio arquitetônico, havia alturas irregulares entre as diferentes áreas com assentos. Marion e eu estávamos cansados da viagem, chapados do haxixe que tínhamos acabado de fumar e zanzando pelo prédio como crianças num labirinto de milharal. A banda de abertura já estava no palco. Encontramos o caminho de volta para o camarim e levamos um susto.

Havia jornalistas por toda parte. Pareciam empolgados como se a rainha estivesse fazendo uma visita, o que era ótimo, mas eu não estava em condições e nem com bom humor para responder perguntas. E o pior: toda a área dos bastidores estava iluminada por luzes fluorescentes extremamente claras que penetraram em nossas pupilas já dilatadas. Era

como se eu estivesse acordando de um sonho agradável para, em seguida, acordar de novo. Precisávamos sair dali.

O contraste entre a luz e a escuridão foi súbito e atordoante. A banda de abertura estava na terceira ou talvez quarta música, e pensamos em ver o show da lateral do palco. Subimos por uma escada, decidimos que estávamos perto demais e achamos que seria melhor ficar em um dos patamares ali perto. Apesar de não conseguir ver o show nem muita coisa àquela altura, achei que havia outra escadaria do outro lado do palco. Mas estava errado.

Caí cerca de dois metros e meio. Quando estava mais ou menos na metade da queda, eu não sabia se ia chegar ao chão logo ou se ainda tinha um longo caminho. Então, quando bati no chão do auditório, por pior que fosse, fiquei aliviado. Eu tinha sobrevivido. Meu tornozelo direito sofreu uma torção feia, e meu joelho estava arrebentado. Antes de conseguir pensar se ia conseguir fazer o show em menos de uma hora, Marion caiu em cima de mim. Era um cego conduzindo o outro, e o chapado conduzindo o chapado. Talvez eu tivesse quebrado alguma coisa, mas, pelo menos, tinha amortecido a queda dela.

Ninguém pareceu notar os dois quase cadáveres mancando pelo corredor. Ninguém no camarim pareceu se importar. Tínhamos um show para fazer. Marion conseguiu um pouco de gelo, e tentamos diminuir o inchaço. Antes que o gelo derretesse, dois mil e quinhentos neozelandeses estavam gritando: "Hey Ho, Let's Go!".

O haxixe deve ter anestesiado um terço da dor, e a adrenalina, outro terço. O terço remanescente eu senti, mas aguentei firme. Voltei para o camarim mancando, e quando Monte viu como minha perna direita estava inchada, teve um ataque. Ele e Marion tiveram que cortar minha calça para tirá-la.

No dia seguinte, pegamos o caminho de casa. A Nova Zelândia ficava tão a leste que era preciso voar para leste para chegar à Costa Oeste dos Estados Unidos. Estava frio no aeroporto. Era inverno em Down Under, e queríamos seguir viagem. Íamos voar para Cingapura, fazer escala e depois voar para Havaí, Los Angeles e, finalmente, voltar para Nova York. Monte tinha ligado para o aeroporto da Nova Zelândia com antecedência para pedir uma cadeira de rodas. Quando chegamos de ônibus, um dos comissários de bordo foi nos encontrar e me ajudou a sentar na cadeira.

Às vezes, a vida de fato imita a arte. Pensei: "*Put me in a wheelchair, get me on a plane*". Não só isso, eu queria ser sedado de verdade.

Depois de consumir todas as drogas do Círculo de Fogo do Pacífico, Dee Dee resolveu dar trabalho. Ele disse a Monte que eu estava recebendo tratamento especial. Monte nem se deu ao trabalho de responder. Então Dee Dee foi falar diretamente comigo. Eu disse que ele estava louco.

– Que parte de "eu estou com a perna estourada" você não entendeu?

É preciso ser um tipo especial de maníaco para sentir ciúme de um sujeito em uma cadeira de rodas. Claro, Dee Dee também precisava de uma, mas por razões diferentes.

Continuamos aquela discussão idiota durante o voo até Cingapura. Estávamos na primeira classe, com *open bar*, o que para a seção rítmica dos Ramones em geral significava problemas. Dee Dee falou alguma coisa sobre a roupa de Marion, e eu falei alguma coisa sobre Vera. Ele tinha parado de apontar canivetes para mim, mas não de me chamar de cuzão. Nossas mulheres na época estavam cheias dos dois. Havia alguns assentos vagos no avião. Marion e Vera encontraram dois do outro lado.

Dee Dee estava fazendo uma pirâmide de latas de cerveja. A pirâmide tinha cinco latas na base, o que é bem impressionante para um avião em voo. O fato de que todas as latas estavam vazias porque nós dois secamos o conteúdo era ainda mais impressionante. Eu estava pensando em fazer minha própria pirâmide quando bati o cotovelo por acidente nas latas da base, e a pilha toda desabou em pleno voo. Isso irritou Dee Dee muito mais do que deveria.

– Qual é o seu problema, porra?!

– O que você vai fazer? Trouxe seu canivete?

Estávamos falando alto e fazendo ameaças. Um terror no céu. De repente, o copiloto, um sujeito grande, que parecia ser australiano, saiu da cabine, atravessou o corredor e nos confrontou.

– Posso mandar uma mensagem pelo rádio para Cingapura e fazer vocês dois serem presos – ele disse. – Já viram a cadeia de Cingapura?

– Tudo bem, desculpe – respondeu Dee Dee. – Vamos nos comportar.

Tínhamos mais umas trinta horas até chegar a Nova York, e atravessar a linha internacional da data não ia ajudar. Eu só queria chegar em casa.

Joey tinha problemas com os pés. Não sabíamos todos os detalhes nem queríamos saber. Ele estava com infecções e fungos nos dedos do

pé. As unhas ficaram tão infeccionadas que não podiam ser cortadas com um cortador comum. Era preciso usar uma tesoura maior. Depois de tocarmos no Central Park, em Nova York, Joey foi para o hospital por causa de um dos pés, e precisamos cancelar um monte de shows.

Muitos dos problemas tinham a ver com higiene. Ele não estava trocando muito de roupa nos últimos tempos, e talvez isso tivesse a ver com Linda. Não que Joey não tivesse problemas antes de conhecê-la. Eu disse a Joey que, independentemente do que estivesse acontecendo, ele precisava trocar de meia. Se não todo dia, pelo menos dia sim, dia não. Os pés não perdoam. Ande com eles, deixe-os sufocados, nunca cuide, e eles vão acabar se vingando.

Se dividisse um apartamento com Joey, eu mesmo trocaria as meias dele, em vez de vê-lo passar por aquilo. Mas naqueles dias a noiva não era nem uma colega de apartamento. Joey estava tocando coisas e torcendo o cabelo numa velocidade recorde. O segredo aberto da banda tinha se tornado a ferida aberta de Joey – literalmente.

A higiene no número 29 da John Street não era um problema. Tínhamos passado a ir para o chuveiro em grande estilo com nossos quimonos psicodélicos do hotel. Outros membros do grupo tinham nos dado seus quimonos, então tínhamos juntado umas duas dúzias. Estava tudo pronto para os anos 1980 em se tratando dos presentes de Natal, e já tínhamos entregado alguns para nossos vizinhos. Atravessamos os corredores e pegamos os elevadores de quimono. A notícia já tinha se espalhado de que nosso endereço tinha sido tomado por turistas japoneses.

Joey e seus pés problemáticos estavam recuperados a tempo da nossa turnê seguinte pela Europa, o que começou com cinco cidades da Itália. Escolher uma cidade italiana favorita é como escolher sua música favorita dos Beatles, mas Milão era uma forte candidata. Localizada perto dos Alpes no norte da Itália, Milão tinha tudo o que uma grande cidade podia ter – arte e moda incríveis, igrejas de tirar o fôlego e história. Havia canais dos tempos do Império Romano. Milão também era o motor industrial da Itália. O tour rápido que fizemos na tarde de 13 de setembro quase não deu para o cheiro.

Milão tinha mais uma coisa dispensável – inquietação política. Nas ruas, do lado de fora dos museus, nos pavilhões – aonde quer que o ônibus da turnê nos levasse –, vimos a polícia. Não parecia em nada com

a polícia relativamente amigável de Nova York ou até de Tóquio. Em Nova York, em especial, a polícia em geral tinha um ar de aturar com tranquilidade até você dar um motivo para mudar. No ano anterior, os Ramones tinham feito um evento beneficente no CBGB muito bem-sucedido para que os policiais nova-iorquinos recebessem coletes à prova de bala. Fomos criticamos por algumas pessoas por fazer isso, mas John não foi o único a favor. Claro, havia exceções, mas em geral os policiais de Nova York eram nova-iorquinos protegendo nova-iorquinos. A polícia de Milão não se misturava. Era difícil se integrar quando se estava procurando terroristas com submetralhadoras no ombro. Quando andamos pela rua, dava para sentir o olhar penetrante deles. Às vezes a polícia deixava as submetralhadoras a postos e marchava na nossa direção. Depois que passavam, sentíamos alívio, mas nunca completo.

Apesar disso, Milão não era um estado policial. A presença intensa da polícia era uma reação ao terrorismo interno que existia fazia pelo menos dez anos. A organização Brigadas Vermelhas provavelmente era o mais famoso dos grupos radicais violentos. Era uma facção pró-comunismo tão de esquerda que até a extrema-esquerda da Itália os condenava. Começou como uma organização pró-operários, mas logo passou a assassinar figuras pró-fascismo. Depois começou a matar líderes legítimos dos trabalhadores. Em 1978, as Brigadas Vermelhas cometeram a pior ofensa quando sequestraram e assassinaram Aldo Moro, antigo primeiro-ministro italiano.

Na época, Moro estava negociando um acordo de paz entre os comunistas e os democrata-cristãos. Não importava o quanto Milão fosse linda, a realidade era clara. Quando um grupo político prova que nada pode fazê-lo parar, o governo vai fazer de tudo para contê-lo.

A energia do lado de fora do Velódromo Vigorelli antes da nossa passagem de som estava tensa. A polícia e suas submetralhadoras estavam ali com força total. Havia manifestantes com braçadeiras e uma aura nazista. Não era motivo de piada nem para John, que por meses a fio não parava de falar sobre como devíamos jogar uma bomba atômica no Irã por fazer reféns americanos. Não era uma simples questão de mocinhos *versus* bandidos ali. Era uma questão de não saber o que ia acontecer em seguida.

O Velódromo, construído originalmente para corridas de bicicleta, era um estádio oval com assentos normais para cerca de nove mil pessoas e

uma capacidade ainda maior para festivais. Houve uma empolgação como em qualquer plateia dos Ramones quando abrimos com "Blitzkrieg Bop", mas tudo mudou na metade do set quando tocamos "Commando". Eu não usava muito o prato nessa música, mas, de repente, ouvi um barulho que não veio das minhas baquetas. Uma grande pedra atingiu o prato e caiu no chão. Era maior que uma bola de beisebol. Se tivesse me atingido, na melhor das hipóteses teria me deixado inconsciente ou, na pior, me matado.

Não mostrei o dedo para ninguém. Era uma questão de salvar vidas, não de ficar por cima. Eu estava agachado atrás de uma bateria Rogers. Levantei e saí do palco. "Commando" é uma música tão movida pelo ritmo que John, Joey e Dee Dee não perceberam por uns vinte segundos que tinham perdido o baterista. Os vocais ainda ecoavam.

Logo a banda se juntou a mim nos bastidores. Deixei bem claro que não ia voltar. Eu tinha lido sobre Buddy Miles, que cheguei a encontrar uma vez, quase perder um olho no palco por causa de um rifle BB. Não dava para dizer que nunca ia acontecer com você. Se a banda voltasse, podiam terminar o serviço de me acertar ou qualquer outro Ramone. Quando um de nós não estava na ativa, nenhum de nós estava na ativa. Era simples assim. John, Joey e Dee Dee concordaram, mas o *promoter* não.

Enquanto víamos tudo vermelho, o *promoter* via verde. Ele teve um ataque. A ideia de reembolsar mil e seiscentos ingressos era mais assustadora para ele do que a ideia de alguém perder um olho ou um braço, contanto que fosse o olho ou o braço de outra pessoa.

– Não se preocupem. Pegamos o homem que fez isso.

– Ah, é? – perguntei. – Onde ele está? Prove. Traga ele aqui.

– Posso garantir que a polícia pegou o homem.

Era balela até onde eu sabia. Mesmo com a chance remota de que tivessem apreendido um suspeito, se havia um psicopata na plateia, podia haver mais vinte. Enquanto isso, dava para ouvir e sentir a multidão batendo os pés. Estava literalmente mais alto que um terremoto médio no Japão.

Joey me contou de um protesto que aconteceu naquele mesmo estádio no verão de 1971. O Led Zeppelin estava tocando, e uma confusão na plateia saiu do controle. Havia centenas, depois milhares, de garotos brigando, jogando tudo em que conseguissem colocar as mãos e

destruindo o equipamento da banda. Usando equipamento antitumulto, a polícia avançou sobre a multidão e atirou o máximo de gás lacrimogêneo que conseguiu. Os membros da banda mal conseguiram sair dali com vida.

Entre os pés batendo e fazendo a terra tremer e a história de Joey, mudei de ideia, mas não de convicção. Eu tinha duas escolhas: ficar fora da linha de fogo e começar um tumulto ou entrar na linha de fogo e impedir um tumulto. Achei que estava na hora de fazer um sacrifício pelo grupo, mas só no sentido figurado.

Antes de sentar atrás da bateria, fiquei em pé por um momento, virei a cabeça para a esquerda, para a direita, para a frente, e lancei um olhar para o público. Era um olhar que tinha vindo comigo do Brooklyn e dizia: "Não tente fazer de novo". Começamos a tocar "Here Today, Gone Tomorrow", que terminava com as famosas últimas palavras "Someone had to pay the price".[2] Felizmente, ninguém teve que pagar o preço daquela vez. Pelo menos nenhum de nós. Milão gritou e berrou de satisfação mesmo enquanto a polícia vasculhava o lugar.

Infelizmente, no fim do show, Joey começou sua rotina neurótica de ir e voltar enquanto saía do palco. O *promoter* ficou com uma expressão de bobo. Milão ficou confusa. E chegamos ao limite. Não havia um bom motivo para começar um tumulto em um show, mas um distúrbio obsessivo-compulsivo era o pior possível. Monte o agarrou, e o show terminou.

Roma era onde os gladiadores lutavam até a morte diante de multidões sedentas por sangue, mas, para os Ramones, estar ali era um alívio. A atmosfera estava calma em comparação com Milão. O maior problema que tivemos foi não conseguir alguma coisa para comer durante a *siesta*, quando as lojas fechavam até cinco da tarde, e as pessoas fechavam as persianas de metal para tirar uma soneca. O segundo maior problema foi sermos levados para jantar pelos *promoters*. A comida italiana era a melhor do mundo, mas a refeição era um evento de doze pratos que se arrastava até duas da madrugada, e foi quando entendemos de fato por que os italianos precisavam da *siesta*.

A passagem de som no Castel Sant'Angelo foi um estudo curto de contrastes. À luz do dia, tocamos "Cretin Hop" contra o fundo do antigo forte que bloqueava ataques de flechas em chamas e continha aríetes,

mas ninguém no Império Romano nunca esperou quatro sujeitos de camiseta gritando "Four five six seven, all good cretins go to heaven".[3]

O show à noite foi conciso. Uma música como "Rock'n'Roll Radio", despida de tudo além de baixo, guitarra, bateria e vocais, soava pura, pesada e nos distraiu das pedras, dos tumultos, do gás lacrimogêneo, da polícia, das submetralhadoras, de produtores temperamentais e das namoradas roubadas dos últimos tempos.

Viajar para a Espanha era como voltar no tempo. A piada do *Saturday Night Live* por uns dois anos era que o *Generalíssimo* Francisco Franco ainda estava morto. Mas, às vezes, era difícil saber. Em Barcelona, o hotel era, na melhor das hipóteses, utilitário. Se você queria ver um filme novo, precisava atravessar a fronteira para a França. Discos de rock só estavam disponíveis no mercado negro. Mesmo que, como ditador, Franco rejeitasse o comunismo, o que tinha ficado depois de sua morte parecia muito com a União Soviética. As estradas eram horríveis. Ir do ponto A ao ponto B era uma desventura.

Descobrimos rápido que o rock'n'roll ainda era novo e que os Ramones eram uma novidade. Paramos em um pequeno café para comer sanduíches. Quando olhamos para o cardápio, havia apenas alguns moradores locais nas mesas e no bar. Quando pedimos café, havia talvez cem pessoas lá dentro e ao redor do local nos olhando. Ninguém mencionou o nome da banda nem pediu autógrafo. Aparentemente, a moda punk – os sujeitos de jaqueta de couro, e as garotas de minissaia justa e brilhante – era tão nova para eles quanto a TV colorida.

A Espanha fazia sua transição para a democracia e estava determinada a seguir adiante. Joey tinha dificuldade de seguir adiante. Os Ramones, mais esposas e namoradas, estavam andando em direção a um estúdio de TV para dar uma entrevista. Atravessamos um cruzamento movimentado como um bando. Joey estava bem atrás de mim e de Marion. Quando chegamos ao meio-fio do outro lado, o farol ficou vermelho, e ouvi uma batida. Vieram o barulho dos pneus e uma pancada, e aquilo nunca era bom. Virei e vi Joey voando sobre o capô de um Alfa Romeo.

Nenhuma explicação era necessária. Joey dera meia-volta para encostar no meio-fio do outro lado, e o farol verde mudara. Em Barcelona, assim como em Nova York, os motoristas não têm tempo a perder. Normalmente, atravessar a rua não era uma viagem de ida e volta a

menos que você fosse o vocalista dos Ramones. O coração de todo mundo foi parar na garganta enquanto Joey girava no ar e caía no chão ainda rolando de lado. Barcelona parou, pelo menos naquela esquina. Cercamos nosso vocalista, que se sentou confuso, mas, ainda bem, muito mais vivo que o *Generalíssimo*.

Tocamos diante de 250 mil pessoas do lado de uma colina conhecida como Montjuïc. Alguém contou, falando sério, que Montjuïc em espanhol antigo significava "Monte Judeu". Torcemos para essa informação não chegar a John, para sermos poupados de dúzias de piadas horríveis. Mas Joey, como era de se esperar, se avultou sobre a enorme multidão, o que era muito melhor do que se espalhar sobre o pavimento.

Enquanto estávamos nos bastidores, ouvimos a banda de Mike Oldfield tocando "Tubular Bells", que aparecia em *O Exorcista*. Não combinava muito com "Pinhead", mas a plateia amou tudo. Era uma nação ainda se livrando de seus demônios.

O trecho final da turnê foi a Grã-Bretanha, começando em Londres em 2 de outubro. Na semana anterior, enquanto estávamos terminando a Espanha, John Bonham, do Led Zeppelin, morreu depois de beber o que foi relatado como o equivalente a quarenta doses de vodca. Havia dúvidas se a banda ia continuar.

Todo mundo estava enjoado quando pegamos a balsa pelo mar da Irlanda até Dublin. Todo mundo menos eu. Meu estômago forte foi além da habilidade de engolir insetos de vários tipos e comidas não exatamente adequadas para o consumo humano.

Mas naquela tarde nublada em alto-mar, o problema era minha cabeça. A febre de uma turnê combinada com minha natureza hiperativa em geral me distraía de pensar demais sobre a mortalidade. Ali, por um período curto, eu tinha tempo.

Naturalmente, a mortalidade não era um tópico favorito, mas alguém do rock tinha morrido, e aquilo chegou mais perto do que eu gostaria. Se a pessoa era um baterista lendário que tinha me inspirado, estava mais perto ainda. E se tinha relação com o álcool, acertava em cheio. A sensação de invencibilidade atendia a um propósito. Era uma ferramenta útil. Mas por alguns instantes silenciosos no mar, eu me senti vulnerável.

O momento de reflexão acabou quando chegamos ao porto de Dublin. Era uma espécie de retorno para Marion, que tinha raízes irlandesas. Também era um retorno para os Ramones. Tínhamos tocado

ali dois anos antes e criado algumas raízes irlandesas nossas. O sucesso recente de "Baby, I Love You" regou a árvore.

Os punks de Dublin estavam ali com força total. Eles usavam jaqueta de couro e nos cercaram quando saímos da balsa. Parecia que tinham ficado nas docas por dois anos esperando a nossa volta. O entusiasmo e a animação dos irlandeses eram contagiosos, e convidamos mais ou menos uma dúzia de garotos para entrar no ônibus fretado que nos levou para o hotel. Eles nos ajudaram com a bagagem e até andaram um pouco com a banda. Todos aprenderam sobre o outro mundo no catequismo, mas pelo jeito aquilo era o paraíso punk na Terra.

Eles conseguiram um pouco mais do que tinham pedido. John, também de ascendência irlandesa, fez papel de irmão mais velho no ônibus e fez todas as perguntas que surgiram na cabeça dele. *Você está na escola? O que você estuda? Qual é a sua matéria preferida? Que tipo de trabalho você quer arrumar? Qual é o salário? Quanto custa o aluguel aqui?* Dava para pensar que ele estava no correio.

Para cada punk dentro do ônibus, havia cinquenta esperando do lado de fora do hotel. Cada membro da banda recebeu uma bela salva de palmas quando desembarcou, mas os verdadeiros aplausos foram reservados para as mulheres. Começou quando Marion desceu do ônibus com seu cabelo loiro e comprido e sua minissaia preta. Continuou com Vera, que apareceu em seguida usando botas de couro de cano alto e blusa de renda preta. Roxy e Linda vieram na rabeira com leggings cor de rosa e jaquetas de couro cheias de tachas e pintura viva. Os garotos ficaram loucos, transformando os degraus do ônibus em uma passarela de desfile de moda.

Nem todos os garotos foram receptivos. Rezava a lenda que os skinheads estavam atacando os punks e se atacando em Dublin, e tinha havido um pouco de violência nos shows passados. Havia pressão política local para banir shows de rock de qualquer tipo no Grand Cinema, o cinema de mil e seiscentos lugares convertido onde estávamos tocando. Os fãs foram revistados a caminho do show, algo de que definitivamente não gostamos. Não houve nenhum problema quando tocamos. Eram garotos bons tentando se divertir. John podia ter dito isso para as pessoas.

***

Havia duas coisas negativas sobre Ronald Reagan ser eleito presidente dos Estados Unidos. Uma era a agenda política de deixar os interesses corporativos correrem soltos enquanto boa parte da rede de segurança social estava sendo tirada de baixo dos pobres. A outra era ter de aguentar a banda de um homem só de Joey tocando "Hail to the Chief" ao menos pelos próximos quatro anos. Eu não tinha certeza do que era pior. Talvez fosse um empate de três partes como ver John e Linda juntos no Village o tempo todo.

No fim de novembro, Bruce Springsteen lançou o *single* "Hungry Heart". Em algum momento antes, quando encontrou Springsteen no Asbury Park, Nova Jersey, Joey pediu para Bruce compor uma música para os Ramones. "Hungry Heart" era essa música e tinha uma coisa de rock clássico com *doo-wop* com uma frase melódica ótima que era perfeita para os Ramones. Mas o empresário de Springsteen, Jon Landau, tinha visto Bruce dar *singles* de sucesso para Patti Smith e para as Pointer Sisters e o convenceu a ficar com aquela composição. Ela rapidamente chegou ao número cinco na parada de *singles* da *Billboard*.

Aquilo não teria nos incomodado se a banda estivesse tocando no rádio, mas não estava. Pelo menos não muito. Éramos a banda que quase todo mundo dizia que amava, mas o rádio não estava lá para confirmar isso. Então Joey escreveu "We Want the Airwaves" como um ataque direto à mídia corporativa. Ele não segurou nenhum golpe, rimando "programmer" com "hammer"[4] e ameaçando destruir o próprio rádio.

Íamos voltar para o estúdio logo para gravar "Airwaves" junto com um álbum completo de material novo. Enquanto isso, Joey estava tendo problemas de saúde por razões que eram bem fáceis de imaginar.

Na noite de 8 de dezembro, Marion e eu tínhamos ido para a cama tarde. Sem TV nem rádio – só música no estéreo. Para nós era uma noite tranquila. De manhã, ouvi a música nova de John Lennon "Starting Over" vindo pela janela do quarto do nono andar. Acordei, peguei no sono e ouvi "I'm Losing You", outra canção do álbum novo de Lennon, *Double Fantasy*.

Acordei o suficiente para me dar conta de que estava vindo da loja de discos na andar de baixo, no térreo. O dono devia estar tocando aquilo no volume máximo pela vitrine para chegar com aquela altura naquele andar tão alto. Eu não conseguia entender. O álbum estava indo bem e, sem dúvida, não precisava ser divulgado daquele jeito. Soltei um grunhido para perguntar se Marion sabia o que estava acontecendo, e ela não sabia. "Watching the Wheels" veio em seguida. Alguém bateu na porta, e Marion levantou para atender. Ouvi a voz de um vizinho. Quando voltou para o quarto, Marion me contou que John Lennon tinha levado um tiro e morrido.

O tipo de depressão que senti nos dias seguintes devia ser reservado a mortes na família e de amigos próximos. Obviamente, eu não era o único. Aquela foi a maneira mais dura para milhões de pessoas descobrirem que John Lennon era *parte da família*. Ele era um *amigo próximo*. Se você olhasse para o calendário, os anos 1970 tinham acabado fazia um tempo, e os anos 1960 já eram história antiga. Mas as duas décadas terminaram de verdade bem ali, junto com o garoto dentro de tantos de nós que ficava empolgado com uma música dos Beatles. A música nos manteve jovens.

Além disso, aquilo era uma questão pessoal para mim como nova-iorquino. A maioria de nós tinha nascido ali e feito o melhor que pôde. John Lennon escolheu aquela cidade dentre um planeta inteiro de outras e a tinha homenageado orgulhosamente em sua camiseta. Enquanto menosprezávamos as liberdades de Nova York, Lennon tinha lutado para ficar ali. Eu entendia que um maluco tinha tirado a vida dele, mas, em outro nível, sentia que Nova York o tinha decepcionado.

Abri a porta para um amigo para tomarmos alguns drinques a sós. Ele me disse para olhar pela janela porque na calçada havia um executivo de Wall Street de terno, totalmente bêbado e com uma maleta. Ele estava jogado no chão com o rosto para baixo. Estava na hora de espalhar a alegria de fim de ano. Peguei um saco plástico de lixo, enchi de água e joguei pela janela na direção do engravatado. Caiu nele e explodiu, fazendo o barulho de um pneu estourando. Ele estava tão chapado que nem se moveu. Eu sabia como era.

Estava ficando cada vez mais difícil brincar no parquinho dos Ramones. John e Joey estavam cavando cada vez mais fundo. Quando mijavam no tanque de areia, todo mundo se molhava. Nossa viagem para Ithaca, Nova York, em 28 de fevereiro de 1981, era o último show marcado até julho. A banda ia fazer uma pausa para gravar nosso próximo álbum, *Pleasant Dreams*, e depois retomar uma agenda intensa de shows quando o álbum fosse lançado.

Todo mundo na van queria sair enquanto viajávamos rumo ao norte pela Route 81. As mulheres dos Ramones passaram mal naquela viagem horrível. Consegui dormir um pouco na primeira fileira, mas acordei e puxei conversa com Joey sobre uns dois filmes que eu queria ver quando não estivéssemos mais na estrada. *Viagens Alucinantes*, um filme de ficção-científica sobre esquizofrenia, estava no topo da lista. Joey tinha ouvido falar muito bem do último trabalho de Martin Scorsese, *Touro Indomável*.

Nosso guitarrista não era exatamente um touro indomável, mas queria atacar toda vez que falava com Joey. Estava ruim a esse ponto. Depois que comentei com Joey que Robert De Niro tinha ficado em ótima forma para o filme, John abriu um sorriso de desdém.

– Então agora você é amigo *dele*?

– Sou – respondi. – Qual é o problema?

– Se eu preciso explicar… – John balançou a cabeça e olhou pela janela.

Ele não precisava me explicar. No mundo de John, eu precisava escolher entre os dois. Eu nunca ia viver naquele mundo nem que estivesse preso no tanque de areia. Joey não era muito melhor. Quando eu andava com John, Joey me olhava feio. Ele não dizia com todas as palavras, mas eu sabia que Joey desgostava de John a ponto de o fato de eu conversar com ele parecer uma traição. Então Joey me tratava mal. Podia durar um dia ou dois. Era ruim se eu fizesse, e era ruim se não fizesse, e às vezes eu só encostava a cabeça no maldito assento e voltava a dormir.

Às vezes eu precisava fazer papel de mensageiro. Como a maioria dos mensageiros, eu não queria levar um tiro. Monte também era um mensageiro. A realidade de uma banda na estrada é que, de vez em quando, o guitarrista precisa contar ao vocalista sobre uma mudança no *set list*. E de vez em quando o vocalista precisa aprovar essa mudança. Ainda que estivessem sentados na mesma van, nosso guitarrista e nosso vocalista precisavam de um intermediário para algo tão simples e fácil quanto isso. O problema da insanidade é que, quando se convive com ela por tempo suficiente, você se torna parte daquilo. Então, depois de um tempo, transmitir mensagem de um lado para o outro na van como um diplomata estrangeiro parecia bastante normal.

A norte de Binghamton, saímos da Route 81 para estacionar e comer em um dos nossos Cracker Barrels favoritos. Esse parecia como os outros, com uma longa varanda em estilo country e colunas de madeira com esteios. Mas eles preparavam um belo prato de frango com purê de batata naquele destacamento avançado. No caminho para a entrada, logo antes da varanda, Dee Dee pegou um besouro e disse que me daria cinquenta dólares se fizesse dele minha entrada.

– Não vamos fazer isso agora – disse Monte.

Talvez sim, talvez não. Com a banda toda olhando, peguei o besouro de Dee Dee na mão direita. Estava molenga, mas não morto de fato. Notei na mesma hora que havia alguns volumes presos ao corpo, que identifiquei como ovos.

– Na verdade, são larvas – Joey explicou.

– Vá em frente, Marc – Dee Dee me incentivou.

Pensei no assunto. Eu tinha um estômago de ferro. Que mal podia fazer? Os ricos pagavam milhares de dólares para comer caviar, que são

um monte de ovas de peixe. E ali, na frente do Cracker Barrel, alguém ia *me* pagar.

– Esqueça, Marc – disse John. – Não antes do show. Você pode passar muito mal.

– Estou passando mal só de pensar nisso – disse Monte.

John deu um peteleco no besouro, que voou até o chão. Eu ia ter de me contentar com alguma coisa do cardápio.

Sempre olhavam para nós quando saíamos para comer, e aquela tarde não foi diferente. As pessoas encaravam, desviavam o olhar e olhavam de novo. Naquele dia, um belo casal de idosos a algumas mesas de distância teve dificuldade com a parte de desviar o olhar. Aquele tipo de coisa, por falta de expressão melhor, costumava nos provocar. Continuamos falando sobre o besouro, as larvas e como talvez ele ainda estivesse esperando lá fora, torcendo para ser a sobremesa. Joey não parava de tocar o garfo.

Eu comia rápido, mas ninguém era mais rápido que Monte. Talvez achasse que, quanto mais rápido comesse, menos tempo a banda teria para fazer trotes com ele. A estratégia não funcionou daquela vez, porque eu já tinha espalhado calda na alça de sua maleta. Toda aquela calda me deixou com fome de novo, e notei que na mesa ao lado alguém tinha deixado uma pilha de panquecas de mirtilo intocada. Então levantei e me servi. Eu fazia isso de vez em quando, mas nunca comia sobras se alguém tivesse dado uma mordida. Eu precisava estabelecer o limite em algum lugar.

Quando a banda terminou de comer e saiu do restaurante, Monte já estava esperando na frente, esquentando a van. Quando entramos e assumimos nossos lugares, ele contou que finalmente tinha recebido o crédito que merecia. A velhinha gentil tinha se aproximado dele no estacionamento e dito que o que ele fazia era maravilhoso.

– Você não é o bom homem que está com aqueles garotos doentes mentais?

– Sou – Monte respondeu. – Sou, sim.

– Eles têm sorte de contar com você. Você é muito bom com eles. Não havia como negar. Os Ramones não sabiam onde estariam se não fosse por Monte. Ele fazia de nós uma banda melhor. Aliás, naquela noite, os doentes mentais iam tocar em Cornell – uma universidade da Ivy League.

***

Graham Gouldman não foi a primeira opção para produzir o álbum *Pleasant Dreams*, mas foi a escolha da Sire e pronto. Graham Gouldman talvez tivesse alguma coisa a dizer sobre segundas opções e segundas chances. Em 1964, com dezenove anos e fazendo parte da banda inglesa The Mockingbirds, ele mandou uma música chamada "For Your Love" para a gravadora da banda. A Columbia Records recusou, mas quando os Yardbirds gravaram a música no ano seguinte, ela se tornou um sucesso enorme. A faixa também ganhou vida própria de uma forma diferente, o que levou o guitarrista solo dos Yardbirds, Eric Clapton, a sair do grupo em favor de um som mais blues e menos pop.

Mais recentemente, Graham Gouldman tinha fundado a banda 10cc, que produziu sucessos pop como "I'm Not in Love" e "The Things We Do for Love". De meados para o fim da década de 1970, semanas, até meses, se passavam sem que você conseguisse ficar uma hora sem uma dessas músicas na sua estação de FM de pop rock. Era o que a Sire queria para os Ramones.

A banda também queria isso, mas nos nossos termos. Joey e eu ficamos muito felizes de trabalhar com Graham. Não era exatamente o caso para Dee Dee e John. John queria um retorno ao punk cru dos primeiros álbuns e tinha medo que *Pleasant Dreams* se tornasse "Phil Spector – Parte 2". Não havia chance de isso acontecer, e não só porque nenhum outro produtor do primeiro time do mundo carregava uma .38. Se havia uma semelhança na abordagem, era só estarmos buscando um som limpo e grandioso. Até onde sabíamos, a segunda vez traria sorte.

Em março, quando desembarcamos no Media Sound, na West Fifty-Seventh Street, em Manhattan, eu tinha boas lembranças de quando tínhamos gravado *Road to Ruin* naquele mesmo estúdio. No passado, o Media Sound tinha sido a Igreja Batista de Manhattan, e a acústica no que originalmente fora um santuário era enorme. O estúdio de vanguarda foi construído no fim dos anos 1960 com a ajuda dos executivos do mercado financeiro John Roberts e Joel Rosenman e provocou um alvoroço na indústria fonográfica. Roberts e Rosenman logo foram convidados a construir um segundo estúdio, dessa vez no norte do estado de Nova

York. Esses planos culminaram em um gigantesco festival aberto: Woodstock. Quando você pensa grande e corre atrás de suas ambições, grandes coisas acontecem, mesmo que não se pareçam em nada com o plano original.

Era fácil trabalhar com Graham. Eu queria acreditar que também era fácil trabalhar comigo. Eu estava ouvindo comentários sobre meus hábitos etílicos, mas chegava ao estúdio sóbrio e pronto para trabalhar. O som da bateria era poderoso e coeso, do jeito que eu gostava. Minhas faixas ficaram prontas em menos de quatro dias completos.

Obviamente havia muito trabalho pela frente depois que a bateria ficava pronta, mas não passei muito tempo lá. Russell Mael, da inovadora banda Sparks, estava agendado para cantar os *background vocals*. Assim como Debbie Harry. E Kate Pierson e Cindy Wilson do B-52's. Mas eu não estava a fim de passar muito tempo com o drama do tanque de areia me comportando bem por semanas só para alguns bons momentos aqui e ali. Depois que minha parte acabou, basicamente bloqueei tudo no meu cérebro que tivesse a ver com a banda. Ouvi que Joey tinha marcado de voltar para a Inglaterra para trabalhar nos vocais nos Strawberry Studios, onde Graham Gouldman tinha produzido tantos sucessos nos anos 1960. O que pensei foi: *Bon voyage*.

Pleasant Dreams foi lançado em julho sem muito barulho e sem um *single* nos Estados Unidos. O álbum logo chegou à 58ª posição na parada de LPs da *Billboard*. As críticas se dividiram, com o denominador comum de que era um som limpo demais para de fato ser classificado com um álbum de "punk".

Um dos críticos mais duros foi nosso próprio guitarrista, que achava que os Ramones tinham decepcionado seus fãs punks pela segunda vez seguida. Mas nossa jaula coletiva não foi abalada por nada disso. Com certeza já tínhamos passado por isso antes, e não era a estrada para a ruína – no sentido literal ou figurado.

Minha própria reação não foi confusa. Eu tinha gostado do som e adorava muitas músicas. "It's Not My Place (In the 9 to 5 World)" parecia pronta para o rádio, mesmo que o rádio não estivesse interessado. E eu amava o quê de Bo Diddley da bateria e a mudança para uma batida direta no *break*, o que criava um som no estilo de uma música do começo dos Kinks ou do Who. Marcas da Motown e da Parede de Som apareciam

por toda parte em "Don't Go", "You Sound Like You're Sick" e "She's a Sensation".

Ao mesmo tempo, havia uma escuridão nas letras para qualquer um que se desse ao trabalho de ouvir. "The KKK Took My Baby Away" era uma ode a uma jovem negra de quem Joey tinha ficado amigo quando foi internado, na adolescência, e um dia simplesmente desapareceu. "All's Quiet on the Eastern Front", de Dee Dee, era a canção de amor torta de um insone dedicada a Nova York e composta por alguém que definitivamente tinha tido sua cota de noites em claro. E sob a superfície *doo-wop* de "This Business Is Killing Me" havia o lamento escancarado de Joey sobre a vida que estávamos vivendo: estava literalmente transformando-o em um desastre doente e insone correndo e tentando agradar todo mundo. Como se Joey não tivesse problemas suficientes.

Nenhum de nós estava tendo belos sonhos. Mas a banda sabia o que ia vir em seguida – turnê ininterrupta para divulgar o álbum. Estava na hora de cair na estrada.

Em 7 de agosto, na hora do almoço, eu tinha feito questão de sentar perto da vitrine do Howard Johnson's no fim do quarteirão do hotel onde estávamos hospedados em Austin, Texas. Estávamos terminando uma visita pelo estado antes de um dia livre para ir a Denver. O café que eu estava tomando estava ajudando com a ressaca, mas o que eu via pela janela, não. Joey e Dee Dee estavam discutindo. Eu não conseguia ouvir o motivo pelo vidro espesso. Era uma discussão acalorada, como um filme silencioso dos Ramones.

Mas eu precisava continuar olhando pela vitrine porque Aaron Cohen ia chegar a qualquer minuto. Eu tinha conhecido Aaron, que estava morando em Austin, no nono ano. Achei ótimo que ele tivesse acompanhado minha carreira no Dust, com Wayne County e os Voidoids, até minha transformação em Marky Ramone. Quando entrou em contato por telefone, ele estava ansioso para colocar a conversa em dia. Ele parecia animado, o que era lisonjeiro, mas não era novidade para Aaron. Ele era uma figura agitada. Claro, eu também era, mas entre nós dois, eu era sempre quem dizia para ele sossegar, e isso significava alguma coisa. Aaron também era estrábico, o que não ajudava sua vida social.

Lá fora, as coisas estavam agitadas entre Joey e Dee Dee. Os dois não estavam paramentados como Ramones. Joey estava usando seus óculos de grau escuros, mas, fora isso, vestia calça jeans e camisa listrada. Dee

Dee estava de calça jeans e uma regata que teria ficado melhor em John. Eles balançavam os braços e falavam de maneira acalorada bem no rosto um do outro. Torci para ninguém reconhecê-los como Ramones, porque aquilo era um vexame.

Em meio ao caos Aaron Cohen chegou. Acenei de dentro do Howard Johnson's, mas o olho estrábico dele não me viu, e o olho normal estava em Joey e Dee Dee. Quando vi o que estava prestes a acontecer e balancei os braços, era tarde demais. Aaron Cohen entrou direto na porta de vidro laminado.

Foi um barulho forte, mas surdo. A porta balançou, mas não o suficiente para Aaron recuperar o equilíbrio. Ele bateu e voltou, caindo para trás estupefato. Levantei da mesa e corri para fora. O garçom e uns dois clientes fizeram o mesmo. Aaron estava deitado de costas e cheio de sangue. O nariz e a testa tinham cortes feios, e ele não estava consciente. Coloquei as mãos atrás da cabeça dele para evitar outra pancada, e um gerente apareceu com uma toalha e uma jarra de água. Ouvi alguém dizer que iam chamar uma ambulância.

– Calma, Aaron – eu disse. – Você vai ficar bem.

Quando estávamos na escola, costumavam distribuir folhas com um desenho e a legenda "O que essa figura tem de errado?". A ideia era encontrar alguma coisa fora do lugar. Não era difícil descobrir o que havia de errado na frente do Howard Johnson's. O problema com aquela cena era Joey e Dee Dee ainda discutindo.

– Não venha me dizer que você não falou! – Dee Dee gritou. – Vera me contou tudo!

– É mesmo? – Joey devolveu. – E se eu disser que Vera está falando merda?

Sem hesitar, Dee Dee deu um soco na boca de Joey. Ele estava um pouco longe, mas acertou em cheio. Joey caiu na calçada e seus óculos caíram. Mais clientes estavam saindo do Howard Johnson's para assistir ao evento principal. A única coisa positiva em que eu podia pensar era que uma ambulância já estava a caminho.

Do momento em que Joey e Dee Dee estavam brigando, passando pelo terrível acidente de Aaron, até nosso baixista nocautear nosso vocalista, muito pouco tempo se passou. A coisa toda durou uns dois minutos e meio – mais ou menos a duração de uma boa música dos Ramones.

***

Nossa turnê voltou para Nova York e, em 1º de setembro, paramos no Rockefeller Center para participar do *Tomorrow Show* da NBC. Éramos fãs do programa e do apresentador, Tom Snyder. Tom era um americano do Meio-Oeste boa praça que tinha ido para Los Angeles para se tornar âncora de notícias antes de se tornar uma grande personalidade de *talk-show*. A banda gostava do *Tomorrow Show* porque uma entrevista com Tom não era um evento qualquer.

Tom fazia você sentar na sala de estar dele como um visitante e mergulhava de cabeça na sua história como uma mistura de jornalista e terapeuta. Se três ou quatro milhões de pessoas estivessem assistindo, tudo bem. Ele gargalhava, zombava sem dó e deu o tom para uma boa entrevista bem perto do parâmetro de sexo bom – não menos do que pura exaustão era aceitável. Quando Dan Aykroyd, do *Saturday Night Live*, reproduziu o movimento maníaco da cabeça e dos braços com sua imitação brilhante, Tom Snyder ficou gravado para sempre na mente de todo mundo que ficava acordado depois das onze e meia.

O nome oficial do *Tomorrow Show* era *Tomorrow with Tom Snyder*, mas isso servia para amanhã, não para aquele dia. Tom estava fora, então, para nossa longa tarde, estávamos falando com a substituta dele, Kelly Lange. Lange tinha apresentado o noticiário com Snyder em Los Angeles e era uma substituta regular, mas não era Tom Snyder. Não importava. Ficamos felizes com a divulgação em cadeia nacional.

Naquela tarde eu estava muito empolgado para conhecer Ed Asner, que estava nos bastidores com a banda para participar do programa. Asner interpretava Lou Grant em *The Mary Tyler Moore Show* junto com um dos melhores elencos de apoio da história da televisão. No momento ele estava interpretando Lou Grant em um programa de sucesso de mesmo nome, fazendo a transição da comédia para o drama com facilidade. Qualquer um que conhecesse Ed Asner apenas da série achava que ele era um personagem bruto e genioso, mas na vida real ele era tranquilo e elegante, uma prova de sua atuação incrível.

Suas inclinações políticas também não eram tão óbvias a partir dos personagens que interpretava. Ele era presidente do Screen Actors Guild

e costumava se manifestar em favor de causas progressistas. Asner protestava contra o apoio dos Estados Unidos aos governos de direita da América Latina e defendia um sistema de saúde universal. Meu pai teria adorado conversar com ele.

Meu amigo Richard também estava nos bastidores, e pedi para ele ir pegar algo para eu beber no camarim. Minha boca estava ficando seca de tanto falar com Ed Asner e deixar claro que eu era um grande fã. Então, quando Richard me entregou uma lata de refrigerante, eu agradeci. Abri a lata rápido e quase todo o conteúdo espirrou em Ed Asner. Eu sabia que o alvo da piada devia ter sido eu, mas, ao contrário do *Tomorrow Show*, aquilo tinha acontecido ao vivo.

Asner estava ensopado – paletó, camisa, gravata e calça. A maquiagem estava escorrendo pelo rosto dele. Pedi muitas desculpas e quase o chamei de Lou. Ele parecia atordoado, e por uma fração de segundo achei que ele fosse me chamar de Ted e quebrar minha cara. Mas dois assistentes de produção apareceram em um instante com papel-toalha. Não era um bom sinal para o programa.

A plateia do estúdio adorou nossa performance de duas músicas, "Sedated" e "KKK". Teria sido bom sair ao som daqueles aplausos, mas quando nos fez sentar diante dela, Kelly Lange disparou:

– Vocês não revelam seus verdadeiros nomes porque não querem que as mães de vocês sejam sujeitas a isso.

– À desgraça – John emendou.

A plateia riu da resposta de John. Foi totalmente sarcástica, e eles perceberam. Kelly Lange não era feia, mas tinha um quê de professora de escola. Ela era a versão na vida real da diretora Togar de *Rock'n'Roll High School*. Dava para ver que ela já estava recarregando as armas, mas não parecia entender que estávamos bem preparados para nossos papéis. Não só no filme – para nossa vida inteira.

– Você consegue enxergar? – Lange perguntou a Joey enquanto tirava o cabelo dos olhos dele.

– Preciso ir ao cabeleireiro – Joey respondeu. Risos.

– O que vocês fazem o dia todo? – ela perguntou.

– Nada – John respondeu. Mais risos. Em seguida, Joey lançou a bomba.

– Estamos nos sentindo traídos por Tom não estar aqui.

Touché. O teto veio abaixo. O humor dos Ramones, assim como a música dos Ramones, funcionava melhor servido cru.

Kelly Lange começou a recuar e a fazer algumas perguntas legítimas, o que levou a uma discussão até que decente, mesmo que não à altura de Tom Snyder. Joey explicou que os Ramones tinham seguido seu conceito original, mas que não se ressentiam de bandas mais comerciais. Todo mundo teve espaço. Dee Dee falou sobre como os garotos de Detroit e Ohio se identificavam com os Ramones porque tinham os mesmos problemas, o que era ruim para os garotos de Detroit e Ohio.

Enquanto a banda continuava debatendo o Meio-Oeste americano, meu pé esquerdo, que repousava sobre meu joelho direito, começou a tremer visivelmente como se tivesse um pequeno motor. Os olhos azuis metálicos de John se fixaram no pé trêmulo, até que ele não conseguiu mais aguentar. John pegou o pé esquerdo do meu tênis Chucky-T e o fez parar, para a alegria da plateia. Em seguida ele soltou e, no mesmo instante, meu pé começou a tremer de novo. Eu não tinha dito nada até aquele momento. Mas, de algum jeito, sem nem mesmo tentar, eu tinha feito uma declaração profundamente pessoal.

***

A MTV foi lançada em 1º de agosto de 1981, e nos dois meses seguintes ninguém que a banda conhecia tinha visto o vídeo de "We Want the Airwaves" que tínhamos feito na laje do prédio de Joey. Nós não podíamos assistir à TV o tempo todo, mas tínhamos muitos olhos por aí, então, a menos que o clipe tivesse passado às 3h53 de uma madrugada entre The Police e Styx, estávamos sendo ignorados por uma mídia totalmente nova. A banda queria as ondas de rádio e os sinais dos cabos coaxiais, mas não tínhamos nenhum dos dois.

Na noite de 8 de outubro fizemos um show em Columbus, Ohio, e tivemos um dia livre para viajar para Virginia Beach para o show do dia 10. Nosso hotel era um lugar chamado Swingos Celebrity Inn, na região de Cleveland. O Swingos tinha fortes credenciais no rock. Elvis já tinha

reservado mais de cem quartos para seu séquito. Keith Moon tinha se hospedado lá, vestido de policial e algemado os hóspedes juntos. Ian Hunter, do Mott the Hoople, declarou: "O Swingos é um lugar no qual você se lembra do *check-in* e do *check-out*, mas não lembra do que aconteceu entre os dois".

Eu me lembrava da fã que tinha vindo sentar na mesa comigo e com Dee Dee. Eu não lembrava o nome dela e não tinha certeza de onde nem quando a tínhamos encontrado, mas tudo parecia bem real, e o importante era que ela se lembrava de nós. Eu estava tomando uma dose de Bacardi 151 depois da outra. Dee Dee estava bebendo *brandy* de amora-silvestre. Nossa fã estava tomando um pouco dos dois. Assim como Danny, meu *roadie* da bateria. Uma ótima tradição local pesava sobre nossos ombros, então fizemos nosso melhor.

Monte foi até a mesa para nos lembrar que íamos acordar cedo no dia seguinte para ir para Virginia Beach. Eu disse a ele para ir sem mim porque nossa fã tinha prometido uma carona no carro de um amigo e, com o dia livre, não havia pressa. Monte perguntou se eu tinha certeza. Eu tinha, e pronto.

Eu estava com uma ressaca *vintage* do Swingos de manhã e finalmente cheguei ao salão de jantar para o almoço, o que ia incluir tantos cafés quanto os funcionários pudessem me trazer. Outra coisa que tirou minha mente da sensação pesada na cabeça foi ver Roger Maris. O herói aposentado do beisebol estava na cidade para uma convenção. Eu me apresentei e sentei. Ele tinha ouvido falar dos Ramones.

Apesar de não ser um grande fã de beisebol na infância, meu pai era e tinha me dado, de todas as coisas, uma luva de Roger Maris da Spalding. Eu estava familiarizado com os destaques da carreira de Maris: os sessenta e um *home runs* em 1961, os dois prêmios MVP consecutivos e as sete idas para a World Series, cinco com os Yankees e duas com os Cardinals. Então nos demos bem ali no Swingos e começamos a falar sobre memórias. *Se John pudesse me ver naquele momento*.

Maris falou sobre quando ele e Mickey Mantle disputavam para ver quem conseguia quebrar o recorde de Babe Ruth de *home runs* em uma única temporada; a rixa entre os dois jogadores era só sensacionalismo da mídia. Na verdade, Mickey tinha ido morar com Maris e o campo externo Bob Cerv no apartamento de dois quartos dos dois no Queens. Lá, Mickey dormia no sofá, e Bob e Roger tentavam cuidar dele. Nem

sempre tinham sucesso. Mickey chegava ao estádio totalmente bêbado e via três bolas vindo em sua direção. Ele sempre mirava na do meio. Uma vez, Mick estava tratando uma ressaca e tentou ser eliminado para poder voltar para a cabina. Por acidente, ele fez um *home run* e começou a xingar enquanto mal conseguia percorrer as bases.

Roger não parecia bem. Eu achava que também não estava com a melhor das aparências. Mas Roger parecia meio pálido, como se estivesse com um problema de saúde de verdade. Eu com certeza não ia tocar no assunto. Estava só aproveitando a conversa e o fato de que conseguia me identificar com essas histórias clássicas. Por um tempo, eu me senti como um dos M&M Boys.[1] Eu tinha até a mesma inicial.

Quando nossa fã do dia anterior, minha carona, veio até a mesa, eu estava pronto para apresentá-la e pedir licença para me levantar, porque tínhamos uma longa viagem pela frente. Mas ela disse que o amigo não ia poder nos dar carona. Pela primeira vez desde que acordei, eu me senti de fato enjoado. A viagem de carro de Cleveland a Virginia Beach tinha uns 965 quilômetros – mais ou menos nove horas se você não parasse. Comecei a ver um desastre tomando forma. Eu nunca tinha perdido um show na vida. Perguntei à fã sobre o amigo e recebi um choramingo como resposta. Vai saber se o amigo ou a carona de fato tinham existido? Fiquei chateado. Pedi uns dois drinques e me acalmei. Lembrei que aquele dia era nossa folga e que o show do dia seguinte era à noite, então eu podia lidar com a situação amanhã. Naquele dia, eu queria continuar bebendo e conversando com Roger Maris.

Quando fui dormir depois de mais uma noite de farra, tinha certeza de que podia ir de avião na manhã seguinte. Na manhã seguinte, eu não tinha mais tanta certeza. Monte ligou para o meu quarto em pânico para contar que estava no hotel em Virginia Beach ligando para todo mundo e que não havia voos diretos. Não só isso, mas as conexões iam envolver três, talvez quatro, voos e eu não ia chegar a tempo para o show. Pedi para Monte continuar tentando e desliguei.

Enquanto cambaleava até a recepção do Swingos, eu repetia para mim mesmo que, se conseguisse fretar um avião particular, seria um voo de apenas três horas, e daria tempo. Ou talvez existisse um ônibus ou trem que me levasse para lá.

Não existia nenhum ônibus. Não existia nenhum trem. Não existia nenhum avião. Mobilizei todos os funcionários do hotel que encontrei.

Todo mundo estava no telefone. Parecia o Telethon de Jerry Lewis. Enquanto isso, Monte estava ligando para eles e pedindo para falar comigo. Ele estava em pânico. Pedi para ele se acalmar. Havia um aeroporto particular nos arredores de Cleveland, e um dos gerentes do hotel estava ligando para lá naquele minuto para mim. Monte me pediu para ligar no instante que tivesse alguma novidade.

Eu estava tomando umas doses no bar do hotel quando o funcionário da recepção apareceu e disse que Monte estava ao telefone com notícias potencialmente boas.

– Talvez tenham um avião particular para você – ele avisou.

Então fui com o recepcionista e peguei o telefone da garota que costumava cuidar dos *check-ins*.

– Peste atenção – disse Monte. – É um Beechcraft. Uma aeronave de dois lugares.

– Certo – respondi. – Estou pronto. Vou pegar um táxi até o aeroporto.

– Mas espere um segundo – disse Monte. – Primeiro vão ligar para você no hotel.

– Tudo bem, pode ser.

Fiquei na recepção e, alguns minutos depois, o telefone tocou. A recepcionista do *check-in* me entregou o aparelho e meneou a cabeça.

– É o Marc.

– Certo, estou ligando sobre o voo fretado para Virginia Beach.

Ou era o piloto ou o gerente da companhia aérea ou as duas coisas. E tinha um leve sotaque agudo sulista.

– Você falou com o Monte? Eu aceito. Vamos embora.

– Senhor, talvez a aeronave não esteja pronta a tempo.

– Qual é? – respondi. – Quanto? É só dar o preço.

– Sr. Ramone, posso garantir que não é uma questão de valores.

– Eu mesmo piloto se for preciso. Preciso… qual é, me ajude, porra!

– Sr. Ramone, vamos ligar de novo para o hotel para informar sobre o status do voo.

Devolvi o telefone para a recepcionista e pedi para ela transferir as ligações para o meu quarto. Eu precisava apoiar a cabeça. Assim que encostei no travesseiro, o telefone tocou. Era Monte. Parecia que ele estava ligando de um funeral.

– Marc, eles não vão poder colocar você no avião. O sujeito percebeu que você estava bêbado. Pela sua voz.

– Qual é, merda? Eu não estava falando sério quando disse que ia pilotar.

– É uma aeronave muito pequena – Monte explicou. – Não é que você vai ficar em algum canto da classe econômica, escondido. Acho que ficaram com medo que alguma coisa acontecesse.

– E agora, Monte?

– Estou aqui na Virgínia ralando, é isso! Fiz seis ligações para todos os aeroportos particulares em Ohio! Liguei para um em Michigan e outro na Pensilvânia! Estou enlouquecendo aqui.

– Bom, me ligue quando tiver notícias. Estou cansado.

– Mas…

Desliguei o telefone e olhei para o radiorrelógio no criado-mudo perto da minha cabeça. Eram 16h07. Em menos de uma hora, eu ia perder a passagem de som. Isso me deixava com pouco mais de três horas para pegar o voo, Monte ir me buscar e me levar para o local do show, e eu subir no palco. Um milagre só não ia dar conta. Minha cabeça estava pesada como uma plataforma de metal para bateria. O tempo estava passando no radiorrelógio. Minha maior preocupação era não ser incomodado de novo para me avisarem de outro voo que não ia dar certo e, em todo caso, era tarde demais. Estendi o braço, tirei o telefone do gancho e apaguei.

No dia seguinte, os Ramones tinham um show em Washington. Monte reservou uma passagem em um voo comercial de Cleveland para o Dulles Airport. Na viagem de van de Dulles até o local do show, Monte me alertou para o que me esperava. Eu ia ter de reembolsar todo mundo por tudo. Isso incluía a multa do contrato pelo cancelamento do show, mas também todos os custos relacionados. Quando perguntei o que eram os custos relacionados de fato, ele me disse que, quando ficaram sabendo que o show tinha sido cancelado, os garotos ficaram loucos. Quebraram janelas, cadeiras e tudo o que encontraram na casa. Quando foram forçados a sair, vandalizaram os carros no estacionamento. Então os punks de Virginia Beach tinham criado um tumulto com todas as despesas pagas por mim.

Nos bastidores, todo mundo me tratou mal. John e Joey não estavam mais se comunicando através de mim – *nem comigo*. Dee Dee, meu parceiro no crime, estava distante. John finalmente rompeu o silêncio.

– Você fez merda.

– É, eu sei. Não vai acontecer de novo.

– Pois é. Não vai mesmo.

O show foi feito no piloto automático. Era sempre muito melhor ter contato visual e linguagem corporal para manter as coisas bem afinadas, mas, com muitos milhares de quilômetros de estrada na nossa história, a banda podia tocar num vácuo se precisasse.

Eu me senti mal, claro. Cheio de remorso. Na linguagem do beisebol, como John ou Roger teriam visto as coisas, era pior do que ser eliminado com todas as bases ocupadas. Era como estar bêbado demais para chegar até a base. Mas quanto mais pensava naquilo, mais eu achava que o tratamento estava sendo desproporcional. Eu nunca tinha perdido um único show. O que eu tinha feito era idiotice, mas não tinha sido de propósito. Eu concordei, sem hesitar, em reembolsar todo o dinheiro. Enquanto isso, nosso vocalista tinha cancelado turnês inteiras sem nenhuma penalidade. Então o gelo realmente parecia um exagero.

Eu tinha me esforçado muito para ficar sóbrio no voo para Washington naquela tarde. Tomei uma cerveja e só. Felizmente, era a última parada da turnê americana antes de tirarmos uma semana de folga e voar para Londres. Eu teria a chance de beber e relaxar depois do show e já estava esperando ansiosamente.

Quando estávamos crescendo nos anos 1950 e 1960, nos disseram que um dia os computadores iam dominar o mundo. No ano de 1982, ainda não tinha acontecido. A insanidade tinha tomado conta do mundo dos Ramones, mas ninguém que eu conhecia tinha computador.

Steve Wozniak estava aí para mudar as coisas. O US (pronunciado "us") Festival era seu bebê e uma forma grandiosa, barulhenta, elaborada e cara de unir computadores, eletrônicos e música sob o sol da Califórnia. Era uma amostra do futuro, e estávamos felizes de fazer parte daquilo.

O US Festival em San Bernardino não podia ser mais diferente de Woodstock. Woodstock era sobre paz e amor. US era sobre dólares e tecnologia. Woodstock tinha sido desorganizado, mas praticamente sem incidentes. O US era muito organizado, mas naquela sexta-feira do feriado do Dia do Trabalho estávamos ouvindo falar de várias prisões. Em Woodstock, meio milhão de hippies gritaram em uníssono "No rain!". No US havia uma chuva altamente tecnológica para aliviar o calor de mais de quarenta graus. A ordem das bandas aparecendo em Woodstock era mais ou menos um fluxo de consciência. Ali, no US Festival, cada um dos três dias tinha um tema: punk/*new wave*, rock e country. Os Ramones eram a banda número dois no primeiro dia, depois do Gang of Four.

Como músico, idealmente, você quer tocar do mesmo jeito, seja para dez pessoas seja para dez mil. Mas quando se está diante de 150 mil é impossível não notar. Era, de longe, a maior plateia para a qual a gente já tinha tocado nos Estados Unidos, e a banda queria arrasar. No palco, as

coisas aconteceram muito rápido. Entramos quando o Gang of Four saiu. A passagem de som foi um teste ou dois com câmeras – fixas e móveis – por toda parte. Foi como um experimento multimídia gigantesco, e nós éramos as próximas cobaias.

Antes de começar "Rock'n'Roll Radio", tirei a jaqueta de couro. Eu podia aguentar quarenta e três graus, mas cinquenta e quatro era demais. John estava de camiseta, Dee Dee também, que estava tentado se refrescar naqueles dias de cabelo curto. Só Joey continuou de jaqueta de couro e, enquanto seus problemas pessoais, psicológicos e, mais recentemente, de abuso de substâncias estavam aumentando, ele estava ali destemido sob o sol inclemente. O único obstáculo, ironicamente, foi técnico. No meio de "Shock Treatment", o microfone de Joey falhou. Durou mais ou menos um minuto, mas, se tínhamos aprendido alguma coisa com o passar dos anos, era a não entrar em pânico. Continuamos tocando enquanto os *roadies* trocavam o microfone.

Enquanto tocamos "Rock'n'Roll High School", "Sedated" e "Beat on the Brat", olhei para a plateia de vez em quando. Era espetacular. Dava para ver muito longe, onde a multidão se misturava com o campo aberto, mas era muito mais longe do que John ou eu podíamos jogar uma pedra. Entre nós e o horizonte havia um mar de gente. Eles estavam gostando, e muitos garotos estavam dançando sem camisa. Foi uma sensação muito boa estar ali. Em mais ou menos vinte e dois minutos, tudo acabou.

O US Festival estava preparado para quase tudo. Nos bastidores havia um tanque de oxigênio conectado a tubos e máscaras. Dee Dee e Joey foram direto para lá. Eles não pareciam nem um pouco prestes a desmaiar. Conhecendo os dois, eles provavelmente só queriam experimentar algo novo. Provavelmente era a coisa mais limpa que qualquer um deles tinha respirado desde o fim dos anos 1960.

Joey foi hospitalizado em 12 de setembro por causa de outra infecção no pé, o que resultou em semanas de shows cancelados e muito tempo livre para mim. Nossa vizinha no número 29 da John Street era um pouco mais velha que nós e mãe de três filhos novos. E era amiga minha e de Marion. Ela era uma companhia divertida. Enquanto isso, tínhamos o Mudd Club ao norte da prefeitura, o que se tornou meu segundo lar. A hora de fechar em geral significava pedir um táxi para um trajeto de dez quarteirões, o que era muito melhor do que cambalear por oitocentos metros. Quando eu decidia caminhar, os fãs literalmente me seguiam até

minha casa. Marion estava pegando no meu pé por causa da bebida, mas aquela era uma novela antiga para mim, e eu basicamente mudava de canal quando cansava de ouvir.

Uma tarde Marion saiu para fazer compras. Em questão de dez minutos, a mulher do apartamento ao lado bateu na porta. Eu sabia que ela ia trazer alguma coisa. Daquela vez foi uma garrafa de champanhe. Quando acabou, tomamos o que quer que tivesse sobrado da noite anterior, e quando isso acabava, tínhamos a loja de bebidas lá embaixo. Um serviço de quarto sem fim. Pedimos uma garrafa de vodca, uma garrafa de 151 e aumentamos o volume do estéreo. Fred apareceu com uma garrafa de uísque Fleischmann. Um dia normal.

Quando Marion passou pela porta por volta de cinco da tarde, parecia diferente. Ela fechou a porta da frente com força, se aproximou e desligou o som. Fez-se silêncio pela primeira vez em horas, e isso machucou meus ouvidos. Ela olhou para as latas, os copos e as garrafas espalhados pela sala e em seguida olhou para a vizinha.

– Então, onde estão os seus filhos?

– Estão… em casa.

– Tem certeza? – Marion perguntou. – É melhor você ir checar. Agora.

Quando nossa amiga foi embora, Marion me disse que não aguentava mais. Estávamos vivendo em uma zona de festas dia e noite cheia de facilitadores. A festa tinha acabado oficialmente. Íamos voltar para o Brooklyn.

Era difícil encontrar aluguéis decentes em Nova York, mas Marion abriu a seção de classificados da edição de domingo do *New York Times* e encontrou um monte de apartamentos de três ou quatro cômodos disponíveis em Sheepshead Bay, um bom bairro familiar perto do rio.

Não importa se fossem bons ou não, apartamentos em Nova York não ficavam vagos por muito tempo. Era uma questão de horas. Então Marion foi para o Brooklyn de manhã bem cedo na segunda. Quando voltou, ela me contou que havia dois apartamentos disponíveis dentro do valor, mas os dois eram horríveis. Pareciam o apartamento que eu tinha dividido com Bruce antes de mudar para o de Joel no andar de cima. Mas, aproveitando a deixa, o proprietário explicou que tinha um imóvel muito melhor a alguns quarteirões de distância. Era o truque mais velho na cartilha dos senhorios – levar um inquilino em potencial para um

apartamento "de amostra" mais barato para depois alugar alguma coisa muito mais cara.

Deu certo. Marion fez o depósito para um apartamento de um quarto em um prédio novo de dois andares feito de concreto e tijolo que tinha estilo de condomínio. O proprietário tinha outro trabalho, de empreiteiro, e esse tipo de construção tinha se tornado uma mina de ouro no Brooklyn e no Queens. Eles compravam uma antiga propriedade vitoriana, demoliam e reconstruíam um prédio de quatro ou seis unidades no mesmo terreno. Depois, pegavam o lucro e faziam de novo, dessa vez com dois ou três terrenos.

O processo tirava boa parte do charme dos bairros antigos, mas precisávamos do apartamento. Era limpo, prático e vinha com garagem. Cada apartamento tinha um terraço de concreto que mal dava para usar, mas quem se importava? Ficava bem longe do Mudd Club e da nossa ex-vizinha alcoólatra.

Nosso proprietário do prédio da 29 John Street não ficou feliz. Ele era amigo nosso e, joalheiro, há anos tinha conseguido abrir um espaço extra em sua oficina no nono andar. Aquele espaço era o nosso apartamento. Quando nos mudamos, era basicamente um *loft* com banheiro. Investimos dinheiro nas melhorias, incluindo acabamentos, ar-condicionado, geladeira e um trinco na porta de entrada. Não esperávamos receber um centavo de volta na época nem naquele momento.

Mas nosso amigo joalheiro disse que o estávamos deixando na mão. Ao contrário, explicamos, o apartamento ia demorar um minuto para ser alugado, e ele podia cobrar uma taxa conhecida como *key fee*, que era basicamente um valor adiantado que ia para o bolso do proprietário. Então estávamos deixando tanto o senhorio quanto o apartamento em boa situação. Deixar na mão não era o caso. Tirando o fato de que estávamos "deixando" o apartamento, e Marion não queria nenhum copo na minha mão.

Foi difícil deixar o centro e o Mudd Club para trás, mas a mudança para a Avenue X em Sheepshead Bay teve um benefício e tanto. Comprei um Cadillac Coupe de Ville 1960 e o restaurei. Era uma obra de arte com seu lindo rabo de peixe e lanternas traseiras duplas em forma de foguete. Eu gostava de pensar nele como o orgulho da vizinhança. Os vizinhos incluíam uma família da máfia que morava em um casarão de tijolos do

outro lado da rua. Frank admirava meu Cadillac e também tinha um, ano 1958. Quando a gente se encontrava na frente de casa ou no mercadinho no fim do quarteirão, compartilhávamos histórias de Cadillac como dois pais zelosos.

No fim de outubro, os Ramones estavam ensaiando para o próximo álbum, *Subterranean Jungle*, que seria gravado em dezembro. Com o Coupe 1960, eu tinha meu meio de transporte até o estúdio Daily Planet em Manhattan. Little Matt, *roadie* de John, morava a quatro quarteirões de nós na Ocean Avenue. Então, com Matt, eu tinha um copiloto. E, com uma ou duas doses no estômago, eu tinha um sorriso no rosto. O que eu não tinha era carteira de motorista. Mas eu tinha o cartão do seguro com o nome do meu corretor.

Uma tarde, Little Matt e eu estávamos na Ocean Avenue a caminho do ensaio em uma velocidade um pouco alta. Com o motor de um Coupe 1960, era difícil não dirigir rápido. Matt preferia andar no banco de trás. Não que estivesse dando uma de Phil Spector, mas Matt fumava muito e preferia ficar nos fundos.

De repente, senti um calor intenso nas costas e perguntei se Matt tinha derrubado cinzas nas minhas costas. Ele disse não totalmente convicto. No mesmo instante, eu soube qual era o problema. Pisei no freio, coloquei o carro em ponto morto e desci.

– Saia!

Little Matt saiu. O carro estava no meio da rua com pequenas chamas visíveis no banco da frente. Ficamos no meio-fio entre a Avenue T e a Avenue U. Atrás de nós estava a St. Edmund, uma escola católica para meninas. Algumas garotas de uniforme pararam perto de mim e de Matt para olhar. Em menos de cinco segundos, as labaredas estavam saindo pelas janelas. Em questão de mais cinco segundos, as chamas tinham seis metros de altura e haviam engolido a frente do carro. Algo como cinquenta alunas de colégio católico vestindo uniforme e vendo o espetáculo como se fosse o Retorno de Cristo.

Não falei nada, mas eu queria me chutar por não cuidar da parte elétrica embaixo dos bancos. O carro tinha controle elétrico dos assentos, e eu desconfiei, quando comprei o carro, de que os fios estavam frágeis. Mas, nos últimos tempos, eu não andava preocupado com detalhes como deveria estar. O simples fato de acordar e chegar ao ensaio era um feito.

Little Matt pegou cascalho da entrada da St. Edmund e jogou no carro. Isso desacelerou um pouco o fogo, mas o Coupe não tinha nenhuma chance. Em poucos minutos, a Ocean Avenue se transformou em um mar de sirenes de bombeiro e viaturas de polícia. Os bombeiros extinguiram as chamas com um *spray* químico seguido de água do hidrante na esquina. A fumaça tomou conta da rua. Levou um tempo até o Coupe ficar visível de novo. Ele estava destruído.

Os policiais fizeram algumas perguntas e, felizmente, nenhuma delas foi: "Posso ver sua habilitação?". Queriam saber o que tinha acontecido, e eu contei. Eles foram solidários. Os bombeiros foram mais solidários ainda.

– Sinto muito – um deles disse. – Cara, que belo carro. Você deve estar chateado.

Fiquei mesmo. Olhei em volta, e ao longo da entrada da St. Edmund havia um crucifixo da altura de quatro andares. A fumaça subiu pela cruz e se dissipou por um momento. Eu não era religioso, mas sabia que o que ia acontecer em seguida não era bom.

O guincho chegou e levou o Coupe de volta ao nosso prédio na Avenue X. Little Matt e eu descemos da cabine do guincho e demos uma olhada melhor no carro. Tinha sido um incêndio concentrado. A parte de trás estava basicamente intacta, mas o interior e o teto estavam esturricados. Tinha ficado tão quente lá dentro que a chave derreteu na ignição. Pedi para Matt ligar para o estúdio de ensaio e avisar a banda sobre o que tinha acontecido.

John me ligou mais tarde no apartamento. Estava puto porque perdi o ensaio.

– Você fez merda – ele disse. – E acabou com o meu dia. Você não acha que eu não gostaria de fazer outras coisas hoje? Você podia ter avisado que não ia aparecer. Eu tenho vida própria.

– John, meu carro pegou fogo com o seu *roadie* lá dentro. Ele não contou o que aconteceu? Eu queria ir para o ensaio tanto quanto todo mundo. O que eu podia fazer?

Dava para sentir pela voz de John que ele não tinha acreditado em mim. Para ele, ou eu estava mentindo ou estava aumentando a verdade. Havia uma dúvida na mente de John que provavelmente tinha começado com o fiasco de Virginia Beach e aumentado com cada drinque que eu tomava. Era como Pedro e o lobo, e achei totalmente injusto.

Três dias depois, o Coupe ainda estava na frente do prédio fervendo. Abri o capô e não consegui encontrar a origem. Era provável que os fios ainda estivessem quentes embaixo dos assentos. Pensei em desmontar o carro, mas eu tinha outro problema.

Ao longo de três dias, nenhuma vez Frank atravessou a rua para me perguntar o que tinha acontecido com meu bebê. Ele acenou umas duas vezes e não pareceu feliz. Depois, voltou para dentro. Seu tio e uns dois parceiros me lançaram olhares feios. Se havia uma coisa no mundo que a máfia não queria, era atenção. E se havia um lugar no mundo onde não queriam atenção, era no quarteirão onde moravam. Eu sabia que precisava me livrar do cadáver. Então eu o mandei para um ferro-velho em Bensonhurst. Recebi cinquenta dólares pelo carro. Era uma oferta que não podia recusar.

***

Em dezembro, quando começamos a gravar *Subterranean Jungle*, eu tinha comprado um Cadillac 1968 e verifiquei com cuidado a situação dos fios embaixo do banco da frente. Little Matt e eu fomos para o Kingdom Sound em Syosset, Long Island, aproveitando a alta velocidade na Northern State Parkway. Eu estava ansioso para gravar. A demo que fizemos soava quase boa o bastante para ser um álbum. As canções em si eram, em sua maioria, uma espécie de retorno à raiz punk dos Ramones. "Psycho Therapy", "Outsider" e "Time Bomb" podiam ter sido gravadas em 1977 e teriam se encaixado perfeitamente. A guitarra era agressiva, e as letras, em grande parte graças a Dee Dee, eram bem malucas.

Enquanto o próprio era permanentemente maluco, havia um esforço conjunto daqueles ao redor de Dee Dee para ajustá-lo pelo menos um pouco. Ele tinha um diagnóstico de transtorno bipolar. A banda sabia que ele usava psicotrópicos, mas quais exatamente era algo sujeito à especulação. Lítio, uma droga convencional e consagrada para o tratamento de distúrbios de humor, era provável. Além dela, qualquer aposta valia: Tofranil, Stelazine, Thorazine, Antabuse. Podia ser toda uma

categoria no *Jeopardy*! E até onde nós sabíamos, ele ainda usava cocaína. Como todas essas substâncias, legais e ilegais, interagiam eram difícil até para um Ph.D. em farmacologia saber. Mas sem dúvida eu via uma mudança em Dee Dee: ele estava começando a ganhar peso.

Quando Little Matt e eu chegamos ao estúdio, fui direto para o banheiro masculino. Tirei uma garrafa de vodca da mochila, dei um gole e a guardei com cuidado na lixeira de metal com tampa basculante. O truque era não colocá-la no saco de lixo, e sim entre o saco e a parede da lixeira. Quando tirei a mão dali, eu soube que tinha passado de um limite. Eu nunca tinha bebido antes ou durante uma sessão de gravação na vida, mas pensei: *Comparado ao saco de merda de Dee Dee, aquilo não era nada*.

Como sempre, a bateria vinha primeiro. Ritchie Cordell, o produtor selecionado por Gary Kurfirst, colocou meu som em movimento enquanto eu me aquecia. Cordell era um conhecido compositor e produtor que tinha feito sucesso nos anos 1960 com Tommy James e The Shondells. Ele era o coautor de "Gimme Gimme Good Lovin'" para a banda de um único sucesso Crazy Elephant. Mais recentemente, ele tinha produzido Joan Jett e a versão dos Blackhearts de "I Love Rock 'n Roll", que tinha chegado ao topo das paradas nos Estados Unidos. Eu sabia que ainda estávamos em busca de um grande *single* e que Ritchie Cordell ia trazê-lo para nós.

Havia um problema: o som da bateria que ele estava produzindo era horrível. Ele tinha seu jeito próprio de afinar, o que fazia cada pele soar como se estivesse cobeta por uma toalha. Não era cortante nem intenso. Faltava culhão. Eu nunca tinha ficado em silêncio sobre nada que fosse importante em termos musicais, e não pretendia começar.

– Não está bom – eu disse.

Vi Ritchie Cordell franzir o cenho pelo vidro da sala de controle. Ele deu de ombros e apertou um botão para eu ouvir pelos fones.

– Está tudo bem. O que tem de errado?

– Bom, para começar, a coisa toda está uma merda.

– Só deixe passar por enquanto, por favor.

Deixei passar por uma música. Era um *cover* de "Little Bit O' Soul". Era uma composição de muito sucesso dos anos 1960, ainda que eu achasse que fazer três *covers* para o álbum fosse um erro. Mas a decisão não era minha, e toquei enquanto John e Dee Dee gravavam as guias. Depois de um segundo *take*, Ritchie Cordell me chamou na sala de controle para

ouvir. Para meu choque e minha surpresa, soava ainda pior do que na sala de gravação.

– O que você colocou aqui? – perguntei.

– Como assim?

– Você sabe do que estou falando – respondi. – Que tipos de efeitos estão fazendo a bateria soar como se tivesse sido enrolada em um saco de papel e jogada na privada?

– Tenho um *noise gate* e um pouco de compressão.

Ele parecia na defensiva. E apertou alguns botões no painel de controle para desligar e ligar de novo. Cordell olhou para John, que não disse nada. De jeito nenhum eu ia ceder em uma coisa tão importante.

– Você precisa se livrar da porra do *noise gate* e soltar a compressão – eu disse. – Está cortando os pratos. Você está fodendo o som dos Ramones. Isso é básico. Eu não deveria nem precisar mencionar. Você é o produtor. Você é responsável pelo som da bateria. Você precisa fazer sua lição de casa.

– Certo, Marc – disse Monte. – Por que você não faz uma pausa?

Monte estava fazendo o papel de pacificador, e achei que uma pausa não ia piorar nada. Fui ao banheiro masculino, primeiro para mijar, depois para tomar um drinque. Sem mais ninguém no banheiro ou, até aí, querendo chegar perto de mim, enfiei a mão no lixo e peguei minha amiga. Enquanto bebia da garrafa, pensei que em uma situação normal o produtor ia ouvir o que o baterista tinha a dizer e pelo menos tentaria fazer alguns ajustes. Algumas concessões. Mas eu não tinha recebido nenhuma brecha.

Quando eu estava voltando do banheiro, Monte me parou e perguntou se estava tudo bem. Respondi que era claro que estava. Eu estava defendendo o som da banda e ficaria feliz se tivesse um pouco de apoio. Eu me acalmei quando voltei e tentei simplesmente fazer meu trabalho. Estávamos trabalhando em "Outsider". Eu conhecia bem a música pela demo. Naquele momento, eu era claramente o elemento estranho.

No segundo dia, me senti um pouco mais integrado. Nosso velho amigo Walter Lure dos Heartbreakers estava junto se preparando para tocar guitarra solo mais adiante naquela semana. Assim como nos nossos outros álbuns, quando íamos tocar as músicas ao vivo, John acabava meio que aprendendo os poucos solos que os Ramones usavam. Para os

solos do estúdio, a banda usava um profissional. Walter ainda estava usando heroína, e ninguém questionou. Ele fazia o que tinha que fazer. Cuidava da própria vida.

E eu fazia o que tinha que fazer. Eu tinha uma garrafa de vodca nova no banheiro e algumas doses já no corpo, mais outras tantas ingeridas antes de entrar no carro com Little Matt. Eu estava me sentindo bem e queria espalhar a alegria. Era o momento perfeito para o Menino com Bico de Frango. Coloquei as mãos embaixo das axilas e levantei os cotovelos como se fossem asas. Arqueei as costas, empinei a bunda e comecei a desfilar pelo estúdio.

– Menino com Bico de Frango! Menino com Bico de Frango! Ele é humano? Ele é um frango? Não, é o Menino com Bico de Frango! Um visitante estranho de outro planeta!

Pulei em um sofá e comecei a grasnar. Walter riu. John soltou a guitarra e saiu da sala. Dee Dee tomou um punhado de comprimidos.

Trabalhamos em algumas faixas, incluindo "Time Bomb". A música tinha uma ótima frase melódica e uma batida louca, direta e intensa, mas o mesmo problema que todas as outras músicas: a maneira como ela soava gravada. Joguei meus fones no chão e saí da sala de controle batendo o pé.

– Posso perguntar uma coisa? – disse eu, olhando para Ritchie Cordell, que estava sentado no painel.

– O quê?

– Eu estou vivo?

– Marc, que tipo de pergunta é essa?

– É uma boa pergunta – respondi. – Porque naquela fita eu pareço uma bateria mecânica. E não é nem uma bateria mecânica boa. Uma das mais baratas da Sam Ash.

– Não estou aqui para discutir com você.

– Isto não é uma discussão – disse eu. – Tudo o que você precisa fazer é escutar, e você vai ouvir. Sabe do que mais? Vou dizer mais uma coisa.

– Marc – Monte interveio. – Qual é? Calma!

– Não, me deixe terminar – continuei. – A demo que fizemos está melhor que esse álbum. O. k.? E não chega nem perto. Eu ouço uma bateria ao vivo na demo.

Monte e Walter me acalmaram, e me resignei a tocar e ficar de boca fechada o resto do dia. Se queriam que eu tratasse a coisa como se fosse

um trabalho, eu podia fazer isso. Como qualquer emprego, havia pausas para ir ao banheiro. Quando enfiei a mão na lixeira, eu me perguntei se era a bomba-relógio. Tentei imaginar se Dee Dee tinha escrito aquela música especialmente para mim.

Naquela noite, Monte ligou para o meu apartamento, e Marion atendeu. Ele pediu a ela para me dizer para pegar mais leve. Não ficar em silêncio sobre minha opinião, mas diminuir o tom e a agressividade. Como a gravação da minha bateria.

– Ritchie Cordell está com medo de Marc – disse Monte. – A coisa chegou nesse ponto. E acho que ele está falando com Gary sobre isso. Só converse com Marc e peça para ele se acalmar, só isso. Por favor.

No outro dia, no caminho até o estúdio, pensei em me comportar só para ajudar o Monte. Não era certo ele ter de limpar nossa bagunça o tempo todo. Uma das músicas que ia ser lançada era "Time Has Come Today", um grande sucesso dos Chambers Brothers de 1968, mas não era a música certa para os Ramones. Era *flower power* e psicodélica demais, e os quatro minutos e meio demoravam demais para ser uma faixa dos Ramones. Mas achei melhor cooperar e tocar mesmo assim. Mesmo com a rádio 101.1 tocando, houve um momento de silêncio desconfortável no carro. Little Matt foi o primeiro a falar e fez uma pergunta.

– Ei, Marc, se não estivesse nos Ramones, o que você faria?

– Não sei – respondi –, mas vou dizer uma coisa, eu não ia fazer um *cover* de "Time Has Come Today".

Após plantar minha garrafa de vodca no banheiro masculino, fui para a sala de gravação. Passei por John no corredor, e ele olhou para mim sem dizer nada. Vi Joey saindo da técnica, e ele me parou.

– Tudo bem com você, Marc?

– Está, sim, tudo bem – respondi. – Você está bem, Manny? – Era meu apelido para ele às vezes.

– Estou, claro. Normal.

O cheiro dele não estava normal. Nada estava. Eu não conseguia parar de pensar no que Matt tinha dito no carro. Não era típico dele me fazer uma pergunta abstrata sobre a vida. Era uma reação a alguma coisa que ele tinha ouvido. Eu podia imaginar o que tinha sido.

Eu nunca tinha encontrado o baterista da banda de Walter Lure, mas quando entrei ele estava sentado na bateria ajustando o som com Ritchie Cordell. Os dois olharam para mim como se eu tivesse interrompido

alguma coisa muito importante. O baterista levantou e saiu da sala. Ritchie Cordell foi atrás.

Gravei um *take* de "Psycho Therapy". Depois outro. Eu não precisava mais ouvir na sala de controle. O que quer que fossem fazer, eles iam fazer. Estava na hora de fazer uma pausa para ir ao banheiro. Quando atravessei o *hall*, vi Walter Lure saindo do banheiro e Dee Dee entrando. Walter sabia do meu segredo e estava dividindo a garrafa. A única regra daquele clube era: coloque a garrafa de volta onde a encontrou. Achei melhor esperar um ou dois minutos até Dee Dee sair.

Ele saiu com a garrafa de vodca na mão e um grande sorriso no rosto, como um garoto numa caça ao tesouro, ou um policial depois de uma batida. Eu precisava dar crédito a Dee Dee. Era um belo flagra. Ele precisou sentir o cheiro da bebida no meu hálito, descobrir onde eu estava bebendo, pensar bem em onde eu podia estar escondendo a garrafa e enfiar o braço não só na lixeira, mas também no meu compartimento secreto. Ele precisava pensar como um viciado. Não era um acaso. Comparando, eu era um amador. Não havia ninguém no mundo melhor do que Dee Dee na arte de esconder drogas. Todos aqueles anos enterrando maconha em países exóticos finalmente tinham compensado.

– Olhem só o que eu encontrei. Olhem o que o Marc estava escondendo no banheiro. Feliz Natal e feliz Ano-Novo!

Ouvi a porta da sala de controle se abrir enquanto Dee Dee continuava exibindo sua apreensão. Não havia mais nenhuma garrafa me esperando, mas fui ao banheiro mesmo assim porque precisava ir. Quando saí e voltei para a sala de gravação, não houve tribunal. Ninguém estava chocado. Todo mundo sabia o que eu estava fazendo. Só que agora tinham uma prova incontestável.

Trabalhei nas faixas de bateria da composição de Dee Dee "Somebody Like Me". Não havia ninguém como ele. Dee Dee sabia disso. Todo mundo sabia disso. E foi por isso, imagino, que ele me dedurou. Seu problema de abuso de substâncias era um trem desgovernado. Apontar para um pequeno vagão de reboque na lateral dos trilhos era uma ótima maneira de desviar a atenção de si mesmo.

Eu não falei nada sobre a hipocrisia daquilo tudo, mas mesmo assim fiquei puto. O sujeito estava me dedurando? Terminei as últimas faixas originais para o disco e disse a Monte que ia para casa. Eu não ia gravar

“Time Has Come Today” de jeito nenhum. Eles podiam escolher quem quisessem.

***

Para a capa do álbum, fomos visitar uma verdadeira selva subterrânea – o metrô de Nova York. O fotógrafo George DuBose teve a ideia de usar a estação da Fifty-Seventh Street com a Sixth Avenue em Manhattan. Era o final da linha do trem B. À noite, havia uma pausa de uns vinte minutos antes de o trem seguir viagem. Era muito mais barato que alugar a estação ou construir um cenário.

O trem B tinha um significado pessoal para mim. Ele ligava a região do Prospect Park do Brooklyn, o East Village e a Midtown, onde eu tinha feito tantos trabalhos em estúdio e comprado equipamentos ao longo dos anos – àquela altura, décadas. O conceito da capa era simples – os Ramones em um trem. A estação estava quase vazia com exceção de nós. Não houve debate sobre o que vestir dessa vez. Ramones mais metrô é igual a jaquetas de couro.

Um fotógrafo e seus objetos podiam gastar alguns rolos de filme em vinte minutos se se esforçassem, e foi o que fizemos. Havia fotos nossas sentados em fileira no vagão, em pé segurando a alça, em pé na porta aberta do vagão olhando para a plataforma. Era difícil saber se George tinha sugerido ou se fez por instinto, mas, de todo jeito, pareceu uma boa ideia quando sentei num assento à janela. Enquanto John, Joey e Dee Dee estavam em pé olhando pela porta, olhei pela janela como um viajante solitário. George usou meio rolo com a banda nessa posição, cada disparo registrando uma nuance diferente do mesmo clima sombrio.

Uma das primeiras coisas que um visitante, turista ou imigrante aprende em Nova York é que o metrô não é um lugar para conversar com estranhos nem fazer novos amigos. Você mal conversava com seus velhos amigos. Então aquela foto surgiu naturalmente para nós.

***

A jukebox no meu quarto em Sheepshead Bay estava tocando e uma reprise de *Kojak* estava passando ao fundo. Era uma tarde durante uma semana de janeiro de 1983 quando o telefone tocou. Era Joey.

– Marc – ele disse. – Eu preciso contar uma coisa.

Não que eu já não soubesse há um tempo. Não que não ser nem chamado para os ensaios da próxima turnê não tivesse enfatizado. Mas o tom na voz de Joey era aquele que as pessoas guardam para informar sobre uma morte, para terminar com você ou para despedir você.

– Você não pode mais fazer parte da banda. Eu me sinto mal, mas não há nada que eu possa fazer. Os caras sentem que não conseguem mais lidar com você.

– Olha – respondi –, eu tinha a sensação de que isso ia acontecer.

Disse a Joey para não se preocupar. Só fazer o que precisava fazer. O que eu precisava fazer era responder à pergunta de Little Matt daquele dia no carro – se eu não estivesse nos Ramones, o que ia fazer? A resposta era fácil. Eu ia fazer exatamente o que estava fazendo naquele momento – me divertir. E ia ter mais tempo do que nunca para isso.

Na tela da TV, outra pergunta estava sendo feita. Era o bordão clássico de Telly Savalas, "Who loves you, baby?".[1] A resposta não era tão fácil.

Eles usavam aquela foto em que estou sozinho na janela do trem B. "Ramones" estava pichado do lado de fora do vagão. Era um efeito especial. A tinta spray não estava lá de verdade. Eu mal estava lá.

Eu estava aliviado. E desapontado. E com raiva. Quando a primavera de 1983 começou e, pela primeira vez em muito tempo, eu não estava em turnê com os Ramones, havia muito estresse com o qual eu não precisava mais lidar todo dia. John não suportava Joey. Joey não suportava John. Joey não suportava Dee Dee. Dee Dee não suportava John. John meio que tolerava Dee Dee. E a solução foi me expulsar. *Eu*!

Eu podia entender até certo ponto que era uma implacável decisão profissional. Dee Dee e eu éramos uma equipe. Os dois levavam a farra a sério e se tornavam tóxicos quando estávamos juntos. A equipe precisava ser separada. Por mais valioso que eu achasse que era, Dee Dee escrevia a maior parte das músicas e era indispensável, não importava o que colocasse na boca. Mesmo assim, achei que fôssemos irmãos. Claro, irmãos que brigavam, mas a maioria dos irmãos era assim. As brigas deveriam nos tornar mais unidos, não nos separar por causa de um problema. Eu não esperava ser jogado do barco. Quando muito, eu achava que merecia uma chance de me desintoxicar por um mês e voltar. Mas não havia bote salva-vidas me esperando. Não havia uma corda. Tentei deixar tudo para trás.

Quando pensava nas sessões de gravação de *Subterranean Jungle*, em me arrependia da maneira como tinha falado com Ritchie Cordell. Era o

álcool falando. Mas não me arrependia do conteúdo. Aquilo precisava ser dito de um jeito ou de outro. Eu não conseguia entender a razão para passar a vida toda melhorando como músico – ou, até aí, como qualquer coisa – para depois fazer uma coisa de que você não se orgulha. A abordagem dos Ramones de resolver o mais rápido possível para dividir o que sobrava do adiantamento tinha levado Phil Spector a um copo de plástico de vinho Manischewitz e a mim a uma garrafa de vodca em uma lixeira.

Da minha perspectiva, eu não tinha pelo que me desculpar. Havia muita gente chegando aos trinta que ainda se perguntava o que ia fazer da vida. Eu estava com o nariz nas engrenagens – ou peles – desde a adolescência. Fazia quase quinze anos que eu era um músico profissional, tinha trabalhado pesado, aguentado tudo e feito parte de três, talvez quatro, bandas inovadoras. O álbum de Johnny Shines de que eu tinha participado estava na Biblioteca do Congresso. Eu tinha dinheiro no banco. Tinha conquistado o direito de relaxar e aproveitar a vida.

Uma manhã de domingo no fim da primavera, Marion e eu fizemos o que casais no país todo tinha feito desde sempre – saído para fazer um passeio de carro e comprar algumas coisas. Estávamos percorrendo a Sheepshead Bay Road no Cadillac 1968 a mais de sessenta quilômetros por hora quando pisei no freio.

– Puta merda! – eu disse a Marion.

Eram John e Linda parados nas calçada do lado de fora de uma farmácia.

– Que diabos eles estão fazendo aqui? – Marion perguntou.

Eu não fazia ideia. Eles se encontravam furtivamente havia literalmente anos, mas por que aqui? Por que naquele momento? Os dois moravam no centro de Manhattan.

Um encontro secreto podia ter levado os dois para o Village ou a Midtown, mas Sheepshead Bay, no Brooklyn, ficava do outro lado do rio, em um *borough* diferente, e aparentemente não tinha nada do interesse deles, incluindo nós. O atrativo não poderia ter sido a farmácia onde tinham acabado de entrar. Era uma farmácia pequena e simpática, um negócio familiar, mas havia pelo menos uma dúzia de Duane Reades em Manhattan que a deixavam no chinelo.

– O que você está fazendo, Marc? Não. – Marion segurou o volante.

Eu precisava fazer. Estacionei o carro e saí. Marion também. Por mais idiota que fosse, era difícil evitar. Entramos na farmácia. John deve ter nos visto, porque o vi se esconder atrás de um grande *display* de papelão de esmaltes. John devia ter pensado que eu queria dar uma surra nele. Linda correu para a seção dos produtos de banho. De repente, Marion e sentimos vontade de comprar desodorante, pasta de dente, creme para as mãos e qualquer coisa que pudesse estar acabando. Sem nenhuma pressa. De vez em sempre, eu via o cabelo de tigela de John olhando por trás do *display* da Maybelline.

Fomos para o caixa com artigos suficientes para durarem o verão todo, depois fomos em direção à porta. Começamos a rir quando chegamos à calçada, e a graça continuou no carro. Coincidências como aquela aconteciam fazia tempo em Manhattan, mas com certeza não ali. Não era como se estivéssemos seguindo John e Linda. Nós tínhamos nos mudado para o Brooklyn para fugir da loucura, não para ir na direção dela. Quando muito, eles estavam *nos* perseguindo.

John e Linda tinham se tornado um pouco insuportáveis. A maneira como tratavam Joey e Roxy era uma parte, mas não tudo. Eles faziam pequenas coisas fofas que deixavam todo mundo louco. Numa segunda-feira, John colocava uma camiseta vermelha, e Linda usava um vestido curto vermelho. No dia seguinte, ele vestia uma camiseta verde para combinar com o suéter e a saia verdes dela. Era uma tortura de combinação de cores. Parte da tortura era que ninguém podia dizer nada para a outra parte dos casais, que eram nossos amigos. Ninguém podia fazer o barco balançar nem afundar. Mas agora que eu estava fora da banda, valia tudo. Ou, como John teria dito, o jogo tinha começado do zero. Voltamos para casa correndo. Marion ligou para Roxy primeiro. A ideia não era criar um inquérito federal. Era só avisar o que ela tinha visto e pronto.

– Nós vimos os dois juntos. Em Sheepshead Bay, de todos os lugares.

– Você está falando sério? – Roxy perguntou. – Tem certeza?

– Roxy, qualquer um deles é inconfundível. Juntos, os dois são únicos.

Em seguida, liguei para Joey. Que me acusou de mentir para criar problemas agora que eu não estava mais na banda. Ele estava em negação.

– Joey – eu disse. – Aposto todo o dinheiro do mundo que ela não está em casa com você agora. Como eu poderia saber?

Joey respondeu que não significava nada, e desligamos o telefone. Marion e eu tínhamos feito nossa parte, e a sensação era bem ruim.

Quando o telefone do quarto nos acordou, o relógio digital indicava 1h48 da madrugada. Marion atendeu, e eu podia ouvir Roxy histérica do outro lado da linha. Ela queria que Marion repetisse o conteúdo da conversa de domingo de manhã, incluindo onde tínhamos visto John e Linda e exatamente o que Linda estava usando. Por um momento, eu me perguntei por que Roxy precisava ouvir aquilo tudo de novo, mas quando terminei de acordar me dei conta de que não era só para os ouvidos dela. Assim que percebi isso, ouvi a voz de John gritando pelo telefone.

– Por que você quer deixá-la chateada? – ele perguntou.

– Por que você está fazendo o que está fazendo? – Marion devolveu.

– Por que você não fica longe da merda da minha vida?

– Por que você não fica longe da merda do meu bairro?

– Eu não estava nem no seu bairro – disse John.

– É mesmo? – disse Marion. – Então eu sei por acaso que você estava usando uma camiseta cinza e entrou em uma farmácia na Sheepshead Bay Road porque sou vidente? Você é um mentiroso nojento!

– Você precisa encontrar alguma coisa para fazer da vida agora que Marc não está mais na banda.

– Então, John – ela continuou –, de quem você estava se escondendo na farmácia? De quem você estava com tanto medo?

A briga foi piorando e se transformando naquele tipo de situação que só acontece quando as coisas se acumularam por muito tempo e quando você não se importa mais porque acha que nunca mais vai ver a outra pessoa. Marion e John colocaram tudo para fora, e não sei quem desligou primeiro.

No começo do verão, recebi uma ligação de Little Matt. Ele tinha estacionado o caminhão de equipamento dos Ramones de um dia para o outro na rua em frente a seu apartamento na Ocean Avenue, e, quando acordou de manhã, o veículo tinha sido roubado. Tudo tinha sumido – amplificadores, monitores, mesas de mixagem, luzes, cabos. Até a jaqueta de couro de John foi roubada, então ele estava bem puto. Eu disse a Matt que sentia muito pelo ocorrido, e ele contou o outro motivo por que estava me ligando. John achava que eu estava por trás do roubo. Ele não tinha certeza, mas quando os Ramones estavam discutindo o incidente

meu nome apareceu. A argumentação de John era que eu estava me vingando dele por me demitir e que eu morava no bairro.

Eu tive que rir. Quase nem precisei lembrar Little Matt quem mais morava no bairro – as mesmas pessoas que, alguns anos antes, tinham planejado e executado com sucesso o assalto da Lufthansa, o maior roubo de dinheiro da história dos Estados Unidos. Em comparação, o roubo dos Ramones tinha sido mais fácil do que cheirar cola. Mas, de alguma forma, na mente paranoica de John, em poucas semanas eu tinha ido de perseguir ele e Linda a roubar o caminhão de equipamento da banda.

Quando Little Matt ligou de novo na noite de 14 de agosto, tinha más notícias sobre John. Ele tinha acabado de sair da van e estava andando em direção a seu apartamento na East Tenth Street quando viu Roxy na frente do prédio com um sujeito chamado Seth Macklin. Mais ninguém da banda nem da equipe viu, mas alguma coisa aconteceu depois, e John e Seth Macklin começaram a brigar. John apanhou feio e, quando estava caído, levou um chute de uma bota com ponta de aço na cabeça. Uma testemunha viu John se defendendo com a bolsa de viagem. Macklin estava sob custódia da polícia, e John estava no St. Vincent's Hospital fazendo uma cirurgia por causa do crânio fraturado. Matt disse que todo mundo achava que ele ia sobreviver.

De manhã, a história estava estampada nos jornais, incluindo, claro, a primeira página do *New York Post*. Não havia mais informações além do que já sabíamos da noite anterior. Aliás, havia menos. Mas não era difícil deduzir o básico. Eu tinha ouvido falar que Roxy levava homens para casa fazia anos. Quando John a viu com o sujeito, ele atacou. John provavelmente ia agredir Roxy, mas, em vez disso, deu de cara com Seth Macklin de coturno com ponta de aço.

Alguns dias depois, Little Matt me disse que a expectativa era que John tivesse uma recuperação completa, ainda que lenta. A relação dele com Roxy, no entanto, não ia se recuperar. Na noite do incidente, enquanto John estava no St. Vincent's, Roxy convidou a polícia e a imprensa para ir a seu apartamento e distribuiu fotos dela com John que foram parar na capa no *Post* no dia seguinte. Quando saiu do hospital, John leu sobre o ato de rebelião de Roxy. Não havia nada mais incômodo para um maníaco de controle do que perder o controle. Naquele caso, ele tinha perdido o controle tanto de Roxy quanto da informação que estava

vindo de sua própria casa. Havia rumores de que John estava procurando outro apartamento e que, presumivelmente, Linda ia morar com ele.

Joey estava eufórico que John tivesse se dado mal. Sempre que o mundo fazia a John o que o próprio Joey não conseguia fazer, ele ficava feliz. Eu estava triste por John. Eu não gostava de ver aquilo acontecendo com ninguém, especialmente com alguém de que eu tinha sido amigo por tanto tempo. Mas não fiquei chocado que tivesse acontecido. John deixou a porta aberta. No fim das contas, seu estilo de vida cobra um preço.

***

Eu não queria acordar. Estava tendo um belo sonho e sabia que o mundo para o qual eu ia acordar não ia ser tão bom. Mas o barulho não parava. Estendi a mão direita como se fosse desligar um despertador, mas não havia despertador. Eu estava no meu Cadillac. Havia um policial de cada lado do carro. As batidas eram o barulho dos revólveres de serviço na janela.

– Destrave a porta! Agora! Abra a porta!

Os policiais estavam furiosos, e havia mais gente, cidadãos comuns, em volta deles. As outras pessoas também estavam furiosas. Todo mundo parecia querer que eu saísse do carro. Notei que havia cadeiras estofadas, cômodas e camas viradas cercando o Cadillac. Eu tinha uma ideia sobre os móveis, mas era só uma ideia. Pensei em destravar a porta do lado do motorista, mas, assim que fiz isso, a vida nunca mais foi a mesma.

Era um daqueles dias quentes e úmidos do fim de agosto, quando o verão sufoca você e cobra um preço pelo nariz daqueles dias agradáveis do mês anterior. Meus planos eram ficar dentro do apartamento com o ar-condicionado ligado. Mas meu velho amigo Paul Baxter ligou por volta da hora do almoço e perguntou se eu podia levá-lo para a corte de trânsito na Atlantic Avenue para ele pagar uma multa por excesso de velocidade. Falei que sim, contanto que pudéssemos parar na mercearia e comprar um pacote de seis garrafas de Newcastle Brown Ale.

Pegamos dois pacotes – um para a viagem e outro para a volta. Seguimos para o norte na Ocean Parkway e quando chegamos à Flatbush Avenue já estávamos tomando as cervejas. Paul jogou mais uma garrafa vazia no banco de trás e me pediu para deixá-lo na esquina da Flatbush com a Atlantic Avenue. Ele não sabia quanto tempo ia demorar. Meia hora se ele tivesse sorte. Talvez mais. Parei no meio-fio e disse a ele que ia dar uma volta e procurá-lo mais tarde.

Virei à esquerda na Fourth Avenue, à esquerda na Pacific e à esquerda de novo na Flatbush, completando minha primeira volta. A WNEW-FM estava tocando no volume máximo no som do carro, mas estavam pondo muitos comerciais. Dar a volta no quarteirão se tornou chato logo, e logo acabou a cerveja. O ar-condicionado estava ligado, mas o trânsito estava me deixando louco. Todo mundo e mais alguns estavam naquelas ruas para pagar uma multa, pagar uma taxa, tirar carteira de motorista, aparecer diante de um juiz, entrar com recurso, tentar estacionar e ficar no meu caminho.

Vi um bar na esquina da Atlantic com a Flatbush. Não sei como não tinha reparado nas primeiras quatro vezes. Meus problemas tinham acabado. Tinha até uma vaga na frente. Entrei na vaga de frente. Quando bati a porta do meu Coupe 1968, vi a pintura prateada perfeita que tinha acabado de fazer e me dei conta de que tinha parado em um ponto de ônibus. Achei que não ia demorar muito e eu precisava muito de uma bebida. O ar sufocante de meados de agosto no centro fazia meus pulmões parecerem dois sacos de papel molhados.

O bar era o lugar certo para mim. O ar-condicionado estava bem regulado, e a WNEW-FM estava tocando no rádio, então foi como estar no carro de novo com um novo carregamento de cerveja e nenhum trânsito. Sentei em um lugar vago perto do bartender, um sujeito do Brooklyn das antigas, e pedi uma Newcastle Brown. Aquilo começou a ficar tão chato quanto dar a volta no quarteirão, então passei para doses de Old Grand-Dad. A versão de George Thorogood de "One Bourbon, One Scotch, One Beer" estava tocando nas caixas de som do salão, e pensei que, se o George podia misturar, eu também podia.

Quando a música terminou, voltei para a cerveja, dessa vez Pabst Blue Ribbon, que era uma cerveja que tinha a ver com o verão, com beisebol e com bares como aquele. Havia alguns sujeitos espalhados pelo lugar se escondendo do mundo ao meio-dia, e eu estava me escondendo com

eles. Uma partida de beisebol estava passando na TV pendurada no teto, e dois homens estavam discutindo. Um deles dizia que os Yankees não tinham arremessador e precisavam se renovar. O outro dizia que o primeiro não sabia merda nenhuma. Eu não dava a mínima. Eu estava tomando uísque depois de cerveja, cerveja depois de uísque, e me divertindo no processo. O único problema era o relógio da Miller na parede, que dizia que eram três e cinco. Paul provavelmente já tinha terminado, então virei minha última dose e saí.

Meu carro não tinha sido multado nem guinchado. Quando a sorte está com você, ela está com você. Coloquei a chave na porta, entrei, coloquei a chave na ignição e dei uma olhada rápida pela janela do lado do motorista. Vi um policial. Ele parecia um daqueles homens das antigas que estavam no bar e começou a bater no vidro com uma garrafa. Abri e fechei os olhos: não era uma garrafa. Era um revólver, mas era o mesmo policial. Vi as cadeiras, cômodas e camas de novo e me dei conta pela primeira vez de que estava em uma loja de móveis. Havia vidro por toda parte no interior, e a vitrine parecia ter sido atravessada por um tanque. *Alguém* tinha feito aquilo.

– Destrave a porta! Agora! Abra a porta!

Eu abri. O policial do lado do motorista me segurou e me virou enquanto o outro me algemava. Como todo mundo nos Estados Unidos, a cena estava na minha cabeça de incontáveis filmes e noticiários. O criminoso é levado, cercado por pais e mães, filhos e filhas, vizinhos, comerciantes, vendedores, todos gritando. Cada um querendo se haver com ele. Só que daquela vez o criminoso era eu.

– Você passou por cima do pé da minha filha, seu merda!

Se passei, o que você está fazendo aqui gritando comigo?

Tiraram minhas impressões digitais e fui fichado na 78ª delegacia. Era uma fortaleza de tijolos que ficava a apenas dois quarteirões de distância. Quando tiraram minha foto, um dos policiais me disse para sorrir para a câmera. Era tudo o que eu precisava mostrar para um juiz – que era tão louco que era capaz de rir da situação. Olhei impassível para a lente. A expressão veio naturalmente.

A fiança ficou estabelecida em 10 mil dólares. As acusações incluíam dirigir embriagado e conduta imprudente. Liguei para Marion, que ligou para um amigo. Meu amigo pediu para um amigo advogado ir até a delegacia. Era um sujeito de meia-idade que conhecia o sistema. Ele tirou

os óculos, olhou para mim com atenção por um instante e me disse que eu era o homem mais sortudo que ele já tinha visto na vida.

Ninguém tinha morrido. Ninguém se machucou. Nem dentro da loja nem fora, onde um bando de garotos que estava esperando o ônibus correu para os dois lados do meu Cadillac. O pai que disse que o pé da filha foi atropelado não a levou para o hospital nem registrou queixa. Se repetíssemos a cena cem vezes, em noventa e nove por cento delas haveria pelo menos uma fatalidade e alguns ferimentos graves. Mas as acusações eram sérias, e eu estava diante de sete anos atrás das grades. Se tivesse muita sorte – até onde ele sabia, eu tinha usado toda a sorte desta vida e da próxima – eu conseguiria liberdade condicional. Isso ia significar ficar sóbrio, continuar sóbrio e provar que estava sóbrio. Era o que estávamos tentando conseguir. Mas meu advogado não estava oferecendo garantias.

Quando saímos da delegacia, vi meu Coupe 1968 estacionado do outro lado da rua. Havia amassados na parte dianteira do lado direito e riscos por todo o capô e no teto. Eu tinha acabado de restaurá-lo e me senti um idiota. E disse a mim mesmo que ia levá-lo para a oficina no dia seguinte ou, no máximo, no outro. Eu conhecia alguém e ia pedir para ele fazer os consertos o mais rápido possível. Quando dei uma volta no carro uma última vez, percebi que talvez fosse um trabalho de dois dias com uma pintura e que podia ter sido muito pior. Pela primeira vez desde o acidente, senti um pouco de alívio.

Minha audiência aconteceu na Kings County Criminal Court na Schermerhorn Street. Fui de terno cinza e cabelo penteado. Meu advogado estava comigo e me disse para parecer o mais sério possível quando o juiz falasse comigo e para não dizer nada a menos que me perguntassem.

– Você entende a gravidade das acusações?

– Entendo, sim, meretíssimo.

– Você entende que esta corte pode pedir um julgamento criminal?

– Entendo.

O juiz explicou que eu ia receber uma sentença suspensa mediante tratamento. Fui liberado sob o olhar cuidadoso do meu advogado, cuja responsabilidade era garantir que eu me internasse em uma clínica de reabilitação autorizada. Dali em diante cabia a mim concluir o programa com sucesso. Eu devia voltar à corte em seis semanas, sóbrio e com uma

carta atestando o tratamento. Se não o fizesse, eu podia contar que iria para a cadeia. O juiz perguntou se eu tinha entendido tudo o que ele tinha dito.

– Entendi, meretíssimo. Com toda certeza.

Meu advogado virou para mim e comentou de novo a sorte que eu tinha. Mas eu não me sentia sortudo. Minha reação imediata foi frustração por ter de perder as próximas seis semanas da minha vida.

Passei os dias seguintes em casa desintoxicando enquanto Marion fez algumas ligações para procurar uma clínica de reabilitação. Havia uma em Freeport, Long Island, que foi muito bem recomendada por outras pessoas que a gente conhecia da indústria musical. Achei que, se eles tinham conseguido, eu também ia conseguir.

Mais ou menos no horário do jantar, a campainha do prédio tocou, e ouvi a voz do meu pai pelo interfone. Marion abriu a porta. Eu não tinha notícias dele desde a audiência; era uma visita surpresa. Meu pai entrou e me pediu para sentar com ele na sala. Ele pegou uma cadeira na cozinha, a colocou a uns dois metros e sentou de frente para mim. Quando você é criança, seu pai parece um gigante, especialmente quando ele é um estivador de mais de um metro e oitenta e sete e cento e quatro quilos. Conforme vai envelhecendo, ele vai parecendo menor a cada ano. Naquele momento, meu pai tinha toda a estatura da minha infância. Aliás, ele parecia ainda maior. E reuniu todo o ar e toda a luz da sala.

– O que eu preciso fazer para você entender? – ele perguntou.

– Nada – respondi. – Vou para a clínica de reabilitação. Semana que vem, provavelmente.

– Não é disso que estou falando. Como vou fazer para você entender a direção que está tomando? Você está me magoando. E está acabando com a sua mãe. *Acabando com ela*. Você não quer nem saber o estado em que ela está. O que você fez com ela. Você não parece nem saber o que fez com você mesmo.

– Escute, não sei o que você quer que eu diga.

– Não importa o que eu quero que você diga. O problema é, se você tivesse entendido de verdade a posição em que se colocou, eu saberia. Eu saberia. Todo mundo saberia. Mas não estou vendo nada disso. O que estou vendo na minha frente é um sujeito que quer seu carro de volta. Estou vendo um sujeito que olha para tudo isso como uma chatice. Vou perguntar uma coisa. Sabe o que acontece se você matar alguém?

– Eu não…

– Significa que tudo acabou. Tudo desaparece. Para sempre. Você nunca vai conseguir recuperar... sua liberdade, sua vida, sua consciência. E esse… esse é o momento em que você se dá conta pela primeira vez do que tinha. Quando essa porta se fecha…

Meu pai colocou a cabeça na sua mão gigante e secou uma lágrima antes de olhar para mim de novo. Tentei lembrar a última vez que eu o tinha visto chorar e percebi que era a primeira vez. Não durou muito. Ele levantou, saiu e bateu a porta. O prédio tremeu. Eu estava abalado.

Não foi fácil dormir naquela noite, e não só porque eu estava sem beber fazia um dia. O episódio com meu pai me deixou assustado. Repassei a conversa na minha cabeça várias vezes. Ele era inquebrável, mas eu quase o tinha quebrado por não me importar com nada. Era a última coisa no mundo que eu queria. Eu queria que ele ignorasse minhas desventuras, mas, para o bem ou para o mal, isso nunca ia acontecer. Como ele se importava, eu tinha o poder de destruir, querendo ou não.

O limiar da maioria das pessoas era baixo. Isso incluía minha mãe. Ela demonstrava preocupação à moda antiga, se chateando com facilidade e tocando o terror. Enquanto eu estava deitado na cama olhando para o teto, o que me veio à mente foi a vez em que estava praticando bateria no nosso antigo apartamento e uma garrafa veio voando pela janela, passou sobre a minha cabeça e atingiu a parede oposta do meu quarto.

No mesmo instante eu soube quem era. O sujeito que morava do outro lado do beco trabalhava à noite e dormia durante o dia. Meu quarto ficava de frente para o beco, então o som saía direto da minha janela e entrava na dele. Era como se ele morasse dentro de uma caixa de bateria. O sujeito já tinha reclamado antes, mas jogar uma garrafa era outro nível.

Minha mãe foi falar com ele bem ali na estação de trem F na Ditmas Avenue perto da McDonald Avenue. Ela o viu na plataforma sobre a armação e deixou o jorro sair. Quando uma mulher grita com um homem em um lugar público e cheio, é uma humilhação pública. E minha mãe sabia gritar.

Uma grande variedade de coisas podia despertar uma grande variedade de reações na minha mãe. Meu pai, no entanto, demorava para ficar com raiva. Ele pensava sobre as coisas num nível mais profundo. Na

cabeça dele, havia um grande vão entre uma crise de verdade e um incômodo cotidiano qualquer da vida. Quando meu pai confrontava, você podia ter certeza de que tinha exagerado e ultrapassado um limite sério.

Eu ultrapassei esse limite umas duas vezes na época da escola. Em uma ocasião, ele me disse com toda a calma e estávamos indo ao barbeiro. Não havia por que resistir. Ele podia me arrastar para lá com uma mão, então simplesmente fui andando. Era como andar pela prancha, só que ele estava andando comigo. A única maneira de me atingir era com um corte de cabelo. Se eu perdesse aquele monte de cabelo, talvez parte da arrogância e da teimosia fossem junto. E lá estávamos nós de novo na prancha – uma prancha de verdade com morte e destruição do outro lado. Os cortes de cabelo tinham ficado no passado.

Marion não estava no apartamento quando acordei de manhã. Enquanto ia ao banheiro de quimono, eu estava nervoso, mas esperançoso de que podia passar o dia sem beber. Todas as coisas alcoólicas estavam fora da casa. Só isso já me deixava ansioso. Jogar água fria no rosto podia surtir um grande efeito. Abri a porta e acendi a luz com um movimento e tive uma sensação mais fria do que qualquer jato de água. Um homem na casa dos trinta estava em pé na banheira. Ele podia estar parado esperando o trem. Ele não estava surpreso em me vez. Mas eu estava surpreso em vê-lo.

Pensei em um movimento e um movimento apenas – virar e olhar de novo. Talvez ele tivesse desaparecido. Mas o trem não tinha chegado à estação. O indiano ainda estava lá. E eu desapareci num instante. Eu estava de calça e camiseta na calça em menos de um minuto. O bar mais próximo ficava a três quarteirões de distância, e era para lá que eu estava indo. Eu só queria chegar lá sem ver o indiano pelo caminho.

Cheguei ao bar como um viajante que encontra um lago no deserto. Eu não ia suportar outra miragem. Pedi uma dose de Bacardi 151 e a recebi com um velho amigo. Logo me acalmei. Mas eu sabia que estava longe de estar bem.

Eu tinha ouvido falar de *delirium tremens*. Seu cérebro se torna tão dependente quimicamente do álcool que, sem ele, a realidade e a imaginação se chocam. Mas saber de alguma coisa não significa que você esteja preparado para ela. Quando fui para a casa dos meus pais num dia

quente do fim do verão, eu sentia que só precisava ficar em movimento e, contanto que não parasse, ia ficar bem. Era quando eu parava que os problemas começavam.

Eu queria que minha mãe e meu pai vissem que eu estava sóbrio fazia uns dias e estava bem. Se conseguisse convencê-los, talvez conseguisse me convencer. Eu entrei, cumprimentei todo mundo e fui para a cozinha tomar um copo de água. Antes de colocar o copo na boca, meu queixo caiu. Alguma coisa grande e indistinta estava se mexendo devagar no quintal. Conforme eu olhava, a coisa ganhava mais definição. Havia escamas, uma cauda enorme e três chifres pontudos. Era um dinossauro – mais especificamente, um triceratope. *Uma porcaria de um triceratope*. Ele tinha nove metros de comprimento e quatro e meio de altura e se agigantava sobre a garagem dos meus pais. Seus movimentos eram poderosos e intimidadores. E estava olhando direto para mim pela janela da cozinha. Desviei o olhar e encarei de novo. Eu queria o indiano de volta.

Saí correndo sem fechar a porta da frente e disparei pelas ruas do Brooklyn até chegar em casa como se o triceratops estivesse bem atrás de mim. Eu não queria olhar. Cheguei em casa, subi as escadas voando, fechei a porta do quarto, fechei persianas, apaguei as luzes e me enfiei embaixo das cobertas.

Eu me lembro, quando criança, do quanto amava ver dinossauros em filmes de ficção científica e no Museu de História Natural de Manhattan. Minha mente estava sendo limpa como um armário abarrotado. O que quer que estivesse lá estava saindo sem uma ordem específica. Eu não tinha absolutamente nenhum controle sobre aquilo nem queria ver o que viria a seguir.

Mas não tive escolha. As coisas foram parar embaixo das cobertas comigo. Eram criaturas estranhas, aladas, com um olho só voando sobre a minha cabeça. Havia morcegos com cabeça de leão. Havia lagartos com duas cabeças estalando as línguas. Pensei, *Pronto. Sou Ray Milland em* Farrapo Humano. *Sou Jack Lemmon em* Vício Maldito. *Mas não consigo desligar esse filme*.

Somos líderes reconhecidos na área de tratamento do vício em álcool. Desenvolvemos uma reputação de excelência em oferecer cuidado de nível mundial em um ambiente de compaixão e respeito. Datas de início flexíveis estão disponíveis para garantir a transição

mais conveniente para o tratamento. O contato regular com familiares é encorajado, e toda privacidade e discrição são sempre garantidas.

Enquanto nosso foco principal deve ser sua recuperação, caso você tenha um negócio ou obrigações semelhantes, podemos trabalhar para garantir que consiga cumprir seus principais compromissos durante sua estadia.

A clínica em Freeport, Long Island, era como um clube de campo. Eu tinha um quarto limpo com TV. O refeitório parecia mais uma sala de jantar, e nos entregavam cardápios. Podíamos escolher entre uma dúzia de entradas e outra dúzia de pratos principais. Os funcionários avisavam que o *chef* podia preparar pratos especiais se pedíssemos. Provavelmente teriam feito qualquer coisa que eu pedisse, inclusive montar uma plataforma com uma bateria de doze peças na sala de recreação.

Eu ia às reuniões de verdade. Eram três por dia. Quase não falei nada na primeira semana. Na maior parte do tempo fiquei quieto ouvindo. Uma mulher começou a beber quando os filhos chegaram à idade de ir para a escola, e ela ficou sozinha em casa. Havia um sujeito cujo pai o fez começar. Eu gostava da honestidade de compartilhar essas histórias e os detalhes, mas muito pouco daquilo parecia ter alguma coisa a ver comigo. Eu tinha bebedeiras e me tornava barulhento, insuportável e até perigoso às vezes, e queria dar um fim àquilo. Mas também tinha períodos em que quase não bebia. *Eu tinha um problema, mas não era como aquelas pessoas*.

– Olá, meu nome é Marc. E acho que sou alcoólico.

Era o mais longe que eu chegava. Eu estava tentando ser educado.

Eu ficava na minha. o serviço de TV a cabo incluía um canal de TV. Com todas as reuniões que eu já estava frequentando, não queria exagerar a coisa. Sempre que eu desligava a televisão e tinha tempo para pensar, minha mente vagava para as coisas que me chateavam. Ser dedurado por Dee Dee era uma das que estavam perto do topo da lista. Ele não só era meu melhor amigo na banda, mas também a pessoa que me levou para os Ramones. Éramos como irmãos na estrada. A vida não era perfeita, mas na maior parte do tempo a gente se divertia e um podia contar com o outro. Dee Dee pôde contar comigo mesmo quando me ameaçou com o canivete. Então a ideia de que um amigo como ele tinha me dedurado me magoava – especialmente quando os problemas dele eram claramente piores que os meus. Existia um código, e ele o tinha

violado. Ele me entregou. Se alguém devia estar ali, esse alguém era Dee Dee.

As duas semanas passaram devagar, mas estavam quase acabando. Eu estava sóbrio. Eu tinha conseguido e ia sair com um certificado para provar. Meu advogado ia mostrar o certificado para o juiz, e o juiz ia ter de me liberar. Meu pai ia parar de chorar, e minha mãe ia parar de gritar. Marion ia parar de se preocupar. Talvez eu pudesse começar a tocar. Tudo parecia bem bom. Mas eu não estava interessado. O que eu queria mesmo era uma bebida.

Alguns dias depois de voltar para casa, adotamos um cachorro. Era um vira-lata de labrador, ainda filhote. Achei que o cachorro ia ajudar na minha sobriedade. Os labradores eram conhecidos como cães-guia e até cães de terapia. Eram melhores que o melhor amigo do homem mesmo. Além disso, responsabilidade era importante naquele ponto da minha vida. Eu não ia frequentar três reuniões do AA por dia, mas levar o cachorro para passear três vezes por dia parecia possível.

Meu primeiro drinque foi em um bar do bairro. Foi um chope. Só um e voltei para casa. Até onde eu sabia, eu tinha provado uma coisa naquela noite. Eu tinha encontrado o caminho de volta e estava no controle. Havia muitas regras que eu deveria estar seguindo, mas na minha mente eram para pessoas mais fracas que as usavam como muletas. Era muito melhor ser seu próprio chefe.

As ordens do chefe foram ir ao Village algumas noites depois. Era uma dose aqui e outra ali. Nada muito sério. Cheguei até o CBGB, o que era como voltar para casa. Era bom estar em um lugar onde você era querido e tratado como adulto. O único problema, no entanto, ficou aparente assim que saí de lá. Eu não tinha mais um apartamento no centro.

Tive que ligar para Marion e avisar que ia pegar um táxi e logo estaria em casa. Por volta de uma da madrugada, vi um orelhão na esquina da Bowery com a Bond Street. Quando cheguei mais perto, reparei que já tinha um sujeito na cabine. Eu precisava dar um telefonema e disse para mim mesmo que ia esperar cinco minutos. Eu sabia que Marion já estava chateada comigo e, quando eu ligasse, ela ia me dar uma bronca por causa do cachorro. Mas era melhor ligar do que receber o golpe de uma vez quando chegasse em casa. Olhei em volta para os primeiros sinais de verdade do outono – algumas folhas e folhas de jornal voando em círculos. As ruas estavam quase vazias. Pensei em voltar para o CBGB.

Os cinco minutos acabaram. Quando não seis ou sete. Bati no vidro da cabine telefônica. O sujeito que estava no telefone lá dentro olhou para mim por uma fração de segundo e balançou a cabeça. Não gostei. Agora tudo o que eu conseguia ver era seu casaco de veludo cotelê azul encostado no vidro, bem na minha frente. Parecia que ele era o dono da cabine. Estava falando sem parar no aparelho, encostado no telefone e se recusando a fazer contato visual comigo quando dei a volta até o outro lado da cabine. Então ele colocou a mão no boldo e pegou algumas moedas. Ele ainda não sabia, mas a ligação já tinha acabado.

Abri a porta com uma mão, agarrei a gola do casaco dele com a outra e o puxei para fora. Enquanto ele cambaleava na calçada, entrei na cabine e fechei a porta. Foi um único movimento fluido, como o rufar de um tambor. Ele bateu na porta, e eu mostrei o dedo médio. Quando Marion atendeu, ele já tinha ido embora.

Marion estava furiosa. Eu estava na rua tarde demais, obviamente tinha bebido e não levava o cachorro para passear desde a manhã. Por que eu tinha arrumado um cachorro se ela ia ter que passear com ele toda vez? Não era justo com ela e não era justo com o cachorro. Eu disse para Marion não se preocupar. Eu voltaria para casa logo, e a gente podia conversar quando eu chegasse.

Chamei um táxi um quarteirão depois do CBGB, mas um sujeito mais ou menos na minha idade de terno chegou pelo outro lado e entrou ao mesmo tempo que eu.

– Adivinhe – eu disse, olhando direto para ele do outro lado do banco de trás. – Você vai descer, não eu.

– É mesmo?

– Mesmo.

– Acho que não.

– Quem se importa com o que você acha?

Estendi um braço, apoiei a mão na maçaneta e abri a porta. Com a outra mão, empurrei o homem do táxi antes de bater e travar a porta. Outro tambor rufando. O motorista olhou para mim.

– Podemos ir?

– Com certeza – respondi. – Desça até a Canal e pegue a ponte.

***

Marion estava trabalhando quando acordei na manhã seguinte tarde e com uma leve ressaca. Meu primeiro passo para fora da cama foi uma aterrissagem difícil. Meu segundo passo foi ainda pior. Senti a parte da frente do pé direito tocar alguma coisa gosmenta e soube no mesmo instante que o cachorro tinha cagado no tapete. Ele provavelmente tinha me esperado acordar a manhã toda até não aguentar mais. Eu me senti mal pelo cachorro. Não era como se ele pudesse me arrancar da cama como o sujeito da cabine telefônica. Mas me senti ainda pior por mim mesmo porque ia ter de limpar a sujeira. No começo da tarde, ele já estava latindo para mim porque precisava sair de novo. Eu não estava a fim de me vestir e começar a andar pelo bairro àquela hora. Então o levei para cagar no teto.

Esperei mais algumas noite para voltar para Manhattan. No CBGB, encontrei alguns amigos que eu conhecia desde antes dos Ramones. Todo mundo sempre bebia muito naquela época, e parecia natural retomar de onde a tínhamos parado. Um deles tinha um apartamento a alguns quarteirões de distância, então continuamos a festa lá. Ele tinha um pequeno chihuahua chato que não parava de latir. Quando bebia, eu gostava de ouvir música alto, não latidos. Aqueles eram agudos e penetravam nos meus tímpanos como uma furadeira. Depois o cachorro começou a subir na minha perna e pular como se fosse um brinquedo de corda. Eu balançava a perna, mas ele voltava. O lugar daquele cachorro era enrolado no casaco de pele de alguma mulher rica, não perto da minha virilha. Eu precisava beber minha vodca em paz. Peguei o cachorro e o coloquei na geladeira.

– Ei, que porra você está fazendo? – meu amigo perguntou.

– Fazendo ele esfriar.

Meu amigo riu um pouco. Em seguida, serviu outra rodada. Enquanto continuamos a beber e rir, eu podia ouvir o cachorro ainda latindo na geladeira. Que bom, pensei. Deixe ele aprender uma lição.

Depois de uns dez minutos, os latidos diminuíram de altura e frequência. Coloquei meu copo na mesa de centro e fui para a cozinha. Quando abri a porta da geladeira, o chihuahua estava tremendo entre

um recipiente de queijo parmesão e uma embalagem de meia dúzia de cervejas. Peguei o bicho lá de dentro e o coloquei no piso de linóleo. Ele patinou até a porta, cansado, mas, de alguma forma, mais calmo. O tratamento tinha funcionado. Só que agora eu estava tremendo.

Dormi no apartamento do amigo. Quando coloquei a chave na fechadura do meu próprio apartamento no fim da tarde, eu sabia que ia parar na casinha do cachorro. Era um mês ruim para os cachorros, ponto final. Mas quando abri a porta, havia alguma coisa de diferente no ar lá dentro. Estava calmo e envelhecido como em um funeral. Quando encontrei Marion na cozinha, sentada na mesa cuidando da correspondência, ela me disse que eu precisava ir embora.

Marion estava impassível. E disse que absolutamente nada tinha mudado desde que eu tinha ido para a reabilitação. Na verdade, estava pior. Eu tinha um pedaço de papel e o consentimento da corte, mas estava vivendo uma mentira completa. Marion sabia que quanto mais eu ficasse mais ela estaria endossando aquela mentira. E o principal, ela estava cansada. Numa noite qualquer, ela não sabia se eu ia voltar para casa bêbado ou mesmo se ia voltar. Não havia por que continuar aquilo. Não discuti. Eu sabia que ela estava certa.

Uns dois dias depois liguei para Marion para avisar que estava no Brooklyn no apartamento de um amigo. Freddie Anselma podia ser um mala, e era disso que eu precisava. Ele era um veterano do Vietnã e um alcoólico em recuperação. Ele ia a reuniões e, quando se tratava de me fazer ir, era como um sargento. Se eu fizesse alguma coisa idiota, ele me colocava na coleira. A rédea era curta. Eu queria que Marion soubesse que tinha tomado a decisão certa ao ir morar ali. Ela não ficou muito impressionada. *E por que deveria ficar?*

Ao longo das duas semanas seguintes, meus pensamentos começaram a se organizar de um jeito que não tinha acontecido antes. Ouvi por acaso "Sedated" no rádio. Gostei do que ouvi. A bateria estava boa. Tudo estava bom. Quando a música era honesta, ela mudava sua trajetória. Mesmo que você estivesse tendo um dia ruim. Fiquei feliz de ter feito parte daquilo e que a coisa tivesse continuado. *Eu sabia que precisava continuar*.

Às vezes a música se tornava um trabalho. Às vezes a música se tornava um fardo. Mas eu estava entendendo, talvez pela primeira vez, que *tocar* não era um trabalho. *Tocar* não era um fardo. Eu vivia para

tocar. Tinha nascido para tocar. Os elementos que cercavam o ato de tocar podiam ser um inferno. Mas no momento em que sentava na bateria, toda a merda desaparecia. Quando eu bebia, toda a merda *parecia* desaparecer, mesmo que estivesse piorando. Durante tantos anos, eu bebi e toquei, mas nunca ao mesmo tempo. Ambas as atividades me acalmavam. Uma me dava um propósito. A outra estava me destruindo.

Não havia dúvida de que o álcool estava acabando comigo. Eu tinha conseguido me iludir por muito tempo, mas até para o mais teimoso entre nós o momento chegava, e o meu tinha chegado. Eu tinha perdido minha banda. Estava dez quilos acima do peso e parecia inchado. Meu cérebro estava cheio de imagens que me faziam sair correndo. Minha mãe não queria falar comigo. Meu pai, o rochedo de Gibraltar, estava quebrado. Eu deixava cacos de vidro, móveis espalhados e pessoas gritando por onde passava. E o pior de tudo, a pessoa com que mais me importava na vida não tinha mais nada. Eu tinha sugado tudo. Como se ligar para ela para contar que estava sem beber fazia uns dias fosse fazê-la dar cambalhotas.

Qualquer um pode ouvir o que quer ouvir. Eu tinha ficado bom nisso. Assim como o álcool, só piorava as coisas. Os dois caminhavam de mãos dadas. Eu tinha levado ambas as artes, essas habilidades, para a clínica de Freeport e as aperfeiçoado um pouco mais. Havia mais pessoas para convencer. Mais pessoas para impressionar. Algumas usavam casacos bonitos. Algumas usavam avental. Não importava a impressão com que ficassem, eu era o mesmo. Eu estava fazendo alguma coisa por elas. Nem isso. Estava *fingindo* fazer alguma coisa por elas.

Era um jogo. Eu podia ver como o jogo tinha sido até aquele momento. E podia ver como ia terminar. Naquele dia uma coisa foi diferente. Eu queria mudar. Mas não sabia como.

Peguei a balsa para Staten Island sozinho. Desembarcar de um carro contratado em frente à clínica de reabilitação seria derrotista. Se você quer de verdade, o primeiríssimo passo e o último passo têm de ser difíceis, como os demais.

Algumas semanas antes, eu tinha encontrado meu velho amigo Anthony, um bom menino italiano do Brooklyn. Quando você olhava para Anthony, era difícil imaginar que ele já tinha chegado ao fundo do poço, mas tinha. Eu disse a ele onde estava na vida, e os olhos dele se acenderam. Não exatamente de alegria. Foi mais como se ele tivesse visto o que eu estava prestes a enfrentar e tivesse ficado feliz de já ter deixado isso para trás.

Bayley Seton era uma clínica de reabilitação de álcool *hard core* de Nova York. De acordo com Anthony, era o extremo oposto do que eu tinha experimentado em Freeport. Em Freeport, ninguém queria agitar as águas. Em Bayley Seton, você estava totalmente desnudado. A clínica tinha sido um hospital militar administrado pelo governo americano, mas fora assumido pelas Irmãs de Caridade, uma organização católica. O nome do hospital era uma homenagem à santa de Nova York Elizabeth Seton. Foi difícil imaginar uma santa vindo de Nova York.

A Nova York que eu conhecia, com sua linha do horizonte imponente, parecia pequena e distante. A área de St. George de Staten Island como um todo parecia muito um *campus* ou uma instituição com majestosos prédios menores de tijolo acompanhando a costa. A Bayley Seton era um

deles. Andei uns dez minutos rumo ao sul pela Bay Avenue, virei à direita e atravessei a entrada. Quando as portas se fecharam, foi a sensação mais próxima de fim que eu já tinha tido. Podiam ter sido os fuzileiros navais. Mas teria sido muito fácil.

Eu não tinha nome nem rosto em Bayley Seton. Se meus dias costumavam ser marcados por datas de turnês e entrevistas agendadas, eles agora era marcados por pisos limpos e privadas lavadas. Não havia portas nas cabines do banheiro. Eu sabia que existia um motivo prático para isso. O efeito era acabar com qualquer vestígio de arrogância.

Eu dormia com os outros pacientes homens em um quarto comprido e aberto com uma fileira de umas quarenta camas militares dobráveis. Um segurança ficava posicionado em cada porta. Não havia TV. Nem fitas para ouvir. Nem telefonemas para fazer. Nem revistas para folhear. Nem lanches para a madrugada. Eu estava sozinho com meus pensamentos. Cada um dos meus pensamentos – por que eu estava ali, o que podia aprender, o que era aquele ponto estranho no teto – vinha acompanhado do único pensamento duradouro que eu tinha. Eu queria, mais do que tudo, sair.

Junto com aqueles alojamentos que eu compartilhava com dezenas de homens nas outras camas, todo mundo compartilhava uma distinção. Não estávamos na outra ala. A outra ala, do outro lado do corredor interno, era para alcoólicos cuja relação com a vida era de incerteza. Aqueles eram homens que bebiam pesadamente fazia trinta ou quarenta anos. Guerras e eras tinham ido e vindo, e tudo estava ligado à garrafa da qual aqueles homens estavam sendo desmamados. Durante a noite, nós ouvíamos gritos e gemidos que estavam gravados nos nossos sonhos.

Era muito pior que a versão cinematográfica de um sanatório. Na versão do filme, os barulhos de agonia vinham de uma caixa de som no cinema e eram sempre um pouco falsos. Ali a agonia batia nas quatro paredes e vinha das entranhas. A cada poucos minutos os gritos eram intercalados por escândalos e desvarios enquanto esses homens lutavam em uma rinha com quaisquer demônios que o cruel processo de desintoxicação tivesse liberado. Assim como a ausência de porta nos banheiros, a proximidade com esses homens doentes de morte tinha um propósito. Estávamos ouvindo nosso futuro.

Eu ficava na minha durante o dia. Não queria companhia. Eu estava começando a me conhecer, e era mais do que suficiente. Eu tinha

conversas rápidas com pessoas, em geral respondendo quando falavam comigo. Eu guardava meus discursos para as reuniões. Eram três por dia. A ideia não era ir às reuniões só porque estávamos ali. A ideia era ir às reuniões onde quer que estivéssemos ou pudéssemos estar, dali em diante.

Daquela vez eu realmente ouvi o que as outras pessoas diziam. O que quer e quem quer que eu achasse que tinha superado em esperteza no passado, não havia como enganar essas pessoas. Elas tinham visto, feito e descido pelo mesmo cano para exatamente acabar no mesmo lugar que eu. Tinham inventado as mesmas desculpas, arruinado as mesmas amizades, magoado os mesmo pais, exaurido as mesmas namoradas e esposas, e destruído os mesmos sonhos. Apenas os detalhes mudavam. Uma coisa tinha deixado de ser difícil. Quando eu levantava para falar, sabia exatamente o que dizer.

– Olá, meu nome é Marc. Sou alcoólico.

Não havia dúvida.

Foi o mês mais longo da minha vida. Nenhum outro chegou perto. Nenhum outro ano chegou perto. Faltando só três noites, olhando para o teto e tentando isolar os gritos do outro lado do corredor, notei outra mudança nos meus pensamentos. Eu ainda queria, mais do que qualquer coisa, sair. Mas agora tinha um plano para quando saísse. Não era um plano muito elaborado, mas era um começo. Jurei para mim mesmo nunca mais beber.

Meu último café da manhã em Bayley Seton foi diferente só porque eu sabia que era o último. Quando terminei, juntei os poucos itens que tinha trazido, coloquei tudo na bolsa, assinei uns papéis e fiz o *check out*. Caminhei pela Bay Avenue, peguei a balsa e o caminho de volta para o Brooklyn. Eu estava sentado no deque sentindo o vento frio bater no meu rosto. Baseado em quando eu tinha feito a viagem de ida, devia estar perto do Dia de Ação de Graças.

Peguei o metrô para Sheepshead Bay e toquei a campainha do nosso apartamento. Marion tinha me deixado voltar antes da Bayley Seton, mas daquela vez, quando ela abriu a porta e me deu as boas-vindas, eu sabia que merecia. Eu tinha um novo desejo naqueles dias – dormir na minha própria cama. Mas, primeiro, eu tinha outra coisa para fazer. Tirei um panfleto da mochila, fiz algumas ligações e fui a uma reunião naquele dia.

Eu levava meu folheto dos Alcoólicos Anônimos aonde quer que fosse. Nele, estavam os endereços das reuniões da manhã, da tarde e da noite pela cidade. Onde quer que estivesse, eu fazia questão de ir a uma reunião. Às vezes, havia uma reunião bem perto do nosso apartamento. Outras, a próxima reunião ficava mais longe, então eu ia de bicicleta. Eu colocava uma corrente para prender a bicicleta ao portão da igreja, do templo, Lions Club ou escritório da VFW. Se tivesse algum compromisso durante o dia, eu mapeava meu trajeto com base nessas reuniões. Eu estava em turnê de novo – um tipo diferente de turnê. A Alcoólicos Anônimos era uma organização diferente de todas as outras. Criada nos anos 1930, ela não tinha afiliação política, nenhuma restrição sobre o tipo de pessoa que podia participar e não aceitava dinheiro fora de suas fontes externas. A AA acabou angariando milhões de membros em dezenas de países e manteve o princípio do nome. Era de fato anônimo. A Alcoólicos Anônimos não estava por aí tentando gerar notícias, participar do circuito de *talk shows* nem ganhar prêmios. O foco era ajudar as pessoas a se manterem sóbrias de maneira simples e discreta da única forma que podia ser feita na verdade – um dia por vez.

Com o tempo, a AA desenvolveu os Doze Passos que, se seguidos com seriedade, levavam à sobriedade. Os Doze Passos completos eram o trabalho de uma vida. Eu tinha passado pelo primeiro, admitir que era impotente diante do álcool. Eu era um dependente. Os passos seguintes eram acreditar que um poder maior do que eu podia restaurar minha sanidade e reconhecer que precisava colocar minha vida aos cuidados de Deus *como eu o compreendia*. A última parte era problemática para mim. Eu não era religioso e não acreditava em um velhinho de cabelo branco sentado em uma cadeira governando o universo. Isso, para mim, era só mais uma forma de insanidade. Mas eu entendia até os ossos que as coisas importantes eram ir às reuniões e levar a sobriedade a sério. O resto se resolveria por conta própria.

As reuniões definitivamente eram o centro do programa. Com elas, a sobriedade era uma luta. Sem elas, era quase impossível. A ideia de que um alcoólico era um sujeito sem teto dormindo em uma caixa na sarjeta tinha começado a sair da minha cabeça semanas antes; naquele momento, saiu de vez.

As pessoas que participavam das reuniões eram médicos, advogados, professores, lixeiros, donas de casa, estudantes, executivos e até um

baterista do punk.

Alguns tinham perdido o respeito do parceiro, outros tinham perdido tudo – casas, carros, empregos, as economias de uma vida. Alguns tinham caído de alturas enormes, outros tinham passado discretamente pelas rachaduras. Os detalhes das histórias – a agonia, a negação, a humilhação, a perda das coisas que eles não sabiam que eram importantes e que não existem mais – eram diferentes. Alguns tinham ido para a cadeia. Muitos eram divorciados. Alguns tinham gastado o dinheiro guardado para a educação dos filhos. Outros tinham sofrido acidentes trágicos. De todo jeito, essas pessoas eram basicamente iguais – tinham sorte de estar vivas e cansadas de estar cansadas. Eu era uma delas.

Foi um alívio inacreditável saber que eu não estava sozinho. Passei muitas reuniões apenas ouvindo outras pessoas falando, aprendendo tudo o que pudesse, descobrindo que mais alguém tinha estado naquele lugar horrível, vendo que havia esperança. E havia esperança. Alguns dos oradores estavam sóbrios fazia semanas ou meses. Outros, cinco, dez, quinze anos. O simples fato de que os veteranos do programa continuavam participando era uma coisa incrível de considerar.

Aos poucos, comecei a compartilhar minha história. Quanto mais eu falava, mais confortável a coisa ficava. Comecei a interagir com outras pessoas depois das reuniões e dar continuidade à minha história e à delas. As histórias estavam sempre evoluindo porque cada dia de sobriedade era outro obstáculo. Não dava para saber o que podia tirar você do rumo ou fazê-lo regredir. A garrafa estava sempre esperando nos cantos, mais poderosa do que nunca. Mas saber que em uma ou duas horas você estaria conversando com alguém que o entendia de verdade mostrava o poder de resistir. E aquele recurso enorme foi como passei pelos passos dois e três. Não olhei para o céu em busca do meu poder superior. Meu poder superior eram os milagres coletivos das pessoas naquela sala.

Na AA, o padrinho é alguém que está sóbrio há mais tempo que você e está disposto a ser um amigo, professor, mentor e, acima de tudo, alguém para quem você pode ligar e conversar sobre o que está acontecendo na sua vida naquele momento. Depois de alguns meses de sobriedade, tive a sorte de obter um padrinho. Era um italiano de Nova York que trabalhava como joalheiro na Forty-Seventh Street em

Manhattan. Ele era muito bom no que fazia. Tínhamos muita coisa em comum. Tínhamos mais ou menos a mesma idade e gostávamos do mesmo tipo de música. Claro, eu tinha muita coisa a dizer sobre música. E ele tinha muita coisa a dizer sobre o nosso vício. Meu padrinho já estava sóbrio fazia mais de seis anos.

Às vezes eu encontrava meu padrinho para almoçar no Diamond District. Às vezes, ele ia me encontrar se eu tivesse um compromisso em Manhattan. Quando nos encontrávamos à noite, em geral era para ir a uma reunião. Tudo girava em torno das reuniões. Era o inverso da imagem de quando eu estava bebendo, quando tudo girava em torno do álcool e onde ele era servido. A abordagem do meu padrinho em uma dia difícil em geral era exatamente o que eu precisava ouvir. Não complique. Pense nas coisas positivas da sua vida. Faça alguma coisa construtiva neste momento. Vá a uma reunião. Claro, meu padrinho e eu não íamos a todas as reuniões juntos. Meu padrinho tinha seu próprio padrinho.

Apesar de as reuniões darem ritmo para a vida, precisava existir música entre as batidas. No que dizia respeito a de fato tocar música, pelo menos em uma banda, fui aconselhado a não fazê-lo. Um psiquiatra com quem me consultei em Bayley Seton recomendou fortemente que eu não voltasse para a cova dos leões até ter, no mínimo, um ano de sobriedade. Meu padrinho concordava. Então a música vinha dos raios da roda da bicicleta.

Durante a infância, íamos de bicicleta para todos os lugares. O metrô nos levava do Brooklyn a Manhattan, mas não de um bairro ao outro. As bicicletas nos davam liberdade. E nos davam mobilidade. As bicicletas nos davam responsabilidade, porque era preciso cuidar do nosso meio de transporte pra que ele cuidasse de nós. Na casa dos trinta, estava prestes a acontecer de novo.

Eu me tornei um *bike boy*. Eu já conhecia o terreno, da minha breve carreira muitos anos antes. A maior parte do trabalho ficava em Manhattan. Levantava às cinco e meia da manhã, tomava um bom café da manhã, pegava o metrô com minha bicicleta e me apresentava no escritório da West Twenty-Seventh Street. Eu usava moletom e sapatos de ciclista. E prendia o cabelo em um boné de beisebol. Quando chegava ao escritório por volta de sete e quinze da manhã e ia falar com a mesa de despachos, eu era Marc. As pessoas podiam saber quem era Marky Ramone, mas aquele não era eu. Aquilo era o Bike Boys Anônimos

Pouca coisa tinha mudado. Entregar pacotes de bicicleta em Nova York podia não ser a cova dos leões, mas com certeza era uma selva. Carros, táxis, caminhões e ônibus eram predadores, e nós éramos as presas. Os cruzamentos eram como pântanos. Você torcia para você e sua mochila saírem com vida. Mas eu gostava da selva. Era a sobrevivência dos mais em forma, e eu estava ficando em forma. Eu tinha tino para evitar o trânsito e fazer uma rota alternativa. Eu sentia o ritmo da cidade nos meus braços e minhas pernas.

Havia momentos de perigo. Nunca dava para saber quando a porta de um carro estacionado ia se abrir na sua cara. Não dava para saber quando um táxi amarelo ia atravessar um farol vermelho. Mas contanto que fosse só um susto ou um arranhão, eu não ia comprar briga. As ruas de Manhattan eram um tipo estranho de campo de teste para minha sobriedade. Se havia alguma coisa no mundo que podia fazer você beber, era o trânsito de Nova York.

O dinheiro era razoável. Não que eu precisasse. Eu tinha sorte. Nós recebíamos por pacote. Mas havia outro bônus com o qual eu não tinha contado: cada dia estava cheio de retiradas e entregas e, com cada uma delas, eu lidava com alguém de fora do meu círculo normal. Havia secretárias e recepcionistas, zeladores e porteiros, *designers* e cortadores de tecido, editores e publicitários. Cada um deles tinha uma história e um prazo de algum tipo, e com meu sucesso ou fracasso em atravessar a Seventh Avenue em menos de dez minutos, eu tinha o poder de fazer ou estragar o dia deles. Depois de ser levado de carro e avião por tantos anos, eu agora era o motorista e o piloto. Era o reaprendizado de uma ética de trabalho desde o começo.

Ninguém me impressionava mais que os outros *bike boys*. Em um calor de trinta e sete graus no meio de agosto, quando o suor saía de mim como um lava-rápido, eu podia me reconfortar com o fato de que queria fazer aquilo, mas não precisava. Para a maior parte dos outros, não era o caso. Estavam recebendo três dólares aqui, quatro e cinquenta ali, uma corrida louca por vez. Mas esses meninos e essas meninas viviam como corajosos artilheiros a cada nova missão, sem saber quando seria a última.

Uma tarde o supervisor me pediu para entregar um monte de pacotes em uma plataforma. Então carreguei a plataforma e a levei para o elevador de carga. Enquanto eu andava pela Twenty-Seventh puxando a

plataforma, eu me misturei com naturalidade à multidão do meio da tarde que enchia a calçada. Era um dia como outro qualquer. Então ouvi uma voz familiar.

– Ei, Marc.

Era um amigo dos tempos de escola que vinha no sentido contrário. Se meu disfarce ia ser revelado em algum momento, fazia sentido que não fosse alguém da cena musical. Meu amigo estendeu a mão e eu a apertei.

– E aí, cara? – perguntei. Como vão as coisas?

– Por que você não me conta? – ele disse. – Achei que você estivesse tocando mundo afora! Onde estão os outros Ramones?

– Pois é, bem, acho que eles fazem entregas para outra empresa.

– Sério. Que merda é essa que você está fazendo?

– Você consegue guardar segredo? – perguntei.

– Claro, você me conhece.

– Estou em recuperação – entreguei. – Isso faz parte do programa. Parte de me manter sóbrio.

– Caramba. Que ótimo! Mesmo. As pessoas não estão reconhecendo você…

– Você é o primeiro – eu disse. – Preciso correr. Então me ligue.

– *Bah-bah-bah-bah, b-bah-bah-bah-bah! I wanna be sedated!* – ele cantou, e eu sorri enquanto andava. Depois ele acenou.

Umas duas semanas depois, me passaram um pacote pequeno para ser entregue em mãos. Isso acontecia ocasionalmente, quando a retirada e a entrega ficavam perto do escritório. Enquanto eu andava para o oeste na Twenty-Ninth Street, um rosto familiar entrou em foco a menos de cinquenta metros. Ele tinha cabelo preto e liso, com franja e um queixo largo e anguloso. Não havia dúvidas: era Dee Dee.

Eu estava usando meu uniforme de entregador útil mas insosso e o boné. A mente de Dee Dee em geral não estava no nível da rua, a menos que estivesse comprando drogas. Eu sabia que a única maneira de ele me reconhecer seria se eu fizesse algum movimento bem diante dele. Na verdade, eu quase não o reconheci. Não era só que ele tinha envelhecido mais do que eu esperava. Era mais uma questão de ele ter engordado mais uns dez quilos. Deviam ser todas as drogas psicotrópicas que ele ainda tomava. Elas alteravam todo o seu metabolismo.

Fiz meu movimento, na direção contrária. Virei bem no momento que Dee Dee podia ter me visto e se dado conta. Eu queria falar com ele. Mais do que nunca, eu tinha o que dizer. Só não estava pronto.

O inverno em Nova York já é bem frio. O inverno em cima de uma bicicleta durante nove horas por dia pedalando direto no vento era como viver na Era do Gelo. Pendurei a bicicleta por um tempo. Mas eu tinha acumulado centenas e centenas de quilômetros, perdido uns sete quilos, entrado em forma e mantido minha sobriedade mesmo pedalando entre faixas da Broadway durante o horário do *rush*. Eu também me sentia muito mais conectado com as pessoas à minha volta. Meu padrinho me encorajou a procurar outra ocupação por um tempo e manter o ritmo.

Por acaso, nosso vizinho do andar de baixo conhecia um chaveiro que tinha assinado um contrato para um trabalho grande com a prefeitura e precisava de gente. O contrato era lacrar prédios abandonados instalando grades de ferro forjado nas janelas. Descobri que o chaveiro era um homem muito gentil quando o conheci, e ele me contratou na hora.

Os prédios se concentravam na área de Bedford-Stuyvesant, no Brooklyn, uma região muito deteriorada, mas com potencial para um retorno. A maioria dos prédios tinha sido zonas de consumo de *crack*, e o prefeito Koch queria garantir que os viciados não iam voltar. Então contratou um ex-viciado para lacrar tudo. Quando chegávamos ao local, os ocupadores já tinham sido evacuados pela polícia. Mas dava para ver em plena luz do dia os vestígios daquela vida.

Havia pacotes vazios de *crack* espalhados pelo chão. O *crack* tinha tomado conta de comunidades inteiras em meados dos anos 1980. Era barato, fácil de fumar e estava disponível quase em toda parte. Mas os frascos e as agulhas eram só o começo. Havia os utensílios e fogareiros. Havia sacos plásticos com roupas esfarrapadas e camas improvisadas feitas com jornais e cobertores velhos. Havia também alguns livros, às vezes bem arrumados dentro de uma caixa de garrafas de leite.

De vez em quando eu via um fio pendurado em uma janela ligado a um poste lá fora. Como a maioria das pessoas, eu achava que a vida dentro de uma casa de *crack* era completamente caótica e desorganizada, mas havia muitas provas de que aquelas pessoas, mesmo no meio daquele vício horrível, eram incrivelmente engenhosas. Pareciam alguém que eu conhecia.

Uma coisa que a criatividade delas não conseguia superar era a ausência de banheiros adequados. Quer você esteja trabalhando em um prédio estreito de três andares sem elevador, quer num edifício considerável de seis andares, a maior parte dos encanamentos tinha sido arrancada, ou, mesmo quando continuavam ali, não estavam conectados. O cheiro era impressionante. Todo mundo em algum momento tinha usado o banheiro de um posto de gasolina que não via uma faxina fazia um tempo. Aquilo era diferente. Aquele era o cheiro da morte.

Usar uma tocha de acetileno era uma experiência nova para mim. A única coisa em que eu já tinha colocado fogo era o cinzeiro cheio de Bacardi 151. A primeira coisa que fiz com ela foi ter certeza de que meu cabelo estava totalmente escondido. Era muito mais complicado do que eu achava instalar uma grade na janela. A abertura precisava ficar estável para que você apoiasse as barras em alguma coisa sólida. O tamanho das aberturas variava muito, então era preciso cortar e encaixar o tempo todo. Mas sempre fui bom com trabalhos manuais e, em poucas semanas, parecia um profissional experiente.

Enquanto em uma época eu tinha feito trabalhos como *freelancer* no mercado de música e conseguido trabalhos no boca a boca, agora estava fazendo trabalhos como *freelancer* no mercado de construção. O trabalho de lacrar as janelas me rendeu um trabalho de demolição interna em Manhattan. A loucura dos condomínios tinha chegado a Nova York. Havia dinheiro de Wall Street por toda parte, e o preço das propriedades tinha disparado. Pessoas de alta renda queriam seus próprios apartamentos de luxo, as taxas de hipoteca estavam baixas e as deduções nos impostos eram ótimos. Antigos prédios de aluguel, com apartamentos pequenos e básicos, estavam sendo convertidos em condomínios com grandes espaços, piso de granito, ilhas de mármore na cozinha e sistema de ar central. O primeiro passo era derrubar paredes, e era aí que eu entrava.

O trabalho de demolição não fazia parte dos Doze Passos, mas talvez devesse ser. A demolição era a coisa que mais me fazia suar depois de andar de bicicleta ou tocar uma caixa. E era de longe a mais suja. Derrubar paredes era só o começo. Eu cortava vigas de madeira e de aço. E cortava pedaços grossos de malha metálica das paredes de gesso. Tirei meia dúzia de demãos de tinta dos batentes antigos de porta. Nem tudo era força bruta. A demolição era uma arte. Sem as ferramentas e a técnica

certas, você estava só lutando em uma batalha perdida. Malhos, serrotes, furadeiras e pistolas de ar quente se tornaram meus amigos.

Antes de fazer qualquer coisa você precisava se certificar de que não estava retirando uma parede estrutural ou ia acabar demolido também. O entulho precisava ser retirado o tempo todo para que o chão não cedesse. A poeira precisava ser controlada para podermos respirar. Tudo precisava ser coletado e levado para a caçamba principal para que a máfia pudesse retirá-la.

O processo todo me fez pensar. Quando a máfia recolhia o entulho, tudo precisava estar embalado. Quando os carpinteiros, pedreiros e eletricistas começavam o trabalho, o trabalho mais pesado precisava estar feito. A demolição eram as trincheiras. Fiquei surpreso comigo mesmo por sobreviver, viver e até crescer nas trincheiras. Eu podia ficar ali se precisasse. Tinha recebido minha medalha da AA com a oração da serenidade por seis meses de sobriedade, um ano e então dois.

A vida estava boa. Marion e eu estávamos bem. A única coisa era que eu sentia muita falta de estar em uma banda. Sentia falta de tocar. Sentia falta das amizades que se formam em uma banda. E sentia falta de dar o dom da música para as pessoas.

Eu não sentia falta de beber. Pelo menos achava que não. E tinha conversado com meu padrinho muitas vezes sobre isso. Achei que era um bom momento para voltar para a cova dos leões. Clubes e bares eram onde a música estava. Era também onde o álcool estava. Era possível ter uma sem o outro, mesmo que nem sempre fosse fácil. O que eu tinha feito era me submeter ao que consideravam um treinamento físico, mental e espiritual para reconhecer o perigo e lidar com ele. Mesmo assim, eu iria a muito mais reuniões do que clubes e não tinha ilusões de que podia fazer aquilo sozinho. Eu não estava com medo dos leões.

O Cat Club era o lar do glam metal em Nova York. Localizado na East Thirteenth Street em Manhattan, um dos gerentes do clube era Roy Webb, que tinha administrado o Electric Circus nos velhos tempos. O Cat Club parecia um pouco circo, que todo mundo, de Joey Ramone a Billy Idol, passando por Dee Snider, do Twisted Sister, frequentava. A cena de Nova York tinha mudado um pouco enquanto eu estava entregando pacotes de derrubando paredes. Bandas “hair” como Cinderella e Poison eram enormes. Meus amigos e eu não aguentávamos muito aquilo, e se

havia uma grande coisa, era provável que ela surgisse em um lugar como o Cat Club.

Minha banda, o King Flux, estava pronta para ser essa coisa. Ela tocava um híbrido de punk e metal com montes de breques e vibratos agudos. O grupo foi criado por Richie Stotts, um membro fundador dos Plasmatics, que, com Wendy O. Williams liderando a banda, fazia mentes, TVs e carros explodirem no palco. Na guitarra também havia Billy Hilfiger, com seu irmão Andy no baixo. Billy e Andy eram os irmãos mais novos do *designer* de moda Tommy Hilfiger e eram sujeitos muito bons. O vocalista também era outro sujeito de alto nível, Anthony Nicholas.

A banda ensaiava em um prédio perto de Port Authority, e às vezes Tommy aparecia e nos levava, com seus irmãos, para comer. Ele tinha acabado de começar sua própria linha de roupas, era muito generoso e a prova viva de que ainda era possível se dar bem nos Estados Unidos se tivesse a visão e a disposição para fazê-la acontecer com muito trabalho árduo.

Muita bebida era consumida no Cat Club, mas nada por mim. Fazia alguns meses que eu estava no King Flux e tinha provado para mim mesmo que era seguro voltar. Havia tantas coisas positivas acontecendo, e o álcool não tinha lugar na minha mesa. Fizemos alguns shows lotados no Cat Club algumas vezes, que era um lugar bem grande. Nosso "público" incluía algumas das minhas pessoas e dos meus músicos favoritos no mundo – Joey e Dee Dee, e Steven Van Zandt na E Street Band de Bruce Springsteen.

Joey provavelmente foi quem ficou mais feliz em me ver. Mesmo anos depois do ocorrido, ele ainda estava se desculpando por me dispensar. O importante, eu sempre dizia a ele, era que o pé na bunda foi o começo da minha sobriedade. Eu ainda estava sóbrio e, quando muito, precisava agradecer.

O King Flux estava atraindo atenção, e íamos fazer uma apresentação para a indústria fonográfica no Ritz, na East Eleventh Street, um espaço de tamanho considerável. Havia pelo menos três gravadoras interessadas em assinar contrato com a gente, e a Elektra era a principal. O pessoal de Relações Artísticas aparecia em todos os shows e falava do quanto tinha gostado da apresentação. Era ótimo, mas eu já tinha visto esse filme. Era como se cada um deles estivesse esperando o outro dar o primeiro passo, e nenhum deles deu. Fizemos um show ótimo no Ritz, então depois que

alguns dias se passaram, e o telefone não tocou, pareceu um mau presságio.

Ouvimos rumores de que as gravadoras achavam, apesar de todo o dinheiro que ainda estavam ganhando, que as *hair bands* estavam acabando. Não éramos uma banda "hair", glam metal nem mesmo metal, em termos estritos, mas fomos como um bebê jogado fora com a água da banheira. A indústria estava procurando a próxima novidade e, para ela, nós fazíamos parte da novidade anterior.

Em teoria, uma banda se forma para fazer música e continua enquanto a música for boa e os integrantes gostem de tocar juntos. A realidade pode ser bem diferente. A experiência de quase assinar contrato pode destruir uma banda. Quando a decepção substitui a ansiedade, o motor pode ficar sem combustível rápido, e foi o que aconteceu com o King Flux. Dava para dizer que é melhor angariar fãs aos poucos sem atrair nenhum interesse de uma gravadora, mas é como se fosse possível controlar o que acontece no mundo. Já é bem difícil administrar qualquer coisa *dentro* da banda.

O resultado do King Flux foi um projeto paralelo chamado Richie Stotts Experience. Desde a ascensão e a queda trágica e prematura de Jimi Hendrix, sua banda original mais ou menos detinha o nome "Experience". Não do ponto de vista legal, mas para todos os propósitos práticos. Assumir esse sobrenome era como usar "Zeppelin", "Stones" ou "Sabbath". Ninguém fazia isso a menos que fosse uma banda tributo, ou seja, Dread Zeppelin, Bowling Stones, Crack Sabbath. Mas a Richie Stotts não era uma banda tributo ao Jimi Hendrix, e Richie Stotts não era nenhum Jimi Hendrix. Ninguém era.

Aceitei tocar bateria mesmo assim. Era uma bandinha boa. Daniel Rey, que tinha produzido e tocado guitarra solo no álbum mais recente dos Ramones, *Halfway to Sanity*, era nosso baixista. Richie decidiu fazer um show de aquecimento para um bando de amigos convidados no Pyramid Club na Avenue A, entre a Sixth Street e a Seventh Street.

Enquanto estávamos montando minha bateria em uma noite quente e úmida de verão no começo de agosto de 1987, tive uma sensação desconfortável. Não era por que o Pyramid Club fosse um inferninho clássico. Era um inferninho cool. Era uma casa conhecida da cena gay e drag no East Village.

RuPaul fez seu primeiro show em Nova York no Pyramid Club, e celebridades como Debbie Harry, Madonna e Andy Warhol apareciam de vez em sempre.

Meu problema era subliminar, mas quando entrei no clube eu entendi. Os *flyers* da banda, tanto do lado de fora quando dentro da casa, não faziam nenhuma menção a Marky Ramone. Não recebi nenhum "com" pequeno. Talvez esse descuido ou essa esnobada não devessem ter me incomodado, mas incomodaram até certo ponto. Mesmo em uma questão simples de divulgar a banda, não fazia sentido. Marky Ramone era um nome com muito mais reconhecimento do que Richie Stotts. Devia ter aparecido um "Marky" em algum lugar.

O show foi razoável. Tocamos um set tanto de *covers* quando de composições originais para umas cem pessoas, o que era basicamente o que a casa comportava. Conversamos por mais ou menos uma hora com nossos amigos e fãs, e eu bebi uma 7-Up. Mas quando a bateria voltou para a van na Avenue A, eu disse a mim mesmo que era o fim. Eu merecia uma experiência melhor como Marky Ramone.

Algumas semanas depois, eu estava em casa no Brooklyn quando Marion me entregou o telefone. Era Monte. Eu não estava exatamente esperando a ligação, mas, ao mesmo tempo, não fiquei totalmente surpreso. O baterista que me substituiu nos Ramones se chamava Richie. Eu conhecia a namorada dele, que escrevia para a revista de música *Spin* e que tinha feito uma boa crítica do King Flux. Ela tinha comentado comigo que seu namorado não estava feliz com o pagamento que estava recebendo dos Ramones e queria uma participação nas vendas dos produtos. Ele estava pensando em sair da banda para reforçar sua posição, mas a namorada aconselhou que Richie tomasse cuidado porque os Ramones podiam chamar Marky de volta. A resposta dele foi que aquilo nunca ia acontecer.

Estava acontecendo. Monte explicou que não só Richie tinha saído de repente em 12 de agosto depois de um show em East Hampton, mas o fez sem avisar e no meio de uma turnê com agenda cheia. Os Ramones tiveram que improvisar e pedir para Clem Burke, da Blondie, assumir o nome Elvis Ramone e assumir a bateria em um show em Providence, Rhode Island, e depois mais um em Trenton, em Nova Jersey. Todos nós amávamos Clem e seu jeito de tocar, mas não era o estilo ágil e frenético característico dos Ramones. Depois desses dois shows, ele saiu.

Monte e o grupo tinham uma encrenca pela frente. Setembro estava cheio de shows agendados, incluindo uma turnê pela Califórnia. O mês seguinte tinha uma turnê enorme pela Europa. A renda em potencial que seria perdida era o suficiente para fazer John andar até a beira de um precipício, e as multas e os possíveis processos bastariam para fazê-lo pular. A banda toda, incluindo Dee Dee e seu estilo desencanado, estava desesperada. Então, depois de me contar os detalhes sórdidos, Monte abriu o jogo.

– Marc, precisamos de você.

Então a coisa toda voltou para o começo – uma reunião com John. Dessa vez, foi só entre John e mim, sem as mulheres da nossa vida. O encontro aconteceu nos estúdios de ensaio Daily Planet, onde havia tanta história. Como antes, houve uma audição pró-forma. John sabia, através de Monte, que sabia, através de Joey, que fazia quatro anos que eu estava sóbrio. Parecia que ele só precisava ver por conta própria. Quando nos acomodamos no estúdio e John ligou sua guitarra, tudo pareceu igual. John até parecia mais ou menos igual, tirando o fato de que, enquanto afinava as cordas, ele parava de vez em quando para tocar a lateral da cabeça. A cicatriz do chute quatro anos antes provavelmente ainda incomodava.

Começamos a tocar "Commando" e pronto. Vi John menear a cabeça enquanto se movimentava como se estivéssemos no palco. Senti um sorriso se formar no meu rosto. John pediu mais algumas músicas – "Blitzkrieg", "Affected", "Shock Treatment", "Sedated". Nada chegava perto, pelo menos em termos musicais. Estávamos afiados. Simples assim. Foi como repassar um set antes do show, menos Dee Dee no momento. Foi como voltar para casa. Ou, no meu caso, pedalar para casa.

Depois de dez músicas encerramos e, por um minuto, vi um lado de John que eu não via com frequência. Um lado que ninguém via.

– Marc – ele comentou. – É como se você nunca tivesse saído.

Apesar de ter vivido uma vida inteira – um tipo diferente de vida – naqueles quatro anos, eu sabia do que ele estava falando. Mas então John me deu um susto. Ele me disse que estava agradecido. Não só pela pequena fortuna que eu faria a banda e ele economizarem nos próximos dois meses. John confessou que, até entrar pela porta do estúdio de ensaio e tocar os primeiros acordes de "Commando", ele estava pensando seriamente em se aposentar. Isso era uma grande coisa vindo de John.

Independentemente de seus defeitos, ele sempre foi uma pessoa pragmática. Era uma das poucas pessoas – *quanto mais entre os músicos* – da nossa faixa etária que ao menos contemplava fazer um pé de meia para o futuro. Se ele estava pronto para jogar a toalha, devia estar no limite mesmo.

Eu entendia a sensação de desespero. Eu entendia uma série de coisas que não podia ou não queria sentir alguns anos antes. Uma delas era como o mundo era pequeno. Era um clichê, claro, mas também uma realidade. Não só com todos os problemas com "Richie" dos dois lados da cerca. Não só com os círculos interligados de pessoas pelo mundo e como todo mundo conhecia todo mundo, e tudo o que você fez acaba voltando para você de algum jeito estranho.

A coisa mais impressionante era como um conflito antigo podia simplesmente evaporar como um pouco de umidade na pele de uma bateria. Quando me pediram para sair dos Ramones, eu precisava de ajuda e não obtive. Quando pensei ao longo dos anos como tudo isso podia se resolver, nunca imaginei que seria assim – *eu ajudando a banda*.

Havia um poder maior atuando aqui. Os milagres coletivos das pessoas podiam se manifestar até em uma sala de ensaio velha. Então pensei em compartilhar com John, por um minuto, um lado meu que ele provavelmente nunca tinha visto. Eu disse a ele que voltar para a banda era a terceira melhor coisa que já tinha me acontecido. E que ser expulso tinha sido a segunda.

Quando se olha a foto de um presidente americano no começo do mandato e uma foto perto do fim, você vê a diferença. Mesmo rosto, mas o envelhecimento é óbvio. O cabelo grisalho substitui o castanho ou preto. Olheiras e rugas. Um olhar cansado que revela que foi mais difícil do que eu achava que seria. *Para você foram quatro anos. Para mim foi uma vida*.

Os quatro na minha ausência estavam estampados no rosto de Monte. Ele mediou guerras civis e impediu incidentes internacionais. Ele atuou como diplomata, negociador e conselheiro. Era um amigo, confidente e psicólogo. Sem contar motorista, empresário de turnês e mãe do covil. Para Monte, não existia o refúgio de Camp David. Havia só mais uma viagem de van.

John ainda andava na frente e ainda não falava com Joey, que também não falava com John. Aliás, a barreira entre eles estava mais densa e mais alta. Nem uma palavra passava. E a comunicação absolutamente necessária acontecia por intermédio de Monte, que também fazia as vezes de mensageiro e tradutor. John ainda mapeava as questões da banda. Joey ainda precisava encostar nas coisas. Mas agora Dee Dee cantava rap.

– Sou preto! Sou preto!

Dee Dee gritava do fundo da van a caminho de Washington, meu segundo show desde a volta.

– Sou preto! Sou preto!

– Não é, não – dizia John. – Você um puto de um branquelo que não sabe cantar rap.

Dee Dee estava imerso em Run-DMC e Public Enemy. E estava levando o hip hop totalmente a sério e trabalhando em esquemas de rimas na van entre um Thorazine e um Stelazine. Quando se deu conta de que podia cantar rap e irritar John ao mesmo tempo, Dee Dee entrou de cabeça. Ele era um homem com ritmo, e deixou seu ritmo fluir.

Linda tinha desaparecido da van. Tinha desaparecido de vista. O que tinha se anunciado e era inevitável tinha acontecido. Ela tinha se separado de Joey e ido morar com John, que me garantiu que Linda nunca seria um problema. Ela nunca ia acompanhar uma turnê de novo, só apareceria nos shows de vez em quando e ficaria na plateia para evitar qualquer drama. Mudar de apartamento era uma coisa, mas mudar de assento era outra. Linda não ia aparecer. Isso era simples, estava entendido, e era mais uma ruga no rosto de Monte.

Apesar de tudo, eu participava de reuniões na estrada sempre que podia, e os shows eram ótimos. Em Washington, Long Island, no Ritz de Manhattan, em San Diego, Los Angeles e em San Francisco, eu via placas na plateia dizendo "Bem-vindo!", "Nós amamos Marky!", "Marky voltou!". Eu tinha voltado, sim.

Sempre achei que os Ramones tinham os melhores fãs do mundo, mas agora pareciam ter aumentado, e incluíam muitos rostos mais novos na plateia. Havia garotos de catorze e quinze anos pulando e cantando a letra de "Sheena". Eles mal sabiam andar quando o primeiro álbum foi lançado. Mas, de algum jeito, ver *Rock'n'Roll High School* em vídeo e ouvir *Rocket to Russia, Road to Ruin* e *End of the Century* tinha ficado gravado neles. Esses garotos traziam uma energia nova para os shows e uma energia nova para mim.

Não demorou nada para lembrar como era bom tocar com os Ramones. A insanidade, as neuroses, as discussões, as rixas, as insinuações e os incidentes valiam a pena no momento em que pisávamos no palco. Havia uma empolgação e um vínculo com o público que superavam toda a merda antes e depois. Era maior que qualquer substância, de longe. Eu queria que Dee Dee em especial sentisse aquilo. Às vezes parecia que ele entendia. Às vezes, não. Quando os bis acabavam, eu sabia que as partes dois, três e quatro de qualquer absurdo que estavam acontecendo antes do show iam começar. Mas eu tomava

uma água com gás e não deixava aquilo me incomodar. Aqueles sujeitos eram loucos, mas eram meus irmãos.

Os números quatro, oito e nove dos Doze Passos tinham a vez com fazer listas, corrigir coisas e fazer históricos pessoais. Não eram nada fáceis, mas pelo menos em termos musicais eram agradáveis. Eu estava concentrado e queria ser o melhor possível. E estava determinado a ser meticuloso e erradicar qualquer lembrança que qualquer um tivesse das esquisitices e inconsistências do passado.

Eu passava meu tempo livre ensaiando. Era um facilitador positivo espalhar baterias por toda a cidade. Eu tinha uma no *loft* de um amigo e outra em um estúdio. Minha bateria principal ficava em SIR na Lower Manhattan. Meus *drum pads* estavam sempre comigo. Eu tocava três horas por dia, às vezes mais. Estava viciado em tocar. Voltar ao meu antigo auge antes dos Ramones não era o objetivo. Era o ponto de partida. Quando os fãs esperavam um solo de bateria em "Sedated" durante um show, eu não queria desapontar. Queria que soasse como no álbum *ou melhor*. Fiz questão de conseguir tocar o solo com a mão esquerda.

Os Ramones não eram modelos nem cidadãos modelo. Eles ganhavam a vida com música e mau comportamento. Ética punk e tal, eles sabiam bem que nem todo comentário ou problema nem toda piada era para o consumo público. Em geral, não queriam as câmeras por perto. Então levei uma para a Europa.

Era uma câmera de vídeo analógica Nikon Hi8. A fita parecia uma versão menor do VHS, mas a qualidade era melhor. Para mim, se alguém de dentro estivesse filmando, a guarda da banda estaria baixa. A filmagem seria honesta, engraçada e ficaria preservada para a posteridade. Sem contar que isso me daria algo construtivo para fazer durante a viagem.

No voo para Copenhagen, Dee Dee, Vera, Marion e eu ocupamos quatro dos cinco assentos de uma fileira de um jato grande. Estava um pouco apertado e provavelmente parecia ainda mais amontoado por causa do rap de Dee Dee. Uma das comissárias apareceu e disse que não precisávamos ficar apertados. Havia muito espaço no fundo da aeronave, e podíamos ir para lá nos espalhar.

– Não, obrigada – Marion respondeu. – Mas obrigada.

Ela não olhou para trás, mas fiz questão de olhar. Joey estava sentado em uma das fileiras de cinco assentos dos fundos. Não havia ninguém dos dois lados dele nem na frente. Nem atrás. Alguns passageiros estavam espalhados por duas ou três fileiras à frente. Era um efeito cascata, quando você joga uma pedra em um lago, e círculos concêntricos se formam. Ninguém queria sentar perto de Joey por causa do cheiro dele. Não estava sendo um dia bom em termos de higiene. Talvez fosse uma semana ruim. Ele estava bebendo e usando cocaína, e eu queria ajudá-lo, assim como queria ajudar Dee Dee.

Nem tudo estava ruim com Joey. Enquanto eu estava fora da banda, ele arrumou uma namorada chamada Angela. Ela e a irmã, Camille, frequentavam o Tropicana em Los Angeles. Angela foi morar com Joey, e a irmã foi morar com Monte, então Joey e Monte se tornaram praticamente cunhados.

Angela era bonita e esperta. Os dois eram um bom casal, e uma grande parte disso era como ela cuidava bem de Joey. Quando voltei, eles já tinham se separado. Joey estava dando trabalho de novo.

Mas ainda eram amigos. Não no sentido clichê do prêmio de consolação. Os dois gostavam de verdade um do outro. Levando tudo em consideração, Angela era a melhor coisa que já tinha acontecido com Joey. Já Camille era selvagem e viciada em drogas. Monte voltou um dia de uma turnê e descobriu que seu computador, seu aparelho de som, sua câmera – tudo – tinham sumido. Ela pegou as coisas e vendeu. Quando fiquei sabendo disso, fiquei muito triste por ele.

O show depois de Copenhagen foi em Hamburgo. O ônibus da turnê foi nos buscar na balsa do outro lado do estreito Grande Belt e nos levou para o sul pela península da Dinamarca. Dee Dee apareceu naquela manhã de agasalho Adidas vermelho com listras pretas. Ele estava com o cabelo espetado, montes de anéis nos dedos e um grande medalhão dourado da Mercedes-Benz pendurado no pescoço com uma corrente. Parecia uma versão branca de Flavor Flav.

– E os dentes de ouro? – John perguntou. – Cadê?

– Estou cuidando disso.

– Nem pense em pisar no palco com essa roupa – John ameaçou com seu olhar gélido.

– Vamos ver se vou estar com vontade – Dee Dee respondeu.

Do que ele estava com vontade era trabalhar em seu projeto de rap durante todo o caminho até a Alemanha.

Foi como uma festa de boas-vindas. Ele subiu ao placo sem o agasalho e o medalhão. O cabelo espetado continuou, mas, se era punk o bastante para Richard Hell, tinha de ser punk o bastante, raspando, para Johnny Ramone. Nos bastidores, Dee Dee estava puto. Ele contou que alguém na plateia, fazendo um comentário sobre seu peso, tinha gritado "Cuidado com a barriga!" A banda não sabia se tinha sido em inglês ou alemão, mas Dee Dee podia ser ofendido em duas línguas. Ele parou diante de um espelho no camarim com a camiseta levantada e olhou para a frente.

– Eu estou gordo?

– Está – John respondeu sem titubear quando passou.

Alguns minutos depois, Dee Dee se enfiou no banheiro e sumiu. Dava para ouvir que ele estava vomitando. Era uma linguagem universal, mas, pela cabine e a parede soava gutural, como sua língua nativa. Era difícil ouvir. Dee Dee tinha coberto todas as bases. Ele estava acima do peso e era bulímico ao mesmo tempo.

Quando encerramos a turnê em Londres e nos preparamos para embarcar no Heathrow, eu precisava de uma estratégia diferente em relação à minha câmera. O terrorismo estava se espalhando pelo mundo, especialmente pela Europa. A segurança estava pesada, e todo mundo precisava passar por um detector de metais. Quando cheguei a Copenhagen, fui rever a fita na minha câmera e tive uma surpresa desagradável. A fita tinha sido apagada. Estava claro que tinha sido desmagnetizada quando passou pelo detector de metal. Eu não podia deixar acontecer de novo. Especialmente naquele momento. Tinha muita coisa boa naquelas fitas.

Fui até o chefe no portão de segurança e expliquei que estava filmando minha banda e ia cooperar com qualquer procedimento de segurança razoável contanto que as fitas não passassem pelo detector de metais. Meu apelo despertou mais suspeitas do que as aliviou. Eles me revistaram, pela frente e por trás. E reviraram totalmente minha mala. Abriram o *case* da câmera e inspecionaram a bateria como se estivesse ligada a uma bomba. Mas, no final, me deixaram passar, e minhas fitas deram a volta pelo detector de metais. Respirei um pouco aliviado. Eu

tinha adquirido um *modus operandi* eficiente, e as imagens de Dee Dee de macacão estariam a salvo por eras.

***

Dee Dee estava usando roupas normais quando fui encontrá-lo em seu apartamento em Whitestone, no Queens, num dia frio no começo de março de 1988. Eu tinha uma estratégia. Peguei com meu Cadillac Seville até o apartamento, e fiz Dee Dee nos levar para a reunião em seu Camaro. Antes de entrar no carro, passei uns minutos conversando com Vera. Eu queria ajudá-la talvez até mais do que queria ajudar Dee Dee. Vera era basicamente a pessoa mais gentil e amorosa que Marion e eu já tínhamos conhecido, e sofria muito por causa dos vícios dele. Se existisse uma versão punk da música country "Stand by Your Man", ela teria composto.

Minha estratégia era levar Dee Dee para a reunião mais perto de seu apartamento. Assim, se ele quisesse ir a uma segunda reunião, seria conveniente. Seguindo o mesmo princípio, se ele fosse dirigindo seu próprio carro, talvez fosse o início de um bom hábito.

Dee Dee estava acelerado, mas de relativo bom humor enquanto falava do contrato de gravação que tinha assinado. Seymour Stein tinha feito um acordo pela Sire/Warner para um álbum como artista solo de rap. O eterno encorajamento e a rédea longa de Seymour com todos nós significava liberdade criativa total para ele. E estritamente como um acordo comercial, o talento para composição de Dee Dee não só tinha sido um sucesso em outro gênero – tinha ajudado a lançar esse gênero. Então, do ponto de vista de Seymour, valia a pena.

Dee Dee ia precisar de ajuda. E ia receber ajuda. Vera estava administrando o projeto nos bastidores e desenvolvendo a arte. Tínhamos recursos vastos no departamento musical. Ele me pediu para tocar bateria, mas preferi só dar conselhos sobre que batidas usar e ser reconhecido discretamente. Eu era um roqueiro, não um rapper.

O tipo que ajuda que eu estava tentando oferecer a ele estava ali na Primeira Igreja Presbiteriana na 149th Street. A grande estrutura de

madeira tinha um santuário com um campanário à esquerda e a entrada do presbitério à direita. Dee Dee levou seu Camaro até o gramado aparado da entrada.

– Dee Dee, você não pode fazer isso. Você não pode estacionar no gramado. As pessoas vão à igreja aqui. Um pastor mora aqui. As pessoas pagam para manter este lugar – expliquei.

– Quanto tempo dura a reunião? – ele perguntou.

– A questão não essa – respondi. – Esse não é o jeito de vir a uma reunião. Você precisa demonstrar respeito. Sem contar que vai deixar marcas de pneu.

Consegui convencê-lo a sair dali e parar no estacionamento, que, imagino eu, para ele era o Passo Um. No momento em que entramos na sala da reunião, ele me perguntou onde o café e os donuts ficavam.

– Dee Dee, você não está aqui por causa do café e dos donuts. Você pode tomar café e comer donuts em casa. Você está aqui porque quer parar com as merdas que usa há anos e anos. E se quiser fazer isso, o que eu espero, você precisa abrir os ouvidos. Você precisa ouvir.

– Estou com fome.

– Sinta fome de aprender alguma coisa – respondi. – Este é o primeiro dia de aula para você. Essas pessoas passaram por muitas das coisas que nós passamos. Se você prestar atenção, alguma coisa pode fazer sentido. Não dá para fazer isso sozinho.

– Certo, Marc. Vou sentar e ouvir. Mas não vou levantar e fazer um discurso.

– Tudo bem – respondi. – Faça o que quiser. Se você aprender alguma coisa, *mesmo que seja uma única coisa*, já vai ser uma vantagem.

Pegamos duas cadeiras das dúzias que estavam montadas. A sala estava cheia de homens e mulheres na casa dos vinte, trinta e quarenta. Fazia sentido não haver idosos. Aquela era uma reunião do NA – os Narcóticos Anônimos.

Quando o líder da reunião perguntou se eu queria me apresentar, levantei e falei como tinha feito centenas de vezes.

– Olá, meu nome é Marc, e sou alcoólico. Estou sóbrio há quase cinco anos.

– Olá, Marc.

Os outros participantes foram educados, mas claramente não estavam animados em me ver. As reuniões do NA eram abertas para o AA,

e vice-versa, mas muitas pessoas dos dois lados consideravam o outro um planeta diferente. Sim, havia turmas até no mundo do vício. Para mim, aquilo era um pouco maluco. Era como a diferença entre *hardcore* e *thrash* – não era tudo isso.

Você fosse dependente de drogas ou de álcool, estava lidando com uma substância que assumia o controle da sua vida e fazia de você um refém. Mas independente da minha opinião, não havia dúvidas de que Dee Dee estava no lugar certo.

– Estou feliz de estar aqui – continuei. – Tenho me empenhado muito para me manter sóbrio e com foco. Sou músico, e me concentrar na música tem sido muito positivo para mim, para canalizar meu excesso de energia. E estou muito animado esta noite porque um grande amigo meu está aqui.

Dee Dee, que estava sentado ao meu lado, levantou assim que sentei. Ele olhou em volta por um instante e senti a mesma ansiedade que sempre sentia quando ele fazia a contagem para uma música… *one, two, three, four*…

– Olá. Meu nome é Dee Dee. E eu vim conhecer.

Foi isso. Não houve outra introdução. Nenhum verso. Nem refrão. Eu entendia perfeitamente o momento em que ele estava na própria vida. Com certeza eu tinha passado por isso. Ele não conseguia admitir para as outras pessoas na sala que era dependente. Não conseguia admitir para si mesmo. O Passo Um ia ter de esperar pelo menos mais um pouco.

Mas minha tarde não foi um desperdício. Fiz questão de que ele soubesse aonde ir e o que fazer. E que ele pegasse um folheto com a lista de todas as reuniões – manhã, tarde e noite. Falei que da próxima vez que ele pegasse alguma coisa não deveria estar em sua boca, nariz ou braço, também podia pegar o telefone e me ligar, e eu podia convencê-lo a não usar. Deixei a porta aberta. A porta estava sempre aberta.

Os Ramones existiam oficialmente há tempo suficiente para lançar uma coletânea. O titulo provisório era *Ramones Mania*. Não era uma menção à beatlemania. Provavelmente nunca mais ia existir alguma coisa como aquilo. Mas, conforme a banda se aproximava do fim da década e fazia shows cada vez maiores para plateias cada vez mais loucas, dava para ver e sentir que pelo menos estávamos chegando a outro nível de apreciação.

A banda estava em turnê na Califórnia no verão de 1988, e no dia 9 de julho peguei um dia da nossa agenda para filmar um vídeo para "I Wanna Be Sedated". Nos primeiros dias da MTV, um vídeo e uma música em geral eram lançados mais ou menos ao mesmo tempo. Às vezes, quando uma música ficava famosa, o clipe surgia alguns meses depois para aumentar as vendas. Fazia dez anos que "Sedated" tinha sido lançada. Era difícil acreditar.

A música, como a banda, tinha ganhado força gradualmente, mesmo enquanto toda uma era veio e passou. Era a faixa dos Ramones que tinha mais chance de tocar quando se percorria o dial do rádio aleatoriamente. Era provável que houvesse milhões de ouvintes casuais que conheciam a música e o "ba-ba-ba-ba" no final, mas não sabiam identificar a banda. Era incrível o que um cantor e baixista talentoso podia criar em uma noite enquanto estava entediado em um quarto de hotel em Londres.

O clipe estava sendo filmado para promover a coletânea. O diretor, Bill Fishman, tinha um conceito simples. Os Ramones estariam sedados enquanto todo mundo à sua volta estava louco. Seria a primeira vez, mas aquilo era Hollywood.

A filmagem aconteceu no corredor de um hospital. Dee Dee, John, Joey e eu sentamos em uma mesa no meio do corredor, tomamos café da manhã e lemos enquanto dúzias de atores vestidos como trabalhadores de todo tipo andavam de um lado para o outro.

Foi um belo cachê para os figurantes. Tínhamos uma bailarina, uma noiva, uma freira, um idiota, um sujeito de monociclo, uma animadora de torcida, um médico, uma enfermeira, um tocador de gaita de fole e muitas outras figuras do elenco central. Era uma ala psiquiátrica de verdade. Estávamos em casa.

O segredo era que a banda precisava se mover em câmera lenta enquanto os figurantes se moviam em velocidade normal. O filme seria acelerado depois para fazer nossos movimentos parecerem normais, e os de todo mundo, frenéticos. Foi o mais devagar que já comi uma tigela de cereal na vida. Dee Dee virava as páginas da revista em quadrinhos que estava lendo no mesmo tempo que costumava levar para esvaziar um armário de remédios. Aquilo foi ou o desafio de uma vida para nossa banda hiperativa, ou algum tipo bizarro de terapia.

Enquanto isso, o hospício estava ficando mais louco a cada segundo com cereal, biscoitos, batatinhas chips, aperitivos e serpentina voando

pelo corredor. Um dia como outro qualquer no sanatório.

No voo para San Francisco no dia seguinte para o show do Fillmore, Marion e eu sentamos atrás de Joey. Não era seu pior dia em termos de fedor, nem o melhor, mas o voo estava cheio, e foi o acaso. Em algum lugar acima de San Jose, Marion apontou para uma coisa estranha. Por causa da altura, a cabeça de Joey ficava bem acima do encosto do assento. Presos no meio de sua grande cabeleira havia migalhas e pedaços de comida – batatinhas, bolachas, cereal, e mais um pedaços de papel. Cada vestígio era um pequeno suvenir da filmagem do dia anterior. Aquilo era um novo recorde em higiene pessoal. Até universitários imundos tomavam banho depois de uma guerra de comida.

***

Eu me sentia sortudo por cada um dos fãs, e estar sóbrio me fazia apreciar o lado bom do mundo dos Ramones ainda mais. Eu também era fã de algumas pessoas, claro, e sempre esperava ser tratado com respeito. Uma das ocasiões raras e especiais era quando descobríamos que éramos fãs de alguém que também era nosso fã. Stephen King, por acaso, era um grande fã dos Ramones.

John e eu gostávamos de ficção científica e éramos colecionadores de pôsteres do gênero. As músicas dos Ramones, em alguns casos, eram ficções científicas musicais. No fim das contas, a ficção científica não era uma questão de efeitos especiais, por melhor que estivessem se tornando nos últimos tempos. O principal era a força da história – com a ajuda dos limites do conhecimento – de instigar seus medos mais sombrios, suas inseguranças mais profundas e suas fantasias mais loucas. Em um filme como *Carrie – A Estranha*, de Stephen King, uma garota comum é alvo das provocações dos garotos da escola, o que acontece todo dia na vida real. O que não acontece todo dia é que a fúria da garota desperta seus poderes de telecinesia e resulta num banho de sangue vingativo. Todo mundo foi um pária em algum momento da vida. Só não

tivemos a chance de incinerar e decapitar os *bullies* da escola num piscar de olhos.

Durante uma passagem rápida pela Nova Inglaterra, Stephen King convidou os Ramones para visitar sua casa em Bangor, no Maine. A casa era uma estrutura vitoriana clássica com um toque levemente assombrado. King tinha olhos penetrantes que visivelmente tinham lido e escrito muitos livros. Ele foi muito simpático e ficou feliz de nos conhecer. Fomos convidados para um grande jantar no porão, mas o principal ali eram os objetos e suvenires, a maioria de filmes de ficção científica e terror, e não só os baseados nos filmes dele. *Godzilla, A Noite dos Mortos-Vivos, A Bolha Assassina, O Massacre da Serra Elétrica* – era um museu de algumas das melhores melecas que já apareceram na tela grande. Os olhos de John ficaram tão afiados quanto os de King.

Durante uma pausa no debate amistoso sobre os Yankees versus os Red Sox entre John e King, o lendário escritor entregou a Dee Dee um exemplar de seu best-seller *O Cemitério*. Era a história de um cemitério onde gatos e cachorros ressuscitavam e, inevitavelmente, humanos também. O problema era que voltavam macabros e sedentos por sangue. Enquanto a sessão de conhecimentos gerais de beisebol e cinema continuava, Dee Dee desapareceu por um tempo. Isso costumava significar problemas. Mas em menos de uma hora ele desceu as escadas com o livro na mão. Na outra mão havia uma folha com algumas palavras datilografadas. Ele tinha composto uma música chamada "Pet Sematary". Tinha condensado o livro em uma música de três minutos concisa e viciante em que dizia não querer viver sua vida de novo.

Eu conseguia ver por quê. A vida de Dee Dee tinha ficado dura. Mas no que dizia respeito à composição, ele tinha conseguido de novo. Dee Dee murmurou a música para Stephen King e para nós, e uma faixa-título nasceu. *Cemitério Maldito* ia começar a ser filmado no mês seguinte, e King queria a música, contanto que fosse gravada por sua banda punk favorita de todos os tempos.

Um pouco depois, na varanda da casa, perguntei a Dee Dee por que ele queria sair da banda, já que era tão bom no que fazia. Ele já tinha ouvido essa pergunta pelo menos uma dúzia de vezes e tinha decorado as respostas. Ele queria ser Dee Dee King, o artista de rap, não Dee Dee Ramone. Ele tinha chegado a um ponto sem volta na longa guerra fria de John e Joey e estava cansado de ser visto por todo mundo como uma

criança-problema. Como um risco. Ele se sentia um depósito de lixo tóxico, de acordo com o próprio, de culpa. E queria uma vida livre do controle dos Ramones, de Vera, dos médicos e dos remédios que receitavam.

Sempre que ouvia essa lista de reclamações, eu falava a verdade – que eu não só era solidário, mas também tinha empatia. E dizia que se ele saísse do jugo das drogas, o controle de todo mundo deixaria de ser uma questão porque *ele* recuperaria o controle da própria vida. Comentei também que talvez os psicotrópicos estivessem mascarando os sintomas de quaisquer drogas que ele estivesse usando, mas que Dee Dee precisava mesmo era se livrar de todas as substâncias, legais ou não. E disse também que a banda provavelmente ia desacelerar nos próximos anos e não havia motivo para nós dois aguentarmos mais um pouco e darmos umas risadas, enquanto fazíamos um belo pé de meia.

Dessa vez, em uma varanda em Bangor, no Maine, depois de ver o que eu tinha acabado de ver, pensei em tentar uma abordagem diferente. Expliquei para Dee Dee que ele talvez estivesse entre algumas pessoas que podiam pegar um livro, passar os olhos nele e escrever uma música ótima em menos de uma hora. Comentei que ele tinha feito pelo punk o que Stephen King tinha feito pela ficção – criar, do nada, imagens, temas e histórias que atraíam as pessoas porque elas se identificavam. Porque as músicas penetravam nas curiosidades, nos medos e nas inseguranças que as pessoas carregavam, mas não conseguiam expressar. E disse que seria ótimo ser Dee Dee King por um tempo, mas na verdade ele era o *Stephen* King do punk. Com um dom como esse, ele tinha uma necessidade básica e fundamental de fazer uso dele. Dee Dee ouviu enquanto olhava em silêncio para a floresta escura da Nova Inglaterra.

Para um sujeito que estava com o pé na porta, Dee Dee fez muitas contribuições para o álbum novo. O pé que ainda estava dentro escreveu pelo menos metade das músicas, incluindo o rock ágil de "I Believe in Miracles", o punk-metal "Zero Zero UFO", o hino "Punishment Fits the Crime" e, claro, a balada cinematográfica "Pet Sematary".

Foi uma luta para John tocar os arpejos e acordes de "Sematary", mesmo com a ajuda de Dee Dee. O estilo tinha um quê do fim dos anos 1980, com muito dedilhado cuidadoso. Depois de um tempo, Daniel Rey fez as duas faixas rítmicas e depois a guitarra solo, que John não tinha conseguido fazer. Daniel também ajudou com a estrutura da música.

Jean Beauvoir, dos Plasmatics, produziu e deu um toque comercial para aumentar o apelo radiofônico e cinematográfico.

Os Ramones tinham passado da fase de almejar um hit, depois de passar por uma decepção depois da outra ao longo de muitos, muitos anos criando uma espécie de abordagem zen para o processo de gravação. Expectativas altas eram uma forma de se predispor a mais uma queda. Mas ter uma música em um filme importante não ia fazer mal.

Nosso produtor principal, Bill Laswell, tinha uma formação de vanguarda. Ele tinha trabalhado com Brian Eno e Herbie Hancock. Tinha influência no jazz, algo de que eu gostava, e até trabalhado com meu amigo e companheiro de Voidoids Bob Quine. Bill fez experimentos com meu som colocando minha bateria conta uma parede de tijolos. A intenção era gerar muito "slap-back" nos microfones da bateria.

E foi o que aconteceu. O efeito foi deixar a bateria muito alta e na dianteira. A caixa em especial parecia saltar em algumas músicas, em vez de ficar boazinha no meio. Imaginei que se um baterista como eu, que gostava de baterias altas, estava achando alto demais, era provável que aquilo abafasse todo o resto. Mas aquele não era Ritchie Cordell em 1982, e eu não tinha uma garrafa escondida na lixeira do banheiro nem em lugar nenhum. Eu disse o que achava para Bill Laswell com calma e educação, e continuamos o trabalho. Pela primeira vez em um álbum dos Ramones, meu trabalho incluía contribuir com letras, e foi o que fiz em "All Screwed Up" e "Learn to Listen".

Havia mais do que gostar do que do que não gostar no projeto. "Can't Get You Outta My Mind" tinha um quê clássico dos Ramones. Achei que tocamos "Miracles" meio devagar demais e o *cover* dos anos 1960 "Palisades Park" um pouco rápido demais, mas *Brain Drain* não foi nada ruim de gravar. Quando muito, o disco tinha energia e nos levou para a próxima década.

O som do rock radiofônico estava mudando, e as gravadoras que recusaram o King Flux talvez tivessem razão, quer aquilo fosse uma profecia autoimposta quer não. O Guns N' Roses estava em todas as rádios, e dava para ouvir a influência punk em quase todas as músicas de seu álbum de estreia, *Appetite for Destruction*. Bandas como Red Hot Chili Peppers, R.E.M., Suicidal Tendencies, Jane's Addiction, Sonic Youth e The Cure estavam se tornando conhecidas. Eram diferentes dos Ramones e umas das outras, mas todas compartilhavam a atitude "faça você mesmo"

que deu início às bandas de garagem da década de 1960 e, um pouco mais tarde, do punk.

A rádio FM estava começando a tocar músicas com misturas ecléticas de sons que desafiavam as categorizações. Havia mais nomes de gêneros que de bandas, mas um dos que parecia abarcar tudo era "alternativo". Estávamos ouvindo o termo aqui e ali. A música dos Ramones também estava se diversificando. Não gastei muito tempo me perguntando se estávamos influenciando essas bandas mais novas ou se eram elas que estavam nos influenciando. Estava claro que as duas coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo.

Em meio a toda essa evolução e todo esse progresso, a última faixa de *Brain Drain* era "Merry Christmas (I Don't Want to Fight Tonight)", de Joey.

Desde Irving Berlin, bons garotos judeus tinha um pendor para escrever boas músicas de Natal. A nossa tinha o toque dos Ramones em quantidade suficiente para não soar como uma música comercial cafona e um toque do espírito de fim de ano do *doo-wop* o bastante para se encaixar nesse período festivo.

***

Nosso hálito parecia ter saído das máquinas de neblina. Combinava com um clipe sendo filmado num cemitério. Mas essa névoa surgia naturalmente. Era janeiro de 1989, e estávamos fazendo o vídeo de "Pet Sematary". Como em todos os filmes de terror, até os de três minutos e meio, as cenas mais assustadoras eram filmadas à noite. A temperatura era menos seis e continuava caindo, e Joey, Dee Dee, John e este que vos fala estávamos com o traseiro congelado.

Sleepy Hollow não era um cemitério comum. Localizado ao norte de Tarrytown, Nova York, perto do rio Hudson, Sleepy Hollow era o cenário do conto de Washington Irving, "A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça".

Nele, o doente de amor Ichabod Crane é perseguido pelo cemitério pelo Cavaleiro sem Cabeça. Naquele momento, os Ramones tinha outro risco da profissão ligado a cemitérios com que se preocupar. A banda

estava sendo colocada em uma cova aberta por um elevador hidráulico. O elevador estava na cova, escondido da câmera, para que só os Ramones ficassem visíveis, desaparecendo lentamente na cova enquanto tocávamos "Pet Sematary".

Eu estava ao lado de Joey, que cantava enquanto eu tocava em uma bateria grande o bastante para uma marcha fúnebre. Nós dois estávamos usando óculos escuros de grau, que eram ideais para ler as inscrições nas lápides em cemitérios de trezentos e cinquenta anos. Dançando e se movendo à nossa volta, havia umas duas dúzias de personagens assustadores que podiam ser os figurantes de "Sedated" usando roupa de funeral. Mas alguns deles – como Debbie Harry, Chris Stein e membros dos Dead Boys – eram astros com luz própria.

O clipe não era em *slow motion* de mentira. O elevador descia tão devagar que dava tempo suficiente para o vento congelante atravessar nossas jaquetas de couro. O elenco colocou uma grande lápide acima de nós com "The Ramones" escrito. Aquele foi o primeiro *take* e provavelmente o mais próximo que a banda ia chegar de morrer em cena. O problema foi o segundo *take*. E o terceiro. Dee Dee tinha escrito que não queria viver de novo. O verdadeiro horror era morrer de novo.

Quando as luzes Klieg foram apagadas, e a equipe desapareceu, tudo o que restou fomos Dee Dee, eu e meu amigo Mike. Os três tinham ido juntos no meu Cadillac Coupe de Ville 1979 duas portas prateado. Mike tinha levado Max, seu rottweiler de quase cinquenta e cinco quilos, que estava ficando ansioso e um pouco assustado. A escuridão tinha caído rápido. Com ela e com o silêncio vieram os sons sutis das folhas, árvores e das corujas que você nunca notaria durante a comoção da filmagem de um clipe. Aquilo não era um cenário. Era um cemitério de verdade.

Chegamos ao Coupe com a luz parcial da lua e o brilho distante da cidade de Sleepy Hollow. Veio um pouco de alívio quando acendi os faróis, mas a gente só queria sair dali. Saímos com o carro, e virei à esquerda em uma coisa chamada Cataract Hill. Viajamos por um tempo, demos risada quando conseguimos nos encontrar um pouco no carro, e fizemos uma curva gradual à esquerda em um local chamado Monticello.

– Tem certeza que é aqui? – Mike perguntou.

– Esse é o caminho natural – respondi.

Continuei virando à direita, passando por lápides, arcos antigos, monumentos, mausoléus e antigos muros de pedra construídos antes de

existir uma coisa chamada Estados Unidos e que provavelmente iam continuar ali depois. Finalmente, chegamos a uma clareira. Era o mesmo lugar onde tínhamos filmado o videoclipe, que agora parecia mais desolado do que nunca.

– Você sabe sair daqui? – Dee Dee perguntou.

– Você sabe?

– Estou perguntando para você – Dee Dee insistiu. – Você está dirigindo.

Mike foi esperto e não falou nada. Mas Max estava literalmente uivando para a lua. Tentei pegar a direção contrária. Mesmo num cemitério, as ruas têm nome, e Sleepy Hollow não era diferente. Forest, Terrace, Lincoln… a única placa que faltava era a que dizia "Saída por aqui". Tentei virar à esquerda na Pleasant Avenue. Que não tinha nada de agradável. Sleepy Hollow parecia estar organizado em uma série de círculos interligados. Começamos a reconhecer as lápides, o que nunca era uma boa coisa. Enquanto tentamos pegar outra estrada sinuosa, Dee Dee olhou pelo para-brisa, depois para os lados, e entrou em pânico.

Eu não acreditava em fantasmas, mas acreditava em *delirium tremens*, e aquilo era o mais perto que eu tinha chegado de ver coisas desde que parei de beber. Minha cabeça, como qualquer cabeça, estava cheia de cenas de filmes e fobias aleatórias, e um lugar como aquele era um espelho para todos os medos que você pudesse desenterrar. O Cavaleiro sem Cabeça podia ou não estar perto da próxima lápide, mas sem dúvida estava no imaginário coletivo de todos. Além do mais, cachorros têm mais percepção sensorial do que os humanos, e aquele cachorro, que estava urrando no banco de trás, estava notando alguma coisa assustadora. Torci para ser apenas Dee Dee.

– Estou apavorado – Dee Dee anunciou. – Acabei de ver alguma coisa com um chifre, Marc. E asas. A gente precisa sair daqui.

– Dee Dee – respondi. – Como você acha que todo mundo está se sentindo? Você acha que algum de nós quer estar aqui?

Parei o carro perto de uma pequena passarela. À distância, vi um feixe de luz clara e ouvi um leve assobio. Só podia ser a Broadway, também conhecida como Route 9, que ficava na cidade. Um pouco mais perto, vi uma estrada que parecia seguir direto para a Broadway. O problema era que a única maneira como eu achava que podia chegar de um ponto ao outro era seguir em frente, e foi o que fiz. Engatei o Coupe e passei pelo

meio-fio, depois por um gramado e por uma colina. Desviei de uma lápide, depois de outra, e achei que tinha escapado das duas. No fim, não importava. Aquelas pessoas já estavam mortas, e nós só queríamos continuar vivos

Chegamos ao asfalto e atravessamos os portões. Foi como chegar ao fim do nosso pequeno vídeo extra de terror dos Ramones sem a trilha sonora. Senti por não ter levado minha câmera Hi8, mas sair dali era recompensa suficiente. Eu nunca tinha visto Dee Dee tão desesperado para sair de qualquer lugar. *Quase* nunca.

***

Numa tarde de verão de abril de 1989, os Ramones realizaram uma coletiva de imprensa no Hard Rock Cafe em pouco ao norte da Times Square.

Brain Drain tinha sido lançado, assim como o filme *Cemitério Maldito*. A faixa "Pet Sematary" tinha chegado ao quarto lugar na parada de rock moderno da *Billboard*. Número quatro. Nos Estados Unidos da América. Eu estava bebericando minha água com gás e olhando para Dee Dee, que estava sentado do meu lado se mexendo na cadeira. Então pensei em outra música que ele tinha composto em outro momento de inquietação e como toda vez, daquele instante até a eternidade, que o filme terminasse, e os créditos de encerramento subissem, as pessoas iam ouvir a nossa música. A parada de sucessos não era o motivo por que ainda estávamos juntos depois de todo aquele tempo. Mas era bom.

Peguei minha água com gás de novo, coloquei na boca e engasguei. Um pouco do líquido caiu na toalha de mesa, mas um pouco desceu pela minha garganta. Sempre que alguma coisa que não devia desce, o palato sente um choque enquanto o cérebro tenta identificar a substância, rápido. Levou mais ou menos um segundo. Era uma velha amiga e inimiga – a vodca. Dee Dee sorriu e assumiu o crédito pela pegadinha.

– Agora estou sóbrio há mais tempo que o Marc!

– Dee Dee – devolvi. – Eu não ficaria tão orgulhoso se fosse você. É um pouco cedo.

Dee Dee tinha pouco mais de trinta dias de sobriedade. Ele tinha mostrado para todo mundo sua medalha de um mês. Ficamos felizes por ele. Mas aquilo não era um trote digno dos Ramones. Era como fazer alguém tropeçar no último quilômetro de uma maratona. Ou brincar de "Flying Wallenda" em uma corda bamba. Era de baixo nível, baixa qualidade, baixa inteligência. Se havia uma coisa sobre a qual eu queria que Dee Dee competisse comigo era a sobriedade. Aquele não era o jeito de fazer isso.

O álbum de rap dele, *Standing in the Spotlight*, não sobreviveu. Ele nem encostou nas paradas. Enquanto corria atrás de seu próprio álbum solo, Joey na verdade estava torcendo por Dee Dee. John estava torcendo pelo oposto. Eu estava do lado de Dee Dee tanto quanto qualquer pessoa. Um *cover* de "Mashed Potato Time" era simplesmente bobo e ridículo demais para incluir em um álbum competindo com N.W.A e com artistas que já estavam na cena do rap boa parte da vida. Mas uma faixa como "2 Much 2 Drink" podia ter sido vendida para os Beastie Boys e feito sucesso.

Havia outras música no disco que eu achava que Dee Dee devia ter guardado para os Ramones. Em um mundo de polegar para cima ou para baixo, eu esperava que ele tivesse um pouco de perspectiva sobre o fracasso do álbum, mas àquela altura eu não sabia se Dee Dee tinha alguma perspectiva sobre qualquer coisa.

Olhei para o Cadillac Coupe 1960 pendurado no teto do Hard Rock Cafe. Era o meu carro. Não apenas o mesmo modelo. Era meu carro de fato, resgatado do ferro-velho e exibido como a guitarra de Eric Clapton. Pensei em como estava minha cabeça quando o carro pegou fogo na Ocean Avenue. Mais do que um carro estava pegando fogo naquela época. Todo dia naquela ocasião, até mesmo um dia sem nada para fazer em casa, era um tributo a estar sóbrio e saudável. Um dia como aquele era ainda melhor. Quando se está sóbrio, você aprecia de verdade o que fez e o que tem. Era o que eu queria para Dee Dee.

No voo de volta para a Costa Leste da turnê californiana, Dee Dee anunciou para nós que o show que tínhamos acabado de fazer em Santa Clara era o último. Fazia algumas semanas que ele dizia isso, mas, no caso de Dee Dee, era preciso dar um desconto. Um grande desconto, na

verdade. Mesmo assim, ele merecia crédito. Dee Dee tinha provado que era capaz de tomar decisões horrendas e levá-las adiante. No mês anterior ele tinha se separado do Vera. Dee Dee tinha parado de tomar seu remédio, Vera insistiu para ele voltar, e Dee Dee decidiu largar os dois.

Na viagem de volta, ele mostrou cheio de orgulho as botas novas que tinha comprado em Los Angeles para sua nova namorada. Era algo bem atencioso para alguém que estava tão fora de si. Até os punks sabiam que Dee Dee tinha errado a mão. Estávamos andando juntos pela Sunset Strip quando dois garotos de cabelo espetado e argolas no nariz gritaram do outro lado da rua:

– Volte para Vera!

Nosso guitarrista era um desses punks, pelo menos na teoria. John estava indignado que ele tivesse deixado sua cara-metade e disse com todas as letras que Dee Dee não podia tratar Vera como um par de sapatos velhos. Era irônico vindo de alguém que tinha deixado mais do que um par de sapatos velhos para trás. Era ainda mais irônico considerando que em 1978 John tinha sido categoricamente contra esse casamento. Se tivesse ido à cerimônia – o que não aconteceu – John teria sido a pessoa no fundo da igreja contando para o padre por que aquela união não deveria acontecer.

O conceito de casamento de um *rock star* para John era uma página do antigo manual dos Beatles – não faça e, se fizer, esconda dos fãs, em especial das meninas. Elas queriam seus cavaleiros de couro brilhante solteiros.

Foi o que Brian Epstein fez John Lennon fazer com Cynthia, e era o que Johnny Ramone queria fazer com Dee Dee Ramone. Pior ainda, ao longo dos anos, Johnny Ramone tinha criticado Dee Dee e Vera Ramone sempre que podia. Era um pouco tarde para se comportar como conselheiro conjugal.

Alguns dias depois, John me ligou no nosso apartamento no Brooklyn. Gary Kurfirst tinha ligado para ele para contar que a saída de Dee Dee era cem por cento real e precisávamos fazer uma reunião de emergência. Se aquilo era uma emergência, era como Veneza afundando. Até as moscas mortas no para-brisa da van sabiam que Dee Dee queria sair. Mas fui à reunião.

John disse que tudo bem, para deixar ele ir. *Deixem ele ir*. Ele tinha um plano mirabolante de encontrar um Dee Dee jovem sem as drogas. Nada

ia impedi-lo. E, de todo jeito, ele disse, Dee Dee ainda ia compor músicas para os Ramones. Concordei que devíamos continuar como banda. Era meu lado prático e comercial falando. No fundo da minha cabeça, eu estava tentando fazer um ajuste mental que não estava avançando muito. Dee Dee sair dos Ramones era como Paul McCartney sair dos Beatles. Isso sim era exaurir o cérebro.

Tentei lembrar que os Ramones não eram uma pessoa. Éramos uma banda formada por pessoas, e uma dessas pessoas estava muito infeliz e tinha um problema sério com que lidar. Fazia quase vinte anos que aquela pessoa era Dee Dee Ramone. E tinha sido Dee Dee King por mais ou menos um dia. Mas era Doug Colvin a vida toda, e eu torcia para que ele encontrasse alegria genuína naquela vida.

Você podia anunciar quase qualquer coisa no *Village Voice* e receber pelo menos algumas respostas. Os leitores do *Voice* não ficavam chocados. Mas pelo menos alguns deviam ter ficado surpresos de ver um anúncio em meados de julho procurando um baixista para substituir Dee Dee Ramone. Alugamos uma grande sala no SIR para as audições.

No primeiro dia, pelo menos cinquenta candidatos fizeram fila no corredor. Tinham todas as formas, todos os tamanhos e todas as cores. Não reconheci ninguém, mas eles definitivamente nos reconheceram. Havia um burburinho no corredor, e toda vez que John ou eu colocávamos a cabeça para fora da sala de ensaio, eles olhavam para nós como fãs esperando para entrar nos bastidores de um show. E era basicamente o que eram – fãs dos Ramones esperando para ter a oportunidade de uma vida, meio que a versão punk do filme *Rocky, um Lutador*.

Gary Kurfirst pediu para seu escritório fazer algumas ligações, e não havia nenhum notório do punk ou do hard rock disponível. Estavam todos em suas bandas originas, na próxima ou na que viria depois dela. Tudo bem. Os Ramones tinham começado como a grande banda "faça você mesmo", e lá estávamos nós, ainda fazendo as coisas por conta própria e com base no instinto. Além do mais, nunca dava para saber quem você ia encontrar por aí.

De início, a cada baixista que fazia teste, eu sentia um pouco mais de falta de Dee Dee. Então as coisas começaram a melhorar um pouco. Uns

dois candidatos pareciam que iam derreter de tão nervosos. Depois, alguns demonstraram um pouco mais de habilidade. Nada incrível. Promissor, talvez. Mas John não estava ouvindo tanto quanto estava observando. Apareceu um sujeito com barba comprida que era decente e, quando saiu, ele se tornou o "Rabino Ramone" para John. Um baixista negro e talentoso foi apelidado de "Spook Ramone"[1]. Um chinês que fez teste virou "Li-Li Ramone".

John estava se divertindo horrores não só inventando esses apelidos mas também por saber o quanto eu os detestava. O que eu detestava ainda mais era mandar gente talentosa embora. O chinês era muito bom. Ele tinha um ataque bom, limpo e poderoso nas cordas. Quando tocou "Sedated" não precisei fazer pequenos ajustes no tempo dele. Nós começamos, e ele ficou bem ali na marca o tempo todo.

– Não é a nossa imagem – disse John.

– John, o anúncio não dizia que estávamos procurando um clone de Dee Dee.

Mais alguns baixistas vieram e foram, mas então o rosto se acendeu. Um sujeito de cabelo comprido de Long Island chamado Chris tocou uma versão razoável de "Sedated", mas parecia que Johnny Ramone tinha visto um jovem Jack Bruce. John foi falar com Chris e confirmou se o telefone da casa dele estava certo. O garoto parecia ter acabado de falar com Deus.

Depois que a última audição fechou a porta, John me disse que o escolhido era Chris. Eu não concordava e deixei isso claro para ele. Chris parecia alguém que toca com o dedo e não tinha experiência com palheta. O ataque para baixo dele não era tão forte quando o de Dee Dee, e algumas das oitavas rápidas não estavam ali. As mãos dele não eram tão grandes, então a esquerda não tinha controle sobre os trastes que eu estava acostumado a ouvir. As cordas que não estavam sendo tocadas deviam ser silenciadas, mas isso não estava acontecendo com consistência. O efeito geral era muito ruído no baixo.

John me disse que eu estava sendo técnico demais. E disse que o garoto tinha uma aparência jovem e muita energia. O mais importante, ele podia ser moldado. Eu sabia que a maior parte dessa moldagem ia ser feita por John, e isso me assustava.

Chris voltou para uma segunda audição, fez um trabalho decente em "Blitzkrieg Bop" e em "Rock'n'Roll High School" e ficou com a vaga. A

situação dele pelo jeito era: pronto para decolar. Ele tinha feito parte dos fuzileiros navais, mas explicou que foi dispensado com honrarias e estava morando com os pais em Deer Park. Ele estava pronto para cair na estrada e jantar em uma variedade de Cracker Barrels.

Monte disse que a primeira coisa que ele precisava fazer quando voltasse para Deer Park, antes mesmo de ligar para os amigos, era pedir um passaporte. A banda ia para a Inglaterra, a Austrália e para a Nova Zelândia em outubro.

O nome completo de Chris era Christopher Joseph Ward. "Chrissie" rimava "sissy", ou maricas, e já era o nome de Chrissie Hynde, líder do Pretenders por tantos anos. Então pegamos as duas primeiras iniciais, e C. J. Ramone nasceu.

Um pouco adiante no verão, Marion e eu recebemos um convite para jantar de Dee Dee e da nova namorada. Ele tinha ido morar num *loft* grande na Broadway ao sul da Houston Street. Quando chegamos, descobrimos que Dee Dee e a namorada eram duas das seis pessoas que moravam naquele *loft*. Troquei alguns alguns olhares chocados com Marion. Não era porque Dee Dee estava subindo e descendo pelas paredes. Ele estava, mas estávamos acostumados com isso. Ou ele estava tomando remédio, não estava tomando ou alguma combinação nova. O que era estranho era ver Dee Dee transplantado para um novo apartamento, um novo grupo, um novo contexto. Eu queria o velho Dee Dee Ramone de volta. Àquela altura, eu aceitaria até Dee Dee King.

Dee Dee nos contou que sua namorada ia ser a próxima grande novidade. Ela era uma cantora de folk-rock, e ele era líder da banda e cocompositor. Fomos todos convidados para ouvi-los tocar. Puxei Dee Dee de lado, longe dos ouvidos dos outros.

– Você sabe o que está fazendo?

– Parece que eu sei o que estou fazendo?

– Não. Não mesmo.

Fui honesto.

Na semana seguinte, Marion, Monte e eu fomos a um show de Dee Dee em um inferninho no centro. A namorada dele tinha uma coisa meio Marianne Faithfull. Pelo jeito, Dee Dee queria ser o Mick Jagger dela.

Demos apoio e fomos educados, mas Monte não conseguiu segurar um ou dois comentários.

– Não largue seu trabalho. Não, espere um segundo, você já largou.

O trabalho de C. J. era não só aprender muitas músicas dos Ramones. Era aprender a ser Dee Dee. Não era uma tarefa fácil, mas alguém precisava fazê-lo. Esse trabalho só dizia respeito ao palco. John fez seu melhor para se certificar de que C. J. estava limpo. E também o testava muito, como acontece com substitutos da Broadway. C. J. era responsável por aprender os movimentos de palco de Dee Dee – os saltos, os espacates no ar, os passos e o *one-two-three-four…* frenético. Fui obrigado a admitir que C. J. tinha uma atitude ótima. Ele fazia o que a banda pedia e não reclamava, e de certa forma era o oposto mais extremo de Dee Dee a que se podia chegar.

Então, uma noite em agosto, recebi uma ligação de C. J. e tive um ataque. Ele estava ligando da prisão militar. Recebi a história aos poucos e em partes. O que ele me contou foi que tinha pedido a seu comandante para ser liberado para ajudar a mãe, que tinha sido diagnosticada com lúpus e também estava enfrentando algumas situações familiares infelizes. Era complicado, C. J. estava falando loucamente, mas o resumo, pelo que ele contou, era que ele tinha ido embora antes de receber os papéis da dispensa. Quando se tratava de aprender que você era propriedade militar, existia um jeito difícil e um mais difícil. O mais difícil era acordar com sua mãe gritando que a polícia do exército estava na porta. Eu sabia o que C. J. estava pensando mesmo antes de ele dizer. Era do que qualquer pessoa minimamente sã na mesma situação estaria com medo. Ele estava quase chorando.

– Era a oportunidade de uma vida – ele disse. – Quero que vocês saibam que sou muito grato e que sinto muito. Mas estraguei tudo. Eu estraguei tudo.

– Calma – respondi. – Você não estragou nada. Você tem um advogado?

– Tenho… tenho. Meus pais estão arranjando um para mim.

– Certo – continuei. – Bom. Se tiver algum problema com isso ou precisar de outra indicação, me ligue. Enquanto isso, se o que você disse é verdade, que você comunicou ao seu comandante, talvez exista uma saída. Não vamos viajar até o fim de setembro, e você já sabe a maioria das músicas. Então aguente firme, o.k.?

– Obrigado, cara. Obrigado.

Tentei lidar com a ligação como meu pai teria feito – acalmar as coisas, colocar tudo em perspectiva e garantir que houvesse

representação legal. Eu tinha recebido uma segunda chance, e todo mundo, incluindo C. J., merecia uma – especialmente porque ele ainda não tinha tido uma primeira chance. Falei para ele não deixar de falar com John. C. J. estava nervoso com isso, mas prometi que não ia ser um problema. John era o fã número um dele e não tinha adorado o colégio militar na sua época.

C. J. foi liberado umas duas semanas depois com uma dispensa oficial. Seu primeiro dia de trabalho de verdade foi participar do *Jerry Lewis MDA Telethon* no Dia do Trabalho. Ele estava mais agradecido por estar ali do que Jerry ou qualquer uma das crianças. O único problema era que o barbeiro da prisão tinha feito um corte militar.

Esperamos tanto para entrar que o cabelo de C.J. cresceu um pouco. Quando a banda contava que ia aparecer no *telethon*, as pessoas pareciam pensar em íamos voar para Las Vegas e passar um tempo com Jerry e Ed McMahon. Talvez Frank Sinatra aparecesse e trouxesse Dean Martin para uma visita surpresa. Estávamos nos estúdios da WWOR-TV, Nine Broadcast Plaza, em Secaucus, Nova Jersey, com os outros artistas de Nova York.

Vimos Jerry na TV como todo mundo. Ele parecia esgotado e, às duas da madrugada, reclamou de uma enxaqueca porque os telefones não estavam tocando o suficiente. Por volta de duas e meia, ele olhou cansado para a câmera e disse:

– É a hora certa. Levantem a bunda, pelo amor de Deus.

Por volta de três, os Ramones levantaram a bunda e se apresentaram. Não fizemos nossa estreia em cadeia nacional como uma banda *skinhead*. C. J. usou uma bandana.

***

Nossa turnê alemã nos levou a Berlim em 27 de novembro. Os Ramones estavam felizes com C. J., que trouxe montes de energia para os shows. Ele aprendeu muitos movimentos das fitas antigas da banda. Sua habilidade estava aumentando. Os *backup vocals* eram bons. Ele estava

tão feliz de estar na banda quanto qualquer pessoa já tinha estado de estar em qualquer lugar, e sua atitude era boa. E o cabelo estava crescendo rápido.

Mas eu tinha um problema com C. J. Não era que ele gravitava ao redor de John. Isso era natural. John era o maior defensor dele. O problema era que ele tinha começado a falar como John. Eu tinha escutado aquilo em mono por tantos anos. Agora estava ouvindo em estéreo.

Eu estava vendo uma transformação acontecer devagar em vans, ônibus, aviões e camarins. Era exatamente o tipo de "moldagem" que eu detestava ver. Sem dúvida, uma parte era puxação de saco, e pelo menos para mim, ver dessa maneira tornava a coisa mais compreensível. Ele era o novato na banda tentando agradar e sendo levado pelo caminho errado. Pessoalmente, eu não estava ali para ser um estraga-prazeres. Ainda estava fazendo trotes e sendo vítima deles. E ainda comia um inseto do para-brisa de vez em quando. Mas às vezes eu não podia deixar o "aprendizado" continuar sem reagir. Um pouco de tratamento de choque era necessário.

O Muro de Berlim tinha começado a cair no começo daquele mês. Não aconteceu de uma vez nem foi por causa de um decreto do governo. As pessoas dos dois lados tinham esgotado o sistema. A Alemanha Oriental estava vendendo com relutância "passes de um dia" para as pessoas visitarem Berlim Ocidental, que estava autorizando viagens para o outro lado. Os cidadãos alemães de ambos os lados começaram a aparecer com picaretas e malhos e a atacar o concreto. Os guardas tinham ordens para deixar para lá. Eles provavelmente teriam ajudado se não estivessem trabalhando.

Quando visitei o muro perto do Portão de Brandemburgo, ele ainda servia ao seu propósito inicial, mas havia buracos e rachaduras por toda parte e cada vez mais aparecendo diante dos nossos olhos. As pessoas estavam derrubando o muro, sorrindo, tirando fotos e indo embora com suvenires de concreto. Estávamos testemunhando uma versão da vida real da canção de Martha and the Vandellas "Dancing in the Street". Fui até um buraco de uns quarenta e cinco centímetros de diâmetro e coloquei o braço até o outro lado. Alguém em Berlim Oriental – a não mais de sessenta centímetros de distância – apertou minha mão. Apertei de volta. Dois pensamentos surgiram na minha cabeça. Um era que ver a

história acontecendo era uma coisa incrível. A outra era que eu sentia muita falta de Dee Dee.

Voltamos para Secaucus no verão de 1990, desta vez para participar do *The Howard Stern Show*. Stern tinha reescrito as regras do programa de rádio nos anos 1980 e se tornou o representante do novo termo "shock jock", que basicamente significava chocar e ofender de propósito. Parte da recompensa dele era um programa de fim de semana na WWOR. Outra era conhecer suas bandas de rock favoritas, e os Ramones estavam entre elas. Nós também éramos fãs de Howard Stern. Sempre que aparecíamos na TV ou no rádio, Howard comentava o quanto era parecido com Joey, e ele tinha razão. Passaram uma esquete que a banda tinha gravado para o programa. Nela, Joey e eu jogávamos golfe com o presidente George Bush. O sósia de Bush era muito bom, quando no nível de Dana Carvey. O presidente ficava nos Dee Dee, e a banda o fazia lembrar que Dee Dee tinha saído da banda. Entre tacadas com um 3 de ferro, Bush tentava nos recrutar para compor uma música pró-guerra e envolver os jovens. O melhor que inventamos foi "I don't want to be buried in an Iraqi cemetery".[2] Foi uma ocasião em que realmente precisamos da ajuda de John com a letra. Fizemos a equipe toda rir – Robin Quivers, Jackie "The Joke Man" Martling, Fred Norris e o produtor Gary Dell'Abate. Para mim, a parte mais divertida foi a entrevista que veio depois. Howard e Robin estavam muito interessados na nossa sobriedade, e dei a eles a versão *Reader's Digest* da minha experiência. Joey anunciou que estava sóbrio fazia sete meses.

Eu tinha visto o suficiente para não acreditar, mas não estava ali para discutir. Joey explicou que nunca teve um problema de verdade. Que só gostava de beber e farrear. Ele disse que estava sóbrio na estrada, mas achou que estava exagerando fora dela. Ele não precisava entrar para um programa como Marky. Em vez disso, ele só decidiu parar. Howard e Robin não o desafiaram. Em vez disso, os dois disseram que Joey nunca tinha parecido mais saudável. Já eu achava que estava branco como papel. Mas mesmo que quisesse oferecer uma opinião discordante, não houve tempo. O segmento todo se tornou um comercial de Snapple.

Infelizmente, a vida não era tão simples quanto um anúncio de Snapple. Dois dias antes do Ano-Novo, estávamos nos bastidores nos preparando para uma grande apresentação no Ritz em Nova York. Dois

sujeitos que eu nunca tinha visto antes estavam com Joey. Um deles disse:

– Hum, Marc, odeio pedir isso, mas você pode sair por alguns minutos?

Como se eu não soubesse para quê. Como se isso não fosse um clássico do manual do viciado. Saí mesmo assim.

Quando voltei, Joey estava limpando o nariz e fungando. Era como uma versão moderna da velha história em que o rei diz que não aguenta ver seus súditos sofrer então pede aos guardas para torturá-los em outra sala. Aquilo não era o *The Howard Stern Show*. Eu não ia deixar passar.

– Joey, posso perguntar uma coisa? Você acha que sou idiota?

– Por que você está perguntando isso, Marc?

– Porque é óbvio o que vocês estão usando desde que esses dois chegaram aqui.

– Só achei que você não ia gostar de ver.

– Escute – respondi. – Sou seu baterista e sou seu amigo, mas não sou sei pai. Não fui seu disciplinador e não sou ingênuo. Não estou aqui para dizer a você o que fazer. A vida é sua. Não é da minha conta.

Mas alguns meses depois, passou a ser da minha conta. Joey não estava mais ansioso para ir a uma reunião do que Dee Dee tinha estado uns dois anos antes. Monte tinha todo o meu respeito por fazer Joey sair do apartamento ao longo dos anos para fazer os shows. Mas naquele dia eu mereci uma medalha por fazê-lo ir ao AA. Meu *modus operandi* foi parecido com o anterior. Encontrei uma reunião em St. Marks Place, que não ficava longe do apartamento dele. Joey já estava reclamando na caminhada até lá. Pelo menos ele não ia parar o carro sobre o gramado.

Fiz a apresentação de sempre.

– Olá, meu nome é Marc. Sou alcoólico.

As outras pessoas na reunião eram relativamente jovens e modernas e, dada a localização, fazia sentido. Elas contaram histórias de como tinham recebido ajuda de amigos, da família, de Deus, da disciplina autoimposta e respeito próprio. Alguns estavam empacados em um ou outro passo. Joey estava empacado em seu assento com um sorriso de desdém. Na caminhada de volta para o apartamento, ele evitou pisar em rachaduras na calçada e reclamou.

– Escute, Marc, não compro essa coisa de Deus.

– Ninguém está dizendo que precisa comprar.

– Claro – ele respondeu. – A única coisa que ouvi lá foi Deus fez isso, e Deus fez aquilo. Que monte de merda.

– Joey, foram algumas pessoas, não todo mundo. A questão lá dentro não é Deus. Não é a religião. É usar no que você puder se concentrar para conseguir ficar sóbrio. Não existem regras escritas. Os Doze Passos são orientações. São sugestões. Conforme o tempo passa, você aprende o que funciona melhor para você. E aprende com as outras pessoas.

– Qual é, Marc. Parece um culto.

– Você está totalmente errado, Manny! Isso é besteira! Um culto tem líder. Alguém que não é questionado pelos outros. Não existe líder ali. Você não percebeu? São só pessoas se ajudando. É você e seu padrinho entendendo as coisas. É um programa. Se você conseguir lidar com o programa e com você mesmo, pode lidar com muitos dos seus problemas. Mas acho que você não quer fazer isso.

– Vou parar sozinho.

Ele de fato parou. E começou de novo. Depois parou. E assim por diante. Ele era um usuário recreativo de drogas e um "bêbado seco". Milhões de pessoas são assim. Quando estava sem beber, era um vício pausado. A atitude, a ansiedade, o estresse e o medo ainda tinham força total. Sua linha de pensamento geral era a mesma. Eu sabia pela minha experiência que só havia um tanto que você conseguia fazer lidando com sua dependência. Você tinha que lidar com a vida, nos termos da vida. Sem uma mudança de abordagem e um sistema de apoio real, você estava sempre a um dia ruim, um momento ruim, uma conversa ruim e um pensamento ruim de distância do próximo drinque.

Tomar uma bebida não é a mesma coisa que vender uma bebida. Em 1991, os Ramones receberam uma bela proposta em dinheiro da Anheuser-Busch Companies para o uso de "Blitzkrieg Bop" em um comercial da Budweiser. Não houve conversa entre a banda sobre aceitar ou não. Não éramos os Doors debatendo se iam autorizar que a General Motors produzisse um jingle com a letra "Come on, Buick, light my fire". Os Ramones eram capitalistas. A banda tinha seus capitalistas de direita e seus capitalistas de esquerda, mas todos começavam com um "C" maiúsculo.

Como muitas músicas dos Ramones, "Blitzkrieg" era barulhenta, rápida e viciante, então não ficamos exatamente chocados com a oferta. Não era preciso ser muito criativo para ver uma música como aquela

ajudando a vender cerveja para um bando de sujeitos sentados no sofá assistindo futebol americano. Mas ficamos curiosos: por que agora? As respostas estavam na nossa frente e nos nossos ouvidos todo dia. As chamadas bandas grunge como o Nirvana e o Soundgarden estavam estourando. Bandas de *hardcore* como o Biohazard e Anthrax estavam vendendo milhões de álbuns pelo mundo todo. Havia muito barulho em torno de uma banda de pop-punk da Bay Area chamada Green Day.

Esse som estava começando a tomar conta da MTV e até a chegar às rádios comerciais. Era chamada de música "nova", mas bem pouco daquilo era novidade para nós. Em quase tudo dava para encontrar detalhes e vestígios e às vezes trechos inteiros de coisas que os Ramones e outras bandas de punk estavam fazendo quinze anos antes. Através de um processo estranho de percolação e osmose, o som que os Ramones ajudaram a inventar e depois mantiveram por muitos anos por sua conta e risco estava se tornando *mainstream*.

Ao mesmo tempo que a montanha estava vindo aos Ramones, os Ramones estavam indo até a montanha. Tínhamos mais um álbum para cumprir nossas obrigações contratuais com a Sire/Warner e decidimos que seria um disco ao vivo. *Loco Live* foi gravado em Barcelona, Espanha, e incluiu músicas velhas, não tão velhas e novas do catálogo da banda. *Loco Live* foi gravado ao vivo, por assim dizer. As pistas ao vivo foram levadas para um estúdio para que a guitarra, o baixo e os vocais pudessem sobrepostos. Essencialmente, só as pistas originais da bateria foram mantidas.

Essas pistas de bateria ficaram mais rápidas do que eu gostaria. Não era uma questão de tocar as músicas um pouco mais rápido ao vivo do que nos álbuns de estúdio. Era uma decisão consciente imposta por John, não só para *Loco Live*, mas também para as apresentações ao vivo, ponto. O argumento de John era que os Ramones tinham ganhado um público mais novo que também estava ouvindo *hardcore* e *thrash*. Os Ramones tinham um incentivo e até a obrigação de estar à altura.

A argumentação parecia boa na teoria, mas não funcionava tão bem em um CD. Uma música como "Do You Remember Rock'n'Roll Radio?" acelerada perdia muito de sua essência. As frases de Joey sofriam quando determinadas palavras eram comprimidas enquanto outras ficavam de fora. Não era "Do You Remember Hardcore Radio?" Ou, como lembrei

John, nas palavras do grande Chuck Berry, se você tenta tocar muito rápido, perde a beleza da melodia.

Até o fraseado da guitarra de John sofreu. Ele não conseguia tocar nas oitavas com ataque para baixo naqueles tempos. Ninguém conseguia. Mas ninguém se deu ao trabalho de tentar. Guitarristas de *hardcore* e *thrash* estavam dedilhando mais rápido, para cima e para baixo. Na corrida matadora para "acompanhar" em seus próprios termos, John às vezes forçava tempos quádruplos usando triplos e deixando o terceiro acorde soar por um pouco mais de tempo. Eu não achava que a banda precisava passar por aquilo.

Fosse aquilo a vontade de John ou o futuro, alguma coisa pareceu diferente em abril quando desembarcamos do avião em Buenos Aires, Argentina. Como o nome dizia, o ar era bom. Assim como a atmosfera. Estávamos acostumados com os fãs nos seguirem aqui e ali em duplas, trios e grupos pequenos. Na Argentina, um grupo de uns trezentos fãs estava nos esperando no aeroporto. Havia mais gente esperando no hotel, então os funcionários tiveram que se esforçar mais e nos mostrar saídas alternativas. A lotação da casa era de 4 mil pessoas. Nos últimos tempos, estávamos fazendo mais shows em casas daquele tamanho, como o Roseland Ballroom, em Nova York, e a Brixton Academy, em Londres. Mas aqueles 4 mil fãs mais pareciam ser 14 mil.

Foi a mesma coisa em São Paulo, Brasil. Os gritos de "Hey Ho, Let's Go!" eram ainda mais alto do que a banda estava acostumada. Eles começaram muito antes do show e continuaram muito tempo depois do segundo e último bis. Os fãs falavam português, mas quando se tratava de cantar a letra de "Sedated", "Sheena" e "KKK", o inglês deles era ótimo. E não cantavam junto só nos clássicos. Eles sabiam músicas como "I Believe in Miracles" e "Pet Sematary". Isso provava muitas coisas, entre elas que esses garotos estavam comprando discos. E se a velocidade da música prejudicava um pouco o fraseado de John, isso definitivamente não incomodava esse público.

Tentamos levar esse espírito para o estúdio no começo de 1992, quando gravamos *Mondo Bizarro*. Parecia ser o momento certo, e que nossa hora tinha chegado. O Nirvana tinha tomado conta das rádios. As gravadoras estavam assinando contrato com bandas só porque usavam camisa de flanela e sabiam pronunciar a palavra Seattle. O álbum *Kerplunk*, do Green Day, estava soando mais como uma caixa

registradora. Se de alguma forma tínhamos aberto as portas para essas bandas, queríamos agora que elas segurassem essas portas abertas por mais um tempo para que os Ramones pudessem passar uma segunda vez maiores, melhores, mais barulhentos e mais rápidos do que nunca.

Algumas coisas iam continuar iguais como tantas vezes antes. Ed Stasium ia nos produzir. Dee Dee, que estava vagando pela cidade e pelo globo como um messias ex-punk, tinha colaborado com três músicas. Fizemos um esforço consciente de voltar para um som clássico dos Ramones. O velho era novo.

Outras não iam continuar iguais. A primeira era que não estávamos mais com a Sire/Warner. Gary Kurfirst tinha nos convencido a assinar contrato com seu selo, Radioactive, uma divisão da Chrysalis. Como empresário, Gary estava garantindo casas de show maiores para nós. Não havia discussão ali. Mas deixar Seymour Stein e a Sire – mesmo como uma enteada da Warner – era um pouco melancólico. Seymour era um tio para nós, e um daqueles que deixava a banda fazer o que quisesse nos quintal. Ele nos deu a liberdade criativa com que a maioria dos artistas só podia sonhar. Estávamos saindo por outro motivo, mas quem sabia exatamente qual?

A outra questão era muito mais concreta. Gary ainda era e ia continuar sendo nosso empresário. Uma das funções do empresário – apesar de algo que ele nunca pede para fazer – é forçar a mão da gravadora para obter os melhores termos de gravação e divulgação. Por melhor empresário que Gary fosse e melhor presidente de gravadora que pudesse ser, podíamos contar com Gary para forçar a mão de Gary? Havia uma raposa em algum lugar que nasceu para olhar o galinheiro? Estávamos em vias de descobrir. Enquanto John e eu queríamos ficar com Seymour, Joey queria ir com Gary. Assim como Gary. Como queríamos demonstrar.

A primeira favorita para se tornar um *single* era a composição de Dee Dee "Poison Heart". Em termos musicais, tinha o apelo comercial de uma faixa do R.E.M., mas a letra parecia uma página arrancada do diário de Dee Dee, que tinha saído da banda para vagar pelas ruas. Era possível ver Dee Dee na Bowery, em West Hollywood, e do outro lado do continente. Na verdade, ele estava envolvido com projetos musicais novos como o Spikey Tops, que teve vida curta. Mas o que quer que os Ramones

representassem para ele, eram também um contracheque, e estávamos felizes.

"Censorshit" foi a resposta de Joey para Tipper Gore e o PMRC, o Parents Music Resource Center, que censurava álbuns fazia muitos anos. A frase mais digna de repetição era "Ask Ozzie, Zappa, and me. We'll show you what it's like to be free"[3]. Eram boas companhias, mesmo que Joey precisasse deixar isso claro. Eram como uma santa trindade do rock'n' roll.

A faixa mais memorável e viciante de Joey no álbum talvez fosse "Touring", um tributo à *surf music* que sobrou de *Pleasant Dreams* onze anos antes. Lembrava "Shut Down", dos Beach Boys. O refrão era "Touring, touring, never boring". Era por isso que eu levava a câmera.

E também levava meu caderno. Quando escrevi a letra de "The Job That Ate My Brain", provavelmente estava pensando em todos os empregos que qualquer um já tinha tido que, por um lado, a pessoa amava, mas, por outro, era de enlouquecer – como o que eu tinha. O título com um toque de ficção científica mantinha a melhor tradição dos Ramones. Aliás, a música em si podia ter saído com facilidade de qualquer um dos primeiros álbuns da banda. Eu queria ver mais disso em *Mondo Bizarro*, mas era só uma voz.

O *cover* do disco foi "Take It as It Comes", do primeiro álbum do Doors. Recebemos uma bela ajuda no teclado de Joe McGinty. Havia muitas maneiras de fazer um cover, mas basicamente só duas – a sua própria ou a do artista original. No nosso caso, foi uma versão bem fiel. Aceitamos o que nos foi dado. Joey fez seu melhor Jim Morrison, o que saiu bem bom. Era o Jim Morrison mais velho, mais gordo, com a voz mais áspera. Joey estava adotando aquela abordagem com mais frequência tanto ao vivo quanto no estúdio. Ele não era mais só o cantor em "Rockaway Beach". E não era nada forçado.

Joey estava um pouco mais gordo. Não como Jim Morrison na época de *L.A. Woman*, em que, se você desse um machado ao Lizard King, ele teria passado por lenhador. Joey estava ficando mais redondo na região do quadril. Foi a mesma coisa que aconteceu com Dee Dee pela mesma razão.

Como diagnóstico, o TOC existia fazia muitos anos. Como remédio aprovado pela FDA, o Prozac só existia fazia poucos anos. O que era ainda mais novo era prescrever um para tratar o outro. Psiquiatras estavam distribuindo receitas de Prozac como se fossem bilhetes de loteria. Os

resultados variavam, mas, no caso de Joey, pareciam bons. Ele estava mais bem-humorado e mais extrovertido. E parecia estar bebendo menos, ainda que não fosse possível ter certeza absoluta. Ele parecia até estar encostando menos nas coisas e indo e voltando dos lugares menos vezes. Seu *mondo* tinha se tornado um pouco menos *bizarro*.

Monte, de todas as pessoas, merecia uma folga. Joey tinha se mudado para um apartamento de um quarto que surgiu no mesmo andar de seu estúdio. A nova vista incluía um relógio de ponteiro antigo acima do prédio da Consolidated Gas Company na Fourteenth Street. Isso significava que a tática que Monte usava havia anos, para todos os propósitos, tinha se tornado obsoleta. Quando estava indo buscá-lo, Monte dizia a Joey que era uma ou duas horas mais tarde do que era de fato. Só que agora Joey tinha um marco local para saber a verdade. Mas agora Monte tinha o Prozac.

Ninguém contestou quando Gary Kurfirst nos mandou para a América do Sul em setembro para divulgar o recém-lançado *Mondo Bizarro*.

Foram quatro shows consecutivos em Buenos Aires, um em São Paulo, um no Rio de Janeiro, terminando com dois shows mais ao "norte", na Cidade do México. O Nirvana, nosso primo de quarto grau separado ao nascer, tinha praticamente dominado a América do Norte. *Mondo Bizarro* recebeu algumas críticas decentes, e "Poison Heart", de Dee Dee, chegou ao respeitável auge no número seis da parada de rock moderno da *Billboard*. Como nos onze álbuns de estúdio anteriores dos Ramones, nenhum *single* se destacou e se tornou um hit. Parecia que por um momento fomos trouxas de acreditar que aquilo ainda podia acontecer com a banda àquela altura do campeonato. Mas, ao mesmo tempo, não importava. Estávamos em casa. Por assim dizer.

Dizer que a América do Sul era nosso lar não era um insulto às nossas raízes. Era só como estávamos nos sentindo naquele instante. Como podia ser diferente? Fomos recebidos como conquistadores voltando para casa. Os garotos no aeroporto eram mais numerosos do que antes e tinham mais cartazes. Os do hotel eram mais determinados e melhores em enganar os seguranças. Entre o aeroporto e o hotel, os fãs perseguiram nossa van – às vezes de carro, às vezes a pé. E ainda não tínhamos tocado uma nota.

"Hey Ho, Let's Go!" era a expressão internacional para um bis dos Ramones. Era como o código para entrar em uma casa noturna secreta. Em Buenos Aires, ouvimos "Hey Ho" desde o começo. Aquilo ecoava como um trovão da parede dos fundos de um estádio de futebol com 20 mil lugares. Mesmo com a amplificação natural dos 20 mil, dava para notar o sotaque espanhol. Ficava ainda mais aparente quando entoavam o nome da banda – "Ra-mon-es… Ra-mon-es…"

Eles sabiam mais do que nossos nomes. Sabiam a letra de "Poison Heart", que tinha sido lançada fazia alguns dias. Era mais umas das coisas que Dee Dee devia estar por perto para ver. Joey podia ter feito aquela coisa cafona dos shows de rock de arena dos anos 1980, parado de cantar e virado o microfone para a plateia. Mas aquilo nunca foi a gente. Nem os abraços, as mãos no ar, as palhaçadas no palco ou os longos discursos sobre como era incrível estar no país X. Para a banda, aquilo tudo era perda de tempo. Se estávamos de fato felizes de estar no país X, demonstrávamos tocando.

Ao que pareceu, em Buenos Aires isso ficou claro. Parecia que mesmo com a barreira linguística, os fãs "entenderam" tudo o que era importante para a banda. Sem querer olhar os dentes de um cavalo dado, ou de um país dado, mas eu me perguntava o porquê. Havia pelo menos algumas respostas óbvias. Em um país com questões de classe como a Argentina, onde por séculos existiu um sistemas de castas, os Ramones deviam ter representado um equilíbrio de forças. Tudo de que você precisava eram tênis, uma calça jeans, uma camiseta e uma jaqueta para ser um de nós. Tornar-se membro podia não ser de graça, mas com certeza era barato.

Nenhum de nós era especialista em política da América Latina, mas sabíamos que a Argentina tinha vivido um regime militar opressor depois do outro, com alguns intervalos entre eles. O atual governo tinha sido eleito democraticamente, mas até os membros mais jovens da plateia tinham alguma lembrança da "reorganização" do fim dos anos 1970 e começo dos 1980. Na "reorganização", todo mundo considerado uma ameaça política podia ser levado no meio da noite e nunca mais ser visto. Isso significava mães, pais, tias, tios, irmãos, irmãs e amigos.

Pensei sobre isso quando a plateia de Buenos Aires cantou "The KKK Took My Baby Away". Eles amavam essa música. E cantavam mais alto e claro do que qualquer outra. Talvez se identificassem com ela de uma maneira que não podíamos nem compreender quando Joey a compôs de

brincadeira. Uma música que era para ser engraçada acabou dizendo muito e tocando fundo.

A melhor explicação para a nossa popularidade abaixo da linha do Equador talvez fosse a mais simples. Os jovens passavam a maior parte da vida lidando com governos de merda, empregos de merda e lugares de merda. Um show de rock – qualquer show de rock bom – era um alívio curto mas enorme da realidade e mandava um recado barulhento para as autoridades. Uma boa banda de rock era um bando de anti-heróis. Talvez, só talvez, os Ramones – com nosso estilo urbano, nossas músicas barulhentas e insolentes e nossa presença de palco sem frescura – eram os anti-heróis perfeitos. O Rio foi igualmente louco à sua própria maneira. Garotos com camisetas dos Ramones balançando cartazes escritos à mão de "Hey Ho, Let's Go!" ficaram acampados dia e noite na rua do lado de fora dos nossos quartos de hotel. Eles não só sabiam onde a banda estava hospedada como descobriram em que quarto prestando atenção às janelas lá de baixo. Não nos sentimos perseguidos. Ficamos lisonjeados. No fim das contas, acabamos dando aos fãs o que eles queriam. A banda foi até a sacada, sorriu e acenou. A reação foi mais do que os gritos histéricos. De dois ou três andares abaixo, eles jogaram camisetas dos Ramones. A gente sabia o que fazer – pegar as camisetas, autografar e jogá-las de volta.

Chegar do ponto A ao ponto B exigia planejamento e coordenação. O trabalho de Monte, que já era em período integral, se transformou em uma jornada dupla. Cada momento fora dos confins do hotel precisava ser planejado com os seguranças, que eram sul-americanos grandes e robustos. Sair do hotel era como uma fuga, com fãs se amontoando na entrada e depois na própria van quando saíamos. Era tentador para o motorista arrancar, mas com rostos brasileiros jovens grudados no vidro dos quatro lados, isso teria significado matar alguém. Havia uma arte em acelerar aos poucos e lentamente afastar os leais fãs. Nosso motorista a tinha dominado.

O trabalho dele nunca terminava de fato, pelo menos até irmos embora da cidade. Havia o trajeto do aeroporto para o hotel. Depois, do hotel para a passagem de som. Em seguida, da passagem de som de volta para o hotel. E de volta para o local do show à noite. E de volta para o hotel no fim da noite. Tudo era coreografado. Esqueça sair do hotel por

conta própria para fazer um pouco de turismo. Você podia desaparecer, no melhor estilo sul-americano.

A Cidade do México estava a cerca de dois mil e quatrocentos metros acima do nível do mar, o que deixava o ar mais rarefeito. Maratonistas de países que ficavam no nível do mar ficaram zonzos e, em alguns casos, até desmaiaram durante as Olimpíadas de 1986. Tocar bateria durante um set inteiro com os Ramones era como uma maratona, mas não havia como minha energia falhar. Na Cidade do México, o que faltava de oxigênio no ar sobrava em animação. Além do mais, os pulmões se acostumavam no segundo dia.

Na Cidade do México, assim como nas outras cidades incríveis da América Latina onde tocamos, os fãs queriam alguma coisa de você. Não literalmente, mas o que fosse possível. Eles queriam uma lembrança. Camisetas autografadas eram legais, mas não o máximo. Para a maioria dos fãs, nada superava uma baqueta.

Mas a coisa mais simples do mundo não era tão simples assim. Na minha cabeça, quantidade não era sinônimo de qualidade. Eu tinha visto bateristas levarem dúzias para um show e jogar para a plateia baquetas que nunca tinham sido usadas. Optei pela abordagem oposta. Autografei algumas baquetas do outro lado da marca antes do show. Esperava o momento certo durante a apresentação, em geral quando havia alguns instantes entre algumas músicas, e jogava um par por vez para o público. Em seguida, eu pegava o próximo par. Os suvenires eram baquetas genuínas e pessoais de Marky Ramone. Mas nem todo mundo conseguia uma. Não era o Bat Day no estádio dos Yankees.

No começo da carreira eu cheguei a jogar baquetas como se fossem uma bola. Não era boa ideia. Dava para arrancar o olho de um fã desse jeito. Nunca aconteceu comigo, mas a possibilidade me preocupava. Com o tempo, desenvolvi um arremesso delicado, mas preciso. Eu conseguia jogar uma baqueta na fileira R, assento 15 na maior parte das vezes. Essas considerações podiam parecer minúcias para muita gente, mas eram importantes para mim. Eu me considerava sortudo de tocar em lugares tão grandes e tão longe de casa. Não éramos só mais uma banda. Éramos embaixadores.

***

Em junho de 1994, a banda estava em turnê pela Europa, saindo de Bruxelas. Viajar de uma cidade para outra de trem nos Estados Unidos teria sido mais do que impensável para uma banda, mas o sistema ferroviário europeu era excelente e estava cada vez melhor. No mês anterior, o Eurotúnel, ligando a França à Grã-Bretanha por um túnel ferroviário, foi inaugurado depois de muitos anos de obras. Mais adiante naquele ano, todas as conexões seriam concluídas, e um passageiro ia poder viajar de Bruxelas a Londres em duas horas sem nem sair do chão.

Os Ramones precisaram voar naquela tarde, mas usando os pés. Os *promoters* tinham feito sua parte e nos deixaram na estação do Eurostar de Bruxelas, só que no terminal errado. Tivemos uns dois quilômetros para andar e menos de meia hora para pegar as passagens, embarcar e partir. O mezanino da estação de Bruxelas era uma série interminável de colunas formando padrões quadrados perfeitos. Do lado de fora, os arcos e as treliças davam à estação uma grandiosidade que era difícil de ver nos Estados Unidos. O mais impressionante era como tudo era impressionantemente limpo. Talvez esse tenha sido o começo do problema de Joey. Quando o resto dos Ramones finalmente chegou a seus assentos na primeira classe, ainda tínhamos algum tempo para nos acomodar. Os atendentes do trem pegaram nossos casacos e nossas malas e nos ofereceram bebidas. A banda não estava tão confortável quanto poderia porque Joey e Monte não estavam em lugar nenhum. Quando Monte finalmente apareceu, estava sem fôlego e suando em bicas. Joey estava sendo detido.

Não dava para culpar os seguranças belgas por duvidar. Os medicamentos de Joey não eram perfeitos. Ele ainda encostava em coisas aqui e ali. Ele ainda era Joey, ainda desalinhado e ainda atraindo a atenção. Para completar, ele estava se consultando com um quiroprata homeopata esquisito que o encheu de suco de babosa e uma vasta gama de pílulas fitoterápicas. Quando os seguranças belgas revistaram Joey e inspecionaram a mala dele, encontraram um carregamento enorme de sálvia, misturas e remédios alopáticos, e estavam convencidos de que pelo menos um frasco era *ecstasy*. Monte, como sempre, estava fazendo o

melhor que podia para estar em dois lugares ao mesmo tempo. Tinha sobrado um pouco de tempo para fazer algum acordo.

– Não se preocupe, Monte – disse John. – O show é só amanhã. Ele pode nos alcançar amanhã.

Foi o que aconteceu, e com as habilidades de Monte para negociar conflitos com reféns, foi só uma questão de minutos. Quando estávamos atravessando os campos da Bélgica a 280 quilômetros por hora, Joey e Monte relaxaram e se acomodaram. Para surpresa de todos, Joey virou e fez uma pergunta a John.

– Então, você acha que os jogadores de beisebol vão entrar em greve?

John ficou chocado. De fato, uma grande greve da Major League estava se aproximando, e John provavelmente teria adorado conversar sobre isso, mas teria sido mais fácil conversar com um cavalo falante.

– Não sei – John respondeu. – Não sei.

John manteve sua expressão impassível, e Joey virou para olhar para a frente. Ele fez um movimento, e foi rejeitado. Foi meio triste, mas todo mundo sabia que era o efeito do Prozac. Até Joey parecia saber. Foi como um daqueles momentos estranhos e ousados de uma festa em que você está tão bêbado que vai falar com a garota mais linda do lugar e a pede em casamento. Ainda mais triste foi o fato de que John e Joey realmente tinham uma coisa importante sobre a qual conversar, e não era se um bando de jogadores de beisebol ia parar de jogar. Era se os Ramones iam parar de tocar.

Mas John e Joey estavam falando muito sobre isso, só que não um com o outro. O álbum *Dookie*, do Green Day, tinha chegado a disco de platina e depois platina de novo. Era uma sensação mista de alegria e tristeza para os Ramones. Músicas como "Basket Case" e "Longview" eram cativantes, pop-punk poderoso. Qualquer um que tivesse meio ouvido funcionando podia ouvir a influência dos Ramones, não só musicalmente, mas na atitude e nas letras autodepreciativas e malucas. "Basket Case" era a nova "Shock Treatment", e "Longview" era a nova "Sedated".

Pessoalmente, eu me sentia renovado pela nova importância do punk, apesar de não estarmos colhendo os frutos no nosso próprio território. Mas isso não era exatamente verdade. Fizemos montes de shows com diferentes pesos nos Estados Unidos, e ícones do rock americano como Eddie Vedder do Pearl Jam eram nossos amigos e fãs. Eles ficavam honrados e empolgados de se vestir a caráter no show dos

Ramones. Era comum ver o Slash usando nossa camiseta. Do outro lado do oceano, Bono nos convidou para fazer um show enorme com o U2 em Oviedo, Espanha, e sua maior alegria parecia ser finalmente nos conhecer. Bono contou que viu um dos nossos shows em Dublin no fim dos anos 1970, foi inspirado pelo nosso som e pela nossa atitude e nunca mais olhou para trás. Essas homenagens me faziam querer sair por aí e fazer ainda mais coisas. Mas John e Joey não pareciam sentir a mesma coisa.

John já estava na casa dos quarenta e estava de olho em uma casa na Califórnia. Ele tinha feito as pazes com o fato de os Ramones terem status de banda cult e com a ideia de que o céu não era mais o limite – o limite era o céu. O legado da banda já estava cristalizado na cabeça dele, e tudo bem. John queria relaxar, passar um tempo com os amigos e talvez produzir os filmes de ficção científica e de terror de que sempre falava.

Joey também estava na casa dos quarenta. Ele gostava do Green Day, mas o sucesso comercial da banda o incomodava. Ele e os outros Ramones, depois de todo esse tempo, mereciam mais do que serem revistados em uma estação de trem em Bruxelas. Eles mereciam uma fatia considerável do bolo que tinham servido tantos anos antes. Ele ainda tinha música dentro de si. Além dos óculos escuros com grau, seus olhos se acendiam toda vez que ele falava do seu projeto solo. Mas, para os Ramones, talvez tivesse chegado a hora de começar a diminuir o ritmo. E tinha mais outra coisa. Joey estava doente. Não era uma coisa de que se falava, mas todo mundo sabia

John e Joey tinham feito mais de 2 mil shows juntos. Quer os dois gostassem ou não, também iam precisar tomar juntos a decisão de passar a régua.

***

Adios Amigos foi um título apropriado para nosso último álbum de estúdio. Ainda tínhamos um pouco de combustível no tanque, mas a despedida tinha sido bem pensada. Nossos amigos estavam por toda parte, incluindo Iggy Pop, precursor de tudo o que o punk representava.

Nossos amigos estavam no mundo todo e continuavam aumentando mesmo quando estávamos nos preparando para encerrar as atividades.

Para uma família supostamente disfuncional, a nossa funcionava muito bem e às vezes era quase feliz. Daniel Rey produziu e tocou guitarra sempre que necessário. Fizemos o *cover* de um clássico do Tom Waits chamado "I Don't Want to Grow Up", que era a resposta para a pergunta: "Por que você ainda está tocando com os Ramones?". Fizemos até o *cover* do tributo do Motörhead para a nossa banda, "R.A.M.O.N.E.S.".

E Dee Dee tinha escrito metade do álbum. Quem mais teria composto "Born to Die in Berlin"? Quando passei a mão no Muro anos antes, eu tinha certeza de que ele ia voltar para Berlim. Eu só esperava que ele voltasse para os Estados Unidos.

Existe uma expressão do lado de cá do Atlântico, *phoning it in*, que significa não fazer alguma coisa nem perto do seu melhor. Estranhamente, colocamos um telefone no estúdio para que Dee Dee pudesse ligar e cantar o terceiro verso da música em alemão.

A contracapa do disco era uma foto da banda encostada em uma parede, mãos nas costas, se preparando para ser executada por um pelotão de fuzilamento. Na verdade, tínhamos planejado nossa retirada muito melhor do que isso. A banda ia sair em grande estilo.

***

Muito de fazer parte de uma banda é como empurrar um carrinho montanha acima. Gravar, fazer turnês, gravar, fazer turnês – esquerda, direita, esquerda, direita. Existe o medo de que, se você relaxar, o carrinho vai começar a descer e ganhar velocidade. Mas se você tiver muita sorte chega uma hora em que o carrinho está descendo de frente, e tudo o que você precisa fazer é aproveitar o passeio.

Não sabíamos exatamente o que tinha acontecido desde que estivemos no Rio de Janeiro no ano anterior, mas em março de 1996 algo estava definitivamente diferente. O itinerário continuava basicamente o mesmo. Dormir durante o longo voo continuava igual. Até onde a banda

sabia, o governo brasileiro continuava igual. Mas, desde o momento em que pisamos no asfalto, foi um tumulto. Os fãs tinham aumentado consideravelmente a cada visita, mas dessa vez tinha sido mais do que um salto quântico. Foi uma loucura.

Quando chegamos ao hotel com vida, foi incrível pensar que íamos ter de sair de novo logo mais para fazer a passagem de som no estádio. Era como nadar em uma água cheia de tubarões até um bote salva-vidas só para descobrir que você ia ter de nadar de volta para a praia. Quando olhamos das sacadas para o estacionamento, vimos milhares de garotos. Quando viam um de nós sair, eles apontavam e gritavam como se tivessem visto uma estrela cadente. Um simples aceno vindo de cima provocava mais histeria. Era o mais perto que um garoto do Brooklyn ou do Queens podia chegar de se sentir como o papa. Logo seríamos cercados pelas massas.

Menos de uma hora depois, a banda estava na garagem do hotel, na van, que se preparava para se aventurar pelas ruas. Meia dúzia de seguranças zanzava pela saída tentando conter a multidão. A qualquer momento íamos ter de passar por aquela multidão, e a última coisa no mundo que queríamos era machucar os fãs dos Ramones. Estávamos prestes a caminhar pela prancha. Ou eles estavam.

– Muito bem-organizado, Monte – John elogiou.

– Meu Deus! – alguém exclamou do fundo da van.

– Ele vai abrir caminho – disse C. J.

– Claro – John respondeu.

Enquanto esperávamos, algumas garotas foram até a lateral da van e começaram a puxar desesperadamente as portas travadas.

– O que essas meninas querem? – John perguntou.

– Elas querem a banda – respondi. – Querem camisetas…

– Querem arrancar seus braços e suas pernas – John continuou. – É isso que querem.

Quando a van começou a andar devagar, o mar de garotos nos engoliu. Estávamos nos movendo devagar e sempre como se estivéssemos passando por um lava-jato de braços, pernas e corpos soltos. A pressão das mãos, cabeças e dos cotovelos parecia suficiente para quebrar o vidro e invadir o carro. Houve um momento de alívio quando o mar se abriu um pouco, e chegamos à rua. Mas foi só um momento. Quando a van ganhou velocidade, a multidão de fãs na rua viu

sua chance diminuindo e apelou para medidas extremas. Eles nos perseguiram por trás a pé, e um ou dois alcançaram o para-choque e pegaram carona por um instante antes de soltar.

Muitos outros fãs conseguiram encostar o corpo nas portas ou até pegar uma carona antes de cair. Jovens brasileiros saudáveis, mas temporariamente malucos, estavam colados e amassados contra as janelas como monstros em um espelho de parque de diversões. Um louco solitário se jogou no para-brisa, quicou e não mais foi visto. Estávamos nos deslocando a uns trinta quilômetros por hora, então ficamos otimistas que ele tivesse sobrevivido e acordasse no dia seguinte, mesmo que não visse o show dos Ramones naquela noite.

Os faróis vermelhos eram nossos inimigos. Eles davam aos fãs delirantes a oportunidade de nos alcançar e começar o processo todo de novo. Sempre que conseguíamos dispersar parte da multidão, havia reforços esperando no caminho até o estádio. A campanha deles estava mapeada como uma batalha. Até outros carros nos seguiam lado a lado para ver por quanto tempo iam conseguir nos acompanhar, acenar, gritar, nos observar admirados, nos perseguir, encarar e conhecer um Ramone em seu habitat natural.

Depois da passagem de som, tivemos uma premiação com um mar de jornalistas. Recebemos um disco de ouro brasileiro por *Mondo Bizarro*. Não era tarde demais nem era pouca coisa. Era uma sensação ótima vender tantos álbuns em qualquer ocasião, em qualquer lugar. E também não era o único disco que estava vendendo. Os anteriores do catálogo dos Ramones tinham finalmente coberto os adiantamentos e estavam começando a gerar royalties, inclusive nos Estados Unidos. Quando fizemos economia em horas de estúdio para controlar os gastos e embolsar o que foi poupado, nunca imaginamos que isso fosse acontecer, mas estava acontecendo. Só que, com *Mondo Bizarro*, estava acontecendo muito mais rápido e muito longe de casa. Tinha levado apenas uns vinte anos e alguns milhões de quilômetros de estrada. Definitivamente era um mundo bizarro.

A MTV brasileira era muito parecida com a americana. Um garoto metido a moderno de vinte e poucos anos vestindo camiseta e falando rápido fazia perguntas, balançava o microfone e sorria diante do emprego incrível que tinha arrumado. Mas o VJ que estava entrevistando John parecia mais empolgado que seus colegas americanos. Ele estava

mais ou menos a um metro do grande Johnny Ramone. E queria saber algumas histórias desconhecidas dos tempos de CBGB, mas estava falando com a pessoa errada.

Como era seu estilo, John foi sucinto, ficou no limite da educação, listou um monte de bandas do começo e deixou por isso mesmo. Mas ele tinha uma resposta muito cuidadosa sobre por que os Ramones tinham decidido se aposentar. John explicou que o declínio estava no horizonte, e que a banda queria ser lembrada por tocar num determinado nível. Parecia algo que Joe DiMaggio diria.

Pedimos uma escolta policial para voltar para o hotel. Eram quatro ou cinco viaturas na nossa frente e umas duas motos de cada lado. Os Ramones usavam o selo presidencial desde o começo praticamente, mas era nosso primeiro comboio presidencial.

Mesmo quando a banda recuperou o fôlego no hotel, a ramonesmania chegou até nós pela tela da TV. A CNN brasileira estava fazendo uma matéria, e dava para ver a palavra "Ramones" na parte inferior da tela. A parte de cima mostrava claramente algum tipo de tumulto envolvendo os fãs. Um garçom do hotel nos explicou que um refrigerante brasileiro tinha feito uma promoção em que a parte de dentro das tampinhas premiadas podia ser trocada por ingressos para o show dos Ramones naquela noite. O problema era que havia uns setecentos ganhadores e só uns duzentos ingressos. O que tinha deixado cerca de quinhentas pessoas lesadas quebrando janelas e destruindo carros nas ruas do Rio de Janeiro.

O estádio de futebol onde tocamos naquela noite comportava umas 40 mil pessoas. Todos os lugares estavam ocupados, ainda que poucos tenham sido de fato usados. Os fãs brasileiros gostam de ficar de pé, se mexer e cantar junto o show inteiro. Havia um ruído constante, metade humano, metade motor de jato. Eles ficaram eletrizados com "Shock Treatment" e pularam ao som de "Do You Wanna Dance?" Um garoto de cabelo comprido teve seu momento sob os holofotes quando pulou no palco e parou triunfante ao lado de Joey em "Spider-Man". Como cabia, a música seguinte foi "The KKK Took My Baby Away". O garoto também desapareceu. Com seis músicas no bis, terminamos com "Beat on the Brat". Nós também sentíamos que tínhamos levado uma espécie de surra. A banda podia ter tocado mais seis, mas achamos que devíamos guardar alguma coisa para o resto da América do Sul.

Terminamos a turnê em Buenos Aires, onde vimos mais confusão. Tivemos uma noite de folga antes do último show, no estádio do River Plate. A fantasia de John era que a banda fizesse um acordo por baixo dos panos e encaixasse mais um show no estádio sem que os empresários ficassem sabendo. Na fantasia dele, o promotor local ia trazer o dinheiro em uma mala. Mas, em vez disso, íamos passar a noite quietos sem sair.

Logo descobrimos que isso ia ser impossível. Do outro lado da rua do hotel havia um prédio sendo construído. Houve um *boom* imobiliário na América do Sul nos anos 1990, e lá estava mais um exemplo – uma estrutura de concreto ainda na fase inicial. Sem paredes. Sem janelas. Mas com um monte de fãs. De algum jeito eles tinham pulado a cerca alta em volta do terreno e subido nos andaimes para ver sua banda favorita.

Os garotos passaram a noite acampados nas placas de concreto abertas olhando para nós. Pelo menos uma dúzia estava ocupando o quarto andar, que dava diretamente para o meu quarto. Estavam vigiando o Marky. Eu me senti bem, mal e ambivalente. Fechar as cortinas ia parecer falta de consideração. Abrir as cortinas ia encorajá-los e, até onde eu sabia, um daqueles garotos podia se empolgar e cair. Então abri e fechei as cortinas algumas vezes até a polícia finalmente aparecer e escoltá-los para fora. Eu não tinha dormido nada. Era nossa penúltima aparição na América do Sul.

Eddie Vedder seria nosso convidado especial na noite seguinte. Iggy Pop abriu para nós. No estádio do River Plate cabiam umas 60 mil pessoas. Iggy tinha uma relação com os fãs e fez todo mundo ficar de pé. Mas a febre se tornou nuclear quando os Ramones subiram ao palco. Com exceção de festivais, onde na verdade a banda compartilha o público e a energia com outras, aquela era a maior plateia para a qual os Ramones já tinham tocado.

Começamos "Durango 95" com a letra de "Adios Amigos" exposta na parede de tijolos falsos atrás da plataforma da bateria. O barulho da plateia parecia um 767 decolando nos nossos ouvidos com uma frequência aguda entorpecendo nossa audição. Pedi para a equipe de som aumentar o volume dos meus monitores. Era raro eu fazer isso, mas era matar ou morrer ali. Olhei para John, que olhou de volta para mim. A noite ia ser longa a barulhenta. Nosso trabalho era fazer tudo funcionar. Isso nunca mudava.

Durante uma hora e quinze minutos, oferecemos a Buenos Aires tudo o que tínhamos. Isso incluiu uma versão de "We're a Happy Family" rápida demais para Joey ou qualquer um acima ou abaixo da linha do Equador acompanhar. Ele estava tendo problemas com a voz na última parte da turnê, e quem podia culpá-lo? Durante os últimos suspiros do bis – "Brat", "Chinese Rock" e nosso *cover* do Creedence, "Have You Ever Seen the Rain", a plateia inteira balançava de um lado para o outro. Alguns fãs de sorte, incluindo alguns garotos que não deviam ter mais que dez anos, surfavam acima da multidão ou estavam nos ombros do pai.

Soava um pouco piegas quando eu repetia aquilo para mim mesmo em silêncio, mas o amor voltando para nós da plateia era algo inesquecível. Era como aquele chavão do rock'n'roll – *the love you take is equal to the love you make* – sobre o amor que você dá ser igual ao amor que você recebe. Coincidência ou não, aquilo foi o mais próximo que eu já tinha estado de saber como era ser um beatle.

Finalmente, quando não havia mais nenhum bis, e as luzes se acenderam, a banda sentiu que nosso tempo tinha acabado. Mesmo assim, a plateia balançava o estádio para que a gente sentisse um movimento sutil e lento no chão de concreto enquanto voltávamos para os bastidores. Dos primeiros fãs ensandecidos no aeroporto do Rio até os últimos gritos em Buenos Aires, tinha sido uma experiência com a qual não poderíamos ter sonhado. Eu tinha gravado tudo.

Com apenas alguns dias antes do último show, em 6 de agosto de 1996, era um pouco estranho participar do Lollapalooza. O festival de rock alternativo tinha começado em 1991 quando o líder do Jane's Addiction, Perry Farrell, se afastou de suas raízes malucas e excêntricas e tinha meio que se tornado *mainstream*. Para muitos críticos, a presença do Metallica enfatizava isso. O Metallica chegava e saía de helicóptero e não falava com quase ninguém. Estava muito longe do tempo das tendas de uma década antes em que um artista performático demonstrava quanto peso ele aguentava no mamilo preso com um alfinete.

Mas o resto das bandas se dava bem, e, para os Ramones, como tinha se tornado nosso mantra tácito, de novo, antes tarde do que nunca. Um show em Randall's Island – há tempos local de um sanatório e presídio de Nova York – talvez fosse apropriado para ser o último dos últimos em nosso próprio território. Bandas como o Soundgarden e o Rancid estavam ansiosas para ouvir histórias e conviver com a gente. Isso

também era uma experiência relativamente nova para John, mas não foi uma transição difícil. Ele era admirado e respeitado. Um sujeito como John, que tinha crescido idolatrando John Wayne, tinha se tornado, depois de todos aqueles anos, praticamente o próprio "Duke".

Entre os sets, Chris Cornell, do Soundgarden, junto com Lars Frederiksen e o Tim Armstrong, do Rancid, nos seguiam aonde quer que fôssemos. Eles não eram os únicos. Pelo menos uma dúzia de membros de diversas bandas – Rage Against the Machine, Screaming Trees, Ben Folds Five – queriam a mesma coisa: entrar na van dos Ramones. Simplesmente sentar ali e absorver tudo por alguns minutos. Ao que parecia, considerando a história contada, a van era o melhor lugar do mundo para se estar. Mal sabiam eles.

A casa de John no sul da Califórnia não era nada que deixaria Phil Spector impressionado. Mas era bonita, tranquila e, finalmente, depois de 2.262 shows, sua fatia do sonho americano. Ele estava orgulhoso quando fez o tour comigo e com Marion. Era uma propriedade grande e térrea com piscina. Havia pôsteres de filmes clássicos e fotos de divulgação de celebridades autografadas por toda parte, então era definitivamente a casa dele. Alguns punks puristas teriam escolhido o CBGB para nossa última apresentação, mas os Estados Unidos tinham aos poucos se virado para o leste, e Johnny Ramone tinha acompanhado.

O Palace Theatre na North Vine Street, em Hollywood, era um prédio clássico *art déco* que foi reformado no fim dos anos 1970. Havia um grande balcão e o andar principal tinha sido transformado em pista de dança, e a banda esperava ver os fãs dançando uma última vez em umas duas horas. O tipo e o tamanho da casa tinham sido nosso padrão por muitos anos. Então, com exceção dos astros para fazer participações especiais que tínhamos convidado e das câmeras de filmagem que estavam por toda parte, parecia só mais um show.

Até Dee Dee estava de volta. Ele estava na cidade para ajudar a se despedir da banda que tinha cofundado uma geração antes. Como sempre, Dee Dee tinha suas necessidades. Ele sabia que meu amigo Barry e sua namorada Karen, que moravam na região, iam vir ao show, e que Barry tinha uma das melhores maconhas daquele lado de Sierra Nevada. Dee Dee pediu para mim e para Marion pedirmos para Barry levar um pouco daquela maconha premium californiana.

Quando todo mundo se encontrou nos bastidores, e Barry entregou o que ele queria, o que saiu da boca de Dee Dee foi mais bizarro do que qualquer música que ele já tivesse escrito em um envelope cheio de Acapulco Gold.

– Eu sei que você quer fazer sexo comigo e com a sua namorada.

Barry e Karen ficaram chocados. Foi tão despropositado que não teria cabido nem num álbum como faixa-bônus. E isso foi antes de ele ficar chapado.

No palco, o set era bom. Lars e Tim do Rancid nos ajudaram com algumas músicas, incluindo da famosa "53rd & 3rd", de Dee Dee. Chris Cornell e Ben Shepherd do Soundgarden nos deram uma mão em "Brat". Eddie Vedder abraçou a causa e cantou num *cover* de "Any Way You Want It", de Dave Clark Five. Lemmy, do Motörhead, grande amigo e defensor de longa data, cantou seu tributo, "R.A.M.O.N.E.S.".

Então desejamos boa-noite para uma plateia satisfeita.

Nos bastidores, não houve despedidas nem tapinhas nas costas. Todo mundo fez o que tinha de fazer no camarim. Havia coisas demais a dizer e nenhum motivo para tentar dizê-las. Achei que terminar com um belo set competente era bem Ramones. Tocar para uma plateia de tamanho médio era bem Ramones. Fazer o que a gente amava entre amigos sem apelar para a cafonice ou afetação era bem Ramones.

E tinha mais uma coisa. No Lollapalooza, um grande *promoter* da América do Sul veio falar com a banda. Ele trouxe um rolo enorme de papel contendo milhares de assinaturas pedindo que os Ramones fizessem um show final, finalíssimo, no Brasil. E também trouxe uma bela oferta para esse show: 1 milhão de dólares.

John queria fazer. Joey não. John tinha suas razões – um milhão de razões –, e ninguém precisava perguntar. Joey tinha suas razões, e a gente sabia que tinham a ver com saúde. Joey não tinha revelado exatamente qual era o problema e por que nos últimos tempos sua energia estava se esvaindo, mas a banda sabia que alguma coisa não ia bem. A pele dele estava amarelada, e os olhos, mesmo por trás dos óculos escuros de grau, um pouco turvos. Quando se convive por muito tempo com alguém, você sabe.

Eu queria fazer o show e fui conversar com Joey. Seria em seis semanas. Parecia tempo suficiente para ele voltar para casa, relaxar, cuidar da saúde e tocar mais um set monstruoso. O valor era bom, e as

pessoas da América do Sul mereciam uma última impressão matadora. Estávamos falando de um legado.

Joey disse não. Os problemas de saúde eram reais, mas ele não estava nas últimas de jeito nenhum. John estava de um lado, e isso tornava a decisão de Joey final. Com o passar dos anos, John tinha criado uma situação, e essa situação ia ser revertida por nada.

Havia uma piada antiga sobre o sádico e masoquista. O masoquista diz para o sádico: "Bata em mim!". O sádico diz: "Não". Quando se tratava de fazer John se contorcer, Joey estava disposto a qualquer coisa. Até a abrir mão de um milhão. Para o bem e para o mal, isso também era bem Ramones.

Joey e eu não estávamos nos falando como nos velhos tempos, mas pelo menos estávamos nos falando. Quando os Ramones estavam desacelerando, Joey estava perdendo a paciência. Quando a banda terminou, Marion e eu não fomos correndo para a casa dele para jantar todas as noites. As centenas de jantares durante as quase duas décadas no Cracker Barrels e nos *diners* aleatórios pelos Estados Unidos foram suficientes por um tempo. Quando Joey me convidou para tocar em sua nova banda, Joey Ramone and the Resistance, eu resisti. Fiz uns dois shows e falei para ele que era só aquilo. Eu tinha minha própria banda e queria me concentrar nela.

No fim dos anos 1990, a banda tinha se acalmado até certo ponto. Joey estava muito empolgado com seu álbum solo e estava trabalhando com um monte de artistas do primeiro time no projeto. Ele ainda era próximo de sua ex-namorada Angela e tinha até escrito uma música sobre ir visitá-la em South Fallsburg no norte do estado de Nova York. Angela tinha se casado, mas Joey adorava o filho dela e comentou que estava criando um fundo para pagar a faculdade dele.

Talvez o mais importante, Joey estava sóbrio fazia um tempo. Não era pela abordagem que eu defendia – seguir um programa –, mas a sobriedade era uma coisa boa, independentemente de como você a alcançava. Então fiquei feliz de receber uma ligação de Joey e aceitei trabalhar no álbum dele quando minha agenda de shows permitisse. O fato de que Daniel Rey estava participando tanto como guitarrista

quanto como produtor definitivamente ia facilitar as coisas no estúdio e reduzir o atrito que ainda havia entre mim e Joey.

Mas Joey tinha um problema sério, que estava piorando. Ele tinha sido diagnosticado com um linfoma quando os Ramones ainda estavam juntos, e àquela altura nós já sabíamos de todos os detalhes. Ele estava fazendo quimioterapia com regularidade. Nossa dedução era que o tratamento estava fazendo efeito, mas, no mínimo, os efeitos colaterais eram horríveis.

Ele estava perdendo peso, e Joey Ramone não tinha muito peso para perder. Ele tinha dias bons e dias ruins e, nos ruins, não saía do apartamento. E estava se consultando com uma nutricionista de orientação holística. Sabendo de sua situação, a banda tinha entendido por que ele tinha sido tão difícil nos últimos dias dos Ramones. Se ao menos a gente soubesse na época.

Ver o que Joey estava passando me fez apreciar ainda mais minha saúde. O mundo estava cheio de coisas incríveis para fazer, e eu estava tendo a chance de fazê-las. Eu tinha montado minha própria banda, The Intruders, quando os Ramones estavam no estágio final. E tinha começado a compor de um jeito relativamente prolífico, o que continuou para muito além do nosso último show. O que também continuou foi o aumento constante na popularidade da música dos Ramones tanto nos Estados Unidos quanto fora. Eu estava ligado à música punk para o resto da vida e não ia fugir dela. Era exatamente o oposto – eu estava correndo em sua direção. Com os Intruders, eu tinha a oportunidade de promover a música que eu amava até o próximo milênio.

O som da banda tinha algumas semelhanças com o dos Ramones, mas tinha uma segunda guitarra e era um pouco mais cheio e mais rico, com uma base um pouco maior. O público também estava aumentando no fim do mundo. Com artistas como o Motörhead e Iggy Pop abrindo para os Ramones, com certeza tínhamos aberto as portas para eles, e, assim como os Ramones, eles tinham a chance de expandir seu público e seu legado para lugares distantes. Quando levei os Intruders pela primeira vez para a Argentina, para o Brasil e para o Chile, os membros da minha própria banda tiveram sua iniciação na emoção e na força daquilo tudo. Os sul-americanos amavam nossas músicas – "One Way Ride", "Telephone Love" e especialmente "Three Cheers for You", meu tributo punk à América do Sul.

Os brasileiros foram muito receptivos quando os Intruders abriram para os Sex Pistols no Rio de Janeiro diante de mais de 40 mil pessoas. Os Sex Pistols não tiveram a mesma sorte. Eu amava a banda e a música, mas estava óbvio que eles não tinham ensaiado. Os Pistols tinham acabado de se reunir para alguns shows grandes, e ficou a impressão de que só fizeram aquilo pelo dinheiro. O público do Rio devia ter pensado a mesma coisa, porque começou a bombardear a banda com copos, latas e garrafas. Esqueça "God Save the Queen". Deus precisava salvar o Sex Pistols.

Não houve rancor. Pelo menos até onde eu sabia. Eu estava no camarim deles com o baixista Glen Matlock e o vocalista Johnny Rotten. Glen era o sujeito mais simpático da banda e quem, na minha opinião, mantinha todo mundo junto. Mas quando o guitarrista e o baixista da minha banda bateram na porta, Johnny Rotten não os deixou entrar. Por um lado, eu entendia que os Sex Pistols não conheciam os membros da minha banda dos anos dourados do punk rock. Mesmo assim, achei o acesso negado bem antipunk. Pelo jeito, Johnny Rotten encarou o nome "Intruders" um pouco literalmente demais.

Uma reunião para ganhar dinheiro e tocar diante de multidões internacionais enormes era a coisa mais distante da nossa cabeça quando Dee Dee e eu montamos The Remains. Quando fui buscar Dee Dee e sua segunda esposa no aeroporto JFK com meu Chevy Impala SS 1996, tive o prazer de conhecer o adorável Airdale terrier deles, Banfield. Dee Dee estava tranquilo e num estado mental relativamente bom. Não que ele não tivesse demonstrado arrependimento para mim em diversas ocasiões sobre se separar de Vera, mas pelo menos parecia confortável consigo mesmo e com o status punk lendário que teria pelo resto da vida e além, quer ele quisesse, quer não.

Decidimos tocar só por prazer. Sem pressão, sem expectativas, sem preocupações com dinheiro. Nós tínhamos dinheiro. Tínhamos fama. O que não tivemos em quantidade suficiente quando os dias de Dee Dee com os Ramones acabaram foi a diversão, e agora não havia nada para nos impedir. Decidimos fazer alguns shows, tocar algumas músicas dos Ramones, talvez compor algumas canções novas e ver o que ia acontecer.

Dee Dee tocava guitarra e cantava em algumas faixas. Apesar de isso talvez surpreender algumas pessoas, nos Ramones, ele sempre compunha na guitarra e depois mostrava para John exatamente como

tocar, até o dedilhado. Dee Dee era um bom músico de seção rítmica que também sabia tocar guitarra solo. A segunda mulher dele tocava baixo e cantava um pouco. Era uma delícia tocar em clubes como o Continental. Fazer um show em uma casa pequena com mesas como a Long Island Brewing Company, onde a banda se apresentava no nível da plateia, era não só uma chance de reinvetar clássicos como "Sheena" e "I Don't Care". Era também uma forma de exorcizar alguns demônios. Devia ser terapêutico para Dee Dee. Em uma determinada noite, Joey devia se juntar nós, mas ele não pôde vir. Então Joan Jett tocou como convidada e ajudou nos vocais. Foi como um reencontro.

Outra banda com o mesmo nome ouviu falar de nós, e tivemos que mudar o nosso para The Remainz. Inevitavelmente, os agentes também ouviram falar de nós e quiseram marcar shows por todo o país. Recusamos, mas aceitamos tocar em Los Angeles. Era o nosso segundo lar, e o novo lar permanente de John. Não hesitei em viajar com Dee Dee. Ele tinha sossegado. Estava coerente. E estava fazendo tudo com *marijuana*.

Ele estava mais maconheiro do que nunca. Não era a solução perfeita para os vícios de Dee Dee, mas era melhor que quase todas as outras. Dei os parabéns. Recorrer à maconha em vez de uma interminável farmácia giratória de remédios que ele tinha tomado por tantos anos era um grande avanço, e isso ficava claro no comportamento dele.

Claro, ainda era o Dee Dee. Ele tentava quase obsessivamente cobrir o próprio rastro. Ele podia ir a uma loja de departamentos, comprar um purificador de ar do tamanho de uma TV pequena e instalar o aparelho no quarto do hotel para encobrir o cheiro da maconha. Sempre que saíamos de um hotel, ele o deixava para trás e comprava um novo para o próximo. Mas o dono de um dos hotéis sentiu o cheiro da Colombian Red pelo filtro HEPA e bateu na porta.

– E aí? – Dee Dee perguntou.

– Você não pode fumar maconha aqui. Você não leu as regras?

Era um cavalheiro vietnamita que provavelmente já tinha estado frente a frente com a morte em mais de uma ocasião, então encarar Dee Dee não o perturbou. Nem perturbou Dee Dee.

– Ei, camarada – ele respondeu. – Não sei o que você tomou, mas estou limpo e estou tentando dormir um pouco.

– Vou chamar a polícia. Está me ouvindo?

– Pode chamar – Dee Dee continuou. – Você acha que isso significa alguma coisa para mim? Tudo isso por causa de meio baseado que já foi fumado? Estamos em LA. Você não tem uns estupros e uns assassinatos com que se preocupar?

– Você precisa sair hoje.

– Vá se foder.

Mas Dee Dee caiu em si quando o dono foi para a escada. Se não queríamos publicidade, definitivamente não íamos querer aqui. Fizemos as malas, pegamos nossos objetos de higiene pessoal, e a maconha. O purificador de ar foi o único remanescente.

Passei na casa de John e fiquei feliz de ver que ele estava levando uma vida tranquila. Ele tinha amigos em Los Angeles, que demonstravam tudo, de respeito a veneração, por ele. John tinha se tornando mais tolerante em suas opiniões sobre pessoas e situações. E ainda colecionava lembranças de filmes e esportes e, claro, controlava os negócios dos Ramones, que, com o passar dos anos, tinham ganhado vida própria. A única coisa que John não queria fazer era ir a algum lugar tocar guitarra – não em uma arena ou um clube onde Dee Dee e Marky iam tocar naquela noite. Para ele, quando os Ramones se aposentaram, ele pendurou a guitarra, ponto final. Quanto mais tempo ele passava longe, mais enferrujado ficava e menos queria se expor a qualquer tipo de comparação.

Eu entendia aquilo tudo. O que eu não entendia, mesmo depois de todas as animosidades do passado, era por que ele não queria ligar para Joey de vez em quando. Nós todos sabíamos que Joey estava sofrendo com a quimioterapia, e por mais que acreditássemos que ele ia vencer a doença, eu precisava fazer John lembrar que algo simples como um telefonema de três minutos às vezes podia fazer mais por uma pessoa do que todos os tubos intravenosos do mundo. John nem hesitou. Ele e Joey não tinham nada para conversar.

***

Em uma manhã no fim de 1999, Joey e eu almoçamos a uns dois quarteirões do apartamento dele na East Ninth Street. Joey estava pálido e fraco, mas eu tinha me acostumado a vê-lo daquele jeito nos últimos tempos. Quando muito, aquele era um grande dia porque ele estava de pé, se mexendo e andando pela cidade. Joey estava entrando e saindo do hospital ultimamente, fazendo mais quimioterapia e tentando recuperar um pouco da força. Naqueles tempos, estávamos nos encontrando em circunstâncias diferentes.

Trabalhar no álbum solo dele parecia funcionar muito mais que a quimioterapia. O estúdio de gravação ficava em Nova Jersey, e Joey insistia em estar lá quer fosse um dia bom quer não. Isso incluía dias em que ele precisava ser levado direto do hospital. O álbum era o filho de Joey, e ele ia terminá-lo, de qualquer jeito.

Eu já tinha pedido para meu *roadie* tirar minha bateria do espaço alugado e montá-la no estúdio. Eu estava lá para gravar meia dúzia de músicas ou o máximo que pudesse antes de ir embora e entrar em turnê com minha outra banda, os Intruders. Daniel Rey e eu tentamos facilitar as coisas ao máximo para Joey no estúdio. Cheguei lá depois de aprender as músicas a partir de uma fita demo e estava pronto para tocar. Em geral, Joey sentava para gravar uma voz guia que íamos acompanhar. Ele conseguia gravar um belo vocal em qualquer dia ou nos dias em que estivesse forte.

O projeto tinha um quê de rock-pop dos anos 1960 de qualidade e coeso. Algumas músicas lembravam um pouco o começo do Who. "What a Wonderful World", gravada originalmente por Louis Armstrong, era sobre o olhar mais positivo a respeito da beleza deste mundo já transformado em música. Quando ouvi Joey cantar a faixa com a voz ofegante, imaginei uma interpretação muito mais doce e delicada, dentro da cabeça dele, enquanto ele olhava pela janela do quarto do hospital. Pensei na faixa-título do álbum: "Don't Worry About Me". Eu tentava não me preocupar, mas acabava me preocupando.

O dia 31 de dezembro normalmente era um dia bom para os Ramones. Em geral, fazíamos algum show de Ano-Novo no Palladium ou em algum lugar especial. Naquela data de 2000, no entanto, Joey estava saindo do seu apartamento de manhã, e havia um pouco de neve no chão. Ele escorregou e caiu feio. Alguma coisa estalou, e ele não conseguiu se levantar, então ficou ali deitado na neve derretida gemendo

e grunhindo. Uma garota que estava passando olhou para baixo, olhou para a frente e passou direto. Depois veio um idoso. Depois, mais alguns pedestres. Podiam ter achado que ele estava bêbado, era um mendigo ou as duas coisas. Mesmo assim, ninguém tentou socorrer o lendário Joey Ramone até que uma policial parou e pediu ajuda pelo rádio.

Joey foi levado para o Rusk Institute of Rehabilitation Medicine na East Thirty-Fourth Street perto da FDR Drive. O quadril dele estava quebrado, possivelmente porque a quimioterapia tinha enfraquecido seus ossos. Liguei para ele sempre que pude e acompanhei a recuperação. Ele foi transferido de hospital em hospital por causa de várias complicações. A cirurgia do quadril foi realizada em um hospital e a reabilitação, em outro. Depois, foi levado de volta para o tratamento do câncer. Em algum ponto do caminho, Joey pegou uma infecção hospitalar que provocou uma febre alta, comprometendo seu sistema imunológico e criando um caos junto com o câncer.

Quando parei o carro no Rusk Institute em uma noite fria e com neve no fim de fevereiro, tive sorte de encontrar uma vaga. Nunca havia calçadas suficientes em Nova York, especialmente perto de hospitais. Peguei um crachá na recepção e fui até o quarto andar para visitar Joey. Ele estava deitado de costas parecendo macilento, mas sorriu quando entrei no quarto. Eu trazia presentes.

Joey sempre adorou a comida de Marion, em especial os *cookies* de aveia com gotas de chocolate. Sentei na beira da cama e coloquei uma lata de biscoitos no criado-mudo. Depois, tirei um som portátil da embalagem de isopor e coloquei ao lado dos *cookies*. Joey parecia empolgado como uma criança de Forest Hills no Hanukkah e perguntou se eu tinha trazido algum CD. Claro, respondi. Mostrei a ele alguns álbuns de rock e pop dos anos 1960, e os olhos de Joey se fixaram em um CD de Dusty Springfield.

Começamos a conversar, mas me distraí por um instante. Olhei em volta, e não havia muita coisa. Quando peguei o som portátil e os CDs, achei que era um gesto bonito, mas que ia basicamente aumentar a pilha de coisas. Não havia pilha. Não havia outro aparelho de som. Para mim, aquilo foi assustador e triste. Deixar Joey sem música era como deixar Linus sem seu cobertor.

Discutimos o álbum solo dele e como estavam as coisas. Comentei que eu achava o disco incrível e que estávamos animados para ele sair do

hospital logo e fazermos uma festa de lançamento. Joey sorriu e depois parou para pensar em alguma coisa. Do nada, ele me perguntou se eu achava que ia haver uma reunião dos Ramones. Respondi que, como todo mundo, eu estava me divertindo fazendo o que queria fazer, mas que se alguma coisa assim surgisse, tudo o que ele precisava fazer era pegar o telefone e me ligar.

Achei a pergunta estranha, considerando não só como as coisas tinham terminado, mas também o fato de que ele e John não tinham se falado nenhuma vez em anos. Talvez, pensei, a ideia do *revival*, por mais improvável, desse a Joey um pouco mais de esperança e força enquanto estava ali deitado em uma cama de hospital. De onde quer que a ideia tivesse saído, Joey em seguida me fez uma pergunta que me pegou ainda mais desprevenido.

– Onde está todo mundo?

Eu sabia o que ele queria dizer. *Onde estavam os Ramones?* Em se tratando de John, um telefonema era impossível, e uma visita era totalmente improvável. Dee Dee devia uma visita, mas parecia que ele não queria lidar com a mortalidade de Joey. Tommy era um mistério. Eu não conseguia entender. No fim das contas, eu não podia me preocupar com isso. Eu estava ali. O que eu não podia fazer era chatear Joey ainda mais, então mudei de assunto.

– Sabia que ainda amam a gente em Buenos Aires?

– Ah, é?

– Com certeza. Ainda ficam loucos quando ouvem "Sheena" e todo o resto.

– Que legal.

Naquele momento, a enfermeira de Joey entrou. Era uma afro-americana de aparência simpática e de uns quarenta anos. Ela estava tão perto da cama que seu joelho encostou no meu. Ela inclinou a cabeça de leve, e fizemos contato visual.

– Desculpe, senhor. Pode se afastar um pouco?

– Claro – respondi. – Sem problemas.

– É a hora do banho dele.

Cheguei mais perto do pé da cama e virei o corpo para dar acesso às longas pernas de Joey. Quando ele inclinou a cabeça um pouco para a frente, a enfermeira passou a mão esquerda por baixo das coxas dele e o braço direito inteiro por baixo das costas. Era uma mulher de estatura

média, que não parecia especialmente forte, mas nosso vocalista foi levantado do colchão e colocado com cuidado na cadeira de rodas ao lado da cama.

Enquanto a enfermeira empurrava a cadeira de rodas, eu acompanhei os dois por alguns passos no corredor e parei. Ela continuou enquanto eu estava parado olhando. Enquanto se preparavam para fazer uma curva à esquerda, Joey conseguiu virar o rosto na minha direção. Foi uma luta, mas ele acenou para mim. Acenei de volta. Depois, ele desapareceu.

Voltei para o quarto por um momento para pegar minha jaqueta e vi meu carro. Eu não sabia, mas tinha um estacionamento diretamente embaixo da janela do quarto de Joey. De algum jeito pequeno, estávamos em sintonia. A frequência vinda dele estava muito fraca.

Liguei para John no dia seguinte.

– Você precisa ir visitá-lo. A janela está se fechando.

– Deixe fechar – ele respondeu.

– Qual é, John?

– De todo jeito, estou na Costa Oeste.

– Não venha com essa. Passamos metade da vida em algum avião. Você pode pegar um voo daqui a uma hora. E tenho certeza de que vai encontrar muita coisa para fazer aqui em Nova York.

– Ele não é meu amigo – John respondeu.

– Quem se importa se ele é seu amigo? A questão não é essa. Isso ficou no passado. Ele está morrendo. E daí que você não gosta dele? Grande merda. E o fato de que vocês praticamente cresceram juntos? E o fato de que vocês estiveram na mesma banda por vinte e dois anos? E todas as músicas que ele escreveu que ajudaram a sua carreira? E o fato de que sem Joey você *não teria* uma carreira? – disparei.

– Escute – disse John. – Espero que ele vença essa coisa.

***

Joey morreu algumas semanas depois, em 15 de abril. Na vida, a morte e os impostos eram garantidos, e daquela vez os dois chegaram no

mesmo dia. Não importa o quanto você se prepare mentalmente para algo assim, nunca sabe de verdade como vai se sentir até acontecer. E mesmo depois, você não tem certeza porque o choque está assentando.

A primeira coisa que senti foi tristeza de que ele não fosse ver seu álbum ser lançado. Depois considerei quantas outras coisas ele ia perder, e o álbum pareceu um grão de areia. Minha mente divagou pelos eventos, pelas honrarias e pelos prêmios que estavam sendo discutidos nos últimos tempos. Como tanto Louie quanto Joey tinham cantado, era um mundo maravilhoso. Mas estava sendo difícil pensar em um mundo em que Joey não estava em algum lugar ouvindo uma música de Dusty Springfield quieto e sorrindo.

***

Uma coisa que nunca mudou em John foi seu pensamento metódico sobre como levar os Ramones para o próximo nível. Nosso primeiro ano de qualificação para o Rock and Roll Hall of Fame ia chegar em 2002. Gary Kurfirst tinha avisado John que os Ramones tinham sido convidados a receber um MTV Lifetime Achievement Award em 6 de setembro de 2001. Na cabeça de beisebol de John, aquilo era o aquecimento – a primeira rebatida – antes da votação do Hall da Fama.

John fez duas ligações sobre o aquecimento – uma para mim, e a outra para C. J., que ele queria que recebesse o prêmio de Dee Dee. Nós dois éramos os dois únicos Ramones que ele queria a seu lado na premiação da MTV. Ele tinha pensado no assunto. Joey obviamente não estava mais entre nós, e Dee Dee podia nos envergonhar e estragar a votação do Hall da Fama. John argumentou citando o comportamento descontrolado de Dee Dee no último show dos Ramones em Los Angeles. Respondi que sem o comportamento descontrolado de Dee Dee não haveria Ramones.

Além do mais, ele e eu estávamos tocando nos Remainz. Dee Dee tinha sossegado. Dee Dee *era* os Ramones. E merecia estar lá. John explicou que era tarde demais. Os arranjos já tinham sido feitos. Eu disse

a John que por mais que discordasse da decisão, estaria lá. Quando desliguei, um pensamento estranho me ocorreu: *ninguém tinha nem mencionado Tommy*.

Os organizadores do evento nos fizeram entrar pela garagem do Lincoln Center, em vez do tapete vermelho, para manter o prêmio pelo conjunto da obra "em segredo". Mas depois de tantos anos sendo deixados de escanteio, o plano parecia falta de consideração. E depois de concordar com o descaso em relação a Dee Dee, talvez, de algum jeito, fosse merecido.

Entre outras coisas, Dee Dee perdeu a *happy hour* e Britney Spears desfilando com uma roupa de selva coberta de diamantes e uma cobra em volta do pescoço. Perdeu a nova turma de Johnny Ramone – Lisa Marie Presley, seu noivo Nicolas Cage, e seu contingente de seguranças. Também perdeu Johnny Ramone e suas costeletas de Elvis, que pareciam ter sido compradas por US$ 5,95 na loja de presentes de Graceland. Parecia que John e a esposa estavam muito preocupados com a questão da idade e talvez estivessem escondendo algumas rugas.

Quando chegou a hora de falar com os jornalistas e tirar fotos, comecei a andar em direção à sala de imprensa por instinto. Mas meu instinto e a mania de controle de John eram duas coisas diferentes. Ele me segurou e me disse para esperar C. J., que estava no bar. Naquele momento cheguei ao limite.

– John, não estamos em 1978 – eu disse. – Não sou o Joey. Não sou Dee Dee. Não sou Monte. Não estamos na van. Atenção: os Ramones terminaram. É bom estar aqui. Mas a banda acabou.

A apresentação do prêmio aconteceu no Metropolitan Opera House. Provavelmente não existia outro prédio no planeta menos apropriado para entregar um prêmio pelo conjunto da obra para os Ramones, mas lá estávamos nós – John, C.J., eu e Bono, que estava apresentando o prêmio – saindo por um tubo de acrílico digno do filme *Isto é Spinal Tap*. Quando meus pés encostaram no palco, inconscientemente comecei a dançar ao som de "Blitzkrieg Bop". Eu não sabia ao certo por quê, mas tenho certeza de que Dee Dee teria gostado.

Lisa Marie Presley ofereceu uma festa no elegante Hudson Hotel a alguns quarteirões de distância. Seguranças, incluindo o gigante sulista encarregado de mim e de Marion, cercavam nossa mesa como um campo de força. Lisa Marie, Nicolas Cage e até o deus do punk Johnny Ramone

pareciam totalmente confortáveis lá dentro. Mas Marion e eu estávamos nos sentindo sufocados. Logo depois do campo de força estava nossa turma de verdade – Monte, Arturo e Danny Fields, que estava ficando muito emotivo sobre a falta que sentia de Joey. Eles foram literalmente barrados. Então eu e Marion fizemos nosso movimento. Saímos da bolha para conversar com nossos amigos. Depois saímos do hotel. Foi pelo menos tão bom quanto receber o prêmio.

De certa forma, John estava certo sobre o Lincoln Center ser o aquecimento. Jaquetas de couro e o Waldorf Astoria de fato nunca combinaram, mas, até aí, o punk rock e qualquer coisa que possa ser chamada de Hall da Fama. Nada disso importou em 18 de março de 2002, quando os Ramones foram indicados ao Rock and Roll Hall of Fame. As portas se abriram no momento indicado – mais de vinte e cinco anos depois do lançamento do primeiro álbum. Em se tratando da qualificação individual, os membros do júri elegeram Joey, Johnny, Dee Dee, Tommy e eu.

John fez questão de sentar em uma mesa diferente da mãe de Joey, Charlotte, e do outro filho dela, Mitchell. Antes de sermos chamados ao pódio, John evitou qualquer tipo de contato com os dois. Achei que isso merecia um prêmio de insensibilidade. Eles tinham acabado de perder um filho e um irmão e estavam ali para celebrar o que ele tinha feito. Eu não acreditava em vida após a morte, mas a animosidade após a morte era bem real.

Tommy foi o primeiro a falar e, ao fazê-lo, redimiu John e a banda toda.

"Acreditem ou não, nós nos amávamos, mesmo quando não estávamos agindo com civilidade uns com os outros. Éramos irmãos de verdade. A honra de entrar para o Hall da Fama significa muito para nós. Mas, na verdade, significava tudo para Joey."

John agradeceu a Seymour Stein, Danny Fields, Gary Kurfirst e aos fãs dos Ramones. E encerrou seu breve discurso proclamando:

– Deus abençoe o presidente Bush e Deus abençoe os Estados Unidos da América.

Em uma sala cheia de progressistas, isso recebeu menos aplausos, mas, mesmo assim, foi celebrado. As feridas do 11 de Setembro ainda estavam abertas, e a poucos quarteirões de distância.

Os ataques foram profundamente pessoais se você fosse americano, nova-iorquino ou do centro da cidade. Nós éramos os três. Quando olhei da janela do nosso apartamento no vigésimo andar sem binóculos e vi as colunas de fumaça subindo do Ground Zero, tive a mesma certeza que todo mundo – as coisas nunca mais seriam as mesmas. Mas um evento público de qualquer tipo em Nova York era uma celebração e uma reafirmação da resiliência da cidade e do país. Naquele momento, as diferenças políticas foram deixadas de lado exatamente como as diferenças pessoais na banda deveriam ter sido.

– Olá a todos – cumprimentei. – Sou Marky Ramone e quero agradecer a Johnny Ramone por me convidar a fazer parte dos Ramones. E especialmente a Tommy Ramone, que deu início a um estilo de bateria que tive de dar muito duro para reproduzir. Muito obrigado.

Uma lista completa de todo mundo que eu gostaria de ter agradecido teria impedido que Tom Petty and the Heartbreakers, os Talking Heads e todos os outros artistas merecedores fossem homenageados naquela noite. Além do mais, todo mundo queria ouvir o que Dee Dee tinha a dizer, e, como sempre, ele não desapontou.

– Oi, sou Dee Dee Ramone e gostaria de parabenizar a mim, agradecer a mim e me dar um tapinha nas costas. Obrigado, Dee Dee. Você é maravilhoso. Eu amo você.

Talvez naquele momento John não achasse Dee Dee tão maravilhoso. Mas independentemente do que ele achasse, John e Dee Dee eram, naquele momento e para sempre, membros do mesmo Hall da Fama.

Antes de sairmos do palco, cumprimentei Charlotte e o filho dela, Mitchell. Ninguém mais se deu ao trabalho de fazer isso. Não sei ao certo se alguém pediu a eles para não subir ao palco com a gente ou se eles decidiram não fazê-lo, e não importava. Eles precisavam ser reconhecidos, então, se fazendo um discurso breve eu tinha uma ficha para mais algumas palavras, eu a gastei na hora certa.

Quando nos sentamos com as estátuas do Hall da Fama na mão, notamos uma coisa estranha. Havia uma única estátua ainda no pódio. Falei para Dee Dee:

– Deve ser do Joey.

Pareceu um gesto simbólico combinado, mas foi apenas um erro. Não era Joey Ramone voltando ao palco uma última vez para encostar em alguma coisa. Seymour Stein pediu ao assistente de Charlotte para pegar

a estátua e entregar para ela, mas quando ele fez a entrega Charlotte notou que estava escrito "Dee Dee Ramone". Dee Dee então reparou que a dele trazia "Johnny Ramone". Tommy e eu pegamos as estátuas com nossos nomes gravados. O que significava que a de John dizia: "Joey Ramone". Só isso já fez minha ida à cerimônia valer a pena.

Dez semanas depois, Dee Dee morreu de overdose no apartamento em que morava com a segunda esposa. Ela o encontrou encurvado no sofá com uma agulha no braço, não exatamente descansando. Ele nunca descansou de fato, pelo menos enquanto estava vivo. Ele escrevia músicas, poesia, livros e pintava para tentar encontrar aquela paz esquiva, e todo mundo que se importava com ele esperava que, naquela tragédia enorme, Dee Dee a tivesse encontrado.

Devíamos estar de luto, não chocados, com a morte dele, mas eu sentia as duas coisas. Fazia tempo que Dee Dee estava limpo de tudo além da maconha.

Maconheiros vivem muito tempo, e era o que eu esperava para ele. Dee Dee tinha se mudado para uma área de Hollywood onde tudo estava disponível, mas era para inspiração artística, não para comprar drogas. Ouvi boatos de que quando ele finalmente comprou, era bem pura. A combinação disso com o fato de que ele estava limpo por tanto tempo causou a overdose. O choque no organismo foi demais. Era uma ironia amarga que a sobriedade – ainda que com um grande asterisco – tivesse matado Dee Dee. O velho Dee Dee tinha tantas substâncias correndo nas veias que a heroína poderia ter entrado em choque.

Conforme os dias passaram, pensei sobre como era estranho que eu nunca mais fosse poder pegar o telefone e ligar para Dee Dee. Junto com esse pensamento estava a ligação que ele nunca fez para mim. Mesmo depois do nosso pequeno fiasco em Whitestone, eu o levei a mais reuniões – AA, NA, o que estivesse disponível. Com o tempo, ele voltou para as reuniões sozinho, e o programa se tornou parte da sua vida. Dee Dee nunca fazia nada de maneira convencional, mas estava tão dedicado quanto qualquer um poderia ter esperado dele.

Eu sabia que ia chegar o dia em que a oportunidade de comprar drogas de novo ia se colocar diante do nariz dele, e Dee Dee olharia de volta, pronto para sucumbir. E sempre disse a ele que quando esse dia chegasse – ou mesmo quando ele achasse que esse dia ia chegar em uma semana ou um mês – para me ligar. *Me conte como você está se sentindo.*

Me conte quais são suas vontades. Vamos conversar sobre isso e resolver as coisas juntos.

Mas nunca recebi essa ligação. Nunca tive a oportunidade. Dee Dee fazia as coisas por impulso. Ele falava coisas por impulso, comprava coisas por impulso, mudava de país por impulso. Ele ia comprar drogas por impulso e depois escreveria uma música sobre isso. Só que nunca chegou a escrever a última música, e nunca chegamos a ouvi-la.

***

As ruas de Lower Manhattan tinham nomes como Washington, La-Guardia e Astor. Eram homenagens aos "pais fundadores", prefeitos amados e membros da aristocracia. Quando éramos garotos grandes demais correndo pelo centro procurando *flyers* de bandas colados nos postes, nossa fantasia mais louca era ter um tênis com nosso nome. Mas no domingo, 30 de novembro de 2003, os poderes superiores estavam prestes a inaugurar a Joey Ramone Place. Uma fã de dezesseis anos de Staten Island começou tudo com um abaixo-assinado, a maior campanha "faça você mesmo" para o maior roqueiro do "faça você mesmo". Infelizmente, Arturo Vega me contou, os pais da fã não a deixaram ir ao evento.

Foi na esquina da Bowery com a East Second Street, bem perto do quarteirão do CBGB. O clube ainda estava lá, ainda pertencia e era administrado por Hilly Kristal, e as bandas ainda apareciam sete noites por semana para tentar fazer alguma coisa antiga, alguma coisa nova e tentar angariar fãs. Mas a área estava ficando valorizada, e os aluguéis estavam subindo. Não que tudo no mundo precisasse ficar exatamente como era. Nem mesmo o punk faria uma exigência dessas.

Mesmo assim, era um lugar apropriado para a placa de Joey. A música que ele ajudou a criar transformou aquele quarteirão que costumava ser imundo, encardido e infestado de drogas no centro do universo criativo. As pessoas que olhavam para a placa quando passavam precisavam

lembrar que as figuras mais influentes e marcantes deste mundo não precisavam ter dinheiro, usar terno nem tomar banho com frequência.

Um rapaz da multidão que parecia ligado à mídia me encontrou e perguntou se eu conseguia ver direito. Respondi que estava bem. Ele apontou para um elevador usado para reparos no telefone e me disse que podia me colocar ali para ter uma vista melhor do evento. Agradeci, mas recusei. Se eu quisesse uma vista melhor, podia andar alguns metros e subir no teto do meu Cadillac na Bowery.

Havia muitas figuras ultrapassadas e aspirantes do Lower East Side por ali. Não que os aspirantes tivessem alguma coisa de errado, mas muitos ultrapassados e aspirantes queriam participar na linha do velho Jimmy Durante. Qualquer um que já tivesse bebido demais e vomitado na frente do CBGB trinta anos antes queria fazer um discurso e criar um roteiro. Eu só queria absorver o momento sozinho. Aplaudi como todo mundo quando o pano foi retirado. O nome "Joey Ramone" aparecia maior que a palavra "Place", e a placa verde e branca ficou bem acima da que dizia East 2nd Street. Era bem alto, bem acima da cabeça grande de Joey se ele estivesse em pé olhando para cima, e, tomara, alta o bastante para impedir que aventureiros e colecionadores a roubassem.

***

Eu prestava meu tributo a Dee Dee visitando seu túmulo sempre que estava em Los Angeles. O cemitério Hollywood Forever, perto dos estúdios Paramount, estava cheio de lendas como Cecil B. DeMille e Rodolfo Valentino. Dee Dee ajudou a inventar um gênero de música popular e se encaixava perfeitamente ali. Não muito longe dali Mel Blanc, a voz do Pernalonga, estava enterrado. Como cabia perfeitamente, a lápide dele dizia: "That's all folks".

A lápide de Dee Dee era rock'n'roll, mas tinha bom gosto. Na parte de cima ficava o selo presidencial dos Ramones, mas com a letra "I feel so safe flying on a ray on the highest trails above".[1] O tamanho era

modesto. Para não perder a piada, na parte de baixo estava escrito: "O.K… I gotta go now".[2]

O que me fez lembrar que eu precisava visitar John. Eu era um agnóstico parado em um cemitério conversando com meu amigo e, na melhor das hipóteses, cético de que meu amigo pudesse ouvir uma palavra do que eu estava dizendo. Mas estar ali me dava um pouco de paz.

Na minha cabeça, as crenças eram todas boas, contanto que a pessoa fosse sincera. Mas eu nunca acreditava em superstições. Superstições eram uma forma de evitar enfrentar uma questão. Eram um substituto para o pensamento. E limitavam o que você podia fazer no mundo, o que você podia alcançar, e o que esperava mudar. Mas, naquela época, uma das superstições mais idiotas e incômodas estava soando nos meus ouvidos. *Que a má sorte vinha em grupos de três*.

John estavam lutando contra o câncer de próstata em silêncio fazia anos. Ele entrava e saía do Cedars-Sinai Hospital muitas vezes por causa da quimioterapia e do tratamentos das complicações. John guardou tudo para si, e nós respeitamos os desejos dele. De todas as ordens que ele disparou por tanto tempo, aquela era a que tinha mais autoridade. Ultimamente, estava claro que ele andava mais fraco, a ponto de às vezes ter dificuldade de terminar uma conversa por telefone. Eu tentava ligar para ele uma vez por semana em média. Mas agora, por mais que torcesse por uma virada, só os telefonemas não eram mais suficientes. Os médicos acreditavam que o câncer tinha se espalhado.

Quando eu o visitava de tempos em tempos, John costumava me levar para um passeio de carro. A gente ia ver as atrações da Califórnia e sentir o vento no rosto. Naquela visita, ele hesitou quando saímos para o gramado, e notei que ele estava tendo cuidado em relação ao próprio carro. Eu sabia que ele estava fraco demais para dirigir, então perguntei se ele me faria um favor e me deixaria dirigir. John me entregou a chave do seu Cadillac.

Quando seguimos pela Mulholland naquele dia de sol, a conversa foi a de sempre – música, filmes, carros, objetos de coleção. Mas de repente ele endireitou o corpo no assento da frente como se estivéssemos na van, olhou para a frente e fez um alerta.

– Você vai precisar tomar cuidado quando o assunto for os negócios.

– Eu sei.

– Não sei se você sabe – John continuou. – Quero dizer, se eu não estiver por perto… para administrar as coisas.

– Meus olhos estão sempre abertos.

– Tudo o que estou dizendo, Marc, é para você fazer questão de nunca puxar o saco de ninguém.

Fiquei um pouco chocado. E a parte do testamento era o menor dos motivos.

– John, você me conhece. Você acha que eu ia puxar o saco de alguém de verdade?

– Não, mas é só um conselho de amigo.

Seu vigor, mesmo como passageiro, estava acabando. John estava incomodado quando voltamos para a casa, e abri a porta do carro para ele. Ele sempre projetou uma presença física. Fosse entrando ou saindo da van ou fazendo pose de deus do punk rock no palco, ele tinha uma autoimagem cheia de orgulho e não queria ser visto como se não estivesse à altura dela. Dentro da casa, ele foi para o quarto para tirar um cochilo, e eu fui embora.

Minha visita seguinte foi para o castelo de Phil Spector em Alhambra. Phil tinha sido acusado de assassinato e fora liberado mediante uma fiança de 1 milhão de dólares. Em fevereiro, ele tinha encontrado a atriz de filmes B Lana Clarkson, que estava trabalhando na House of Blues na Sunset Boulevard. Mais ou menos uma hora depois de entrarem no castelo, a arma de Phil foi disparada na boca de Clarkson, que morreu instantaneamente. Um circo midiático garantiu os ecos do julgamento de O. J. Simpson, mas Phil Spector não tentou fugir em um Ford Bronco e tinha muitas evidências a seu favor.

Sempre que eu o encontrava, era para fugir do circo. Então conversamos sobre música, mesmo quando passamos pelo lugar exato onde Lana Clarkson foi encontrada caída sobre uma cadeira. Phil me perguntou como estava a turnê, e eu contei sobre a quantidade incrível de fãs que tínhamos na América do Sul.

Ele ficou furioso com a maneira como o Rock and Roll Hall of Fame tinha estragado a situação de Joey na cerimônia um ano antes. Eu disse a ele que viver bem era a melhor vingança, e talvez morrer bem podia ser a segunda melhor. Nossa música estava em todo o planeta, e isso significava um bilhão de vezes mais que uma estátua ou um discurso.

Essas palavras deram a Phil Spector um pouco de conforto. Ele ainda estava puto com o que o governo tinha feito com Lenny Bruce.

Deixei Phil entrar no assunto de Lana Clarkson, o que acabou acontecendo. Ele me olhou nos olhos e disse, sem pestanejar, que ela colocou a arma na boca e apertou o gatilho. Ela estava simulando o ato sexual, e a arma disparou. Phil explicou que Clarkson estava numa fase ruim e tinha pedido um empréstimo de 100 mil dólares. Ele disse não e explicou que só a conhecia fazia algumas horas.

– Marc, por que ela pediria?

Phil parecia estar tentando dar sentido para a coisa toda.

Continuamos conversando quando entramos na sala de bilhar. As bolas lisas e as listradas estavam espalhadas pela mesa e pareciam convidativas, mas eu sabia que não podia tocar nelas. Phil estava decidido a deixar a mesa exatamente como tudo ficou da última vez que ele e seu grande amigo e instrutor de bilhar Willie Mosconi jogaram. Mosconi tinha morrido em 1993, fazia dez anos.

Não havia nada que eu pudesse fazer por Phil Spector além de visitar ou telefonar de vez em quando e esperar o julgamento. E não havia muito que eu pudesse fazer por John até notar os boatos correndo soltos na internet. O MySpace era enorme naquele momento. Um amigo me mostrou e entendi na mesma hora por que aquilo era tão viciante. De repente, todo mundo tinha um lar rápido e conveniente no cyberespaço e podia interagir com facilidade com qualquer um ali.

Assim como com qualquer forma de comunicação, em especial uma em que a presença física não é necessária, algumas pessoas disparavam mísseis. O MySpace e outros fóruns estavam cheios de especulação e informações erradas sobre Johnny Ramone. O mito mais popular parecia ser que ele estava morrendo em decorrência da doença de Alzheimer, como Ronald Reagan. O HIV também estava perto do topo da lista. Enquanto eu continuava lendo, vi claramente que a coisa ia além de um bando de fãs famintos pela verdade. As mentiras estavam sendo espalhadas com maldade por pessoas que afirmavam ter informações em primeira mão. Não era difícil ver as mentes pequenas disparando aqueles absurdos. Elas não gostavam das opiniões sobre política de John, então o tinham condenado ao mesmo destino que seu herói. Ou insinuavam que ele estava usando agulhas, aprontando, o que quer que fosse. Como se tivessem algum direto de fazer aquilo.

Meu amigo John não podia retaliar. Então fiz isso por ele.

– Parem com essa merda. Vocês não sabem porra nenhuma do que estão falando.

– Quem diabos é você?

– Sou Marky Ramone, e você está falando merda.

– Claro que é, cuzão.

– Meu amigo e guitarrista tem um problema chamado câncer. Ele está lutando com coragem. Quem é você para depreciá-lo e espalhar mentiras?

– Então agora você também gosta do Reagan?

– Vou dizer uma coisa, se você é da esquerda, não quero ter nada a ver com ela. Vá aprender um pouco de respeito básico.

***

Alguns dias depois, a *Rolling Stone* ligou e me perguntou do que Johnny Ramone estava morrendo. Os *paparazzi* já estavam cercando o Cedars-Sinai, e a amiga de John, Lisa Marie Presley, era vista entrando e saindo. Agora queriam uma declaração de Marky Ramone. Para mim, eu tinha duas opções. Uma seria mentir sobre a situação de John e não ser melhor do que nenhum dos blogueiros anônimos por aí. A outra era dizer a verdade. Do meu ponto de vista, nenhuma das duas parecia muito boa, mas, no final, não havia muita escolha.

– Câncer de próstata, infelizmente. John tem sido um guerreiro enquanto enfrenta isso, mas, neste ponto, as chances são poucas. Tenho recebido tantos e-mails das pessoas, dos jornais e das revistas querendo saber o que estava acontecendo, eu tinha de me posicionar e dizer alguma coisa…

A merda foi parar no ventilador com a velocidade de um microprocessador. A mulher de John teve um ataque. Ouvi a estática através de todo mundo que ainda fazia parte do universo dos Ramones. A lança mais afiada foi que eu tinha feito aquilo pela publicidade. O que era tão falso quanto os rumores que estavam sendo espalhados sobre

Johnny Ramone. Eu estava no Rock and Roll Hall of Fame. Eu estava fazendo shows pelo mundo todo para plateias grandes. Eu precisava da publicidade, especialmente daquele tipo, como Tiger Woods precisava de outro patrocínio. Eu só queria fazer a máquina de boatos horríveis parar. Não deveria ter sido difícil de entender isso. Mas na loucura que se desenvolveu ao longo das décadas e que agora ameaçava sobreviver à maioria dos Ramones, aquilo infelizmente tinha se tornado corriqueiro.

Johnny estava fraco demais para ir ao show tributo que fizemos para ele no Avalon em Hollywood no dia 12 de setembro. Foi um evento beneficente cheio de estrelas, com Eddie Vedder, Rob Zombie, Red Hot Chili Peppers, The Dickies, X, Rancid e, essencialmente, um "quem é quem" do mundo de John e do rock em geral. A house band para as músicas dos Ramones era Daniel Rey na guitarra, C. J. no baixo e eu na bateria. O ponto baixo aconteceu quando Rob Zombie sacou o celular, ligou para a casa de John e colocou a voz dele no alto-falante. Aquilo foi feito com a melhor das intenções, mas só enfatizou como John estava de fato doente.

John faleceu três dias depois, quando eu estava a caminho de Praga. Eu tinha perdido um amigo e companheiro de banda, de novo. Para mim, o show tributo tinha sido o memorial. Eu tinha uma imagem permanente gravada na cabeça de John tocando guitarra, e era o suficiente. Meses depois, eles inauguraram uma grande estátua preta no cemitério.

Todo mundo podia ter aprendido uma lição com o monumento humilde de Dee Dee que, no fim das contas, ficava bem perto no Hollywood Forever Cemetery. A proximidade ia tornar minhas visitas aos meus velhos amigos dos Ramones – uma tarefa difícil – um pouco mais fáceis. A caminhada do túmulo de Dee Dee para o de Johnny durava pouco mais de dois minutos – a duração da música dos Ramones "I Remember You".

Quando apareci no *The Wiseguy Show* da Sirius Satellite Radio um dia no fim de 2004, pareceu algo natural a fazer. Apresentado por Vincent Pastore, que interpretava Salvatore "Big Pussy" Bonpensiero na série de sucesso da HBO *The Sopranos*, o programa era perfeito para um sujeito do Brooklyn com alguma coisa para divulgar. Eu tinha acabado de lançar o DVD *Ramones: Raw*, que trazia cenas de bastidores que eu tinha filmado no mundo todo. A Sirius ocupava um andar inteiro do prédio McGraw-Hill. Era uma ilha num mar de estúdios, cabines de vidro e cubículos

gerando programação que, caso contrário, não seria encontrada nas ondas de rádio. Era um novo tipo de fraternidade. Eu me sentia estranhamente em casa ali, como fazia com os metidos a espertos.

E estava prestes a me sentir ainda mais em casa. Alguns dias depois, recebi uma ligação de um dos executivos de alto escalão da Sirius. Ele me pediu para fazer outra coisa totalmente natural – aparecer no programa do campeão de skate Tony Hawk. Eu sabia que ia ser um pouco como minha primeira vez tocando com os Ramones – uma audição informal. E como a audição informal anterior, essa teria um encaixe perfeito. Tony era fã de punk rock. Falar sobre música, skate, a coisa de fazer as coisas por conta própria, e tudo o que estava relacionado ao mundo do punk emergia com tanta naturalidade para mim quanto bater em uma caixa barata pela primeira vez. Eu não estava afiado, mas só precisava de uma chance.

A Sirius me deu essa chance. Eles gostavam da minha persona nova-iorquina, do tom da minha voz e do conhecimento que eu trazia para a mesa. E me pediram para propor um programa para eles. Quando alguém pede para você propor um programa, você basicamente foi contratado. Arremessei uma bola bem no meio do campo. Minha ideia para o *Marky Ramone's Blitzkrieg* era simples e direta: criar um mundo, um universo, no qual os ouvintes pudessem ouvir suas músicas preferidas do punk rock e aprender um pouco sobre sua origem.

Reuni minha coleção inteira de álbuns, EPs e *singles* de punk rock e levei tudo para o estúdio. Quando o assunto era o punk, minha coleção era a Biblioteca do Congresso. Os primeiros programas foram conduzidos pela música. Quando aprendi a fazer aquilo, os e-mails começaram a chegar. Onde mais alguém podia ouvir "Born to Lose", de Johnny Thunders, ou "Live Fast, Die Young", do Circle Jerks? Só ali.

***

Levantei às sete da manhã para ir ao novo julgamento de Phil Spector. O primeiro tinha terminado com o júri indeciso. Era março de 2009, e eu

estava a caminho da United States District Court no centro de Los Angeles, em meu Chrysler 300C alugado. Um verdadeiro nova-iorquino fica sempre um pouco desorientado dirigindo em LA. Peguei a saída e vi o estacionamento do fórum um segundo tarde demais. Quando virei na direção da entrada, vi duas faixas de trânsito vindo na minha direção e me dei conta de que estava na contramão. Existem momentos de perigo na vida em que você precisa seguir em frente, porque voltar é muito pior. Eu precisava estar ali. Eu era amigo de Phil Spector.

Encontrei Phil, a esposa dele, Rachelle, e os dois seguranças enormes dele no saguão do fórum. Seria difícil não vê-los. Phil perguntou por que demorei tanto. Com o trânsito de Los Angeles, era basicamente uma pergunta retórica.

Eu disse a ele que precisava ir até o café e que ia encontrá-lo no andar de cima, dentro da sala.

Depois de comer uma barra de granola e tomar uma xícara de café, passei pelo detector de metais e pela segurança, que revirou minha bolsa e me revistou. Eu estava de calça jeans preta e jaqueta de couro. Não parecia o espectador curioso comum de julgamentos, mas aquilo na verdade era relativo. Em todo caso, olhei tudo com atenção. Em um mundo pós-11 de Setembro, o único lugar mais cuidadoso com a segurança que um aeroporto era o julgamento de assassinato de uma celebridade em Los Angeles.

Quando cheguei ao terceiro andar, eu sabia que podia ser uma longa manhã, então perguntei a uma mulher no corredor digitando em um laptop onde era o banheiro masculino. Ela apontou para o fim do corredor, e eu agradeci.

Quando entrei na sala do julgamento, a primeira coisa que notei foi que o lado de Lana Clarkson estava cheio de parentes e amigos. O outro lado só tinha Rachelle e agora eu. Phil Spector preferia o mono ao estéreo, e era o que tinha conseguido. Quando me acomodei, notei que um dos jurados – um sujeito branco de uns trinta e poucos anos – estava usando uma camiseta dos Ramones. Foi a primeira experiência positiva que tive naquela manhã.

Ouvi o promotor apresentar as evidências. Não parecia muita coisa. Eles tinham um *blazer* com um pouco de sangue. Parecia que qualquer um disparando uma .38 daquela distância teria ficado coberto de sangue. Precisavam de um motivo. Em vez disso, apresentaram relatos do

lendário produtor balançando e às vezes disparando um tiro de alerta num estúdio de gravação muitos anos antes. Era um comportamento notoriamente excêntrico. E, como eu sabia muito bem, notoriamente exagerado. O que isso tinha a ver com colocar uma arma na boca de uma atriz de quarenta anos de pouco sucesso que você tinha acabado de conhecer e apertar o gatilho, eu não conseguia entender.

Com frequência, Phil virava, olhava para mim e abria um sorriso afetado. Era como o estúdio Gold Star, em que estávamos em bastante sintonia.

Eu sabia exatamente o que ele estava pensando. É só isso que eles têm?

Eu estava chateado no dia seguinte no tribunal. A mulher de aparência indefesa que tinha me indicado o banheiro era uma blogueira que acompanhava casos criminais de celebridades. Ela postou que tinha coberto muitos desses julgamentos na sua época, mas que, naquele dia, tinha visto as duas pessoas de aparência mais maligna que já vira entrar em um tribunal: Phil Spector e Marky Ramone. Depois ela descreveu cada item de roupa que eu estava usando, com uma argumentação ainda mais fraca que a do promotor. Pensei no detector de metais pelo qual eu tinha acabado de passar pelo segundo dia consecutivo. Por aquele detector de metais, ao longo dos anos, sem dúvida tinham passado estupradores, pedófilos e assassinos em massa. Comparado com isso, você tinha um produtor de discos lendário e um roqueiro punk usando o que ela tinha chamado de Converse. A mulher tinha errado até o sapato.

Mas quando me acalmei, me dei conta de que também estava incomodado com outra coisa. O jurado da camiseta dos Ramones do dia anterior tinha desaparecido. Desaparecido como um preso político na Argentina. Alguém do lado da promotoria tinha descoberto que Phil Spector, mais de vinte e cinco anos antes, tinha produzido um álbum dos Ramones. Esse álbum, no fim das contas, tinha se tornado o disco mais vendido que aquela banda de punk rock influente já teve. Mas isso não tinha ajudado muito Phil Spector na época, nem estava ajudando agora. O fim do século tinha passado fazia tempo. E talvez a única pessoa que havia entre Phil Spector e outro júri indeciso tinha sido levada pela KKK.

Em 29 de maio de 2009, Phil Spector foi sentenciado a dezenove anos de prisão depois de ser condenado por homicídio em segundo grau. A última vez que o vi, ele estava esperando a definição da sentença. Phil foi

com Rachelle e os dois seguranças monstruosos em seu Roll-Royce Silver Shadow para um de seus restaurantes favoritos em Pasadena, onde Marion e eu já estávamos esperando. Quando sentamos, Phil parecia tranquilo. A sentença mal foi mencionada. Em vez disso, ele contou uma história sobre Joe DiMaggio, Mickey Mantle e seu guarda-costas de longa data, George. Phil nos convidou para ir ao castelo para jantar, mas respondi que precisávamos voltar para o hotel e dormir. Abracei Phil e a mulher dele, desejei tudo de bom, e foi a última vez que o vi.

Quando tive notícias da sentença num canal de notícias da TV a cabo, foi um baque. Talvez a promotoria tivesse ido atrás de Phil com tanta fúria depois de se dar mal em casos de alta visibilidade primeiro com O. J. e depois com Robert Blake. Talvez a defesa de Phil Spector tivesse mandado mal. Qualquer que fosse o caso, pensei em quando fomos obrigados a ouvir a abertura "Rock'n'Roll High School" sem parar. Os principais envolvidos no estúdio naquela tarde não estavam mais por perto, de um jeito ou de outro. E pensei: *Talvez o azar venha em grupos de quatro*.

A boa sorte, descobri, vem em grupos de milhares, talvez milhões. Ainda estou casado e muito feliz com meu amor da infância. Estou sóbrio há mais de trinta anos. Meu programa na SiriusXM é transmitido via satélite para todos os cinquenta estados americanos e para o Canadá, e está entrando em seu décimo ano. Os fãs continuam aparecendo nos shows aos milhares, e dar a eles o que querem é o que eu amo.

Existem diferentes maneiras de conquistar isso, mas a minha é montar uma banda muito profissional e levá-la ao topo. Passamos boa parte de todos os anos em hotéis remotos e viajamos a lugares que não muito tempo atrás estavam totalmente fora do mapa do punk – Vietnã, Dubai, Sérvia, Colômbia, Filipinas, China e até a Rússia. *Rocket to Russia*, um título irônico, se tornou realidade. Toda uma nova geração está descobrindo a beleza crua e ousada de uma música punk – dois minutos para transmitir nossa mensagem de amor, ódio, fúria, alegria, frustração, diversão, sarcasmo, guerra, política ou, às vezes, só uma piada interna entre você e seus amigos.

Quando tocamos em Pequim pela primeira vez, em 2007, levantando a bandeira do punk bem alto, o choque cultural foi principalmente meu. Primeiro, notei algumas pessoas de bicicleta e a pé com respiradores no rosto. Aquilo me fez lembrar um pouco as máscaras que eu às vezes

usava quando trabalhava com demolição. Pensei que essas pessoas podiam estar combatendo algum tipo novo de gripe asiática até que me dei conta de que eram milhares e milhares de cidadãos usando essas máscaras. Eles não podiam estar todos doentes ou a caminho de uma obra. Então alguém me explicou que os respiradores eram para protegê-los da poluição.

Felizmente, o punk também estava no ar. Em um estádio a céu aberto lotado com 19 mil garotos e ex-garotos aos berros, até o grupo de hiphop Public Enemy foi infectado. Eles tocaram "Blitzkrieg Bop" junto com a minha banda enquanto os fãs enlouqueciam atrás de cercas de segurança altas e fileiras de policiais de luvas brancas. Na China, o caos é algo muito controlado. Pensei: *Considerando como era improvável que esses garotos abraçassem essa música, o futuro realmente guarda muitas possibilidades*.

Quando viajamos para o Vietnã não muito tempo depois, um bando de oficiais do governo acordou às seis da manhã no dia do primeiro show para revisar nossas músicas. Enfrentamos cinco burocratas de expressão solene atrás de uma longa mesa. Eles analisaram os CDs da mesma forma que já tinham analisado a propaganda militar americana. Mas, depois de um tempo, nos deram sinal verde. Eu tinha que me perguntar se eles de fato entendiam o sarcasmo nova-iorquino de músicas como "Commando" e "53rd & 3rd". Provavelmente, não. Mas se algum dia entendessem, seria nossa confirmação de que o Vientã estava de fato livre.

Já foi dito que se todo mundo que afirma ter estado em Woodstock de fato estivesse lá, Joni Mitchell teria cantado para meio bilhão, em vez de meio milhão, de pessoas. Às vezes parece que a mesma coisa estava acontecendo com os Ramones. Artistas importantes da época que teriam preferido contratar um ventríloquo para abrir o show às vezes fazem parecer que estavam batendo cabeça na primeira fileira do CBGB por volta de 1976.

Às vezes parece que a fantasia do "meio bilhão" pode de fato se tornar uma realidade para uma nação punk mundo afora. Quando estamos em turnê, não é uma apresentação das antigas. Mais de metade da plateia tem menos de vinte e cinco anos, e metade deles parece ainda não ter chegado aos dezesseis. Esses garotos estão acabando de descobrir o punk rock e trazem mais amigos a cada ano. Fomos de tocar

em espeluncas a tocar em estádios. E o fim não está no horizonte. Sempre soubemos que tínhamos os melhores fãs do mundo, e agora são mais numerosos do que nunca.

Não que a nossa geração tenha desaparecido. Longe disso. Enquanto o punk daquela época era considerado algo do momento, ele agora é um legado. Recentemente, recebi um e-mail de um grupo que ia dar uma festa do pijama de *Rock'n'Roll High School* para os filhos. Os pais queriam saber se Marky podia ligar para a casa por volta de nove da noite, quando o filme estivesse na metade. Não importa que eu estivesse dormindo durante uma turnê do outro lado do globo. O que é importante e meio que inesperado é que em algum momento entre os anos 1970 e agora, a música que fizemos por instinto contra todas as probabilidades de algum jeito se tornou "atemporal".

Os pedidos que recebo nunca param de me surpreender. É comum me pedirem para encontrar bandas de discos múltiplos de platina que estão fazendo *covers* dos Ramones. E quem podia imaginar que a letra de "We're a Happy Family" se tornaria realidade? Descobri recentemente que o papa Francisco e o presidente Obama são fãs dos Ramones. Todo dia é uma aventura.

Vejo inúmeras pessoas mundo afora com camisetas da banda. Isso é bom, mas eu muitas vezes me pergunto se é como as camisetas de Che Guevara sendo usadas por pessoas que não sabem quem é Che Guevara. Ou se as pessoas sabem quem são as pessoas na camiseta.

Se eu tivesse mais tempo, ficaria feliz em contar para elas quem aqueles sujeitos são de verdade. A importância das convicções políticas de John foi exagerada. Não importava quão autoritário ele fosse de vez em quando na van, no fim das contas ele amava os Estados Unidos justamente pela liberdade. Dee Dee era um poeta preso no corpo de um punk. Ele nunca encontrou de fato a liberdade que buscava na Terra, mas o passeio que proporcionou ao resto de nós foi libertador. Joey era um punk hippie que encontrou uma liberdade própria e peculiar no porão da loja de arte da mãe, embrulhou e deu de presente para o mundo.

John, Dee Dee, Joey e todas as pessoas maravilhosas com que trabalhamos nos Ramones, bem como nossos amigos de outras bandas, eram abençoados e amaldiçoados pela mesma coisa: estar à frente de seu tempo. Tenho uma sorte inacreditável por ter conhecido todos eles e por

ter vivido por tempo suficiente para me dar conta de uma coisa importante. O momento que eles estavam esperando é agora.

Um agradecimento especial a Mark Neuman. E obrigado, Gertrude Bell, Meyer Rossabi, Francis Vitello, Charles Carpenter, Matthias Prill, David Riu, Andres Vignolo, Bonnie Slifken, Ray and Daang Goodman, Andrew Hilfiger, Tommy Hilfiger, Karen Mamont, Linda Aroz, Harvey Leeds, Cheryl Neuman, Andrew Wilkes-Krier, Linda Spinner, Bryan Cullen, Steve Leeds, Seymour Stein, Daniel Boulud, Anthony Bourdain, Peter Criss, Vera Ramone, Roy Rosenthal, Steve Lewis, Nancy Sayle, Vinny Damino, DJ Ringo, Doug Mustang, Angel Nokonoko, Andrea Rock, Steve Blatter, Gary Diaz, Jim Bessman, Larry Kilroy, Eddie Clark, Steve Leeds, Will Pendarvis, David Chiedkel, Stacy Creamer, Paul Carpenter, Stephen King, Chip Ruggieri, Andrew W.K., Graham Vanderveen, Monte Melnick, Kim Dillard, Tim Siedel-bach, Gary Borres, Phil Spector e Trigger.

Não estão mais aqui, mas não foram esquecidos: Linda Stein, Bob Quine, Frank Barsalona, Gary Kurfirst, Ira Herzog, Kenny Kerner, Dee Dee Ramone, Joey Ramone, Johnny Ramone, Tommy Ramone, Leee Black Childers, Peter Bell, Arturo Vega, Charlotte Lescher, Bob Fitzpatrick, Neil Bogart e Justin Leitner.

Também houve uma quantidade incrível de influências na minha vida além da música, e aqui estão algumas delas:

Bateristas: Ringo Starr, Keith Moon, Hal Blaine, Mitch Mitchell, Buddy Rich, Dino Danelli, John Bonham, Dave Clark e Benny Benjamin.

Baixistas: Jack Bruce, James Jamerson, Paul McCartney, Kenny Aaronson, Carol Kaye, John Paul Jones, John Entwistle, Chuck Rainey e Bill

Wyman.

Guitarristas: Jimi Hendrix, Johnny Thunders, Jimmy Page, Dave Davies, Bob Quine, Buddy Guy, George Harrison, Pete Townshend e Wes Montgomery.

Produtores: George Martin, Shadow Morton, Tom Dowd, Bob Crewe, Snuff Garrett, Mickie Most, Shel Talmy, Jimmy Miller e Eddie Kramer.

Vocalistas: Dion DiMucci, David Ruffin, Steve Marriott, John Lennon, Darlene Love, Mick Jagger, Frankie Valli, Eric Burdon e Levi Stubbs.

Filmes: *Alien, o Oitavo Passageiro, Anjos de Cara Suja, Sindicato de Ladrões, Godzilla* (1956), *O Falcão Maltês, Touro Indomável, A Hard Day's Night: Os Reis do Iê Iê Iê, Assim Caminha a Humanidade, O Homem do Braço de Ouro* e *Bullitt*.

Carros: Corvette Stingray 1963, Aston Martin 1964, Dodge Charger 1968, Jaguar XKE 1965, Buick Riviera 1964, Pontiac GTO 1965, Austin-Healey 1967, Dodge Challenger 2014, Mercedes 560 SEC 1989 e Facel Vega II 1963.

10cc, 280
"21 Club" (NY), 15
82 Club (NY), 105-08, 123
8th Street Playhouse (NY), 241
A Hard Day's Night: Os reis do iê iê iê (filme), 253
A&R Studios, 72-73
Aaronson, Kenny, 29, 41, 50, 53, 63, 70, 74-6, 91, 107
AC/DC, 148
adagas nazistas, 174
Adam Ant, 149
Adios Amigos (Ramones), 396, 402
Aerosmith, 90, 97, 148, 236
"Airwaves" (música), 275
álbuns dos Ramones
    Adios Amigos, 396, 402
    Brain Drain, 10, 364-65, 369
    End of the Century, 200, 211, 229, 248, 259, 352
    Halfway to Sanity, 347
    Loco Live, 383
    Mondo Bizarro, 385, 387, 389, 399
    Pleasant Dreams, 277, 280-81, 386
    Ramones Mania, 359
    Road to Ruin, 147-49, 153-54, 163, 167, 169, 201, 217, 232, 281, 352
    Rocket to Russia, 138, 163, 201, 352, 434

Standing in the Spotlight, 369
Subterranean Jungle, 299, 302, 312
Alcoólicos Anônimos (AA), 336-38, 381, 422
Alcoolismo
casa de reabilitação em NY, 326-27, 333-35
processo de desintoxicação, 334-35
sintomas de abstinência, 324-25
Além da Imaginação, 25
Alemanha, 166-70, 174, 259, 355
"All in All" (música), 74
"All My Loving" (música), 28
"All's Quiet on the Eastern Front" (música), 282
Alligator Alley, 11
Alphabet City, bairro, 118
Alyson (namorada de Marky), 35, 41, 88, 77
Amboy Dukes, 237
América do Sul, 389, 401, 405, 409, 426
Amsterdã, 175, 179, 186
"Anarchy in the U.K." (música), 127
Andrew Oldham Orchestra, 85
Angela (namorada de Joey), 354, 407
Anheuser-Busch Companies, 382
Anselma, Freddie, 330
Anthony, Michael, 149
Anthrax, 383
"Any Way You Want It" (música), 404
apartamento de Sheepshead Bay, 298
Apollo 11, 49
Appetite for Destruction (Guns n'Roses), 365
Argentina, 384, 390, 409, 433
Arkush, Allan, 162-63, 190, 198
Armstrong, Louis, 413
Armstrong, Tim, 403
Arnold, Jack, 73
Asner, Ed, 285-86
atentado de 11 de setembro, 420, 431
Aykroyd, Dan, 285
B-52's, 255, 281
"Baby, I Love You" (música), 211, 229-30, 253-54, 273

Bacharach, Burt, 98
Baker, Ginger, 38, 50-51
Baker, Steven,
banda da British Invasion, 30, 86, 137
bandas "hair", 345-46
bandas hardcore, 383
bandas *thrash*, 358, 384
Bangs, Lester, 69-70, 74, 113, 139, 162-63, 148
banho de espuma, 158-59, 263
baquetas, 393
Barcelona, 271-72, 383
Barsalona, Frank, 255, 437
Bartel, Paul, 203
"Basket Case" (música), 395
Bators, Stiv, 193
Baxter, Jodie, 101-02
Baxter, Michael, 101
Baxter, Paul, 101, 317
BBC Studios, 252
Beach Boys, The, 32-33, 38, 40, 189, 248, 386
Beatles, The, 127, 148, 193, 200, 217
Beck, Jeff, 85, 88, 117, 149
Bedford-Stuyvesant, bairro, 16, 342
Bell Sound Studios, 60
Bell, Fred (irmão), 16-19, 26, 28, 30-31, 101 119, 123
Bell, Marc, *ver também*, Ramone, Marky
Bell, Peter (pai)
    ameaça o professor de Marky, 35
    aparência física, 17
    constrói brinquedos com os filhos, 16
    infância, 14-15
    obtém diploma em Direito, 128
    orgulho dos projetos de ciências do filho, 23
    primeiros anos de casamento, 15
    reação ao alcoolismo de Marky, 321-23
    reação ao assassinato de Kennedy, 28
    reage à revista de Marky, 38-39
    revisa o contrato da banda de Marky, 85
    vê Wayne County e os Backstreet Boys se apresentarem, 125-26

vê Wayne County se apresentar, 103
viagem de carro no verão de 1963, 27
Bell, Trudy (mãe), 16
Belushi, John, 163
Ben Folds Five, 403
Bennett, Ronnie, 230
Benson, George, 206
Berlim, 167-69, 173-75, 234, 378, 397
Bingenheimer, Rodney, 205
Biograph Records, 88
Biohazard, 383
Black Flag, 206
Black Sabbath, 69, 74, 148, 186-87, 236
Blaine, Hal, 33, 215, 230
Blank Generation (Voidoids), 134, 140
"Blank Generation" (música), 114, 115, 120, 131, 136, 141
Blatt, Max, 60
"Blitzkrieg Bop" (música), 112, 147, 168, 170, 187, 257, 268, 375, 382, 418
Blondie, 8, 103, 112, 161, 205, 231, 348
Bloomfield, Mike, 31
Blues Project, 31
Bluesbreakers, 38, 68
Bob Marley and the Wailers, 97
Bogart, Humphrey, 15, 136
Bogart, Neil, 57, 65, 72, 75-76, 91
Bonham, John, 43, 59, 272
Bono, 395, 418
Bono, Sonny, 148, 205
Bow Wow Wow, 234
Bowie, David, 97, 100, 103-04, 108, 112, 235
Brain Drain (Ramones), 10, 364-65, 369
Brand, George, 194, 210, 218
Brasil, 384, 405, 409
Brigadas Vermelhas, 268
Bromley's Music, 29
"Brother Louie" (música), 91
Brubeck, Dave, 117
Bruce (amigo de Marky), 43-44, 77, 80-81, 83, 94
Bruce Springsteen e a E Street Band, 206, 345

Bruce, Lenny, 194, 426
Bruxelas, 393, 396
Buenos Aires, 384, 389-91, 401-02, 415
bulimia, 355
Burke, Clem, 348
Burroughs, William S., 97
Bush, George (esquete sobre), 379-80
Byrds, the, 74
cachorro adotado, 327, 328, 329
Cadillac (1960), 12, 299, 370
Cadillac (1968), 302, 312
Cafe Au Go-Go (NY), 54
Duke's, café (CA), 199,
Cafe Wha? (NY), 54
Cage, Nicolas, 418-19
Cagney, Jimmy, 136
Camille (namorada de Monte), 354
"Can't Stand Losing You" (música), 242
Canadian World Music Festival, 235-36
Caplin, Arnold, 88-89
Captain Amazing, 235
carro pegando fogo, 11, 298
cartões de jogadores de beisebol, 243-44
Casa de reabilitação Bayley Seton, 333-36, 339
casa de reabilitação Freeport, Long Island, 321, 325, 331, 333
Cash, Johnny, 189
Cat Club (NY), 344-45
Cat Scratch Fever (Ted Nugent), 237
CBGB (NY), 98, 102, 108, 112, 119, 122, 145, 400, 403, 423, 435
Cemitério, O (King), 362, 366, 424, 429
"Censorshit" (música), 386
Chambers Brothers, 306
Chance, The, (Poughkeepsie), 153
Charlie (porteiro do Fillmore East), 43
"Chasin' Ladies"
Childers, Leee Black, 100
China, 434-35
"Chinese Rock" (música), 113, 216, 221, 402
Christchurch (Nova Zelândia), 263

Christgau, Robert, 92, 163
Cidade do México, 389, 392
Cinderella (banda), 345
Cindy (namorada de Joey), 189, 196-97
Cinemabilia, 121
Clapton, Eric, 38, 54, 68, 85, 88, 149, 280, 370
Clarkson, Lana, 426, 432,
Clash, The, 134-40, 149, 189
Clube dos Cafajestes (filme), 163
Cobo Hall (Detroit), 68, 72
Cohen, Aaron, 283
Cohen, Leonard, 214, 217
Coliseum Books, 255
Colvin, Doug, 99. *Ver também* Ramone, Dee Dee Menino com Bico de Frango, imitação, 305
comer insetos, 240, 245, 272, 378
comercial da Budweiser, 382
"Commando" (música), 268-69, 349, 435
Connie (namorada de Dee Dee), 145
Cooper, Alice, 65-66, 97, 206
Cordell, Richie, 303-07, 312, 364
Corman, Roger, 162, 190
Cornell University, 280
Cornell, Chris, 403-04
County, Wayne, 99-100, 103-05, 108, 110, 122, 283
Cox, Billy, 48
Crash, Darby, 207
Crazy Elephant, 303
Cream, 38, 47, 49, 51, 52, 69
Creem, revista, 70, 92
Crosby, Stills, Nash and Young, 74
Crowley, Peter, 105
Cummings, John, 55, 98, 157. *Ver também* Ramone, Johnny,
Cure, The, 365
cusparadas nos shows, 137-38, 140, 170, 179, 188
Damned, The, 122, 134
Dave Clark Five, 30, 253, 404
Davis, Miles, 117, 231
De Niro, Robert, 277
Dead Boys, The, 193, 366

Dean, James, 40, 136, 160
Defries, Tony, 100
delirium tremens (DTs), 257, 324, 367
Dell'Abate, Gary, 380
DeMille, Cecil B., 424
dentista, 45, 85, 129
DeShannon, Jackie, 148
Destroyer (KISS), 126
diagnóstico do linfoma, 408
diagnósticos de câncer de próstata, 425, 428
Diamond, Neil, 40, 338
Dickies, The, 429
Dictators, The, 109-10
Diddley, Bo, 79, 282
Ditmas Junior High, 32, 35, 142
Dixon, Willie, 88
"Do You Remember Rock'n'Roll Radio?" (música), 229, 248, 384
Dookie (Green Day), 395
Doors, The, 49, 150, 188, 207, 255
Double Fantasy (The Beatles), 275
Doze Passos, 336, 343, 353, 382
Dublin, 272-74, 395
DuBose, George, 308
Dust (Dust), 64, 66-67, 69
Dust, 49-50, 52, 54-55, 59, 68
Dylan, Bob, 54, 73, 89, 114, 117, 201
Eastwood, Clint, 136
Ecklund, Peter, 88
Ed Sullivan Show, 28, 253
Edgar Winter Group, 74
Edmonds, Ben, 92
Electric Circus (NY), 35, 37, 345
Electric Lady Studios, 129
Elektra, 150, 346
Elwood (amigo de Marky), 123-26, 128
End of the Century (Ramones), 200, 211, 229, 248, 259, 352
Eno, Brian, 364
Epstein, Brian, 127, 371
Erasmus Hall High School, 40

Erdelyi, Thomas, 99. *Ver também* Ramone, Tommy Escócia, 134, 181
Espanha, 271-72, 383, 395
estúdio WBTB-TV, 235
Estus, 83-85, 89-91, 93-94
Eurotúnel, tunel ferroviário, 393
Exhibition Stadium (Toronto), 236
experiência de economia, 232
Farrell, Perry, 403
feira de ciências, 23
ficção científica, 23, 25-26, 53, 132, 244, 324, 361-62, 386, 396
Fields, Danny, 110, 150, 153-54, 162, 228, 419
"filho de Sam", 132
Fillmore East (NY), 43, 46, 255
Fine, Scott, 47
Finlândia, 165
Fischer, Bobby, 40
Fishman, Bill, 360
Flórida, 9-11, 55, 220-21
Flying Burrito Brothers, The, 74
"For Your Love" (música), 280
Ford, Whitey, 245
Forest Hills, NY, 55, 98, 123, 157, 168, 184, 255, 414
França, 179, 252, 271, 393
Franco, Francisco, 271
Frank Zappa and the Mothers, 206
Frankenstein (filme), 26
Franklin, Joe, 121
Frazetta, Frank, 75
Frederiksen, Lars, 403
Friendship 7, 26-27
"From a Dry Camel" (música), 62, 64, 70, 147
Gabba Gabba Hey, placa de carro, 201
Gallo, Dean, 44, 227
Gang of Four, 295-96
Garfunkel, Art, 98
Garland, Judy, 15
Geary, Eugene, 100, 107
Geary, Michael, 100
geração *beatnik*, 97, 117

Germs, The, 207
"Gimme Gimme Good Lovin'" (música), 303
Ginsberg, Allen, 54, 97, 118
"Glad All Over" (música), 253
Gladys Knight and The Pips, 76, 103
Gleason, Jackie, 15, 101
Glenn, John, 26-27
"Go Mental" (música), 148, 154, 263
Gold Star Recording Studios, 226
Gordon, Scott, 235
Gottehrer, Richard, 128-30
Gouldman, Graham, 280-81
Grã-Bretanha, 134, 263, 272, 393
Graham, Bill, 43-44, 255, 280-81
Grant, Peter, 139
Grateful Dead, 38, 67, 146
Green Day, 383, 385, 395-96
Gross, sr., 34-35
Ground Zero, 420
Gruen, Bob, 67, 73, 106, 108
Guerra do Vietnã, 39, 74, 157
Guns N' Roses, 365
Guy, Buddy, 43, 91
Halfway to Sanity (Ramones), 347
Hancock, Herbie, 364
Hard Attack (Dust), 75
Hard Rock Cafe (NY), 368, 370
Harrison, George, 214, 217, 229
Harry, Debbie, 110, 281, 347, 366
Hawk, Tony, 430
Hell, Richard, 112-14, 117, 119, 121, 127-28, 130-31, 136, 163, 216, 355
Hell's Kitchen, bairro, 111-28
Helsinki, 165-66
Hendrix, Jimi, 37, 47-48, 54, 129, 131, 232, 255, 346-47
Herzog, Ira, 151, 232
"Hey Ho, Let's Go!" (música), 153, 169, 264, 384, 390-91
Hilfiger, Andy, 345
Hilfiger, Billy, 345
Hilfiger, Tommy, 345

Hillman, Chris, 74
Hollywood Forever Cemetery, 429
Holmstrom, John, 163
Horton, Walter, 88
Howard Stern Show, The, 379, 381
Howard, Clint, 206
"Hungry Heart" (música), 274
Hunter, Ian, 288
Hurrah (NY), 162
Hyman, Charlotte, 419-21
Hyman, Jeffrey, 99. *Ver também* Ramone, Joey, Hyman, Mitchell, 420-21
"I Don't Care" (música), 147, 188, 410
"I Love Rock'n Roll" (música), 303,
"I Wanna Be Sedated" (clipe), 359
"I Wanna Be Sedated" (música), 148, 359
"I Wanna Be Your Man" (música), 253
"I Want to Hold Your Hand" (música), 442, 253
"I'm Eighteen" (música), 65
"I'm Not in Love" (música), 280
"I'm So Bored with the U.S.A." (música), 136
Idol, Billy, 345
Iggy Pop, 97, 103, 396, 401, 408
Igreja Batista de Manhattan, 281
Igreja Memorial Kaiser Wilhelm, 173
Immediate Records, 85
incidente da ração canina, 143
incidente de terremoto, 260
incidente do canivete, 258
Inglaterra, 81, 121, 134-35, 251-54, 281, 375
Intruders, The, 408-09, 412
Irlanda, 254, 272
"It's a Long Way Back" (música), 169-70
Itália, 256, 267-68
Ithaca, NY, 277
Jagger, Mick, 84, 376, 438
Jane's Addiction, 365, 403
Japão, 259, 262, 269
Jefferson Airplane, 38, 70
Jeffery, Michael, 129

Jerry Lewis MDA telethon, 377
Jett, Joan, 303, 410
Jill (fã do Dust), 71-72
Jimi Hendrix Experience, 37, 48
Joan Jett e o Blackhearts, 303
Joel (amigo de Marky), 20-21, 81-83, 94
Joel (veterano da Guerra do Vietã), 172
Joest, Gertrude, 16
Joest, Johanna, 16
Joest, Julius, 16
Joey Ramone and the Resistance, 407
Joey Ramone Place (NY), 423
Johansen, David, 79, 108
John Street, apartamento, 181, 267
Johnny Shines & Co. (Estus), 88
Johnny Thunders and The Heartbreakers, 110
Johnson, Robert, 88
Joplin, Janis, 85, 255
Julian, Ivan, 116
Kalb, Danny, 31
Kama Sutra/Buddah Records, 57, 59, 64, 67, 75
Kaufman, Andy, 235
Kaufman, Murray "The K," 25, 50
Keltner, Jim, 229-30, 254
Kennedy, John F., 28, 158
Kerner, Kenny, 50-52, 54, 56-57, 61, 76, 91, 103
Kerouac, Jack, 117, 142
Kerplunk (Green Day), 385
Kessel, Barney, 230
Kessel, David, 230
King Flux, 345-46, 348, 365
King, B.B., 90
King, Martin Luther, Jr., 39, 42
King, Stephen, 10, 191, 361-63
KISS (KISS), 91
KISS, 76, 103-04, 123-24, 126
Kristal, Hilly, 98, 112, 119, 423
Kurfirst, Gary, 255, 303, 371, 373, 385, 389, 417, 419, 437
Landau, Jon, 274

Lange, Kelly, 285-87
Laswell, Bill, 364
LaTorre, Anthony, 51-51
"Learning to Die" (música), 74
Led Zeppelin III (Led Zeppelin), 75
Led Zeppelin, 43, 47, 59, 88, 135, 139, 189, 269, 272
Lennon, John, 25, 106, 206, 214, 218, 229, 235, 275-76, 371
Leon, Craig, 120
Levine, Larry, 213, 215, 218, 228
Lewis, Al, 210, 212
Linda (namorada de Joey/John)
    banida da van dos Ramones, 352
    com Joey, 214-15, 234
    com John, 221, 258, 312-13, 352
    personalidade, 213-14
Lindsay, John, 42
linhas telefônicas ilegais, 80
"Little Bit O' Soul" (música), 303
Little Matt (roadie de John), 167, 259, 299-302, 305-06, 310, 315-16
Lloyd, Richard, 112, 119-20
Loco Live (Ramones), 383
loja de doces de Maudie e Eddy, 23
Lollapalooza, festival, 402, 405
Londres, Inglaterra, 79, 84-86, 100, 110, 127, 134-39, 234, 252, 272
"Longview" (música), 395
Loren, Sophia, 123, 245
Lou Grant Show, 285
Loud, Lance, 162
"Love Comes in Spurts" (música), 115, 137
Love It to Death (Alice Cooper), 65
"Love Me Hard" (música), 54, 62, 64
Lowe, Nick, 122
LSD, 38-39, 45, 47
Lure, Walter, 120, 304, 307
Macklin, Seth, 315-16
Madonna, 347
Mael, Russell, 281
MainMan Artistes, 100
"Man Enough to Be a Woman" (música), 102

Manchester, Inglaterra, 134, 137-38
Manitoba, Richard, 109
Manson, Charles, 12, 213
Mantle, Mickey, 151, 289, 433
Manzarek, Ray, 207
Marion (namorada/esposa de Marky)
    briga com Johnny, 314
    compra drogas em Amsterdã, 178
    conhece Marky, 100-01
    e o consumo de álcool de Marky, 297, 329
    encontra apartamento em Sheepshead Bay, 298
    expulsa Marky, 329
    pais de, 100-01, 105
    trabalho no hotel, 123-24
Maris, Roger, 288-90
Markovich, John, 222, 224
Marky Ramone's Blitzkrieg (show), 430
Martling, Jackie ("The Joke Man"), 380
Mary Tyler Moore Show, The, 285
masterização, 63-64
Matlock, Glen, 409
Maudie (dono da loja de doces), 23-24, 45
Max's Kansas City (NY), 97, 99, 103
Mayall, John, 38, 68, 85, 88
McGinty, Joe, 387
McLaren, Malcolm, 127
Media Sound Studio, 140, 281
Melody Maker, publicação, 127
"Merry Christmas (I Don't Want to Fight Tonight)" (música), 365
Metallica, 403
Metrônomo, 62, 216
Metropolitan Opera House (NY), 418
Meyers, Richard, 117
Miami Beach, 9, 12, 13
Michaels, Elliot, 110
Milão, 267-68, 270
Miles, Buddy, 48-49, 269
Mitchell, Mitch, 37
mixagem, 51, 61, 63-64

Mockingbirds, The, 280
Mondo Bizarro (Ramones), 385, 385, 389, 399
"Monster Mash" (música), 26
montanha-russa Rolling Thunder, 257
Monte (empresário de turnê)
    briga com Phil Spector, 223, 225-27
    brincadeiras com, 226, 238, 239-40, 245
    cansaço crescente, 351
    e as excentricidades de Joey, 181-82
    e fracasso do show em Virginia Beach, 290-91
    fé nos membros da banda, 9
    habilidades de negociação, 351
    lealdade para com, 223, 280
    lida com os fãs da América do Sul, 391
    namorada Camille, 354
    papel de mantenedor da paz, 304, 306
    papel de mensageiro, 278
    pede a Marky para voltar aos Ramones, 347
    receita de Prozac, 387
Moon, Keith, 31, 51, 206, 288
Moro, Aldo, 268
Morrison, Jim, 48, 49, 188, 387
Morton, Shadow, 92
Mosconi, Willie, 211, 427
Motörhead, 396, 404, 408
Mott the Hoople, 288
Mount Carmel High School, 190, 197
MTV, 287, 359, 383, 399, 417
MTV, premiação, 417-18
Mudd Club (NY), 234, 297-99
Muni, Scott, 52, 140
Munson, Thurman, 243
Murcia, Billy, 879
Muro de Berlim, 174, 210, 379
Music Machine (Londres), 140
música "new wave", 128, 141, 149, 162, 234, 295
My Generation (The Who), 31-32
MySpace, 427
narcóticos anônimos, 358

Nazz, The, 92
"Needles and Pins" (música), 148
Neon Boys, 112
Never Say Die (Black Sabbath), 187
New York Dolls, 78, 92, 103
Nicholas, Anthony, 345
Nicholas, John, 84
Nicholas, Tom, 84
Nilsson, Harry, 206
Nirvana, 383, 385, 389
Nitzsche, Jack, 148
Nixon, Richard, 153, 155
Nobody's (NY), 78
Nolan, Jerry, 79-80, 92, 100, 113, 120, 134
Nomi, Klaus, 162
Norris, Fred, 380
Nova Zelândia, 263, 265
Nugent, Ted, 236-37
Oldham, Andrew, 84-87
On the Road (Kerouac), 117
Ono, Yoko, 25, 106
Ork Records, 119, 121
Ork, Terry, 119, 121
Osbourne, Ozzy, 187
Pacífico, turnê, 263
Page, Jimmy, 54, 78, 85
Palace Theatre (Hollywood), 404
Palais des Congrès (Paris), 180
pão, em busca de, 74
Paradiso (Amsterdã), 177-79
Paris, 179-80, 197
Parkside, praça (NY), 45-47, 49-50, 53
Parsons, Graham, 74
Pastore, Vincent, 430
Patti Smith Group, 98
Paul Butterfield Blues Band, 31
Pearl Jam, 395
Pequim, 434
Pet Sematary (clipe), 365

"Pet Sematary" (música), 10, 362, 366, 369, 385
Pet Sounds (Beach Boys), 38, 248
Pickett, Bobby "Boris", 26
Pierson, Kate, 281
Plasmatics, The, 345, 364
Pleasant Dreams (Ramones), 277, 280-81
Pointer Sisters, 275
"Poison Heart" (música), 386, 389-90
Poison, 345
Police, The, 149, 242, 287
Premier Talent, 255
Presley, Elvis, 33
Presley, Lisa Marie, 418, 428
Pretenders, 128, 375
Prospect Park Bandshell (NY), 53-54
Prozac, 387, 395
PS 217, escola de ensino fundamental (NY), 15, 18, 21, 23-24, 246
Public Enemy, 352, 434,
Puluse, Don, 85
punk rock
bandas inspiradas pelo, 395
bandas punk de LA, 207
começo do, 99
em NY e Londres, 142
fãs novos, 435
influência na música "new", 382
influência na música alternativa, 364
legado do, 435-36
resenhas dos críticos sobre, 139
vai para o Reino Unido, 133, 136
Pyramid Club (NY), 347
Queen Elizabeth, 100
Quicksilver Messenger Service, 38, 90
quimonos, 260-61, 267
Quine, Bob, 113, 120, 139, 140, 364
Quivers, Robin, 380
R.E.M., 365, 386
rádio WABC, 26
Radioactive, 385

Rage Against the Machine, 403
Ramone, C.J., 375
Ramone, Dee Dee
abraça o rap, 10, 351-52, 354-55, 362
álbum de rap feito por, 371
banhos de espuma, 159-60, 263
bebida, 261-63
briga com Joey, 282-83
briga com Marky, 259, 264-65
briga no bar alemão, 174-76
bulimia, 355
"Chinese Rock" escrita por, 114-15
deixa Vera, 372
droga escondida, 179-81
encontra as bebidas escondidas de Marky, 307
entrevista para a TV de Berlim, 168-69
evento beneficente para o CBGB organizado por, 110
fala sobre sair da banda, 362-63
forma The Remains, 409-10
frequenta reuniões dos narcóticos anônimos, 356-58
ganho de peso, 302, 355-56
higiene, 158-59
incidente das roupas no aeroporto, 209-10
incidente do canivete, 371
incidente na banheira do hotel, 203-04
infância na Alemanha, 168
lápide, 424
Marky encontra pela primeira vez, 99
morte, 421-22
na cerimônia do Rock and Roll Hall of Fame, 420
namorada nova, 372, 375
opiniões antinazistas, 167-69
presença de palco, 160
rouba o dinhero de Marky, 226-27
sai dos Ramones, 371
sobriedade, 371
talento como ator, 202
tendência a exagerar, 145

uso de drogas, 38, 45-46, 69, 79, 92, 101, 130, 142, 144, 165, 171, 177, 186, 194, 227, 265, 307
vai ao último show dos Ramones, 404
Ramone, Joey
afirma estar sóbrio, 380
álbum solo, 407-08
atrito com John, 161, 277-78, 351, 394-95
briga com Dee Dee, 282-83
cicatriz nas costas, 154
conhece Linda, 213-14
detido na Bélgica, 394
diagnosticado com linfoma, 409
fica sabendo sobre John e Linda, 313
fratura o quadril, 387-88
ganho de peso, 387
higiene, 153, 266, 354, 361-62
internação, 413-15
irmão de, 419, 420
mãe de, 420, 421
memorial para, 423-24
moradia, 184
morte, 416
natureza introspectiva, 99
participa de reunião da AA, 381
pede desculpas a Marky, 345
pede para Marky sair da banda, 310
presença de palco, 160
problemas de saúde, 405
problemas no pé, 266, 296
quimioterapia, 412-13
receita de Prozac, 387
sobriedade, 407
talento como ator, 175, 176-77
transtornos de ansiedade, 28, 127, 346, 359, 382
uso de drogas, 380-81, 382
vai morar com Linda, 233
Ramone, Johnny
apelido "Sloth", 245
aposentadoria, 412

atrito com Joey, 159, 277-78, 351, 416
briga com Cindy, 197
briga com Marion, 314
briga com Seth Macklin, 315
casa na Califórnia, 402-03
conceito de casamento de um rock star, 370-71
diagnóstico de câncer na próstata, 415-16, 428-29
entrevista para a TV brasileira, 399
fala sobre se aposentar, 349, 35-96
fixação por dinheiro, 210, 237, 242, 243
gratidão a Marky, 349
história, 155-56
influência em C.J., 377-78
morte do pai, 220-21
morte, 429
obsessão por beisebol, 243-44
opiniões racistas, 357-58
paixão por ficção científica, 361
participa da cerimônia do Rock and Roll Hall of Fame, 419
pede para Marky fazer uma audição, 145-46
perde Roxy, 315-16
política, 353, 355, 357-58
presença de palco, 160
relação com Roxy, 123, 185-86, 196-97
rumores sobre a saúde, 428-29
show tributo para, 429
tempo com Linda, 221, 259, 312-13, 352
tino comercial, 161
vai morar com Linda, 352
Ramone, Marky
adota nome artístico, 150
anos de ensino fundamental II, 31-35
anos de ensino médio, 40, 45, 67
anos no ensino fundamental, 18-27
batucando na infância, 28-29
bebida, 86, 111, 218, 232-33, 261-63, 295-96, 300-05, 311-12, 318-22
briga com Dee Dee, 258, 264-65
casa de reabilitação Bayley Seton, 333,35
casa de reabilitação Freeport, 326-27

come inseto, 240, 278-79
compra primeiro *single*, 25
diploma de ensino médio, 64
emprego de estoquista, 78
experimento de economia, 232-33
expulso dos Ramones, 310
forma The Remains, 409-10
ganha primeiro rádio, 25-26
incidente da ração para cachorro, 143
incidente da revista, 44
incidente dirigindo bêbado, 320-21
interesse em ficção científica, 25, 361
jardim de infância, 26-27
não chega ao show de Virginia Beach, 287-91
nascimento, 16
reuniões do AA, 327-29, 381
sintomas de desintoxicação, 324-25
SiriusXM show, 434, 437
toca com Dust, 50-55, 59-74
toca com Estus, 84-87, 86-94
toca com King Flux, 344-46
toca com The Intruders, 408-09
toca com The Uncles, 31-33, 34-35
toca com The Voidoids, 115-40
toca com Wayne County and the Backstreet Boys, 100-09
trabalho como chaveiro, 342-43
trabalho de demolição, 244-45
trabalhos como *bike boy*, 77, 339-40
vai ao dentista, 85, 129
visões sob o efeito de alucinógenos, 38-39
Ramone, Phil, 73
Ramone, Tommy, 99, 420
Ramones Mania (Ramones), 359
Ramones, os
administrado como um negócio, 155
antes de Marky Ramone, 98-109
aparecem no *Uncle Floyd Show*, 235-54
canções e vocais, 102-03
coletânea, 359

comentário sobre "doentes mentais", 279
contratos, 232
Dee Dee sai da banda, 372
empresários, 149-50, 256-57
fãs brasileiros, 397-400
fãs jovens, 352
filmagem de *Rock'n'Roll High School*, 188-205
filmagem do clipe de "Pet Sematary", 365-67
gravação de *Adios Amigos*, 396, 402
gravação de *Brain Drain*, 364-65
gravação de clipe, 359-60
gravação de *End of the Century*, 200-19
gravação de *Loco Live*, 383
gravação de *Mondo Bizarro*, 385-87
gravação de *Pleasant Dreams*, 280-81
gravação de *Road to Ruin*, 147-49
gravação de *Subterranean Jungle*, 299-302, 312-13
"horário comercial", 248
influência na música "new", 382
influência sobre o punk do Reino Unido, 136
Marky faz audição para, 145-46
Marky sai da banda, 421
Marky volta para a banda, 348
Material de filmagem de Marky de, 353, 355, 434
MTV Awards, 417-19
no *Jerry Lewis MDA Telethon*, 377
nomeação ao Rock and Roll Hall of Fame, 419-20
nomes artísticos, 98
origens de, 98
rituais de início de turnê, 165
show cancelado em Virginia Beach, 287-91
show de abertura para The Police, 241-42
show do Canadian World Music Festival, 235-36
show do Six Flags Great Adventure, 257-59
show em Ithaca, NY, 277-79
show em Miami Beach, 23
show em New York, 151-54
show em São Paulo, 384
show em Virginia Beach, 328

show em Washington, 292
show no Lollapalooza, 402, 405
show no Rio de Janeiro, 397-400
show no US Festival, 295-96
shows em Buenos Aires, 383-84
substituição de Dee Dee, 374-76
substituição de Tommy, 145-47
turnê do Círculo de Fogo do Pacífico, 259-66
turnê europeia, 165-80
turnê pela América do Sul, 387-90
turnê pela Argentina, 383-84
turnê pela Inglaterra, 252-54
turnês em Virgínia/Carolina do Norte, 185-87
turnês pela Alemanha, 355, 377-78
turnês pela Europa, 267-72, 391-92
último show, 404-05
Ramones: Raw (DVD), 430
Rancid, 403-04, 429
Randell, Riff, 191, 198, 202
rap, 10, 351-52, 354-55, 362
Reagan, Ronald, 232, 237, 274, 427-28
Red Hot Chili Peppers, 365, 429
Reed, Lou, 97, 103
Reggatta de Blanc (Police), 242
Remains, The, 409
Remainz, The, 410, 417
revista *Rolling Stone*, 66, 92, 163, 428
Rey, Daniel, 412, 429, 347, 364, 396, 408
Rhodes, Bernie, 135, 138
Richards, Keith, 84
Richie (amigo de Marky), 142-43
Richie Stotts Experience, 346
Righteous Brothers, 40, 214
Rimbaud, Arthur, 117
Rio de Janeiro, 389, 397, 400, 409
Riot House (CA), 188
RKO 58th Street Theatre (NY), 50
Road to Ruin (Ramones), 147-49, 153-54, 163, 167, 169, 201, 217, 232, 281, 352
Robert (amigo de Marky), 20

Roberts, John, 281
rock alternativo, 364
Rock and Roll Hall of Fame, 417, 419, 426, 429
Rock'n'Roll High School (filme), 162, 214, 240-41, 243, 257
Rock'n'Roll High School, festas do pijama, 435
Rocket to Russia (Ramones), 138, 163, 201, 352, 434
Rocks (Aerosmith), 236
Rocky Horror Picture Show, The (filme), 241-42
Rogers, Wayne, 100
Rolling Stones, 30, 32, 37, 84, 201, 253
Roma, 270
Ronettes, The, 33, 211, 213-14, 230
Roosevelt Hotel (NY), 123
Rosendale, NY, 90, 93-94
Rosenman, Joel, 281
Roth, David Lee, 149, 187
Roth, Manny, 50, 54, 382
rototoms, 216
Rotten, Johnny, 127, 140, 409
"Roxanne" (música), 242
Roxy (namorada de John)
    apresenta Marky a Richard Hell, 113
    fica sabendo sobre John e Linda, 313
    história, 111-12
    relação com a bebida, 185-86, 195-96, 234
    relações com homens, 234, 315
    roubos de frigobar, 196
    roupas, 123
Roxy, clube (West Hollywood), 206
Rumpf, Harry, 84
Runaways, The, 189
Rundgren, Todd, 92
Run-DMC, 352
RuPaul, 347
Rusk Institute of Rehabilitation Medicine, 413
Ruskin, Mickey, 97
Salem, Jeff, 100
Salvation (NY), 48-49
São Paulo, 384, 389

saquê, 261-62
Saturday Night Live, 163, 271, 285
Scorsese, Martin, 277
Screaming Trees, 403
Searchers, The, 32, 148
Sex Pistols, 127, 134, 136, 140, 145, 161, 205, 409
Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (The Beatles), 38
Shaggy Dog Studio, 88
Shepherd, Ben, 404
Shines, Johnny, 88-89, 312
Silver Beetles, The, 98
Simon, Paul, 73, 98
Simonon, Paul, 138
Sire Records, 128, 134, 150
Sirius Satellite Radio, 430
sistema ferroviário da Europa, 393-94
Six Flags Great Adventure, 256
Sleepy Hollow, cemitério, 366-67
"Sloth", apelido, 245
Small Faces, The, 85
Smalling, J. R., 60, 124
Smear, Pat, 207
Smith, Patti, 98, 103, 112, 275
Snider, Dee, 345
Snyder, Tom, 284-85, 287
soldados de brinquedos nazistas, 171
Soles, P. J., 191
Sonic Youth, 365
Soundgarden, 383, 403-04
Sparks, 112, 281
Spear, Sammy, 101
Spears, Britney, 418
Spector, Phil
    acusação de assassinato, 424-25
    atitude em relação a Dee Dee, 191-92
    briga com Monte, 220, 222-24
    julgamento, 434-37
    mansão em Beverly Hills, 211-12
    piadas de Lenny Bruce, 193

respeito profissional por, 85
sentença de prisão, 436-37
sucesso profissional, 193, 212
trabalho em *End of the Century*, 212-29
Spector, Rachelle, 431-33
Spector, Ronnie, 213
Springsteen, Bruce, 97, 206, 256, 274, 345
Spungen, Nancy, 145
Standing in the Spotlight (Ramones), 369
State Theatre (Detroit), 246
Stein, Chris, 112, 366
Stein, Linda, 150, 154, 162, 225
Stein, Seymour, 128, 150, 200, 211, 219, 224, 225, 357, 385, 419, 421
Stern, Howard, 379, 381
Steven (amigo de Marky), 142
Stewart, Rod, 70, 73, 79, 85
Stiff Records, 121
Sting, 242-43
Stock, Sandy, 24
Stooges, The, 117, 150, 189
Stories, The, 91
Stotts, Richie, 345, 347
Strawberry Studios, 281
Streisand, Barbra, 40
Strummer, Joe, 138-39
Subterranean Jungle (Ramones), 299, 302, 312
Suicidal Tendencies, 365
Sumner, Gordon, 243
supermercado Waldbaum's, 78, 83
Swingos Celebrity Inn (Ohio), 288
"Take It as It Comes" (música), 387
Talking Heads, 112, 128, 162, 255, 420
Teatro Seibu (Tóquio), 259
Television, 98, 112-13, 119, 122
Thau, Marty, 79
"The KKK Took My Baby Away" (música), 282, 391, 401
"The Purple People Eater" (música), 25
"The Things We Do for Love" (música), 280
"This Business Is Killing Me" (música), 282

Thunders, Johnny, 79, 92-93, 108, 110, 113, 120, 134, 431
"Time Bomb" (música), 302, 305
"Time Has Come Today" (música), 306, 308
Tommy James e The Shondells, 303
Tomorrow Show, The, 284-86
Too Much Too Soon (New York Dolls), 92
Top of the Pops, 251, 253
"Touring" (música), 386
Touro Indomável (filme), 277
Townshend, Pete, 54-55, 78
Toys in the Attic (Aerosmith), 236
trabalho de chaveiro, 342
trabalho de demolição, 343
trabalhos como *bike boy*, 77, 339-40
Três Patetas, Os 18
Tropicana Motel (CA), 188, 198, 213, 220, 223, 354
Troubadour (CA), 199-200
turnê europeia, 185
Turner, Ike, 214
Turner, Tina, 214
Turner, Velvert, 47-49
turnês pela Europa, 367-73, 392
Twisted Sister, 345
Tyler, Steven, 236-37
U2, 395
Uncle Floyd Show, 235, 253
Uncles, The, 32-33, 35, 41, 50, 142
Ungar, Jay, 88
Uriah Heep, 68
US Festival, 295-96
Valentino, Rudolph, 424
Valium, 117-18, 120, 137, 143, 192
Van Cook, Greg, 110
Van Halen, 148-49, 186-87
Van Halen, Alex, 149
Van Halen, Eddie, 149
Van Patten, Vince, 206
Van Zandt, Steven, 345
Vedder, Eddie, 395, 401, 404, 429

Vega, Arturo, 152, 163, 183, 212
Velodromo Vigorelli, 268
Vera (esposa de Dee Dee), 409
Verão do Amor, 37
Verlaine, Tom, 112, 119
Viagens Alucinantes (filme), 277
vício em, 324, 331
Vicious, Sid, 145
Vietnã, 39, 74, 81, 157, 169, 171-73, 195, 330, 434-35
Village Theater (NY), 255
Village Voice, jornal, 116, 122, 373
Virginia Beach, show, 328
Vivino, Floyd, 235-36
Voidoids, The, 115, 117, 121, 128-31, 136, 148, 150, 163, 166, 216, 218, 283, 364
Vonnegut, Kurt, 173
Waits, Tom, 396
Wallach, Eli, 40
Ward, Christopher, 375. *Ver também* Ramone, C. J.
Warhol, Andy, 97, 100, 119, 191, 347
Washington, DC, 42, 117, 124, 292-93, 351-52, 366, 422
Watergate, 155
Waters, Muddy, 79, 91
Wayne County and the Backstreet Boys, 100, 105, 110
Wayne County and the Electric Chairs, 110
Webb, Roy, 344
Well, The, (Rosendale, NY), 91
Wells, Junior, 91
West, Mae, 40
Weymouth, Tina, 162
"What a Wonderful World" (música), 413
"White Riot" (música), 136
Whitney, Cynthia, 111. *Ver também* Roxy
Who, The, 31, 47, 51, 231
Who's Next (The Who), 74
Williams, Wendy O., 345
Wilson, Cindy, 281
Wise, Richie, 50-54, 61, 73, 76, 91
Wiseguy Show, The, 430
Wishbone Ash, 68

WNEW-FM, 52-53, 64, 140, 317-18
Woods, Gary, 50, 52
Woodstock, festival, 49, 65, 114, 255, 281, 295, 435
Wooley, Sheb, 25
WOR-FM, 25
Woronov, Mary, 191, 202
Wozniak, Steve, 295
Wrecking Crew, 33, 215, 230
X (banda), 207
Yardbirds, The, 38, 280
Yarmark, Harry, 48
Zombie, Rob, 382

[1] N.T.: “Estou no meio sem nenhum plano / Sou um garoto e sou um homem / Tenho dezoito anos”, em tradução livre.

[1] N.T.: Um jogo de palavras que significa algo como “Se não for Stiff [que também pode significar duro], não vale porra nenhuma [ou uma trepada]”.

[1] N.T.: Fala do personagem Harry Callahan, de Clint Eastwood, em *Perseguidor Implacável* (*Dirty Harry*, 1971) que quer dizer, em tradução livre: "Você acha que está com sorte? E aí, você acha, punk?"

[2] N.T.: "Boilermaker" significa tomar uma dose de uísque seguida de uma cerveja.

[1] N.T.: “Atirem nas costas deles agora”.

[1] "Things sure have changed since we got kicked out of high school", no original.

[2] "We're not students. We're the Ramones", no original.

[1] N.T.: “Rico como um preto”: literalmente, expressão ofensiva que significa gastar dinheiro de maneira descuidada e ostensiva, mesmo que isso signifique se endividar.

[2] N.T.: “Alguém tinha que pagar o preço”, em tradução livre.

[3] N.T.: “Quatro, cinco, seis, sete, todos os bons cretinos vão para o céu”, em tradução livre.

[4] N.T.: “programador” e “martelo”.

[1] N.T.: “M&M Boys” era o apelido dos jogadores de beisebol do New York Yankees Mickey Mantle e Roger Maris, que jogaram no mesmo time na década de 1960.

[1] N.T.: “Quem ama você, baby?”, da série Kojak.

[1] N.T.: “Spook” é uma gíria extremamente ofensiva para se referir a negros.

[2] N.T.: “Não quero ser enterrado em um cemitério iraquiano”, em tradução livre.

[3] N. T.: “Pergunte a Ozzie, Zappa e a mim. Vamos mostrar o que é ser livre”, em tradução livre.

[1] N.T.: “Eu me sinto tão seguro voando em um raio no trilho mais alto no céu”, em tradução livre.

[2] N.T.: “Ok… preciso ir agora”, em tradução livre.

A história de uma banda é construída a partir de vários pontos de vista, que se misturam, convergem e/ou até conflitam, e com os Ramones não é diferente. Já li as biografias as de vários de seus integrantes e cada um tem a sua versão deste ou daquele fato. Com *Minha vida como um Ramone* é a hora de conhecer essa história pela perspectiva de Marky Ramone, o baterista que por mais tempo conduziu as baquetas da banda.

Os Ramones ficaram conhecidos por terem inventado o punk rock e por terem conseguido sobreviver anos a fio excursionando em uma van pelos EUA, o que, por experiência própria, é realmente algo insano, ainda mais quando se convive com figuras tão instigantes, malucas e envolventes como Dee Dee, Joey, Johnny e Marky. Eles nos dão exemplos de pura sobrevivência urbana, de cidade em cidade, show a show, disco a disco. E de como a convivência humana é uma arte à parte. São histórias com o verdadeiro espírito selvagem e rebelde do rock'n'roll. E a vida pulsante de quem se entregou a um estilo de vida, digamos, não muito saudável, bastante punk rock, misturado a várias substâncias lícitas e ilícitas, somados aos anos de estrada, torna tudo muito volátil e realmente perigoso.

Marky Ramone é um daqueles velhos companheiros de estrada com quem você esbarra aqui ou ali. Pude conhecê-lo pessoalmente em 1994, quando os Inocentes abriram shows dos Ramones em São Paulo, foram três dias memoráveis. Eu o admirava desde os tempos do Dust, sua primeira banda, quando ainda era chamado de Marc Bell. Dono de um estilo vigoroso, já era um dos meus bateristas preferidos mesmo antes de se tornar um Ramone, o que aconteceu em 1978, me deixando bastante surpreso e ansioso para ver como se sairia diante daquele desafio. E ele se saiu muito bem.

Nesses anos todos, eu nunca deixei de encontrá-lo, ora no palco, ora no back stage (fui roadie dele uma vez), ora em alguma festa, lançamento ou bar por aí.

Conhecer a biografia desse cara é saber um pouco mais da história de uma pessoa próxima, como se estivéssemos num bar jogando conversa fora, prontos pra cair na estrada a qualquer instante.

O livro é bem no estilo Marky Ramone de tocar, parece um rolo compressor, não deixa pedra sobre pedra, uma verdadeira blitzkrieg. A cada página fui sendo apresentado a um Marky extremamente espirituoso, engraçado e observador, quase um diário, um diário de um sobrevivente.

Clemente Nascimento
(Inocentes/Plebe Rude)

Nascido Marc Bell, Marky Ramone é do Brooklyn, Nova York, e entrou para os Ramones em 1978. Ele faz parte do Rock and Roll Hall of Fame desde 2002, junto com Johnny, Joey, Dee Dee e Tommy, além de ter recebido um Grammy e o MTV Lifetime Achievement Award. Visite o site www.MarkyRamone.com para saber das últimas novidades.

Os Ramones estão na lista dos "100 Maiores Artistas de Todos os Tempos" da revista *Rolling Stone*, além de terem recebido um Grammy Lifetime Achievement Award em 2011 e entrarem para o Rock and Roll Hall of Fame em 2002. Marky Ramone teve um papel importante neste sucesso – com seu estilo "blitzkrieg" de tocar. Agora, os fãs podem conhecer sua história.

"Eu e Marky somos dos anos 1970; e como um baterista daquela época, ele pode ensinar uma ou duas batidas para a garotada. Ele é uma lenda!"
– Peter Criss, Kiss

**"Marky fez parte não apenas de uma, mas de DUAS das mais importantes bandas de rock. Ele viu tudo desde o início e viveu
para contar. É um registro absolutamente fundamental."**
– Anthony Bourdain

**"Os Ramones são uma das mais influentes bandas de rock de todos os tempos, e sua história, contada por Marky Ramone, é ao
mesmo tempo divertida e esclarecedora. Vista sua velha jaqueta
de couro, grite 'Gabba-Gabba-Hey' com toda a força e aproveite."**
– Stephen King